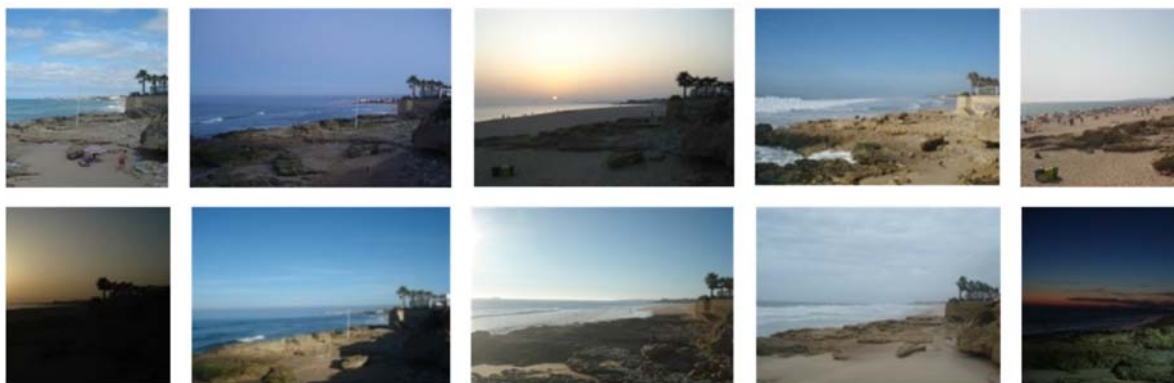


# ESTUDOS DE PAISAGEM

## VOLUME I



**PEDRO FIDALGO**

(coord.)

# ESTUDOS DE PAISAGEM

Pedro Fidalgo (coord.)

## AUTORES

Alexandro Jirola Ordera	Gonçalo Prates	Margarida Carvalho
Alfonso Diaz Revilla	Gustavo Ballesteros-Pelegri	Maria da Graça Saraiva
Altamiro Sérgio Mol Bessa	Han Yu	Maria João Centeno
Ana Cardoso de Matos	Helena Figueiredo Pina	Maria José Curado
Ana da Silva	Helena Rebelo	María Teresa Pérez Cano
Ana Luísa Soares	Henrique Pereira dos Santos	Mario Benjamim
Ana Paula Pires	Ícaro Obeso Muñiz	Marta Gonçalves
Anderson Gomes da Epifania	Ignacio García Pereda	Melisa Pessoa
Andreia Amorim Pereira e	Ignacio López Busón	Miguel Ángel Sánchez-Sánchez
Armando Quintas	Inês Leitão	Miguel Azevedo Coutinho
Bárbara Marie V. S. L. S. Martins	Isabel Aguirre	Miguel Vidal Calvet
Blanca del Espino Hidalgo	Isabel Maria Matias	Mirela Carina Rêgo Duarte
Damián Macías Rodríguez	Isabel Loupa-Ramos	Nancy Duxbury
Carla Gonçalves	Jimela Varela	Nuno Grancho
Carla Rolo Antunes	João Gomes de Abreu	Pascal de Moura Pereira
Carlos Vargas	Joana Capela de Campos	Paula Gomes da Silva
Carlos Bragança dos Santos	Joel Gomes	Pedro Maurício Borges
Cándido López González	Jorge Cancela	Pedro da Luz Pinto
Claudia Ribeiro	Jorge Croce Rivera	Pedro Fidalgo
Cristina García Fontán	José Cavaleiro Rodrigues	Pedro Machado Costa
Damián Macías Rodríguez	José Fariña Tojo	Pedro Miguel Araújo Albuquerque
Daniela Simões	José Joaquín Parra Bañón	Ricardo Jorge de Almeida Ribeiro
Desidério Batista	José Ribeiro	Rolando Volzone
Eduardo Brito-Henriques	José Godoy Portugal	Sonia Gómez-Pardo Gabaldón
Elza Guimarães Andrade	Juan Frontera Peña	Sónia Talhé Azambuja
Ester Higuera	Lúcio Cunha	Susana Domingues
Fátima Bernardo	Lucila Urda	Susana Peixoto
Felipe Fernández García	Luís Alberto Brandão	Teresa Madeira da Silva
Fernanda Cristina de Souza Paz	Luís Monteiro	Vanessa Alexandra Pereira
Filipe Fontes	Luís Ribeiro	Vicente Collado Capilla
Filipe Sousa Silva	Luisa Alarcón Gonzales	Vidal Gómez Martínez
Francisco Belmonte-Serrato	Mary Polites	Xosé L. Martínez Suárez
Francisco José García Fernández	Marco Oliveira Borges	Xosé M. Vázquez Mosquera
	Margareth Afeche Pimenta	

## EDITA

Instituto de História Contemporânea da  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da  
Universidade Nova de Lisboa

## LOCAL

Lisboa

## DATA

Julho de 2017

## ISBN

978-972-96844-8-7

# ÍNDICE GERAL

## VOLUME I

<b>Índice Geral</b> .....	3
<b>Introdução</b> .....	8
<b>Índice do Volume I</b> .....	10
Alexandro Jirola Ordera <b>Manzaneda Medra</b> .....	13
Altamiro Sérgio Mol Bessa e Fernanda Cristina de Souza Paz <b>Paisagens da destruição. O caso do rompimento da barragem em Mariana</b> .....	35
Ana Cardoso de Matos <b>As paisagens da Hidroelectricidade em Portugal: um exemplo das paisagens de inovação técnica</b> .....	53
Ana da Silva <b>Paisagem Agrícola - A Arte das práticas efémeras</b> .....	68
Ana Paula Pires <b>Paisagens da guerra</b> .....	84
Anderson Gomes da Epifania <b>As visões sobre o “paraíso” no contexto das Representações da paisagem da Costa do Dendê – Bahia, Brasil</b> .....	86
Andreia Amorim Pereira e Lúcio Cunha <b>Geomorfologia e paisagem cultural na Serra de Arga</b> .....	106
Armando Quintas e Vanessa Alexandra Pereira <b>Industrialização e Alteração da Paisagem no Alentejo: Da Pirite de S. Domingos ao Mármore do Anticlinal de Estremoz</b> .....	132
Bárbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins <b>O Engenho da Toca e a paisagem de Ilhabela: investigação e memória</b> .....	148
Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano, Damián Macías Rodríguez e Vidal Gómez Martínez <b>El paisaje patrimonial como clave en la ordenación urbana: una aproximación al caso de Mértola (Portugal)</b> .....	168
Carla Gonçalves e Maria José Curado <b>As políticas da Paisagem depois da Convenção Europeia da Paisagem</b> .....	191
Carla Rolo Antunes e Miguel Azevedo Coutinho <b>O papel da água na construção da paisagem</b> .....	216
Carlos Vargas <b>Fotografia e Paisagem</b> .....	247

Carlos Bragança dos Santos, Marta Gonçalves e Gonçalo Prates	
<b>Estruturas mediterrânicas tradicionais. A utopia da paisagem urbano-turística do Algarve .....</b>	<b>249</b>
Carlos Bragança dos Santos	
<b>Paisagens em transição .....</b>	<b>274</b>
Claudia Ribeiro	
<b>Delineando posicionamentos epistêmicos em torno de um estudo etnográfico de paisagem .....</b>	<b>291</b>
Damián Macías Rodríguez, Blanca del Espino Hidalgo y María Teresa Pérez Cano	
<b>El paisaje en el estudio de territorios híbridos.</b>	
<b>Los espacios de transición en los contextos urbanos de las ciudades medias del sur de Córdoba .....</b>	<b>308</b>
Daniela Simões	
<b>As expedições da Sociedade Silva Porto (1900-1912) pelo território português:</b>	
<b>o registo paisagístico como modelo de construção de uma identidade nacional .....</b>	<b>325</b>
<b>Notas curriculares .....</b>	<b>355</b>

## VOLUME II

<b>Índice do Volume II .....</b>	<b>3</b>
Desidério Batista	
<b>Contributo para o estudo da influência da cultura portuguesa no processo histórico</b>	
<b>de construção e transformação da paisagem da Ilha de Santa Catarina, no sul do Brasil .....</b>	<b>5</b>
Eduardo Brito-Henriques, Ana Luísa Soares e Sónia Talhé Azambuja	
<b>Os espaços abandonados na cidade:</b>	
<b>alternativas aos modelos convencionais de recuperação da paisagem urbana .....</b>	<b>34</b>
Elza Guimarães Andrade	
<b>Imaginários turísticos e novas dinâmicas de turismo: explorações em torno do caso de Lisboa .....</b>	<b>53</b>
Ester Higuera	
<b>Landscape, tourism and sustainability Aranjuez case study .....</b>	<b>70</b>
Filipe Fontes	
<b>A importância e a consequência do(s) plano(s) na construção da paisagem .....</b>	<b>79</b>
Filipe Sousa Silva	
<b>A paisagem nos planos de Le Corbusier para Chandigarh .....</b>	<b>94</b>
Francisco José García Fernández,	
Blanca Del Espino Hidalgo e Pedro Miguel Araújo Albuquerque	
<b>Paisajes transfronterizas como objeto de estudio:</b>	
<b>interés, oportunidad y complejidad en el caso de la eumorregión Alentejo-Algarve-Andalucía .....</b>	<b>119</b>
Helena Figueiredo Pina, João Gomes de Abreu,	
José Cavaleiro Rodrigues, Luís Monteiro, Maria João Centeno e Margarida Carvalho	
<b>Proposta de cidadania paisagista numa cultura imaterial .....</b>	<b>141</b>
Helena Rebelo	
<b>Paisagens Turísticas da Ilha da Madeira como Construções Linguísticas:</b>	
<b>Bens Patrimoniais Comunitários? .....</b>	<b>160</b>
Henrique Pereira dos Santos	
<b>“Outra mudança faz de mor espanto” .....</b>	<b>178</b>



Ícaro Obeso Muñiz y Felipe Fernández García	
<b>La agricultura periurbana en la dinámica reciente del paisaje de la comarca de Oviedo .....</b>	<b>205</b>
Ignacio García Pereda	
<b>Creando el bosque matemático en la década de 1860.</b>	
<b>Barros Gomes en la <i>Mata Nacional da Machada</i> (Barreiro, Portugal): testigos cartográficos .....</b>	<b>223</b>
Ignacio López Busón, Mary Polites, Miguel Vidal Calvet y Han Yu	
<b>A Computational Approach to Methodologies of Landscape Design .....</b>	<b>241</b>
Inês Leitão	
<b>Viadutos com azulejo em Lisboa. Uma paisagem urbana requalificada? .....</b>	<b>283</b>
Isabel Aguirre	
<b>Metodología y Creatividad en las Intervenciones en el Paisaje .....</b>	<b>310</b>
<b>Notas curriculares .....</b>	<b>330</b>

### VOLUME III

<b>Índice do Volume III .....</b>	<b>3</b>
Isabel Maria Matias, Pascal de Moura Pereira, Luís Alberto Brandão, Carla Gonçalves, Susana Peixoto e José Ribeiro	
<b>O papel do Plano de Paisagem na (re)construção da Paisagem.</b>	
<b>Contributo metodológico do planeamento numa intervenção integrada nas Terras de Coura .....</b>	<b>6</b>
Jimela Varela	
<b>Los espacios libres de uso público en el territorio rururbano gallego.</b>	
<b>El caso de Gondomar, Pontevedra .....</b>	<b>37</b>
Joana Capela de Campos	
<b>A paisagem urbana histórica como valor de projeto urbano .....</b>	<b>67</b>
Joel Gomes	
<b>Building over-on-under landscape: an [aesth]etical problem .....</b>	<b>69</b>
Jorge Cancela	
<b>Paisagem: o essencial é visível aos olhos .....</b>	<b>84</b>
Jorge Croce Rivera	
<b>Ethos, Cognição e Paisagem .....</b>	<b>86</b>
José Fariña Tojo	
<b>Identidad y Paisaje .....</b>	<b>111</b>
José Joaquín Parra Bañón	
<b>Paisajes algarvíos del arquitecto Manuel Gomes da Costa .....</b>	<b>113</b>
Josélia Godoy Portugal	
<b>Para além de um conceito: Paisagem como pensamento transdisciplinar integrador e as contribuições da abordagem patrimonial para as reflexões territoriais .....</b>	<b>135</b>
Juan Frontera Peña	
<b>Practicas para un urbanismo alternativo en ciudades sin identidad .....</b>	<b>154</b>
Lucila Urda	
<b>La ciudad como lienzo .....</b>	<b>175</b>
Lucila Urda	
<b>Arte efímero como herramienta de regeneración del paisaje urbano: El caso de Madrid .....</b>	<b>177</b>

Luis Ribeiro	
<b>As restrições do território como elementos inspiradores do projecto de arquitectura paisagista: Projectos de parques urbanos desenvolvidos por TOPIARIS .....</b>	<b>199</b>
Luisa Alarcón Gonzales	
<b>El paisaje de las periferias urbanas. La Barriada de Loreto en San Juan de Aznalfarache .....</b>	<b>210</b>
Marco Oliveira Borges	
<b>Paisagem cultural marítima de Sintra: uma abordagem histórico-arqueológica .....</b>	<b>230</b>
Margareth Afeche Pimenta	
<b>Paisagens Culturais no Brasil e a virtualidade dos lugares .....</b>	<b>274</b>
Maria da Graça Saraiva, Isabel Loupa-Ramos e Fátima Bernardo	
<b>Avaliar paisagens e sua identidade. Observatório(s) como resposta metodológica? .....</b>	<b>276</b>
Mario Benjamim	
<b>Paisagens rupestres do vale do Tejo. Reflexões sobre um modelo de intervenção .....</b>	<b>294</b>
Melisa Pessoa	
<b>La construcción de un paisaje nacional. El rol de la cartografía en la percepción del paisaje de la pampa bonaerense durante el siglo XIX .....</b>	<b>314</b>
Miguel Ángel Sánchez-Sánchez, Francisco Belmonte-Serrato y Gustavo Ballesteros-Pelegrín	
<b>Localización y caracterización de los paisajes de viñedo en la región de Murcia .....</b>	<b>335</b>
<b>Notas curriculares .....</b>	<b>358</b>

#### VOLUME IV

<b>Índice do Volume IV .....</b>	<b>3</b>
Mirela Carina Rêgo Duarte	
<b>O método de investigação histórica da paisagem urbana do Recife, Brasil .....</b>	<b>5</b>
Nancy Duxbury	
<b>Mapping Culture: Trajectories and issues in mapping cultures of place .....</b>	<b>28</b>
Nuno Grancho	
<b>The artist as a producer of urban colonial landscape in Diu .....</b>	<b>45</b>
Paula Gomes da Silva	
<b>Visão e método: contributo da ideia de sistema na leitura e construção da paisagem contemporânea .....</b>	<b>63</b>
Pedro Mauricio Borges	
<b>História da Paisagem, uma narrativa para a ilha de São Miguel, Açores .....</b>	<b>83</b>
Pedro da Luz Pinto	
<b>Paisagem, Arquitetura, Projeto e Educação .....</b>	<b>98</b>
Pedro Fidalgo	
<b>A paisagem e os elementos visuais que a determinam .....</b>	<b>119</b>
Pedro Machado Costa	
<b>Paisagem do Movimento Moderno: Contribuição para a metodologia de investigação da paisagem através da análise do processo de projecto do Cemitério do Bosque, 1915-1940 .....</b>	<b>134</b>

Ricardo Jorge de Almeida Ribeiro	
<b>Contributos para o desenvolvimento de um Sistema de Interpretação Integrada da Paisagem centrado no estudo do seu Lugar Arquitectónico.</b>	
<b>Estudo de Caso do Parque Natural da Ria Formosa .....</b>	<b>177</b>
Rolando Volzone	
<b>Os eremitas da <i>pobre vida</i> e a construção da paisagem da Serra de Ossa .....</b>	<b>196</b>
Rui Florentino	
<b>O espaço exterior em relação ao homem .....</b>	<b>221</b>
Sonia Gómez-Pardo Gabaldón	
<b>El valor de los Paisajes .....</b>	<b>222</b>
Susana Domingues	
<b>O frio industrial (1978-81): que evidências na paisagem? .....</b>	<b>246</b>
Teresa Madeira da Silva	
<b>A acção do homem na paisagem através do Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa: uma visão humanista da natureza .....</b>	<b>271</b>
Vicente Collado Capilla	
<b>Concepto y caracterización de los paisajes urbanos .....</b>	<b>288</b>
Xosé L. Martínez Suárez, Cándido López González,	
Xosé M. Vázquez Mosquera, Cristina García Fontán y Alfonso Díaz Revilla	
<b>A cidade como paisagem. As galerias da marinha. A corunha .....</b>	<b>313</b>
<b>Notas curriculares .....</b>	<b>333</b>

## INTRODUÇÃO

A Paisagem apresenta-se como o cenário que herdámos, onde vivemos, e donde retiramos os recursos com que subsistimos enquanto civilização e espécie. O resultado da nossa atuação sobre este património será a herança que iremos deixar aos nossos descendentes.

No início do terceiro milénio, e numa sociedade submetida a mudanças culturais que decorrem a velocidades muito superiores às que o tempo de perceção, meditação, e experimentação necessitam, o interesse pela Paisagem tem ganho uma importância crescente que transforma a disciplina numa plataforma de investigação onde os vários ramos do conhecimento se cruzam.

É neste âmbito que o Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa realizou em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, durante os dias 16 e 17 de Março de 2017, o 1º Colóquio Ibérico de Paisagem - <https://ciplisboa2017.wordpress.com>.

Neste encontro refletimos sobre as diferentes relações do Homem com a Paisagem, recorrendo à experiência de académicos e técnicos que têm trabalhado sobre diferentes campos da temática, estabelecendo um fórum de discussão focalizado nas diferentes metodologias utilizadas.

Os diferentes contributos escritos que resultaram da realização deste colóquio são agora reunidos e apresentados neste e-book, de modo a potenciar a sua divulgação, leitura e referência.

Na organização desta publicação foram tidos em consideração alguns aspetos que referenciamos seguidamente:

Os diferentes contributos foram repartidos em dois tipos distintos de documentos: um formado por pequenos artigos, redigidos por autores convidados, e publicados no final das newsletter que periodicamente foram publicitando os aspetos mais relevantes associados à realização do colóquio, e outro, formado por textos maiores que serviram de suporte às comunicações apresentadas durante o encontro. Para diferenciar os dois tipos de documentos, considerou-se anteceder a apresentação dos primeiros com uma capa, sobre a qual foi disposta a palavra “post-it”, expressão associada à sua curta dimensão e carácter sintético.

Entre os diferentes contributos encontram-se textos redigidos em português, castelhano e inglês. Para a sua apresentação considerou-se que se deveriam manter as línguas originais de redação. No caso dos artigos resultantes de comunicações, escritos em português ou castelhano, a sua transcrição é antecedida de um resumo na língua em que foram redigidos e 5 palavras chave associadas, sendo este conjunto de elementos apresentado também, e seguidamente, em língua inglesa. Nos casos em que o artigo foi redigido em inglês considerou-se que este deveria ter o resumo e palavras chave nessa língua e que a segunda língua de divulgação deveria de ser o português, tendo em consideração que essa é a língua de uso corrente do país que organizou o evento.

A ordem de apresentação dos textos seguiu a sequenciação alfabética dada pelo nome do primeiro subscritor de cada artigo;

O conteúdo dos textos e imagens dos diferentes artigos são da responsabilidade dos respetivos autores;

A coordenação procedeu à uniformização da formatação e apresentação gráfica dos diferentes trabalhos de modo a obter uma coerência visual dos conteúdos.

No final de cada volume apresentam-se os resumos biográficos dos respetivos autores.

Como resultado, este trabalho reúne uma súmula de 79 artigos, contributo dado por 100 autores, que se desenvolve ao longo de quase 1400 páginas, repartidas por 4 volumes.

Termino com um agradecimento expressivo a todos os investigadores que contribuíram com o seu trabalho para esta publicação

PedroFidalgo

# ÍNDICE DO VOLUME I

Alexandro Jirola Ordera <b>Manzaneda Medra</b> .....	13
Altamiro Sérgio Mol Bessa e Fernanda Cristina de Souza Paz <b>Paisagens da destruição. O caso do rompimento da barragem em Mariana</b> .....	35
Ana Cardoso de Matos <b>As paisagens da Hidroelectricidade em Portugal: um exemplo das paisagens de inovação técnica</b> .....	53
Ana da Silva <b>Paisagem Agrícola - A Arte das práticas efémeras</b> .....	68
Ana Paula Pires <b>Paisagens da guerra</b> .....	84
Anderson Gomes da Epifania <b>As visões sobre o “paraíso” no contexto das Representações da paisagem da Costa do Dendê – Bahia, Brasil</b> .....	86
Andreia Amorim Pereira e Lúcio Cunha <b>Geomorfologia e paisagem cultural na Serra de Arga</b> .....	106
Armando Quintas e Vanessa Alexandra Pereira <b>Industrialização e Alteração da Paisagem no Alentejo: Da Pirite de S. Domingos ao Mármore do Anticlinal de Estremoz</b> .....	132
Bárbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins <b>O Engenho da Toca e a paisagem de Ilhabela: investigação e memória</b> .....	148
Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano, Damián Macías Rodríguez e Vidal Gómez Martínez <b>El paisaje patrimonial como clave en la ordenación urbana: una aproximación al caso de Mértola (Portugal)</b> .....	168
Carla Gonçalves e Maria José Curado <b>As políticas da Paisagem depois da Convenção Europeia da Paisagem</b> .....	191
Carla Rolo Antunes e Miguel Azevedo Coutinho <b>O papel da água na construção da paisagem</b> .....	216
Carlos Vargas <b>Fotografia e Paisagem</b> .....	247

Carlos Bragança dos Santos, Marta Gonçalves e Gonçalo Prates	
<b>Estruturas mediterrânicas tradicionais. A utopia da paisagem urbano-turística do Algarve .....</b>	<b>249</b>
Carlos Bragança dos Santos	
<b>Paisagens em transição .....</b>	<b>274</b>
Claudia Ribeiro	
<b>Delineando posicionamentos epistêmicos em torno de um estudo etnográfico de paisagem .....</b>	<b>291</b>
Damián Macías Rodríguez, Blanca del Espino Hidalgo y María Teresa Pérez Cano	
<b>El paisaje en el estudio de territorios híbridos.</b>	
<b>Los espacios de transición en los contextos urbanos de las ciudades medias del sur de Córdoba .....</b>	<b>308</b>
Daniela Simões	
<b>As expedições da Sociedade Silva Porto (1900-1912) pelo território português:</b>	
<b>o registo paisagístico como modelo de construção de uma identidade nacional .....</b>	<b>325</b>
<b>Notas curriculares .....</b>	<b>355</b>

# **ESTUDOS DE PAISAGEM**

## **VOLUME I**



## MANZANEDA MEDRA

Alexandro Girola Ordera

**Resumen:** En la Galicia suroriental, nos encontramos con el pequeño ayuntamiento ourensano de Manzaneda. El atractivo de este ayuntamiento radica en su arraigo a la naturaleza, al paisaje y a las tradiciones más fuertes basadas en la recuperación y valorización de nuestro patrimonio natural, histórico, etnográfico y cultural.

Manzaneda, del mismo modo que la mayor parte de la Galicia suroriental sufrió un brutal decrecimiento y envejecimiento de la población. Desde el gobierno de la entidad local y con el apoyo de *Gestión y Soluciones Arquitectónicas SLP*, se desarrolló un programa metodológico y participativo denominado “*Manzaneda Medra*”.

En este sentido dentro del Programa “Manzaneda Medra” se intenta revertir esta situación, presentando actuaciones encuadradas en

- Proyectos de recuperación paisajística agraria de montaña.
- Proyectos de conservación y recuperación del casco histórico de la Villa Medieval de Manzaneda
- Proyectos de infraestructuras de uso público, paseos y rutas de senderismo que discurren por valores ambientales, paisajísticos y naturales.
- Proyectos de apoyo al cooperativismo agroalimentario y ordenación forestal, así como de servicios básicos en el medio rural

La implementación de actividades del Programa “Manzaneda Medra” identifica a Manzaneda como un mundo rural vivo, sensibilizado con las nuevas funciones del desarrollo rural integrado.

**Palabras Clave:** Desarrollo Rural Integral; Paisaje de Montaña; Red Natura 2000; Villa Medieval; Conservación Patrimonial.

# MANZANEDA MEDRA

Alexandro Girola Ordera

**Abstract:** In Southeastern Galicia, specifically in the province of Orense, we find the small town of Manzaneda. The main attraction of this town lies in its roots in nature, in its landscapes and in the strong traditions based on the recovery and appreciation of its natural, historical, ethnographic and cultural heritage.

Manzaneda, just as much of southern Galicia suffered a sheer decrease and aging of the population. From the government of the city council, and with support from "Management and Architectural Solutions SLP", a methodic and participatory program was developed under the monicker "Manzaneda Medra".

In this sense, within the "Manzaneda Medra" Program an attempt is made to reverse the situation, presenting actions directly related to:

- Projects of recovery of mountain agrarian landscaping.
- Conservation and recovery projects of the historic centre of the Medieval Village of Manzaneda
- Projects of infrastructure for public use, tours and hiking routes related to environmental, landscaping, and natural values.
- Projects to support agri-food cooperativism and forest management, as well as basic services in rural areas

The implementation of activities of the "Manzaneda Medra" Program recognizes Manzaneda as a living rural world, subjected to the new settings of integrated rural development.

**Keywords:** Integral Rural Development; Mountain Landscape; Natura 2000 Network; Manzaneda Medieval Village; Herotage Conservation.

# MANZANEDA MEDRA

Alexandro Girola Ordera

En la Galicia suroriental, perteneciente a la provincia de Ourense, en la comarca de Trives, nos encontramos con el pequeño ayuntamiento de Manzaneda. El atractivo de este ayuntamiento radica en su arraigo a la naturaleza, al paisaje y a las tradiciones más fuertes basadas en la recuperación y valorización de nuestro patrimonio natural, histórico, etnográfico y cultural.

Con una superficie de 114,6 Km<sup>2</sup> limita al norte con los ayuntamientos de A Pobra de Trives, Quiroga y Larouco; y al sur, con Vilariño de Conso y Viana do Bolo; al leste con el de O Bolo y al oeste con Chandrexa de Queixa y San Xoán de Río.

Con sus 650 m de altitud media se encuentra situado entre el profundo encajamiento que forma el río Bibei por el este y las cumbres de la Sierra de Queixa por el oeste. Estas, con Cabeza Grande de Manzaneda suponen el límite altitudinal máximo del Macizo Central ourensano consiguiendo los 1.778 metros de altitud

Fisiográficamente, se pueden diferenciar tres unidades morfológicas: A Serra de Queixa, A Chaira (superficie de aplanamiento de Manzaneda) y el Val do Bibei, con los ríos Bibei, San Lázaro y Requeixo, también conocido como de San Miguel o de las Lamas.



Fig. 1: Situación Ayuntamiento de Manzaneda respecto España y Galicia

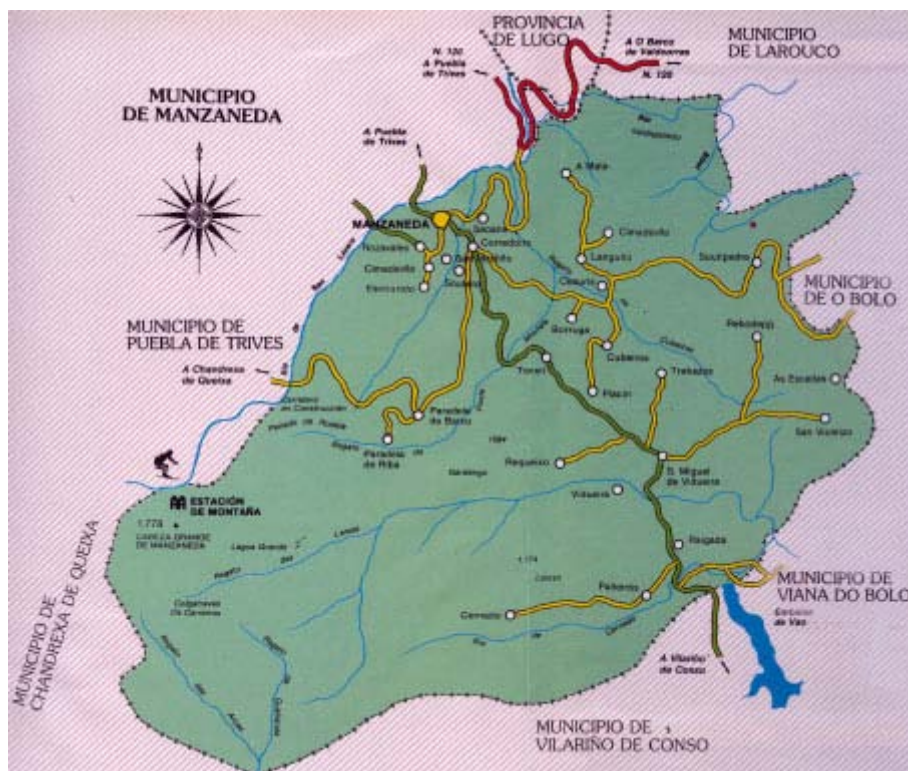


Fig. 2: Situación Ayuntamiento de Manzaneda respecto a ayuntamientos limítrofes

Los majestuosos *soutos* emplazados en el ayuntamiento producen exquisitas castañas. De los viñedos, situados en los bancales de las laderas del Bibei y de sus afluentes, se obtienen excelentes caldos.

Cabe resaltar el interés natural y biogeográfico de Manzaneda en transición entre el mundo eurosiberiano y mediterráneo, con un marcado carácter montano, lo que motivó que el 96% de su superficie (11.030 htas) fuera integrado en la Red Natura 2000.

En las zonas de cumbre existen formaciones vegetales de gran interés. La riqueza botánica de estos espacios es realmente grande, no solamente por su diversidad sino también por la presencia de numerosos taxones con un mayor o menor grado de endemismo. En el valle del Bibei y zonas circundantes abundan los cultivos intercalados entre laderas cubiertas de mato y bosque. La importancia principal de este valle y sus laderas es la presencia de vegetación de fuerte influencia mediterránea con la presencia de *aciñeirais* de *Quercus ilex* y la existencia de numerosos sotos de castaños centenarios. Además las riberas del Bibei y de sus afluentes cuentan con la presencia de bosques de ribera con una rica y hermosa vegetación asociada.

La fauna existente, de elevado valor ecológico, completa este marco natural.



Fig. 3: Imágenes de zonas interés natural en LIC Macizo Central

La riqueza natural se hace extensible en una riqueza cultural y de su patrimonio histórico y etnográfico. En el medievo la villa de Manzaneda estuvo amurallada y aún hoy en día quedan vestigios de esta construcción; así como de la cultura castrexa. También tenemos abundante patrimonio religioso, etnográfico (molinos, hornos de pan, curros, lagares,...) y paciego.

Manzaneda, del mismo modo que la mayor parte de la Galicia suroriental sufrió un brutal decrecimiento y envejecimiento de la población. Desde principios del siglo a esta parte, pasando de los 3283 habitantes de 1900, a los 973 habitantes en 2015 (según datos publicados por el Instituto Gallego de Estadística, IGE). Esta debilidad demográfica se ve acentuada por el envejecimiento de la población, representando los menores de 15 años tan solo el 6% de la población, mientras los mayores de 65 años representan el 41%. La población se distribuye de forma muy desigual, con una diferencia clara entre la sierra, y la superficie de aplanamiento y las bocariberas.

Desde el gobierno de la entidad local y con el apoyo de *Gestión y Soluciones Arquitectónicas S.L.P.*, se desarrolló un programa metodológico y participativo denominado "*Manzaneda Medra*". Se intenta con ello, revertir esta situación y conseguir un territorio que se identifique

con una imagen diferenciada de vida sensata, centrada en la conservación, protección y desarrollo sustentable.

Se busca incidir en el desarrollo rural del municipio a través del cooperativismo y creación de puestos de trabajo relacionados con la agricultura, conservación de la biodiversidad y protección del paisaje, así como servicios relacionados con la recuperación e interpretación del patrimonio histórico, etnográfico y cultural de nuestra villa medieval.

La administración local y municipal cuenta desde hace tiempo con metodologías, programas, agendas locales, foros de alcaldes y un sinfín de herramientas para la gestión eficiente y sostenible de los recursos locales, la provisión de servicios públicos y la atención a la ciudadanía. Sin embargo no siempre los resultados obtenidos son los esperados ni las oportunidades de financiamiento europeo estatal o autonómico aprovechados al máximo.

Desde el programa metodológico *“Manzaneda Medra”* nos hemos propuesto potenciar el concepto de gobernanza o buen gobierno como el proceso de toma de decisiones y el proceso por el que las decisiones son implementadas, o no.

En este contexto del buen gobierno, el concepto de eficiencia que hemos aplicado, incluyó una priorización de los servicios sociales y el uso de los recursos naturales de forma sostenible. Nos preocupamos de los procedimientos, y que se llegase a resultados que necesita la sociedad de Manzaneda, al tiempo que se ha potenciado de la mejor forma posible los recursos locales.

En este sentido Manzaneda es un pequeño ayuntamiento que disponía de un presupuesto municipal 1.7989.341 € en 2015, para los 973 habitantes censados en 2015, lo que corresponde a un presupuesto per cápita de 1848,24 €/habitante. El gasto del personal del ayuntamiento es de 941.891 € lo que corresponde a 968,03 €/habitante por año, con un total de 35 personas trabajando directamente para el ayuntamiento.

La explicación está en una apuesta decidida por los servicios sociales. Tanto es así, que el 40 % del presupuesto municipal, se destina a este apartado. Una cifra que triplica la media de la provincia ourensana, y también de Galicia.

Cabe resaltar que Manzaneda, es uno de los escasos ayuntamientos gallegos que tiene una residencia de ancianos municipal. Esta decisión está motivada por dos razones: es un servicio imprescindible en un territorio con una población altamente envejecida; y, además, es el puesto de trabajo de hasta 25 personas. Por tanto se ha entendido adecuado el esfuerzo de la municipalización de la residencia en vez de una gestión indirecta en manos privadas.

Del mismo modo desde la corporación municipal se están cerrando las negociaciones con el *Consortio Galego de Benestar* para que ceda la gestión del centro de día al ayuntamiento. Este centro de día concluido en 2010, lleva desde entonces esperando a que alguien abra sus puertas. La Xunta apuesta por una gestión indirecta en manos privadas; el ayuntamiento insiste en municipalizarlo, para conseguir una gestión más eficiente de los dos servicios sociales compartidos, aumentando las plazas de la residencia de mayores y albergando el centro de día. Se entiende que estos esfuerzos y búsqueda de sinergias en servicios sociales municipales sean prioritarios como una devolución a los sacrificios pasados de los mayores, además de sostén de trabajos para los jóvenes.

Desde nuestro punto de vista no entendemos una metodología de actuación territorial sin la protección y cuidado de los mayores, máxime en pequeñas zonas de montaña como Manzaneda. A nuestros mayores le debemos en gran parte, ser los artificieros de mantener vivas nuestras zonas rurales, han gestionado y mantenido los recursos naturales de la zona.

El análisis y metodología territorial de "*Manzaneda Medra*", se centra en el papel fundamental de la participación del conocimiento tradicional para cada una de las medidas analizadas. Haciendo especial énfasis en la promoción de un territorio en base a su conocimiento ecológico tradicional que surge como resultado de un proceso acumulativo y dinámico de experiencias prácticas y de adaptación al cambio. Gracias al conocimiento tradicional las comunidades no solamente transmiten los conocimientos acumulados de generación en generación, sino también la actitud continúa de adaptación a los cambios y perturbaciones del entorno. Además, las creencias y conocimientos compartidos promueven la cohesión social. Por lo tanto la promoción territorial basadas en el conocimiento tradicional se considera de vital importancia en la época de cambios que se está viviendo.

Aunque el 40% del presupuesto municipal se destina a servicios sociales relacionados con el cuidado de los mayores, el retorno se puede considerar positivo desde el punto de vista del conocimiento tradicional; así como de los efectos positivos y sinérgicos de la participación e intercambio generacional a la hora de planificar el programa "*Manzaneda Medra*". Manzaneda, o cualquier territorio no puede crecer de espaldas a sus ancestros y al papel prioritario de los mayores en el conocimiento tradicional.

A tal respecto, se ha mantenido una colaboración y diálogo de participación pública e intercambio entre los más mayores y los jóvenes. El objetivo es conseguir unas directrices de planificación territorial que en base al conocimiento tradicional del pasado junto a las nuevas técnicas de análisis, procedimientos y tecnologías actuales consigan recuperar y valorizar



nuestro patrimonio natural, histórico, etnográfico y cultural; así como generar nuevos nichos de trabajo endémicos.

Por su parte el reto es afrontar este programa metodológico de *"Manzaneda Medra"* con las limitaciones presupuestarias que dispone actualmente un pequeño ayuntamiento. El actual escenario de crisis económica, máxime en ayuntamientos de zona de montaña suroriental orensano obliga a impulsar medidas relativas a la gestión eficaz y eficiente de los recursos disponibles, con el objeto de continuar prestando los servicios a los ciudadanos en la calidad que satisfagan sus necesidades pero sin comprometer que las generaciones futuras satisfagan las suyas.

La solución en zonas de montaña despobladas, es continuar prestando servicios públicos sociales a través de gasto municipal y realizar actuaciones de desarrollo rural integrado, conservación medioambiental y patrimonial; así como la dotación de infraestructuras rurales a través de programas y fondos europeos, estatales y/o autonómicos, que disminuyen la cantidad económica a afrontar desde la entidad municipal.

Puesto que la propia gestión de los fondos, en muchos casos de concurrencia competitiva exige un trabajo y por tanto un coste previo; es muy importante disponer de una hoja ruta clara de proyectos y actuaciones necesarias; así como de un análisis previo de potenciales fondos de ayuda para su financiación.

Por tanto el marco lógico de la ruta de proyectos sensatos, interrelacionados con las diferentes fuentes apoyo y con la capacidad económica de cofinanciación municipal, nos determinará el tipo y número máximo de proyectos anuales que se pueden afrontar.

Nos hemos sensibilizado con un ejercicio de políticas públicas responsables con la actual situación, implementando fórmulas sensatas, eficaces y eficientes de gestión pública y buenas prácticas, minimizando costes; lo que posibilita que se puedan seguir realizando actuaciones de infraestructuras de uso público, actuaciones recuperación medioambiental, cultural y etnográfica; así como de mantenimiento e implementación de prestación de servicios públicos.

En este sentido dentro del Programa *"Manzaneda Medra"* se engloban diferentes actuaciones encuadradas en:

- Proyectos de recuperación paisajística agraria de montaña.
- Proyectos de conservación y recuperación del casco histórico de la Villa Medieval de Manzaneda



- Proyectos de mejora e integración paisajística de infraestructuras de uso público
- Proyectos de paseos y rutas de senderismo que discurren por valores ambientales, paisajísticos y naturales.
- Proyectos de apoyo al cooperativismo agroalimentario y ordenación forestal, así como de servicios básicos en el medio rural
- Jornadas de participación pública, sensibilización e intervención social en conservación y protección medioambiental, cooperativismo agraria, intercambio intergeneracional, entre otros.

A continuación, se expone y desarrolla las actuaciones concretas realizadas desde el ayuntamiento de Manzaneda en los últimos años bajo la dirección de la consultora *Gestión y Soluciones Arquitectónicas S.L.P.*

En relación a PROYECTOS DE RECUPERACIÓN PAISAJÍSTICA AGRARIA DE MONTAÑA, en los últimos años se ha realizado la *"Recuperación de Abrevadero y Valado Tradicional en Paradela de Abaixo, Manzaneda 2014-2015"*; *"Mejora de Paisaje Agraria Tradicional en Rebodépó, Manzaneda 2016-2017"*. Ambas actuaciones se financiaron, mediante ayudas a actividades, actuaciones o medidas de ayuntamientos incluidos en la Red Natura 2000, cofinanciado con el *Fondo Europeo Agrícola de Desarrollo Rural (FEADER)* con cargo a la medida de ayudas no productivas del *Plan de Desarrollo Rural de Galicia (PDR 2017-2013 y PDR 2014-2020)*

La Recuperación de Abrevadero y Valado Tradicional en Paradela de Abaixo, se realizó entre los meses de diciembre de 2014 y marzo de 2015, con una inversión total de 24.199,12 € IVA incluido, con una subvención a fondo perdido de 19.999,27 euros (IVA excluido)

La actuación se ubica en el núcleo de Paradela de Abaixo, incluido en la Rede Natura 2000 LIC Macizo Central Cód ES1130002 Categoría 2. Se encuadra en actuaciones dirigidas a la conservación y recuperación de elementos históricos patrimoniales o culturales representativos o necesarios para el mantenimiento de paisaje agrario tradicional. En este sentido se reparó y conservó una fuente-abrevadero deteriorada de uso de rebaños de la zona y se recuperó el muro contiguo tradicional que se estaba a derrumbar. Las actuaciones se encontraban dentro de los límites de protección de un elemento catalogado como de Protección Integral por el Plan General de Ordenación Municipal (PGOM) vigente de Manzaneda (Iglesia de San Antonio-Paradela) por lo que se obtuvo el informe preceptivo y vinculante del organismo competente en materia de protección patrimonial.

El proyecto por tanto persiguió la recuperación de elementos históricos patrimoniales y culturales y el mantenimiento de un paisaje agraria tradicional con la imagen de los muros de piedra de cachotería característicos que configuran las lindes de las fincas gallegas, y en este caso concreto un paisaje gallega de zona de montaña donde aún nos encontramos con la imagen de pastores con pequeños rebaños de ovejas y cabras recorriendo por las sebes y esperando a que los animales beban en los abrevaderos de piedra.

En cuanto a las actuaciones de *"Mejora de Paisaje Agraria Tradicional en Rebodepó, Manzaneda"* dentro de la Red Natura 2000 LIC Macizo Central Cód ES1130002 Categoría 2; comenzaron en diciembre de 2016 y aún se encuentran en ejecución en la actualidad. Se dispone de un presupuesto total de 24.200,00 € IVA incluido con una subvención concedida a fondo perdido de 20.000,00 euros (IVA excluido).

La actuación se encuadra en el tipo de actividades para la mejora del mosaico rural de áreas de montaña, con la rehabilitación de sistemas y conformaciones tradicionales del paisaje rural; con restauración del antiguo manantial, de muros de cachotería y de pozas tradicionales de riego. Del mismo modo la actuación recupera el uso tradicional del recurso agua en la agricultura y la ganadería como elemento cultural representativo.

El estado anterior a las actuaciones presentaba una zona con maleza y mala conducción del agua, los muros de cachotería y las pozas de riego se encontraban muy deteriorados; además se disponía de ciertos materiales no acordes a la zona.

El mosaico rural recuperado presenta un valor ambiental elevado, con un encanto paisajístico conjugado por la especial conformación de cachotería de los valados del lugar, los lagares vernáculos; así como de las infraestructuras tradicionales de riego.

Del mismo modo como actuación integral, se pretende recuperar el antiguo camino de gran belleza paisajística entre Rebodepó y el Santuario de las Ermitas. Este santuario se encuentra situado en un enclave de gran belleza natural, justo en el estrecho y hermoso valle que forma el Río Bibei, dentro del ayuntamiento de O Bolo, limitando con el de Manzaneda. El templo se levantó en el siglo XVII en honor a la imagen de la Virgen descubierta por unos pastores en el siglo XIII, en una cueva del lugar.



Fig. 4: Arriba imagen actuaciones Proyecto de Abrevadero y Valado Tradicional en Paradelá.

Abajo imagen actuaciones Proyecto Mejora Paisaje Agrario Rebodepó.

Por lo que se refiere a PROYECTOS DE CONSERVACIÓN Y RECUPERACIÓN DEL CASCO HISTÓRICO DE LA VILLA MEDIEVAL DE MANZANEDA, decir que son un pilar basal para la conservación de nuestro patrimonio histórico cultural. Actualmente Manzaneda, dispone de *un Plan Especial de Protección del Casco Histórico (PEPRI)* redactado por *Pérez de Juan Arquitectos S.L.P*, sin embargo las limitaciones presupuestarias y burocráticas conllevan que aún se encuentre en fase previa para la aprobación inicial. Asimismo desde la corporación municipal y con el apoyo de *Gestión y Soluciones Arquitectónicas S.L.P* se está negociando la realización de un Plan Director para el *BIC de la Muralla* previo y/o independiente a la aprobación formal del *PEPRI*.

No obstante mientras no se aprueba formalmente los planes anteriormente reflejados y debido a que es de especial interés conservar, rehabilitar y adecuar ciertos lienzos y tramos del Bien de Interés Cultural Muralla Medieval de Manzaneda. Se ha rehabilitado el Lienzo de la *Muralla en la Zona Porta Falsa*, en 2015; y también se ha rehabilitado lienzo en la plaza de la villa.

Entendemos adecuado disponer de propuestas de ordenación en elementos singulares entre tramos de lienzo de la muralla rehabilitados. De este modo aunque el criterio más adecuado es integrar todas estas actuaciones dentro de la aprobación formal de un Plan Director del *BIC*, sería conveniente disponer de diferentes actuaciones que se pueden ir realizando mediante subvenciones y financiación pública.

De este modo las pequeñas actuaciones realizadas en estos lienzos serán propulsoras de una mayor sensibilización y conocimiento de la villa medieval, que conlleve a una presión social y política que facilite la financiación del plan director y del plan de *Especial de Protección del Casco Histórico (PEPRI) de Manzaneda*.

En este sentido el Proyecto Básico y de Ejecución *“Rehabilitación lienzo muralla de Manzaneda en zona Porta Falsa”* ha sido el precursor de un modo de trabajo colaborativo entre la *Dirección General de Patrimonio* que financió la redacción del proyecto firmado por los arquitectos *D. Francisco Rodríguez Vega* y *D. Ramiro Domínguez Real*; y el ayuntamiento de Manzaneda quién junto a *Gestión y Soluciones Arquitectónicas S.L.P.*, se encargó del encuadre adecuado para conseguir un tipo de financiación que permitiese al ayuntamiento la ejecución de las actuaciones por un importe de 51.304, 32 € IVA excluido.

De este modo, se ha conseguido concesión de una subvención competitiva a fondo perdido por importe de 35.910, 02 € al amparo de las *ayudas para la creación y/o mejora de infraestructuras, dotaciones, instalaciones y equipamientos vinculados a la prestación de servicios municipales, destinados a ayuntamientos de Galicia para el año 2015*; cofinanciadas por el *Fondo Europeo Agrícola de Desarrollo Rural (FEADER)* en el marco del *Programa de Desarrollo Rural de Galicia PDR 2007-2013*.

Se ha de resaltar que en el control arqueológico de las actuaciones realizado por el arqueólogo *Eduardo Breogán Nieto Muñiz* quedó al descubierto parte del muro. Continuando con la exploración se sospechaba que este muro era parte de la traza de muralla, ya que su continuidad y asiento sobre el suelo firme eran indicadores claros de su entidad.

El resultado de la exploración arqueológica realizada, permitió la definición de la muralla en el trazado original en un tramo a la derecha de la tajea hasta el encuentro de un posible torreón en el extremo superior derecho.

Ante este nuevo escenario de encontrarnos con una traza de la muralla original en buen estado de mantenimiento, y de gran valor arqueológico como hallazgo a exponer y mantener; la dirección de obra realizada por *Gestión y Soluciones Arquitectónicas S.L.P.* y con el apoyo del restaurador interviniente *Gonzalo Buceta Bruneti*, nos hemos visto comprometidos a realizar modificaciones en el proyecto origen. Se ha que potenciado esta nueva situación, sin dejar de cumplir con el objetivo principal de consolidación de la muralla y terraplenes. De acuerdo a la finalidad del proyecto de intervención nos hemos centrado en ejecutar las mejoras técnicas constructivas necesarias con el fin de garantizar la estabilidad de la muralla existente; a la vez que la mejora en la lectura del monumento, con la adecuación del entorno y reconstrucción de

zonas derruidas. Se prestó especial atención a la protección del adarve de la muralla en el sector explorado y que se reconoce como original, por medio de suelos de tierra batida estabilizada.

En la reconstrucción de la muralla de cara a su recuperación y exposición pública, se ejecutó utilizando la piedra recogida de la excavación y completada con piedra del lugar de iguales características morfológicas hasta igualar la altura del lienzo existente. Completó la intervención a colocación de una barandilla de seguridad frente a las caídas en su parte superior con una puerta cancilla donde se estrecha el paso entre la casa y el borde de la muralla; el pavimentado de la parte superior se ejecutó de acuerdo a la solución aplicada en el resto de la villa colocando un pavimento de loseta tostada similar a la existente sobre una solera de hormigón; la continuidad del pavimento en la acera inferior y la colocación de un banco junto al muro de contención del terraplén. La colocación de los carteles informativos se realizó colocando un cartel sobre el murete de contención y un segundo cartel en la parte superior junto los carteles de información.

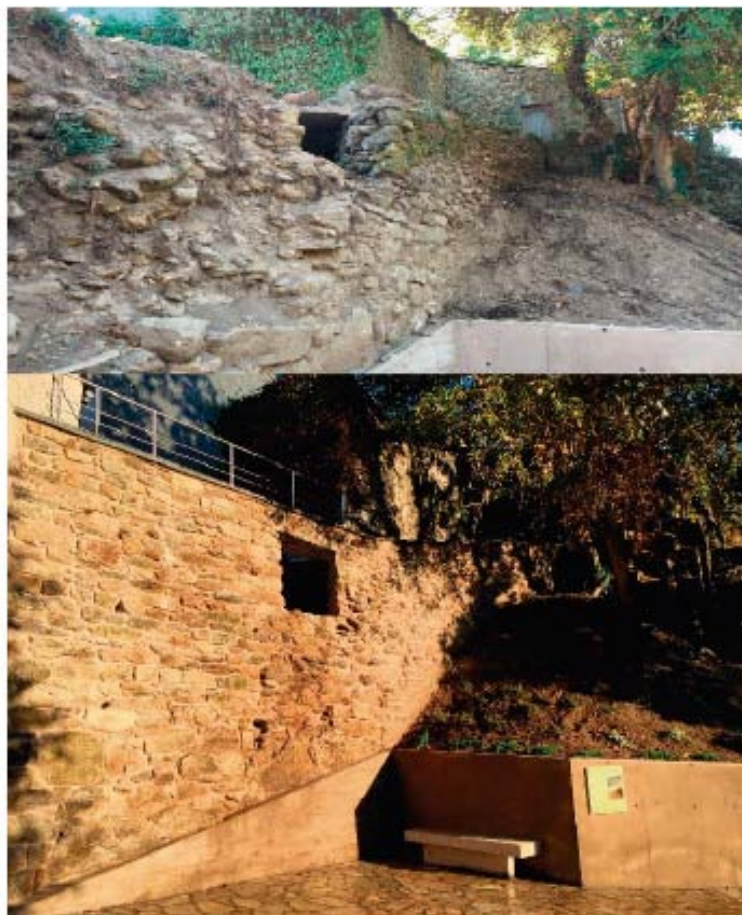


Fig. 5: Imágenes Proyecto *Rehabilitación Lienzo Muralla Manzaneda en Porta Falsa*.  
*Arriba estado anterior actuaciones. Abajo estado final*

Sobre la traza de la tajea descubierta se procedió a colocar un entramado abierto metálico sobre un marco que contiene la totalidad del trazado de la tajea desde la boca reconstruida hasta la finca privada, permitiendo de esta manera observar al visitante a conformación de la misma.

En cuanto al acabado formal de la intervención, se siguió al detalle la propuesta proyectual de resaltar la situación origen de la muralla retranqueando la construcción del lienzo reconstruido cinco centímetros en la vertical. De esta forma el paño completo reconstruido se diferenció del original; de la misma forma se ha reconstruido la boca de la tajea.

El tramo inferior, que debido a la excavación se dejó a cielo abierto el terreno sustento de la muralla, se reforzó por medio de un murete de hormigón colorado y texturizado por medio de madera en el molde de encofrado.

El murete de contención que limita la acera con la muralla se resolvió ejecutándolo in situ con una cara vista y hormigón colorado color tierra. Se utilizaron paneles fenólicos vista madera para mejorar la textura final. En el tramo que se produce el encuentro con la muralla se colocó un banco de granito abujardado junto a uno de los carteles de información; el segundo cartel se colocó en el área superior.

En cuanto a técnicas constructivas realizadas en las actuaciones de consolidación e reintegración, decir que en relación a la estructura de la muralla, siguiendo las recomendaciones del restaurador se ejecutaron las obras de consolidación y reintegración utilizando un mortero de cal hidráulica natural NHL 5 Mpa mezclado con árido silíceo de cantera, de granulometría 0/3, exento de sales e impurezas con una dosificación 1:5 o 2:6. Los mampuestos y rellenos fueron previamente mojados, sobre todo por darse una situación de extrema sequedad y falta de humectación por lluvias, evitando de esta forma la deshidratación del mortero (que impediría la formación de los silicatos y aluminatos cálcicos).

La selección, el amasado, la dosificación y proceso de aplicación fueron especialmente cuidados, siendo supervisados por visitas a obra del restaurador.

Para el rejuntado se procedió a la eliminación de la tierra existente y la aplicación del mortero, con la dosificación anterior, posteriormente se realizó un trabajo de "apretado-compactación" con espátula de acero y se procuró realizar las juntas ligeramente ocultas para que destaque el paramento. Una vez comenzado el forjado se realizó un leve raspado para adquirir cierta textura y rugosidad. En todos los casos el mortero se dio por la mañana para poder raspar por la tarde o al día siguiente.

El pigmento añadido no superó fue del 2% realizándose pruebas previas para ajustar el porcentaje. La limpieza de los tajos diarios se realizó en seco o por medio de esponjas sin refregar.

El muro se remontó con roca de gran tamaño en la base y disminuyó a tamaños menores, mediano-pequeño, segundo se fue superando el arranque del muro. Se colocaron cuñas entre los espacios entre mampuestos. También se insertaron tizones a intervalos regulares para mayor estabilidad estructural.

El relleno original fue vaciado en parte, para facilitar el montaje de los mampuestos, su ejecución fue con piedras y mortero de cal.

Por cada metro en altura y aproximadamente cada metro y medio o dos metros en longitud se dejaron huecos o "cajas" para facilitar el desalojo del agua por posibles embolsamientos; que podrían proceder de manantiales, aguas subterráneas o terrenos adyacentes al del objeto de intervención.

El muro se levantó manteniendo una ligera pendiente, menor a 0.5 %, asegurando un mejor comportamiento estructural.

El espacio entre la cara del paramento y el relleno de piedras y arena fue macizado (colmatado) con pequeñas piedras y mortero de cal.

Se realizaron los rellenos interiores a base de mampuesto o ripios de acuerdo a la conformación original del muro mezclados con cal y arena en proporción 1:5.

Por lo que respecta a la Coronación; debido a que estos puntos son vulnerables a la entrada de agua y por consiguiente a provocación de frecuentes patologías origen de disgregación y erosión de los muros, para proteger se colocaron losas de loseta cortadas a guillotina de 4-6cm espesor, 1 m de largo y 50cm de ancho, recibidos y rejuntados con mortero 2:5.

Como se ha expuesto anteriormente el resultado de las actuaciones de *"Rehabilitación del lienzo muralla de Manzaneda en zona Porta Falsa"* han sido un proyecto propulsor de otras propuestas de ordenación en elementos singulares que mejore la lectura entre tramos de lienzo de muralla rehabilitados.

Se ha realizado un estudio y detalle de diferentes subvenciones competitivas para infraestructuras de uso público; así como de potenciales solicitudes de colaboración entre la *Xunta de Galicia* y las corporaciones municipales, para la realización de obras con cargo a la financiación extraordinaria, como puede ser el *Plan Hurbe 2014-2017*, entre otros, que permitiese que la entidad municipal pueda soportar la ejecución material de las propuestas.

Los criterios de intervención son priorizar la conservación preventiva para garantizar la estabilidad, actuar en pro de la seguridad, realizar una anástilosis documentada, conseguir una mejora urbana y medioambiental; así como facilitar la lectura de la muralla.

Se han desarrollado seis propuestas iniciales de actuación, que se centran en:

1. Recuperación Torreón en lienzo *"Porta Falsa"*.
2. Mejoras integrales en *"Porta de Abaixo"*
3. Recuperación elementos singulares en la Plaza *Casa Consistorial*.
4. Mejoras de acondicionamiento ambiental en lienzo *rúa Cabarca*.
5. Recuperación lienzo muralla como espacio público.
6. Senda ambiental interpretativa del casco histórico de Manzaneda.

Para cada propuesta se dispone de una ficha resumen de las actuaciones, incluyendo mediciones y presupuesto de ejecución material que oscila entre los 22.000,00 y 45.000 €, según la actuación concreta. Como cualquier actuación en un bien catalogado con intervención arqueológica, es un proceso dinámico; ya que las directrices de actuación pueden variar según los resultados de las catas y/o del control arqueológico.

Por lo que respecta A PROYECTOS DE MEJORA E INTEGRACIÓN PAISAJÍSTICA DE INFRAESTRUCTURAS DE USO PÚBLICO que se desarrollaron dentro del Programa *"Manzaneda Medra"*, destacamos la mejora de la Plaza Gabino García con la creación del *"Área de la Leyenda, Manzaneda 2012"*; *"Creación y Mejora de la Plaza do Cagallón en Soutelo, Manzaneda 2016"*.

Ambas actuaciones tenían como objetivo mejorar infraestructuras de uso público, para adecuar espacios urbanos medioambientalmente degradados dentro de núcleos rurales. Desde *Gestión y Soluciones Arquitectónicas S.L.P.*, se ha prestado especial atención en favorecer la participación activa de los vecinos. Este hecho permitió que los usuarios se involucrasen en las ideas proyectuales, así como en la gestión y seguimiento en la ejecución; favoreciendo una actitud proactiva para mantener vivos estos espacios públicos.

La creación del espacio destinado a la infancia, denominada *"Área de la Leyenda"*, permitió organizar un espacio residual degradado de la plaza *Gabino García*, creando un pequeño espacio público urbano dotado de mesa cuenta-cuentos y zona de juegos tradicionales, con la finalidad de trasvase a los pequeños de la historia, cultura, tradiciones y juegos característicos de la zona. El resultado es un espacio de descanso y convivencia de los mayores y los pequeños de la zona. Mientras los mayores envainan la baraja de cartas, en las interminables partidas de escoba y brisca, los pequeños se sensibilizan con estos juegos, de los que ya poco saben. Descubren con los mayores los juegos del pasado, piensan con ellos donde pueden jugar a la billarda, a la



peonza, al aro, a los pelouros, al tira-soga, entre otros. Se pasa buenos momentos recordando y perdurando buenos momentos recordando y perdurando los juegos tradicionales, a la vez que se transvasan vivencias y valores del pasado.

El presupuesto de ejecución material ha sido de 8.714,84 €, que se financiaron dentro de un proyecto de integral de *“Creación del espacio destinado a la infancia Área de la Leyenda. Circuito interpretativo en las plazas del casco histórico y recuperación del paseo municipal cara la antiguo puente de San Lázaro”*, con un coste total elegible de 49.969,50 € (IVA excluido); financiados al 70% mediante ayuda económica destinada a subvencionar infraestructuras de uso público en ámbitos urbanos y rurales por parte de los ayuntamientos de Galicia con cargo al *Fondo Europeo de Desarrollo Regional (FEDER 2007-2013)*.



Fig. 6: Imagen *Creación del espacio destinado a la infancia Área de la Leyenda. Circuito interpretativo en las plazas del casco histórico y recuperación del paseo municipal cara la antiguo puente de San Lázaro*

En relación a la *“Creación y Mejora de la Plaza do Cagallón en Soutelo”*, el coste elegible ha sido de 46.459,27 € (IVA excluido) y se ha obtenido una subvención de 37.167, 42 € con cargo a la

medida 7.40 Creación, ampliación y mejora de servicios básicos locales, del Programa de Desarrollo Rural (PDR 2014-2020).

Soutelo, presenta en su parte central una plaza cruce de cuatro caminos con un lavadero público que se encontraba en estado deteriorado. El estado y distribución anterior de la plaza y de las cuatro calles que vertebraban la zona, no permitiendo su uso público adecuado; siendo incluso peligroso el disfrute del uso recreativo público. Surgía por tanto, una necesidad de mejorar y rehabilitar la plaza.

Se propuso una distribución y elementos diferentes:

- paso libre vehicular con protección del viandante y demarcación de la huella de los vehículos: pavimentación con loseta irregular del país con demarcación de huellas de piedra
- Ampliación de la zona de plaza con uso recreativo con zona de estar y juegos de mesa y de lavadero municipal/abrevadero de animales.
- Mejora visual y criterios de acondicionamiento ambiental de la plaza.



Fig. 7: Imagen Proyecto Creación y Mejora Plaza do Cagallón en Soutelo

En cuanto a PROYECTOS DE PASEOS Y RUTAS DE SENDERISMO que discurren por valores ambientales, paisajísticos y naturales, se ha realizado la "Integración Circuito Ambiental en las rutas de senderismo PR-G 137 Soutos de Cesuris y PR-G 138 Val do Glaciar de Prada, Manzaneda

2014" e "*Integración Circuito Ambiental en la ruta A Devesa, Manzaneda 2015*". Ambas actuaciones se han financiado con cargo a las subvenciones en línea competitiva del *Fondo de Compensación Ambiental* destinadas a entidades locales de Galicia. Resolviéndose positivamente la concesión de dichas ayudas en las anualidades 2014 y 2015 por un importe del 70% del coste total elegible de 10.000,05 € y 6.330,84 € IVA incluido).

Los objetivos y directrices de estas actuaciones han sido la valorización de las rutas de senderismo y sendas, con tareas de limpieza y mantenimiento de las rutas; así como la integración en ellas de un circuito ambiental para el conocimiento de los recursos naturales y ambientales que discurren por dichas rutas.

Las actuaciones de los proyectos, se centran en la limpieza de maleza de las rutas, y colocación de paneles, balizas y TIC'S que configuren el circuito ambiental que se integra en las rutas de senderismo. Es decir su cometido no es el de guía y orientación de la ruta de senderismo, sino que son paneles y balizas diseñados específicamente y con una temática exclusivamente del conocimiento y puesta en valor de nuestros recursos naturales y ambientales.

Perseguimos por tanto la conservación y la limpieza de las rutas, lo que también tiene su cometido para la prevención de incendios. Del mismo modo, con la creación de los circuitos ambientales integrados en las rutas, perseguimos una mayor importancia del conocimiento de los recursos naturales y ambientales, para que sean utilizados como paseo ambiental interpretativo y no solamente como una actividad deportiva de senderismo homologada.

La integración en las rutas de un circuito ambiental, consiste en la colocación a lo largo de las rutas de postes balizas de madera e inserto en ellos una placa metálica que hace referencia a características de los valores naturales, así como de consejos y actuaciones a llevar a cabo en el recorrido para el correcto estado y conservación de nuestro espacio natural y ambiental.

A todos los postes cuadrados, se le ha insertado una placa metálica con código QR, haciendo referencia a información extra de los valores naturales y ambientales del recorrido, que podemos descargar con un *smarthphone*. De este modo los visitantes con el uso de las nuevas tecnologías podrán consultar la información de las rutas en *su smarthphone* y consultar el circuito ambiental integrado en las rutas. Por lo tanto para aquellos visitantes que no quieran realizar el recorrido total de las rutas de senderismo y que quieran conocer los recursos naturales y valores ambientales que discurren por ellas, podrán programar y conocer los trazados posibles para ir visitando únicamente los lugares de alto valor natural y ambiental. Este hecho tiene especial incidencia si pensamos en la población mayor o personas con cierta

discapacidad, que no pueden realizar las rutas de senderismo pero quieren conocer los recursos naturales y valores ambientales característicos que discurren por su trazado.



Fig. 8: Imagen de actuaciones de Proyectos de Integración de Circuitos ambientales

En cuanto a actuaciones del Programa “*Manzaneda Medra*” vinculadas a proyectos productivos, desde la corporación municipal y con el apoyo de entre otras entidades, de *Gestión y Soluciones Arquitectónicas S.L.P.*, se realizaron actuaciones de asesoramiento y de apoyo al cooperativismo agroalimentario y ordenación forestal, así como de servicios básicos en el medio rural, que han derivado en actuaciones de emprendimiento, tales como viticultura heroica “*Da Terra Viticultores, 2013*”, centro de conservación y transformación de *castañas* “*Amarelante S Coop Galega, 2014*” chacinería y obtención de productos cárnicos de cerdo celta “*Embutidos Hervella, 2014*”, entidades de prestación de servicios de atención a niños 0 a 3 años “*casa Niño O Bicarelo, 2016*”; así como entidades de prestación de servicios forestales y maquinaria agrícola.

La implementación de actividades del Programa “*Manzaneda Medra*” identifica a Manzaneda como un mundo rural vivo, sensibilizado con las nuevas funciones de la agricultura, centradas

en la conservación y mejora ambiental, histórica y cultural. Se comienza a tener resultados positivos, formando parte de los pocos ayuntamientos ourensanos en el que no disminuye la población,. Asimismo según los datos del observatorio Económico Ourense del INORDE es el segundo Ayuntamiento Ourense con mejor comportamiento de afiliaciones a la Seguridad Social, en el período 2013-2014.

## BIBLIOGRAFIA

- Alvarado Blanco, Segundo y Vega Avelaira, Tomas. *Estudio Histórico y Propuesta de actuación sobre la Muralla de Manzaneda* (Galicia: Manzaneda, 1991), 321-322
- Andrade Cernadas, José M. y Pérez Rodríguez, Francisco .J. *Historia de Galicia: Galicia Medieval*. (Galicia: Sada, 1995), 20-32
- Boga Moscoso, Rubén. *Guía de los castillos medievales de Galicia*. (Galicia: Vigo, 2003), 60-80
- Buceta Brunetti, Gonzalo. Memoria de Consolidación de un tramo de Muralla Medieval en Manzaneda Porta Falsa. (Galicia: Pontevedra, 2015), 2-18
- Cobas Maria. *Manzaneda: Apuesta decidida por los servicios sociales*. 21 de julio de 2015. La Voz de Galicia digital accedido 12 de enero de 2017. <http://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/ourense/manzaneda/2015/06/21/apuesta-decidida-servicios-sociales.htm>
- Consellería de Medio Ambiente, Xunta de Galicia. *Guía Turística y Natural del Concello de Manzaneda*. (Galicia: Santiago de Compostela, 2006), 3-7
- Girola Oderda, Alejandro J. Documento Final de Obra de las de las obras de rehabilitación de lienzo muralla en Porta Falsa- Manzaneda (Galicia: Ourense, 2015), 2-32
- Girola Oderda, Alejandro J. *Propuestas de ordenación en elementos singulares del BIC Muralla Manzaneda* (Galicia: Ourense, 2015), 2-16
- Girola Oderda, Alejandro J. y González López, Enrique. Manzaneda Medieval: circuito interpretativo casco histórico, área leyenda y paseo municipal. 1-16. Premios Conama a la Sostenibilidad de Pequeños y Medianos Municipios, 2012. accedido 16 de enero de 2017 [http://www.premioconama.org/premios12/premios/proyectos\\_popup.php?id=98](http://www.premioconama.org/premios12/premios/proyectos_popup.php?id=98)
- Girola Oderda, Alejandro J. y González López, Enrique. *Memoria Técnica Proyecto Manzaneda Medra* (Galicia: Ourense, 2013), 1-16
- Girola Oderda, Alejandro J. y González López, Enrique. *Proyecto de Recuperación de Abrevadero y Valado Tradicional en Paradela de Abaixo, Manzaneda*. (Galicia: Ourense, 2014), 2-97
- Girola Oderda, Alejandro J. y González López, Enrique. *Proyecto de Creación y Mejora de la Plaza do Cagallón*. (Galicia: Ourense, 2016), 2-97
- Girola Oderda, Alejandro J. y González López, Enrique. Proyecto de Mejora del Paisaje Agrario en Rebodépó - Manzaneda (Galicia: Ourense, 2016), 3-12

- González López, Enrique. *Integración Circuito Ambiental en las rutas de senderismo PR-G 137 Soutos de Cesuris y PR-G 138 Val do Glaciar de Prada, Manzaneda* (Galicia: Ourense, 2014), 3-8
- González López, Enrique. *Integración Circuito Ambiental en la ruta A Devesa, Manzaneda* (Galicia: Ourense, 2015),3
- Nieto Muñiz, E.B. *Control Arqueológico. Control Arqueológico de las obras de rehabilitación de lienzo muralla en Porta Falsa- Manzaneda* (Galicia: Ourense, 2015), 2-26
- Pérez de Juan Romero, Luis. *Plan Especial de Protección del Casco Histórico de Manzaneda*. (Galicia: Manzaneda, 2011), 21-73
- Ramos Eduardo y Garrido Dolores. *Desarrollo Rural Territorial: Metodología y aplicación para el Estudio de Casos*. *Ministerio de Medioambiente y Medio Rural y Marino* (España: Madrid, 2011),55-96
- Rodríguez Vega, Francisco y Domínguez Real, Ramiro. *Proyecto Básico y de Ejecución Rehabilitación Lienzo Muralla Manzaneda en Zona Porta Falsa*. (Galicia: Santiago de Compostela, 2012), 5-27



## **PAISAGENS DA DESTRUIÇÃO.**

### **O CASO DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM EM MARIANA, BRASIL**

Altamiro Sérgio Mol Bessa e Fernanda Cristina de Souza Paz

**Resumo:** O presente artigo objetiva refletir sobre as visões do paraíso no contexto do turismo, tendo como referência a projeção desse olhar a partir das representações postas sobre a paisagem da Costa do Dendê no estado da Bahia, Brasil. O caminho teórico-metodológico proposto, perpassa pela concepção dos discursos que se fazem presentes na construção da paisagem edênica que são postos no campo das concepções, percepções e vivências sobre o espaço, que no caso das formas de se fazer o turismo, produzem muitas vezes enclaves que destoam no contexto da totalidade da produção do espaço, sendo necessário o questionamento sobre discursos, materialidades quando objetificados e imagens sobre o paraíso: para quem? Para que? E a quem atende? Premissa necessária e presente no contexto da discussão sobre a paisagem, que quando mercantilizada escamoteia determinados processos e mesmo a presença de determinados agentes sociais, cabendo um exercício sobre o olhar muitas vezes para o além do visível e mesmo do que é dito (na oralidade e na escrita), resgatando os seus contextos e nexos presentes, aqui repensados a partir do estudo de caso sobre a Costa do Dendê.

**Palavras Chave:** Paraíso; Contexto; Representação; Paisagem; Costa do Dendê.

# LANDSCAPES OF DESTRUCTION.

## THE CASE OF THE DAMROCK BREAK IN MARIANA, BRASIL

Altamiro Sérgio Mol Bessa e Fernanda Cristina de Souza Paz

**Abstract:** This article aims to reflect about the visions of paradise in the tourism context, having as its reference the look projection from the representations placed on Dendê Coast landscape at Bahia state, Brazil. The proposed theoretical-methodological path permeates the conception of discourses that are in the construction of the Edenic landscape placed in the field of conceptions, perceptions and experiences about the space, which, in the case of how to do tourism, produce, many times, enclaves that differ in the context of the totality of production space, being necessary to question about speeches, materiality when objectified, and images about paradise: for whom? For what? And who it meets? Necessary and present premise in the context of the landscape discussion, which, when commodified, conceal certain processes and even the presence of certain social agents, fitting an exercise on the look often beyond the visible and even of what is said (orally and written), rescuing their contexts and present nexuses, here rethought from the case study about Dendê Coast.

**Keywords:** Paradise; Context; Representation; Landscape; Dendê Coast.



# **PAISAGENS DA DESTRUIÇÃO.**

## **O CASO DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM EM MARIANA, BRASIL**

Altamiro Sérgio Mol Bessa e Fernanda Cristina de Souza Paz

### **1 - INTRODUÇÃO**

As paisagens são expressões da evolução histórica das sociedades, que terminam por revelar as valorações seletivas que elas atribuem aos seus lugares. Os fatores socioeconômicos que vão produzir as marcas nas paisagens, o fazem de forma desigual, num processo de “destruição programada”, na qual a modernização contínua de porções dos territórios opera desvalorizando, senão mesmo destruindo, de forma localizada, não homogênea, “formas e habilidades do passado e, na esteira dessa destruição, novas formas são geradas para atender às ações reclamadas pelas particularidades do processo de modernização” (Leite 2006, 11). A formação da paisagem brasileira, desde a sua origem, tem sido marcada por esta lógica, na qual, como de resto em toda construção paisagística, está implicada uma dose de violência, toda vez que o novo se impõe sobre o estabelecido.

Contudo, pela natureza histórica do processo produtivo brasileiro, orientado, desde os seus primórdios, sob a lógica de uma grande empresa comercial na qual o “descobridor, antes de ver a terra, antes de estudar as gentes, antes de sentir a presença da religião, queria saber de ouro e prata” (Faoro 2001, 117), esta violência, além de constante, incontáveis vezes manifesta-se como barbáries programadas, posto que produtoras de cicatrizes previsíveis e, posteriormente, facilmente apagadas da memória coletiva.

Inicialmente, a expressão bárbaro designava todo não grego, que numa relação de subordinação, estaria num “estágio primitivo”, inferior. Na idade moderna, o par bárbaro-heleno se desloca para bárbaro-civilizado, este último portador de humanidade cristã, ampliando sua abrangência para, hoje, poder designar corporações, grupos ou até uma civilização inteira, que pode ser denunciada como bárbara, “no sentido de que ela escolhe os

métodos da violência para avançar e desenvolver um dinamismo destruidor contrário as suas pretensões ou aos seus princípios” (Tosel 2002, 242).

Este ensaio, ao discutir o rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro em Mariana, Brasil, dadas a violência da ocorrência, as proporções dos danos provocados, a impotência dos atingidos e a sua previsibilidade, trata o acontecimento como uma barbárie programada, interior ao próprio processo civilizatório brasileiro, cujas raízes foram plantadas no período colonial, e que elegeu um primeiro inimigo a ser vencido: a natureza, de cuja destruição viriam os lucros da empresa mercantil colonial.

Ao deslindar as paisagens da destruição provocadas pela barbárie de Mariana, o texto apoia-se especialmente no pensamento do historiador Nicolau Sevcenko, que reflete a respeito da forma de construção paisagística que se instala no Brasil, no contexto da colonização européia, e que deixou marcas profundas na nossa maneira de ver e construir paisagens, ancorada em duas formas de percepção dos lugares: de um lado, como paisagem, objeto do desejo, produzida por aqueles que amam as paisagens, a expressam pelas artes, como cientistas, pintores, poetas e etc.; e de outro, o território como algo apenas a ser desbravado, aquilo que não é paisagem, mas apenas mata ou minérios a serem explorados comercialmente. Projeção desejante de um lado e prática agressiva de outro são, para Sevcenko, a raiz de nossa herança paisagística que condiciona até os dias de hoje a maneira como enxergamos e intervimos no nosso próprio território.

O ensaio procurará mostrar que a mineração que provocou o desastre de Mariana, ao intervir num território de grande beleza cênica e reconhecido valor patrimonial, sem maiores preocupações em preservá-lo, mostra nenhuma projeção desejante e tão somente prática destrutiva, buscando unicamente o lucro. Assim, transforma a natureza brasileira, usando uma metáfora de Sevcenko (2012, 119), de “paraíso para a carcaça” e, neste cenário, o que resta da paisagem é apenas a “vontade de gozar e tocar o que já sabemos de antemão que está irremediavelmente e para sempre perdido, e que só podemos hoje evocar como uma forma vaga e melancólica de nostalgia.”

## **2 - PAISAGENS MINERÁRIAS BRASILEIRAS: “DE PARAÍSO À CARCAÇA.”**

“Se observarmos o processo de expansão européia sob essa condição da expansão colonial podemos muito bem interpretá-lo como uma guerra declarada contra a natureza”. Assim Sevcenko (1991, 110), inicia o seu ensaio publicado em 1996 na Revista da Universidade de São Paulo, sob o título O Front Brasileiro na Guerra Verde: Vegetais, Colonialismos e Cultura. Para

esse autor, a expansão colonial europeia deu-se às custas da exploração de recursos naturais, vegetais e minerais e que os colonizadores, dentro do processo de colonização, agiam por duas formas de percepção peculiares aos europeus. A primeira é

[...] o impulso desejante; essa espécie de sentimento assinalado particularmente no exemplo do voyeurismo de Jean de Léry, e que é o desejo pelo desconhecido, a vontade de conquistar, de penetrar naquilo que é virgem e indevassável, intocado. E esse é um ato bastante sensual, bastante sensorial, tanto que é produzido por pessoas que se entregam largamente ao jogo do sentido, daqueles que gostam de ver longamente, que sentem os cheiros, que tocam a vegetação, as areias finas, que sentem o calor ou o frescor do ambiente. Gente, portanto, que propriamente constrói algo que pode ser chamado de paisagem, e vê nessa paisagem a fonte de um ato de adoração e a projeção de um ato de desejo. A paisagem é coisa amada, e é por isso que pintam ou produzem imagens, ilustrações, ou então escrevem, fazem poesia a respeito da natureza assim transfigurada em objeto de desejo (Sevcenko 1996, 110).

A segunda forma de percepção europeia é

[...] a mesmo conhecendo as melhores técnicas de prevenção e manejo da atividade, não se preocuparam em aplicá-las, com vistas a salvaguardar vidas, ambiências e o patrimônio cultural, rio. E, nesse sentido, o que o colonizador tem diante de si não é mais paisagem, o que ele tem diante de si é a mata ou o sertão bravio - e a ênfase aí vai na expressão bravio, porque o ato realmente dignificante desse indivíduo é o do desbravamento. Desbravar, romper aquela virgindade nativa, e agressivamente impor o seu controle e o seu domínio sobre a natureza. Natureza que, por sua vez aparece aqui como o inimigo a ser vencido e espoliado (Sevcenko 1996, 110-111).

Prossegue o autor que a colonização brasileira foi comandada por duas cores fundamentais: o verde da mata e o vermelho do fogo das queimadas e da destruição. Deixados aqui sozinhos, os primeiros homens que ocuparam o Brasil, depois que as caravelas retornavam, sem mais nada que os ligasse à Europa, não tinham outra alternativa senão marchar adiante, eliminado aquele verde, de onde saíam as feras, os mosquitos, os índios. "Porque o verde é o perigo, a possibilidade iminente de sua extinção física. Nessa direção é que se constrói a lógica da ocupação predatória da terra e é assim que se desenvolve a sensibilidade nativa com relação à natureza. [...] Não mais como paisagem" (Sevcenko 1996, 111).

Outros intelectuais e escritores brasileiros também criticaram a empresa colonial portuguesa pelo seu caráter predatório, extensivo e expansionista, que já nas primeiras décadas após o descobrimento do Brasil provocou a extinção do pau-brasil (Faoro 2001, 125). O discurso das elites que, sustentadas pela visão edênica, no início dos descobrimentos promoveram a América como o lugar do paraíso e da utopia, é desmascarado quando a Europa impõe seu "estilo

comercial, seu sistema de exploração, o encantamento se retrai, e o duro dia-a-dia, amargo e sem perspectivas, falará sua linguagem” (Faoro 2001, 125).

Ainda sobre a colonização brasileira nos primeiros tempos, relata Prado (2012, 45):

Águas e matas foram a surpresa e o encanto dos descobridores. Da beleza das paisagens não cuidavam. Não era, nem do tempo nem da raça, o amor à natureza. Camões não soube ver e apreciar os encantos da vegetação tropical: só interessavam as especiarias e os produtos comerciais. Humboldt nota que na sua ilha encantada só descreve plantas européias. A mesma indiferença ou incompreensão é notável nos que aqui primeiro enfrentaram a terra recém-achada.

Os primeiros habitantes do Brasil permaneceram na costa por cerca de três séculos, onde ficavam “arranhando as terras ao longo do mar como caranguejos”, conforme relatou Frei Vicente de Salvador (Prado Junior 2006, 39). Com a descoberta de ouro e pedras preciosas nas Minas Gerais vão, de forma brusca, migrar do litoral para o interior da Colônia em busca de riqueza fácil. “De tão brusca e violenta que é [a ocupação das minas], até perde contato com as fontes onde brotou” (Prado Junior 2006, 39).

Os núcleos mineradores que vão surgindo, muito longe dos pontos de partida dos movimentos migratórios, se formam em torno das explorações do centro de Minas Gerais, numa faixa que se estende de sul a norte, da bacia do rio Grande às nascentes do Jequitinhonha. Surgem, nesses locais, aglomerações humanas, às vezes bem próximas uma das outras, e cujas principais, no século XVIII, eram São João, São José del-Rei (Tiradentes), Vila Rica (Ouro Preto), Mariana, Caeté, Sabará, Vila do Príncipe (Serro) e Arraial do Tejuco (Diamantina)” (Prado Junior, 2006).

Essa ocupação das Minas provocou um processo de urbanização que logo deixa de ser a “coisa provisória”, que caracterizou os primeiros assentamentos fundados pelos aventureiros, estimulando “o desenvolvimento de atividades mercantis necessárias ao abastecimento das áreas mineradoras, favorecendo a articulação não só entre regiões da capitania, como também com outras capitanias e com a própria metrópole” (Moraes 2007, 64). Meio século depois da descoberta do ouro, a região das Minas era a mais populosa e rica da colônia, com vida social ativa, extensa rede urbana, cidades com rico patrimônio arquitetônico e artístico. Após algumas décadas, no entanto, os aluviões começam a se esgotar e, ao fim do século XVIII, já começava a decadência, com toda a região submergindo “numa economia de pobreza, com regressão cultural resultante” (Ribeiro 2006, 344).

Para Prado Junior (2006, 171), pouco da riqueza daquele período ficou entre nós, pois foi drenada para fora do país, deixando alguns vestígios e uma “prodigiosa destruição dos recursos

naturais que semeou pelos distritos mineradores, e que ainda hoje fere a vista do observador; e também este aspecto geral de ruína que em princípio do século passado Saint Hilaire notava consternado, e que não apagou de todo em nossos dias". Contudo, em determinadas localidades como Mariana, onde se localiza o nosso objeto de estudo, restou intacto um rico patrimônio cultural, construído com a riqueza do ouro e dos diamantes, que se manteve de certa forma protegido pelo processo de estagnação econômica que se seguiu àquele ciclo.

A partir do séc. XIX, a atividade mineradora volta a ser relevante em Minas Gerais, agora com a exploração de outros minerais, principalmente do minério de ferro. Atualmente, o Brasil é o segundo produtor mundial de minério de ferro e Minas, no país, é o primeiro lugar. Muitos destes empreendimentos são comandados por grandes empresas e produzem forte impacto nas paisagens, não só pela natureza extensiva do processo de extração e contenção de rejeitos, mas pela prática das mineradoras de adquirirem vastas porções de terras em suas áreas de entorno. A presença forte destes empreendimentos, faz com que as "empresas mineradoras tenham grande poder de decisão sobre os usos futuros do território, influenciando não apenas nos aspectos sócioeconômicos, dos quais os municípios são extremamente dependentes, como também nas relações identitárias das comunidades locais" (Carsalade et al 2012, 7). Muitos são, portanto, os conflitos que surgem entre as grandes mineradoras e as comunidades locais, algumas ainda assentadas em núcleos mineradores setecentistas ou oitocentistas, que buscam preservar suas identidades e valores, especialmente o apreço que sempre nutriram pelas suas paisagens.

As áreas de mineração hoje instaladas em Minas Gerais têm se apresentado como verdadeiros enclaves nos territórios, provocando processos de exclusão, alienação e desterritorialização, "agravados pelas relações internacionais de mercado para as quais as mineradoras têm se voltado quase exclusivamente" (Carsalade et al 2012, 7). As principais características destes empreendimentos são: i. a escala dos impactos, especialmente ambientais e paisagísticos, inclusive no pós-fechamento, que não são mitigados como deviam, embora quase sempre busquem cumprir a legislação, que precisa ser atualizada: "A recuperação ambiental e a recomposição da paisagem não implicam o retorno à sua configuração original, mas é possível considerar, na perspectiva de criação de novas paisagens, o estabelecimento de bases consensuais e socialmente construídas (Carsalade et al 2012, 8); ii. "os planos e ações de recuperação e recomposição têm expressado atitudes de deliberada "exclusão territorial" e as mineradoras terminam por constituir "propriedades delimitadas com acesso restrito e segurança, relativamente distantes das áreas urbanizadas". iii. "As mineradoras estabelecem níveis bastante baixos de interação com os municípios onde se instalam" (Carsalade et al 2012, 8).

Embora a legislação brasileira se baseie em três pilares - a função social da propriedade, a recomposição ambiental e a riqueza do subsolo como propriedade da União - e pressuponha uma ação concorrente entre estados, municípios e federação, com competência comum nas atividades de registro, acompanhamento e fiscalização das concessões de direitos de pesquisa e exploração de recursos hídricos e minerais em seus territórios, de fato, as questões socioculturais, talvez por não serem explicitamente indicadas na legislação, fazem com que o meio ambiente seja o único alvo das compensações legais. Acresce-se a essa lacuna a dificuldade de lidar com o setor minerador face à importância econômica que a atividade possui (Carsalade et al 2012, 8).

### **3 - O DESASTRE DE MARIANA**

Como relatado no item anterior, Minas Gerais, hoje, voltou a ser campo de expressiva atividade minerária, na qual são explorados principalmente o minério de ferro. No Estado, de acordo com o Ibram (2014), são extraídos mais de 160 milhões de toneladas/ano de minério de ferro e a sua produção representa aproximadamente 53% da produção brasileira de minerais metálicos e 29% de minérios em geral. Ainda de acordo com a mesma fonte, há hoje mais de 300 minas em operação no Estado, sendo que 40 delas estão entre as 100 maiores do Brasil.

Muitos desses empreendimentos estão em lugares onde ainda subsiste um patrimônio natural e cultural expressivo, constituído por núcleos coloniais relativamente preservados, serras, cachoeiras, fazendas coloniais, dentre outras riquezas. Este é o caso do município de Mariana, onde localiza-se o nosso objeto de estudo, que foi a primeira vila, primeira capital, primeira sede de bispado e primeira cidade projetada de Minas Gerais.

Em Mariana, mais especificamente no distrito de Santa Rita Durão, a empresa Samarco Mineração S.A, controlada pelas multinacionais Vale S.A, brasileira, e BHP Billiton Brasil S.A, australiana, instalou e operava a Mina do Germano, um complexo que possuía três barragens utilizadas como destinação dos rejeitos<sup>1</sup> : Germano, construída em 1977, Santarém, em 1994 e Fundão, em 2008 (Samarco 2016). Na Fig. 1, sobre a imagem de satélite e assinaladas em amarelo, vê-se, à esquerda, a localização das barragens de Germano e Fundão, ao centro a barragem de Santarém e a jusante, à direita na imagem, localização do distrito de Bento Rodrigues, que foi destruído pelo desastre.

---

<sup>1</sup> O rejeito é o material não utilizado após a separação do minério da rocha sendo depositado em forma de polpa, ou seja, uma mistura de sólidos e água.



Fig. 1: Localização das barragens de rejeito no Complexo Minerário de Germano

Fonte: Imagem do Software GoogleEarth. Acesso em 18 dez. 2016

Na mineração, o beneficiamento do minério é realizado através de um processo mecânico e/ou químico, onde é dividido o material bruto em concentrado e rejeitos. A disposição dos rejeitos depende dos objetivos econômicos das empresas, mas no caso do minério de ferro, normalmente, são utilizadas as barragens para seu armazenamento.

Essas barragens de rejeitos de minério de ferro são estruturas que têm a finalidade de reter os resíduos sólidos e água dos processos de beneficiamento. Os resíduos sólidos se acomodam na parte inferior e a água é decantada para a parte superior onde uma parcela evapora e a restante é drenada. Nas estruturas da construção de uma barragem de rejeitos é importante a escolha da localização até o fechamento, que deve seguir as normas ambientais e os critérios econômicos, geotécnicos, estruturais, sociais, de segurança e risco.

Barragens de rejeitos são normalmente grandes estruturas, construídas em concavidades naturais no topo das montanhas:

Vista de cima, uma barragem de rejeito se assemelha a um deserto. Olhada de baixo, a impressão que provoca não é menos aflitiva. Fundão, por exemplo, com 898 metros acima do nível do mar, era uma colossal montanha construída pelo homem, recheada de rejeito mineral. Sua área de superfície era de 3,4 milhões de metros quadrados, o dobro do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. O volume de rejeitos ali armazenado era espantoso: 55 milhões de metros cúbicos, o equivalente a quase dez vezes o volume da Lagoa Rodrigo de Freitas, a imensa massa de água na Zona Sul carioca (Diegues 2016, 5)

A empresa Samarco estava executando um processo de alteamento<sup>2</sup> da barragem do Fundão, quando, no dia 05 de novembro de 2015, ela se rompeu provocando o lançamento dos rejeitos na barragem de Santarém, que sofreu um galgamento e provocou a formação de uma onda de lama de aproximadamente 34 milhões de metros cúbicos (Ibama, 2016). A segunda barragem era constituída por um maior volume de água tornando os rejeitos, provenientes do Fundão, mais fluidos, o que ocasionou um aumento da velocidade de escoamento.

A lama formada pelos rejeitos das duas barragens percorreu o vale do Rio Gualaxo Norte por 55km até chegar no Rio Carmo e após 22km entrou no curso do Rio Doce, principal de sua bacia. Os rejeitos foram carreados pelo Rio Doce até sua foz no Oceano Atlântico, chegando pelo distrito de Regência, no município de Linhares, Estado do Espírito Santo, no dia 21 de novembro de 2015 (Ibama, 2016). O percurso da lama é o mostrado na Fig. 2.

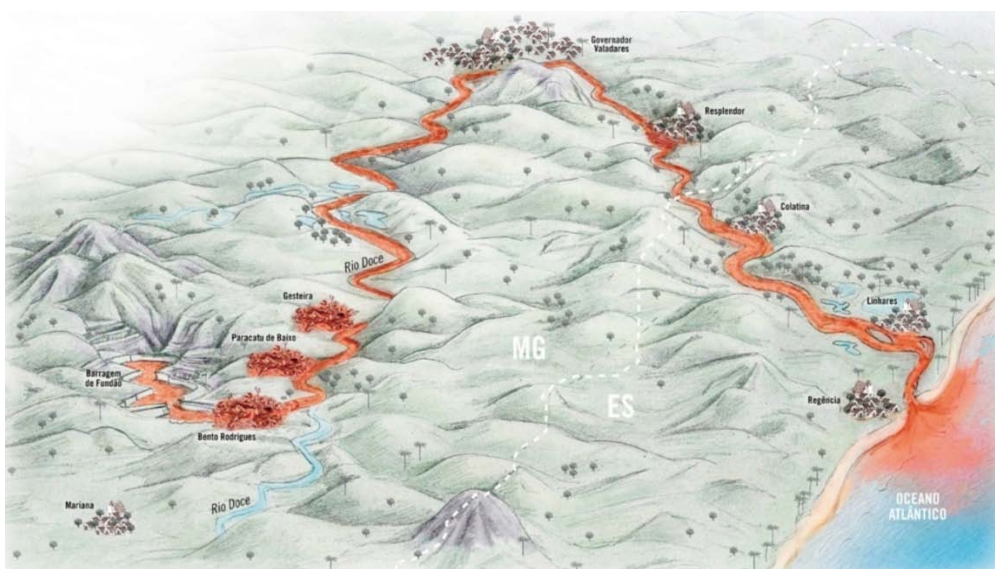


Fig. 2: Percurso da lama, da origem ao Oceano Atlântico

Fonte: Dieguez (2016)

Por este percurso de, aproximadamente 663 km, a lama de rejeitos atingiu trinta e seis cidades do Estado de Minas Gerais e três do Estado do Espírito Santo, provocou danos ambientais, econômicos e sociais diretos como a destruição de edificações, pontes, vias e demais equipamentos urbanos; área de preservação permanente; biodiversidade aquática e plantações. Também causou a morte de 13 pessoas, isolamento de comunidades, proibição a pesca e atividades econômicas provenientes dos cursos d'água atingidos, interrupção de energia elétrica e abastecimento de água de municípios que captavam do Rio Doce, entre diversos outros impactos ainda não mensurados.

<sup>2</sup> O alteamento é realizado objetivando-se aumentar a capacidade de armazenamento de uma barragem.



Os danos causados são considerados degressivos, ou seja, quanto mais próximos a barragem maiores foram os impactos. Dentre as comunidades que tiveram sua estrutura urbana impactada, o subdistrito de Bento Rodrigues, localizado no município de Mariana, foi o primeiro a ser atingido pela onda de lama, após aproximadamente 40 minutos do rompimento. Este povoado localizava-se a jusante da barragem de Santarém, há aproximadamente 2km em linha reta, no percurso de drenagem da lama formada pelos rejeitos de ambas as barragens. Pela curta distância, o barulho do rompimento foi ouvido no subdistrito e, juntamente com solicitações, por meio telefônico, de funcionários da empresa com famílias no local, houve a evacuação de grande parte dos habitantes para as partes mais altas do povoado. O impacto dos rejeitos provocou a destruição de toda a estrutura urbana, principalmente edificações, vias de circulação e vegetação.

O acesso a Bento Rodrigues era realizado por estradas não pavimentadas que ficaram bloqueadas pela lama. Desta forma, a comunidade ficou isolada e o trabalho de resgate foi realizado por meio de helicóptero. Além da estrutura urbana, o patrimônio cultural, caracterizado pela existência de acervos sacros dos séculos XVIII e XIX e protegidos em nível municipal, foi ameaçado sendo necessária a retirada de peças das igrejas atingidas. A capela de São Bento, cuja origem remonta a 1718, foi totalmente destruída, restando apenas parte das estruturas de pedra. A capela de Nossa Senhora das Mercês, também do século XVIII, situada na parte mais alta do subdistrito de Bento Rodrigues, ficou ilhada pela lama, exposta ao risco de furtos.

O subdistrito de Bento Rodrigues era considerado um dos mais antigos arraiais da região central de Minas Gerais e a onda de lama destruiu seu ambiente físico, como também a história de toda a comunidade de um local que participou do desenvolvimento do ciclo do ouro em Minas Gerais. A população foi desalojada e relocada em casas ou apartamentos de aluguel no município de Mariana e atualmente sofre pela perda de seus bens pessoais e patrimoniais como também de sua identidade.

Inúmeros relatos dos atingidos pela lama impressionam e reforçam a necessidade dos pesquisadores e estudiosos da paisagem não só olhar os fenômenos do alto, de sobrevôo, mas descer aos lugares, ouvir as pessoas, pois a proximidade nos aproxima da experiência com as coisas. Como ensina Besse (2006, 106), a paisagem é uma experiência, que é “ao mesmo tempo, inserção súbita no grande acontecimento do mundo e descoberta da presença deste acontecimento em nós”. Na sequência, como uma ilustração do impacto da barbárie do ocorrido para as pessoas simples e anônimas, é transcrito um expressivo depoimento de uma jornalista que ouviu os atingidos logo após o acontecimento:

Um pouco antes das quatro da tarde, Bento Rodrigues deixou de existir. A gigantesca onda de lama invadiu a vila, engolfando casas, estourando vidros, arrastando móveis, roupas, brinquedos, panelas e todas as histórias de vida. Muitos animais que estavam presos no momento em que a onda chegou também foram levados. Cachorros, gatos, cavalos, galinhas, porcos, passarinhos engaiolados não tiveram chance. Rolaram com telhados, janelas, o altar da igreja de mais de 300 anos, árvores e automóveis.

Os moradores assistiram ao mar vermelho passar por telhados e cobrir rapidamente toda a vila. Como ficaram ilhados em pontos diferentes, ninguém sabia quem havia sobrevivido. Mães gritavam pelos filhos, filhos gritavam pelas mães. Adultos e crianças choravam. Alguns moradores formaram uma corrente humana e resgataram vizinhos que iam sendo arrastados pelo entulho líquido. Wesley Pinto Izabel era um deles. Ao ser retirado da lama, ele pedia que salvassem o filho, de 2 anos, que começava a afundar. Um rapaz se atirou na enxurrada e puxou a criança. A filha de Wesley Izabel, Emanuely Fernandes, de 5 anos, se perdeu e foi levada pela onda (Diegues, 2016).

A sequência de imagens mostradas nas Fig.s 3, 4, 5 e 6 mostram panorâmicas de Bento Rodrigues antes e após o evento.

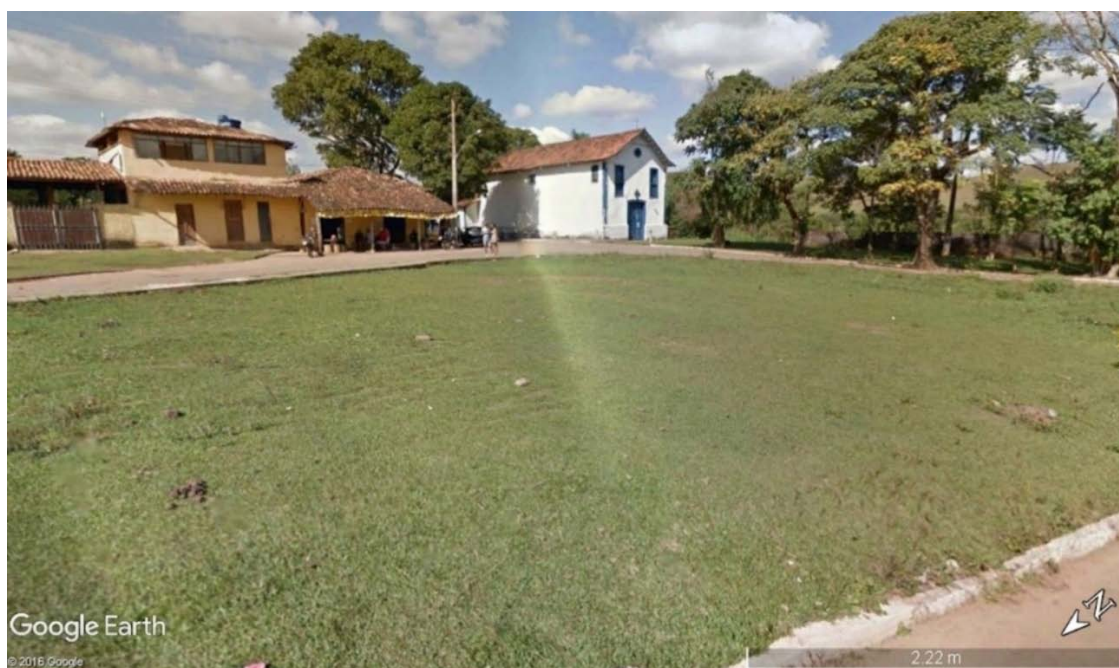


Fig. 3: Igreja de São Bento, antes do evento.

Fonte: Imagem extraída do Programa GoogleEarth- StreetView





Fig. 4: Uma rua em Bento Rodrigues, antes do evento.

Fonte: Imagem extraída do Programa GoogleEarth- StreetView



Fig. 5: Bento Rodrigues, após o evento.

Fonte: Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais, 2015





Fig. 6: Destroços em Bento Rodrigues, após o evento.

Fonte: Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais, 2015

Depois do subdistrito de Bento Rodrigues, a onda de rejeitos atingiu o distrito de Paracatu de Baixo, ainda no município de Mariana e Gesteira, distrito de Barra Longa. Posteriormente seguiu em direção a Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, conhecida como Candonga, causando assoreamento e interrupção da geração de energia elétrica. Posteriormente, seguiu pelo leito do Rio Doce, causando a impossibilidade de uso da água para abastecimento urbano e rural.

Por volta das sete da manhã, dezesseis horas após o rompimento de Fundão, a onda encontrou o primeiro obstáculo nos 102 quilômetros que percorrera até ali: o paredão de concreto da barragem da usina hidrelétrica de Candonga. Os técnicos chegaram a acreditar que naquele ponto ela seria contida, mas o volume era tamanho que logo a usina precisou abrir as comportas para escoar parte do resíduo acumulado. Se não o fizesse, havia o risco de a barragem não suportar o peso e também se romper, aumentando a tragédia. Quando as comportas se abriram, a

onda desceu com força de catarata. Um mingau espesso da cor de mertiolate, impregnado de rejeito de minério, avançou pelo rio Doce [...] (Dieguez 2016).

Os sedimentos carregados pelas águas possuem alta densidade contribuindo para a sedimentação no fundo do leito dos cursos d'água prejudicando a biodiversidade deste ambiente. Além disso, seu alto índice de turbidez dificulta a oxigenação aquática, sendo uma das causas da mortandade de peixes. Por serem material sem matéria orgânica, os rejeitos que se depositam no solo dificultam a recuperação e desenvolvimento de espécies originais do ecossistema. Estes são apenas alguns exemplos dos danos à bacia do Rio Doce causados pela onda de rejeitos; sua extensão real ainda não foi mensurada pelos órgãos ambientais.

Além de todos os danos ambientais e sociais, a população atingida ainda tem sofrido duplo preconceito por parte dos moradores de Mariana: i. A atividade de mineração reverte parte de seus lucros para o município por meio de uma Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais, o conhecido *royalt* do setor minerário. Assim, o município de Mariana recebia mensalmente uma quantia monetária pela operação da Samarco. Após o rompimento da barragem, a empresa teve suas atividades embargadas resultando em diminuição do valor repassado e dos empregos diretos ou indiretos ligados à atividade; os marianenses acusam os atingidos por esta situação; ii. Como os atingidos foram abrigados provisoriamente em moradias de aluguel ou hotéis distribuídos pelo município e ainda têm recebido auxílio pela interrupção de sua atividade econômica, têm sofrido o estigma de preguiçosos.

O surpreendente também neste acontecimento foi perceber o despreparo das autoridades públicas e dos responsáveis pelos empreendimentos para lidar com uma situação de emergência. Dados o tamanho das estruturas de contenção de rejeitos e as condições de sua implantação, era de se esperar que um sofisticado e eficiente plano de emergência fosse imediatamente colocado em prática. O que se viu, ao contrário, revelou despreparo e perplexidade diante do desastre. Quanto ao plano de emergência, declara (Dieguez 2016, 10), "A Samarco não tinha nenhum. Logo se descobriria que o plano que a empresa encomendara em 2009 à consultoria RTI, de São Paulo, especializada em controle de risco, fora engavetado para reduzir custos". Neste plano não implantado, incluía-se "alerta às comunidades próximas, previamente treinadas para agir em caso de rompimento, além de instalação de sirenes. Também fora prevista a construção de diques ao longo do vale, que freariam a lama no caso de ruptura". Se isto tivesse sido colocado em prática, talvez os danos pudessem ter sido menores.

Sintetizamos a apresentação deste caso com um trecho da denúncia apresentada pelo Ministério Público Federal à Justiça Federal brasileira, na qual os Procuradores consignam:

As vítimas já foram identificadas. Todos aqueles que perderam suas vidas não imaginavam que estavam no caminho da lama e dos rejeitos após rompimento de uma barragem cujos erros técnicos de implementação e manutenção foram conscientemente manipulados para reduzir custos e aumentar dividendos. Sequer foi dada a chance de defesa aos que perderam suas vidas. Não houve aviso. Sequer se pode dizer que havia um plano emergencial, nada além de um esboço para cumprir tabela - e por tabela - a lei. E no decorrer dos anos em que se sucederam inúmeras ações humanas por parte das empresas envolvidas, de seus dirigentes e de seu corpo técnico (todos com ciência do sinistro iminente), referidas ações se limitaram a maquiar a realidade, buscando ganhar tempo com medidas de intervenção ambiental tecnicamente duvidosas sob o ponto de vista do conhecimento acadêmico mais elementar (Ministério Público Federal 2016).

#### **4 - CONCLUSÕES**

A violência, o terror e a barbárie deixam marcas na paisagem, categoria privilegiada que tem na percepção estética o instrumento de entendimento dos conflitos e ações das sociedades. Tais marcas podem ser pequenas fissuras sistemáticas e cotidianas, que vão provocando rompimento da nossa experiência perceptiva, individual ou coletiva, danos que terminam por nos dessensibilizar e empobrecer, ou cicatrizes contundentes, resultado de acontecimentos espetaculares. Dadas a violência da ocorrência, as proporções dos danos ambientais, paisagísticos, culturais, econômicos e sociais e a impotência dos atingidos face ao ocorrido, a tragédia de Mariana caracteriza-se como uma barbárie.

Que razões contribuíram para que ela ocorresse? Falta de competência técnica? Desconhecimento das técnicas de planejamento de barragens de rejeitos? Uma série de perguntas neste sentido poderiam aqui ser aqui elencadas, colocando em dúvida a capacidade técnica dos empreendedores e autoridades públicas para atenuar-lhes a culpa pelo ocorrido. Mas nenhuma resposta neste sentido seria convincente, já que é sabido que a engenharia nacional, há muito, tem capacidade, internacionalmente reconhecida nesta e noutros campos do seu domínio, para planejar e prevenir a ocorrência deste tipo de evento.

O que o ensaio procurou evidenciar é que a resposta ao que teria prioritariamente produzido a barbárie de Mariana é uma persistente ideia de que o ambiente é algo a ser explorado ao máximo e, ao seu esgotamento, abandonado como inservível. Para os responsáveis pela barbárie, a paisagem não seria matéria de sua competência. Cabe-lhes, a exemplo de grande parte dos nossos antepassados, tão somente a operação mercantil de exploração, transformando os territórios em carcaças. Tal carcaça, no caso examinado, ficou explicitada para todo o mundo nos milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro que desceram pelos cursos d'água, matando pessoas, destruindo vilas seculares, provocando danos à fauna e

à flora das áreas atingidas, desempregando pescadores e aqueles que vivem da atividade de turismo, dentre outras consequências ainda não totalmente mensuradas.

A atividade responsável pelo desastre relatado seguia o receituário de uma parte das mineradoras que atuam no Brasil, cujas principais características são um forte domínio dos territórios e baixa interação com eles e os minerais como única riqueza a ser considerada. No caso estudado, ficou patente que a empresa, embora vinculada a grupos econômicos multinacionais e poderosos, negligenciou a elaboração de planos de prevenção e emergência e manipulou as técnicas de prevenção e manejo da atividade em favor de maior lucratividade, segundo palavras dos procuradores federais.

Tudo o que foi discutido nesse ensaio revela a persistência, ainda hoje, de um paradigma exploratório que despreza o patrimônio imaterial e paisagístico, que passa a ter pouca ou nenhuma importância. Trata-se de um modelo destrutivo sem nenhuma projeção desejante de construir uma paisagem qualificada como lugar de vida das pessoas.

## 5 - BIBLIOGRAFIA

- Besse, Jean-Marc. 2006. "Nas dobras do mundo. Paisagem e filosofia segundo Péguy". In *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*, editado por Jean-Marc Besse, 97-106. São Paulo: Perspectiva
- Carsalade, Flávio, e Moraes Fernanda, e Accioly Sabrina, e Abreu, Renata, e Crespo, Jeanne, e Bessa Altamiro, e Araújo, Fabiana. 2012. "Mineração em Minas Gerais. Território e Paisagem Cultural." Artigo apresentado no I Seminário Internacional de Reconversão de Territórios, Belo Horizonte, Minas Gerais, Outubro 21-23
- Dieguez, Consuelo. 2016. "A onda. Uma Reconstituição da Tragédia de Mariana, o Maior Desastre Ambiental do País." Revista Piauí 118. Acessado Dezembro, 23, 2016. <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-onda-de-mariana/>.
- Faoro, Raimundo. 2001. Os Donos do Poder. Formação do Patronato Político Brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Globo
- Ibama- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente. 2016. "Nota Técnica nº 001/2016 - Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta Relativo ao Rompimento da Barragem do Fundão em Mariana/MG." Acessado Dezembro 05, 2016. <http://www.ibama.gov.br.html>
- Ibram- Instituto Brasileiro de Mineração. 2014. "Informações sobre a Economia Mineral do Estado de Minas Gerais." Acessado Janeiro 3, 2017. <http://www.ibram.org.br/sites/1300/1382/00004355.pdf>
- Leite, Maria Ângela Faggin Pereira. 2006. Destruição ou Desconstrução? São Paulo: Editora Hucitec
- Ministério Público Federal. 2016. "Denúncia Compilada Final. 2016." Acessado Dezembro 19, 2016. <http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/docs/denuncia-samarco>
- Moraes, Fernanda Borges. 2007. "De arraiais, vilas e caminhos: a rede urbana das Minas coloniais." In História de Minas Gerais. As Minas Setecentistas, editado por Maria Efigênia de Resende e Luis Carlos Villalta, 55-85. Belo Horizonte: Autêntica Editora
- Prado Junior, Caio. 2006. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Editora Brasiliense
- Prado, Paulo. 2012. Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras
- Ribeiro, Darcy. 2006. O povo Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras.

Samarco. "Rompimento da Barragem do Fundão." Acessado Dezembro 16, 2016. <http://www.samarco.com/balanco/>

Sevcenko, Nicolau. "O Front Brasileiro na Guerra Verde: Vegetais, Colonialismo e Cultura." *Revista USP* 30 (1996): 108-119

Tosel, André. 2002. "Barbárie do Capitalismo Globalizado? Sobre o Uso das Categorias Antitéticas Assimétricas". IN *O terror*, editado por Denis Rosenfield e Jean-François Mattéi, 240-259. Rio de Janeiro: Jorge Zahar



# **AS PAISAGENS DA HIDROELECTRICIDADE EM PORTUGAL:**

## **UM EXEMPLO DAS PAISAGENS DE INOVAÇÃO TÉCNICA**

Ana Cardoso de Matos

**Resumo:** Desde tempos recuados que a utilização dos rios, para irrigação ou como força motriz, transformou progressivamente a paisagem, contudo, no século XX a construção das grandes barragens para produção de electricidade teve um grande impacto sobre a paisagem, e num curto espaço de tempo alterou-a de forma muito marcante.

A construção destas grandes obras públicas, que mobilizaram grandes recursos humanos e técnicos e se prolongaram no tempo, obrigou a criar toda uma série de infraestruturas e equipamentos necessários para apoiar as obras e bairros onde se alojaram os trabalhadores, que criaram “paisagens temporárias”, cuja existência foi, na maior parte dos casos efémera.

O enchimento das albufeiras submergiu largas extensões de território e levou ao desaparecimento de vestígios patrimoniais de outras épocas e de paisagens preexistente, dando origem a novas paisagens que têm normalmente associados novos usos do território. Por um lado, as centrais eléctricas podem ser recursos turísticos importantes, nomeadamente pelo seu valor como património da engenharia e da tecnologia. Por outro lado, os grandes lagos que surgiram na sequência destas construções tornaram-se locais de lazer e levaram à construção de equipamentos que também contribuíram para alterar a paisagem.

**Palavras Chave:** Paisagem; Hidroelectricidade; Barragem; Inovação Técnica; Património.

# THE LANDSCAPES OF HYDROELECTRICITY IN PORTUGAL:

## AN EXAMPLE OF THE LANDSCAPES OF TECHNICAL INNOVATION

Ana Cardoso de Matos

**Abstract:** Since a long time that rivers were used for irrigation or as a way to produce motive force, but in the twentieth century, the construction of large dams for the production of electricity had a major impact over the landscape, and in a short period of time changed it in a significant way

The construction of these large public works, which mobilized a large number of human and technical resources and extended in time, demanded the creation of a whole series of infrastructures and equipment necessary to support the works and neighborhoods where the workers were housed, creating "temporary landscapes" that in most cases were ephemeral.

The filling of the reservoirs submerged wide extensions of territory and led to the disappearance of heritage traces of other times and of preexisting landscapes, giving rise to new landscapes that have usually associated new uses of the territory. On the one hand, power stations can be important tourist resources, especially for their value as engineering and technology heritage. On the other hand, the large lakes that have emerged following these constructions became places of leisure and led to the construction of equipment that also contributed to alter the landscape.

**Keywords:** Landscape; Hydroelectricity; Dam; Technical Innovation; Heritage.

# AS PAISAGENS DA HIDROELECTRICIDADE EM PORTUGAL:

## UM EXEMPLO DAS PAISAGENS DE INOVAÇÃO TÉCNICA

Ana Cardoso de Matos

### 1 - INTRODUÇÃO

A paisagem tem sido um tema de estudo que, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX, tem interessado os investigadores de diferentes áreas desde os arquitectos paisagistas até aos geógrafos passando pelos historiadores. No entanto, as relações entre a tecnologia e a paisagem só a partir de da década de 1970, altura a que se assistiu a um processo de desindustrialização na maioria dos países europeus, ganhou um interesse crescente entre os historiadores<sup>3</sup>. A obra sobre a paisagem da indústria de Ruhr-Wallonie - Région du Nord, introduziu a abordagem das paisagens tecnológicas<sup>4</sup>. O interesse pelo estudo das paisagens da indústria e/ou as paisagens da tecnologia acompanhou idêntico interesse pelo património industrial.

A Convenção Europeia da Paisagem de 2000 considerou a paisagem como «uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações cujo carácter resulta da acção e da interacção de factores naturais e ou humanos», mas como refere Marilyn Palmer «Landscape, like context, is a term that is no easy to define. It is often taken mean natural scenery to which the onlooker reacts aesthetically. To the historian and the archaeologist, however, landscape is the physical manifestation of changes wrought by men in both space and time and can be interpreted by the trained eye»<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Christopher Bouneau et Denis Varaschin, "Introduction" in *Les paysages de l'électricité. Perspectives historiques et enjeux contemporaines (XIXe-XXe siècles)*, Ed. Christophe Bouneau et ali, (Bruxelles : Ed. Peter Lang, 2012), 9-20.

<sup>4</sup> Franco Borsi (org), *Le Paysage de l'industrie, Ruhr-Wallonie -Région du Nord*, (Bruxelas, Editions des Archives d'Architecture Moderne, 1975).

<sup>5</sup> Marilyn Palmer and Peter Neaverson, *Industrial archaeology: principles and practice*, (New York, Routledge, 1998), 16.

O conceito de paisagem industrial alargou-se e à ideia de paisagem visível, ou seja às estruturas que a sociedade industrial foi inscrevendo no território, a ideia de paisagem invisível, as estruturas que foram sendo “escavadas” no subsolo como é o caso das minas. E à noção de paisagem foram também associando-se termos que manifestavam a ideia de sensações ou percepções, como é o caso das paisagens «sublimes referidas por David Nye<sup>6</sup>.

Elemento característico da segunda revolução industrial, desde as últimas décadas do século XIX que o desenvolvimento da electricidade teve um impacto importante na paisagem e as estruturas ligadas com as diferentes formas de produção desta energia, assim como os sistemas de distribuição surgiram como marcas inscritas na mesma: as centrais termoeléctricas ou hidroeléctricas, os transformadores, os fios que cruzavam o ar, os canos que se inscreviam no solo passaram a destacar-se nas paisagens urbanas e rurais<sup>7</sup>.

No século XX a opção pela hidroelectricidade, obrigou à construção de grandes barragens, consideradas muitas vezes como as catedrais da segunda revolução industrial, que surgiram como estruturas impositivas do domínio do homem sobre a natureza e da sua acção na transformação da natureza<sup>8</sup>. Como refere David Blackbourn “Draining moorland or changing the course of a river also transformed the landscape, of course, but less starkly or dramatically than these new symbols of human domination”<sup>9</sup>.

O domínio da técnica e da tecnologia que a construção de uma barragem exigiu e o impacto que teve sobre a paisagem pré-existente foi tão grande que podemos considerar estas paisagens como paisagens da inovação técnica. Por isso, como refere David Nye em relação aos Estados Unidos da América, as barragens eram vistas “as a symbol of man’s control of nature” e as “New Deal dams were not only works of functional engineering but carefully crafted landscapes”<sup>10</sup>.

Os trabalhos de construção das grandes barragens, que se iniciaram em Portugal com a Barragem de Castelo de Bode, obrigaram a criar toda uma série de infraestruturas e equipamentos necessários para apoiar as obras e a edificação de bairros onde se alojaram os trabalhadores. Estas construções temporárias, assim como o desmonte de terrenos e as várias fases de construção da enorme parede de suporte das águas, criaram “paisagens temporárias” que em grande parte foram submersas com o enchimento da albufeira.

---

<sup>6</sup> David E. Nye, *American Technological Sublime*, (Cambridge/Londres, MIT, 1994).

<sup>7</sup> Bouneau e Varaschin, Introduction, 12

<sup>8</sup> Sobre Portugal veja-se Ana Cardoso de Matos, “Landscape and Heritage of Hydroelectricity in Portugal” in *Los bienes culturales y su aportación al desarrollo sostenible*, ed.C. Barciela, M.I. López y J. Melgarejo (Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2012) 381-394

<sup>9</sup> David Blackbourn, *The conquest of Nature. Water, Landscape, and the Making of Modern Germany* (New York: W. W. Norton, 2006), 191.

<sup>10</sup> Nye, *American*, 140.

Por seu lado, o enchimento das albufeiras submergiu grandes extensões de território e levou ao desaparecimento de vestígios patrimoniais de outras épocas e de paisagens preexistente. Ao submergir os antigos caminhos e as estradas, as barragens obrigaram a construir novas estradas e traçaram novas rotas na mobilidade das populações.

As novas paisagens criadas com a construção das barragens têm normalmente associados novos usos do território. Por um lado, as centrais eléctricas podem ser recursos turísticos importantes, nomeadamente pelo seu valor como património da engenharia e da tecnologia, e ao longo do século XX as barragens foram muitas vezes consideradas como locais a integrar nos roteiros turísticos. Por outro lado, os grandes lagos que surgiram na sequência destas construções tornaram-se locais de lazer e levaram à construção de equipamentos que também contribuíram para alterar a paisagem.

Este texto tem como objectivo abordar as questões acima enunciadas.

## **2 - A HIDROELECTRICIDADE EM PORTUGAL:**

### **DE FINAIS DO SÉCULO XIX ÀS GRANDES BARRAGENS**

As centrais hidroeléctricas proporcionam aos países com escassez de carvão, como era o caso de Portugal, uma fonte de energia que foi vital para a produção de electricidade em grandes quantidades.

Por isso, desde finais do século XIX que o aproveitamento das quedas de água como produtoras de energia eléctrica foi um tema de estudo e interesse entre os engenheiros e o assunto foi regularmente discutido na Associação dos Engenheiros Cívicos Portugueses. O interesse pela hidroelectricidade verificou-se também noutros países como foi o caso da Espanha, onde os primeiros aproveitamentos hídricos para a produção de electricidade foram precoces. As primeiras centrais foram construídas no rio Ebro na primeira década do século XX e até à I guerra instalaram-se cerca de 85.000 kW, tendo-se instalado durante o período da 1ª guerra mais cerca de 165.000 kW<sup>11</sup>.

Em Portugal a primeira central hidroeléctrica data de 1891, altura em que a Empresa Electricidade do Norte de Portugal iniciou as obras no açude do rio Corgo para assegurar o funcionamento da central eléctrica destinada a produzir electricidade para a iluminação pública de Vila Real.

---

<sup>11</sup> María Isabel Bartolomé Rodríguez, *La industria Eléctrica en España (1880-1936), Tecnología, recursos e instituciones* (PHD dissertation, University of Florença, 2003).

Nos anos seguintes sucederam-se os pedidos de concessão de aproveitamento do curso dos rios mas, se nalguns casos foram construídas centrais hidroeléctricas previstas ainda que de pequenas dimensões, muitas das concessões não tiveram concretização material.

A primeira Guerra Mundial ao criar grandes dificuldades de abastecimento de carvão importado da Grã-Bretanha criou grandes dificuldades ao funcionamento das centrais termoeléctricas<sup>12</sup> o contribuiu para o interesse pela hidroelectricidade, que cada vez mais se assumiu como alternativa à produção de energia eléctrica a partir de centrais térmicas. No 1ª Pós-Guerra os pedidos de concessão das quedas dos rios para a instalação de centrais hidroeléctricas multiplicaram-se<sup>13</sup> e o Estado português viu-se na necessidade de regulamentar e enquadrar legislativamente esses pedidos. Assim, em 1919 surgiu a “Lei das águas”<sup>14</sup>, que resultou da tomada de consciência por parte do poder político da importância do papel que o Estado devia ter na gestão dos recursos hídricos e no processo de electrificação do país. A publicação desta lei inseriu-se num movimento de regulamentação da utilização dos recursos hídricos que se verificou também noutros países europeus.

Apesar da lei de 1919 estabelecer uma série de requisitos para obter as concessões para explorar as quedas de água, os pedidos de concessão continuaram a ser numerosos e entre 1914<sup>15</sup> e 1925 instalaram-se mais 11.166 Kilowatts<sup>16</sup>.

Apesar disso, a Estatística das Instalações Eléctricas indicavam que em 1928 para um total de 196 centrais eléctricas existentes em Portugal apenas 27 eram hidroeléctricas, representando apenas 13,7%, do total das centrais<sup>17</sup>. A maioria das centrais hidroeléctricas localizava-se nas regiões dotadas de bons recursos hídricos e com tradição no aproveitamento dos rios como fonte energética para a indústria, como era o caso do distrito de Braga que abrangia grande parte do Vale do Ave e que era o distrito em que se registava o maior número de centrais hídricas. Mas mesmo neste distrito o facto de várias das centrais trabalharem a fio de água, implicava a existência de uma central termoeléctrica de reserva, que permitisse cobrir os períodos de escassez de água.

O interesse pela hidroelectricidade era também influenciado pelo exemplo dos outros países. O exemplo espanhol era significativo e em 1927 Portugal e Espanha estabelecem um Convénio para o aproveitamento do Douro. A utilização cada vez mais sistemática da electricidade na

---

<sup>12</sup> No final da guerra 82,2% da electricidade consumida em Portugal continuava a ser produzida por centrais termo eléctricas. Ana Cardoso de Matos et alii, *A electricidade em Portugal. Dos primórdios à 2ª Guerra Mundial* (Lisboa: EDP, 2005), 293.

<sup>13</sup> Situação que se verificou também noutros países europeus como foi o caso da França onde entre 1914-1918 os pedidos de concessão de aproveitamento hidroeléctricos foram numerosos e a potência aumenta 94% durante estes anos. Alain Beltran et Patrice A. Carré, *La fée et la servante. La société française face à l'électricité. XIXe - XXe Siècle* (Paris : Belin, 1991), 257.

<sup>14</sup> Decreto n.º 5787-III (Lei do uso das águas e o seu aproveitamento), de 10 de Maio de 1919.

<sup>15</sup> Até esta data estavam instalados 12 035 Kilowatts.

<sup>16</sup> “A energia hidráulica. O aproveitamento hidro-eléctrico da Ribeira de Niza” in *Sciencia e Industria*, Ano II, nº 16, Abril de 1927, p. 74.

<sup>17</sup> Matos, *A electricidade*, 230.

indústria, e o seu consumo crescente por parte de particulares ou sua generalização na iluminação pública, foram motivos para que o investimento nas centrais hidroeléctricas fosse considerado um bom negócio. Por outro lado, a instalação do Instituto Superior Técnico, em Lisboa, ou da Faculdade de Engenharia do Porto contribuíram de forma muito significativa para o surgimento de um novo grupo socioprofissional com formação específica e interesse no sector eléctrico - os engenheiros electrotécnicos.

Assim, no final da década de 20, consolidou-se a corrente de opinião que considerava a hidroelectricidade, a chamada “a hulha branca”, como a solução para todas as insuficiências da electrificação nacional e a resolução do problema da importação de carvão. Nesta linha de pensamento, em 1928, o engenheiro Lopes Galvão, Director Geral dos Serviços Hidráulicos, ao salientar a importância da produção de energia eléctrica considerava que era possível dispensar utilização do carvão se se utilizasse a ‘hulha branca’. Segundo ele, Portugal tinha em relação à extensão territorial mais água aproveitável que muitos outros países<sup>18</sup>. Este engenheiro defendia que a solução para o problema eléctrico português passava pela concretização de «um grande aproveitamento no norte, o qual pode ser o do Douro Internacional<sup>19</sup>; e um grande aproveitamento hidroeléctrico no centro. Feito isto e construída a rede eléctrica nacional, cujo estabelecimento está em estudo, o país terá energia para todas as suas indústrias; para electrificar os seus caminhos-de-ferro; para iluminar o país e ainda para electrificar os nossos campos, drenando-os e regando-os convenientemente»<sup>20</sup>.

Durante a década de 1920 foram já construídas barragens com alguma dimensão como foi o caso da barragem do Lindoso, no norte do país<sup>21</sup>. Mas, só com o início da construção da Central de Castelo de Bode, no rio Zêzere, em 1946<sup>22</sup> se entrou na fase da construção das grandes barragens, cuja construção só foi possível pelo progresso técnico verificado, e que passaram a marcar de forma significativa a paisagem portuguesa deixando inscrito no espaço um património industrial de grande significado.

---

<sup>18</sup> Lopes Galvão, “Indústrias Hidroeléctricas”, *Indústria Portuguesa* 2 (Abril de 1928): 29.

<sup>19</sup> A defesa do aproveitamento hidráulico do Douro foi um tema recorrente nas obras de vários engenheiros, dos quais o mais paradigmático foi sem dúvida Ezequiel de Campos

<sup>20</sup> Estas ideias foram defendidas na conferência que proferiu numa sessão realizada na Liga Naval e presidida pelo ministro do Comércio e com a presença do director da Associação Industrial Portuguesa. Lopes Galvão, “O aproveitamento das quedas de água em Portugal”, *O Trabalho Nacional*, IX, 100 (1928): 1061.

<sup>21</sup> Sobre as barragens veja-se Rui Candeias Jacinto, “As barragens em Portugal: de finais de Oitocentos ao limiar do século XXI”, Obra, Engenho e Arte nas raízes da engenharia em Portugal edited by Manuel Heitor et al. (ed.), *Momentos de Inovação e Engenharia em Portugal no século XX*, vol 2 (Lisboa: D. Quixote, 2004), 801-819.

<sup>22</sup> A construção da barragem de Castelo de Bode teve início no ano de 1946, após ordem de Salazar de construir na bacia do rio Zêzere 3 barragens, Castelo de Bode, Bouça e Cabril.

### **3 - O PAPEL DO LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA DE CIVIL (LNEC) NA CONSTRUÇÃO DAS GRANDES BARRAGENS.**

Os empreendimentos hidráulicos realizados a partir da década de 1940 obrigaram à realização de grandes obras civis, que só foi possível concretizar devido ao apoio financeiro do Plano Marshall e dos Planos de Fomento<sup>23</sup>.

Por outro lado, a projecção e a concretização destes grandes empreendimentos exigiu uma série de conhecimentos técnicos ligados à engenharia: Conhecimentos de hidrográfica, de resistência de materiais e de construção de grandes obras. Estes aspectos estiveram directamente ligados com o desenvolvimento do ensino da engenharia em Portugal, com a transferência de tecnologia e com a criação de grandes laboratórios, como foi o caso do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) onde se realizavam provas de resistência de materiais.

Numa primeira fase para a construção das grandes barragens foi preciso recorrer aos técnicos estrangeiros e só o desenvolvimento da engenharia portuguesa e o apoio de estruturas de investigação e experimentação permitiram que estas obras ficassem a cargo dos engenheiros portugueses.

A dimensão das obras e os conhecimentos técnicos que a construção das barragens de Castelo de Bode e de Venda Nova exigiram foram «um importante salto, qualitativo e quantitativo, em relação a tudo que tinha sido antes realizado no domínio da hidroelectricidade»<sup>24</sup>.

Entre os engenheiros estrangeiros destacaram-se o engenheiro francês André Coyne<sup>25</sup>, que teve um papel importante nos projectos e obras das barragens de Santa Luzia, Castelo de Bode, Venda Nova e Salamonde, e o engenheiro Alfred Stucky que desempenhou idêntico papel nas barragens de Guilhovei, Pracana e Belver.

Com a construção da barragem de Santa Luzia verificou-se o início da colaboração entre a Direcção Geral dos Serviços hidráulicos e o Centro de Estudos de Engenharia Civil do Instituto

---

<sup>23</sup> Em 1939 iniciou-se a construção do primeiro arco de barragem em betão armado. Rui Candeias Jacinto, "As barragens em Portugal: de finais de Oitocentos ao limiar do Século XXI", in *Momentos de Inovação e Engenharia*, in Ed. Manuel Heitor et ali Vol. II (Lisboa: Dom Quixote, 2004), 800-819.

<sup>24</sup> Luís Lucena Ferreira, "A produção de electricidade na segunda metade do século XX e a engenharia nacional" in Ed. Manuel Heitor et ali Vol. II (Lisboa: Dom Quixote, 2004), 729.

<sup>25</sup> BEVELAY, Daniel Bevelay, "André Coyne e os projectos de Castelo de Bode e Venda Nova" in EDP, *O passado, o presente e o futuro dos grandes aproveitamentos hidroeléctricos* (Lisboa: EDP, 20019, 21-27. André Coyne (1891-1960) foi u engenheiro francês que construiu 70 barragens em 14 países diferentes.



Superior Técnico, criado em 1941 por iniciativa do engenheiro Manuel Rocha que, como professor da disciplina de Resistência de Materiais desse mesmo Instituto, iniciou o ensino experimental desta disciplina.

O desenvolvimento que a investigação e experimentação assumiram neste Centro de Estudos, nomeadamente os ensaios de materiais e os modelos paredes suporte de barragens, contribuíram para que em 19 de Novembro de 1946, numa altura em que se verificava uma retoma da economia e se iniciava o período de construção de grandes barragens para a produção de hidroelectricidade, fosse fundado o LNEC

Este laboratório, no qual foram incorporados o referido Centro de Estudos e o Laboratório de Ensaios e Estudo de Materiais do Ministério das Obras Públicas, tinha como missão “o estudo dos materiais, dos processos e da técnica da construção civil” e, como se referia no decreto da sua criação “A técnica moderna impõe o estudo laboratorial - sobre modelos reduzidos - dos elementos construtivos em si, já pela verificação das condições de trabalho de estruturas calculadas analiticamente, já pela determinação das próprias secções de estruturas de cálculo moroso e até por vezes impossível de realizar por métodos analíticos conhecidos”<sup>26</sup>.

Fundado na altura em que se estava a construir a barragem de Castelo de Bode, o LNEC foi fundamental para a realização dos estudos técnicos necessários para a construção das barragens e o desde o início do seu funcionamento o estudo da resistência dos materiais a partir de modelos demonstrou ser uma ferramenta que contribuiu de forma efectiva para o desenvolvimento do programa nacional de electrificação e garantiu a este laboratório um reconhecimento internacional<sup>27</sup>. Sob a direcção do engenheiro Manuel Rocha<sup>28</sup>, nomeado director do LNEC em 1954, foi desenvolvido o Departamento de modelos reduzidos de barragens dirigido pelos engenheiros Joaquim Laginha Serafim<sup>29</sup> e António da Silveira<sup>30</sup>.

---

<sup>26</sup> Decreto-Lei nº 35957 de 19 de Novembro de 1946.

<sup>27</sup> “Starting from the United States Bureau of Reclamation experience with models of Hoover Dam a research program was launched to systematically use small models in arch dam design”. Tiago Saraiva, “Laboratories and Landscapes: the Fascist New State and the Colonization of Portugal and Mozambique”, *Journal of History of Science and Technology* 3 (2009) 35-61.

<sup>28</sup> O engenheiro Manuel Rocha formado em 1938 pelo Instituto Superior Técnico e foi director do LNEC entre 1954 e 1974

<sup>29</sup> O engenheiro Joaquim Laginha Serafim foi membro da Comissão Internacional das Grandes Barragens, desde 1948, ocupando o cargo de Vice-Presidente desta Comissão entre 1988 e 1991. Membro de Comissões Técnicas do Conselho Superior de Obras Públicas e Transportes, nomeadamente da Sub-Comissão do Regulamento de Segurança de Barragens. Foi um dos fundadores da empresa COBA — Consultores de Engenharia e Ambiente, em 1962

<sup>30</sup> Em 1962 o engenheiro António da Silveira foi também um dos fundadores da firma COBA, Consultores de Barragens e Aproveitamentos Hidráulicos, Lda.



Fig. 1: Barragem de Castelo de Bode(?), Portugal. Maquete. Fotógrafo: Mário Novais. Data aproximada de produção da fotografia original: 1945-1951. Biblioteca de Arte. Fundação Calouste Gulbenkian [CFT003 005386.ic]

Os modelos de barragens que ainda hoje existem no LNEC são um importante património móvel representativo da evolução da tecnologia ligada com a construção de barragens. De igual modo as fotografias que foram feitas antes e durante a construção das barragens são importantes testemunhos dos processos construtivos utilizados. Além disso, estas fotografias são também uma importante fonte para o estudo da alteração da paisagem nas zonas em que se construíram as barragens.

#### **4 - AS PAISAGENS DA HIDROELECTRICIDADE**

A construção de barragens em Portugal esteve directamente com a rede hidrográfica do país e as relações e acordos entre Portugal e Espanha em relação às bacias hidrográficas. A rede hidrográfica do país foi determinante para a localização das várias barragens e determinou a existência de um maior número de barragens no centro e norte do país. O facto de a maioria dos rios que atravessam o território português terem a sua nascente em Espanha obrigou a estabelecer acordos que entre os dois países.

A construção das grandes barragens deu origem a uma nova paisagem que foi marcada não apenas pela própria barragem mas também pela alteração do curso do rio e pela criação reservatório de água. Os trabalhos de construção das grandes barragens criaram “paisagens temporárias” que em grande parte foram submersas com o enchimento da albufeira.



Fig. 2: Barragem de Castelo de Bode(?), Portugal. Trabalhos de construção. Fotógrafo: Mário Novais. Data aproximada de produção da fotografia original: 1945-1951. Biblioteca de Arte. Fundação Calouste Gulbenkian [CFT003 005377.ic]



Fig. 3: Barragem de Castelo de Bode(?), Portugal. Fotógrafo: Mário Novais. Data aproximada de produção da fotografia original: 1945-1951. Biblioteca de Arte. Fundação Calouste Gulbenkian [CFT003 005381.ic]

Por um lado, a própria construção da barragem exigiu o desmonte de terra e a instalação de máquinas e outros equipamentos de grande dimensão. Por outro lado, as empresas portuguesas construtoras das grandes barragens edificaram bairros para alojar os trabalhadores, como aconteceu, por exemplo, com a Barragem do Carrapatelo. Noutros casos durante o período de construção das barragens algumas aldeias que até aí eram pouco povoadas viram aumentar substancialmente a sua população - alteração que, no entanto, foi transitória.

As grandes barragens são elementos que marcam de uma forma muito evidente a paisagem e a sua construção alterou significativamente a paisagem. Como refere David Nye em relação aos Estados Unidos da América, as barragens eram vistas “as a symbol of man’s control of nature” e as “New Deal dams were not only works of functional engineering but carefully crafted landscapes”<sup>31</sup>.

Se bem que a utilização dos rios como irrigação ou força motriz desde os séculos anteriores que vinha transformando progressivamente a paisagem, o impacto na paisagem nunca foi tão grande como aquele que se verificou com a construção das barragens do século XX e os seus efeitos repercutiram-se também na alteração das características do solo e do clima e, consequentemente, no revestimento vegetal das regiões envolvente.

## **5 - “TECHNOLOGICAL SUBLIME”: A PAISAGEM DA HIDROELECTRICIDADE COMO RECURSO TURÍSTICO**

A construção das grandes barragens em Portugal despertou um grande interesse na imprensa e na população em geral, facto que foi extensivo à maioria dos países. Na Alemanha nos anos anteriores à 1ª Guerra Mundial as barragens eram descritas pelos jornalistas e escritores como “colossal” ou “gigantic”. Karl Kollmann, journalist of the magazine *Over Land and Sea*, que visitou a barragem de Urfttal nas Montanhas Eifel quando estava em construção, descreveu uma “giant wall rose from the floor of the valley, half size of Cologne cathedral”, que considerou como “a magnificent miracle of modern technology”<sup>32</sup>.

No caso dos Estados Unidos da América, “The public embraced the Hoover dam. As soon as its construction began, in 1931, thousands of tourists came to see it rise from the floor of the Black Canyon and to share down into the chasm watch cranes lowering tons of concrete in huge swiftly moving buckets that discharge their contents more than thirty times an hour”<sup>33</sup>.

David Nye considera que nos EUA “Power houses became touristic sites” and “The public did not understand the dam on the Tennessee and Colorado in merely utilitarian terms. Frank Waters declared Hoover Dam ‘the Great Pyramid of the American Desert’ and ‘the Ninth Symphony of our day’”. To him and many others it appeared ‘in its desert George like fabulous, unearthly dream. A visual symphony written in steel and concrete’<sup>34</sup>.

---

<sup>31</sup> Nye, *American*, 140

<sup>32</sup> Blackbourn *The conquest*, 191-192.

<sup>33</sup> Nye, *American*, 138.

<sup>34</sup> Nye, *American*, 137

Assim, desde cedo que as barragens foram consideradas como locais a integrar nos roteiros turísticos. Os primeiros *Guides Verts* da Michelin, cuja edição se iniciou nas vésperas da Segunda Guerra Mundial recomendavam a visita de instalações hidroeléctricas. Também o *Guia de Portugal*, editado sensivelmente pela mesma altura, recomenda a visita a Seia como “o ponto de escala indicado para as excursões às centrais hidroeléctricas do [rio] Alva” e refere que são dignas de visitar “a central hidroeléctrica da Empresa Serra da Estrela (170m de queda) e as obras de derivação para a actual Central de Jugais”<sup>35</sup>.

Nos Pirenéus as hidroeléctricas de montanha desde finais do século XIX foram consideradas como recursos turísticos e são hoje pensadas como um recurso territorial ligado ao truísmo e a um desenvolvimento local baseado num recurso natural renovável- a hulha branca - num recurso cultural associado à paisagem patrimonializada<sup>36</sup>.

## **6 - AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS E PATRIMONIAIS DA CONSTRUÇÃO DAS BARRAGENS.**

A construção das barragens e os lagos artificiais que surgiram com o enchimento das albufeiras submergiram largas extensões de território e consequentemente muitos dos vestígios patrimoniais aí existentes. No caso da barragem do Alqueva, que deu origem ao maior lago artificial da Europa ficaram submersos, entre outros, vestígios da época romana, de que o Castelo da Lousa, construção fortificada, era o vestígio mais visível, e moinhos de água.

Por outro lado, ao submergir os antigos caminhos e as estradas que mais recentes e que eram regularmente utilizadas pelas populações que viviam nessas zonas, as barragens obrigaram a construir novas estradas e traçaram rotas na mobilidade das populações.

A inundação de largas extensões de terreno obrigou também à deslocação das populações e destruiu aldeias tradicionais como aconteceu com Vilarinho das Furnas, uma das últimas e mais típica aldeia comunitária da Europa. Anos depois, a aldeia da Luz foi submersa pelo Alqueva e a população reinstalada numa nova aldeia construída nas proximidades à semelhança da original aldeia da Luz.

Para preservar a memória da antiga aldeia foi criado o Museu da Luz, mas apesar das várias medidas tomadas, a população não se conseguiu adaptar á nova aldeia.

---

<sup>35</sup> No volume sobre Beira Baixa e a Beira Alta.

<sup>36</sup> Visão que «d'autre part, celle de la prégnance d'un imaginaire des paysages de haute montagne où tout impact humain est, la plupart du temps, perçu comme une nuisance et un altération esthétique ». Jean-François Rodriguez, « Paysages de l'Hydroélectricité et développement touristique dans les Pyrénées », *Revue de Géographie Alpine/Journal of Alpine Research*, 2, accessed 30 setembro 2016 DOI : 10.4000/rga.1805

## 7 - BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem da hidroelectricidade que se inscreve na 3ª idade da paisagem, pois é resultado do progresso técnico e das necessidades da sociedade industrial<sup>37</sup>.

A hidroelectricidade deu origem a novas paisagens e o problema que hoje se coloca é o de gestão da nova paisagem e a construção de novos valores patrimoniais, entre os quais se encontram as grandes centrais hidroelétricas, consideradas por muitos como as catedrais da segunda revolução industrial e que são um importante património industrial.

## 8 - BIBLIOGRAFIA

Alain Beltran et Patrice A. Carré, *La fée et la servante. La société française face à l'électricité. XIXe - XXe Siècle* (Paris : Belin, 1991)

Ana Cardoso de Matos et ali, *A electricidade em Portugal. Dos primórdios à 2ª Guerra Mundial* (Lisboa: EDP, 2005.)

Ana Cardoso de Matos, "Landscape and Heritage of Hydroelectricity in Portugal" in *Los bienes culturales y su aportación al desarrollo sostenible*, Ed. C. Barciela, M.I. López y J. Melgarejo (Alicante, Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2012) 381-394

Christopher Bouneau et Denis Varaschin, "Introduction" in *Les paysages de l'électricité. Perspectives historiques et enjeux contemporaines (XIXe-XXe siècles)*, Ed. Christophe Bouneau et ali (dir), (Bruxelles : Ed. Peter Lang, 2012), 9-20

David Blackbourn, *The conquest of Nature. Water, Landsacpe, and the Making of Modern Germany* (New York: W. W. Norton, 2006)

David Nye, *American Technological Sublime*, (Cambridge/Londres: MIT, 1994)

Franco Borsi (org), *Le Paysage de l'industrie, Ruhr-Wallonie - Région du Nord*, (Bruxelas : Editions des Archives d'Architecture Moderne, 1975)

Jean-François Rodriguez, « Paysages de l'Hydroélectricité et développement touristique dans les Pyrénées », *Revue de Géographie Alpine/journal of Alpine Research*, 2., accessed 30 setembro 2016 DOI : 10.4000/rga.1805

Jean-François Rodriguez, « Paysages de l'Hydroélectricité et développement touristique dans les Pyrénées », *Revue de Géographie Alpine/journal of Alpine Research*, 2., accessed 30 setembro 2016 DOI : 10.4000/rga.1805

Lopes Galvão, "Indústrias Hidroelétricas", *Industria Portuguesa* 2 (Abril de 1928)

Lopes Galvão, "O aproveitamento das quedas de água em Portugal", *O Trabalho Nacional*, IX, 100 (1928)

Luís Lucena Ferreira, "A produção de electricidade na segunda metade do século XX e a engenharia nacional" in Ed. Manuel Heitor et ali Vol. II (Lisboa: Dom Quixote, 2004)

---

<sup>37</sup> Nesta altura a alteração da paisagem vai estar muito ligada aos técnicos e engenheiros pois « il s'agit désormais de gérer, souvent de réparer, un paysage en tant que composante visible, voire composition d'un territoire »<sup>37</sup>. Phillipe Montillet, « Les trois âges du paysage » Projets de paysage. *Revue scientifique sur la conception et l'aménagement de l'espace* 6 (2011) : 9 acedido em < [http://www.projetsdepaysage.fr/fr/les\\_trois\\_ages\\_du\\_paysage](http://www.projetsdepaysage.fr/fr/les_trois_ages_du_paysage) > Ax«cdido em 10 janeiro de 2017.

Maria Isabel Bartolomé Rodríguez, *La industria Eléctrica en España (1880-1936), Tecnología, recursos e instituciones* (PHD dissertation, University of Florença, 2003)

Marilyn Palmer and Peter Neaverson, *Industrial archaeology: principles and practice*, (New York: Routledge, 1998).

Phillipe Montillet, «Les trois âges du paysage» Projets de paysage. *Revue scientifique sur la conception et l'aménagement de l'espace* 6 (2011) : 9

<[http://www.projetsdepaysage.fr/fr/les\\_trois\\_ages\\_du\\_paysage](http://www.projetsdepaysage.fr/fr/les_trois_ages_du_paysage) > Acedido em 10 janeiro de 2017

Rui Candeias Jacinto, "As barragens em Portugal: de finais de Oitocentos ao limiar do século XXI", *Obra, Engenho e Arte nas raízes da engenharia em Portugal* edited by Manuel Heitor et al. (ed.), *Momentos de Inovação e Engenharia em Portugal no século XX*, vol 2(Lisboa: D. Quixote, 2004), 801-819

Tiago Saraiva, "Laboratories and Landscapes: the Fascist New State and the Colonization of Portugal and Mozambique", *Journal of History of Science and Technology* 3 (2009) 35-61

## PAISAGEM AGRÍCOLA - A ARTE DAS PRÁTICAS EFÉMERAS

Ana da Silva

**Resumo:** A paisagem é sucessivamente transformada pelo homem em benefício das suas necessidades. Pela finalidade com que é construída e pela essência das práticas que a constroem, a paisagem agrícola é a mais propícia à preservação do equilíbrio fundador da relação entre o homem e a natureza. Em comparação com as práticas agrícolas de carácter permanente, as efémeras - igualmente essenciais e, portanto, representativas de uma determinada cultura - são-nos apresentadas a partir de intervenções superficiais, marcando igualmente a paisagem e preservando a harmonia que a define. Sendo desenvolvidas pelo génio criador inerente ao próprio homem, revelam-se-nos detentoras de um certo valor artístico, que depois foi resgatado e, portanto, reconhecido pelo movimento land art, para dele se servir aquando da concepção de uma resposta à então constatada necessidade de promover a reaproximação do homem à sua própria natureza. Por isso, julga-se que a análise das transformações que estas práticas impõem à paisagem e daquelas que a própria paisagem, enquanto participante, se lhes impõe, deva incluir na sua metodologia os pressupostos artísticos inerentes à verificação do seu produto enquanto detentor desse valor.

**Palavras Chave:** Paisagem; Paisagem agrícola; Práticas efémeras; Arte; Valor artístico.



# AGRICULTURAL LANDSCAPE - THE ART OF EPHEMERAL PRACTICES

Ana da Silva

**Abstract:** The landscape is repeatedly changed by mankind in favor of our needs. Due to its purpose and the essence of the practice that builds it, the agricultural landscape is the one that better preserves the balance between men and nature. Comparing it to a more permanent agricultural practice, the ephemeral - just as essential and therefore, representative of certain cultures - are presented to us through temporary interventions, marking yet preserving the harmony that defines the landscape. Being developed by the creative spirit inherent to men, the ephemeral practice reveals itself as holder of a certain artistic value, one that is rescued and therefore recognized by the land art movement, using it in the search for an answer to the needed closure between men and their own nature. Knowing this, the analysis of the transformation that these practices impose on the landscape and those that the landscape, as participant, imposes on the practice, should include on its methods the artistic assumptions that are inherent to the verification of its product as the holder of that value.

**Keywords:** Landscape; Agricultural Landscape; Ephemeral Practices; Art; Artistic Value.

# PAISAGEM AGRÍCOLA - A ARTE DAS PRÁTICAS EFÉMERAS

Ana da Silva



Fig. 1: Aguilar de Campoo, España, 2014. Autor: RAW/deAbajoGarcia

## INTRODUÇÃO

Desde sempre que o homem tem procurado a transformação da paisagem como forma de satisfazer as suas necessidades. Mas aquela que, em tempos, foi uma natural luta pela sobrevivência, converteu-se na ambição por um conforto aparentemente inalcançável, numa ostentação que descurou o equilíbrio entre o homem e a natureza transformada. A convivência entre ambos, cuja harmonia seria inerente ao próprio conceito de paisagem, transformou-se numa medição de forças unilateralmente ilegítima.

Independentemente disso é o resultado dessa relação entre elementos - biológicos, humanos e físicos - em determinado território que caracteriza uma *paisagem humanizada*, que depois, ao ser modelada por um grupo cultural a uma outra escala - em que a cultura é o agente e a área natural o meio - é conformada enquanto *paisagem cultural*. Sendo representativa de uma cultura, fornece-nos informação acerca dessas "relações que se estabeleceram ao longo do

tempo entre as sociedades e o meio natural, podendo como tal contribuir para a compreensão da [sua] história"<sup>38</sup>. Tratam elas de "bens em constante evolução que se herdaram, se utilizam e se legam às gerações vindouras"<sup>39</sup> e é este o motivo que conduz à sua classificação como *património cultural* - só assim se encontrarão protegidas contra intervenções desvirtuosas.

Mas sendo o génio criador - base de toda a arte - inerente ao próprio homem e, portanto, dele indissociável, a referência aos factores culturais constitutivos de um determinado grupo cultural deverá também contemplar as repercussões advenientes da arte que os conformou. Não tendo ela outras finalidades que não aquelas que visem o seu próprio criador, encontra-se ao serviço do seu desenvolvimento e, por isso, conforma em parte as manifestações da sua cultura. Assim, a arte constitui também parte dessa herança que, de acordo com Platão, deve ser assegurada através da procura daqueles "dentre os artistas cuja boa natureza habilitou a seguir os vestígios da natureza do belo e do perfeito, a fim de que os jovens, tal como os habitantes de um lugar saudável, tirem proveito de tudo, de onde quer que algo lhes impressione os olhos ou os ouvidos, procedente de obras belas, como uma brisa salutar de regiões sadias, que logo desde a infância, insensivelmente, os tenha levado a imitar, a apreciar e estar de harmonia com a razão formosa (Platão, R, 401 a-d)"<sup>40</sup>, esperando que esses valores se possam vir a manifestar, de alguma forma, nas suas práticas futuras. Hoje vemo-los ainda reflectidos nas paisagens agrícolas. Pela sua natureza, das paisagens mais trabalhadas pelo homem, são estas as que mais propiciam a preservação desse equilíbrio entre a natureza enquanto meio transmutado e o homem enquanto agente transmutador.

Tratando-se o estudo da paisagem de uma disciplina em que se cruzam vários ramos do conhecimento, pretende-se abordar a forma como a arte - por intermédio do génio, que apesar de artístico e sensível, se encontra em estado bruto - influi convenientemente no processo de construção de uma paisagem específica. O valor artístico que involuntariamente lhe confere, reflectir-se-á depois na forma como ela é captada pela experiência do observador.

I

*Quando o homem emergiu da natureza, a arte emergiu de entre os demais objectos. No princípio nada se distinguia nem exaltava. A arte não permitia separar uma categoria de objectos de outras, pois era uma qualidade comum a todos. Dado que todas as coisas foram feitas pelo ser*

---

<sup>38</sup> Aguiar, José. Paisagem Cultural: um conceito em (re)evolução [em linha]. Colóquio: Património Paisagístico: Os caminhos da transversalidade. Lisboa, 12 de Outubro de 2007. Consultado Janeiro 26, 2017. <http://icomos.fa.utl.pt/eventos/apap2007.pdf>

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Cit. por Puls, Mauricio. Arquitectura e Filosofia. São Paulo: ANNABLUME editora, 2006. P. 99.

*humano, a arte não requeria o talento de especialistas. Todas as coisas precisavam de talento e quase todo o mundo o possuía.*<sup>41</sup>

Como um conjunto de processos pelos quais se atinge a realização do belo, a *Arte*, do latim *ars* ou *artis*, equivalente ao termo grego *tékne*, significa técnica, habilidade natural ou adquirida, ou capacidade de fazer alguma coisa<sup>42</sup>. *Arte* é portanto a aplicação do saber à obtenção de resultados práticos, exigindo a passagem por um processo de aprendizagem, sobretudo quando aliado ao engenho<sup>43</sup>. Segundo Stoppard, "um artista é alguém suficientemente dotado para fazer mais ou menos bem aquilo que os outros, que não possuem tais dotes, não conseguem de modo algum realizar ou que fazem mal"<sup>44</sup>. Mas enquanto a antiga *tékne* se relacionava com os ofícios de uma forma geral e fomentava através deles o cultivo da *arte do saber fazer*, a técnica é hoje inerente a uma tecnologia e ao seu próprio domínio. Mas se a técnica teve origem na arte, é apesar disso possível não desvincular os dois conceitos.

De acordo com Hegel, "a arte corresponde a uma necessidade primitiva que consiste na exteriorização e concretização das representações e das ideias nascidas no espírito [...]"<sup>45</sup>. Estando introduzida na realidade sensível, a obra de arte deve ter por um lado "[...] um conteúdo interno e por outro representá-lo, de maneira a mostrar que tanto este conteúdo como a sua forma não são somente uma parte mais ou menos inteligente da realidade exterior, mas um produto resultante da representação humana [...], que brotou do espírito humano e da sua actividade produtiva"<sup>46</sup>.

Associando as premissas que conformam o carácter artístico inerente à obra de arte a uma paisagem agrícola detectamos, de igual forma, a existência de um conteúdo interno caracterizado essencialmente pelos reflexos da ancestral e harmoniosa convivência entre o homem e a natureza. Pelas suas valências, os sentidos assumem um papel preponderante na constituição desse conteúdo, já que é por intermédio deles que este é apreendido. Influem assim directamente no processo de concepção de uma obra. Hegel acrescenta a *representação sensível* aos sentidos serventes desse processo, "[...] a lembrança, a persistência das imagens que cada contemplação faz entrar na consciência, onde elas estão alinhadas em categorias gerais, e estabelece-se entre elas, pela força da imaginação, relações e uma unidade tais que a realidade exterior assume de futuro uma existência interior e espiritual, enquanto o espiritual,

---

<sup>41</sup> Arnheim, Rudolf. *Ensayos para rescatar el arte*. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1992. P. 21. Tradução do autor.

<sup>42</sup> Cf. *Dicionário Etimológico* [em linha]. Consultado Novembro 28, 2016.

<http://www.dicionarioetimologico.com.br/arte/>

<sup>43</sup> Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa* [em linha]. Consultado Novembro 28, 2016.

<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Arte>

<sup>44</sup> Becker, Howard S. *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010. P. 38.

<sup>45</sup> Hegel, Friedrich. *Estética*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. P. 356.

<sup>46</sup> Idem.

por seu lado, assume na representação uma forma exterior e ascende à consciência sob a forma de existências particulares e justapostas"<sup>47</sup>. Mas o papel dos sentidos só se efectiva quando relacionados com a aprendizagem e experiência dela adveniente, permitindo o apuramento desse *saber fazer* que, neste caso, reverterá também depois em benefício da construção dessa paisagem.

A constatação da existência de um conteúdo interno, associado à construção desta paisagem específica, leva a crer que - enquanto *objecto sensível* - também ela seja detentora de um certo valor artístico, apercebido segundo Kant<sup>48</sup> pela *experiência estética* - a vivência emocional que resulta da contemplação, por parte de um sujeito que observa -, provocando uma satisfação peculiar. São capazes de suscitar esta experiência os objectos de dois tipos: os artísticos, que sendo resultantes da criação humana, despertam emoções e sentimentos; e os objectos naturais, enquanto produtos da natureza. Tanto a arte como a natureza são, assim, capazes de proporcionar um *prazer estético*. Ora, é nessa atitude contemplativa do observador - *atitude estética* - que reside o carácter especial da *experiência estética*, que só é possível se nessa relação com os objectos se adoptar uma atitude desinteressada, nomeadamente pela utilidade do objecto, pela vontade de o adquirir ou de através dele se ampliarem conhecimentos. A contemplação para uma *satisfação desinteressada* deverá ser assim a única finalidade. Tal como Kant, também Carlson defende que o valor estético existe tanto na arte como na natureza, mas, apesar disso, considera que "o tipo de apreciação que cada um provoca é essencialmente diferente. [Para] Stephanie Ross [...] a natureza e a arte podem estar unidas e provocar uma mesma e única percepção estética. Berleant, pelo contrário, acredita que a apreciação estética da natureza é primeira e original e que a apreciação de arte será uma reinterpretação da primeira. [E] [...] justifica a sua hipótese baseando-se no conceito kantiano de sublime [...]. Aquilo que é sublime ultrapassa-nos, não conseguimos entender com a razão e consequentemente provoca temor; o temor provoca no Homem a retirada da posição de espectador e assunção de uma outra, a de participante, que depende do desenrolar dos acontecimentos. De facto, será na natureza onde mais se encontram exemplos de sublimidade"<sup>49</sup>.

As coisas físicas "só são acessíveis ao ser humano em forma de experiência perceptual, quer dizer, como coisas que vemos, ouvimos, tocamos ou cheiramos"<sup>50</sup>. O mesmo acontece com os objectos de arte. No entanto, as obras resultantes de "trabalhos efectuados completamente à

---

<sup>47</sup> Idem, p. 347.

<sup>48</sup> Cf. Rodrigues, Luís. A Estética Kantiana [em linha]. Consultado Janeiro 28, 2017. <http://lrsr1.blogspot.pt/2011/03/estetica-kantiana.html>

<sup>49</sup> Cit. por Lima, Maria. Estéticas da Paisagem e Arquitectura Paisagista [em linha]. Philosophica. N.º 29 (2007). P. 90. Consultado Janeiro 28, 2017. <http://www.centrodefilosofia.com/uploads/pdfs/philosophica/29/7.pdf>

<sup>50</sup> Arnheim, Rudolf. Ensayos para rescatar el arte. Op. cit, p. 22. Tradução do autor.

margem dos mundos da arte profissional por pessoas comuns, no decurso das suas vidas comuns [...], raramente são tomadas como arte por aqueles que as produzem ou por aqueles que a elas recorrem. O seu valor artístico é-lhes [portanto] atribuído por pessoas estranhas à comunidade onde foi produzida"<sup>51</sup>.

## II

As paisagens agrícolas classificadas têm em comum, entre outros factores, o facto de as práticas que as constroem serem detentoras de um carácter permanente. São legítimas transformadoras da paisagem, já que necessitam de o fazer para cumprir o seu propósito mas, apesar disso, fazem-no deixando nela apenas as marcas elementares. Sendo fruto de uma necessidade sem objetivarem expressar-se artisticamente são, mesmo assim, *acidentalmente belas*. De facto, "nada nos impede de considerar como belo um objecto útil cuja realização exigiu um enorme virtuosismo técnico"<sup>52</sup>.

Nelas revemos a "beleza, [que] quando relacionada com a obra de arte, exige, logo de começo, sucessivas tentativas e demorado exercício para chegar ao domínio de uma técnica perfeita. A simplicidade, na sua relação com o belo que tem a grandeza ideal, [e que] resulta de esforço despendido após numerosas mediações que tiveram por fim eliminar a variedade, os exageros, as confusões"<sup>53</sup>. Porque só assim "a beleza figurará, radiosa na sua liberdade, como se tivesse surgido imediatamente da sua fonte natural. É que a arte está em paralelo com a cultura"<sup>54</sup> e sendo estas paisagens transformadas pelo homem, reconhecemos-lhes os factores representativos da cultura que sustenta a sua construção e que sendo instruída pelo *saber fazer* - outrora entendido como arte -, puderam alcançar a beleza que, em certa medida é capaz de lhes conferir aquilo que hoje entendemos como valor artístico.

No entanto, outras dessas práticas comuns - igualmente representativas de uma determinada cultura e resultantes de processos que objetivam também uma finalidade concreta -, diferem daquelas pelo seu carácter efémero. Dividem-se geralmente por várias fases que, por intermédio de um acompanhamento pontual do homem, beneficiam do ritmo a que a própria natureza actua, tendo ela a força para as poder quebrar ou simplesmente permitir que se desenvolvam. O decurso destas práticas vai-nos, por isso, revelando a aparência que a natureza lhes tenha destinado, alterando gradualmente a paisagem até se *dissolverem*. É no momento da

---

<sup>51</sup> Becker, Howard S.. Mundos da Arte. Op. cit, p. 211.

<sup>52</sup> Idem, p.231.

<sup>53</sup> Hegel, Friedrich. Estética. Op. Cit, p. 343.

<sup>54</sup> Idem.

recolha do produto que é atingindo o seu propósito original, reiniciando-se depois através da regeneração natural que vem marcar o início de um novo ciclo de produção. Mas é a deposição indiscriminada ou organizada do produto no local que anuncia o término do processo que lhe deu origem, correspondendo aparentemente à fase que mais transforma essa paisagem. O carácter pictórico ou escultórico despoletado por cada uma dessas fases é por ela assumido, proporcionando uma nova experiência estética ao observador. No entanto, a paisagem enquanto obra de arte só se completa e se realiza "através da presença disponível para fruir o prazer da contemplação. O [seu] conteúdo intrínseco [...] é a emoção da presença sentida por cada pessoa que a visita e desvenda a espiritualidade do autor. A [sua] essência [...] é indissociável da ideia que está na sua origem, que lhe deu forma e que se multiplica na subjectividade de cada olhar, leitura, percepção, contemplação e interpretação das pessoas que a podem fruir. [...] A contemplação estética da paisagem não faz a narrativa do que foi o processo da sua realização, atende apenas ao que nela há de perfeição evidente e de plenitude na satisfação do desejo de presença e do ideal de *belo natural* territorializado. [...] A objectividade da arte na paisagem estabelece-se e revela-se a um nível transcendental de intuição e sensibilidade que determinam a capacidade de apreensão e reconhecimento da poética do sublime como predicado paisagístico. A paisagem demonstra o seu significado enquanto obra de arte, através da sua fruição"<sup>55</sup>.

Outras dessas práticas impõem, em benefício do produto em desenvolvimento, o recurso à incisão de objectos no local, que podem também de alguma forma ser relacionados com o conceito do *belo natural*. Apesar do seu carácter autónomo e artificial ser responsável por uma actuação marcante na paisagem, a sua simplicidade e valência plástica permitem uma fusão harmoniosa e acabam por beneficiar a sua leitura como um todo. Pois é-nos possível "modificar a percepção dos objectos mediante a sua manipulação ou mudança de posição, damo-nos conta em seguida de que possuem vontade: permanecem fixos ou deslocam-se por iniciativa própria"<sup>56</sup>. Dependentemente do quão essenciais são aos processos que integram, varia o período de tempo da sua presença e, portanto, aquele durante o qual nos é incutido o impacto da sua marca. E quando muitas das vezes são extraídos do local por terem já cumprido a sua função, deixam a paisagem disponível à contemplação, mas agora num estado que mantém a memória de uma presença de outrora, sem que muitas vezes nos possamos aperceber que o que experienciamos é fruto de uma participação latente. Outras vezes, esses elementos são mantidos não apenas durante uma das fases da produção agrícola, mas durante vários ciclos. A

---

<sup>55</sup> Pardal, Sidónio. A Estética da Paisagem [em linha]. Seminário Internacional - Sustentabilidade e Usos Sociais dos Parques Urbanos - estratégias e trajetórias. Famalicão 24 e 25 de Outubro de 2012. Consultado Janeiro 29, 2017. [http://www.sidoniopardal.com/40\\_conffamalicao.pdf](http://www.sidoniopardal.com/40_conffamalicao.pdf)

<sup>56</sup> Arnheim, Rudolf. Ensayos para rescatar el arte. Op. cit, p. 22. Tradução do autor.

sua materialidade só será dissolvida pelos agentes atmosféricos, momento em que termina a sua vida útil e se exige novamente a sua reposição. Por serem constituídos por materiais naturais oriundos do local onde estão inseridos, zelam involuntariamente pela sua própria integração, "os elementos da natureza oferecem-se [então] a si mesmos como materiais"<sup>57</sup> e, quando não, ganham a força que enaltece as características naturais dessa paisagem, como a luz naturalmente variável ou a sua topografia (Fig. 2).



Fig. 2: Penamacor, Portugal, 2016. Foto do autor

Neste caso, a recorrência à cor, som ou movimento (Fig. 3), anuncia normalmente uma função mais protectora e, consequentemente, também auxiliar da transformação natural do produto. Pretendem desta forma simular a presença humana através da sua forma ou cor que, sendo contrastantes com a envolvente, se lhes são associadas. O afastamento dos animais que procuram abrigo ou alimento, assegura um desenvolvimento contínuo, impedindo-os de forma legítima de o interromper. As cores desvanecem-se lentamente, sofrendo a marca dos factos que regem também as transformações inerentes ao processo que auxiliam, acompanhando-o. Apesar do seu carácter artificial, estes elementos convivem com a sua envolvente de forma

---

<sup>57</sup> Idem, p. 27. Tradução do autor.



harmoniosa, por simpatia ou por contraste, mas "a paisagem pode ser traída pelas suas imagens, por isso a sua verdade apenas se revela pela presença"<sup>58</sup>. É certo que ela "não é compatível com gestos decorativos, formalismos geométricos, mimetismos gráficos e elementos construtivos indistintos da arquitectura civil que opera com uma forte codificação funcional a qual está na antítese do signifiante da paisagem, indissociável da sua única razão de ser que é a de territorializar e exprimir o *belo natural*. O valor da paisagem está na autenticidade e na verdade do seu conteúdo, enquanto coisa onde se materializa o *belo natural*"<sup>59</sup>. Apela por isso a esse compromisso "como único caminho para se chegar ao absoluto. A arte não acontece se houver subordinação a estereótipos, a transposições e a obediências por incapacidade de uso e afirmação da liberdade inerente à acção criativa"<sup>60</sup>.



Fig. 3: Ubud, Bali, Indonésia, 2015. Autor: Tiago Atalaia

Sendo estas práticas efémeras menos profundas e, portanto, mais superficiais que as permanentes, a relação entre o homem e a natureza já não se caracteriza por um equilíbrio gerado pela participação dos dois de igual forma. O processo mais acelerado da regeneração que permite a reposição da essência original da natureza, comprova que é ela a que assume um papel predominante nesse processo de convivência.

Pelo exposto, julga-se que estas práticas podem constituir a génese de algumas das abordagens artísticas actuais, que aparentemente resgataram o seu valor artístico para conceber uma

---

<sup>58</sup> Pardal, Sidónio. A Estética da Paisagem. Op. Cit.

<sup>59</sup> Idem.

<sup>60</sup> Idem.

resposta às necessidades que na altura detectaram. Esta postura faz depreender que em certa medida e, indirectamente, as possam ter também valorizado artisticamente.

### III

*Para a percepção primária, as obras de arte são objectos da mesma categoria que todas as outras coisas do nosso mundo. Chegam-nos pelos mesmos canais: os olhos, os ouvidos, o tacto [...]. O fundamental numa obra de arte é aquilo que se assemelha a outros objetos naturais ou fabricados pelo homem, e em nenhum caso o que a distingue deles (Arnheim, 1966).<sup>61</sup>*

Sendo a arte um reflexo do homem, representativa da sua essência e muitas vezes da sua condição social que naturalmente sofrem transformações constantes, também ela tem visto o seu significado e abrangência serem alterados ao longo do tempo. Neste contexto, a dissolução das fronteiras existentes entre as artes particulares na transição do séc. XIX para o séc. XX, veio gerar novas formas de manifestação artística. "Após o período modernista em que a arte procurou valer-se a si própria e alheou-se do mundo na procura incessante de novidade, as sociedades artísticas retomam aos temas políticos, sociais e económicos e a arte assume novamente um papel interventivo"<sup>62</sup>. "A partir do princípio do século XX foi introduzida, pelos próprios artistas, a dúvida de se o que era apresentado como arte seria arte. A partir daí, todas as coisas que pertenceram durante toda a história ao mundo das coisas que são, como a natureza e os objectos, puderam ser transpostas, pela mão dos artistas, para o mundo das coisas que são arte."<sup>63</sup>

"A 'Nova Arte' é [então] aquela que, ao invés de negar e fugir da tradição, usa as imagens da história de arte como 'ready-mades', isto é, como meios de construir de novo [...]. Mas as imagens da história não são usadas isoladamente, a elas, misturam-se [outras] [...], numa estrutura fragmentada que descodifica e recodifica as imagens que rodeiam a nossa vida de todos os dias. É a procura da novidade sem a recusa da antiguidade ou do banal. A alegoria é a forma encontrada, a fragmentação, as instalações com uso de espaços arruinados, a recusa do retorno às normas estilísticas e a tentativa de encontrar novas categorias conceptuais num confronto directo com a totalidade simbólica modernista. [...] Um dos primeiros sinais do início desta inversão na arte foi o aparecimento da 'landart' ou 'earthworks'<sup>64</sup>, que veio devolver o tema da paisagem ao mundo da arte, "uma devolução, desta vez, humanizada"<sup>65</sup> e que segundo

<sup>61</sup> Arnheim, Rudolf. Ensayos para rescatar el arte. Op. cit, p. 40. Tradução do autor.

<sup>62</sup> Lima, Maria. Estéticas da Paisagem e Arquitectura Paisagista. Op. Cit, p.99.

<sup>63</sup> Portugal, Pedro. A arte que é. Guimarães: Centro Cultural Vila Flor, 2013. Catálogo de Exposição. P. XIV.

<sup>64</sup> Lima, Maria. Estéticas da Paisagem e Arquitectura Paisagista. Op. Cit, p.99.

<sup>65</sup> Idem, p. 100.

John Beardsley, constitui o sinal mais claro do fim da modernidade<sup>66</sup>. Formula-se então uma resposta à necessidade de reaproximação do homem à sua própria natureza.

Estas obras "enfrentam a escala territorial e propõem intervenções sobre a paisagem natural, no sentido da sua transformação desde pressupostos ideológicos ou poéticos"<sup>67</sup>. As experiências que convencionalmente foram definidas como "práticas 'escultóricas' - quer dizer, que o seu processo e os seus resultados pertencem, utilizando a tradicional divisão das artes, à escultura -, têm em comum a participação em determinadas estratégias formais e teóricas intercambiáveis com as contemporâneas da arquitectura. E desde logo, dividem com esta [...] [a] escala antropomórfica e [a] escala territorial, relação e transformação consciente do lugar, materialidade do objecto e, portanto, manipulação dos seus atributos são noções que dominam - às vezes, de maneira não explícita - a actividade artística"<sup>68</sup>.

"Escultores e artistas criaram [portanto] obras à escala da paisagem"<sup>69</sup> recorrendo à utilização de recursos provenientes da própria natureza. Embora este produto artístico altere a nossa percepção, gerando novas leituras da paisagem em que se insere, "não muda nem constrói a paisagem em si"<sup>70</sup>. A reflexão artística que lhe é inerente, busca nela uma forma de arte representativa da sua grandiosidade e, simultaneamente, da sua inevitável efemeridade face à natureza.

Através destes pressupostos, a *land art* elaborou uma crítica coerente à indústria cultural e respectiva comercialização da arte e à racionalidade formal. Porque só o abandono do espaço expositivo convencional permite ao homem um reencontro mais profundo com a sua própria natureza, mas como produto artístico que pretende ser exposto à experiência estética, a *land art* pode ser entregue a esse propósito e de uma forma mais alargada, quando exposta num museu. No entanto, as suas características resumem a sua representação à fotografia ou vídeo, limitando essa experiência. Interessado na descoberta de "uma poética e estética imbricadas na vida, e na terra. A natureza em que nascemos, como nossa eterna e íntima companheira"<sup>71</sup>, Alberto Carneiro, precursor da *land art* em Portugal, não apenas entrou na natureza, como também a resgatou para o espaço expositivo, aproximando-a novamente da artificialidade que considera ser o natural do homem<sup>72</sup> (Fig. 4).

---

<sup>66</sup> Cf. Idem.

<sup>67</sup> Arnaldo, Javier et al. *Qué es la escultura moderna? - Del objecto a la arquitectura*. Madrid: Fundación Cultural Mapfre Vida, 2003. P. 166.

<sup>68</sup> Idem, p. 167.

<sup>69</sup> Lima, Maria. *Estéticas da Paisagem e Arquitectura Paisagista*. Op. Cit, p. 99.

<sup>70</sup> Idem, p. 92.

<sup>71</sup> Marmeleira, José. Alberto Carneiro e a poética da terra [em linha]. Artlink. Consultado Março 7, 2014. <http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=23&cid=91120&bl=1&viewall=true>

<sup>72</sup> Carneiro, Alberto. Entrevista concedida ao autor. São Mamede do Coronado, 8 março de 2014.



Fig. 4: Alberto Carneiro. Um campo depois da colheita para deleite estético do nosso corpo, 1973-76.

Fonte: <http://www.aica.pt/pt/artists/alberto-carneiro/>

Para sair dos espaços expositivos convencionais e se encontrar com a natureza, a arte predispõe-se à exploração dos pressupostos inerentes à sua apresentação. Para além de suporte, a natureza passou a integrar a criação artística, numa partilha de circunstâncias que conduziu a uma transformação simultânea, e é também o conjunto destas características que revela alguma similitude com as práticas agrícolas efémeras.

## CONCLUSÃO

A arte é concebida num determinado contexto e apresenta-se sempre como um reflexo do passado, acabando por isso por o integrar de alguma forma. Assim, "não faz sentido conceber o processo histórico como um discurso homogêneo"<sup>73</sup>. Consequentemente, "os mundos da arte vivem transformações incessantes, por vezes graduais, e outras decididamente brutais. À medida que novos mundos vão surgindo, outros envelhecem e desaparecem. Nenhum mundo é capaz de se proteger durante muito tempo ou completamente contra as forças de mudança, quer exteriores quer provenientes de tensões internas"<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> Read, Herbert. *La Escultura Moderna*. Buenos Aires: Editorial Hermes, S.A., 1964. P. 6. Tradução do autor.

<sup>74</sup> Becker, Howard S. *Mundos da Arte*. Op. cit, p. 249.

O desenvolvimento do âmbito artístico foi fazendo aumentar o número de dimensões em que a arte pode existir. Pedro Portugal reconhece que "só existe quando está dentro do mundo da arte"<sup>75</sup>. Dentro desse mundo, "tudo pode ser arte, a arte [pode] estar em toda a parte"<sup>76</sup> e todos podem ser artistas. Neste sentido, acrescenta então uma outra: "a dimensão antes de uma coisa ser arte e que comporta a arte que vai ser"<sup>77</sup>. São as "coisas que são arte momentos antes de serem coisas artísticas. A arte existiria assim antes do artista e da arte acontecer"<sup>78</sup>. "Esta ideia promove, claro está, a existência da coisa artística anterior e independentemente do artista e da coisa"<sup>79</sup>. De facto, existe uma vasta gama de imagens a que podemos chamar imagens plásticas, que consideramos "como embriões formais ainda não completamente encarnados e à espera de se traduzirem em obra de arte, mas em todo o caso, ainda desprovidos de muitos atributos da obra definitiva"<sup>80</sup>. O destino destas imagens "está no seu devir, isto é, na sua capacidade de transformar-se em algo mais preciso e articulado que adquira, pouco a pouco, as características definitivas da obra de arte [...], [permitindo] traduzir um esquema primitivo indiferenciado numa estrutura homogênea e orgânica"<sup>81</sup>.

Talvez não nos possamos referir às práticas agrícolas efémeras e paisagens por elas construídas enquanto obras de arte, pois como dizia Strawson, "a obra de arte tem por função não ter função"<sup>82</sup>. Apesar disso, têm em comum o facto de serem ambas produto da actividade do ser humano e, por isso, só podem estar num sítio com uma determinada finalidade ou, no mínimo, por uma razão<sup>83</sup>. O facto de identificarmos a existência de um conteúdo interno associado à concepção destas práticas e que posteriormente se conforma na sua construção enquanto paisagem, resulta-nos no entendimento de um valor estético associado, que pode ser experienciado pelo observador no ambiente em que foi criado - valor resgatado pelo mundo da arte actual. A arte deverá, por isso, ser integrada no conjunto dos pressupostos inerentes à metodologia de análise de uma determinada paisagem.

## BIBLIOGRAFIA

Aguiar, José. Paisagem Cultural: um conceito em (re)evolução [em linha]. Colóquio: Património Paisagístico: Os caminhos da transversalidade. Lisboa, 12 de Outubro de 2007. Consultado Janeiro 26, 2017. <http://icomos.fa.utl.pt/eventos/apap2007.pdf>

---

<sup>75</sup> Portugal, Pedro. A arte que é. Op. cit.

<sup>76</sup> Idem.

<sup>77</sup> Idem.

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> Idem.

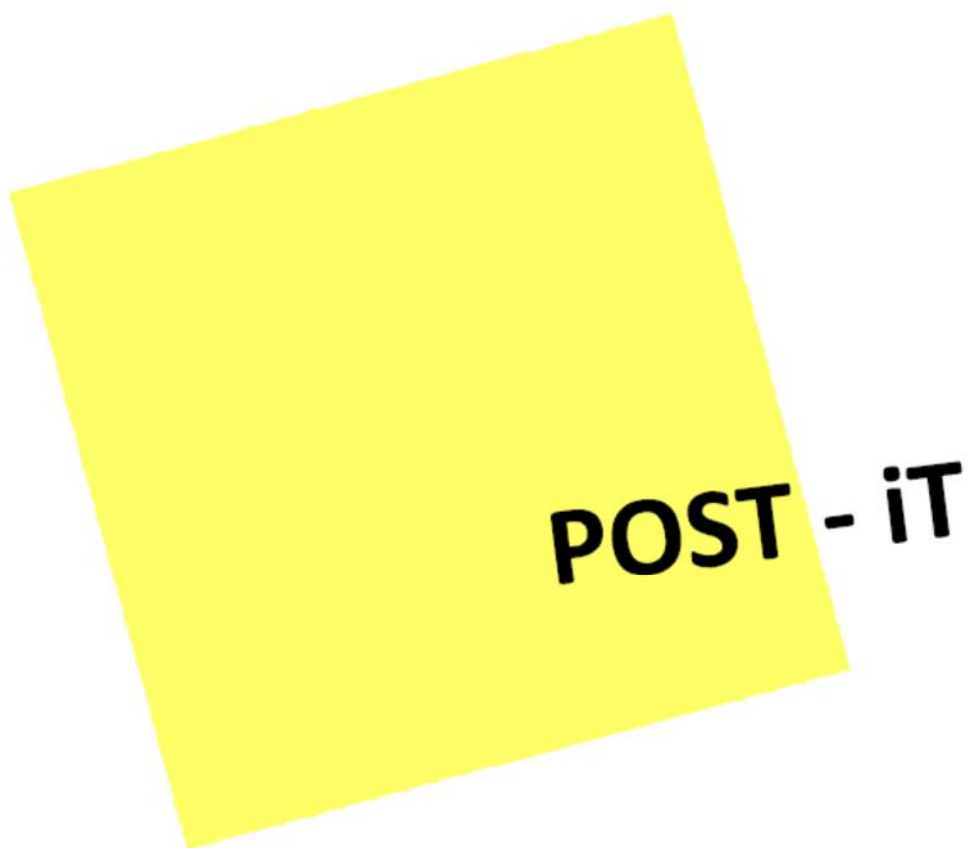
<sup>80</sup> Dorfles, Gillo. O devir das artes. Lisboa: Arcádia, 1979. P. 19.

<sup>81</sup> Idem. P. 35.

<sup>82</sup> Bourdieu, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 319.

<sup>83</sup> Cf. Arnheim, Rudolf. Ensayos para rescatar el arte. Op. cit, p. 45.

- Arnaldo, Javier et al. *Qué es la escultura moderna? - Del objecto a la arquitectura*. Madrid: Fundación Cultural Mapfre Vida, 2003
- Arnheim, Rudolf. *Ensayos para rescatar el arte*. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1992
- Becker, Howard S.. *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010
- Bourdieu, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- Carneiro, Alberto. Entrevista concedida ao autor. São Mamede do Coronado, 8 março de 2014
- Dicionário da Língua Portuguesa [em linha]. Consultado Novembro 28, 2016  
<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Arte>
- Dicionário Etimológico [em linha]. Consultado Novembro 28, 2016  
<http://www.dicionarioetimologico.com.br/arte/>>
- Dorfles, Gillo. *O devir das artes*. Lisboa: Arcádia, 1979
- Hegel, Friedrich. *Estética*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993
- Lima, Maria. *Estéticas da Paisagem e Arquitectura Paisagista* [em linha]. *Philosophica*. Nº 29 (2007). Consultado Janeiro 28, 2017. <http://www.centrodefilosofia.com/uploads/pdfs/philosophica/29/7.pdf>
- Marmeleira, José. Alberto Carneiro e a poética da terra [em linha]. *Artlink*. Consultado Março 7, 2014.  
<http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=23&cid=91120&bl=1&viewall=true>
- Pardal, Sidónio. *A Estética da Paisagem* [em linha]. Seminário Internacional - Sustentabilidade e Usos Sociais dos Parques Urbanos - estratégias e trajetórias. Famalicão 24 e 25 de Outubro de 2012. Consultado Janeiro 29, 2017. [http://www.sidoniopardal.com/40\\_confamalicao.pdf](http://www.sidoniopardal.com/40_confamalicao.pdf)
- Portugal, Pedro. *A arte que é*. Guimarães: Centro Cultural Vila Flor, 2013. Catálogo de Exposição
- Puls, Mauricio. *Arquitectura e Filosofia*. São Paulo: ANNABLUME editora, 2006
- Read, Herbert. *La Escultura Moderna*. Buenos Aires: Editorial Hermes, S.A., 1964
- Rodrigues, Luís. *A Estética Kantiana* [em linha]. Consultado Janeiro 28, 2017. <http://lrsr1.blogspot.pt/2011/03/estetica-kantiana.html>



# **MEMÓRIA, ESPAÇO E EMOÇÕES:**

## **AS PAISAGENS BÉLICAS DA GRANDE GUERRA**

Ana Paula Pires

A transformação de campos de batalha em “paisagens memorialistas” iniciou-se no final da Grande Guerra. No entanto, os monumentos e os objectos que estes espaços reflectem, reportam-se a acontecimentos e não aos contextos ou às inter-relações que o combate forjou. Um dos traços que distingue os combatentes da Grande Guerra dos de outros conflitos não é a experiência bélica em si - que essas paisagens quase sempre retratam - mas os espaços que percorreram e as emoções que viveram, na frente e na retaguarda.

Em África a análise das diferentes paisagens que a I Guerra Mundial gerou, permite-nos compreender o modo como a MEMÓRIA, o ESPAÇO e as EMOÇÕES (como corolário) condicionaram as inter-relações e os contágios culturais entre civis e militares durante os anos do conflito. A sociedade contemporânea está profundamente marcada por encontros culturais provocados por fenómenos globais (escravatura, emigração), cujos reflexos, longe de se circunscreverem às esferas política ou diplomática, influenciaram, directamente, as línguas que falamos, a comida que ingerimos ou as roupas que vestimos, e as diferentes paisagens por que ao longo da vida nos movemos. Apesar de analisadas em menor profundidade as guerras mundiais foram potenciadoras de encontros culturais: homens de diversas nacionalidades encontraram-se a milhares de quilómetros de casa e viveram aquela que seria para muitos a sua primeira e única viagem internacional. MEMÓRIA e ESPAÇO ocupam um papel crucial na definição das políticas de memória e na estruturação de identidades colectivas e individuais, e são essenciais para alcançar o patamar da intangibilidade das EMOÇÕES.

A Grande Guerra foi a maior operação militar no exterior em que participaram tropas portuguesas durante a primeira metade do século XX. A 21 de Agosto de 1914 Portugal decretou a organização e envio de dois destacamentos mistos com destino a Angola e Moçambique. Uma vez instalados na frente africana, o tempo gasto pelas tropas em combate foi significativamente menor do que aquele vivido atrás das linhas. A construção da memória social da I Guerra Mundial iniciou-se após a assinatura do armistício a 11 de Novembro de 1918. É a memória



destes lugares de transição entre frente e retaguarda e entre identidade civil e militar que a paisagem bélica, também registou, que importa recuperar, era aí, e não nos campos de batalha, que os soldados reviviam a sua identidade anterior à mobilização, sociabilizavam com a população local e perspectivavam o regresso à vida civil findas as hostilidades.

As emoções vividas em contexto de guerra, acrescentam outra camada à paisagem bélica, não são apenas reacções a situações de excepção, são, muitas vezes, as causas que estão na origem desses acontecimentos. Em África a Grande Guerra foi um elemento de exclusão e de inclusão cultural e racial: milhares de negros foram integrados nas fileiras do exército, (carregadores ou cozinheiros) enquanto na frente interna em zonas onde a penetração branca era precária, o envio de milhares de europeus brancos para combater em França, deu à população negra, qualificada, a possibilidade de aceder aos cargos deixados vagos pelos europeus.

As paisagens que a Grande Guerra gerou são, por isso, distintas de tudo o resto; são os locais onde os homens se sentem e agem de maneira diferente, por isso quando deixam a vida militar e regressam à normalidade do quotidiano, sentem necessidade de recuperar esta paisagem, contando as suas memórias. Com a assinatura do Armistício a 11 de Novembro de 1918 os portugueses que participaram na I Guerra Mundial adquiriram uma multiplicidade de novas identidades: ex-combatentes, mutilados, gaseados, estropiados, estes últimos as vítimas mais visíveis do conflito, aqueles que carregariam para o Portugal profundo das vilas e aldeias uma outra paisagem, quase sempre a mais visível, a do horror, da destruição e da morte que a Grande Guerra semeou, um pouco por todo o Mundo.



Valiant Hearts: The Great War

# **AS VISÕES SOBRE O “PARAÍSO” NO CONTEXTO DAS REPRESENTAÇÕES DA PAISAGEM DA COSTA DO DENDÊ - BAHIA, BRASIL**

Anderson Gomes da Epifania

**Resumo:** O presente apresenta como elemento chave o debate sobre a representação da paisagem edênica no fenômeno turístico, tendo como estudo de caso o processo de produção do espaço na região turística da Costa do Dendê, no Estado da Bahia - Brasil. Esta perspectiva baseia-se na proposta de que a paisagem edênica e seu contraponto se diferenciam em torno da construção de discursos, concepções, percepções e experiências. Para isso, a análise se baseia no modo como esta paisagem é representada e como se apresenta no real, nos contextos das materialidades presentes na Costa do Dendê e dos agentes que se apropriam, bem como dos lugares em que se encontram. Dessa forma, a questão que propõe-se é qual a natureza, materialidade e virtualidade do paraíso da Costa do Dendê e como ela é apresentada em sua morfologia material e social? A fim de ampliar o foco do debate apresenta-se: o conceito de paisagem tendo por referência o diálogo entre os campos de estudo da Filosofia e Geografia, a relação entre o turismo de massa e a paisagem, culminando na noção de paisagem edênica, bases necessárias para o aprofundamento da O estudo de caso apresentado.

**Palavras Chave:** Paraíso; Contexto; Representação; Paisagem; Costa do Dendê.

# THE VISIONS ABOUT THE "PARADISE" IN THE CONTEXT OF THE REPRESENTATIONS OF THE LANDSCAPE IN THE COAST OF THE DENDÊ - BAHIA, BRAZIL

Anderson Gomes da Epifania

**Abstract:** The present presents as a key element the debate about the representation of the edenic landscape in the tourist phenomenon, having as a case study the process of production of the space in the tourist region of the Dendê Coast, in the State of Bahia - Brazil. This perspective is based on the proposal that the Edenic landscape and its counterpoint are differentiated around the construction of discourses, conceptions, perceptions and experiences. For this, the analysis is based on the way this landscape is represented and how it presents itself in the real, in the contexts of the materialities present in the Coast of the Dendê and of the agents that they appropriate, as well as of the places in which they are. Thus, the question that is proposed is the nature, materiality and virtuality of the Dendê Coast's paradise and how it is presented in its material and social morphology? In order to broaden the focus of the debate we present the concept of landscape with reference to the dialogue between the fields of study of Philosophy and Geography, the relationship between mass tourism and the landscape, culminating in the notion of the Edenic landscape, bases the case study presented.

**Keywords:** Paradise; Context; Representation; Landscape; Coast of the Dendê.

# **AS VISÕES SOBRE O “PARAÍSO” NO CONTEXTO DAS REPRESENTAÇÕES DA PAISAGEM DA COSTA DO DENDÊ - BAHIA, BRASIL**

Anderson Gomes da Epifania

## **1 - INTRODUÇÃO**

Nos diferentes tempos históricos a paisagem teve seu conteúdo ressignificado através das suas representações, trazendo um desafio para as ciências que tecem os seus olhares sobre os fenômenos presentes na paisagem, na medida em que estes se complexificam com os avanços técnicos e impõem novas realidades a trama espacial.

Nas áreas destinadas a atividade turística há um dégraté de leituras possíveis sobre a paisagem que vai desde o discurso posto no marketing sobre os destinos, a sua representação na paisagem em diferentes formas e contextos. Sob a égide do processo de produção capitalista do espaço os investimentos destinados ao turismo de massa, o campo do diverso é fraturado socioespacialmente em decorrência da seleção e investimentos em áreas em detrimento da totalidade do espaço, no qual os discursos sobre a paisagem e suas materialidades são utilizados como recursos para atração de agentes capitalizados em detrimento de um planejamento que se volte para a promoção da justiça social, direcionando assim apropriações e usos de acordo com o poder de compra dos agentes sociais.

Neste sentido, a presente proposta tem por objetivo analisar as visões sobre o “paraíso” postas nos discursos e imagens presentes na paisagem e em suas representações na Costa do Dendê - Bahia, Brasil. Esta reflexão será realizada através da análise dos espaços de representação, do espaço percebido e das representações do espaço, no tocante respectivamente ao planejamento, práticas sociais e plano do vivido, daí trazer o debate para contexto da teoria da produção do espaço e os seus rebatimentos nessas instâncias.

Desta forma, as análises sobre o “paraíso” no espaço apresentado serão problematizadas a partir das seguintes reflexões: Como esse discurso foi construído (pelo poder público e poder privado) e em quais ambientes está presente? Qual a sua natureza, concretude e virtualidade? Em que sentido o mesmo tem rebatimentos na morfologia material e social na Costa do Dendê enquanto totalidade? A quem serve e como os agentes sociais, neste caso autóctones e turistas percebem as suas nuances?

Como percurso procedimental a análise lançará mão da análise de campo, com registros das paisagens e objetos presentes sobre o espaço que representem o “paraíso” propalado nas políticas do turismo da Costa do Dendê, em sua divulgação nas redes sociais e pela análise dos discursos polifônicos presentes nas vozes e percepções dos diferentes agentes sociais anteriormente categorizados, em contrapartida, a outra realidade será apresentada através dos dados referentes aos índices sociais dos autóctones.

O exercício teórico metodológico empreendido, se faz necessário em decorrência da categoria analítica posta em debate não ser apreendida na perspectiva apenas do olhar, mais sim através do contexto em que tal paisagem está inserida, assim como as áreas que foram selecionadas e que concentram investimentos em detrimento do contexto regional. Neste caso, especificamente as visões sobre o “paraíso” (turístico) são representadas na Costa do Dendê em esculturas; na própria paisagem com elementos naturais em destaque, o mar, a praia, a vegetação densa presente na faixa litorânea tropical atlântica.

## **2 - A PAISAGEM PARA ALÉM DO QUE A NOSSA VISTA ALCANÇA**

No debate geográfico, a paisagem como conceito chave vem sendo contextualizada desde os primórdios desta ciência. Na realidade a operacionalização de tal conceito, foi herdado da prática de descrição sobre os espaços até então desconhecidos pelos grandes viajantes, contextualizando as formas presentes no relevo, os biomas presentes no espaço geográfico e a ocupação humana sobre dado território, daí o seu conceito estar por muito tempo atrelado ao que abarcava a visão, e sua leitura partir diretamente da sua descrição e condicionantes naturais e culturais, como imperava nas leituras sobre o sítio e situação.

Na atualidade Cosgrove (1998) lembra que mais do que a leitura do que a vista alcança, o olhar para a paisagem é uma maneira de ver o mundo, um ato que se faz de forma individual e ao

mesmo tempo entre diferentes grupos sociais, mesmo nos espaços racionalizados, numa forma de ver o mundo também por suas ideologias.

Besse (2006) contribui com sua análise, ao atrelar a essas visões de mundo o debate sobre a realidade e a representação, ampliando a operacionalidade de tal conceito com o que não é dado diretamente pela aparência, conectando o visível/aparente ao não necessariamente visível/o seu contexto:

Sem desprezar a existência e o papel das imagens e das percepções no processo eminentemente complexo da definição da paisagem, parece possível avançar na idéia de que a paisagem não se reduz a uma representação, a um mecanismo de projeção subjetiva e cultural. Dizer isso é adotar, de certo modo, o que se chama em filosofia uma posição "realista": é afirmar que há uma realidade além da representação (...). Note-se enfim que, nesta perspectiva, o conceito de paisagem não é unicamente uma vista, é antes um território ou um sítio. Mesmo que este sítio ou este território sejam visíveis, seu ser não se reduz à sua visibilidade. O problema que se coloca neste último caso é o de conseguir aprender a relação entre a dimensão visível da paisagem e aquela que não é. Ler a paisagem é extrair formas de organização do espaço, extrair estruturas, formas, fluxos, tensões, direções e limites, centralidades e periferias. (Besse, 2006, p. 64)

Destaca-se em tal leitura, a grande dificuldade em operacionalizar conceito é o que não está dado em sua aparência, ou seja, no que a vista não abarca diretamente. A complexidade em tal debate se amplia no processo de produção do espaço (Lefebvre, 2000) ao relacionar a paisagem ao acúmulo de processos naturais e humanos, e neste último caso as suas intencionalidades. Há que se considerar também o planejamento sobre o espaço e a criação de novas materialidades, assim como da valorização de determinados atributos da totalidade do espaço, fragmentando-o, criando diferentes percepções sobre um mesmo espaço, assim como, uma diversidade de usos e apropriações em seu cotidiano.

No caso dos espaços destinados a atividade turística em seu modelo massivo a paisagem e sua representação direciona-se a atração de indivíduos que as queiram visitar, daí a recriação de ambientes que muitas vezes pouco tem a ver com o contexto em que se insere ou mesmo dos discursos sobre tais espaços em torno da apazibilidade e de seus encantos, a exemplo do discurso edênico.

Esta visão está atrelada ao contexto social atual contextualizados por autores como Debord (1997) e Maccannel, sobre diferentes visões. Na visão do primeiro autor, as relações sociais se esfacelam sob a película da cenarização reproduzidas no espaço e na vida, tendo como pano de fundo um falseamento das relações sociais mediadas pelo fetiche de mercadoria (Marx, 2013),

alienando os indivíduos e reduzindo o seu campo de ação por meio desse processo global de espetacularização, fato muito presente nos espaços de destinos que se postam como enclaves.

Em MacCannel, o indivíduo que representa o modelo do homem moderno é a figura do turista, personagem havido por novas experiências (mediada ou não) direcionadas pelo consumo das paisagens que na modernidade são compostas por matizes de realidades cenarizadas e/ou originais, promovendo um novo modo de vida aguçado pela curiosidade/desejo em viver a totalidade do mundo presente em fragmentos de espaços naturais; preservados; e construídos artificialmente.

As leituras apresentadas refletem sobre o processo que se intensifica na atualidade, mesmo que de forma divergente no tocante a leitura positiva e negativa de tal processo. A discussão posta diz respeito ao processo de produção capitalista do espaço e das suas contradições, na forma do desenvolvimento desigual e combinado (Smith, 1988), que no caso dos espaços destinados ao turismo por intermédio do acesso às novas tecnologias, principalmente por parte das tecnologias informacionais e dos transportes, que subverteram a lógica entre proximidade e distância, decorrentes do processo de compressão espaço tempo (Harvey, 2007).

No que se refere a acessibilidade a informação, paisagens anteriormente distantes passam a ser divulgadas via sistemas informacionais<sup>84</sup> de forma mais rápida, e mesmo manipuladas por meio do discurso e recortes destes espaços, surgem aí uma diversidade de representações, como mapas temáticos, ilustrações, fotografias, novas formas de representação da paisagem assim como há um certo tempo cumpriam tal função os relatos de viagem e a iconografia.

Observa-se no presente Como apontado por Lipovetsky e Serroy (2015, p. 44) a produção de verdadeiras hiper-realidades baseadas nas "(...) engenharias do estilo, dos sonhos, das narrativas", estas no campo do turismo associadas ao marketing mesclam discursos e imagens que se voltam para a divulgação dos destinos turísticos a exemplo da leitura a ser apresentada sobre a Costa do Dendê.

---

<sup>84</sup> Rodrigues (p. 1999, 27) apresenta essa discussão no tocante a relação entre a atividade do turismo e as estratégias de marketing para acessibilidade ao imaginário da sociedade: "(...) a publicidade não é apenas um convite à viagem, ela é igualmente um reflexo estilizado da mentalidade coletiva. Ultrapassando o nível da retórica pode-se ascender ao modelo topológico desse imaginário, transformando-o em realidade".

### **3 - PRIMEIRA INCURSÃO PELA COSTA DO DENDÊ UMA REFLEXÃO SOBRE AS PAISAGENS RESULTANTES DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO**

A Costa do Dendê está localizada em território brasileiro no estado da Bahia. A região turística assim denominada, representa uma suposta baianidade (em termos culturais) vinculada à culinária de matriz africana pela referência ao azeite de Dendê, resultante do beneficiamento do fruto dos dendezeiros, de plantação subespontânea introduzidos no Brasil durante o processo de colonização no século XVI presentes entre as zonas de contato da planície litorânea e do tabuleiro costeiro bastante dissecado devido ao clima tropical úmido.

Tal regionalização é resultado da ação do estado para a promoção da atividade turística, com a criação na década de 90 do século passado pelo estado da Bahia, tendo como estratégia de marketing, elementos que destacassem o contexto regional, neste caso, foi definida a toponímia de Costa do Dendê compreendendo oito municípios localizados entre as coordenadas 13° 22' 54" de latitude sul e 38° 54' 50" de longitude oeste (Sudetur, 2001).

Na faixa da planície litorânea há a presença de extensos cordões litorâneos recobertos por vegetação de restinga e florestas de manguezais na desembocadura dos rios, no litoral encontram-se ricos sítios coralígenos. Nas ilhas e na faixa litorânea da porção continental, próximos a linha da praia há uma extensa faixa de coqueiros, assim como o cultivo do dendê, classificada por Ab'Saber (2003) como mata do dendê.

Em decorrência das atividades agrícolas presentes nesse espaço, com o uso do sistema agroflorestal em especial a cacauicultura que necessita do sombreamento, a Costa do Dendê é uma das regiões do estado com maiores níveis de resquícios da Floresta Atlântica, nos vales em meio a Mata Atlântica, diversos caminhos de rios, córregos e cachoeiras se fazem presentes, espaços possíveis para a atividade do turismo ecológico, mais são muito pouco utilizados para tal atividade.

Outro fator relevante para a permanência deste bioma diz respeito ao processo de colonização diferenciado nesta região, historicamente este espaço foi palco de conflitos entre indígenas e colonos pela posse das terras; entre os anos de 1750 a 1774 (Oliveira, 2009) os tapuias (Aimorés do grupo linguístico Jê) guerrearam contra os colonizadores que tinham como aliados os Tupinambás (do tronco linguístico Tupi-Guarani), inclusive forçando a mudança de sítios



urbanos de localidades, sendo que durante este período além de Camamu mais ao sul, a maior parte das ocupações se localizavam nas ilhas, tendo em Morro de São Paulo um forte aparato militar. Desta feita a despeito de outros espaços do estado da Bahia dedicados a monocultura, imperava nessa região o extrativismo vegetal e a criação de gado bovino nas proximidades das ilhas, e posteriormente vinculou-se a produção de artigos para os espaços monocultores.

A ocupação territorial foi realizada margeando o litoral e pelos caminhos dos rios, seguindo o padrão português de colonização, com igrejas mirantes com vistas para as orlas oceânicas e dos rios, merecendo destaque os casarios distribuídos entre as cidades alta e baixa de Camamu, no distrito sede Marau e o forte de Morro de São Paulo.

Atualmente com população absoluta de um pouco mais de 220.000, cerca de 100.000 vivem em áreas rurais<sup>85</sup>, dentre as quais quilombos, assentamentos rurais e um aldeamento indígena, estas ainda não integradas a atividade do turismo, mesmo apresentando estas possibilidades.

Nas festividades sagradas e profanas e folguedos presentes na Costa do Dendê, representados ao longo do ano, trazem em sua indumentária e sonoridade a herança da cultura ibérica, africana e indígena, a exemplo do grupo cultural zambiampunga que celebra a ruralidade em suas festividades ligadas a colheita, as marujadas, os ritos de matriz africana e festividades de matriz cristã e afrodescendente.

Apesar dessa realidade diversa, na realidade o enfoque da regionalização leva em consideração na Costa do Dendê principalmente as praias, preponderando o turismo para as ilhas, em especial para o arquipélago de Tinharé localizado no município de Cairu, deixando a margem outros espaços de beleza cênica tão imponentes quanto. Outra questão desconsiderada no tocante ao planejamento foi a de articulação dos arranjos produtivos, reduzindo a possibilidade de agregar um maior valor para a atividade no contexto regional.

---

<sup>85</sup> Levando em consideração que os dados do IBGE referem-se a dados administrativos onde quem define o que é rural e urbano são as prefeituras dos municípios, na realidade esse número seria ultrapassado, pois muitas das áreas consideradas urbanas e mesmo algumas sedes municipais como em Igrapiúna e Nilo Peçanha apresentam características rurais (No Brasil toda sede do município é considerada área urbana).



Fig. 1: Região Turística da Costa do Dendê, Bahia - Brasil

Nos últimos trinta anos, sob a ação do governo federal em parceria com organizações financeiras internacionais, investiram em diversas regionalizações no país, por intermédio do Programa para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (Prodetur I e II), com o discurso de desenvolver os espaços no tocante a promoção do bem-estar, da sustentabilidade e da qualidade de vida, mais em muitas vezes ampliam os conflitos sociais.

No cerne dos projetos, a intervenção estatal em parceria público-privada, promoveria uma maior acessibilidade ao emprego e consequentemente a renda para a população local, além da possibilidade de ampliação dos espaços destinados a atividade turística por meio da polarização dos municípios que acessassem esses investimentos. Na prática, as verbas alocadas foram destinadas a criação de infraestruturas em alguns enclaves turísticos, não dando conta do que foi apresentado no discurso presente no planejamento sobre o desenvolvimento na escala

regional, preponderando ações direcionadas ao crescimento econômico sem a sua real distribuição, sendo os investimentos no estado da Bahia centralizados em subespaços específicos (Santos, 2013), que no caso da faixa litorânea se concentra nas vias de ligação e equipamentos próximos a faixa da praia.

Os recursos provenientes do programa foram alocados também para treze regiões turísticas do estado da Bahia<sup>86</sup>, dentre as quais a Costa do Dendê, que mesmo sendo uma das regiões mais pobres do estado da Bahia, teve junto com a Costa das Baleias os menores valores de recursos alocados (Jardim, 2008), mesmo tendo na região terceiro principal destino turístico do estado, a praia de Morro de São Paulo e no contexto regional ser a quinta região no que diz respeito ao fluxo turístico (Cerqueira, 2014), ficando atrás apenas da Baía de Todos os Santos, Costa do Descobrimento, Costa dos Coqueiros e Costa do Cacau.

No que tange o índice de pobreza na Costa do Dendê, todos os municípios caracterizam-se por uma elevada taxa (Pochmann, 2004), o município com mais alto índice é o que apresenta os destinos mais visitado, o município de Cairu; tal índice é caracterizado pelos indicadores de exclusão social; como: a) padrão de vida: padrão econômico dos chefes de famílias pobres, categoria do emprego formal/informal, diferença entre as rendas; b) o legado técnico cultural: tempo de estudos dos chefes de família, a taxa de alfabetização acima dos 05 anos de idade; 3) análise da vulnerabilidade juvenil: risco dos jovens envolver-se em ações criminosas.

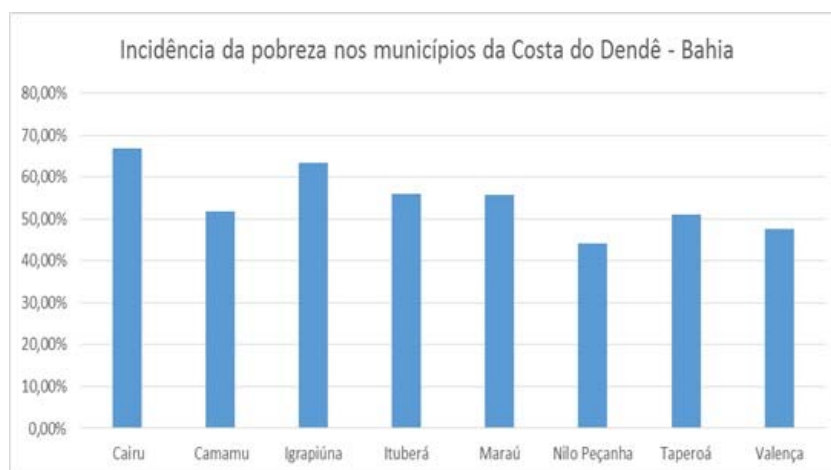


Fig. 2: índice de pobreza da Costa do Dendê. Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: Epifania, 2015

Considerando o IDHM da Costa do Dendê, apenas três municípios apresentam o IDH municipal médio, tendo em sua maioria índices baixos, entre 0,627 a 0,547. O município de Valença que apresenta o maior contingente populacional, ocupa a 25ª posição do índice de homicídio de

<sup>86</sup> Sendo estas: Baía de Todos os Santos; Caminhos do Jequiçá; Caminhos do Sertão; Caminhos do Oeste; Caminhos do Sudoeste; Chapada Diamantina; Costa das Baleias; Costa do Cacau; Costa dos Coqueiros; Costa do Dendê; Costa do Descobrimento; Lagoas do São Francisco; Vales do São Francisco.

jovens (em sua maioria negros) entre os municípios brasileiros com contingente populacional de mais de 100.000 habitantes (Waiselfisz, 2013), violência que vem crescendo nos últimos anos em outros municípios da região.

Em relação ao Índice de Bem-Estar Urbano dos Municípios Brasileiros (IBEU-Municipal) que considera a mobilidade, as condições ambientais do ambiente urbano, o padrão das habitações, a infraestrutura e a qualidade dos serviços coletivos entre os 5565 municípios brasileiros, três dos oito municípios encontram-se na faixa acima da posição 4.000 (com dois acima de 3.500, e mais 03 acima dos 2.500), sendo o penúltimo o município de Cairu, tendo um menor nível no tocante ao índice de infraestrutura urbana (Ribeiro, 2016).

Os elementos apresentados servem de referência para contraposição ao discurso apresentado para a promoção da atividade turística e podem ser considerados para a promoção de outro planejamento possível, no tocante as possibilidades que a região pode apresentar, questões presentes nas leituras da agenda de pesquisa do autor (Epifania, 2011; 2012; 2013).

#### **4 - A PAISAGEM COM DESTINO AO TURISMO NA COSTA DO DENDÊ-BAHIA:**

##### **UM 'PARAÍSO A VISTA'**

O turismo na Costa do Dendê, reflete em seu discurso e imagens o contexto apresentado pela herança da leitura do Brasil como espaço paradisíaco, atrelando o seu contexto climático na faixa tropical as belezas cênicas litorâneas, destoando do contexto regional apresentado no planejamento. Mesmo que outras áreas tenham belezas cênicas tão imponente quanto como os caminhos de rios e cachoeira muito utilizado pela população local, que poderiam ser agregados ao turismo com o uso de trilhas ecológicas e de esportes de aventura.

A representação edênica brasileira segundo Chauí (2000) está representada desde a descrição no escrito de Pero Vaz Caminha, leitura constante também em outros relatos de viagem, inicialmente dando conta dos seus aspectos naturais, que posteriormente seriam transpostos aos aspectos comportamentais, forjando a leitura de nação do ser brasileiro, representado por adjetivos de indivíduos afáveis, alegres, sensuais e acolhedores.

Holanda (2010) corrobora com a visão da autora ao apresentar a tese de como a visão sobre o paraíso foi construída durante o processo de colonização e como o mesmo permanece na contemporaneidade. Reflexo presente no discurso do turismo no país com o ideário sobre espaços exóticos, ligados ao sexismo (o Brasil da mulata sestrosa) e onde tudo pode acontecer,

voltando quase sempre para as belezas naturais (Vilela-Ardenghi, et. al., 2013), em especial nos espaços litorâneos, como observados na Costa do Dendê.

Desta forma as principais referências sobre o turismo na Costa do Dendê dizem respeito aos espaços como enclaves dentro do contexto regional, como apresentados na imagem de satélite, sendo estes categorizados da seguinte forma: 1) O Guaibim (Valença), com a presença principalmente de atividades de veraneio e da vilegiatura marítima, com espaços de segunda residência provenientes principalmente de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro e Minas Gerais (OLIVEIRA, 2008); 2) Morro de São Paulo (Cairu), destino mais cosmopolita e cearizado; 3) Boipeba (Cairu); 4) Península de Maraú (Maraú), como destinos ecológicos e de aventura. Os últimos três destinos com público variado, inclusive turistas de outros países.



Fig. 3: Principais destinos turísticos da Costa do Dendê - Bahia

Observa-se que na faixa litorânea continental, prepondera as visitas com excursões, chamados pejorativamente de farofeiros e o uso por parte dos munícipes, enquanto na

Península de Maraú e no Arquipélago de Tinharé, em seus enclaves turísticos a maior fluxo de visitantes são externos ao local. Em sua totalidade as acomodações vão desde campings, hostels, hotéis e mesmo resorts.

Nas entrevistas diversas vezes foram colocadas questões sobre a produção de enclaves no contexto regional, e a falta de planejamento em considerar outras áreas que poderiam se melhor utilizadas e não apenas a praia e o sol, como apresentado por um comerciante:

*"Tem potencialidade, mas não tem investimento.. É, quando você olha as cachoeiras que tem na localização, hoje ninguém tem acesso, não tem divulgação, a cidade em si não está oferecendo nada para o turista. O que se fala de turismo são as praias de Guaibim e Morro, só os nomes mais as cidades da região não tem turismo. (Pesquisa de campo, 2012)."*

Os discursos e materialidades sobre o paraíso terrenos presente nos enclaves da Costa do Dendê estão presentes tanto in loco, quanto em suas representações, observa-se a representação nesses fragmentos vendáveis do retorno ao contexto natural, posto para os turistas em detrimento da realidade regional. O espaço como mercadoria onde tudo é permitido inclusive a entrega ao ócio e a luxúria.

Ao chegar a Costa do Dendê pela rodovia BA 001, os visitantes são recebidos pela figura de Adão e Eva desnudos e com suas protuberâncias bem desenhadas. A Eva representada pela figura da mulata "sestrosa" entrega ao Adão com traços europeus a sua brasilidade e a maçã proibida, ao redor das estátuas estão dispostos variados frutos do mar. Seria um convite a gula e a degustação do que essa terra nos oferece?



Fig. 4: Pórtico na entrada do destino turístico do Guaibim

Fonte: Epifania, 2012



Tal imagem foi motivo de muitas críticas na Costa do Dendê, em torno de dez anos de sua presença na entrada da região os moradores da região, em especial do município de Valença pediram a retirada deste e de outro geosímbolos, inclusive a mesma era motivo de piada em rodas de conversas, sendo inclusive criticadas em comunidades virtuais como a montagem feita no grupo do facebook Valença da Depressão.



Fig. 5: Postagem na comunidade Valença da Depressão

Fonte: Comunidade do facebook Valença da depressão

Neste caso os autores montaram um quadro dialogando com geosímbolos<sup>87</sup> ligados ao turismo, como o layout da marca de Morro de São Paulo e o Adão e a Eva, uma fotografia da segunda praia do morro, principal área utilizada pelos turistas e uma cena que retrata a violência<sup>88</sup> que a população passa nas áreas não destinadas ao turismo.

Utilizando o jogo de palavras a palavra morro (de Morro de São Paulo), está vinculada a saudade do espaço turístico; a vergonha nas estátuas que representariam o turismo sexual, essa uma das maiores interpretações apresentadas nas entrevistas; morro de verdade relacionado ao

<sup>87</sup> CORRÊA (2004) associa as representações sobre os objetos técnicos presentes no espaço, podendo ter diversas informações, como o civismo, a religiosidade, ou mesmo a sensualização à exemplo da representação fazendo um paralelo na relação entre turista e nativo.

<sup>88</sup> A fotografia refere-se ao ano de 2011, quando houve alguns levantes populares contra a violência que assola a região, neste caso a mesma ocorreu em frente à prefeitura e câmara dos vereadores. Em outros momentos, sempre a caminhadas da população pedindo paz, em decorrência de alguns conflitos.

cotidiano tão dispar que os moradores da Costa do Dendê passam. Esta postagem foi compartilhada por 248 pessoas e teve 91 curtidas (no ano de 2012).

Na disputa por turistas, muitas vezes aparecem no discurso sobre os espaços da Costa do Dendê comparações com a criação de características muitas das vezes antagônicas, como apresentado na reportagem de Azi (2015), contrapondo as localidades de Boipeba e Morro de São Paulo, ambas no Arquipélago de Tinharé, no município de Cairu: rústico X moderno; tranquilidade X badalação; MPB X Axé.

O discurso sobre a aproximação com os espaço mais ecológico e rústicos, também utilizado nas leituras sobre a Península de Maraú, são sempre acompanhados das comodidades da modernidade: as lanchas rápidas para fazer um tour pelas ilhas e visitar os sítios coralígenos, tratores e jardineiras para fazer o percurso entre as áreas da ilha, restaurantes a beira mar, internet com wi fi, dentre outras.

A Península de Maraú em outra reportagem (intitulada “Descubra Maraú”) inclusive é representada como um polo competitivo em relação a outros pontos turísticos do estado, neste caso, Cestari (2015) retrata a mudança de points até chegar em Maraú fazendo uma correlação com o “descobrimento do Brasil” via Porto Seguro, com a ascensão de novos espaços como Ilhéus, Trancoso, Itacaré, Morro de São Paulo e Boipeba, eis que surge um novo paraíso na Costa do Dendê a Península de Maraú com suas piscinas caribenhas e seus “ares” rústicos, com “os últimos resquícios de Mata Atlântica do litoral baiano, onde caixas eletrônicos, asfalto, poluição, violência e estresse são coisas do outro mundo” (p. 32).

Aqui fica claro a mercantilização do espaço e as colagens que muitas vezes os enclaves turísticos buscam representar, um espaço descolado do mundo, as praias com características caribenhas, mesmo que estejam a muitas milhas náuticas do caribe; do espaço dissociado de toda modernidade, um refúgio ao mundo pintado como violento, próprio para o bom ócio, uma mercadoria luxo como apresentado por (Vainer, 2002), favorecendo o seu uso para o que o autor denominou de usuário solventes, dado o auto valor agregado nos serviços prestados nestes espaços.





Fig. 6: Propaganda da pousada Buda Beach

Fonte: [www.budabeachbrasil.com](http://www.budabeachbrasil.com). Acesso em 09/07/2015

O paraíso presente na Costa do Dendê, pode ser comparado a outros paraísos no Brasil e memo no mundo, a exemplo do apresentado na imagem anterior, se as mesmas não tivessem a procedência da localidade poderia se referir que as mesmas representam alguma localidade em meio a Oceania ou em qualquer lugar do mundo. A presença da rede de pousas em dois estados diferentes do Brasil, Bahia e Rio de Janeiro, neste caso em Marau e Búzios, além do hotel e restaurante em Morro de São Paulo, apresentam elementos próximos em sua representação tendo o mar como principal atrativo e na linha de praia onde estão localizados a estátua de Buda em posição de lótus a olhar para o mar

A colagem do espaço oriental é representada com um Buda em posição de lótus a olhar para o mar. Não seria um convite a contemplação do mar com o cardápio nas mãos, e a supostamente pertencer a um espaço descolado - zen, mercadologicamente diferente de outros espaços - uma verdadeira estratégia existencial consumista (Bauman, 2008), o consumo da estetização da paisagem.

(...) as relações entre setor econômico e social (...) não se reduzem ao domínio do primeiro sobre o segundo, mas ao inverso, o capitalismo é obrigado a propor formas de engajamento compatíveis com o estado do mundo social no qual está incorporado e com as aspirações dos seus membros que consigam expressar-se com mais força" (Boltanski, 2009, p. 199)

A paisagem apresentada destoa do contexto regional, em seus usos, observa-se o poder de compra e as oportunidades oferecidas por parte do poder público no que tange as possibilidades

de lazer que é tão importante para a realização do ser humano. Desta forma questiona-se: quais os limites do paraíso, ou mesmo, paraíso para quem?

## **5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Há que se considerar os discursos e a paisagem para além da forma e da estética, sendo necessário focar nos seus conteúdos e na invisibilidade das estruturas e eventos que se apresentam nos espaços destinados ao fenómeno turístico em contraponto ao contexto da totalidade, partindo do princípio de que as paisagens e os discursos sobre esses espaços são verdadeiros campos de luta no processo de produção do espaço, entre a ação do capital e a reprodução da vida.

Observa-se nas representações sobre a Costa do Dendê que o Éden foi pensado e em sua totalidade não foi gestado. Na realidade saindo do espaço concebido para a sua percepção e vivência dos agentes sociais, no discurso da população retratam que a diversidade de espaços estão fora dessa concepção, sendo que muitos destes, se configuram como espaços perigosos pela ausência do poder público, ou mesmo em processo de degradação ambiental e/ou arquitetónicos nas áreas de valor histórico, fazendo desaparecer esse suposto Éden, tendo no espaço em sua totalidade e na paisagem dos espaços a margem dos enclaves turísticos o contradiscurso referentes ao que não foi executado em relação ao planeamento.

Nessas margens apresenta-se todo contexto regional representado pela totalidade dos oito municípios inseridos na Região Turística da Costa do Dendê. Neste contexto se faz mister repensar o que está posto com o ideário sobre o “paraíso” e a quem tal discurso serve. Ou mesmo em quais bases tal prática poderia contribuir para uma outra realidade que não expulse os autóctones do “Éden” para que este paraíso possa ser expandido para além do litoral da Costa do Dendê.

Dada a diferenciação da região em análise e dos seus municípios, a integração dos seus arranjos produtivos em especial a agricultura praticada ao turismo, poderia se conectar a demanda regional com vistas a melhorar o valor agregado em torno dos seus produtos, com a redução do percurso, tanto no que tange a desvalorização decorrente do custo do transporte, como da capitalização dos produtos por parte dos atravessadores, prática comum na região, o que também acreditamos que possibilitaria ao morador das áreas rurais melhorarem o seu padrão de vida.

Outra possibilidade seria a ampliação dos espaços de visitação com a criação de novos roteiros para além da faixa litorânea, possibilitando a acessibilidade e uso por parte dos munícipes destes

espaços para o lazer, como apresentado em outros trabalhos (Epifania, 2011; 2012), efetivando assim a ampliação da escala regional, dada as potencialidades dos outros espaços, elencando suas características: culturais (e seus grupos), históricas e ambientais.

Ponto pacífico sobre os espaços turistificados, em outros trabalhos, a exemplo da pesquisa de Vinhas (2007), e sua análise sobre o patrimônio histórico de Cairu. Em relação a outros municípios, o patrimônio arquitetônico de Camamu, Nilo Peçanha e Taperoá também se destacam, assim como outros elementos na paisagem, a exemplo da imponência da Cachoeira da Pancada Grande com margens entres os municípios de Ituberá e Igrapiúna, e outras fora do roteiro como a belíssima Cachoeira do Canta Galo em Valença. Integrar os espaços e os seus arranjos produtivos possibilitaria ampliar as benesses provenientes da prática do turismo no que tange a inserção do contexto regional nessa concepção do “paraíso”.

## 6 - BIBLIOGRAFIA

- Ab'Saber, A. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Atelier, 2003
- Azzi, Tales. A ilha mais bela da Bahia: Boipeba. *Revista Viaje Mais*. São Paulo: Editora Europa. Edição nº 168, maio de 2015
- Bauman, Z. *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahard Ed., 2008
- Besse, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006
- Boltanski, L. et. al. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009
- Cerqueira, P. S., et. al. Políticas públicas destinadas ao desenvolvimento turístico na Bahia. In: *Anais IV Encontro dos Economistas e IV Encontro de Egressos*. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2014
- Cestari, H. Descubra Maraú. *Revista Férias no Brasil*. Editora Europa: São Paulo. Ano 1, nº5, 2015
- Chauí, Marillene. O mito Fundador. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, vl. 09, nº 19, p23-36, out. 2000
- Corrêa, Aureanice de Mello. *Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia) -Instituto de Geociências, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004
- Cosgrove, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humana. In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123
- Debord, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997
- Epifania, Anderson Gomes da Epifania; Queiroz, Andrea. Percursos possíveis para o lazer e o turismo no município de Valença Bahia. In: *Revista Ciência Junior*. Brasília: Unique Editora, 2011. p.41 - 42
- Epifania, Anderson Gomes da Epifania; Ferreira, Sabrina dos Santos. Caminhos possíveis para integração do lazer e turismo em Valença - Bahia. In: *III Simpósio Cidades Pequenas Médias da Bahia*, 2012, Feira de Santana: UEFS, 2012

- Epifania, Anderson Gomes da Epifania. Território de Identidade Baixo Sul Baiano: análises socioeconômicas e perspectivas. *Anais do Encontro Nacional de Geógrafos*. Belo Horizonte: UFMG, 2012
- A polifonia das cidades e a análise do cotidiano: perspectivas teórico-metodológicas para o estudo do urbano. In: *Anais do Encuentro de Geógrafos da América Latina*. Lima Peru, 2013a
- Do 'paraíso' as 'facilidades': o cotidiano, o planejamento e a polifonia dos espaços turísticos em Valença Bahia. In: *Anais do Encuentro de Geógrafos da América Latina*. Lima Peru, 2013b
- Harvey, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2007
- Holanda, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense: Publifolha, 2000.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 out. 2015
- Jardim, Ernesto Pablo da Mata Machado Lara. Os impactos da atividade turística: O loteamento do Buraco do Cachorro Arquipélago de Tinharé - Bahia. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008\\_1055.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1055.pdf)>. Acesso em 20 nov. 2015
- Lefevre, Henri. *A produção do espaço*. Paris: Éditions Anthropos, 2000
- Lipovetski, Gilles; Serroy, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das letras. 2015
- Maccannell, Dean. *El turista, una nueva teoria de la classe ociosa*. Barcelona: Ed. Melusina. 2003
- Marx Karl. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013
- Oliveira, Edgard Otacilio da Silva. *Valença: dos primórdios à contemporaneidade*. Editora Face: Valença - Ba, 2009
- Oliveira, Edla Maria Barreto Santos *O Turismo no Guaibim, Valença-Ba: dinâmica econômica e condições de desenvolvimento sócio-espacial*. Dissertação (Mestrado) -UNEB. Pós-graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, 2008
- Pochamann, M., et. al. (Orgs.). *Atlas da exclusão social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2004.
- Ribeiro, Luiz César de Queiroz; Queiroz, Marcelo Gomes (Orgs.). *IBEU Municipal: índice de bem-estar urbano dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: Observatório dos Metrópoles - IPPUR/UFRJ, 2016
- Rodrigues, Adyr Balastrieri. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec, 1999
- Santos, T. M. S. dos. Políticas públicas de turismo na Bahia: As zonas turísticas e a (des)concentração de investimentos no território baiano. *Anais do XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina*: Lima - Peru, 2013
- Smith, Neil. *Desenvolvimento desigual: natureza, capital e produção do espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988
- Sudetur. *Roteiros Ecoturísticos da Bahia - Costa do Dendê*. Secretaria da Cultura e Turismo/Superintendência de Desenvolvimento do Turismo. Coleção Selo Turismo 2, Salvador, 2001

Vilela-Ardenghi, Ana Carolina; Motta, Ana Raquel. *Brasil-paraíso: estereótipo e circulação*. In: DELTA. 2013. Vol. 29. p. 381-404

Vinhais, Thaís dos Santos. O patrimônio histórico em Morro de São Paulo, Cairu-Bahia: lugar de memória, espaço de cultura, opção de turismo. Dissertação (Mestrado) -UESC. Pós-graduação em Cultura e Turismo, 2007

Waiselfisz, J. J. Juventude viva: homicídios e juventude no Brasil. Disponível: <[http://mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013\\_homicidios\\_juventude.pdf](http://mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf)>/ Acesso em: 19 jul. 2014.

# GEOMORFOLOGIA E PAISAGEM CULTURAL NA SERRA DE ARGÁ

Andreia Amorim Pereira e Lúcio Cunha

**Resumo:** Tentando estabelecer uma ponte interdisciplinar entre a Geomorfologia Cultural, o estudo da Paisagem e as ciências do Património, o presente trabalho centra-se na análise da influência das formas de relevo sobre a modelação de paisagens agro-silvo-pastoris de média montanha do noroeste português, adotando a Serra de Argá como caso de estudo. Propõe-se uma análise da importância dos condicionantes geomorfológicos na construção da paisagem humanizada, no que respeita a opções locativas, estratégias defensivas, padrões de povoamento, estrutura fundiária, uso do solo, redes de comunicação e modelos de exploração de recursos. Com base nas evidências da investigação histórico-arqueológica regional, foi possível sintetizar os momentos-chave e os processos de modelação da paisagem mais relevantes desde o Neolítico até à atualidade.

A correlação do esboço geomorfológico com a cartografia das unidades de paisagem e dos vestígios histórico-arqueológicos evidenciou as relações entre formas de relevo e o carácter da paisagem. Com base no cruzamento da cartografia de unidades de paisagem cultural com o esboço geomorfológico, é apresentada uma caracterização de diversos exemplos onde os fatores geomorfológicos exercem importante influência sobre a ocupação humana.

Desta forma, foi reforçada a compreensão da contribuição da Geomorfologia para uma leitura interdisciplinar, integrativa e dinâmica de paisagens culturais.

**Palavras Chave:** Paisagem Cultural; Geomorfologia; Formas de Relevo; Unidades de Paisagem.

# GEOMORPHOLOGY AND CULTURAL LANDSCAPE IN SIERRA ARGÁ

Andreia Amorim Pereira e Lúcio Cunha

**Abstract:** Establishing an interdisciplinary bridge between Cultural Geomorphology, the landscape sciences and heritage sciences, the present research work focuses on the analysis of the influence of the landforms on the shaping of agroforestry landscapes of the medium mountains of north-western Portugal, adopting the Argá Mountain as a case study. It is conducted an analysis of the importance of the geomorphological conditions in the construction of the humanized landscape, in relation to locative options, defensive strategies, settlement patterns, land structure, land use, communication networks and resource exploitation models. Based on the evidence of the regional historical-archaeological research, it was possible to synthesize the key moments and the most relevant landscape shaping processes from the Neolithic to the present.

The correlation of the geomorphological sketch with the cartography of the landscape units and the map of historical-archaeological remains showed the relations between landforms and the landscape character. Based on the correlation of the cartography of cultural landscape units with the geomorphological sketch, a characterization of several examples where the geomorphological factors have an important influence on the human occupation is presented. In this way, the understanding of the contribution of Geomorphology to an interdisciplinary, integrative and dynamic reading of cultural landscapes was reinforced.

**Key-words:** Cultural Landscape; Geomorphology; Landforms; Landscape Units.

# GEOMORFOLOGIA E PAISAGEM CULTURAL NA SERRA DE ARGÁ

Andreia Amorim Pereira e Lúcio Cunha

## 1 - INTRODUÇÃO

A Geomorfologia Cultural destaca a importância do estudo do valor patrimonial das formas de relevo enquanto suporte das paisagens, na sua interação com o património cultural, seja de carácter histórico, arqueológico ou arquitetónico (Panizza e Piacente, 2003).

Este trabalho assume como objetivo central analisar e demonstrar com exemplos concretos o papel que as formas de relevo de escala intermédia e as formações litológicas têm desempenhado na modelação de paisagens agro-silvo-pastoris de média montanha do noroeste português, adotando a Serra de Argá como caso de estudo. Propõe-se uma análise da importância dos condicionantes geomorfológicos na construção da paisagem humanizada, no que respeita a opções locativas, estratégias defensivas, padrões de povoamento, estrutura fundiária, uso do solo, redes de comunicação e modelos de exploração de recursos.

Uma sequência de metas intermédias concorreu para a concretização deste objetivo principal:

- a) Apresentação das principais características geomorfológicas do território em estudo;
- b) Identificação e delimitação cartográfica das unidades de paisagem cultural da Serra de Argá;
- c) Inventário sistemático e georreferenciação do património histórico-arqueológico e vernacular relevante para a compreensão dos modelos de ocupação humana do território e dos sistemas económicos de base primária presentes neste território em diferentes períodos históricos;



- d) Identificação de exemplos de formas de relevo de escala intermédia onde se pode observar um padrão consistente de características específicas da paisagem cultural;
- e) Caracterização do carácter da paisagem associada a diferentes quadros geomorfológicos.

A correlação visual do esboço geomorfológico com a cartografia das unidades de paisagem e dos vestígios histórico-arqueológicos evidenciou fortes relações entre formas de relevo e paisagem (Kozlik e Reynard, 2013; Panizza, 2003; Panizza e Piacente, 2003).

## **2 - QUADRO GEOMORFOLÓGICO REGIONAL**

A Serra de Arga enquadra-se nos sistemas montanhosos do Minho. Adotando a expressão de Ferreira (2004) esta unidade estrutural apresenta-se como um "*mosaico de blocos*", traçado pelo cruzamento das orientações predominantes dos alinhamentos das orogenias hercínica e alpina. Os vales abertos de orientação bética surgem limitados por interflúvios que correspondem a blocos tectonicamente elevados de altitude decrescente de oriente para ocidente. Estes maciços têm como suporte físico principalmente rochas granitóides, cortadas profundamente por alinhamentos tardi-hercínicos (NNW-SSE) e/ou alpinos (NE-SW / ENE-WSW) (Feio e Brito, 1950), que condicionam os traçados dos principais rios. É possível detetar níveis aplanados deslocados, como os do Gerês, a 1400 metros, da Peneda pelos 1100-1200 metros, da Cabreira pelos 900-1000 metros e da Serra de Arga a 800 metros (Feio, 1951), que correspondem a retalhos conservados da Superfície Fundamental (Martin-Serrano, 1988, 1999).

Salientam-se a nível geológico o complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico, os quartzitos do ordovícico e os granitóides hercínicos. Os granitóides hercínicos, sin a tardi-tectónicos, instalaram-se e metamorfizaram xistos e metagrauvaques do Câmbrio e Silúrico. Nas vertentes dos principais vales surgem alguns depósitos de terraço pleistocénicos, bem como aluviões holocénicos, já planícies aluviais actuais. Os filões de quartzo e aplo-pegmatitos, frequentemente associadas a locais de explorações de minério no passado, surgem em grande número (Lima, 2006, Pamplona, 2001; Pamplona *et al.*, 2006; Pereira e Gomes, 2014; Noronha, *et al.*, 2013).

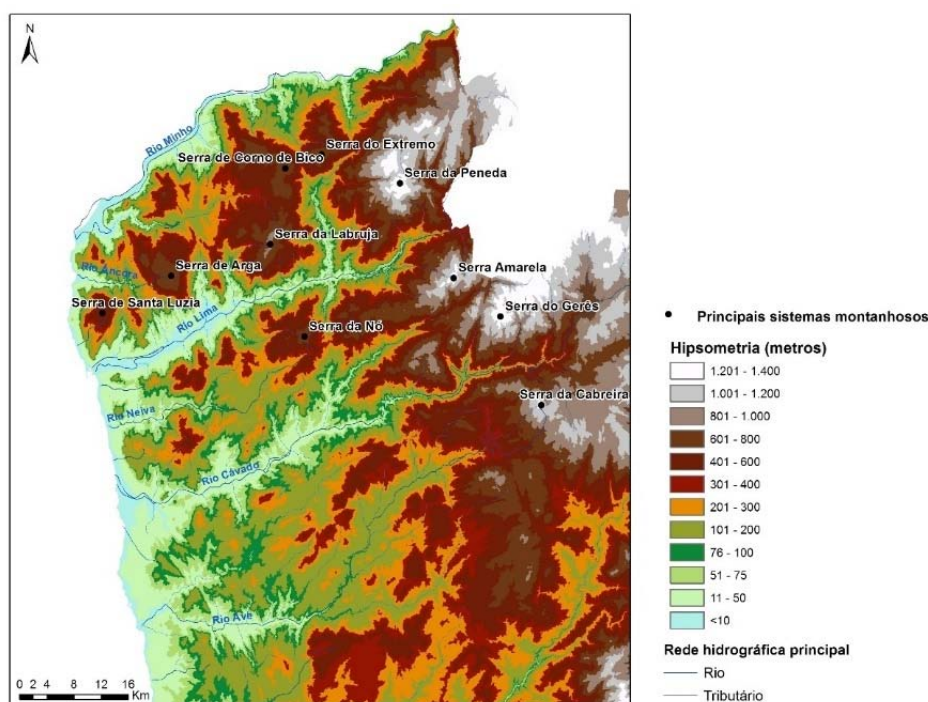


Fig. 1: Mapa hipsométrico, mostrando os principais sistemas montanhosos do Noroeste de Portugal

### 3 - CONCEITOS E METODOLOGIA

A metodologia obedeceu a duas fases sequenciais e interdependentes. A primeira consistiu na cartografia de unidades de paisagem cultural da área de estudo, sendo para tal imprescindível fixar a definição do conceito de unidade de paisagem, adotando-se a proposta por Pinto-Correia (2001): *“áreas com características relativamente homogêneas no seu interior, não por serem exatamente iguais em toda a área, mas por terem um padrão específico que se repete e que diferencia a unidade em causa das envolventes”*. Em consonância, a identificação e delimitação de unidades de paisagem cultural na Serra de Arga alicerçou-se na avaliação do carácter da paisagem, adaptando o método *“Landscape Character Assessment”* (Swanwick *et al.*, 2002; Swanwick, 2004), o qual define o *“carácter da paisagem”* como um padrão distinto e reconhecível de elementos que ocorre de forma consistente e sistemática. Combinações específicas entre substrato geológico, formas de relevo, solos, vegetação, uso do solo, estrutura fundiária e sistema de povoamento produzem um determinado carácter de paisagem. A cartografia de unidades de paisagem cultural na Serra de Arga assentou na realização de trabalho de campo e na análise correlacionada em sistema de informação geográfica dos seguintes dados de base georreferenciados: litologia - folhas 1-C (Teixeira e Perdigão, 1962) e 5-A (Medeiros, 1970) do Mapa Geológico de Portugal à escala 1: 50.000; altimetria, vetorizada a partir das folhas nº. 27, 28, 40 e 41 das cartas militares de Portugal; modelo de elevação digital do terreno e mapa de

declives, gerados a partir da altimetria; esboço geomorfológico; carta de uso e ocupação do solo (Direção-Geral do Território, 2007) e carta do património histórico-arqueológico georreferenciado.

Numa segunda etapa, procedeu-se à análise cruzada entre o esboço geomorfológico (figura 2), a cartografia das unidades de paisagem cultural (figura 3) e o mapa do património (figura 4), a fim de diagnosticar relações entre diferentes formas de relevo de escala intermédia e tipologias do carácter da paisagem.

## **4 - RESULTADOS**

### **4.1 - Interpretação geomorfológica**

O esboço geomorfológico (Fig. 2) evidencia a importância da tectónica na elevação e na configuração da Serra de Arga. A Serra de Arga alicerça-se no Maciço Hespérico, sendo a orogenia alpina responsável pela sua elevação, através do rejogo dos alinhamentos de falhas tardi-hercínicas, que definem os limites setentrional e meridional. Verifica-se igualmente uma vincada expressão morfológica dos alinhamentos de falha de direção NW-SE, que traçam a delimitação oriental e ocidental da Serra. É plausível a continuidade da movimentação durante o Quaternário, por rejogo neotectónico da rede de falhas e fraturas pré-existentes, o que, para além da resistência mecânica dos granitos, contribui para explicar a conservação do vigoroso relevo da Serra de Arga.

A delimitação proposta para a Serra de Arga (Fig. 2) contempla o maciço granítico central e os terrenos metassedimentares silúricos situados a Este do carreamento basal de Vila Verde, também designado por carreamento de Orbacém, e a Oeste do desligamento Vigo-Régua, localmente denominado por desligamento de Romarigães (Pereira, 1992). O batólito granítico da Serra de Arga constitui um plutonito alóctone (Pereira, 1987), de instalação diapírica (Pamplona *et al.*, 2006), encaixando na mancha metassedimentar envolvente. Corresponde a um granito de duas micas, de grão médio a grosseiro, com fraca tendência porfiróide. Dias (1987) propõe uma idade de 305 Ma para este granito. A instalação do maciço da Serra de Arga é simultânea da deformação regional compressiva com componente de cisalhamento transcorrente, tardi-D3, que ocorre no sector (Dias e Boullier, 1985). Este maciço de forma oblonga encontra-se rodeado por alinhamentos hercínicos evidenciando paralelismo relativamente ao carreamento basal de Vila Verde e ao desligamento Vigo-Régua. Na secção do

vale do rio Âncora compreendida entre as freguesias de Orbacém e Gondar evidenciam-se igualmente áreas de deposição fluvial quaternária.

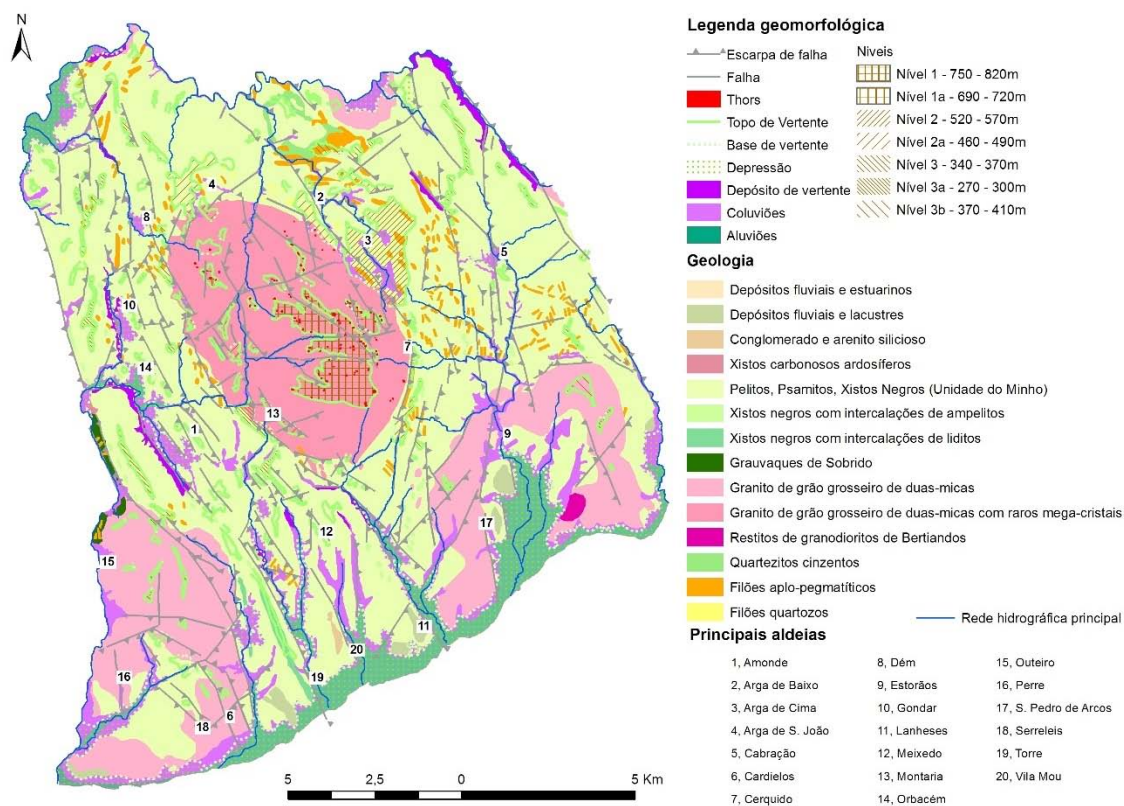


Fig. 2: Esboço Geomorfológico da Serra de Arga

#### 4.2 - Compreender a evolução e a dinâmica da paisagem através dos vestígios histórico-arqueológicos

O património construído fornece informação significativa para a compreensão da evolução das paisagens culturais, permitindo identificar os processos históricos mais relevantes para a organização do território a nível regional.

Pelo menos oito marcos devem ser tidos em conta na evolução das paisagens agro-silvo-pastoris de média montanha no Noroeste de Portugal:

- a) a revolução neolítica, considerada o primeiro grande momento da intervenção humana na paisagem como resultado da agricultura itinerante e do pastoreio (Bettencourt, 2009; Sanches, 2003; Jorge, 2000);

- b) a Idade do Bronze tardia e a Idade do Ferro, que correspondem a um período de densificação da ocupação do território e de alteração do padrão de povoamento, remodelado pelos sistemas fortificados castrejos, bem como de intensificação da humanização da paisagem, através do aumento do desmatamento das áreas de média vertente associada ao desenvolvimento de uma sociedade agro-pastoril baseada no comunitarismo (Tereso, 2013; Almeida, 2008; Silva, 1986);
- c) a romanização da Península Ibérica, responsável pela ocupação das terras baixas (solos mais férteis das planícies aluviais), extensas obras de drenagem, centralização da organização administrativa do território, introdução da noção de centro urbano e do conceito de propriedade privada, bem como pela construção da principal rede de transporte terrestre (Alarcão, 1990, 1998; Almeida, 2003; Carvalho, 2008);
- d) a Idade Média com a formação do sistema senhorial relacionado com o desenvolvimento de uma nova organização social do espaço e uma reorganização administrativa ligada, em primeiro lugar, às instituições eclesíásticas (Andrade, 1997, 2001; Coelho e Homem, 1996; Mattoso, 1992; 1995);
- e) o desmatamento maciço induzido pela expansão da indústria naval exigida pelas descobertas marítimas portuguesas (Devy-Vareta, 1985).
- f) a introdução do milho na região do Minho no século XVI, que alterou profundamente todo o sistema agrícola, transformando o campo aberto em campo fechado, modificando a importância relativa e a distribuição das culturas, bem como as estruturas agrícolas. Foi necessário construir celeiros e eiras, construir terraços agrícolas, expandir e melhorar os sistemas de irrigação e até mesmo reformular a arquitetura tradicional da casa agrícola, com a criação de áreas para secar e armazenar a grande quantidade de cereal que a nova cultura forneceu (Ribeiro, 1987);
- g) a Lei do Povoamento Florestal de 1938, responsável pelo mais importante processo de mudança de paisagem desencadeado pelas políticas agroflorestais do Estado Novo (ditadura portuguesa de 1926-1974) que afetaram o Norte de Portugal, determinando a maciça florestação das áreas montanhosas, principalmente por Pinheiros. O Perímetro Florestal da Serra de Argô foi criado por decreto de 6 de março de 1940, submetendo ao regime florestal parte dos terrenos baldios dos municípios de Viana do Castelo, Paredes de Coura, Caminha, Ponte de Lima e Vila Nova de Cerveira. (Reboredo e Pais, 2014, García-Morena,



et al., 2007, Lopes, 2011, Barros, 2013, Devy-Vareta, 1993, 2003, Baptista, 1978, 2010, Estevão, 1983).

- h) o despovoamento gradual das áreas rurais desde os anos 60, causado pelos movimentos migratórios que induziram o crescente abandono da exploração e gestão das áreas agroflorestais e de pastoreio (Baptista, 2010, Meneses, 2015).

A distribuição espacial dos vestígios arqueológicos e históricos destas diferentes fases de ocupação do território na área de estudo permite compreender como a paisagem cultural foi construída e evoluiu através de uma adaptação progressiva às condições ambientais.

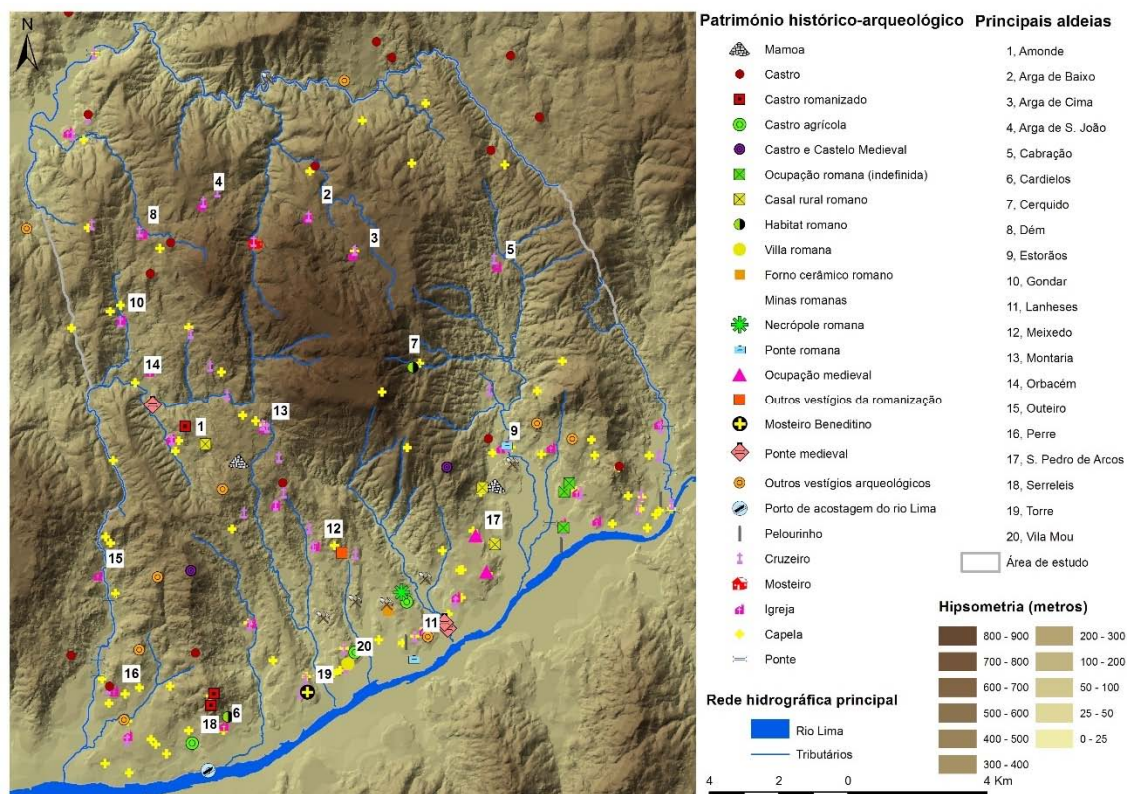


Fig. 3: Património histórico-arqueológico da Serra de Arga

#### 4.3 - Proposta de delimitação de unidades de paisagem cultural na Serra de Arga

A delimitação cartográfica das unidades de paisagem cultural da Serra de Arga proposta na figura 4, apresenta quatro grandes unidades:

- a) Unidade pastoril superior, corresponde ao núcleo granítico central que compreende o planalto de Arga, com uma altitude entre os 700 e os 800 metros, e as vertentes circundantes que se desenvolvem até aos 500 / 400 metros, sendo

- ambas as subunidades ocupadas por pastagens de montanha pobres e vegetação arbustiva e herbácea, onde se destacam afloramentos graníticos.
- b) Unidade agro-pastoril serrana, que integra diversas rechãs que se desenvolvem entre os 500 e os 300 metros de altitude. Os diferentes substratos litológicos influenciam contrastes paisagísticos significativos, quer ao nível do coberto vegetal, quer do uso cultural do solo, justificando a diferenciação de subunidades de paisagem. Nas rechãs sobre rochas granitóides prevalece o uso agropastoril, com importante presença de urzais-tojais e culturas de irrigação. Nos substratos metassedimentares, mais pobres, predominam as comunidades arbustivas xerófilas, bem como os matos degradados.
- c) Unidade florestal e matos de média vertente, que se estende entre os 400 e os 200 metros de altitude, sendo constituída principalmente por povoamentos florestais de eucalipto e pinheiro, bem como por povoamentos mistos e matos arborescentes.
- d) Unidade de agricultura de baixa altitude e fundo de vale, ocupando vertentes com cota inferior a 200 metros e áreas de planície aluvial. As subunidades distinguem áreas de uso agrícola sobre depressões, socacos agro-pastoris de transição entre baixa e média vertente e as áreas agrícolas sobre solos aluvionares, onde dominam as culturas de regadio.

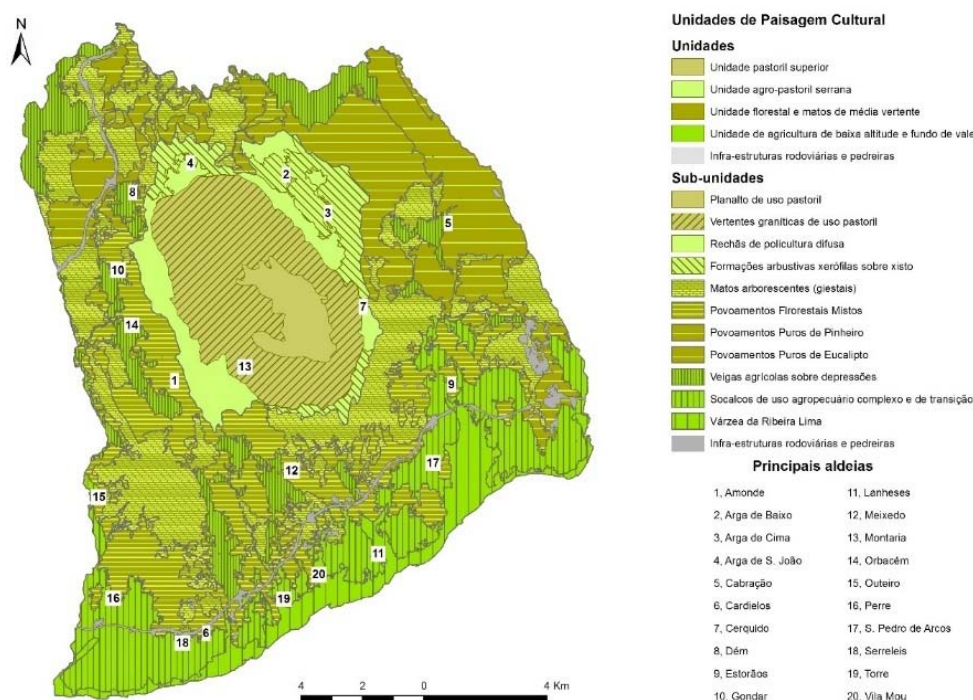


Fig. 4: Unidades de paisagem cultural da Serra de Argá

#### **4.4 - Exemplos de associação entre o carácter da paisagem e as formas de relevo intermédias**

A cartografia das unidades de paisagem cultural evidencia a existência de uma forte relação com os condicionantes geomorfológicos, como será demonstrado através de um conjunto de exemplos concretos que revelam contrastes paisagísticos influenciados quer pela variação de substrato litológico, quer por formas de relevo como planaltos, rechãs, depressões, alvéolos ou planícies aluviais.

##### **4.4.1 - Planalto da Serra de Arga**

O planalto da Serra de Arga corresponde a um nível aplanado somital que se desenvolve entre os 700 e os 800 metros de altitude. O substrato é constituído pelo designado Granito da Serra de Arga, um granito de grão grosseiro de duas micas com raros megacristais (Pereira, 1992). Este relevo de feição planáltica corresponde a um retalho soerguido da Superfície Fundamental do Soco Hercínico (Ferreira, 2004). O planalto apresenta uma grande geodiversidade, marcada pelo modelado granítico. As formas graníticas de escala intermédia ou de detalhe surgem em elevado número, seja de modo isolado ou em conjuntos coerentes. Entre as formas isoladas destacam-se os numerosos exemplos de bolas de granito, *thors*, *castle koppies*, formas em pedestal, *tafoni*, vascas, fendas e sulcos lineares. Evidenciam-se ainda os caos de blocos que se dispersam por toda a área planáltica.

O coberto vegetal é essencialmente constituído por turfeiras, biótopos higrófilos e cervunais. As características destas comunidades vegetais definem-se na transição entre o Pleistocénico e o Holocénico. Nesta passagem, as condições climáticas das montanhas do Noroeste Ibérico, favoráveis ao desenvolvimento de turfeiras e de comunidades arbustivas, limitaram o aumento do limite arbóreo para 700-600 metros (Morales-Molino e García-Antón, 2014; Muñoz Sobrino *et al.*, 2001; Muñoz Sobrino *et al.*, 2004, Muñoz Sobrino *et al.*, 2007, Santos, *et al.*, 2000, Ramil-Rego *et al.*, 1998, Muñoz Sobrino *et al.*, 1997). Assim, as charnecas têm sido um componente importante da paisagem natural desses territórios.



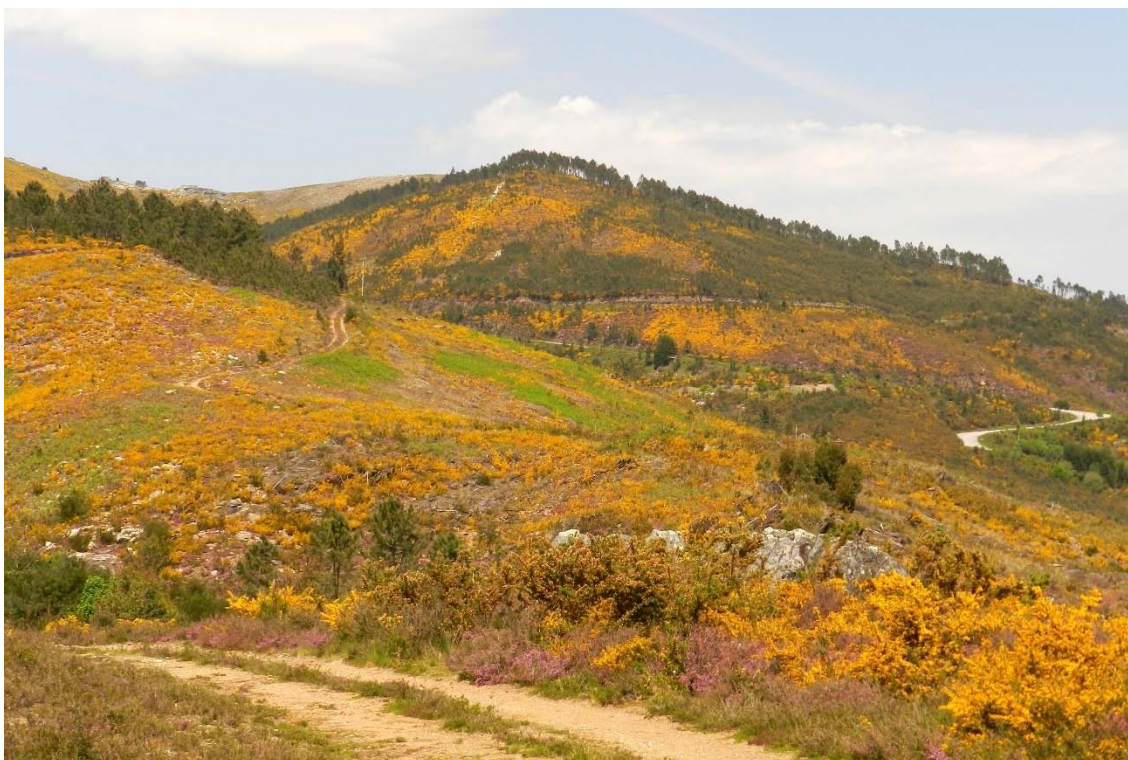


Fig. 5: Urzal-tojal galaico-português na Serra de Arga (abril de 2013)

Durante o Neolítico tardio (finais do Vº e princípio do IVº milénio a.C.), os planaltos graníticos, que existem em grande número no Noroeste, terão sido as áreas preferencialmente escolhidas para o desenvolvimento da agricultura. Deste modo, o recuo da floresta processa-se do planalto para o vale.

Verifica-se nesta unidade a prática ancestral da pastorícia extensiva ou itinerante de gado bovino, caprino e equino. Não obstante, o excesso de pressão resultante do pastoreio excessivo por garranos e gado bovino tem conduzido à perda da diversidade florística dos cervunais (*Nardus stricta*).

#### **4.4.2 - Rechãs de média montanha**

As principais aldeias serranas e o seu espaço agrícola adjacente desenvolvem-se, em regra, à cota dos 400 - 550 metros num nível de rechãs que corresponde a uma área de contacto litológico entre rochas granitoides e xistentas, com o afloramento de filões aplo-pegmatíticos e quartzosos.

Os núcleos rurais de Arga de S. João, Arga de Baixo, Arga de Cima e Cerquido obedecem à lógica da aglomeração do povoamento serrano e possuem habitações cuja traça respeita as

características da arquitetura popular<sup>89</sup>, bem como diversos exemplares de espigueiros tradicionais (Fig.s 7a e 7b). Na área envolvente das aldeias, localizam-se as parcelas de agricultura de subsistência, onde o regime de policultura se caracteriza pela conjugação das culturas permanentes e temporárias, com destaque para as hortícolas e cerealíferas. Em muitos casos, as parcelas culturais expandem-se para a base das vertentes, através de socalcos (Fig.s 6a e 6b).



Fig.s 6a e 6b: Socalcos tradicionais nas aldeias de Arga de Cima e Arga de Baixo

<sup>89</sup> A casa agrícola tradicional do Alto Minho, construída predominantemente por granito e carvalho, associa a habitação familiar e as funções agrícolas. A arquitetura vernacular dita que as casas sejam de planta retangular e geralmente compostas por dois pisos baixos. O andar superior destinado à habitação geralmente possui um sobrado. O piso térreo alberga as cortes do gado, arrumos para as alfaías agrícolas e, por vezes, o celeiro. Uma escada de pedra de um só lance sobe ao longo da fachada até à varanda, coberta com alpendre, dando acesso ao sobrado. Na Serra de Arga, as varandas, para proteger do frio, são frequentemente baixas e vedadas, estreitos os respiros e os postigos. cobertura típica, geralmente de duas águas pouco inclinadas, é de telha caleira ou, nos casos mais rústicos, de colmo e giesta. A volta da casa dispõe-se a eira, as medas ou moreias, o poço, as cortes e os inseparáveis espigueiros, frequentemente em granito, seguindo o modelo da Galiza. As variações locais ao modelo da casa típica da região do Minho explicam-se fundamentalmente por diferenças de riqueza dos proprietários ou questões climáticas. Nas freguesias de Cabração, Moreira do Lima e Estorãos (Concelho de Ponte de Lima) as varandas de madeira suportadas por pilares eram comuns. Nas aldeias da Serra de Arga, os sobrados eram mais baixos e fechados para proteção contra o frio, com aberturas estreitas e janelas. (Correia, 2000; Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988)



A progressiva redução da área agrícola que atualmente se verifica abre caminho ao crescimento dos matos, frequentemente com expansão de espécies exóticas invasoras, como por exemplo a *Acácia sp.*



Fig.s 7a e 7b: Espigueiro e medas em Arga de Baixo

A maioria dos solos com aptidão agrícola existentes nestas rechãs está relacionada com a erosão do granito do maciço central. Os cursos de água entalhados nas vertentes graníticas desfrutam de grande disponibilidade de material para transportar, favorecendo assim a deposição de sedimentos fluviais nas áreas de menor declive situadas a jusante, proporcionando a fertilidade dos solos. A importância do maciço granítico central da Serra de Arga enquanto área de infiltração e acumulação de água, evidencia-se através de numerosos sistemas de moinhos hidráulicos em cadeia que aproveitam pequenos ribeiros que descem as vertentes graníticas desde o planalto, destacando-se a sequência dos moinhos do Covão /Reconco e de Meijão de Água.

Verifica-se nestas rechãs o surgimento de pequenos bosques de carvalho que crescem na proximidade dos cursos de água. A investigação antracológica realizada em 15 estações arqueológicas dispersas pelo Noroeste Português, datadas de cronologias diversas - desde o Calcolítico até à Idade do Ferro, identificam dois "*componentes essenciais da cobertura vegetal do NW, pelo menos desde a primeira metade do III ao I milénios AC. Trata-se dos carvalhos e das fabáceas*" (Figueiral e Bettencourt, 2007), correspondendo esta última à família das plantas leguminosas, onde se incluem as giestas, o tojo e os codessos. Do género *Quercus* são reconhecidas as espécies *Quercus robur* (Carvalho alvarinho) e *Quercus pyrenaica* (Carvalho negral).

A ocupação antrópica desta sequência de rechãs, documentada desde a Idade do Ferro, é influenciada não só pela existência de condições propícias à prática agrícola a nível morfológico, edáfico e de disponibilidade hídrica, bem como pela presença de jazidas minerais em Arga de Baixo, Arga de Cima e Estorãos, nos lugares de Cavalinho, Cova dos Mouros (Ouro) e Cerquido (Volfrâmio).

#### **4.4.3 - Vale intermédio do rio Âncora**

O sector intermédio do vale do rio Âncora desenvolve-se ao longo de uma ampla depressão delimitada a este pela falha de orientação NNW - SSE que se desenvolve desde o nível aplanado Montaria - Pedras Frias (Dém), cuja altitude varia, sensivelmente, entre os 340 e os 270 metros. Os depósitos fluviais plistocénicos e holocénicos, surgem inseridos numa mancha de xistos negros, com intercalações de pelitos e psamitos.

Tendo em linha de conta a interpretação morfogenética e a classificação dos alvéolos proposta por Cordeiro (2014), que considera que as depressões alveolares podem ser encontradas em áreas de contacto entre rochas graníticas e outras litologias, surgindo frequentemente associados a corredores de erosão, defendemos que esta secção do vale do rio Âncora pode ser entendida como correspondendo a um alvéolo. O alvéolo corresponde a uma área deprimida, com larguras que variam desde a centenas de metros até uma escala quilométrica, sendo predominantemente originados por erosão diferencial (Vieira, 2007).



Fig. 8: Depressão do rio Âncora entre Gondar e Orbacém.

A ocupação desta área da Serra de Arga é testemunhada por vestígios que recuam ao Neolítico e à Idade do Ferro, tendo sido estimulada não só pelas condições favoráveis à prática agrícola, mas também pela abundância de recursos minerais.

A presença humana no Neolítico tardio é comprovada pela mamoa do Chão da Pica (datação conjuntural III milénio a.C.: Leal, 1992; Bettencourt, 2009; Direção Geral do Património Cultural,

s/d), localizada numa rechã da vertente que limita o sector superior do rio Âncora, em face da Estrada Nacional 305 e da Estrada Municipal para S. Lourenço da Montaria.

A exploração das jazidas minerais encontra-se documentada no Alto da Bouça da Breia e Folgadoiro, freguesias de Amonde e Montaria, onde existiu uma mina romana de ouro. No limite entre Gondar e Orbacém, no lugar de S. Martinho / Fojo, verifica-se a ocorrência de estanho na veiga associada a filões aplito-pegmatíticos (Lima, 2006; Alves, 2014).

Nas vertentes que limitam o sector intermédio da planície aluvial do rio Âncora são numerosos os povoados fortificados da Idade do Ferro e os vestígios de romanização. Em Dém surge o Castro do Germano, no lugar de Boucinha do Castro, e ainda o topónimo Alto do Castro. Em Amonde, Viana do Castelo, num ponto elevado, com um excelente domínio sobre o vale do ribeiro de Amonde e a portela de acesso ao vale do rio Âncora, conhecido por Alto da Coroa, encontra-se um castro romanizado. Insere-se numa área de diversas jazidas minerais, designadamente de estanho, volfrâmio e ouro. Almeida (1996) equaciona a possibilidade deste povoado estar ligado à exploração mineira desde a época pré-romana, dada a proximidade das minas do Folgadoiro (ouro e estanho) e da Bouça da Breia (ouro e estanho). Numa pequena colina na vertente do Alto das Folgueiras, junto ao vale do ribeiro de Amonde, foram encontradas tégulas em alguns muros e terrenos, vestígios que segundo Almeida (1996), poderão corresponder a um pequeno casal romano.

Almeida (1996) identifica 31 povoados castrejos na bacia terminal do rio Lima. Uma análise sumária do padrão de distribuição dos castros tradicionais (habitats defensivos, muralhados, de média vertente) nesta região mostra que sua localização não favorece as altitudes mais elevadas, mas locais com boas condições de defesa natural e bem posicionados em relação ao controlo das acessibilidades naturais. A localização dos castros tradicionais também se encontra, quase sempre, dependente da proximidade de uma linha de água e perto de áreas favoráveis à agricultura e ao pastoreio. A necessidade de terras aráveis e pastagens no território de influência de cada castro favoreceu a desflorestação, impedindo o crescimento da vegetação, mesmo a arbustiva, nas vertentes superiores das áreas montanhosas mais próximas (Almeida, 2008).

#### **4.4.4 - Sector intermédio e final do vale da ribeira de Nogueira:**

##### **vertentes ocupadas por socalcos agrícolas**

A ocupação humana desta área, testemunhada por vestígios que remontam à Idade do Ferro, incluindo povoados de baixa altitude, reflete a vantagem da existência de pequenas elevações, com a proximidade de terrenos propícios à prática agrícola, quer a meia encosta, aproveitados

através de estruturas de socacos, quer em áreas aluvionares de fundo de vale, designadamente a nível de disponibilidade hídrica e da fertilidade dos solos.

O sector intermédio e final do vale da ribeira de Nogueira corresponde a uma área de contacto litológico entre rochas granitoides e xistosas. Na sua planície aluvial os aluviões holocénicos encontram-se com depósitos coluviais que marcam a parte inferior das vertentes que enquadram esta bacia. A bacia hidrográfica da ribeira da Nogueira, de claro condicionamento tectónico, surge limitada a ocidente por duas vertentes de forte declive. A montante, a bacia é fechada a ocidente por uma escarpa de falha, de orientação NE - SW que culmina num topo aplanado cuja altitude varia entre os 426 e os 470 metros, onde se encontra implementado o Castro e Castelo de Martinho da Agueira, no limite entre as freguesias de Nogueira e Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo. Os vestígios encontrados neste habitat indicam uma ocupação contínua desde a Idade do Ferro até à época medieval. Na verdade, sobre este castro romanizado viria a ser erguido um castelo medieval.

A jusante, o limite sudoeste da bacia da ribeira da Nogueira é definido por uma elevação localmente designada por Monte de S. Silvestre, com uma altitude de 282 metros, cuja vertente oriental, de forte declive, é condicionada por alinhamentos de falha de orientação NW- SE e NNW- SSE. No seu topo aplanado localiza-se o castro de S. Silvestre (Cardielos, Viana do Castelo), que controla o sector terminal do vale do rio Lima. O território potencial deste castro inclui, segundo Almeida (1996, 2003, 2009), o espaço serrano, de aptidão silvo-pastoril, que se desenvolve a norte e uma vasta área com aptidão agrícola constituída pelas terras de meia-encosta voltadas à veiga limiana e, ao longo da parte vestibular da Ribeira de Nogueira, com aluviões onde se verificava abundância de estanho, passível de exploração mineira. Os moradores de S. Silvestre terão construído os habitats de Serreleis e Terronha, no princípio do século I, revelando interesse pelos solos aráveis e enxutos da meia-encosta.

Esta construção histórica da paisagem cultural resultou num importante legado constituído pela ocupação de numerosas vertentes por socacos de uso agropecuário complexo e por sistemas de hidráulicos tradicionais, sendo numerosos os moinhos que acompanham o curso da ribeira de Nogueira, não esquecendo ainda as técnicas de condução das águas para irrigação e drenagem. Numerosos moinhos ainda existem ao longo do curso de Nogueira.

#### **4.4.5 - Vale do rio Estorãos**

O rio Estorãos apresenta no seu sector terminal um vale aberto e uma ampla planície aluvial, constituída por depósitos fluviais. Na área envolvente predomina o granito de grão médio de duas micas e xistos negros, bem como restitos de granodioritos de Bertandos.

A ocupação antrópica encontra-se documentada desde a transição entre a Idade do Ferro e o Alto Império romano, sendo a atratividade deste espaço determinada pela sua excelente aptidão agrícola, pela presença de recursos minerais e influenciada pela existência de pequenas elevações que oferecem boas condições defensivas a nível morfológico e geoestratégico.

Multiplicam-se os locais onde a descoberta de vestígios de datação romana, tardo-romana ou mesmo medieval, em conjugação com as condições de implementação dos habitats ao nível da fertilidade dos solos, disponibilidade hídrica, declive e exposição, testemunham a densa ocupação deste durante a romanização, por castros agrícolas, casais romanos, povoados mineiros, verificando-se, frequentemente, a persistência destas ocupações na Alta Idade Média.

Na planície aluvial do rio Estorãos, entre os locais com vestígios arqueológicos apontando para a possível existência de unidades de exploração de dimensão familiar datadas da romanização ("casais romanos"), deve ser dada ênfase à Quinta da Lage e à Quinta de Pentieiros (S. Pedro de Arcos, Ponte de Lima). Nos lugares de Castanheira e Louredo (Sá, Ponte de Lima) a descoberta de "*tegulae*" sugere a existência de habitats romanos. O lugar de Casais (Estorãos, Ponte de Lima) corresponde a uma vasta área mineira explorada na época romana, muito provavelmente apoiada pelo castro da Bouça, um habitat mineiro de baixa altitude, com ocupação contínua durante a Idade do Ferro e Romanização. O castelo de Formiga, também conhecido como Castro de Formigoso, localizado no lugar de Alto de Estorãos (S. Pedro de Arcos, Ponte de Lima), é um povoamento fortificado que remonta à Idade do Ferro, com a subsequente ocupação por um castelo medieval. Ocupa a vertente sudoeste da Serra de Arga, surgindo no topo de uma colina íngreme, que se destaca do relevo circundante, com uma excelente posição geoestratégica e extensa bacia visual.

No domínio das acessibilidades destacam-se a ponte romana do Arquinho e a ponte medieval de Esteiro, no limite entre as Freguesias de Fontão e Lanheses, sob a ribeira da Silvareira.

Salientam-se, no quadro do património vernacular, os moinhos ao longo do rio Estorãos e da ribeira de Muragalhos. O padrão atual de uso do solo caracteriza-se pelo povoamento disperso e, nas áreas de fundo de vale, pelo predomínio das parcelas de culturas anuais de regadio, bordejadas pela vinha em armação tradicional. Individualiza-se na paisagem o bosque denso com predomínio de folhosas caducifólias da Área de Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro dos Arcos.

#### **4.4.6 - Planície aluvial do rio Lima**

O sector da planície aluvial da margem direita do rio Lima compreendida entre Vila Mou e Fontão é exemplificativa das tipologias de ocupação do período final da Idade do Ferro e da romanização, especialmente quando associadas à mineração.

Após a faixa de depósitos coluvais e aluviais que se desenvolve paralelamente ao traçado do leito do rio Lima, penetrando pelo sector vestibular do vale dos seus principais tributários, surge uma extensa mancha de pelitos, psamitos e xistos negros. Na freguesia de Vila Mou, as jazidas minerais de estanho e ouro exploradas na época romana e contemporânea surgem na linha de contacto entre esta unidade e o conglomerado e arenito silicioso. Já na freguesia de Fontão predomina o granito de grão medio de duas micas.

Na freguesia de Lanheses multiplicam-se os vestígios de explorações mineiras que remontam à época romana, seja de ouro, seja de estanho, designadamente nas margens do rio Tinto (Almeida, 1996), nos lugares de Cova Alta / Olas, Bouça do Moisés e ainda em Alto das Mouras, povoado de vocação mineira, cujos habitantes aproveitariam, em simultâneo, os excelentes recursos agrícolas do local, como se pode inferir pela vasta extensão da área de dispersão de vestígios como tégulas, ímbrices, alguns fragmentos de cerâmica comum de época romana e da Idade do Ferro.

É importante realçar que o sistema agrário romano foi forçado a adaptar-se às condições naturais do Noroeste Ibérico, em termos de geomorfologia e aptidão produtiva dos terrenos. Se em outras regiões romanizadas da Península Ibérica as condições naturais permitiram a implementação das características habituais do sistema agrário romano, baseado em grandes propriedades contínuas, naquela que viria a ser a região do Minho as explorações rurais romanas possuíam menor dimensão, surgindo divididas em subunidades culturais.

Testemunhada a existência de uma via de circulação terrestre de época romana implementada ao longo da veiga da margem direita do rio Lima, destaque-se a relevância da ponte romana de Linhares sobre o rio Olho (Lanheses).

Ao nível do património vernacular, salienta-se ainda a sequência de moinhos ao longo do rio Tinto e da ribeira da Silveira, certamente relacionados com uma elevada produção cerealífera.





Fig. 9: Planície aluvial do rio Lima, perspectiva desde o Monte de S. Silvestre (freguesia de Vila Mou)

## 5 - DISCUSSÃO

A análise correlacionada entre a geomorfologia, o património e a paisagem cultural da Serra de Arga tornou evidente que os contrastes entre os modelos de povoamento e os padrões de uso do solo se encontram fortemente dependentes de fatores litológicos e morfológicos.

Note-se que as atividades agro-silvo-pastoris tradicionais que contribuíram para moldar a paisagem cultural da Serra de Arga evidenciam uma nítida adaptação às condições ambientais e à disponibilidade de recursos naturais proporcionados pela conjugação dos fatores geomorfológicos, climáticos e biogeográficos. O pastoreio de gado bovino e caprino, praticado nas pastagens naturais de montanha que se desenvolvem no planalto da Serra de Arga e nas vertentes graníticas de forte declive que o rodeiam, retira partido da vegetação herbácea e arbustiva específica deste habitat. As áreas agrícolas tradicionais que circundam as pequenas aldeias serranas são implementadas em rechãs, que se desenvolvem no contacto litológico entre xistos e granitos, beneficiando da maior disponibilidade hídrica e de solos férteis, enriquecidos pelos sedimentos provenientes do maciço granítico central a montante. A distribuição da área agrícola também evidencia a elevada aptidão dos solos sobre depressões de altitudes médias, associadas a vales de cursos de água secundários, o que pode ser explicado não só pelos depósitos fluviais, mas também pelos depósitos de vertente. Pelo contrário, as comunidades arbustivas xerófilas e a floresta de resinosas e eucaliptos mostram a adaptação da vegetação à menor fertilidade e reduzida disponibilidade hídrica na estação seca dos solos sobre vertentes

com substrato xistento. Finalmente, a planície aluvial do rio Lima é a única área que reúne as condições morfológicas e edáficas para permitir a prática da agricultura moderna, orientada para o mercado, com a presença de parcelas monoculturais de milho e vinhas.

Tentando realizar uma síntese regional da influência da geomorfologia sobre o mosaico paisagístico da média montanha do Minho, é importante ressaltar que três características específicas da morfologia regional determinam, em grande parte, a localização dos núcleos rurais, bem como a distribuição da área agrícola: o perfil transversal dos principais vales, o grande número e dimensão notável dos alvéolos graníticos e a importância das rechãs para o desenvolvimento das aldeias montanhosas. Os alvéolos graníticos, muito comuns nesta unidade geoestrutural, ampliados e preenchidos por depósitos como resultado da dinâmica fluvial, são áreas privilegiadas para a implantação de culturas agrícolas, seguindo de perto a posição de liderança dos solos aluviais. Ferreira (2004) considera os alvéolos graníticos como "... *a maior originalidade do relevo do Minho Ocidental*".

As designadas rechãs, áreas de feição aplanada que muitas vezes interrompem vertentes declivosas, desempenham um importante papel na organização do modelo de povoamento nos espaços de montanha, muitas vezes determinando a localização das aldeias e terras de cultivo nas altitudes mais elevadas. Frequentemente, possuem solos mais férteis devido à acumulação sedimentar. Estas formas de relevo revelam-se especialmente atrativas para a fixação humana, dadas as condições favoráveis para a implantação de culturas permanentes e temporárias, especialmente as culturas de sequeiro, beneficiando, ao mesmo tempo, da proximidade com áreas de floresta e matos, que se desenvolvem a meia-encosta.

Considerando as relações identificadas entre as formas de relevo e a modelação de paisagens culturais, é crucial reforçar o papel da Geomorfologia Cultural em vários domínios:

- a) A interpretação interdisciplinar das paisagens culturais, dando o seu contributo no âmbito dos estudos paisagísticos, históricos e socioeconómicos;
- b) A promoção conjunta do valor do património natural e cultural dos territórios que necessitam de ancorar o seu desenvolvimento em recursos endógenos;
- c) A gestão das dinâmicas da paisagem no âmbito das políticas e instrumentos de ordenamento do território.

## 6 - BIBLIOGRAFIA

- Abreu, Alexandre Cancela de; Correia, Teresa Pinto e Oliveira, Rosário. 2004. *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*, Lisboa: DGOTDU - Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimentos Urbano
- Alarcão, Jorge. 1990. "O domínio romano". In *Nova História de Portugal, I, Portugal das origens à romanização*, editado por Jorge Alarcão (coord). Lisboa: Editorial Presença, pp. 345-482
- Alarcão, Jorge (1998). Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga, revista do Instituto de Arqueologia*, (37), pp. 89-120
- Almeida, C. A. Brochado. 1990. *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*. Viana do Castelo: Estudos Regionais
- Almeida, C. A. Brochado. 1996. *Povoamento romano do litoral entre Cávado e Minho*, Dissertação de Doutoramento (policopiado), Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Almeida, C. A. Brochado. 2003. *Povoamento romano do litoral minhoto entre Cávado e Minho*, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia. Porto: Edição do Autor
- Almeida, C. A. Brochado. 2008. *Sítios que fazem História: Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo
- Alves, Raquel Cepeda. 2014. *Contribuição para um sistema de gestão integrada de sítios mineiros do NW de Portugal*. Tese de Doutoramento em Geologia. Braga: Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30265>
- Andrade, Amélia Aguiar de. 1997. *O Entre Lima e Minho no século XIII: a revelação de uma região*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal de Arcos de Valdevez
- Andrade, Amélia Aguiar de. 2001. *A construção medieval do território*. Lisboa: Libros Horizonte
- Associação dos Arquitectos Portugueses (A.A.P.). 1988. *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: A.A.P.
- Baptista, Fernando Oliveira. 1978. *Portugal 1975 - Os campos*. Porto: Edições Afrontamento
- Baptista, Fernando Oliveira. 2010. *O Espaço Rural. Declínio da Agricultura*. Lisboa: Celta Editora
- Barros, M. G. Lopes Alves de. 2013. *Os Baldios-História, desenvolvimento e gestão: o concelho de Ponte de Lima*. Dissertação de Mestrado. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo
- Bettencourt, Ana M. S. (2009). "A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze", In *Minho. Traços de Identidade*, editado por Paulo Pereira (coord.), 70-113. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho
- Carvalho, Helena Paula Abreu de. 2008. *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis*. Tese de Doutoramento em Arqueologia. Braga: Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/8755>
- Coelho, Maria Helena da Cruz e Homem, Armando Luís de Carvalho. 1996. "Portugal em Definição de Fronteiras - do Condado Portucalense à crise do século XIV". In *Nova história de Portugal*, editado por Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques. Lisboa: Editorial Presença

- Cordeiro, António Manuel Rochette .2014. "Os alvéolos graníticos do Portugal central: morfogênese e análise tipológica do modelado de degradação das superfícies aplanadas", *Revista Brasileira de Geomorfologia*, 15(4): 601-618. <http://www.lsie.unb.br/rbg/index.php?journal=rbg&page=article&op=view&path%5B%5D=557>
- Correia, João A. (dir.) 2000. *Cores, sabores e tradições - Passeios no Vale do Lima*. Porto: Valimar, Associação de Municípios do Vale do Lima
- Correia, Teresa Pinto; Oliveira, Rosário R. S. e Abreu, Alexandre Cancela de. 2001. "Identificação de Unidades de Paisagem: metodologia aplicada a Portugal continental". *Finisterra: Revista portuguesa de geografia*, 36 (72) 195-206
- Devy-Vareta, Nicole. 2003. "O Regime Florestal em Portugal através do século XX (1903-2003)". *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, 19: 447-455.
- Devy-Vareta, Nicole. 1985. "Para uma geografia histórica da floresta portuguesa. As matas medievais e a coutada velha do rei". *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, 1, 47-67. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3321.pdf>
- Devy-Vareta, Nicole. 1993. *A floresta no espaço e no tempo em Portugal. A arborização da Serra da Cabreira (1919-1975)*. Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/1084>.
- Dias, Graciette. 1987. *Mineralogia e Petrologia dos granitos Hercínicos associados a mineralizações Filonianas de Sn-W (Minho Portugal)*. Tese de Doutoramento, Braga : Universidade do Minho
- Dias, Graciette e Boullier, Anne-Marie. 1985. "Évolution tectonique, métamorphique e plutonique d'un secteur de la chaîne hercynienne ibérique (Ponte de Lima; Nord du Portugal)". *Bull. Soc. Géol. France*, 1 (3): 423-434
- Direcção Geral do Património Cultural, (s/d). Mamoá do Chão da Pica  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71501/>
- Estevão, João Antunes. 1983. "A floresta dos baldios". *Análise Social*, 19: 1157-126.
- Feio, Mariano. 1951. "Reflexões sobre o relevo do Minho. Notas Geomorfológicas", *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 7(1,2):3-54. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos
- Ferreira, António de Brum. 2004. "O Noroeste Minho e Trás-os-Montes Ocidental", In *O Relevo de Portugal. Grandes Unidades Regionais*, editado por Mariano Feio e Susane Daveau (org.), 111-125. Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos
- Figueiral, Isabel e Ana Bettencourt. 2007. "Estratégias de exploração do espaço no Entre Douro e Minho desde os finais do IV aos meados do I milénios AC.". In *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, editado por Susana Oliveira Jorge, Ana M. S. Bettencourt e Isabel Figueiral, 177-187. Faro: Universidade do Algarve
- García-Amorena, Ignacio; Manzanque, Gómez; Rubiales, Jimenez; Granja, Helena Maria; de Carvalho, Soares de e C. Morla. 2007. "The Late Quaternary coastal forests of western Iberia: A study of their macroremains", *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology* 254(3): 448-461. [http://ac.els-cdn.com/S0031018207003641/1-s2.0-S0031018207003641-main.pdf?\\_tid=15bddfbc-c12c-11e5-aea4-0000aacb35f&acdnat=1453483259\\_0bace34475c89d1f7def98c1b7425fb3](http://ac.els-cdn.com/S0031018207003641/1-s2.0-S0031018207003641-main.pdf?_tid=15bddfbc-c12c-11e5-aea4-0000aacb35f&acdnat=1453483259_0bace34475c89d1f7def98c1b7425fb3)

- Jorge, Susana Oliveira. 2000. "Domesticating the land: the first agricultural communities" In *Portugal, Journal of Iberian Archaeology*, 2:43-98
- Kozlik, Lenka e Emmanuel Reynard. 2013. "Inventaire et valorisation des géomorphosites culturels des vallées du Trient, de l'Eau Noire et de la Salanfe". In *Gestion des géosites dans les espaces protégés* editado por F. Hobléa, N. Cayla e E. Reynard (eds.) 135-142. [http://my.unil.ch/serval/document/BIB\\_2FB2118F35BA.pdf](http://my.unil.ch/serval/document/BIB_2FB2118F35BA.pdf)
- Leal, António J. M. da Cunha. 1992. *Roteiro Arqueológico de Viana do Castelo*. Viana do Castelo
- Lima, Maria F. D. Lages de. 2006. *Caracterização e estratégias de valorização sustentável de ocorrências geológicas com importância patrimonial*. Dissertação de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6022>
- Lopes, Ana Müller. 2011. *Transformações na Paisagem Rural do Norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/4132/1/Dissertacao.pdf>
- Martin-Serrano, Angel. 1988. *El relieve de la región occidental zamorana. La evolución geomorfológica de un borde del macizo Hespérico*. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos Florian de Ocampo
- Martin-Serrano, Angel. 1999. "El paisaje del Macizo Hercínico: la expresión de su geología alpina". In *La evolución del relieve en zócalos antiguos: Procesos, formaciones superficiales y sedimentos asociados*, editado por E. M. Ballesteros, A. S. C. Jiménez e C. P. Méndez, 73-86. Salamanca: Stvdia Geologica Salmanticensia
- Mattoso, José. 1995. *Identificação de um país: ensaio sobre as origens de Portugal, 1096-1325 (Vol. 1)*. Lisboa: Editorial Estampa
- Mattoso, José (coord.). 1992. *Historia de Portugal, vol. 2: A monarquia feudal (1096-1480)*. Lisboa: Círculo de Leitores
- Medeiros, A. Carlos. 1970. *Folha 5-A (Viana do Castelo) da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50.000*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Geológica
- Morales-Molino, César e Mercedes García-Antón. 2014. "Vegetation and fire history since the last glacial maximum in an inland area of the western Mediterranean Basin (Northern Iberian Plateau, NW Spain)", *Quaternary Research*, 81(1), 63-77. <http://dx.doi.org/10.1016/j.yqres.2013.10.010>
- Muñoz Sobrino, Castor; Pablo Ramil-Rego e Manuel Rodríguez Guitián. 1997. "Upland vegetation in the north-west Iberian Peninsula after the last glaciation: forest history and deforestation dynamics", *Vegetation History and Archaeobotany*, 6: 215-233. doi:10.1007/BF01370443
- Muñoz Sobrino, Castor; Pablo Ramil-Rego e Luis Gómez-Orellana. 2004. "Vegetation of the Lago de Sanabria area (NW Iberia) since the end of the Pleistocene: a palaeoecological reconstruction on the basis of two new pollen sequences", *Vegetation History and Archaeobotany*, 13:1-22. doi:10.1007/s00334-003-0028-1
- Muñoz Sobrino, Castor; Pablo Ramil-Rego e Luis Gómez-Orellana. 2007. "Late Würm and early Holocene in the mountains of northwest Iberia: biostratigraphy, chronology and tree colonization", *Vegetation History and Archaeobotany*, 16: 223-240. doi:10.1007/s00334-006-0083-5
- Muñoz Sobrino, Castor; Pablo Ramil-Rego e Manuel A. Rodríguez-Guitián. 2001. "Vegetation in the mountains of northwest Iberia during the last glacial-interglacial transition", *Vegetation History and Archaeobotany*, 10:7-21. doi:10.1007/PL00013366

- Noronha, Fernando; Maria Ribeiro; Angela Almeida; Armanda Dória; Alexandra Guedes; Alexandre Lima; Helena Martins; Helena Sant'Ovaia; Pedro Nogueira; T. Ramos Martins e Rui Vieira. 2013. "Jazigos filonianos hidrotermais e aplitopegmatíticos espacialmente associados a granitos (Norte de Portugal)". In *Geologia de Portugal, Volume II - Geologia Meso-cenozóica de Portugal*, editado por R. Dias, A. Araújo, P. Terrinha e J. C. Kullberg. Lisboa: Escolar Editora
- Pamplona, Jorge; Carlos Leal Gomes e Patrícia Dias. 2006. "Interferência entre a deformação regional varisca e a instalação de granitóides - implicações estruturais na implantação dos campos de aplito-pegmatitos (Minho, NW Portugal)". In *Actas do VII Congresso Nacional de Geologia*, editado por Sociedade Geológica de Portugal. <http://www.socgeol.org/documents/interferencia-entre-a-deformacao-regional-varisca-e-a-instalacao-de-granitoides-implicacoes-estruturais-na-implantacao-dos-campos-de-aplito-pegmatitos-minho-nw-portugal>
- Pamplona, Jorge (2001). *Tectónica do antiforma de Viana do Castelo-Caminha (ZCI): regime de deformação e instalação de granitóides*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/188>
- Panizza, Mario e Sandra Piacente. 2003. *Geomorfologia Culturale*. Bologna: Pitagora Editrice
- Panizza, Mario. 2003. "Géomorphologie et tourisme dans un paysage culturel intégré". In *Géomorphologie et tourisme*, editado por Emmanuel Reynard, Carole Holzmann e Dominique Guex, 11-18. Lausanne: Institut de Géographie de la Université de Lausanne. [http://www.unil.ch/files/live//sites/igul/files/shared/Travaux\\_et\\_recherches/IGUL-TR24.pdf](http://www.unil.ch/files/live//sites/igul/files/shared/Travaux_et_recherches/IGUL-TR24.pdf)
- Pereira, Eurico (coord.). 1992. *Carta Geológica de Portugal à escala 1/200000. Notícia Explicativa da Folha 1*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal
- Pereira, Eurico. 1987. *Estudo geológico-estrutural da área de Celorico de Basto e sua interpretação geodinâmica*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa
- Pereira, Márcio e Carlos Leal Gomes. (2014). "Paragéneses contrastantes no campo pegmatítico de Arga (NW de Portugal), diversidade e equilíbrio". In *Actas do IX Congresso Nacional de Geologia e do 2º Congresso de Geologia dos Países de Língua Portuguesa*, editado por Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 181-185. <http://www.Ineg.pt/iedt/unidades/16/paginas/26/30/185>
- Ramil-Rego, Pablo. 1993. "Evolución Climática e Historia de la Vegetación durante el Pleistoceno Superior y el Holoceno en las Regiones Montañosas del Noroeste Ibérico". In *La Evolución del Paisaje en las Montañas del Entorno de los Caminos Jacobeos*, editado por Augusto Pérez Alberti, Luis Guitián Rivera, Pablo Ramil-Rego, 25-60. Galicia: Xunta de Galicia
- Ramil-Rego, Pablo, Castor Muñoz-Sobrino, Manuel A. Rodríguez-Gutián e Luis Gómez-Orellana, L. 1998. "Differences in the vegetation of the North Iberian Peninsula during the last 16,000 years", *Plant Ecology*, 138(1), 41-62. doi:10.1023/A:1009736432739
- Rebelo, Fernando (1992). "O Relevo de Portugal: uma introdução". *Inforgeo*. 4, 17-35. <http://hdl.handle.net/10316/133372>
- Reboredo, Fernando e João Pais. 2014. "Evolution of forest cover in Portugal: A review of the 12<sup>th</sup>-0th centuries" *Journal of forestry research*, 25(2), 249-256. doi:10.1007/s11676-014-0456-z

- Reynard, Emmanuel, Georgia Fontana, Lenka Kozlik e Cristian Scapozza. 2007. "A method for assessing the scientific and additional values of geomorphosites", *Geographica Helvetica* 3:148-158
- Ribeiro, Orlando. 1987. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 5ª edição, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora
- Sanches, Maria de Jesus. 2003. "Sobre a ocupação do neolítico inicial no norte de Portugal". In *Muita gente, poucas antas?: origens, espaços e contextos do megalitismo*, *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, editado por Vítor S. Gonçalves, 155-179. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia
- Santos, Luísa, Juan Ramon Vidal Romani e Guy Jalut. 2000. "History of vegetation during the Holocene in the Courel and Queixa Sierras, Galicia, northwest Iberian Peninsula", *Journal of Quaternary Science*, 15(6), 621-632
- Silva, Armando Coelho. 1986. *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins
- Muñoz-Sobrino, Castor, Pablo Ramil-Rego e Manuel Rodríguez Guitián. 1997. "Upland vegetation in the north-west Iberian Peninsula after the last glaciation: forest history and deforestation dynamics", *Vegetation History and Archaeobotany*, 6(4), 215-233. doi:10.1007/BF01370443
- Swanwick, Carys. 2004. "The assessment of countryside and landscape character in England: An overview". In *Countryside Planning. New Approaches to Management and Conservation*, editado por Kevin Bishop e Adrian Phillips, 109-124. London: Earthscan
- Swanwick, Carys; Department of Landscape, University of Sheffield e Land Use Consultants. 2002. *Landscape Character Assessment: Guidance for England and Scotland*. Edinburgh: Countryside Agency and Scottish Natural Heritage. <http://www.snh.org.uk/pdfs/publications/LCA/LCA.pdf>
- Teixeira, Carlos e J. Correia Perdigão. 1962. *Folha 1-C (Caminha) da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50.000*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Geológica
- Tereso, João Pedro, Pablo Ramil-Rego e Rubim Almeida-da-Silva. 2013. "Roman agriculture in the conventus Bracaraugustanus (NW Iberia)", *Journal of Archaeological Science*, 40(6), 2848-2858
- Turner, Sam. 2006. "Historic Landscape Characterization: A landscape archaeology for research, management and planning", *Landscape Research*, 31: 385-398. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jas.2013.01.006>
- Vieira, António (2007). "A morfologia granítica e o seu valor patrimonial: exemplos na Serra de Montemuro". In *Actas do VI Congresso da Geografia Portuguesa*, 1-16, Lisboa. <http://hdl.handle.net/1822/35547>

# **INDUSTRIALIZAÇÃO E ALTERAÇÃO DA PAISAGEM NO ALENTEJO: DA PIRITE DE S. DOMINGOS AO MÁRMORE DO ANTICLINAL DE ESTREMOZ**

Armando Quintas e Vanessa Alexandra Pereira

**Resumo:** A região do Alentejo, pese embora a sua génese agrária, conheceu a partir de meados do século XIX uma progressiva modernização industrial, na qual se destacam as explorações dos recursos minerais do subsolo.

Esta actividade extractiva milenar desenvolveu-se, já em moldes modernos, para o século XIX em torno da Pirite do Baixo Alentejo, à qual se lhe juntaria no século seguinte os mármore do Anticlinal de Estremoz.

Estas explorações constituem focos de uma industrialização singular em contexto rural, afirmando-se como especificidades sub-regionais, paralelas ao “quadro tradicional” do Alentejo, marcado pela paisagem de trigo e montado. Pela importância dos seus recursos geológicos, estas explorações constituíram-se como agentes activos na criação de locais patrimoniais, ao darem origem não só a um património industrial riquíssimo, como também a paisagens em constante transformação.

A exploração de uma mina ou pedreira requer a agilização de múltiplos processos. Tratam-se de obras de engenharia, demarcadas pelo seu tempo histórico, acompanhando ciclos produtivos e limitadas pela duração da utilidade da matéria extraída. Para isso, convocavam elementos precisos da ciência e da técnica, cujo resultado final se apresenta perante a modificação definitiva do solo e do subsolo, deixando na sua paisagem sinais evidentes de focos de industrialização nacional, passíveis de serem equiparados à áurea europeia.

**Palavras Chave:** Alentejo; Indústria; Paisagem; Pirite; Mármore.



# INDUSTRIALIZATION AND ALTERATION OF THE LANDSCAPE IN ALENTEJO: OF THE PYRITE OF SAINT SUNDAY TO THE MARBLE OF ANTICLINAL DE ESTREMOZ

Armando Quintas e Vanessa Alexandra Pereira

**Abstract:** The Alentejo region, although it's agrarian roots, knew in the mid XIX century, a progressive industrial modernization, in which the exploration of underground mineral resources is highlighted. This millennia old extractive activity developed, in recent molds, for the XIX century revolving around the Baixo Alentejo pyrite, and joined, during the next century, by the marble in the Estremoz anticlinal.

These mining explorations represent a singular industrialization focus in a rural setting, asserting themselves as a sub regional characteristic, alongside the Alentejo "traditional frame", in a landscape marked by wheat and farm animals. Due to the importance of their geological resources, they were defined as agents, that actively created patrimony, giving rise not only to a rich industrial heritage but also to landscapes in constant transformation.

The exploration of a mine or quarry requires a streamline of multiple processes. These are engineering achievements, marked by their historical time, accompanied by productive cycles and limited by the duration of the usefulness of the extracted matter. To this end, they required precise elements of science and technique, ending in a definitive modification of the soil and underground, leaving an evident industrial trail in the national landscape, capable of being matched to the European aura.

**Keywords:** Alentejo; Industry; Pyrite; Landscape; Marble.

# **INDUSTRIALIZAÇÃO E ALTERAÇÃO DA PAISAGEM NO ALENTEJO: DA PIRITE DE S. DOMINGOS AO MÁRMORE DO ANTICLINAL DE ESTREMOZ**

Armando Quintas<sup>90</sup> e Vanessa Alexandra Pereira

## **1 - INTRODUÇÃO**

A exploração dos recursos minerais do subsolo é uma actividade milenar e cíclica, dependente da conjuntura de cada época histórica. A partir do século XIX com a revolução industrial, ganha uma importância cimeira na economia mundial que ainda hoje mantém, pelo seu papel de “abastecedora” das matérias-primas tão necessárias a um desenvolvimento industrial que então se vinha efectuando a um ritmo acelerado.

Em Portugal a actividade mineira e de exploração do subsolo, efectuada já em moldes modernos, acaba integrada na sua fase de arranque, na política da Regeneração, regime político que vigorará de 1852 até 1890 e cujo objectivo passava pela modernização do país através da implantação e melhoria de infraestruturas, introduzindo caminhos de ferro, novos processos produtivos e de construção de rodovias, pontes metálicas, etc.

Este regime político, liberal e de livre comércio, via nos recursos do subsolo (a par do vinho e da cortiça) uma fonte de receita apetecível cujas exportações seriam o contrapeso na balança comercial das continuas importações de maquinaria e matérias-primas [Cabral:1979,58-99].

---

<sup>90</sup> Investigador do CIDEHUS apoiado pelo Projecto UID/HIS/00057/2013 – POCI-01-0145-FEDER-007702

Para enquadrar a actividade mineira, é então lançada a Lei de Minas de 1852, legislação que viria a possibilitar grandes investimentos estrangeiros a fim de satisfazer as crescentes necessidades de matérias-primas por parte das indústrias transformadoras da Europa Central.

É precisamente neste contexto que se dá a modernização tecnológica do Alentejo, que assentará nas indústrias de transformação da cortiça, da moagem de cereais, na indústria têxtil e claro na mineração. Em relação a esta última, os casos mais emblemáticos reportam a duas mineralizações distintas, tanto no espaço como no tempo, mas amplamente convergentes na sua importância económica e na transformação da paisagem envolvente. São elas: ainda na segunda metade do século XIX a exploração de minérios metálicos, com destaque para as minas do Alentejo, na zona portuguesa da Faixa Piritosa Ibérica: Aljustrel, Neves Corvo, Lousal e S. Domingos, todas elas no distrito de Beja, [Guimarães:2006, 151-162].

E uma segunda fase, já na década de 1920, referente à exploração dos Mármore do Alentejo, mais precisamente dos concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa. [Alves:2015]

## **2 - A EXPLORAÇÃO DA PIRITE E O CASO DE S. DOMINGOS**

O processo de industrialização da mineração portuguesa, em paralelo com o caso espanhol, conheceu o fenómeno da “febre mineira” que intersectou o sul da Península Ibérica, na segunda metade do século XIX.

Tal paralelo teve que ver com o facto da contemporaneidade dos dois processos de industrialização, muito semelhantes, bem como de uma realidade comum entre os dois países, motivados pela existência da faixa Piritosa Ibérica (Fig.1). Trata-se de uma área geográfica ao sul da península com cerca de 250 Km de extensão por 50 km de largura, constituindo-se como um dos mais ricos chapéus de ferro da Europa, o que permitiu a que durante um século as suas explorações, de ambos os lados da fronteira, se tornassem de suma importância para o abastecimento dos grandes centros mundiais. Neste território eram extraídas as pirites, que numa primeira fase rentabilizavam o apreciável cobre e mais tarde usadas para a extracção de enxofre para produção de ácido sulfúrico.

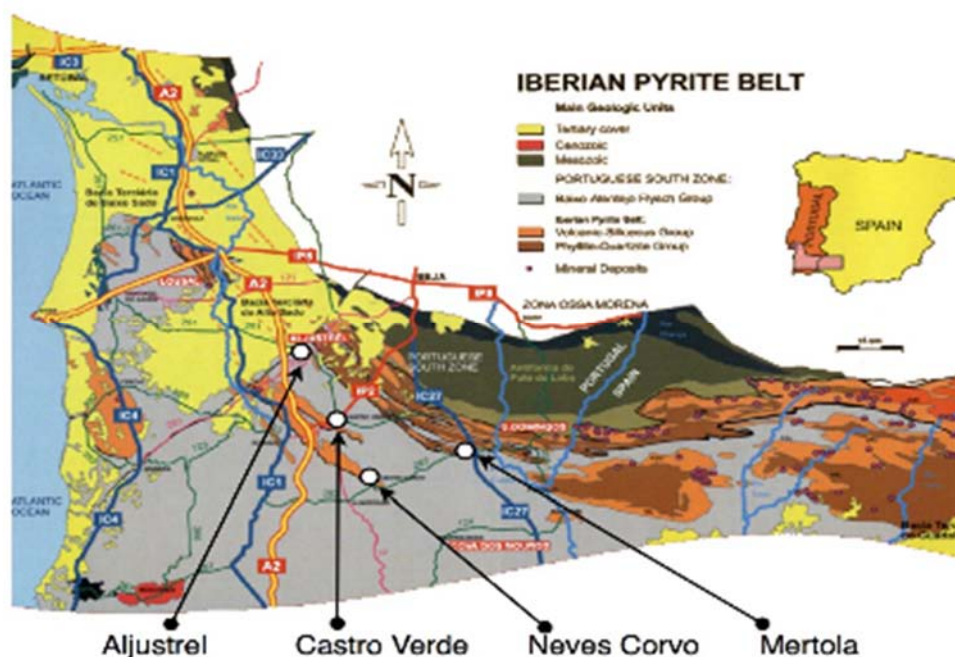


Fig. 1: Empreendimentos Portugueses da faixa Piritosa Ibérica

Ora, enquanto Espanha prosperava com as pirites de Tharsis e Rio Tinto, Portugal teve nas explorações de Aljustrel e S. Domingos os casos mais paradigmáticos das indústrias extractivas do Alentejo. Redescoberta em 1854, dez anos bastaram para que esta última fosse apontada como a mais importante do seu tempo no comércio europeu de pirite, primeiramente com as aplicações industriais do seu cobre, e numa segunda fase, do seu enxofre. [Quintas e Pereira:2016]

Ao longo da sua história, S. Domingos foi ímpar na edificação do complexo industrial necessário à exploração, assim como na realização de experimentos laboratoriais conducentes à adaptação industrial dos planos de lavra, atendendo aos ciclos económicos que se sentiam. A planificação mineira preparava-se criteriosamente no seio das estruturas que a administração ergueu, à luz da consciência de que uma adaptação às confluências do próprio tempo significava a prosperidade da produção. Localizada em plena Faixa Piritosa Ibérica, e operando com base nos grandes moldes industriais britânicos, estima-se que em pouco mais de um século (1854-1866), tenham sido extraídas 25 milhões de toneladas de minério. À semelhança das companhias espanholas, o sucesso da mina de S. Domingos tinha a sua fundação no contexto de origem da exploração: um investimento colectivo rigorosamente organizado, congregador de conhecimentos empresariais, industriais, bancários e intelectuais do meio mineiro europeu. Na verdade, conhecer a instalação industrial desta mina, é compreender que os laços que ligavam

estes homens assentavam num quadro de interesses complexo, que transcendia a administração mineira em questão, e por vezes, as próprias fronteiras territoriais. De facto, a documentação revela a existência de uma ampla rede de influência, bem como a importância de outros indivíduos para o desenvolvimento da indústria, para além de James Mason, o director da companhia concessionária da exploração, a Mason and Barry.

São os homens fortes da direcção, munidos de uma rede ampla de conhecimentos, e os que frequentemente protagonizavam a resolução dos assuntos. Não é por isso atípico verificar-se que, na história da construção destes empreendimentos, as relações entre os empresários mineiros espelhavam o que demais se passava na órbita económica e financeira dos territórios. A composição deste corolário possibilitou à administração inglesa de S. Domingos ser pioneira em alguns processos industriais.

Materializações que, uma vez encimadas pela autoridade de Mason, resultaram na consagração estatal dos seus feitos, sob os títulos nobiliárquicos de Barão do Pomarão e Visconde de S. Domingos, em 1866 e 1868 respectivamente. Simultaneamente, Mason cimentava-se como grande patrono da indústria, negociando com a burguesia local e ampliando a sua esfera interesses. É conveniente evocar que se trata de uma época de abertura à penetração do capital estrangeiro, com a confirmação do princípio da liberdade mineira, através da Lei de Minas de 1852. A Regeneração orgulhava-se dos seus homens e daquilo que perpetuava os valores mais progressistas do seu ideário.

É no estudo da conjuntura económica e política deste tempo, que se torna possível entender o desequilíbrio de poderes subentendido na legislação industrial, e maioritariamente benéfico às explorações. Com efeito, isto permitiu a Mason consolidar-se como o arquétipo da mineração no distrito de Beja, tendo sido a conjugação destes factores que levou a que o couto mineiro de S. Domingos fosse conhecido como «um Estado dentro de outro Estado».

Portanto, tendo sido apresentadas algumas dinâmicas tácitas à construção imaterial de S. Domingos, importa perceber o cruzamento com a construção material, e de que modo se articula com a alteração da paisagem. Neste caso, identidade e paisagem são conceitos intrínsecos, resultantes de uma experiência industrial intensiva e extensiva, constituídos por uma envolvente social e ambiental. O actual território da Mina é, nada mais, do que o produto da mina industrial. Neste sentido, distingue-se como um dos locais patrimoniais mais notáveis do Alentejo, onde a acção industrial originou e modelou as comunidades resultantes do seu exercício, a par da alteração da paisagem natural.

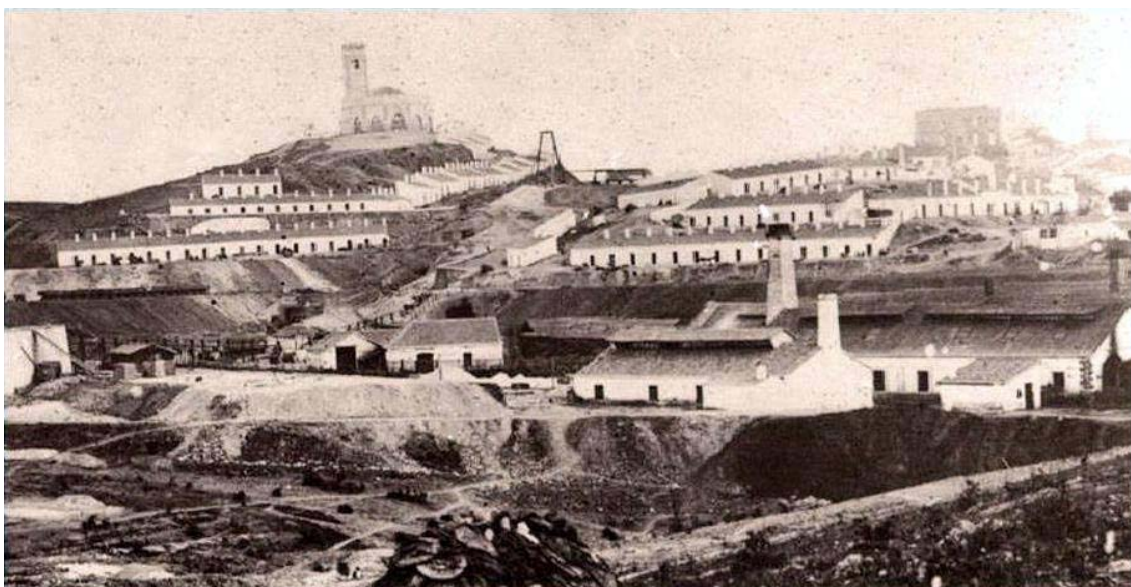


Fig. 2: Aldeia primitiva da Mina de S. Domingos. C 1867 (Jorge Custódio, 2013)<sup>91</sup>

Como tal, este estabelecimento reportava a uma obra demarcada pelo tempo histórico, que acompanhando ciclos económicos e industriais, estava obrigado a vários ajustamentos face às movimentações dos mercados externos. Para isto, desde a boca da mina até ao Guadiana, o complexo mineiro edificou-se num longo percurso de estruturas produtivas e metalúrgicas, contando também com uma via férrea de 17 quilómetros para transporte do minério até ao porto fluvial. Deste ponto, a exportação fazia-se pelo rio até Vila Real de Santo António, e daí para Inglaterra, em embarcações da própria empresa. O caminho de ferro, inaugurado em 1862, foi uma das grandes vantagens tecnológicas de S. Domingos, viabilizando o rápido escoamento por via marítima, e um símbolo de competitividade entre as minas de pirite ibéricas. A par da linha ferroviária, outros dos grandes feitos da administração de S. Domingos foi a construção da central eléctrica, a primeira na região do Alentejo.

Ainda nas proximidades da boca da mina, estabeleceu-se em 1860 a Achada do Gamo, onde se efectuava o processamento do minério para obtenção do cobre e enxofre. Durante a sua existência, a Achada do Gamo experimentou diferentes processos metalúrgicos, sendo um deles patenteado pelo próprio James Mason. Estas unidades industriais foram muitas vezes mote para o debate e contestação das populações locais, insurgidos contra os processos químicos que comprometiam o equilíbrio da envolvente, e cujo impacto ambiental acarretava sérios danos para a agricultura e saúde. Da intensa actividade industrial que aqui se verificou, restam as

---

<sup>91</sup> À esquerda a primeira igreja, e à direita o primeiro palácio de James Manson, onde posteriormente se procederia ao desmonte da serra que daria origem à corta, no âmbito do II plano de lavra do Administrador.

ruínas das estruturas industriais e vastas escombreyas de escórias de minério.

Ao longo desta área, ergueram-se algumas habitações para assegurar o funcionamento da actividade industrial, dando lugar a pequenos povoados mineiros. Afinal, o aparecimento de localidades ou pequenos focos de habitação decorrentes da implementação de indústrias era um fenómeno comum. Presentemente, resistem as aldeias que devido ao papel fundamental na exploração, acabaram por adquirir maiores dimensões. São elas a própria Mina de S. Domingos, nascida em redor do jazigo e que albergava a maioria dos trabalhadores e administração, e o Pomarão, onde foi fixado o cais de embarque. A aldeia é a consequência final da modificação da paisagem pela via industrial, e é o elemento que define a dicotomia entre o espaço industrial e o espaço público. A actuação da companhia desencadeou a formação dum novo modelo de comunidade e localidade, com um aglomerado populacional cuja vida estava directamente ligada ao trabalho. [Guimarães:2001,197]

A formação da comunidade relacionava-se com a acção do patronato e achava-se vinculada à construção dos bairros mineiros. Com o decorrer da industrialização, a própria povoação também ia ganhando uma extensão cada vez mais ampla, para além do espaço físico dos bairros operários, compondo a comunidade e a génese da identidade. As aldeias mineiras surgiam como que acidentalmente [Vasconcelos:1967,266-268] para atender às necessidades industriais [Alves:1997,56], sendo então agregados habitacionais de crescimento rápido. Em rigor, só na primeira década de produção, a Mina de S. Domingos já contava com várias estruturas para diferentes fins: oficinas, armazéns, palácio da administração, residências para os empregados ingleses, casas para os operários, laboratórios químico e fotográfico, sala de desenho técnico, escola, hospital, farmácia, quartel, igreja católica e cemitério inglês.

Em 1867, em sequência da necessidade de optimização e de adaptação aos mercados, no âmbito do segundo plano de lavra elaborado por Mason, a serra de S. Domingos, onde se localizava o depósito mineral, foi alvo de desmonte para se proceder à lavra a céu aberto. Para o efeito, foi aberta uma corta com cerca de 120 m de profundidade, com uma rede de galerias e poços desenvolvida até aproximadamente 420 metros abaixo da superfície, fazendo uso dos antigos trabalhos deixados pela Antiguidade. Depois da exploração do minério rico, à superfície do chapéu-de-ferro, sobrevinha agora o minério mais pobre. Para a sua extracção e aproveitamento, os trabalhos tinham de ser realizados não em extensão, mas em profundidade. O desmonte da serra obrigou a uma reorganização do povoado praticamente total, mantendo-se somente o antigo hospital, o cemitério inglês, e algumas habitações a poente da corta, na disposição geográfica que é possível observar hoje.





Fig. 3: Trabalhos de desmonte da serra de S. Domingos, c. 1860, autor desconhecido

Neste processo, a hierarquia social ficou bem delimitada. A administração e os seus colaboradores deslocaram-se para oeste, o designado “bairro dos ingleses”, bastante distanciado das habitações dos operários. Aqui foi construído o segundo palácio de James Mason, que actualmente serve fins turísticos. No centro do bairro, um coreto, rodeado por um jardim, próximo de campos de golfe e ténis. Toda esta área estava arborizada por eucaliptos recentemente plantados, condição imposta pelo governo após a entrega do relatório do geólogo Carlos Ribeiro, por forma a amenizar o impacto ambiental causado pela exploração.

A Mason and Barry garantiu total autonomia e dinamismo à localidade mineira, com a edificação de novos edifícios escolares, hospital, farmácia, igreja e cemitério católicos, quartel da Guarda Nacional Republicana, posto para a Polícia de Segurança Pública do distrito, posto de correio, mercado, cineteatro, biblioteca e campo de futebol. Mas por outro lado, isto acabava também por corresponder a uma estratégia de enriquecimento moral da população, prática comum em algumas zonas de desenvolvimento industrial, por forma a conter tensões e evitar conflitos. [Martins:2013,15]

No cômputo final, o desenvolvimento das explorações mineiras na Faixa Piritosa Ibérica, estando enredado em fortes dinâmicas internacionais, sempre foi muito dependente da evolução e adopção dos processos técnicos, visando-se a redução de custos e o eficiente aproveitamento dos diferentes metais dos sulfuretos e do enxofre. Esta era a base do seu aproveitamento útil e



económico, que inscrita na lógica de uma linha condutora de gestão e estratégia empresarial, se fundeava no fenómeno da industrialização europeia oitocentista, do seu capitalismo industrial, e das concepções britânicas de crescimento económico.

### **3 - OS MÁRMORES DO ANTICLINAL DE ESTREMOZ**

Tal como a exploração de minérios metálicos, a extracção e transformação do mármore também se vinha realizando há muito, sendo por isso uma indústria também milenária e cíclica, contudo ao contrário daquelas minas, a sua modernização acabou por ser tardia, quer no contexto nacional como internacional.

A lei de Minas de 1852 projectada para desenvolver as explorações do subsolo não se lhe adequava, estando mais pensada para as grandes minas de cobre, ferro e outros metais e pouca influência terá exercido. Já o Regulamento de Lavra de Pedreiras de 1884 acabaria por influenciar outras extracções rochosas que não o mármore, em especial o caso das Lousas de Valongo que já em finais do século registavam uma intensa modernização industrial. Algum aumento de utilização deu-se mais por conta de necessidades circunscritas como obras funerárias e as obras de fim do século em Lisboa, mas o seu desenvolvimento industrial em moldes modernos apenas chegaria grosso modo já na década de 1920, fruto de investimentos estrangeiros. [Alves:2015]

Ainda que existissem vários núcleos de exploração importantes no país, como era o caso de Pêro Pinheiro, em Sintra, vai ser no Anticlinal de Estremoz (concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa) que a principal exploração nacional se vai concentrar e a sua razão de ser prendia-se com a qualidade e quantidade das jazidas de mármore.

O Inquérito Industrial de 1890 já nos revela a importância deste território, augurando os seus relatores um grande futuro à sua indústria, mostrando que em época de desenvolvimento acentuado das ciências naturais, com destaque para a geologia, as qualidades destas jazidas não eram desconhecidas, até pelo contrário, pois se conheciam inúmeros vestígios e testemunhos de aplicação deste mineral em épocas anteriores. [Inquérito Industrial:1891]

Representa este território, a que a geologia denomina como Anticlinal de Estremoz, uma das principais unidades tectono-estatigráficas do orógeno hercínio, que se desenvolveu entre os períodos Devónico e Carbónico, ou seja há 400/500 milhões de anos.

Num espaço de aproximadamente 40 km de extensão por 15 km de largura, compreendendo essencialmente aqueles três concelhos alentejanos, encerra-se a maior reserva do país, cujo

mármore cristalino de excelente qualidade (brancos, cremes, rosas, etc.) consegue não só rivalizar com outros centros produtores, como ainda tem estimado em reservas uns 100 milhões de metros cúbicos a um aproveitamento de apenas 20%, o que configura mármore para mais cerca de 2000 mil anos de exploração. [Cartografia Temática:2008; Quintas:2016]

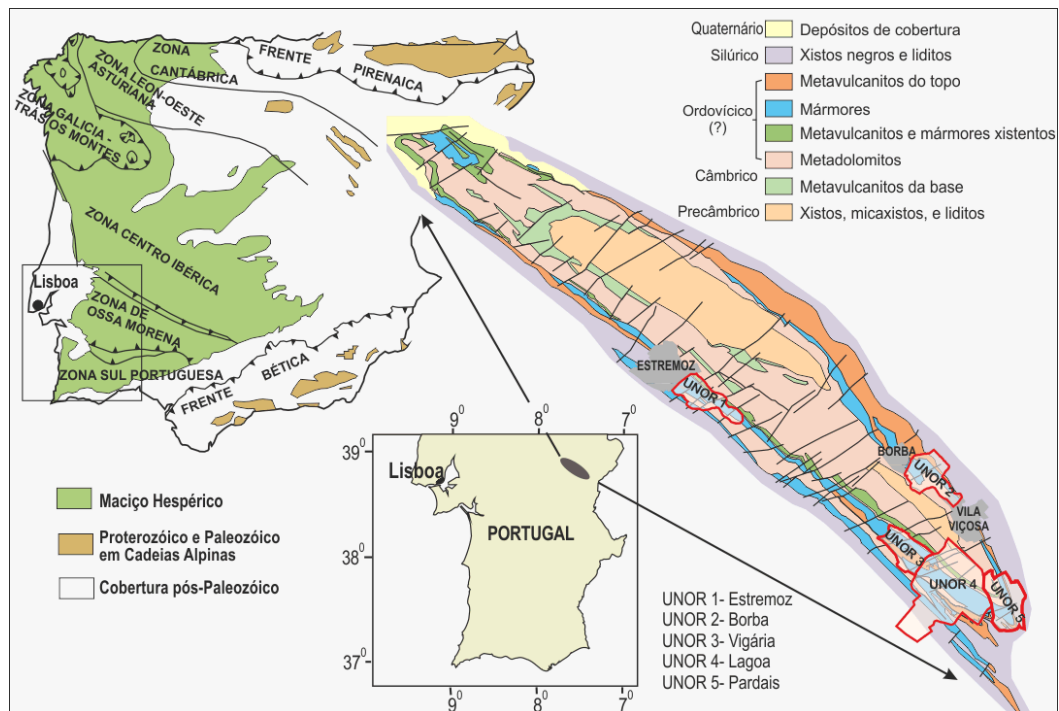


Fig. 4: O Anticlinal de Estremoz ( Carta Geológica do Anticlinal 1997 IGM)

A situação que antecedia o desenvolvimento desta indústria caracterizava-se pela exploração de pedreiras através de métodos rudimentares, onde imperava o uso de ferramentas manuais e a força muscular humana e animal. O território do Anticlinal, parco em dimensão, mas rico em excelentes minerais marmóreos, logo que terminado o primeiro conflito mundial, assistiu à chegada de grandes empresas exploradoras, que detentoras de grandes capitais, tecnologia e conhecimentos técnicos iriam proceder a uma exploração mais intensiva de grande envergadura, com finalidade de exportação para os grandes mercados mundiais, alimentando assim as necessidades de mármore em termos artísticos e arquitectónicos.

Com um território abrangendo 3 concelhos, a implantação destas empresas foi difusa, variando nas circunstâncias, desde o conhecimento de jazidas aos contractos conseguidos com os donos das terras e a partir de 1918 começam-se a encontrar registos da sua chegada. Nesse ano estabelece-se a *Sociedade dos Mármore e Cerâmicas de Estremoz e Borba*, que se destacou pela introdução de tecnologia inédita na região: o processo de corte por fio helicoidal, mas cuja duração do empreendimento seria efémera, já que encerrou em 1922.

No ano seguinte é seria a vez da *Sociedade dos Mármore de Portugal*, dirigida pelo engenheiro de minas Félix Ribeiro, com um capital de 500 contos e que lançaria a marca comercial Rosa Aurora. Em 1927 a *Sociedade dos Mármore de Sousa Batista*, empresa de Pêro Pinheiro, fundada 6 anos antes e que de dedicava a produzir peças para edificado e decoração doméstica em vários materiais, entre os quais, de mármore. Em 1928, a *Sociedade dos Mármore de Vila Viçosa*, fundada e dirigida pela elite local desta vila, contando com o industrial de cantaria Bom-Filho Faria, bem como a *Solubema - Sociedade Luso Belga de Mármore S.A.* [Quintas:2016]

Esta última seria sem dúvida a mais importante de todas elas. Surgida com a chegada de investidores belgas, a convite do engenheiro de minas Leopoldo Portas, que se tornaria sócio-gerente, a partir de um investimento de capitais mistos, de vários industriais portugueses (Pardal Monteiro, Sousa Batista, etc.) e industriais e empresas belgas. Foi em grande medida o resultado de um investimento comercial expansionista efectuado pela principal empresa belga de exploração de mármore: a *Société Anonyme de Merbres-Sprimont*. Esta sociedade, originária de Merbres-le-Château, no distrito de Thuin, região da Valónia, vinha fazendo investimentos semelhantes um pouco por toda a Europa, possuindo já centros produtores (pedreiras) na França, Itália, Alemanha, Grã-Bretanha e Holanda, bem como em Marrocos, contando ainda com uma rede comercial que já abarcava os cinco continentes.

Seriam os belgas, os principais responsáveis pelo grande salto tecnológico verificado na década de 1920/1930 nas pedreiras do Alentejo e do país, fruto da sua industrialização precoce e da sua experiência no ramo, que já datava do século XVIII. [S.A. Merbres-Sprimont:1928]

A estas empresas que marcam a fase inicial da modernização industrial da exploração dos mármore do Alentejo e de Portugal, verdadeiros motores da modernização e industrialização, muitas outras se lhes seguiriam nas décadas seguintes. Os empreendimentos encetados viriam a ter uma grande influência quer nas comunidades já existentes, quer no território circundante, moldando-o e sobretudo transformando-o profundamente, criando as raízes da densa paisagem industrial que hoje nos é dada a observar.

Os ritmos de produção alcançados por estes investimentos industriais seriam surpreendentes: se em 1885 atingiam poucas dezenas de metros cúbicos de mármore extraídos (Borba com 3 pedreiras rondava os 250 metros cúbicos/ano e Estremoz com 4 pedreiras rondava os 5 metros cúbicos/dia), em 1910 já atingiam 121 toneladas de mármore em bloco, para em 1930 chegarem às 2811 toneladas [Mapa de Pedreiras em Lavra:1885; Portas:1931, 481-482], e tal era a magnitude sempre crescente desta produção, que em vésperas da entrada de Portugal na CEE, em 1986, contabilizava já cerca de 18182 toneladas, sendo responsável por 6000 postos de

trabalho. [Filipe:2015,57-93]

Tais alterações produtivas só seriam de alcançar com uma evolução tecnológica que acabaria por deixar invariavelmente a sua profunda marca na paisagem.

Até aí a lavra de pedreiras que vinha sendo efectuada, era de pequena escala e as mesmas pouco aprofundavam, com 5 a 10 metros, registando uma actividade intermitente com extracção de pequenas quantidades para suprir uma necessidade pontual, com os materiais sobrantes a serem rentabilizados para actividades conexas como a produção de cal e de objectos utilitários, sendo a paragem da exploração seguida invariavelmente da conquista desse terreno pela vegetação circundante (Fig.5).



Fig. 5: Pedreira de Santo António de Estremoz, inícios do séc. XX(AHM.CM.Estremoz)

Para que se pudessem registar valores de produção como os que acima foram descritos, existiu uma necessidade de adoptar novas formas de explorar as pedreiras com novas tecnologias, de forma a embaratecer o produto final destinado a um mercado cada vez mais competitivo.

Progressivamente, foram sendo adoptadas formas de exploração conducentes à diminuição do esforço humano, substituindo por exemplo o arranque de pedra através do escopo manual e cunha de madeira para separar as massas através das fracturas naturais, pelo uso de perfuradoras a ar comprimido e uso do corte por fio helicoidal, mais rápido e mais económico obtendo uma grande massa de uma só vez. O arraste de blocos pela força braçal ou animal passou a ser efectuado por guinchos desmultiplicadores rapidamente motorizados e a condução das grandes pedras por carroças de enormes parelhas de bois, por tractores a vapor. Com a contínua exploração as pedreiras foram aprofundando cada vez mais e os limites de exploração começaram a ser ultrapassados na década de 1960 graças à electrificação da zona dos mármore, o que permitiu a instalação de guias de grande porte para remover a pedra do fundo

da pedreira, já não por arrasto mas por elevação.

Se pelo ano de 1934, se procedia ainda ao desmonte até à profundidade de 18 metros sem outros recursos que a alavanca e o macaco, por meados do século passado estas explorações estão já a atingir a meia centena, para depois, com auxílio das grandes guias (de tipo Derrick), alcançarem na década de 1980 a centena de metros de profundidade. A expansão da indústria do mármore, actividade que passa a ser altamente rentável, marcará social e territorialmente a região, porque sendo geradora de postos de trabalho, molda as comunidades envolventes, dotando-as de uma cultura do mármore, seja em termos técnicos como culturais e identitários, provocando em simultâneo grandes impactos no território e alterando profundamente a paisagem.

Com a pedreira “moderna” a transição de uma paisagem agrária para uma paisagem industrial dá-se a um ritmo acelerado e as explorações iniciais dos núcleos mais antigos e conhecidos (Vigária, Lagoa, Barrinho, Santo António, Montes Claros, etc.) logo dá origem a um polvilhar de explorações.

À medida que cada vez mais empresas se vão instalando, logo as pedreiras se vêm vizinhas umas das outras, pois procedendo na maior parte por contractos de aluguer de longa duração, a actividade acaba circunscrita aos limites da propriedade, não restando senão a continuidade da actividade em profundidade. É assim que à velocidade da multiplicação de sociedades exploradoras, se dá a alteração dos usos do solo, numa zona onde impera a pequena propriedade, passando rapidamente as culturas dominantes de vinha, oliveira e montado, para uma actividade mais rentável: a exploração de mármore.

Como o objectivo de todos estes empreendimentos é claramente o lucro através da exportação para grandes mercados cada vez mais refinados, a tendência é para o crescente aumento da produção e diminuição do aproveitamento da matéria-prima, seja devido a fissuras naturais que a tornam quebradiça seja por questões estéticas. A juntar a isto, a excessiva especialização na extracção e o desaparecimento progressivo de actividades subsidiárias com particular interesse da produção de cal e cantaria utilitária e artística vão originar uma paisagem muito particular

Com o desenrolar desta indústria, a paisagem que se constrói é fortemente humanizada, onde impera a cota negativa de várias centenas de metros a contabilizar pelas centenas de explorações, bem como as cotas positivas representadas pelos inertes de pedra não absorvidos pelos mercados e acumulados nas grandes montanhas de pedra que são as escombreyras.

Assim a paisagem do mármore do Alentejo, caracteriza-se pelos inúmeros poços de exploração, pelas inúmeras escombreyras existentes e também pelas inúmeras guias presentes no território,

elementos identitários e factores de distinção paisagística.



Fig. 6: Paisagem do Anticlinal, Pedreiras de S. Marcos, 2016 (Arquivo CECHAP)

#### 4 - NOTAS FINAIS

As paisagens das explorações dos recursos do subsolo, tributárias dos métodos usados e da própria época histórica, resultaram de uma transformação de tal ordem, que não podem ser consideradas apenas sobre o ponto de vista do malefício ambiental ou da estética horrível. São também construções humanas ao longo de séculos, produzidas a ritmos mais intensivos nas últimas décadas e um testemunho das vivências das comunidades humanas.

São também uma oportunidade para o desenvolvimento do território, seja ela a partir do modelo vigente de criação de postos de trabalho (o caso dos mármore ou as restantes minas da faixa piritosa ibérica que permanecem activas), seja a através da dinamização do seu território e património a partir do factor cultural. Os territórios abordados, podem e devem ser desenvolvidos na óptica cultural, onde o turismo tem grande pertinência, para valorizar os monumentos existentes (inclusive os industriais), na região, no país e lá fora quando comparativamente ou então por via da aplicação da matéria-prima nacional, como forma de preservar as memórias das comunidades. Tirar proveito da conservação e restauro aplicando os mármore originários, ou reabilitando uma paisagem fortemente poluída dedicando-a ao sector cultural e de fruição das comunidades, mantendo as autenticidades dos bens patrimoniais, em acções que não dispensam as pertinentes investigações históricas.

## 5 - BIBLIOGRAFIA

- Alves, Daniel (coord.). (2015). Mármore, Património para o Alentejo: Contributos para a sua história (1850-1985), CECHAP
- Alves, Helena (1997). Mina de S. Domingos: Génese, formação social e identidade mineira, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola
- Cabral, Manuel Villaverde (1979). Portugal na Alvorada do Século XX. Forças sociais, poder político e crescimento económico de 1890 a 1914, Lisboa, A Regra do Jogo
- Custódio, Jorge (2013). Mina de S. Domingos. Território, História e Património Mineiro, Lisboa, SOCIUS-ISEG
- Filipe, Carlos (2015). "Um crescimento pontuado por crises: a indústria e os industriais do mármore no século XX" Mármore, Património para o Alentejo : Contributos para a sua História. (Coord. Daniel Alves). CECHAP
- Guimarães, Paulo (2001). Indústria e Conflito no Meio Rural. Os mineiros alentejanos (1858-1938), Lisboa, Edições Colibri e CIDEHUS-UE
- inquérito Industrial de 1890 (1891). Lisboa, Imprensa Nacional, Vol.1 - Indústrias extractivas: minas e pedreiras.
- Quintas, Armando (2015). "Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história" Mármore, Património para o Alentejo: Contributos para a sua História (coord. Daniel Alves), CECHAP
- Quintas, Armando (2016) "As grandes empresas portuguesas e estrangeiras na exploração do Mármore do Anticlinal de Estremoz no século XX". in Susana Rocha Relvas, Rikki Morgan-Tamosunas e Maria Gómez Bedoya (eds.), Iberian Interconnections - Conference Proceedings, 2016, Porto, Universidade Católica
- Quintas, Armando; Pereira, Vanessa Alexandra (2016). "As Minas Portuguesas da Faixa Piritosa Ibérica: A Pirite Alentejana na Economia Nacional Oitocentista". in Susana Rocha Relvas, Rikki Morgan-Tamosunas e Maria Gómez Bedoya (eds.), Iberian Interconnections - Conference Proceedings, 2016, Porto, Universidade Católica
- Mapa de pedreiras em Lavra para 1885, Ofício nº 21 da Administração do Concelho de Borba, de 12 de Maio de 1886 e Ofício nº 111 da Administração do Concelho de Estremoz de 13 de Maio de 1886 - Arquivo Distrital de Évora, Fundo do Governo Civil, Secção 03 - Minas, Cx.222, Pç. 18
- Martins, João Miguel Serrão (coord.). (2013). Por terras do Chapéu de Ferro, Mértola, Fundação Serrão Martins, Câmara Municipal de Mértola e Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo S.A
- Portas, Leopoldo (1931). "Os mármore de Vila Viçosa" Album Alentejano, T. II - Distrito de Évora, Lisboa, Imprensa Beleza.
- Société Anonyme Merbres - Sprimont (1928). Bruxelles, J. Rozez éditeur
- Vasconcelos, José Leite de (1967). Etnografia Portuguesa, vol. V, Lisboa, Imprensa Nacional

# O ENGENHO DA TOCA E A PAISAGEM DE ILHABELA: INVESTIGAÇÃO E MEMÓRIA

Bárbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins

**Resumo:** A história da cana-de-açúcar em Ilhabela, com seus mais de trinta engenhos que desenvolveram atividades no fabrico de açúcar e aguardente, transformou radicalmente a paisagem da ilha graças aos cultivos extensivos de cana e café. A Mata Atlântica, vegetação natural da ilha, apesar de arrasada pelas monoculturas, teve porções originais preservadas do desmatamento, que logo retomaram o lugar nos morros. Com a criação do Parque Estadual da Serra do Mar, cerca de 78% da área do arquipélago teve a proteção da mata assegurada. Este trabalho procura situar engenhos de diferentes momentos da história de Ilhabela ao trabalhar o Engenho da Toca, sua história e as mudanças estruturais com relação à sua utilização na atividade turística. Localizado na Fazenda da Toca, que conta com 95% de sua área dentro do Parque, o seu edifício principal serviu como suporte do ponto turístico criado em 1967: três quedas d'água foram abertas para visitação do público e o local se consolidou no panorama turístico da ilha. A importância do local é crescente e evidente: seja pelas memórias, pela renovação da mata ao redor da fazenda ou ainda por se tratar da última destilaria em funcionamento em Ilhabela.

**Palavras-chave:** Engenhos; Ilhabela; Cachaça; Mata Atlântica; Patrimônio Cultural.



# THE TOCA MILLS AND THE ILHABELA LANDSCAPE: RESEARCH AND MEMORY

Bárbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins

**Abstract:** The history of sugar cane culture in Ilhabela, with more than thirty mills which developed activities of production of sugar and aguardente, radically changed the island landscape due to the sugar cane and coffee plantations. The Mata Atlântica ecosystems, even after being largely damaged by the monocultures, had remaining portions of its virgin forest that soon regrew on their natural place on the [hills]. With the creation of the Parque Estadual da Serra do Mar (Serra do Mar State Park), nearly 78% of the archipelago's territory had its natural area secured by law. This paper seeks to situate these mills from several past times by studying the [Engenho da Toca]. Situated in Toca's Farm, that has 95% of its property inside the State park's area, its main building has been used as a support for the touristic site created in 1967: three waterfalls were opened to visitation to the public and the site is now consolidated in the island's touristic routes. The trajectory of the mill, its history and the changes that occurred inside its walls due to the touristic activities developed there were studied. The importance of this place is an ever growing one: be it for the memories, for the renewal of the farm's natural forest or even because it is now the last working distillery in Ilhabela.

**Keywords:** Mills; Ilhabela; "Cachaça"; Atlantic Forest; Cultural Heritage.

# O ENGENHO DA TOCA E A PAISAGEM DE ILHABELA: INVESTIGAÇÃO E MEMÓRIA

Bárbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins

## 1 - INTRODUÇÃO

O litoral Norte apresentou sempre um caráter de isolamento frente a outras regiões do Estado de São Paulo. O desenvolvimento do cultivo da cana-de-açúcar em toda a extensão da região marcou momentos de pujança econômica, expressas pelo número de engenhos construídos e volumes de produção, bastante superiores aos de outras regiões.

Um primeiro ciclo produtor aconteceu no século XVII, momento em que os engenhos partem da região de Santos rumo a São Sebastião, no entanto, poucos são os remanescentes. De um segundo momento, já no século XVIII, Ilhabela contabilizava já dezesseis engenhos, dos quais encontram-se entre quatro e cinco remanescentes, como é o caso do Engenho São Mathias e do Engenho d'Água. Em 1805, o povoado da ilha foi elevado à condição de vila, recebendo o nome de Vila Bela da Princeza.

A partir da leitura dos *Almanaks Mercantis da Província de São Paulo*, é possível verificar a substituição gradual dos engenhos na fabricação da aguardente em detrimento do açúcar. Uma das justificativas para o abandono da fabricação do açúcar está no fato de que sua produção passou a ocorrer no planalto, com a implantação do projeto dos Engenhos Centrais. Em linhas gerais, trata-se de um projeto elaborado ainda no último quartel do século XIX e que procurava separar a fase industrial da agrícola na produção açucareira, como forma de implantação dos mecanismos técnicos para reduzir os custos de produção e aumentar a qualidade do açúcar. De modo que a estrutura desses engenhos centrais ficaria a cargo das concessões dadas às companhias, como o caso da *Société de Sucrieries Brésiliennes*.

A aguardente, no entanto, se mantém como solução para muitos agricultores, dado que seu valor de revenda era bastante atrativo e a produção do destilado era encontrada em quase todas as cidades da província por ser “gênero de muito consumo, e também de exportação” (MÜLLER, 1978: 239).

O mapa a seguir foi encontrado na Biblioteca da Marinha e permite localizar os engenhos existentes em 1912, em um levantamento feito pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, com vista ao estudos das possibilidades da exploração de todo o litoral Norte. Em específico sobre o mapa, trata-se da primeira cartografia que aponta exatamente onde estavam os engenhos e os caminhos existentes na ilha. O redesenho elaborado indica: em laranja os engenhos, em roxo e o núcleo urbano da ilha. Naquele ano eram vinte e sete engenhos que produziam apenas aguardente. Notar que o engenho da Toca, desenhado no mapa com a cor vermelha, apesar de não estar catalogado como engenho, já apresentava um caminho consolidado e uma construção. Naquele ano eram vinte e sete engenhos, que produziam apenas aguardente.

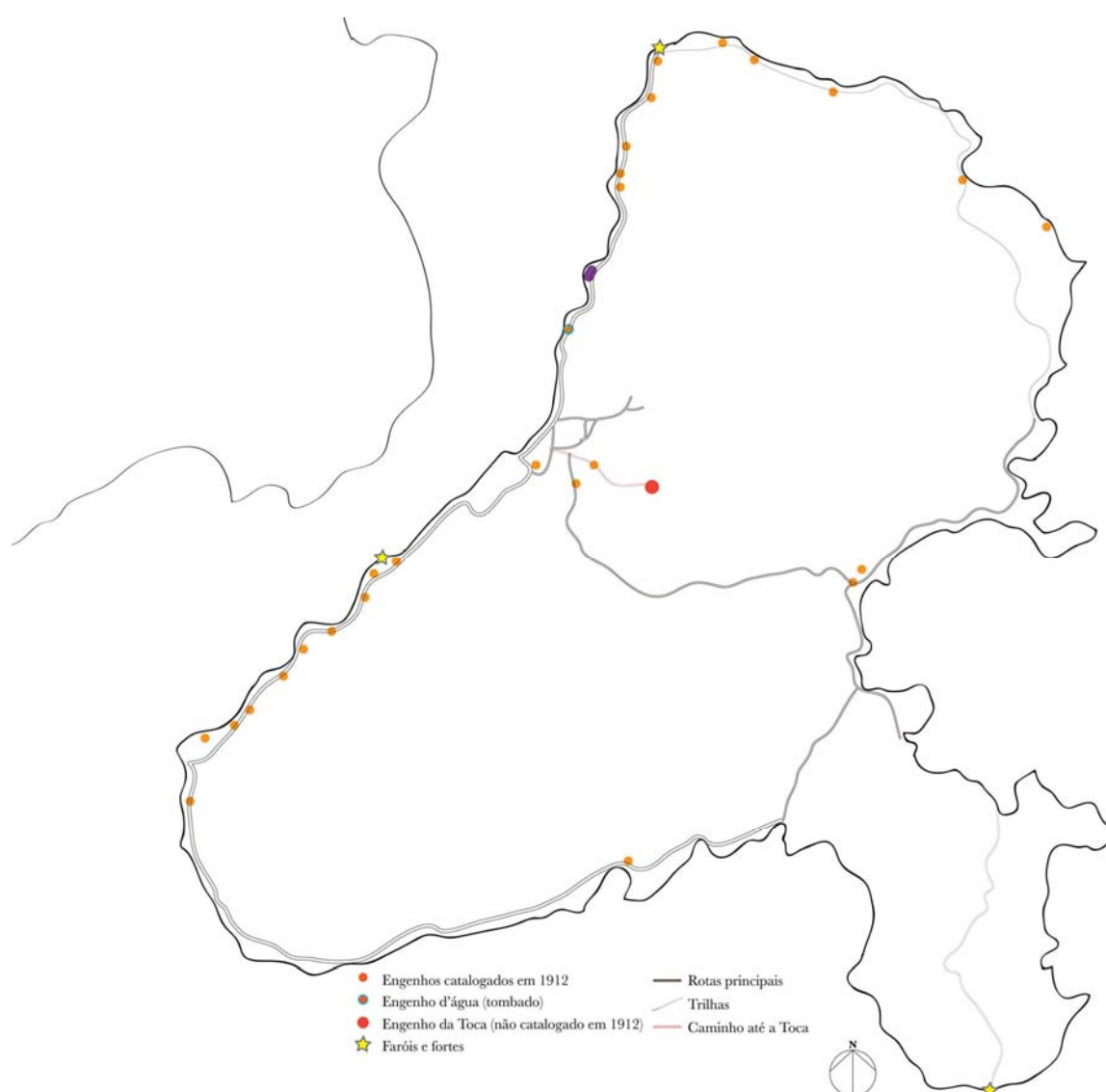


Fig. 1: Mapa dos engenhos de Ilhabela em 1912. *Acervo: Biblioteca da Marinha; redesenho: Bárbara Martins*

A crise de 1929 agravou a situação econômica de Vila Bela e, com a arrecadação insuficiente para sua administração própria passa a retornar como anexo de São Sebastião em maio de 1934. Em dezembro do mesmo ano, após revolta da população local, Vila Bela retoma a condição de município. Ainda na década de 1930 é aberta a Rodovia dos Tamoios, a qual permitiu melhores ligações do litoral com o planalto e em meados do século XX é iniciado o serviço de balsas no canal de São Sebastião: tais melhorias de acesso impulsionaram fortemente a atividade turística.

Ao longo do século XX fica evidente o novo período de decadência da produção, com esvaziamento da ilha<sup>92</sup>:

A capacidade de produção dessas fábricas, tôdas mal aparelhadas, é de 450 a 500.000 litros, anualmente. Em 1950 não fabricaram mais do que 246.000 litros de aguardente, que foram exportados para Santos e cidades do interior paulista.

(...) de longa data vem se verificando, cada ano, a paralisação de um ou outro engenho, muitas vezes definitivamente. Explica-se assim o fato de, dos 31 engenhos observados por Ihering nos último's anos do século passado, não restar sequer a metade.

As trocas comerciais feitas no início da década de 1960 entre Ilhabela e as cidades de Santos, São José dos Campos e São Paulo encontradas na análise do Plano Diretor para o Litoral Norte demonstram que Ilhabela vendia sua aguardente de cana para Santos, mantendo-se a tradição de tempos, mas passa a comercializar com a capital também, muito provavelmente via Tamoios.

Ao longo do século XX o que se nota é um novo período de decadência, com esvaziamento da ilha. Pouco a pouco seguiu-se o desmonte dessas fábricas, com o encerramento da produção de aguardente entre o final da década de 1970 e início da década seguinte. As propriedades onde estavam localizados esses engenhos passam a ser vendidos para famílias de fora de Ilhabela e boa parte acabou destruída ou ruuiu.

Com uma ilha arrasada e abandonada, o turismo surge como solução para o desenvolvimento econômico do local, como bem assinalado no Plano Diretor para o Litoral Norte, elaborado por um grupo de estudos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

Ilhabela, valendo-se da beleza da paisagem e da amenidade do clima, passou a incorporar o veio do turismo nas administrações municipais e deixou pouco a pouco a memória dos engenhos se levar com os ventos que sopram no canal. Hoje é conhecida como a Capital da Vela e sedia uma das mais consagradas regatas do país. A proposta de estudar um dos engenhos da ilha procura mitigar as lacunas de estudos acerca do tema. Apesar do importante papel desenvolvido pelo Projeto Arqueológico de Ilhabela (PAI), no sentido de catalogar e inventariar os sítios arqueológicos encontrados em todo o arquipélago de Ilhabela, seus desdobramentos são muito

---

<sup>92</sup> França, *A Ilha de São Sebastião: estudo de geografia humana*, (1954): 125,126.

desfavoráveis. Enquanto desativado em 2006, o projeto não pôde dar continuidade aos planos de manejo de sítios bastante ameaçados. Consequentemente, boa parte dos remanescentes de engenhos de outrora acabou destruída ou ruiu. Mais grave ainda, a memória se perdeu por completo pela ausência de trabalhos sobre o tema com a população. Com efeito, a história da cana-de-açúcar e dos engenhos é quase apagada dos livros escolares em Ilhabela.

Atualmente existe apenas uma destilaria em que o fabrico da cachaça foi retomado há alguns anos: o Engenho da Toca, objeto de estudo do Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da autora.

## **2 - METODOLOGIA E OBJETIVOS**

Com objetivo principal de traçar hipóteses sobre a trajetória do Engenho da Toca, na busca da compreensão das fases de apropriação do edifício, estabeleceu-se o seguinte procedimento metodológico: pesquisas bibliográfica, documental, iconográfica aliadas ao trabalho de campo.

No que concerne à pesquisa bibliográfica, procedeu-se ao levantamento da história de engenhos e seus modos de produção, por meio da leitura de livros e periódicos. Quanto à história da fazenda, foram realizadas pesquisas nos cartórios de São Sebastião e Ilhabela, para buscar informações acerca dos antigos proprietários e compreender como aconteceram as adições de área.

O trabalho de campo focou as entrevistas, tanto com moradores locais, quanto com familiares do proprietário da Fazenda da Toca, que permitiram estabelecer conexões desde como eram a fazenda e o edifício em outros tempos, até as mudanças que aconteceram ao longo do tempo. O edifício foi compreendido como um laboratório aberto: ao procurar a configuração métrica dos espaços por levantamento *in loco*, foram estabelecidas hipóteses sobre como eram os espaços em outros tempos e como e onde ocorreram transformações.

## **3 - O PARQUE ESTADUAL DE ILHABELA - PEIB**

### **3.1 - Tombamento**

Os momentos de decadência e evidente esvaziamento de população levaram a uma drástica mudança na paisagem da ilha. Apesar de seu relevo acidentado ter impossibilitado o avanço das lavouras para partes mais elevadas, as áreas localizadas nas partes baixas dos morros acabaram arrasadas com décadas de cultivo extensivo. No mapa elaborado por Ary França sobre a ação do

homem na vegetação de Ilhabela, é evidente que o relevo acidentado, sobretudo na porção central da ilha colaborou para coibir veementemente o avanço da devastação da mata.

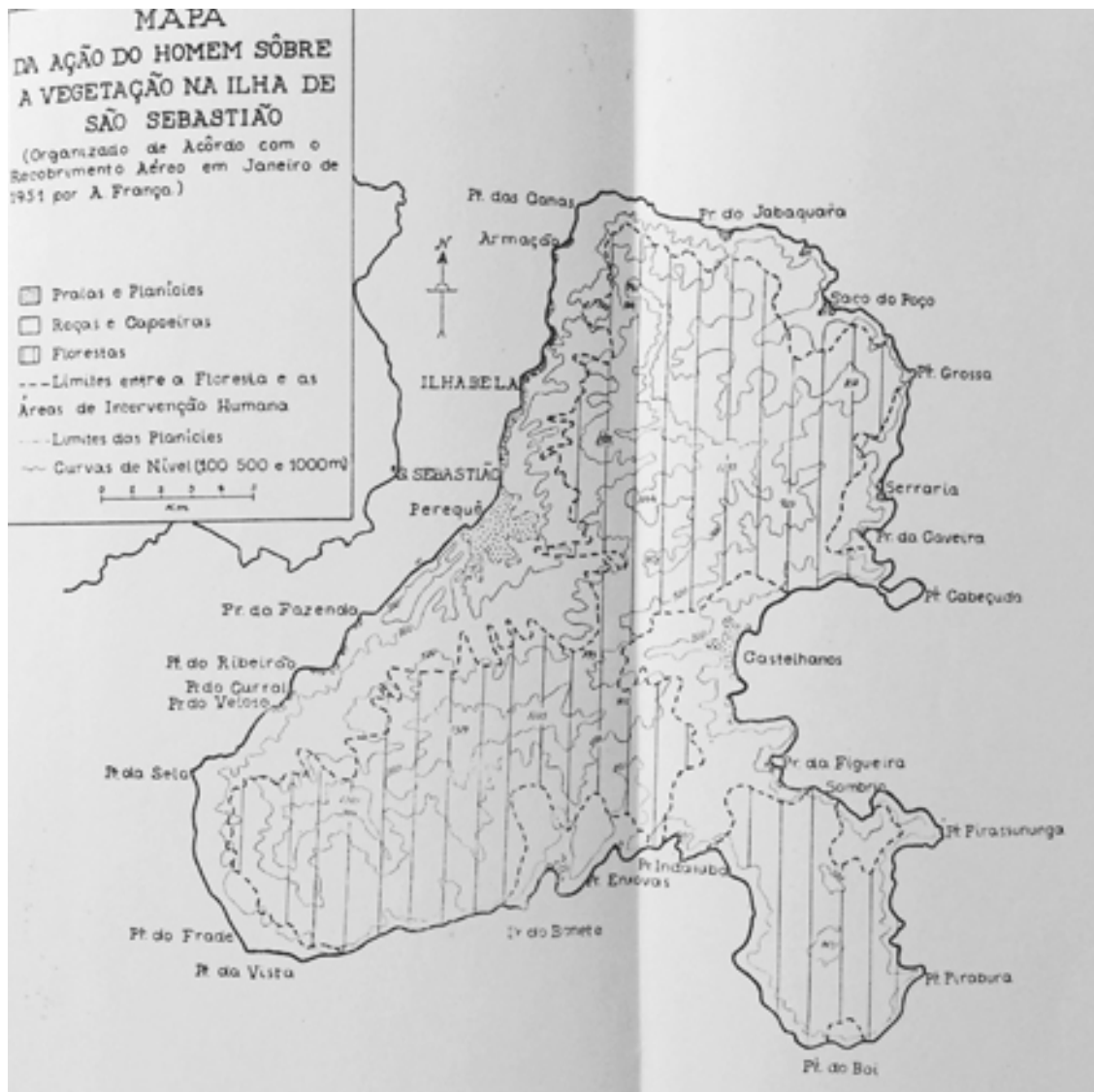


Fig. 2: Mapa ação do homem sobre a vegetação na ilha de São Sebastião. Fonte: Ary França.

Os decretos apontados abaixo partiram do pressuposto da manutenção da cobertura vegetal nativa nos topos dos morros de Ilhabela e, em conjunto, garantiram a preservação deste inquestionável patrimônio ambiental. A floresta latifoliada tropical úmida de encosta é a predominante em Ilhabela dentro do Bioma Mata Atlântica. Ilhabela vem-se destacando nos últimos anos como o município com maiores índices de preservação da Mata Atlântica dentre os municípios que apresentam áreas preservadas por meio de tombamentos.

É importante ressaltar que o tombamento da extensa área que o Parque ocupa fornece mais um dos diversos conflitos existentes na ocupação humana do arquipélago. Abaixo são citados

excertos dos dois tombamentos realizados: um primeiro a nível federal, ocorrido em 1958, com base no Código Florestal vigente e um segundo, a nível estadual e baseado no Código Florestal revisto. Vale ressaltar que as indenizações estavam previstas desde o primeiro tombamento, o que, como será visto no capítulo a seguir, sequer foi respeitado no segundo também.

Governo Federal

Decreto nº 44.890, de 27 de Novembro de 1958

Declara protetoras de acordo com o art. 11, parágrafo único, do Decreto nº 23.793, de 23 de janeiro de 1934, as florestas nativas existentes no Município de Ilhabela, no Estado de São Paulo (Ilha de São Sebastião).

O presidente da República, usando da atribuição que confere o artigo 87, nº I, da Constituição, decreta: (...)

Art. 2º Ao Governo do Estado de São Paulo que tomou a iniciativa para que fôsse expedido o presente Decreto cabe o pagamento das indenizações aos proprietários das terras desapropriadas, mediante arbitramento judicial ou acôrdo administrativo, na conformidade do parágrafo único, do art. 11 do referido Código.

Governo Estadual

Decreto nº 9.414, de 20 de Janeiro de 1977

Cria o Parque Estadual de Ilhabela e dá providências correlatas

Paulo Egydio Martins, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e com fundamento no artigo 5.º, alínea a, do Código Florestal (Lei n. 4.771, de 15 de setembro de 1965); Artigo 1.º - Fica criado o Parque Estadual de Ilhabela com a finalidade de assegurar integral proteção à flora, à fauna e às belezas naturais das ilhas que constituem o município de Ilhabela, bem como sua utilização para objetivos educacionais, recreativos e científicos.

### **3.2 - Leitura da ocupação humana em Ilhabela**

A ocupação de Ilhabela foi consequência das mudanças que ocorreram enquanto lógicas temporais. No início cada família caiçara vivia em uma praia abrigada e conectava-se com as demais primordialmente pela via marítima. Já existia uma ligação do lado do canal de São Sebastião (Perequê) e o lado oposto (Castelhanos), com um acesso bastante precário. Outros poucos caminhos são observados no mapa de 1912 e permanecem praticamente idênticos até hoje. O advento da balsa que ligava Ilhabela a São Sebastião permitiu a chegada de veículos automotores à Ilha e, com isso, tem início o melhoramento das vias de comunicação terrestre.

A ocupação começa a ganhar força com a prática do veraneio na região. Enquanto que inicialmente se formam zonas de ocupação na Barra Velha, onde aportava a balsa e o Saco da Capela, o que se nota nos anos 1980 é o espraiamento da ocupação ao longo da orla, seguindo o modelo tradicional de ocupação das paisagens litorâneas brasileiras com fronteiras próximas às escarpas da Serra do Mar. Os vetores de ocupação seguem, portanto, para os eixos norte e sul, mas deixam lacunas que serão preenchidas na década seguinte. Intensifica-se a ocupação de bairros antigos em assentamentos precários por uma população fixa e de renda mais baixa,

sobretudo em pontos distantes das praias como na Barra Velha e em Itaguassu.

Nas pontas da ocupação ao norte e ao sul, também começa a surgir a ocupação dos morros, com um vetor direcionado às áreas do Parque Estadual. Nos anos 2000 e 2010 o que se nota é um quadro da orla bastante urbanizada, fragmentada e com aumento de dois tipos de ocupação danosos: os assentamentos precários e as ocupações com infraestrutura para abrigar imóveis de segunda residência de alto padrão.

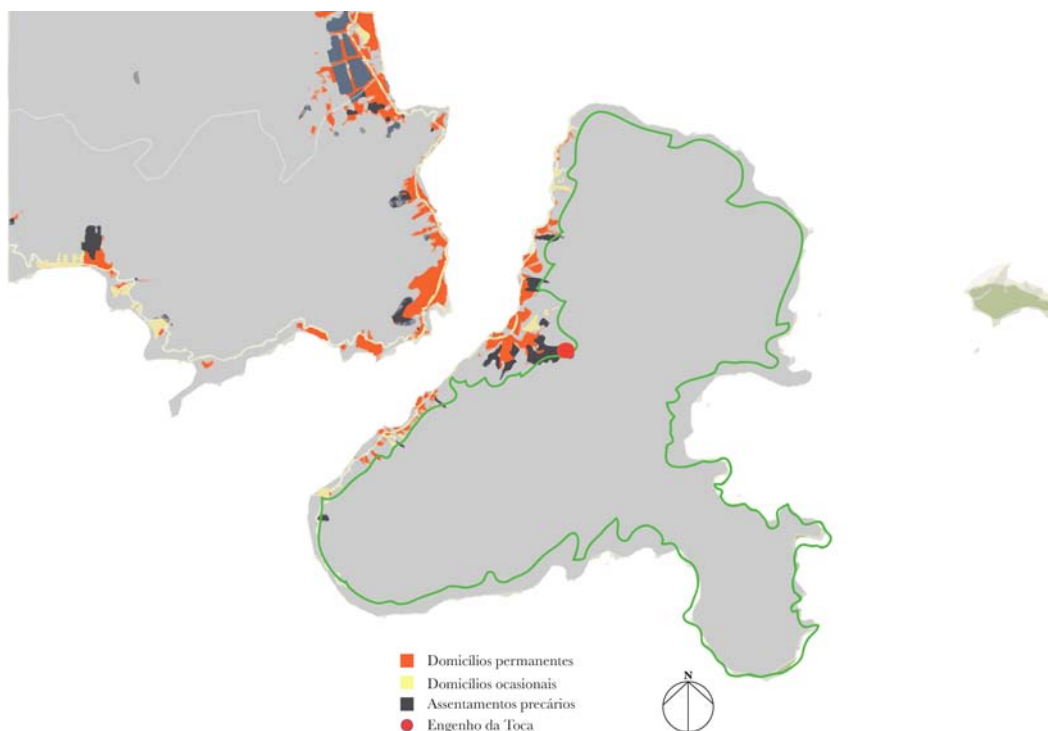


Fig. 3: Mapa ocupação urbana atual por tipologia de domicílios em Ilhabela. *Fonte: Litoral Sustentável.*

Em linhas gerais, fica claro que a ocupação urbana de Ilhabela seguiu dois vetores principais: um longitudinal ao longo da rodovia SP-131, que liga o Norte ao Sul à beira-mar e um transversal, em direção às áreas tombadas pelo Parque Estadual. Mesmo que o Parque seja um fator imposto de repulsa à ocupação humana, o que se observa em Ilhabela é a fragilidade de suas fronteiras, cada vez mais a ocupação passa a tomar conta dos terrenos mais altos e íngremes. A ocupação do território acontece na face voltada para o canal de São Sebastião e a carência de planejamento levou a uma situação complexa de gerenciamento por parte do poder público, o qual acaba sempre agindo com atraso quanto às políticas públicas.

Em específico sobre as áreas da Fazenda da Toca, nota-se que a invasão da área conhecida como “Green Park” e o crescimento do bairro do Reino criaram uma bolha de ocupação desordenada que procura ocupar toda a sorte de terrenos, até mesmo dentro da Área de Preservação Permanente (APP) do Córrego da Toca. Invasões de posseiros e grileiros nas franjas da fazenda



e em terras que foram cedidas a advogados de meu avô como pagamento de custas de processos fazem com que a área viva seja constantemente sufocada por um dos principais vetores de expansão urbana de Ilhabela. Com efeito, a presença de assentamentos precários a um raio de cerca de 2 km do Engenho da Toca faz com que todo o antigo caminho que levava à propriedade e, hoje chamado de estrada da Toca, encontre-se densamente ocupado e bastante modificado nos últimos vinte anos.

#### **4 - A FAZENDA DA TOCA E A FAMÍLIA VAN SEBROCK**

Apesar de o foco da pesquisa não ser nas outras partes da fazenda, a sua breve caracterização é de suma importância. Em meio à mata não virgem, mas refeita, existem ruínas, como o caso das ruínas do conhecido como “Pirata Borges”, o qual fazia o traslado de negros que desembarcavam em Castelhanos e percorriam as áreas da fazenda até alcançar a praça para venda de escravos na Vila. Mito ou não, fato é que as ruínas de um alicerce de uma antiga e grande construção, possivelmente um ponto de parada para a espera dos escravos, encontram-se em uma trilha de nível médio quase na conhecida Cachoeira do Borges, notadamente uma das mais belas da Fazenda. Outro relato aponta a construção como um remanescente da fazenda de café do senhor Borges.

Apesar de, ao longo de sua trajetória, Ilhabela ter tido mais de trinta engenhos espalhados em seu território, o Engenho da Toca é o último ainda em funcionamento no arquipélago. Sua localização central e distante da praia proporcionou o desenvolvimento de uma tipologia diversa da dos demais engenhos. Portanto, ao propor o estudo do edifício, parte-se também da análise da cultura do açúcar, a qual causou sérios danos à ilha, com a devastação da Mata Atlântica e o surgimento de morros pelados e áridos. Assim, pretende-se apresentar a fazenda como um modelo sintetizador da história da ilha, ao estabelecer conexões com esta: o momento tráfico negreiro (ruínas do Borges), o período do cultivo extensivo de cana de açúcar (engenho), o abandono da ilha e o ressurgimento da Mata Atlântica (Parque Estadual da Serra do Mar).

##### **4.1 - Pesquisa documental**

O levantamento foi feito no Cartório de Registro de Imóveis e Anexos da Comarca de São Sebastião, uma vez que os registros de Ilhabela são feitos nesse local. A partir do registro do ato de compra de Joseph Albert Van Sebroeck em 1963, foi possível levantar os registros referentes tanto às porções de terra que conformam a área da Fazenda da Toca, bem como dos imóveis

presentes na mesma. O *registro 615* de 05 de agosto de 1937 é o primeiro em que é citado o engenho, sendo proprietários Benedito Belém de Souza e Antonia Belém de Souza:

(...) uma casa também coberta de telhas, onde funciona a fábrica de aguardente e machina de fazer farinha de mandioca; uma casa pequena, no mesmo lugar, que servia para depósito; metade de uma casa, também coberta de telhas no lugar Coqueiro do mesmo bairro do Peayek, uma sorte de terras (...); uma sorte de terras, (...); uma fábrica de aguardente de canna, movida a força hidráulica, inclusive, todos seus pertences e acessórios (...)

O *registro 8219* de 03 de maio de 1963 é o registro de compra de Joseph e o engenho é citado como:

(...), uma casa de moradia modesta, de tijolos, coberta de telhas, onde está instalada uma fábrica de aguardente com derivação de água para força motriz, roda d'água, moenda de cana, alambique, depósito de fermentação, tonel para a conservação de aguardante e demais pertences, (...), assim como marcas indispensáveis à fabricação de aguardente".

Portanto, da leitura dos registros encontrados acerca da Fazenda, fica claro que a constituição de sua área aconteceu pelos atos de compra de sítios lindeiros pelo sr. Raphael Penteado de Barros. Por fim, Joseph Albert Van Sebroeck compra a fazenda conformada e com o nome de Fazenda da Toca. Ali estavam instalados: um engenho de aguardente e uma casa de farinha de mandioca, em meio à plantação de cana-de-açúcar e banana. O quadro da propriedade se enquadra no relato abaixo:<sup>93</sup>

A capacidade de produção dessas fábricas, todas mal aparelhadas, é de 450 a 500.000 litros, anualmente. Em 1950 não fabricaram mais do que 246.000 litros de aguardente, que foram exportados para Santos e cidades do interior paulista. Alguns reúnem também uma pequena indústria de farinha de mandioca, aproveitando a força motriz e a mão de obra nos períodos entre-safras.

De qualquer forma, ao comprar a fazenda com essa infra-estrutura, a família passa a dar continuidade à fabricação de aguardente e venda da banana como fonte de renda. O ponto turístico criado em 1967, abriu três quedas d'água para a visitação, dentre as quais se destaca uma gruta com uma piscina natural que dá nome ao local: a Toca. Na verdade, com o tombamento de quase a totalidade da área da fazenda, com a perda de áreas de cultivo, o ponto turístico foi a solução para obtenção de receita.

## 4.2 - Memórias narradas

Os principais responsáveis pela manutenção do Engenho já faleceram, a saber: o sr. Joseph Albert Van Sebroeck e dois de seus filhos, Etienne Van Sebroeck e François Van Sebroeck. Desse modo, a coleta de informações por outros familiares e amigos da família que não atuaram

---

<sup>93</sup> França, *A Ilha de São Sebastião: estudo de geografia humana*, (1954): 125.

diretamente sobre o imóvel nos últimos 50 anos foi o meio encontrado para registrar as memórias acerca do local. A proposta, então, foi a de desenhar o contorno atual do edifício e os pilares, sem as divisões internas atuais. Assim, cada entrevistado deveria desenhar sua memória mais antiga do edifício, ao indicar quais eram os limites externos, o que havia no salão interno de mobiliário e/ou maquinário.

**Benoit Van Sebroeck (filho de Joseph, 65 anos)**

memória de 1958

*Comentou sobre tudo que se lembra e foi um dos mais importantes relatos por ter acompanhado meu avô desde o início com a aquisição do local em 1958. Lembra-se de todo o processo de fabricação e de todos os equipamentos existentes na época. Comentou um fato muito interessante: meu tio Etienne aprendeu a fabricar cachaça com Monsieur Roger Desmond, o diretor de uma das usinas onde meu avô trabalhava e que comprou a Fazenda Cocaia (vizinha à Fazenda da Toca) pouco tempo antes da compra da Toca por meu avô. Recebeu um manuscrito com as etapas da produção com esquemas feitos por Desmond, mas infelizmente não consegui recuperar este valioso documento. De qualquer modo, comentou sobre a moenda da roda d'água e a canaleta que trazia água da cachoeira e depois do uso, seguia pela valeta que até hoje devolve a água para a cachoeira. Descreveu também os dois motores que alimentavam a moenda a diesel, esta comprada já na década de 1960.*

*O funcionamento nesta época ainda seguia o padrão por gravidade e a garapa seguia da moenda diretamente até alimentar as dornas, com capacidade para 1000 litros, que ficavam no salão principal e eram três grandes tachos de cobre. Dali seguiam ou para um alambique de laboratório que imagina que tinha capacidade de 20 litros, que ficava no canto do salão com a hoje parede da cozinha ou para o alambique grande, com capacidade de 100 litros talvez, para a destilação. O foguista era o funcionário Tião e a fornalha era alimentada com lenha ou com o bagaço de cana que vinha da área da moenda por carro de boi e ele aponta para dois fatores: que o sucesso da destilação está na manutenção de um fogo médio e que uma destilação acelerada não proporciona uma cachaça de qualidade. Este alambique foi roubado junto com um sino de igreja que tinha na propriedade durante o batizado de uma prima em meados da década de 1960. Com a cachaça pronta, o líquido era armazenado em um dos vários tonéis, sendo que um deles, de cerca de dez mil litros tinha altura quase igual à do pé direito do engenho.*

**Entrevista Vitória Marie Van Sebroeck (filha mais nova de Joseph, 51 anos)**

memória de 1969

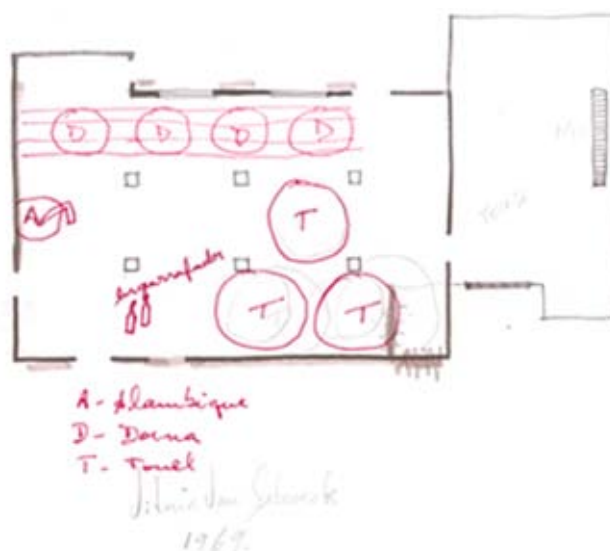


Fig. 4: Exemplo de entrevista com familiar. Desenho: Vitória Marie Van Sebroeck

*Apesar de ter apenas 6 anos na época de sua mais antiga memória, se lembra, sobretudo, do maquinário encontrado no grande salão do engenho. Comenta sobre o alambique presente no atual ponto de atendimento ao turista, sobre o engarrafador, onde diversas garrafas ficavam em sequência. Comenta também sobre as dornas, quatro tachos grandes apoiados sobre duas fileiras de madeira e sobre a presença de três grandes tonéis (um dos quais ia até o teto). Quanto à estrutura do edifício, descreve os contornos como terminando na linha do último pilar, era bastante aberto, o chão era de terra batida e havia apenas uma porta. Também se lembra dos dois carros estacionados na garagem: um Land-Rover e um Ford. Ao lado deles, a moenda e a roda d'água. Comenta também sobre o galpão de ferramentas.*

## 5 - O engenho da Toca

### 5.1. Cronologia construtiva

O Engenho da Toca, por estar localizado no interior da ilha, apresenta uma linguagem arquitetônica bastante diversa daquela do engenho mais famoso de Ilhabela: o Engenho d'Água, tombado nas três esferas patrimoniais: municipal, estadual e federal. O Engenho da Toca é do chamado *partido aberto*, ou seja, os engenhos em que a moradia do dono do estabelecimento é construído com independência frente aos locais de trabalho, mesmo quando a construção é de pequeno porte. Enquanto que o Engenho d'Água é classificado como *partido paulista*, apresenta construções compactas com a congruência dos espaços de morada e fabrico, com

relações diretas com o meio em que se encontram inseridos<sup>94</sup>.

Os indícios de construção em pedra são fontes diretas de análise do edifício. A partir de um olhar mais cuidadoso, foi possível estabelecer a primeira hipótese: a de que a construção de tijolos teria sido feita sobre alicerces de pedra de uma construção mais antiga. Os registros desses alicerces podem ser encontrados externamente, bem como internamente.

Os pilares e as duas principais paredes externas foram construídas com tijolos assentados com argamassa de barro, técnica raramente empregada atualmente. As memórias mais antigas comentam sobre a existência de apenas estas paredes paralelas, sendo todo o resto da construção aberto. Com efeito, uma outra fotografia demonstra exatamente essa situação. Na realidade, o fechamento da parede que vai em direção ao ponto em que é oferecido repelente aos turistas parece ser bastante tardia, já que existe uma foto de minha avó sentada em 1985 e a parede não tinha sido fechada ainda.

Em sequência à cronologia do edifício, segue que o alambique grande foi roubado e o novo, supostamente comprado em 1976, teve sua localização alterada e passou a ocupar o nível superior. Na década seguinte, foi construído o anexo para a cozinha, o conjunto de sanitários externo e o quiosque ao lado do engenho.

O telhado, registrado possivelmente em meados da década de 1980, mostrava uma estrutura bastante diferente da encontrada nos anos 1970. De fato, trata-se de uma estrutura sensível no caso do engenho. As fotos retiradas do artigo de Juan Zapatel mostram o telhado antigo do engenho e, em outro momento, o telhado da área da moenda em fase de reconstrução. Em uma das entrevistas ficou claro que um dos pilares cedeu e o telhado ruiu. As tesouras de madeira do telhado da moenda, que podem ser vistas hoje, foram construídas na década de 1990. Na mesma década foram feitos alguns fechamentos na área próxima ao alambique e em espaços contíguos à garagem.

Por volta de 2007 foi construído um depósito atrás da moenda antiga e uma pequena área coberta com um tanque. Provavelmente no ano seguinte foi fechada a meia altura a parede ao lado da escada externa e o piso do engenho recebeu o tratamento de cimento queimado, dado que até então era um cimento áspero. Nos anos 2010 os caminhos foram cimentados e as escadarias para as piscinas naturais passaram por melhorias.

Em 2013 foi feita a reforma nos sanitários e no ano seguinte, as reformas na cozinha e na

---

<sup>94</sup> Como descrito em Zapatel "Os engenhos de açúcar de Ithabela" (1992): 27.

cobertura. Finalmente, no ano de 2015 foi iniciada e concluída uma grande reforma para abrigar a nova sala de fermentação. Em 2016, as paredes foram descascadas para garantir a segurança dos tijolos não cozidos que estavam sob risco de perder sua capacidade estrutural, uma vez que um filme impermeável havia se formado com as indevidas aplicações de cimento em algumas partes e de pintura de cal com óleo e a área de destilação também foi reformada, com aplicação de cimento queimado no piso.

O exercício prático do levantamento métrico do engenho se fez necessário, dado que não existia nenhuma outra base anterior. Comentou-se sobre uma planta elaborada por Joseph, que fazia constantes anotações sobre o que acontecia na propriedade; no entanto, em uma infestação de traças, boa parte de seu acervo e biblioteca pessoal foi destruído. A roda d'água, as moendas, o alambique e o tonel constituem quase elementos da arquitetura do local devido a sua não mobilidade e também foram levantados tomando em seus aspectos gerais, assim como as portas e janelas.

## **5.2 - O Engenho e a Cachoeira da Toca**

Ao analisar arquivos de família, ficou evidente que o edifício do engenho não foi muito registrado. As imagens demonstram o engenho como uma construção bastante rústica. A estrutura de tijolos cozidos já se encontra a mostra, com praticamente em toda extensão, a ausência de reboco. Alguns dos tijolos foram recuperados nas últimas intervenções realizadas no telhado do engenho e as telhas são do tipo colonial média e grande. Em seu entorno, terra batida, vegetação rasteira e o término da construção na parede de pedras com saliência em relação à parede de tijolos, algo que permanece até hoje. Internamente, o salão apresenta mesas para os turistas e o piso não tinha tratamento, era de terra batida.

Parece bastante interessante analisar como foi feita a divulgação do ponto turístico ao longo de sua trajetória. De fato, apesar dos poucos panfletos que foram guardados, são bastante importantes quanto à forma de caracterizar como o engenho foi citado como um ponto importante para a visitação e nota-se uma evidente mudança de postura nessa questão.

Em uma propaganda dos anos 1970, em que é apenas citado que é oferecido um “serviço de bar e restaurante dentro de um engenho de pinga”, sem indicar nenhuma data para o edifício. Na década seguinte, diz-se do engenho como “uma destilaria de fazenda, datado de 1831”.



Fig. 5. Propagandas das décadas de 1970 e 1980. Acervo: Família Van Sebroeck

Na propaganda a seguir, nos anos 1990, o engenho sequer é citado. Já nos anos 2000, fica evidente que o edifício não apresenta uma importância significativa, consta apenas como uma nota de rodapé: "aproveite e experimente um dos melhores aguardentes da região fabricado no alambique da toca".



Fig. 6: Propagandas das décadas de 1990 e 2000. Acervo: Família Van Sebroeck

Muito comentada em guias turísticos internacionais e nacionais, a Cachoeira da Toca sempre foi um ponto obrigatório para visitação em Ilhabela. No entanto, após a saída do patriarca da administração da fazenda, foram evidentes algumas fases de abandono, sobretudo desde o seu falecimento em 1997 até os meados dos anos 2000, em que a decadência foi mais acentuada. Há cerca de três anos com novos investimentos e sob nova direção, o local passa por uma nova etapa.

### 5.3 - A Cachaça da Toca

Com a leitura do livro "Engenho e Tecnologia", de Ruy Gama, foi possível confirmar a tese levantada por Juan Zapatel de que o engenho da Toca seria do tipo *partido compacto e aberto*. Na época de sua construção, o edifício aproveitou o desnível natural do terreno e dispôs a

moenda, que no caso do Engenho da Toca, trata-se de uma moenda horizontal, na parte mais alta do terreno e as dornas e alambique ficavam na parte inferior do terreno. Em algumas entrevistas apontou-se que as dornas foram vendidas e o alambique atual se encontra também na parte superior, o registro físico na parede permaneceu até hoje, confirma que ali houve uma fornalha no passado e denota uma clara modificação na lógica do edifício quanto a seus espaços internos.

A grande influência do tombamento de boa parte da Fazenda da Toca como Parque Estadual quanto ao fabrico da cachaça se deve, sobretudo, pela perda de área de plantio da cana-de-açúcar, levando à necessidade de importar o produto bruto de outras cidades. A seguir será descrita cada parte do processo de fabricação da cachaça.

Após a higienização e preparo da cana-de-açúcar, a mesma é moída para extrair o seu caldo, também chamado de garapa. No Engenho da Toca existem três moendas, todas do tipo *rolos horizontais*. A primeira e mais antiga é a movida pela roda d'água, pois em Ilhabela "(...) deve ter existido certo número de engenhos d'água nessa área, onde os córregos, descendo dos morros, facilitavam a utilização da água"<sup>95</sup>. A segunda, utilizada por muitos anos era movida por um motor a diesel e a moenda empregada atualmente é elétrica.

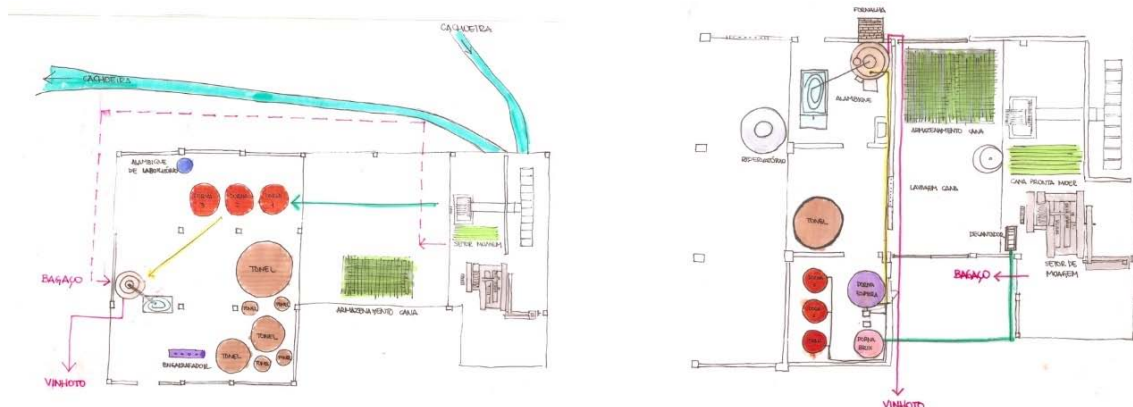
A nova sala de fermentação abriga as dornas de inox, seguindo os novos parâmetros de fabricação. A garapa segue para um primeiro reservatório por gravidade da área da moenda. Com a padronização da concentração de sacarose do caldo, três dornas de 1000 litros de capacidade cada (sendo 600 litros úteis para a fermentação da garapa) são abastecidas. Finda a fermentação, o reservatório de espera é alimentado. A garapa fermentada segue bombeada para o alambique, onde acontecerá a destilação.

O alambique atual é de cobre e foi comprado por volta de 1976 e as paredes lindeiras são de bloco, o que evidencia se tratar de um dos mais recentes fechamentos do edifício. Por volta de seiscentos litros de garapa fermentada são fervidos em fogo médio (lenha e bagaço da cana moída) por cerca de quatro horas. Ao final do processo, são obtidos em torno de 85 litros de cachaça. De todos os demais equipamentos para o fabrico da cachaça relatados nas entrevistas, tais como dornas e diversos tonéis, a mentalidade de se desfazer de tudo ao longo do tempo fez com que restasse apenas um tonel de aproximadamente 5 mil litros.

---

<sup>95</sup> Petrone, *A lavoura canavieira em São Paulo*, (1968): 95.





Se antes todo o processo de produção da cachaça ocupava todo o espaço do edifício, hoje o processo de produção acontece no patamar superior e o patamar inferior se destina, sobretudo, ao armazenamento nos reservatórios e tonéis, venda do produto final e às atividades de recepção turística.



## 6 - CONCLUSÕES

Ao analisar o contexto dos engenhos que também se instalaram em Ilhabela, a situação é bastante delicada: quase não há remanescentes. Dentre os fatores que colaboraram para a situação destacam-se a complicada questão fundiária do arquipélago, tão evidente durante as pesquisas cartoriais, as administrações públicas ineficazes e a falta de interesse por parte dos proprietários onde estavam situados estes edifícios.

Não menos importante, a paisagem que se tem hoje, com matas preservadas é bastante diversa do panorama da década de 1950. As transformações positivas na reconstituição de toda a vegetação foram possíveis no período de decadência da cidade e de seu esvaziamento, pelo abandono da região quando do impulso promovido pelo café no planalto. No entanto, a continuidade da produção de aguardente aconteceu com a necessidade dos moradores, os poucos que permaneceram em Ilhabela, de garantir o seu sustento. Desse modo, a agricultura de subsistência e o aproveitamento de engenhos de aguardente fizeram com que o seu comércio, aliado ao de excedentes agrícolas fosse a solução encontrada pela população local.

Especificamente sobre o método de pesquisa adotado, partiu-se do exposto por Nora, que afirma “A necessidade de memória é uma necessidade de história”. Assim, o método empregado se aliou à busca em escrever, a partir do ponto de vista e da metodologia descrita no início - pesquisa bibliográfica, documental, iconografia e trabalho de campo, uma versão das memórias narradas. Ao fim e ao cabo, se tem a narrativa deste lugar e de seus atributos arquitetônicos.

No caso da fazenda da Toca, o panorama da paisagem se apresenta dubio. Enquanto se tem uma regulamentação rígida sobre quase a totalidade da propriedade, são os seus atributos naturais e constitutivos da paisagem que tornam a sua trajetória tão intrigante. Ao esconder em si mistérios e mitos, apresenta-se também como a prova viva de possibilidades de auto-renovação após décadas de exploração do solo com cultivos agrícolas.

A situação particular do engenho com seu caráter de suporte a um ponto turístico, em primeira instância, parece ter sido o meio pelo qual o edifício pode dar continuidade, com a notória relação de cooperação recíproca estabelecida entre o Engenho e a Cachoeira da Toca. O Engenho serviu de suporte para as atividades do ponto turístico, em que o atendimento passou a ocorrer em balcões instalados no salão principal no interior do edifício. Aos poucos, a mesma relação, que não é de obrigatoriedade, *a priori* mantém o caráter de beneficiar tanto a Cachoeira quanto o Engenho. E assim, chega-se ao panorama atual, em que o edifício passa por uma revitalização completa. A retomada da produção de cachaça com padrões de alta qualidade mantém o caráter de suporte ao ponto turístico e também permite a fabricação do produto.

Quanto ao turismo, proporciona à família Van Sebroeck o sustento há muitos anos e hoje o engenho passa a ser incorporado em seu sentido completo nesta questão turística, ao oferecer visitas às instalações onde acontece a produção de cachaça aliada à degustação do produto ao final do passeio.

A proposta de se trabalhar com valor afetivo de um bem permitiu caracterizá-lo para pessoas com relação direta ao edifício. Finalmente, com as visitas técnicas, a importância desta pesquisa foi reforçada e o despertar do interesse por parte dos visitantes, um retorno não previsto inicialmente.

## 7 - BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, Esterzilda B. de. "Açúcar amargo: a construção de engenhos na Bahia oitocentista". PhD diss. Universidade de São Paulo, 1994
- Choay, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001
- Docci, Mario and Maestri, Diego. *Manuale di rilevamento architettonico e urbano*. Roma: Editori Laterza, 2009
- França, Ary. *A Ilha de São Sebastião: estudo de geografia humana*. São Paulo: 1954
- Ihering, Hermann von. "A ilha de São Sebastião". *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol. II p 129-164, 1897
- Gama, Ruy. *Engenho e tecnologia*. São Paulo: Duas Cidades, 1983
- Gfau. "Engenhos de Ilha Bela". *Acrópole*. São Paulo, n. 302, p. 35-37, jan.1964
- Müller, Daniel. P. *Ensaio d'um quadro estatístico da Província de São Paulo*. São Paulo: Coleção Paulística vol. XI, 1978
- Nora, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez.1993
- Petrone, Maria Thereza S. *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968
- Reis, Nestor G. "Os engenhos da baixada santista e os do litoral norte de São Paulo". *Revista USP*. São Paulo, n. 41, p 62-73, 1999
- Silva, Armando C. da. "O litoral Norte do Estado de São Paulo (formação de uma região periférica)". PhD diss. Universidade de São Paulo, 1975
- Vasconcelos, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos*. 5a edição. Belo Horizonte: SEPLAN-PR/IPHAN/UFMG/Fundep, 1979. (Série Patrimônio Cultural nº2)
- Zapatel, Juan A. "Os engenhos de açúcar de Ilhabela". *Revista Sinopses - FAUUSP*. São Paulo, nº 20, p. 24-29, dez. 1993
- Yázigi, E. et al. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996

## **EL PAISAJE PATRIMONIAL COMO CLAVE EN LA ORDENACIÓN URBANA: UNA APROXIMACIÓN AL CASO DE MÉRTOLA (PORTUGAL)**

Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano, Damián Macías Rodríguez y Vidal Gómez Martínez

**Resumen:** La idea de paisaje como palimpsesto territorial, así como la disparidad de perspectivas disciplinares que, desde el trabajo patrimonial permite su estudio, lo convierten en una herramienta fundamental para medir la sostenibilidad de los instrumentos de planificación. Al reconocer la convivencia de lo nuevo con lo existente, asumen las claves sustantivas del carácter patrimonial a la vez que de la recualificación urbana. Es por ello que el objetivo fundamental del trabajo es aportar, desde una perspectiva interdisciplinar, una visión científica del paisaje para su incorporación en las propuestas de ordenación urbana sobre ámbitos de reconocidos valores patrimoniales. A este respecto, se escoge como caso de estudio la villa de Mértola (Portugal): un asentamiento histórico con un acervo patrimonial fuerte, con un carácter paisajístico muy marcado y en el que confluyen dos circunstancias que lo hacen especialmente rico como caso de estudio: por una parte, la elaboración de su candidatura para la Lista Tentativa del Patrimonio Mundial de UNESCO y, por otra, la reciente publicación de la versión preliminar de su *Plano de Urbanização*, el principal instrumento de ordenación urbana a nivel local que permitiría la integración de la componente paisajística en el tratamiento patrimonial de la villa.

**Palabras Clave:** Paisaje; Patrimonio; Metodología Paisajística; Ordenación Urbana; Territorio.

## **EL PAISAJE PATRIMONIAL COMO CLAVE EN LA ORDENACIÓN URBANA: UNA APROXIMACIÓN AL CASO DE MÉRTOLA (PORTUGAL)**

Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano, Damián Macías Rodríguez y Vidal Gómez Martínez

**Abstract:** The idea of landscape as a territorial palimpsest, as well as the disparity of disciplinary prospective that, from heritage works, its study allows, turn it into a fundamental tool for the measure of the sustainability of planning instruments. While recognising the harmony between the new and the existent throughout it assumes the historic and cultural keys, at the same time that is concerned about urban requalification. It is due to this that the main objective of this work is to contribute, from an interdisciplinary approach to a scientific sight of landscape in order to incorporate it to the urban planning proposals that concern particularly valuable heritage areas. In this respect, the village of Mértola (Portugal) has been chosen as a case study: it is an historic settlement with a strong cultural inheritance, with a very marked landscape character, and where two circumstances that make it especially rich as a case study converge: on the one hand, the elaboration of its candidate's dossier for the Tentative List for World Heritage List by UNESCO and, on the other and, the recent publication of the preliminary version of its Plano de Urbanização, the main instrument for the local urban planning that would allow the integration of the landscape component into the heritage handling of the village.

**Keywords:** Landscape; Heritage; Landscape Methodology; Urban Planning; Territory.

## **EL PAISAJE PATRIMONIAL COMO CLAVE EN LA ORDENACIÓN URBANA: UNA APROXIMACIÓN AL CASO DE MÉRTOLA (PORTUGAL)**

Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano, Damián Macías Rodríguez y Vidal Gómez Martínez

### **1 - INTRODUCCIÓN:**

#### **CONCEPTO DE PAISAJE PARA UN POSICIONAMIENTO TEÓRICO DEL ESTUDIO**

Entre las muchas acepciones que, de manera tanto oficial como académica, se han elaborado acerca del paisaje, se percibe una persistencia de la idea de palimpsesto en el que las distintas culturas, tanto históricas como actuales, se han solidificado a modo de hojaldre sobre un territorio determinado, dejando generalmente al descubierto tan sólo las últimas capas que permanecen visibles ante un posible observador que atienda al mismo desde un punto de vista exclusivamente sensorial. En la propia definición de paisaje que ofrece el Convenio Europeo del Paisaje, en la que se afirma que "designa cualquier parte del territorio, tal como es percibida por las poblaciones, cuyo carácter resulta de la acción de factores naturales y/o humanos y de sus interrelaciones" (Consejo de Europa 2000, Art.1) se revela, además, un axioma identitario, superando de este modo una sostenida ambigüedad normativa al respecto, y albergando y conciliando las claves objetivas y subjetivas, naturales y culturales, formales y causales de un espacio u objeto.

Así, el carácter que menciona la definición institucional podría entenderse como señal o marca que se imprime, pinta o esculpe en algo y, de igual manera, al conjunto de cualidades o circunstancias propias de una cosa, de una persona o de una colectividad, que la distinguen, por su modo de ser u obrar, de las demás. De hecho, *character* es el término que la *Countryside Commission* inglesa utiliza para denominar a sus unidades de paisaje (*character areas*) y para referirse a la diversidad paisajística de su territorio: *The Character of England* (Countryside Comission 1998). El sentido de carácter como señal o huella de una ciudad y sus ciudadanos implica el reconocimiento de la cultura fraguada en un lugar determinado (Besse 2000), siendo

ésta una configuración formal de la sociedad sobre el medio y sobre paisajes anteriores, lo que refuerza entendimiento del paisaje como patrimonio.

Por otra parte, el paisaje conlleva una oportunidad de permitir la visión integral de múltiples patrimonios que, hasta el presente, se han estado considerando de forma compartimentada. A tenor de lo anterior, se muestra como una disciplina integradora que pone en énfasis el territorio como escenario, la sociedad como usuario y el carácter como seña de identidad. Esta visión global podría favorecer, por tanto, la sostenibilidad de los instrumentos de planificación al reconocer la convivencia de lo nuevo con lo existente mediante la asunción de las claves sustantivas del carácter patrimonial a la vez que de la recualificación urbana.

De esta forma, en este trabajo el paisaje se plantea como un instrumento especialmente útil a tener en cuenta en la ordenación urbana por su capacidad de revelar el carácter patrimonial y también por su cualidad de asociar las escalas y procesos de los sistemas territoriales con los urbanos, señalando los rasgos dominantes o procesos que preferentemente explican el contenido identitario y patrimonial (Zoido 2007) del caso de estudio escogido: la Villa de Mértola, en el Alentejo Portugués.

## **2 - LA VILLA DE MÉRTOLA (ALENTEJO, PORTUGAL): HISTORIA, TERRITORIO Y PAISAJE**

Una vez definido el concepto de paisaje que, como elemento aglutinador de las distintas facciones de la cultura humana sobre un territorio concreto, es necesario definir el ámbito de aplicación del mismo que, en este caso, se concreta en la villa de Mértola. Para poder entender las claves de su paisaje y aplicarlas a la consideración del principal instrumento de ordenación urbana que lo condiciona, será necesario, previamente, hacer referencia al propio territorio en el que la ciudad se asienta, así como a la historia que, mediante diferentes culturas que se sucedieron en el mismo, han forjado su identidad patrimonial.

### **2.1 - Mértola en su territorio**

La Villa de Mértola está enclavada en el sureste de la región de Alentejo (Portugal), en una confluencia de tres unidades geomorfológicas: la peniplanicie, las sierras de Serpa y Mértola y los valles encajados entre éstas y por los que discurren los principales cursos fluviales (Lecoq 2002, 31). El núcleo se sitúa en una colina de la margen derecha del Guadiana, justo en la desembocadura del río Oeiras, junto a un profundo valle y cercano al punto en el que finaliza el curso navegable del Guadiana: la cascada de Pulo do Lobo.

Además, el curso fluvial del Guadiana a su paso por Mértola se encuentra en la zona de influencia de mareas, por lo que su caudal varía constantemente, lo que condiciona la navegabilidad en la actualidad a algunas horas diarias, si bien ya en la Antigüedad existen referencias a su navegación (Estrabón, III.2.4,143, según Oliveira e Freitas 2007), aunque ésta estaba condicionada por la variabilidad cíclica provocada por las mareas, a pesar de lo cual Mértola se constituyó históricamente como un importante puerto fluvial. Por otra parte, este enclave favoreció una ocupación que ha perdurado, de manera ininterrumpida, desde la Edad de Hierro hasta nuestros días, manteniendo la condición de ser el puerto situado más al norte de la gran arteria fluvial que supone el Guadiana para el sur de la Península Ibérica (Barros 2008).



Fig. 1: La confluencia entre los ríos Oeiras y Guadiana, enclave territorial que propició la importancia histórica de Mértola. Fuente: Blanca Del Espino

Además de por cuestiones históricas, el emplazamiento natural del asentamiento, tanto en términos geográficos como naturales, contribuye al enriquecimiento de su acervo patrimonial y constituye una de las principales bazas, tanto de su economía basada en el turismo natural y la caza como, de manera innegable, en su sostenibilidad ambiental. Prueba de ello es la declaración como Parque Natural del Valle del Guadiana de la zona que envuelve al río dentro del término municipal de Mértola y parte de la vecina Serpa, declaración que fue promovida por una asociación local.



En cuanto al patrimonio natural, su complejidad y abundancia quedan patentes mediante la declaración, mediante el Decreto 28/95 de 18 de noviembre de 1995, del Parque Natural do Vale do Guadiana y que, con Mértola como centro geográfico y simbólico, incluye una superficie de 69773 ha. de los concejos de la propia Mértola y de la vecina Serpa (Criação do Parque Natural do Vale do Guadiana), cuya regulación fue culminada con el *Plano de Ordenamento do Parque Natural do Vale do Guadiana*, finalizado y aprobado en 2004 (Ministério das Cidades 2004). Dentro del mismo pueden diferenciarse tres unidades paisajísticas claras: las lomas onduladas características de todo el Alentejo y buena parte de las sierras algarvias, las elevaciones de las sierras de São Barão y Alcária como puntos elevados de observación y por último, los valles del propio Guadiana y sus afluentes, que presentan una particular orografía, tremendamente escarpada y agreste, en la que se encajan los cursos fluviales creando, en ocasiones, torrentes de gran fuerza.

Los valores naturales del parque se ven complementados y, en muchos casos, se han visto defendidos por el uso de los mismos que, a través de los siglos y aún en la actualidad, se ha hecho por parte de los habitantes de la zona y, especialmente de Mértola: actividad cinegética, pesca, navegación deportiva, senderismo, cultivo forestal, producción de cereales e industrias panificadoras, apicultura, ganadería de montado (dehesa), producción de quesos y de vino, entre otros.

## **2.2 - Breve reseña histórica de la Villa de Mértola**

El concejo de Mértola cuenta, según el último censo efectuado en 2011, con 7274 habitantes repartidos entre sus 10 *freguesías*, de los que 2824 se concentran en su núcleo principal, la Villa histórica de Mértola. A pesar de que su tamaño y peso demográfico actuales puedan considerarse relativamente pequeños, el enclave en el que hoy se erige el núcleo principal de Mértola ha tenido una ocupación urbana continuada desde la Edad de Hierro hasta nuestros días, adquiriendo en algunos momentos históricos un protagonismo especial como elemento articulador entre uno de los principales cursos fluviales de la Península y una red de caminos que conducían a importantes nodos del sur de la misma. Además, la cercanía de lugares de emergencia de metales valiosos (oro, plata, cobre y hierro), por lo que su puerto supuso, a lo largo de los siglos, un valioso enclave comercial y estratégico.

De las primeras ocupaciones de su territorio, durante la Edad del Bronce, existen pocas certezas dada la escasez de excavaciones arqueológicas desarrolladas hasta estos niveles. Hay constancia, no obstante, de la existencia de una muralla exterior, que protegería a una cierta

distancia el enclave portuario y que tendría continuidad hasta época romana con una longitud de 4 km de los que hay visibles 15 y encerrando una superficie de unas 70 ha. (Lopes y Hurcade 2001), así como restos de una muralla interior, más cercana al entorno actualmente poblado y que excluiría al puerto en el río, cuyos niveles prerromanos han sido puntualmente excavados (Palma 2009).

En época romana se sitúa en su enclave actual a la ciudad denominada *Myrtilis* (Fabião 1987) localizada cerca de *Pax Iulia* (Beja). La importancia territorial del enclave urbano ha sido reafirmada mediante la localización de numerosas evidencias materiales de la época, entre las que destaca la presencia de un foro y, especialmente, la localización de un criptopórtico (Torres e Oliveira 1987: 618). La presencia de un espacio público de tal magnitud da idea de que, ya en época romana, la ciudad mantenía un status urbano. En cuanto a la arquitectura doméstica, el resto más reconocible es la casa romana que se encuentra bajo la actual sede de la Cámara Municipal, descubierta en 1983 durante unas obras de remodelación del edificio (Lopes 2012).

La ya mencionada continuidad del enclave como un lugar privilegiado en cuanto a su ocupación histórica puede ser aseverada por la presencia de importantes restos de una ocupación tardorromana, desde edificaciones civiles como la Torre do Rio hasta un gran complejo religioso en el que destacan dos baptisterios paleocristianos: uno conocido hace décadas, situado junto al criptopórtico, donde se situaría el foro romano y un segundo de reciente hallazgo (Lopes 2014). También se han encontrado restos de un templo de la antigüedad cristiana, enterramientos suburbanos y dos basílicas paleocristianas: una de ellas bajo el Cine-Teatro Marques Duque mientras que la segunda fue construida sobre una necrópolis y puede ser visitada. Esta cantidad y calidad de edificaciones, así como las dimensiones de las necrópolis asociadas, en comparación con otras ciudades de la Península Ibérica cuya presencia paleocristiana es conocida, hacen pensar que *Myrtilis* fue una importante urbe también entre la época clásica y la medieval.

La islámica es, sin duda, la etapa más conocida de la Mértola histórica y, consecuentemente, la que más se ha puesto en valor. Lo estratégico de su enclave produjo la entrada y el asentamiento progresivos de comerciantes de todo el Mediterráneo, lo que finalmente da lugar a la instauración del islam como cultura predominante en el área, con Mértola como centro urbano (Torres y Mulize 2001). Los restos que de la presencia islámica se conservan, conocen y están puestos en valor o incluso son visitables para el público son innumerables, comenzando por la propia disposición del callejero, basado en los de las épocas previas pero que fue consolidado en este momento prácticamente con la misma disposición que conocemos en la actualidad (Macías 2005, 206).

Se conserva además, la estructura amurallada de la época, con pocas alteraciones, gran parte de la cual sigue siendo reconocible hoy, rodeando la Villa antigua y visitable en ciertos tramos. Entre estas estructuras destaca, sin lugar a dudas, el Alcázar (conocido como Alcáçova de Mértola), situado en un promontorio elevado sobre la ya escarpada topografía de la ciudad histórica. Además del propio castillo -que con 2235m<sup>2</sup> construidos se encuentra entre los más importantes de la Península- existió en la Alcazaba un barrio completo y extensas áreas urbanas y periurbanas fueron utilizadas para enterramientos. Como elemento sobresaliente entre las arquitecturas que permanecen en la ciudad de época islámica, puede ser destacada la mezquita aljama, reconvertida posteriormente en iglesia matriz y que conserva una buena parte de sus alzados y estructuras originales. Se distinguen en ella la mayoría de características de las mezquitas almohades (Macías *op.cit.*, 274).

En 1238 se produce, bajo el reinado de Sancho II, la conquista cristiana de Mértola de manos de la Orden de Santiago (Barros *et alii*, 1996). A partir de ese momento, el territorio mertolense pierde progresivamente su importancia como núcleo estratégico portuario para el comercio. Posteriormente, durante los siglos XVI y XVII, el puerto irá recuperando su función gracias al aumento de la explotación agrícola de los territorios aledaños y la exportación de productos alimentarios, fundamentalmente cereales, en una forma de vida que perdura hasta nuestros días y que ha legado, además, numerosos bienes inmuebles de patrimonio disperso en su territorio -molinos, aceñas, arquitecturas agrícolas, entre otras (Palma 2012, 53-57).

De este modo, la actividad agrícola seguiría ocupando un lugar central en el tejido productivo mertolense, sin grandes cambios hasta la llegada, a finales del siglo XIX, de la revolución industrial portuguesa. Ésta recuperará algunas de las zonas abandonadas de explotación minera, entre las que puede destacarse, dentro del propio concejo, las Minas de São Domingos. La actividad minera producirá una reavivación de la zona, no solamente por la construcción de viviendas y edificaciones públicas, además del evidente patrimonio industrial en la propia aldea minera, sino por la posibilidad de extender al resto del concejo las repercusiones positivas de un considerable aumento de la población y un cambio en la identidad familiar y social (Alves 1997).

Posteriormente, entre los años 60 y 70, las minas se agoten y se produce, de nuevo, un decaimiento demográfico de Mértola, con un éxodo agrario masivo que le reduce su población a la mitad en una década. Coincidiendo con este fenómeno, y a continuación de la Revolución posterior al 25 de abril, la tradición agraria será gradualmente complementada por una introducción del sector terciario como motor económico y social, de manos de los trabajos de la Associação para a Defesa do Património de Mértola (ADPM) y, surgido de ésta, del Campo Arqueológico de Mértola, que instaurarán el modelo de Mértola Vila-Museu en colaboración

con la Cámara Municipal de Mértola y recuperarán, no solamente restos arqueológicos y muchos de los bienes inmuebles que hoy pueden ser visitados, sino la dignidad y la memoria de los saberes y las formas de vida tradicionales ligados al territorio, el patrimonio y el paisaje mertolense, labor que perdura hasta la actualidad en conjunto con la investigadora y la educativa.



Fig. 2: Recuperación del tejido tradicional de la lana en la Oficina de Tecelagem, que forma parte del proyecto Mértola Vila Museu. Fuente: Blanca Del Espino

### 3 - EL PLANO DE URBANIZAÇÃO DE MÉRTOLA

De entre los diversos instrumentos que, con carácter oficial, regulan el paisaje en la ciudad de Mértola destacan, por citar elementos sobresalientes, los documentos y planes sectoriales y, más concretamente, los referentes a la protección del patrimonio medioambiental y el histórico-cultural. Este trabajo se centra en un acercamiento al mismo desde las herramientas que, de un modo más directo, inciden en la regulación de la escala más menuda de la cuestión paisajística: los instrumentos de planificación urbana. Entre ellos, merece una especial la última revisión de su Plano de Urbanização, cuya fase de exposición pública para el debate ciudadano ha tenido lugar en las últimas semanas del año 2016 coincidiendo, además, con la etapa de planificación y gestión de la candidatura de Mértola para la lista tentativa de Patrimonio Mundial. Es por ello que, tras considerar de manera genérica la instrumentación de planeamiento urbano vigente en

Mértola, estudiaremos la aproximación paisajística que entraña el Plano de Urbanização para, a continuación, centrarnos en algunos aspectos determinantes de su identidad patrimonial y paisajística y en cómo son abordados por el documento.

### **3.1 - El planeamiento vigente en Mértola y las consideraciones paisajísticas y patrimoniales**

En el año 2010 se da comienzo a los trabajos de redacción de la actualización de la segunda revisión del Plano de Urbanização de Mértola en vigor desde 1990, cuya primera revisión había sido aprobada en 2004 y publicada en marzo de 2006. Este documento, que aún en el momento de redacción de este trabajo sigue vigente a la espera de la aprobación definitiva de la revisión que recientemente ha sido sometida a debate público, establecía las condiciones generales de edificación en el núcleo central de Mértola, estableciendo áreas de condiciones especiales ya fuera debido a la protección de elementos patrimoniales o de especial valor natural y ambiental.

Concretamente, con respecto a la recuperación y conservación patrimonial (zr) establecía siete zonas -Vila velha, Arrabalde, Além-Rio, Cerro de Nossa Senhora das Neves, Cerro do Moinho, Azenhas do Guadiana y Cerca do Convento- mientras que en cuanto a las zonas verdes naturales (zvn) distinguía cinco áreas relacionadas, generalmente, con los cursos fluviales del Guadiana y el Oeiras o con zonas ajardinadas y cultivadas ya existentes dentro del tejido urbano. Las determinaciones incluidas referentes a la protección o la gestión del paisaje son prácticamente inexistentes en este documento -menos aún su valoración explícita- limitándose el documento a establecer limitación y distribución de usos y régimen de ocupación del suelo, así como a reflejar las condiciones derivadas de legislaciones sectoriales tanto en referencia a la protección cultural como a la natural -cuencas fluviales y riesgos hídricos, fundamentalmente- (Regulamento do Plano de Urbanização da Vila de Mértola).

El Plano de Urbanização viene a concretar, por otra parte, las regulaciones establecidas por el documento que, a escala local, ordena el territorio y los asentamientos urbano del término municipal completo de Mértola: el Plano Director Municipal, aprobado y publicado en 1995 (Regulamento do Plano Director Municipal de Mértola 1995). Este documento establece un régimen de uso y ocupación del suelo para el municipio completo además de ordenar las condiciones de edificación en cada uno de sus asentamientos urbanos. En este sentido destaca el tratamiento, la delimitación y la ordenación de zonas dedicadas a actividades que caracterizan e identifican al paisaje mertolense: agrícolas, silvopastoriles, forestales, culturales o naturales. Se establece además, un breve inventario de elementos de interés patrimonial en todo el territorio local, así como la existencia de las llamadas “Áreas a preservar”, que corresponderían

con zonas de especial protección y que cuentan con su propia instrumentación de normas de edificación, haciendo mención expresa a sistemas constructivos, uso de materiales, tratamiento de envolventes edificadas o volúmenes permitidos, entre otras características.

Podemos entender, por tanto, que el Plano de Urbanização de 2006 no desarrolla en ningún caso aspectos relacionados con el paisaje de Mértola como sí hace, aunque sea de manera explícita, el Plano Director Municipal de 1995, sino que se limita a establecer y delimitar áreas con condiciones particulares para la edificación en el núcleo principal. No obstante, y en lo referente al centro histórico y a las características de su paisaje urbano, en 1993 se publica el Plano de Salvaguarda e Valorização do Núcleo Histórico da Vila de Mértola, aprobado en 1992 (Proposta de Regulamento do Plano de Salvaguarda e Valorização do Núcleo Histórico da Vila de Mértola).

Este instrumento limita su ámbito de actuación a cuatro zonas que incorporan los elementos patrimoniales protegidos por la legislación cultural: el Castelo de Mértola, la Mesquita-Igreja Matriz, el tejido urbano histórico inserto dentro de la muralla medieval y una zona de acceso, aparcamiento y vegetación anexa al mismo. Las normas relativas a las posibilidades de modificación de las construcciones en el núcleo histórico concuerdan, en el nivel de detalles y la mención expresa a materiales, técnicas constructivas, composición de huecos, decoración de fachadas y otras características propias de la arquitectura tradicional mertolense, con las identificadas para el concejo completo en el caso del Plano Director Municipal. Por lo tanto, podemos suponer que aquél extiende las regulaciones del de Plano de Salvaguarda al resto de núcleos históricos del territorio municipal.

Pasamos a estudiar la manera en la que el Plano de Urbanização actualmente en actualización actualiza e incorpora las nociones relativas al paisaje cultural entre sus directrices.

### **3.2 - La revisión del Plano de Urbanização de 2016: primeras aproximaciones al documento**

Como decíamos, en el año 2010 se da comienzo a la redacción de una nueva revisión del Plano de Urbanização da Vila de Mértola, justificado por la aparición de nuevas necesidades en la ordenación urbana además de la existencia de estudios que modificaban la percepción y la vocación del municipio: de carácter socioeconómico, demográfico, sobre movilidad sostenible, desarrollo turístico, revitalización del comercio local y sostenibilidad (Agenda 21 Local), además de trabajos de carácter académico (Marques 2015, 7).

Esta revisión (Discussão Pública da Revisão do Plano de Urbanização da Vila de Mértola) fue sometida a debate público entre los meses de noviembre y diciembre de 2016, período en el que se ha permitido su libre consulta desde los repositorios institucionales de la Câmara Municipal. En ella se realiza una actualización completa del entendimiento urbano-territorial del núcleo, comenzando por un encuadre que hace referencia a su posicionamiento en el territorio. Incluye tanto información escrita como planimétrica, que relaciona la Villa de Mértola con su entorno territorial, su patrimonio cultural, la evolución demográfica o el perfil social de la población.

A continuación, se analiza de manera genérica la distribución de los principales servicios y equipamientos de la villa, que localiza la mayoría de los servicios públicos y del tejido comercial en el espacio de transición entre la ciudad amurallada y los nuevos crecimientos urbanos. Mientras que el grueso de los centros administrativos se sitúa en la villa antigua la periferia recibe, casi con exclusividad, los equipamientos deportivos y educativos, así como un pequeño parque industrial (Marques *op.cit.*, 16).

En cuanto al espacio no edificado, se hace un especial hincapié tanto en la distribución viaria y las comunicaciones por carretera dentro de la propia villa y con el exterior, como en la distribución, el estado y la funcionalidad de los principales espacios públicos existentes en la misma. En este sentido, el documento hace un especial hincapié en la necesidad de desviar el tráfico más pesado e intenso hacia la periferia del núcleo -con la propuesta de dos vías de circunvalación que resolverían buena parte de los tránsitos interurbanos- y, de manera complementaria, propiciar los tránsitos a pie en las áreas de especial valor patrimonial. Para ello se propone la peatonalización sucesiva del centro histórico y la disposición de un núcleo de aparcamiento en la zona ribereña de Além Rio, situada al otro lado del Guadiana y enfrentada con el área patrimonial más significativa de la villa antigua (Marques *op.cit.*, 19).

El nuevo documento, por tanto, plantea de una forma holística e integradora las distintas componentes susceptibles de ser intervenidas para el nuevo modelo urbano que se propone para Mértola. Se detecta que en muchos casos, éstas propuestas tienen una alta incidencia en el paisaje cultural por lo que, a continuación efectuamos, un breve análisis sobre las consideraciones y consecuencias paisajísticas más relevantes de la aplicación del documento tal y como resultaría de su publicación preliminar.

### 3.3 - Paisaje urbano y paisaje periurbano en la revisión del Plano de Urbanização

En primer lugar, habría que resaltar que a lo largo del nuevo Plan se hace alusión repetidamente a la herencia cultural y al patrimonio tanto natural como construido (Marques *op.cit.*, 12) y, por primera vez en los instrumentos de planificación urbana de Mértola, se hace referencia expresa al paisaje natural y, menos a menudo, al paisaje cultural y urbano.

Por otra parte, de la lectura del documento se extrae, aunque no esté expuesto de una manera explícita, el concepto de paisaje histórico urbano utilizado para la valoración de sus elementos patrimoniales:

*La ausencia de valores estéticos en las nuevas áreas urbanas, tanto en su arquitectura como al nivel de diseño urbano, han perjudicado el desarrollo integrado de la villa al no ofrecer valores patrimoniales y calidad estética que puedan ser considerados como una plusvalía añadida a la herencia cultural de la villa antigua. Esta apuesta por la calidad del espacio construido debe constituirse como objetivo estratégico de la futura política de ordenación urbana de la villa, siendo la presente Revisión del PU una ocasión ideal para crear las condiciones de forma y contenido susceptibles de ser aplicadas a medio y largo plazo al nivel de planeamiento y gestión urbana (Marques *op.cit.*, 12)<sup>96</sup>.*

Cabe señalar aquí que la presencia de elementos con valor histórico-patrimonial es tratada, a nivel de paisaje histórico urbano, fundamentalmente por sus cualidades estéticas, lo que entra en conflicto con el concepto holístico y cultural que actualmente se atribuye al paisaje y que queda descrito en el apartado introductorio de este texto.

Entre sus propuestas, y estrechamente ligados a la valoración y el diagnóstico efectuados en lo relativo a la movilidad, la accesibilidad y la ordenación de los espacios públicos, la nueva revisión sugiere modificaciones y adiciones tanto urbanísticas como arquitectónicas que, de aplicarse, introducirían cambios significativos -no necesariamente perjudiciales- al entendimiento del paisaje. Entre ellos señalaríamos:

- Se reduce el perímetro urbano edificable, a causa de una clara recesión demográfica, a favor de la ampliación del paisaje periférico agrícola y forestal y alineada con las directrices del documento regional de ordenación del territorio

---

<sup>96</sup> Traducción propia sobre la fuente original.



(PROTA) y las políticas nacionales y europeas a favor de una ciudad compacta (Marques *op.cit.*, 22).

- Se potencia la creación de un cinturón verde en los límites de expansión urbana, como una zona de transición entre el tejido edificado y el territorio rural circundante, con la inclusión de circuitos peatonales para su uso por parte de la ciudadanía.
- Se define sobre el territorio el trazado de las áreas de expansión urbana en el extremo norte del núcleo.
- Se propone la creación de un área de esparcimiento en el borde fluvial con un pabellón de exposiciones de cubierta ajardinada que permita el cruce peatonal de la ribera del Oeiras.
- Se acometen propuestas de proyectos de paisajismo en el bulevar central de conexión entre la ciudad nueva y el centro histórico (Avenida Aureliano Fernandes).
- Se señala la necesidad de la rehabilitación de un silo situado al borde del río, en la barriada de Alem Río (al otro lado del núcleo histórico principal). Este elemento tiene un gran protagonismo en el paisaje local por su presencia volumétrica y sus connotaciones relativas al patrimonio industrial y la evolución en los sistemas productivos tradicionales.
- Se propone la creación de un puente peatonal sobre el Guadiana para comunicar la barriada de Além Río con el centro histórico para mejorar la accesibilidad de ambos núcleos, con una imagen no vinculante que trata de aparentar ligereza y poca presencia volumétrica o de color, aunque supone un cambio significativo en algunas de las vistas más tradicionales de la ciudad, que han permanecido impertérritas a lo largo de los siglos.

En cuanto a las regulaciones y normas de edificación, el documento no profundiza en ordenanzas relativas al tratamiento de los elementos contruidos, sino que se remite a las determinaciones definidas por el Plano de Salvaguarda de 1993 y sus modificaciones de 1996. Resulta notable, no obstante, la lectura de dos epígrafes que relegan las competencias en materia patrimonial a otros estamentos oficiales. Esto ocurre en dos casos determinados: tanto en lo que respecta a las implicaciones arqueológicas de las intervenciones como en las operaciones urbanísticas sobre inmuebles clasificados o en sus zonas de protección. Ambas quedan sujetas a la opinión de la administración competente en materia de patrimonio cultural o a su legislación en vigor.



Fig. 3: Vínculo entre la Villa Antigua y Além Rio a través del paisaje del Guadiana. Fuente: Blanca Del Espino

No obstante, resulta necesario precisar que, tanto en el Plano de Salvaguarda como en el Plano Director Municipal, las directrices dadas para regular las condiciones de edificación en las áreas de protección patrimonial quedan sujetas, en muchas ocasiones, a la valoración del personal competente de la Câmara Municipal (Mateus 2004), lo que pone en tela de juicio la eficacia de los instrumentos de planificación y la solidez de la salvaguarda de su paisaje histórico urbano.

#### **4 - PATRIMONIO MUNDIAL Y PAISAJE: EL CASO DE MÉRTOLA Y SU CANDIDATURA**

Coincidiendo con el final del proceso de redacción de la nueva revisión del Plano de Urbanização y con su aprobación provisional, en octubre de 2016, por parte de la Câmara Municipal con la consiguiente apertura a discusión pública (Aviso, 2016), se gestiona en Mértola la candidatura de la Vila Antigua a la Lista Tentativa de Patrimonio Mundial de la UNESCO, cuya confirmación definitiva tuvo lugar el 30 de mayo de 2016, en la celebración de la Comisión Nacional de la UNESCO en Portugal, que incluía además, otros 21 bienes (Comisión Nacional de UNESCO en Portugal 2016). El Potencial de Mértola para dicha candidatura cuenta sin lugar a dudas, con su relevancia histórico-cultural a lo largo de los siglos, fuertemente condicionada con su posición en el territorio y, por tanto, con su paisaje patrimonial, por lo que se analizan a continuación las consideraciones paisajísticas que, contando con la oportunidad de la publicación de la Revisión del Plano de Urbanização, serían preceptivas en dicha candidatura.

#### **4.1 - Otros casos de pequeñas ciudades portuguesas y el tratamiento de su paisaje de cara a una candidatura como Patrimonio Mundial**

A tal efecto, comenzaremos por estudiar casos recientes de ciudades que, por sus características patrimoniales, urbanas y paisajísticas, resulten similares al caso de Mértola y que hayan sido recientemente postuladas a la lista de Patrimonio Mundial en Portugal.

En primer lugar, resulta significativo el caso de la candidatura de la ciudad de Santarém, situada en la región de Ribatejo, que fue inscrita en la lista tentativa en 1996 y presentada por primera vez como candidata nacional de Portugal en la convocatoria de 2000 con resultado negativo, y vuelta a presentar con modificaciones en 2001, cuando fue nuevamente rechazada. Cabe destacar que en la primera candidatura, la propuesta de declaración se limitaba al centro histórico de la ciudad, y que los motivos que justificaban su inclusión en la lista eran, por lo general, relativos a su importancia histórica y, en su mayoría, inclinados hacia una valoración monumental y artística de sus bienes patrimoniales inmuebles y muebles (Custódio 1996). No se incorporaba relación territorial ni consideración paisajística alguna más allá de la relevancia histórica de su posición en el territorio, de la importancia de la vegetación en la pervivencia y el valor estético del conjunto (UNESCO 1996) y de la valoración del espacio urbano generado por sus arquitecturas más notables.

Es notorio, por tanto, el hecho de que la nueva candidatura presentada en 2001 -de la que existen pocas referencias escritas más allá de las recogidas en hemeroteca- por la Comisión Nacional al Congreso incluyese en su propuesta la conexión entre la ciudad histórica y la ribera del Tajo, contando con la presencia de núcleos de población secundarios cercanos al río (Melro 2002) y de un importante paisaje periurbano y agrario dentro de los valores reformulados (Castel-Branco 2001). A pesar de esto, y de los esfuerzos realizados para implicar a la ciudadanía en el proceso y de la vinculación de la candidatura al desarrollo local (Gabriel 2004), la solicitud de Santarém no fue aceptada ese año y su desestimación definitiva coincidió, precisamente, con la inclusión de Mértola en la reunión de la Comisión Nacional celebrada el 30 de mayo de 2016 (Comisión Nacional de UNESCO en Portugal *op.cit.*).

En cuanto al planeamiento relativo a la zona propuesta, el Plano de Urbanização de Salvaguarda e Valorização do Centro Histórico de Santarém no fue propuesto inicialmente hasta junio del 2001 (Ficha de Identificação do Plano de Urbanização de Salvaguarda e Valorização do Centro Histórico) y, a pesar de que su delimitación se atenía exclusivamente a los límites edificados del centro histórico y el principal barrio ribereño, sin incorporar componentes paisajísticos periféricos, fluviales o agrarios, fue desestimado para ser sustituido por una serie de Planos de

Pormenor fraccionados que ni tan siquiera abarcan el tejido histórico en su totalidad. Por otra parte es necesario señalar, que no fue hasta 2012 que el municipio inició los procesos de clasificación patrimonial tanto para el centro histórico como para la zona de ribera (Abertura do procedimento de classificação do Conjunto Centro Histórico de Santarém y Abertura do procedimento de classificação do Conjunto da Ribeira de Santarém), posiblemente coincidiendo con un último intento de candidatura que se propició, por parte de la Câmara Municipal, en 2013.



Fig. 4: El paisaje de ribera en Santarém, actualmente incluido dentro de las áreas periurbanas protegidas por su valor paisajístico y patrimonial. Fuente: Francisco García

Un caso complementario, más cercano al de Mértola tanto en la dimensión espacial como en la temporal, es el de Elvas, cuyo principal hito en la valoración y protección de su paisaje patrimonial se produce en 2010, con la redacción del Plano Director Municipal en 2010 (Revisão do Plano Director Municipal de Elvas, 2010) que coincide, a su vez, con la preparación del dossier para la candidatura del Conjunto Fortificado de Elvas como Patrimonio mundial, título concedido dos años más tarde, en la sesión de UNESCO celebrada el 30 de junio de 2012 (UNESCO, 2012). Los principios de protección y valoración del patrimonio están implícitos en sus directrices y explícitos mediante la protección de sus bienes inmuebles, de gran relevancia tanto en sus valores arquitectónicos como históricos al tratarse de uno de los principales puntos defensivos de la frontera hispano-portuguesa (Rodrigues y Pereira, 1996). Por ello, son una buena baza ante

la proposición del expediente ante la UNESCO de la Propuesta para la Inclusión en la Lista de Patrimonio Mundial de la Guarnición fronteriza y fortificaciones de la ciudad de Elvas.



Fig. 5: El paisaje periurbano de Elvas como parte de su caracterización histórica y defensiva. Fuente: Blanca Del Espino

Sin embargo, la principal aportación que hace el dossier de candidatura a la protección del patrimonio del centro histórico de la ciudad es, posiblemente, la protección del paisaje urbano y periurbano de la misma. El hecho de que el cinturón de las Murallas Fernandinas esté protegido mediante un entorno de protección vinculando, además, a los dos fuertes extramuros de Graça y Santa Lúcia, supone un cambio de paradigma en el entendimiento de la ciudad amurallada. El hecho de que, aunque lo que realmente se está poniendo en valor por la UNESCO sean los elementos defensivos, la protección no se limite a elementos edificados aislados, sino que se considera el conjunto arquitectónico-urbano-territorial-paisajístico como una unidad, es todo un avance conceptual (Comisión Nacional de UNESCO en Portugal, 2010).

La gestión del suelo periurbano que se encuentra en este cinturón o entorno es posiblemente, uno de los principales retos a los que se enfrenta el urbanismo de Elvas en el futuro, y prueba de ello es la revisión de las zonas buffer que se efectuó un año después de la declaración inicial (UNESCO 2013), para incluir una buena parte del tejido agrario periurbano dentro de la misma. Por esta razón, es paradójico el hecho de que la protección de este tejido agrario no se ponga, sin embargo de manifiesto, ni en el Plano Director Municipal ni en el dossier de propuesta a Patrimonio Mundial.

## **4.2 - Consideraciones paisajísticas en la candidatura de Mértola como Patrimonio Mundial**

El análisis del proceso seguido por ejemplos cercanos de ciudades portuguesas que, con diverso resultado, efectuaron su candidatura a Patrimonio Mundial, provoca una reflexión sobre la pertinencia de la inclusión de la componente paisajística en la candidatura de Mértola y también sobre la oportunidad de articularla con los documentos de planeamiento en elaboración, en este caso, con la Revisión del Plano de Urbanização.

La Vila Antigua de Mértola, desde su génesis histórica hasta su evolución a lo largo de los siglos, ha estado estrechamente ligada a su paisaje natural, el cual la ha dotado tanto de un posicionamiento territorial estratégico como de diferentes recursos para la economía, el desarrollo y el comercio. Por otra parte, la relevancia y el esplendor histórico del asentamiento edificado la han dotado de un paisaje histórico urbano que no se remite únicamente a concepciones estéticas o a la consideración de su monumentalidad sino, más aún, a la consolidación de un sistema edificado, caracterizado por una arquitectura vernácula de gran interés, estrechamente ligado a sus formas de vida e indisolublemente unido a su tejido social y a su imaginario cultural.

Adicionalmente, y en lo que concierne a la implicación de la ciudadanía en el proyecto de inscripción y en la valoración del conjunto histórico-paisajístico, es necesario resaltar la importancia del tejido asociativo mertolense en torno al patrimonio tanto natural como cultural. Desde el nacimiento de la asociación ADPM, que provocó la protección del Vale do Guadiana, hasta la creación del Campo Arqueológico de Mértola como centro de investigación y trabajo patrimonial de alto nivel o la creación del proyecto Mértola Vila-Museu, de gran importancia para el desarrollo socio-cultural del municipio (Rafael 2004), aseguran una penetración efectiva en el colectivo ciudadano de las iniciativas en torno a la inscripción como Patrimonio Mundial, así como hacen necesaria una colaboración estrecha entre los diferentes agentes sociales para su adecuada puesta en marcha.

En lo que concierne a la actual revisión del Plano de Urbanização, ya existe cierta preocupación por la integración del paisaje en la ordenación urbana como revela, por ejemplo, la reducción del espacio previsto para ser edificado o la extensión del espacio que se considera histórico al otro lado del río, aunque supondría ésta una buena oportunidad para, al igual que hicieron Santarém o Elvas, extender los criterios de protección al entorno de paisaje natural y agrario que asegure un buen entendimiento conjunto de la identidad patrimonial del asentamiento histórico.



Por último, resulta necesaria la atención a las iniciativas promovidas tanto por la propia Câmara Municipal o por colectivos implicados en la protección patrimonial como Campo Arqueológico, que participan activamente en la determinación de la agenda para la candidatura nacional y en la determinación de las claves, los valores patrimoniales y los criterios a incluir, o UCCLA (União das Cidades Capitais da Língua Portuguesa)<sup>97</sup>, que en enero de 2017 celebró en Mértola su V Encuentro Técnico con el tema “Protección y Valorización de Centros Históricos”, que tuvo la candidatura mertolense como objeto central de debate. Además de esto, la Câmara Municipal ha iniciado ya la preparación de la inscripción del Centro Histórico de Mértola, junto con un considerable entorno de protección, dentro de la máxima categoría que permite la administración cultural portuguesa, condición indispensable que debe quedar satisfecha previamente a la posible presentación de Mértola a UNESCO por parte del Comité Nacional.

## 5 - CONCLUSIONES

El análisis de los valores paisajísticos de Mértola y sus potencialidades de cara al planeamiento urbano, así como a su candidatura como Patrimonio Mundial, arroja una serie de conclusiones que se expresan a continuación de manera sintética:

- El paisaje de la villa de Mértola, considerado en todas sus dimensiones -natural, cultural, histórica, territorial, urbana, rural, identitaria, entre otras- constituye una acumulación de valores fundamentales para el conjunto y supone uno de los principales acervos patrimoniales con los que cuenta el núcleo.
- Los planes urbano-territoriales efectuados hasta el momento sobre el núcleo central de Mértola inciden poco en sus valores paisajísticos y no es hasta la última revisión de su Plano de Urbanização que se vuelve la mirada hacia el paisaje de una manera implícita. La consideración, por tanto, de los valores paisajísticos dentro de los instrumentos de planificación urbana debería considerarse una prioridad.
- La experiencia de ciudades pequeñas candidatas a Patrimonio Mundial en el sur de Portugal revela que la inclusión del paisaje debe superar las consideraciones estéticas o monumentalistas y que, en el caso de Mértola, debe integrarse como parte inherente de sus valores patrimoniales, así como ser incorporado físicamente en las delimitaciones de protección y no solamente en su dimensión

---

<sup>97</sup> Destaca la ponencia de Martín Portugués, Inmaculada, titulada “Gestión de Ciudades Patrimonio Mundial en la Península Ibérica”

histórico urbana, sino haciendo un especial hincapié en los paisajes periféricos, agrarios y de transición entre el tejido urbano y las grandes unidades paisajísticas naturales.

## 6 - BIBLIOGRAFÍA

- Abertura do procedimento de classificação do Conjunto Centro Histórico de Santarém, freguesias de Marvila, São Salvador, São Nicolau e Santa Iria da Ribeira de Santarém, concelho e distrito de Santarém, e respetiva zona especial de proteção provisória (Lisboa: Diário da República, 2012)
- Abertura do procedimento de classificação do Conjunto da Ribeira de Santarém, na freguesia de Santa Iria da Ribeira de Santarém, concelho e distrito de Santarém, e respetiva zona especial de proteção provisória (Lisboa: Diário da República, 2012)
- Alves, Helena. 1997. *Mina de S. Domingos: génese, formação social e identidade mineira*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola
- Barros, Maria de Fátima, Boiça, Joaquim y Gabriel, Celeste. 1996. *As comendas de Mértola e Alcaria Ruiva - As visitas e os tombos da Ordem de Santiago (1482-1607)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola
- Barros, Pedro. 2008. "Mértola durante os séculos VI e V a.C." En Jiménez Ávila, Javier (Ed.), *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante*. ANEJOS de AESpA, XLVI, pp. 399-414
- Besse, Jean Marc. 2000. *Voir la Terre. Six essais sur le paysage et la géographie*. Mayenne: Actes Sud
- Castel-Branco, Cristina. 2001. *Candidatura de Santarém a Património Mundial - Paisagem Cultural. Plano de Delimitação*. Última modificación en 2001. Consultado el 27/01/2017. <http://www.acbpaisagem.com/projectos/planeamento/candidatura-de-santarem-a-patrimonio-mundial--paisagem-cultural.htm>
- Comisión Nacional de UNESCO en Portugal. 2010. *Propuesta para la Inclusión en la Lista de Patrimonio Mundial de la Guarnición fronteriza y fortificaciones de la ciudad de Elvas*. Elvas: Comisión Nacional de Patrimonio Mundial en Portugal
- Comisión Nacional de UNESCO en Portugal. 2016. *Lista Indicativa de Portugal ao Património Mundial*. Última modificación el 30/05/2016. Consultado el 27/01/2017. <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/noticias/434-seminario-justica-e-bioetica>
- Consejo de Europa. 2000. *Convenio Europeo del Paisaje*. Florencia: Consejo de Europa
- Countryside Commission. 1998. *Role of the Countryside Commission in the town and country planning system*. Londres: Countryside Agency
- Criação do Parque Natural do Vale do Guadiana, Decreto Regulamentar 28/95 de 18 de Novembro (Lisboa: Diário da República, 1995)
- Custódio, Jorge (coord.). 1996: *Santarém: candidatura de Santarém a património mundial*, vol. 3, *Património monumental de Santarém: inventário, estudos descritivos*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém
- Discussão Pública da Revisão do Plano de Urbanização da Vila de Mértola Aviso n.º 14168/2016 (Lisboa: Diário da República, 2016)



- Fabião, Carlos. 1987. "Ânforas romanas republicanas de um depósito de Mértola no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia." *O Arqueólogo Português*, Série IV., 125-148
- Ficha de Identificação do Plano de Urbanização de Salvaguarda e Valorização do Centro Histórico (Santarém: Divisão de Ordenamento do Território, 2001)
- Gabriel, Maria Emília Ogando. 2004. "Património mundial e desenvolvimento regional: O caso de Santarém". *Estudos*, vol.I (noviembre 2004), 49-53
- Lecoq, Nuno. 2002. "Unidades de Paisagem da Zona Castro Verde." En *Mértola: Contributos para uma gestão ambiental eficiente*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa
- Lopes, Virgílio y Hourcade, David. 2001 "A muralha pré-romana de Mértola." *Al-Madan. Almada*. 2a série. 10:209.
- Lopes, Virgílio (coord.). 2012. *Casa Romana. Museu de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola
- Lopes, Virgílio. 2014. "Mértola na Antiguidade Tardia." En *O Sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 138-166
- Macías, Santiago. 2005. "Mértola. O último porto do Mediterrâneo." En *Mértola - história e património: séculos V-XIII*. Vol. I. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola
- Marques, Carlos Almeida. 2015. *Relatório da Revisão do Plano de Urbanização da Vila de Mértola*. Mértola: Câmara Municipal de Mértola
- Mateus, Rui. 2004. *Políticas de salvaguarda do centro histórico de Mértola*. Trabajo Fin de Máster en Conservación del Patrimonio Arquitectónico, Universidade de Évora
- Melro, Rosalina. 2002. "Ambições e ilusões do Património Mundial." *Tinta fresca: Jornal de arte, cultura & cidadania*, nº 16, 29/01/02
- Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente. 2004. *Proposta de Plano de Ordenamento do Parque Natural do Vale do Guadiana*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza
- Oliveira, Carlos Filipe Pereira y Freitas, Vera Teixeira. 2007. "A Idade do Ferro no Baixo Guadiana." En *IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro - Setembro de 2004)*. Faro: Universidade do Algarve
- Palma, Maria de Fátima. 2009. *Arqueologia urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal): contributos para a história local*. Trabajo Fin de Máster Interuniversitario en Arqueología y Patrimonio, Universidad de Huelva.
- Palma, Maria de Fátima (coord.). 2012. *Carta Arqueológica do Concelho de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola
- PROTA-Plan Regional de Ordenación del Territorio del Alentejo (Lisboa: Diário da República, 2010).
- Proposta de Regulamento do Plano de Salvaguarda e Valorização do Núcleo Histórico da Vila de Mértola (Lisboa: Diário da República, 1993)
- Rafael, Lígia. 2004. *Os Trinta Anos do Projecto Mértola Vila Museu: Balanço e Perspectivas*. Dissertação de Mestrado em Museologia, Universidade de Évora
- Regulamento do Plano Director Municipal de Mértola Resolução do Conselho de Ministros nº 162/95 (Lisboa: Diário da República, 1995)

- Regulamento do Plano de Urbanização da Vila de Mértola. Resolução do Conselho de Ministros n.º 27/2006 (Lisboa: Diário da República, 2006)
- Revisão do Plano Director Municipal de Elvas, Deliberação n.º 279/2010 (Lisboa: Diário da República, 2010)
- Rodrigues, Jorge y Pereira, Mario. 1996. *Elvas*. Lisboa: Presença
- Torres, Cláudio y Ferreira, Mulize. 2001. "Nem Islamização, nem Berberização, antes Mediterranização." *Era arqueología*, 4, 2001, 122-138
- Torres, Cláudio y Oliveira, José Carlos. 1987. "O criptopórtico-cisterna da Alcáçova de Mértola." En *II Congreso de Arqueología Medieval Española*, Vol. 2, 617-626
- UNESCO. 1996. "*Tentative List. Historic Centre of Santarém. Description*". Última modificación el 06/11/1996. <http://whc.unesco.org/en/tentativelists/562/>
- UNESCO. 2012. *Decisions adopted by the World Heritage Committee at its 36th Session (Saint-Petersburg, 2012)*. San Petersburgo: UNESCO
- UNESCO. 2013. *Garrison Border Town of Elvas and its Fortifications - Map of the inscribed property - minor boundary modification*. Paris: UNESCO
- Zoido Naranjo, Florencio. 2007. "Paisaje y ordenación territorial en ámbitos mediterráneos." En *Cuadernos de sostenibilidad y patrimonio natural*, 11, 92-100

# AS POLÍTICAS DA PAISAGEM DEPOIS DA CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM

Carla Gonçalves e Maria José Curado

**Resumo:** Em Portugal, a Constituição da República Portuguesa estabelece o ordenamento do território como função pública e consagra-o como uma tarefa fundamental do Estado, onde deve ser assegurado um equilibrado desenvolvimento socioeconómico e onde devem ser assegurados os meios para que haja uma valorização da paisagem.

Desde a assinatura da Convenção Europeia da Paisagem, em 2000, a paisagem tem sido gradualmente incorporada na agenda política europeia e nacional, tendo atualmente entrado em vigor em 38 estados-signatários. Um dos objetivos desta Convenção é a integração da paisagem em todas as políticas relevantes, devendo para tal cada estado-membro estabelecer políticas de paisagem. Através de uma análise comparativa entre três casos de estudo (Portugal, Espanha - Região Autónoma da Catalunha - e Inglaterra), pretende-se avaliar a evolução legislativa em termos de políticas de paisagem e quais as vantagens que advêm de as mesmas serem incorporadas sistema de gestão territorial.

Os resultados a alcançar ambicionam comprovar por um lado que a Convenção Europeia da Paisagem contribuiu para uma convergência europeia na construção de políticas de paisagem e por outro lado, visa compreender como é que estas podem ser integradas na gestão do território e da paisagem, contribuindo e influenciando a sua construção.

**Palavras Chave:** Convenção Europeia da Paisagem; Políticas da Paisagem; Convergência Europeia.

# THE LANDSCAPE POLICIES AFTER THE EUROPEAN LANDSCAPE CONVENTION

Carla Gonçalves e Maria José Curado

**Abstract:** Spatial planning is key public function and a fundamental area of Portuguese Government, where the Portuguese Republic Constitution defines that sustainable development must be achieved as well all the means to enhance landscape.

Since the European Landscape Convention signature (2000), landscape has been gradually incorporated on the European and national agendas. This has already entered into force in 38 signatory states. One of the main goals of this Convention is to integrate landscape on all relevant sectoral policies, as well to establish landscape policies. By a comparative analysis on three case studies (Portugal, Autonomous Region of Catalonia and England), this paper aims to evaluate the legislative evolution on landscape policies, reflecting on the advantages of it being incorporated on spatial planning systems.

Results aim to demonstrate, on the one hand, if the European Landscape Convention has contributed to a European convergence in the construction of landscape policies and, on the other hand, it aims to understand how they can be integrated into landscape and landscape management, influencing its construction.

**Keywords:** European Landscape Convention; Landscape; European convergence.

# **AS POLÍTICAS DA PAISAGEM DEPOIS DA CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM**

Carla Gonçalves e Maria José Curado

## **1 - A CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM**

A paisagem constitui um elemento-chave para o bem-estar individual e social e a sua proteção, gestão e ordenamento, pressupõem direitos e responsabilidades para cada Estado-Membro e os seus cidadãos. Consciente desta realidade, o Conselho da Europa apresentou para assinatura, em outubro de 2000, o primeiro tratado internacional dedicado exclusivamente a todas as dimensões da paisagem, a Convenção Europeia da Paisagem. Esta convenção tem como objetivo “promover a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem e organizar a cooperação europeia neste domínio” (Council of Europe 2000). Com este novo instrumento, o Conselho da Europa assegura a prossecução dos objetivos da sua instituição, contribuindo para o aumento do bem-estar da população e da sua qualidade de vida, através da salvaguarda das funções desempenhadas pela paisagem, do património cultural e da biodiversidade.

A Convenção Europeia da Paisagem é o primeiro tratado internacional que procura alcançar uma relação harmoniosa entre a proteção, gestão e ordenamento da paisagem. O seu âmbito territorial é o dos países signatários, incidindo nas “áreas naturais, rurais, urbanas e periurbanas, abrangendo as áreas terrestres, interiores e as águas marítimas, aplicando-se a toda a paisagem, quer seja considerada excecional, degradada ou quotidiana” (Council of Europe 2000).

Com a implementação da Convenção Europeia da Paisagem, os Estados-Membros signatários devem assegurar vários princípios gerais, nomeadamente que (1) o território é considerado como um todo, (2) que se reconhece o papel fundamental que o conhecimento sobre a paisagem desempenha, (3) que se promove o valor da paisagem e o papel que esta desempenha para a qualidade de vida da população, (4) que se definem políticas de paisagem, (5) que se integra a dimensão da paisagem em todas as políticas sectoriais, (6) que se promove a participação pública ativa, (7) que se alcança a definição de OQP e (8) que se promove a troca de experiências e de informação entre os Estados-Membros (Council of Europe 2000).

Para alcançar estes objetivos, os Estados-Membros signatários assumem o compromisso de implementarem um conjunto de medidas gerais e específicas. Quanto às medidas gerais estes têm de (1) reconhecer juridicamente a paisagem como uma componente essencial do ambiente urbano, uma expressão da diversidade do seu património comum cultural e natural e a base da sua identidade, (2) estabelecer e aplicar políticas da paisagem visando a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem através da adoção de medidas específicas, (3) estabelecer procedimentos para a participação do público, das autoridades locais e das autoridades regionais e de outros intervenientes interessados na definição e implementação das políticas da paisagem e (4) integrar a paisagem nas suas políticas de ordenamento do território e de urbanismo, e nas suas políticas cultural, ambiental, agrícolas, social e económica, bem como em quaisquer outras políticas com eventual impacto direto ou indireto na paisagem (Council of Europe 2000). Estas medidas gerais desdobram-se num conjunto de medidas específicas (ver Quadro I), que de acordo com Roetemeijer (2005) podem ser agregadas em três instrumentos distintos: reguladores, financeiros e informativos. No Quadro I, após a análise da informação proveniente de (Roetemeijer 2005), foram compilados os três instrumentos que permitem a cada Estado-Membro aplicar a Convenção Europeia da Paisagem, tendo esta sido atualizada com a Recomendação adotada pelo Comité de Ministros, a 6 de fevereiro de 2008 (Council of Europe 2008).

Quadro I: Instrumentos Reguladores, Financeiros e Informativos da Convenção Europeia da Paisagem

(Roetemeijer para CEP, 2000 e Conselho da Europa, 2000 (2005);

Conselho da Europa para Conselho da Europa, 2008 (2008); tratamento próprio)<sup>98</sup>

<b>INSTRUMENTOS</b>	<b>MEDIDAS ESPECÍFICAS CEP, 2000</b>	<b>MEDIDAS ESPECÍFICAS CONSELHO DA EUROPA, 2000</b>	<b>MEDIDAS ESPECÍFICAS CONSELHO DA EUROPA, 2008</b>
<b>REGULADORES</b>	<b>Alínea a), art. 5.º:</b> reconhecer juridicamente a paisagem como uma componente essencial do ambiente humano, uma expressão da diversidade do seu património comum cultural e natural e base da sua identidade.	Operacionalizar em legislação própria o valor da paisagem; Garantir a inclusão na legislação do valor que esta desempenha para as pessoas.	- Diferentes níveis administrativos devem elaborar estratégias específicas de paisagem (gerais e/ou setoriais); - Assegurar a coordenação e interligação com os QOP; - Assegurar a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem. - As várias políticas sectoriais incorporaram a dimensão da paisagem.

<sup>98</sup> Nota: tradução livre dos originais.

INSTRUMENTOS	MEDIDAS ESPECÍFICAS CEP, 2000	MEDIDAS ESPECÍFICAS CONSELHO DA EUROPA, 2000	MEDIDAS ESPECÍFICAS CONSELHO DA EUROPA, 2008
	<b>Alínea e), n.º 2, art. 6.º:</b> tendo em vista a aplicação das políticas da paisagem cada Parte compromete-se a estabelecer os instrumentos que visem a proteção, a gestão e/ou o ordenamento.	Admite a utilização de diferentes instrumentos legais.	- O governo deve assegurar recursos humanos e financeiros para a elaboração e implementação de políticas da paisagem.
	<b>Ponto i), da alínea a), do n.º1, do art. 6.º:</b> identificar as paisagens no conjunto do seu território.	Definir um plano de ação a longo prazo, para proteger e melhorar a paisagem. Identificar as alterações na paisagem e o porquê destas transformações.	- Assegurar o envolvimento dos atores cujas atividades influenciam a paisagem, na definição dos OQP e do plano de ação. - A identificação das unidades de paisagem deve conter uma descrição das suas características e deve avaliar os problemas que afetam a qualidade e que transformam a paisagem. - A identificação das unidades de paisagem é fundamental para uma correta definição dos OQP. - O conhecimento sobre a paisagem deve ser desenvolvido de acordo com um processo de descrição, identificação e avaliação. - A definição dos objetivos de qualidade deve ser baseada no conhecimento das características e qualidades das paisagens em questão, e identificação de sua dinâmica e do seu potencial, e de esta é percebida pela população.
	<b>Ponto ii), da alínea a), do n.º1, do art. 6.º:</b> analisar as suas características bem como as dinâmicas e as pressões que as modificam.		
	<b>Ponto iii), da alínea a), do n.º1, do art. 6.º:</b> acompanhar as suas transformações.		
	<b>Alínea b), do n.º1, do art. 6.º:</b> avaliar as paisagens assim identificadas, tomando em consideração os valores específicos que lhes são atribuídos pelos intervenientes e pela população interessada.	Esta avaliação/diagnóstico servirá de base para a definição dos OQP e para definir o tipo de instrumentos necessários à sua operacionalização.	
	<b>Alínea d), do n.º 2, do art. 6.º:</b> cada uma das partes compromete-se a definir OQP para as paisagens	O governo define os OQP após a consulta do público e dos vários atores. Estes refletem o carácter da paisagem	- Devem ser definidos OQP para qualquer ação de planeamento/projeto urbano, adequados à escala do plano/projeto. Estes

INSTRUMENTOS	MEDIDAS ESPECÍFICAS CEP, 2000	MEDIDAS ESPECÍFICAS CONSELHO DA EUROPA, 2000	MEDIDAS ESPECÍFICAS CONSELHO DA EUROPA, 2008
	identificadas e avaliadas, após consulta pública, em conformidade com o artigo 5.º, alínea c).	e as políticas que serão aplicadas pela administração para a gestão, proteção e ordenamento da paisagem.	devem contribuir para melhorar a qualidade paisagística ou pelo menos, contribuir para que não haja um declínio da qualidade da mesma.
	<b>Alínea e), do art. 6.º:</b> tendo em vista a aplicação das políticas da paisagem cada Parte compromete-se a estabelecer os instrumentos que visem a proteção, a gestão e ou o ordenamento da paisagem.	Desenvolver e introduzir nos seus sistemas jurídicos, os instrumentos necessários e apropriados para assegurar a implementação das políticas da paisagem.	- A paisagem deve ser considerada em todas as suas dimensões e integrada em todas as políticas.
	<b>Alínea c), art. 5.º:</b> estabelecer procedimentos para a participação do público, das autoridades locais e das autoridades regionais e de outros intervenientes interessados na definição e implementação das políticas da paisagem mencionadas na alínea b) anterior.	Realização de inquéritos à população científica e em geral, de workshops e reuniões de trabalho para a identificação e avaliação das paisagens. No caso dos objetivos de qualidade paisagística sugere que estes sejam sujeitos a consulta pública. Envolver as autoridades locais, a sociedade civil e as diferentes organizações.	- Tornar o conhecimento técnico acessível a todos, isto é, perceptível a qualquer pessoa. - Estabelecer procedimentos de participação pública para todas as políticas, especialmente na definição dos objetivos de qualidade paisagística. - A participação implica a comunicação entre os especialistas e a população e vice-versa. - A participação deve envolver as entidades nacionais, regionais e locais (consoante a escala), a população afetada, o público em geral, as organizações não-governamentais, os agentes económicos e os profissionais/cientistas da paisagem. - Devem ser utilizados diferentes meios de
	<b>Alínea d), do n.º 2, do art. 6.º:</b> cada uma das partes compromete-se a definir objetivos de qualidade paisagística para as paisagens identificadas e avaliadas, <i>após consulta pública</i> , em conformidade com o artigo 5.º, alínea c). <b>N.º 1, do art. 6.º:</b> com a <u>participação ativa</u>		



INSTRUMENTOS	MEDIDAS ESPECÍFICAS CEP, 2000	MEDIDAS ESPECÍFICAS CONSELHO DA EUROPA, 2000	MEDIDAS ESPECÍFICAS CONSELHO DA EUROPA, 2008
	dos intervenientes, tal como estipulado no artigo 5.º, da alínea c), e tendo em vista melhorar o conhecimento das paisagens, cada Parte compromete-se....		participação pública simultaneamente.
<b>FINANCEIROS</b>	Não define instrumentos financeiros.	Dá de exemplo a aplicação de benefícios fiscais.	- Acordos/contratos entre o Estado e partes interessadas tendo à disposição assistência técnica, operacional e/ou benefícios fiscais.
<b>INFORMATIVOS</b>	<b>Alínea a), do art. 6.º:</b> a formação de especialistas nos domínios do conhecimento e da intervenção na paisagem.	Sem recomendações.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelecer visitas guiadas, publicações, programas de televisão, exposições de fotografia, etc..</li> <li>- Definir programas de formação para diferentes públicos-alvo, com o objetivo de evidenciar as relações entre a paisagem e o desenvolvimento económico, os recursos naturais e a sociologia.</li> <li>- Privilegiar a educação das crianças, potenciando a sua sensibilidade para o que as rodeia.</li> </ul>
	<b>Alínea b), do art. 6.º:</b> Programas de formação pluridisciplinar em política, proteção, gestão e ordenamento da paisagem destinados a profissionais dos setores público e privado e a associações interessadas.		
	<b>Alínea c), do art. 6.º:</b> cursos escolares e universitários que, nas áreas temáticas relevantes, abordem os valores ligados às paisagens e as questões relativas à sua proteção, gestão e ordenamento.		

Considerando que os vários Estados-Membros têm sistemas de ordenamento do território com diferentes formas e tradições de integrar a paisagem nas suas políticas territoriais, a Convenção Europeia da Paisagem define um conjunto de conceitos (Quadro II) para assegurar que estes são interpretados da mesma forma pelos vários atores, bem como para facilitar a cooperação europeia e a partilha de experiências.

Como o presente artigo se debruça sobre a implementação da Convenção Europeia da Paisagem em diferentes Estados-Membros para efeitos, ao longo do texto, utilizam-se os mesmos conceitos (paisagem, política da paisagem, objetivo de qualidade paisagística, proteção da paisagem, gestão da paisagem e ordenamento da paisagem), sendo apresentados no Quadro II, a sua definição.

Quadro II: Definições (Council of Europe 2000)

Conceito	Definição
<b>Paisagem</b>	Designa uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo caráter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos;
<b>Política da paisagem</b>	Designa a formulação pelas autoridades públicas competentes de princípios gerais, estratégias e linhas orientadoras que permitam a adoção de medidas específicas tendo em vista a proteção, a gestão e ordenamento da paisagem;
<b>Objetivo de qualidade paisagística (OQP)</b>	Designa a formulação pelas autoridades públicas competentes, para uma paisagem específica, das aspirações das populações relativamente às características paisagísticas do seu quadro de vida;
<b>Proteção da paisagem</b>	Designa as ações de conservação ou manutenção dos traços significativos ou característicos de uma paisagem, justificadas pelo seu valor patrimonial resultante da sua configuração natural e/ou da intervenção humana;
<b>Gestão da paisagem</b>	Designa a ação visando assegurar a manutenção de uma paisagem, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável, no sentido de orientar e harmonizar as alterações resultantes dos processos sociais, económicos e ambientais;
<b>Ordenamento da paisagem</b>	Designa as ações com forte caráter prospetivo visando a valorização, a recuperação ou a criação de paisagens.

Com a definição destes termos, o Conselho da Europa pretende clarificar a utilização de cada conceito. Destes destaca-se o *conceito de paisagem* pois, ao longo da história, consoante o contexto histórico e cultural, este foi evoluindo e assumindo múltiplos significados. Para uma eficaz convergência das políticas de paisagem, no âmbito territorial do Conselho da Europa, com a aplicação de ações que visem a proteção, a gestão e/ou o ordenamento da paisagem, é fundamental assumir que conceitos e definições significam o mesmo. Só assumindo legalmente o *conceito de paisagem*, é possível assegurar que as Partes assumem o caráter holístico da

paisagem, avaliando e delimitando estratégias e linhas orientadores, que combinem a inter-relação entre os fatores biofísicos, socioeconómicos e/ou simbólicos (perceção), resultando no que percecionamos como “paisagem”. Se por um lado, esta abordagem holística da paisagem não é novidade, supõe-se que apenas alguns Estados-Membros terão uma definição jurídica para a paisagem, reconhecendo-a como um fator com importância autónoma e transversal às políticas de ambiente.

O facto de a Convenção Europeia da Paisagem prever o reconhecimento jurídico da paisagem nos sistemas legais dos Estados-Membros signatários, assumindo a paisagem “como uma componente essencial do ambiente humano, uma expressão da diversidade do seu património comum natural e cultural e base da sua identidade” (Council of Europe 2000), que desempenha importantes funções para a qualidade de vida das populações, contribui para reforçar a autonomia da paisagem face a outras políticas setoriais de ambiente.

## **2 - EXEMPLOS EUROPEUS DE REFERÊNCIA NA IMPLEMENTAÇÃO DA CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM**

A Convenção Europeia da Paisagem tem como um dos seus principais objetivos promover a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem e organizar a cooperação europeia neste domínio, privilegiando a utilização da paisagem como ferramenta de apoio ao planeamento territorial. De acordo com a Convenção, cada um dos Estados-Membros aplica, em especial, as medidas gerais e específicas apresentadas previamente, de acordo com a sua própria repartição de competências, em conformidade com os seus princípios constitucionais e organização administrativa, respeitando o princípio da subsidiariedade, e tendo em consideração a Carta Europeia da Autonomia Local, harmonizando a implementação da Convenção Europeia da Paisagem de acordo com as suas próprias políticas.

Face a esta situação, a implementação de políticas de paisagem é, por vezes, bastante desigual, embora haja países/regiões em que esta decorre a bom ritmo. Como supramencionado, a Convenção já entrou em vigor em 38 Estados-Membros e está em plena “fase de execução”.

Neste contexto foram escolhidos três (Inglaterra, Espanha e Portugal) casos de referência na implementação de políticas de paisagem e/ou na implementação da Convenção Europeia da Paisagem, a diferentes escalas, onde a informação de base necessária para o desenvolvimento da presente dissertação está facilmente acessível.

A nível europeu, Inglaterra (escala nacional) destaca-se pela longa tradição na consideração da dimensão “paisagem” nas suas políticas e programas e pela importância que esta representa

para os seus cidadãos. A escolha deste exemplo pretende demonstrar que o governo inglês aplicava políticas de paisagem muito antes do surgimento da Convenção Europeia da Paisagem, o que acabaria por influenciar os trabalhos europeus, em diferentes níveis, na investigação e desenvolvimento de metodologias de e para a paisagem.

Espanha, com o caso concreto da Região Autónoma da Catalunha (escala regional), diferencia-se no panorama europeu e internacional pelo trabalho notável desenvolvido desde 2005, na implementação da Convenção. Atualmente o trabalho desenvolvido é uma referência internacional servindo como exemplo na implementação de políticas de paisagem quer na Europa, quer na América do Sul.

Portugal (escala municipal) é, talvez, um primeiro país europeu que apresentou medidas para implementar a Convenção Europeia da Paisagem a nível municipal, constituindo o terceiro caso de análise neste artigo.

## **2.1 - Inglaterra, exemplo anterior à elaboração da Convenção Europeia da Paisagem**

Em 1993, a antiga Countryside Commission (atual Natural England) promoveu um programa de avaliação do caráter da paisagem com o duplo objetivo, de em primeiro lugar, identificar, descrever e analisar o caráter da paisagem em Inglaterra e, em segundo lugar identificar as oportunidades/fragilidades de cada paisagem e respetivas medidas para assegurar a sua conservação/potenciação. Desse trabalho resultou a delimitação de 159 unidades de paisagem e a descrição de cada uma, tal como a identificação da evolução histórica e as atuais pressões a que estão sujeitas, identificando um conjunto de medidas para serem integradas nos planos de hierarquia superior.

Em 2014, as unidades de paisagem foram revistas com o propósito de incorporar os objetivos da Convenção Europeia da Paisagem, no “Natural Environmental White Paper” e na Estratégia de Biodiversidade 2011-2020.

Desde 2004 que o sistema legal inglês contempla a “*Avaliação do Caráter da Paisagem*”, que contribui para o desenvolvimento sustentável e para a integração de objetivos sociais, económicos, ambientais e paisagísticos no planeamento territorial (obrigação legal). O conceito de *caráter da paisagem* e o próprio processo de *avaliação do caráter da paisagem* tornou-se central para todas as atividades relacionadas quer com a paisagem, quer com o planeamento territorial e ambiental em Inglaterra.

A consolidação deste processo desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento e na ratificação da Convenção Europeia da Paisagem em Inglaterra (ano de 2007), enquanto resultado de um longo processo histórico, teórico e prático da aplicação dos princípios inerentes à Ecologia da Paisagem ( Quadro III).

No início da década de 70, a avaliação da paisagem, segundo o termo inglês *landscape evaluation*, centrava-se na identificação quantitativa da qualidade da paisagem, sendo esta reduzida a uma avaliação estatística, onde a complexidade da paisagem não era contemplada (por exemplo, os fatores visuais ou relacionados com a perceção não eram considerados).

Na década 80, a avaliação da paisagem evolui na sequência da aplicação prática dos estudos desenvolvidos na década de 70, passando a ser utilizado o termo inglês *landscape assessment*, na medida em que esta deixa de ser centrada no valor, mas passa a reconhecer a subjetividade presente em todo o processo de avaliação (por exemplo, inclusão da perceção da paisagem).

Por fim, na década de 90, numa altura em 83% dos condados ingleses possuíam estudos de paisagem (Nogué, Puigbert, and Bretcha 2009), é assumido o conceito de carácter da paisagem (até então este estava implícito na avaliação realizada na década de 80). Este é definido como “o conjunto de elementos distintivos e claramente reconhecíveis habitualmente presentes numa determinada paisagem” (Nogué, Puigbert, and Bretcha 2009).

Quadro III: Evolução da avaliação do carácter da paisagem em Inglaterra (Nogué, Puigbert, and Bretcha 2009)<sup>99</sup>

<b>AVALIAÇÃO DA PAISAGEM (70's)</b> (landscape evaluation <sup>100</sup> )	<b>AVALIAÇÃO DA PAISAGEM (80's)</b> (landscape assessment <sup>101</sup> )	<b>AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM (90's)</b> (landscape character assessment)
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Centrada no valor da paisagem;</li> <li>- Processo “supostamente” objetivo;</li> <li>- Comparação de uma paisagem com outra;</li> <li>- Medição quantitativa dos elementos da paisagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhece o papel da objetividade e da subjetividade no processo de avaliação;</li> <li>- Diferenciação dos conceitos de inventário, classificação e avaliação da paisagem;</li> <li>- Início da incorporação da perceção da paisagem pela população.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Centrada na avaliação do carácter da paisagem;</li> <li>- Separação dos processos de caracterização dos de valorização;</li> <li>- Maior potencial para a aplicação a diferentes escalas;</li> <li>- Caracterização histórica da paisagem;</li> <li>- Promoção da participação dos diferentes agentes envolvidos.</li> </ul>

<sup>99</sup> Tradução livre do original

<sup>100</sup> Evaluation: the making of a judgement about the value of something (Oxford Dictionaries [online] acedido em 15 Out. 2013)

<sup>101</sup> Assess: Evaluate or estimate the nature, ability or quality of (Oxford Dictionaries [online] acedido em 15 Out. 2013)

A metodologia utilizada na avaliação do carácter da paisagem é composta por quatro etapas, nomeadamente:

- **Etapa 1 | Definição do Âmbito:** são definidos o propósito e objetivos do processo de Avaliação do Carácter da Paisagem, bem como a escala e o nível de análise. São estipulados os recursos humanos e tecnológicos necessários, identificados os agentes que devem ser envolvidos e realizado trabalho de campo;
- **Etapa 2 | Trabalho técnico:** é analisada toda a informação relativa a fatores biofísicos e socioeconómicos e identificadas as unidades de paisagem preliminares, com base em outros estudos realizados e na informação disponível;
- **Etapa 3 | Trabalho de Campo:** são redelimitadas as unidades de paisagem com base na recolha de nova informação, identificadas as suas características, o seu carácter, a sua dinâmica e pontos de vista;
- **Etapa 4 | Classificação e descrição:** esta etapa consiste na classificação e descrição final das unidades de paisagem, identificando as pressões resultantes da gestão do solo.

A Fase 2 - Tomada de Decisões compreende duas etapas:

- **Etapa 5 | Procedimentos para a tomada de decisões:** é estipulado o processo necessário para a definição de objetivos de gestão, envolvendo os agentes identificados. Caso se trate de uma área com grande valor, por vezes, é necessário envolver artistas (por exemplo, pintores, escritores, etc.) para se compreender como é que estes encaram o carácter da referida área. Por vezes é necessário fazer novamente trabalho de campo para completar o trabalho realizado na Fase 1, consoante o resultado do envolvimento dos agentes;
- **Etapa 6 | Tomada de Decisões:** esta etapa deve responder ao definido na Etapa 1, quanto ao propósito e objetivos do processo de Avaliação do Carácter da Paisagem, podendo resultar diferentes produtos consoante o mesmo.

Perante a sua tradição de integração e de utilização da avaliação do carácter da paisagem como ferramenta de apoio ao planeamento territorial, associado ao facto de o governo britânico considerar que o seu sistema legal já cumpre, na maioria, os requisitos da Convenção Europeia

da Paisagem (Natural 2009b) supõem-se que estes fatores tenham contribuído para que Inglaterra apenas assinasse e ratificasse a Convenção em 2006, tendo apenas entrado em vigor em 2007. Desde logo o Governo considerou que os princípios estabelecidos pela Convenção Europeia da Paisagem já eram incorporados nas suas políticas gerais e sectoriais, em consequência da tradição inglesa de considerar e integrar a paisagem como um elemento-chave e como uma ferramenta de apoio ao planeamento. No entanto, o Governo britânico reconheceu (1) a necessidade de serem desenvolvidas ações para aumentar a consciencialização da população sobre as medidas existentes e (2) a necessidade de se reforçar o quadro legal e regulamentar nos diferentes níveis horizontais e verticais. Além disso, estipulou a necessidade de se comprovar que os objetivos da Convenção Europeia da Paisagem são completamente incorporados aquando da revisão de um plano/política nacional.

Atualmente, a implementação da Convenção Europeia da Paisagem é liderada pela Natural England que em 2007 publicou um guia “European Landscape Convention (ELC): A Framework for Implementation in England”, em parceria com a DEFRA e a English Heritage. Este guia procurou reforçar ainda mais a proteção, a gestão e o ordenamento das paisagens inglesas, fornecendo uma estrutura-base para planos de ação para serem desenvolvidos por parceiros ou partes interessadas. O governo tem igualmente encorajado outros atores, como por exemplo, a comunidade, as organizações não-governamentais, as autoridades locais e outras entidades governamentais a produzirem os seus planos de ação, reportando as suas medidas estabelecidas à DEFRA para monitorização.

O primeiro plano de ação “ELC - Action Plan” foi publicado pela Natural England para 2008/2009 e permitiu a monitorização do trabalho e resultados a nível regional e local, apresentando o impacto e o sucesso da implementação da Convenção. Este plano é revisto anualmente definindo novas metas para serem alcançadas a nível nacional, regional e local. O English Heritage e a National Forest Company também produziram planos de ação, onde demonstram como é que a Convenção está a ser implementada nas suas atividades sectoriais.

Atualmente, a Natural England já produziu três modelos de planos de ação (ELC Guidance Part 1: What does it mean for your organisation? (Natural 2009a); ELC Guidance Part 2: Integrating the intent of the ELC into Plans, Policies and Strategies (Natural 2009b); ELC Guidance 3: Preparing an ELC Action Plan (Natural 2009b)), alargando o alcance do seu trabalho a diferentes públicos-alvo.

Quadro IV: Síntese dos temas abordados nos planos de ação ingleses (Fonte: Natural England, 2009)

	ELC GUIDANCE PART 1	ELC GUIDANCE PART 2	ELC GUIDANCE 3
<b>OBJETIVO</b>	Explicar os conceitos associados à Convenção Europeia da Paisagem, de modo a torná-la perceptível para as organizações; Identificar/descrever ações que as organizações possam desenvolver para implementar a Convenção Europeia da Paisagem;	Explicar o conceito holístico de paisagem e a sua relevância para o ordenamento do território;	Fornecer diretrizes para as organizações que pretendam desenvolver um plano de ação, para implementar a Convenção Europeia da Paisagem;
<b>TEMAS ABORDADOS</b>	O contexto da Convenção Europeia da Paisagem; Porque é que a paisagem é importante? Porque é que a paisagem é importante para a tua organização?	O contexto da Convenção Europeia da Paisagem; Princípios para integrar a Convenção Europeia da Paisagem no ordenamento do território; Checklist para integrar a Convenção Europeia da Paisagem;	Plano de ação para a Convenção Europeia da Paisagem - objetivo; A decisão de elaborar um plano de ação e a identificação dos benefícios associados; Estrutura, temas e prioridades do plano de ação; O processo e checklist do plano de ação;

A Natural England encomendou ainda um projeto para obter um maior conhecimento sobre o modo como os diferentes setores, em vários níveis estão a implementar a Convenção Europeia da Paisagem.

## 2.2 - Região Autónoma da Catalunha, exemplo da teoria à prática

Em Espanha, ao contrário de Inglaterra, a implementação de políticas de paisagem não era uma prática comum e a referência à paisagem apenas ocorria de uma forma vaga e ambígua, em alguns documentos legais. Espanha assinou a Convenção Europeia da Paisagem em outubro de 2000, mas esta apenas entrou em vigor oito anos mais tarde, no dia 1 de março de 2008. Embora, a delimitação de diretrizes para a gestão dos recursos naturais, incluindo da paisagem, seja uma competência do governo espanhol, desde a assinatura da Convenção são várias as regiões autónomas que têm impulsionado a introdução de novos mecanismos e instrumentos para atingirem os princípios, os objetivos e as medidas gerais e específicas da Convenção Europeia da Paisagem.



No panorama espanhol, na implementação da Convenção Europeia da Paisagem, destaca-se a Região Autónoma da Catalunha. Esta antecipou-se ao próprio governo nacional e tem a sua lei específica para a paisagem desde 2005, através da Lei 8/2005, de 8 de junho inspirada na Convenção Europeia da Paisagem, onde estipula a sua própria normativa para a proteção, gestão e ordenamento da paisagem. Desde a assinatura da Convenção pelo governo espanhol, a Catalunha demonstrou o seu interesse em salvaguardar as suas paisagens, tendo todo o Parlamento Catalão aderido por unanimidade à Convenção, em dezembro de 2000.

A Lei 8/2005, de 8 de junho é a primeira lei catalã a reconhecer juridicamente o direito à paisagem, assumindo as definições e os objetivos propostos pela Convenção Europeia da Paisagem e propondo a integração da paisagem em todas as políticas públicas, com impacte territorial. Esta estipula vários instrumentos para assegurar a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem nomeadamente, (1) a elaboração de catálogos de paisagem, (2) a criação de um Observatório de Paisagem (que hoje em dia é um dos principais exemplos de boas práticas europeias, no que concerne à implementação da Convenção Europeia da Paisagem), (3) a definição de diretrizes para a paisagem, (4) as cartas de paisagem, (5) as medidas de sensibilização, educação e suporte e (6) as fontes de financiamento. Em 2006, em consequência da Lei 8/2005, de 8 de junho, o governo catalão aprovou o Regulamento de Proteção, Gestão e Ordenamento da Paisagem (Decreto 343/2006, de 19 de setembro de 2006), criando os estudos de impacte e integração paisagística.

Quadro V: Políticas da Paisagem da Região Autónoma da Catalunha (Fonte: Elaboração Própria)

REGIÃO AUTÓNOMA DA CATALUNHA	
PRINCIPAIS LEIS	INSTRUMENTOS REGIONAIS
<b>Lei 8/2005, de 8 de junho de Proteção, gestão e ordenamento da paisagem:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Adota a terminologia da Convenção Europeia da Paisagem;</li> <li>- Reconhece o direito à paisagem;</li> <li>- Estipula os objetivos e as medidas para a paisagem catalã;</li> <li>- Define os instrumentos para a operacionalização da lei e da Convenção Europeia da Paisagem.</li> </ul>	Catálogos de Paisagem Diretrizes de Paisagem Observatório de Paisagem da Catalunha Cartas de Paisagem Medidas de sensibilização, educação e suporte Fontes de Financiamento
<b>Decreto 343/2006, de 19 de setembro de 2006</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Complementa a Lei 8/2005;</li> <li>- Regula os estudos e relatórios de impacte e integração paisagística.</li> </ul>	Estudos de Impacte e Integração Paisagística.

Os **catálogos de paisagem**, de acordo com a Lei 8/2005, são documentos de carácter prospetivo e descritivo, que identificam os tipos de paisagens na Catalunha (unidades de paisagem), os seus valores e o estado de conservação, e propõem os objetivos de qualidade paisagística a serem

cumpridos. Além disso, estes expressam as aspirações da população e propõem as medidas e ações necessárias para serem atingidos os objetivos de qualidade paisagística. No total foi estipulada a necessidade de se elaborarem sete catálogos de paisagem, que coincidem com as sete sub-regiões territoriais que compõem a Região Autônoma da Catalunha.

As **diretrizes de paisagem**, segundo a Lei 8/2005, são normas definidas com base nos catálogos de paisagem, que traduzem os objetivos de qualidade paisagística para serem incorporadas nos planos territoriais da Catalunha.

O **Observatório de Paisagem da Catalunha** é um órgão consultivo da Administração Catalã e assegura a elaboração, a aplicação e a gestão das políticas de paisagem, bem como a implementação da Convenção Europeia da Paisagem. Este assegura a participação pública e o envolvimento de todos os agentes que atuam sobre o território e a paisagem.

Os **Estudos de Impacte e Integração Paisagística** são documentos que definem as consequências na paisagem, após a elaboração de um determinado projeto/obra e estipula critérios para minimizar os efeitos negativos e para aumentar a integração paisagística.

As **cartas de paisagem** são instrumentos de concertação entre os atores públicos e privados, com o objetivo de se definirem ações de proteção, gestão e ordenamento da paisagem que mantenham/potenciem os valores presentes. Estas podem ser elaboradas por iniciativa pública ou privada e devem considerar o que está estabelecido nos catálogos de paisagem.

As **medidas de sensibilização, educação e suporte**, de acordo com a Lei 8/2005, devem ser dirigidas a toda a sociedade civil e a todos os profissionais e especialistas, em todos os níveis de educação.

Finalmente, a Lei prevê a criação de um **fundo financeiro** dedicado à proteção, gestão e ordenamento da paisagem, da responsabilidade do governo catalão. No entanto, a lei prevê que qualquer entidade pública ou privada possa contribuir para o mesmo.

Passados doze anos da publicação da Lei 8/2005 e de acordo com o Observatório de Paisagem da Catalunha foram:

1. definidos os objetivos de qualidade paisagística para a Região Autônoma da Catalunha;
2. definidas diretrizes de paisagem para Girona (setembro de 2010), para a Área Metropolitana de Barcelona (abril de 2010) e para Terres de l'Ebre (julho de 2010).
3. aprovados os sete catálogos de paisagem (Alt Pirineu i Aran, Camp de Tarragona, Girona, Terres de Lleida e Terres de l'Ebre, Região Metropolitana de Barcelona e Comarques Centrals);
4. realizados 22 workshops/seminários e inúmeras sessões/inquéritos/entrevistas de participação pública;

5. realizado o projeto “Cidade, Território e Paisagem” (parceria entre o Ministério do Ordenamento e Sustentabilidade, o Ministério da Educação, o Governo Catalão e o Observatório da Paisagem da Catalunha), cujo público-alvo são os estudantes e professores do ensino secundário, com o propósito de aumentar o conhecimento destes acerca do caráter e dos valores presentes, nas suas paisagens.

Perante esta situação considera-se que a implementação da Convenção Europeia da Paisagem na região autónoma da Catalunha está a ser um sucesso e um exemplo de boas práticas europeias. Aliás, com a entrada em vigor da Convenção, a Região Autónoma da Catalunha assumiu (através da criação do Observatório de Paisagem da Catalunha) uma posição de internacionalização e diferenciação na aplicação de políticas de paisagem. Para tal, sob o slogan “Country, Landscape, Future” definiu uma estratégia (CatPaisatge 2020), com o horizonte temporal até 2020, estruturada em dez linhas de investigação: (1) internacionalização a partir da singularidade; (2) viver e trabalhar em paisagens do quotidiano com qualidade; (3) paisagem, criatividade e setores estratégicos; (4) paisagem e lugar; (5) criação de novas paisagens de referência; (6) paisagem, valor e comunidade; (7) paisagem, emprego e empreendedorismo; (8) alterações climáticas, energia e paisagem; (9) investigação e inovação como valores crescentes e (10) educação e comunicação.

Se refletirmos sobre a autonomia política, linguística e territorial da Catalunha face ao restante território espanhol, talvez, a antecipação da implementação da Convenção Europeia da Paisagem tenha sido assumida pelo Parlamento Catalão como mais um elemento de diferenciação territorial. A implementação da Convenção, ao assumir a proteção, a gestão e/ou o ordenamento da paisagem, pode contribuir para a reafirmação territorial da própria Catalunha, ao reconhecer e potenciar os seus elementos diferenciadores. A diferenciação territorial é fundamental numa era de globalização e europeização, onde há uma tendência para aplicar critérios de standardização globais aos mesmos problemas e soluções (Munoz 2010), podendo a paisagem desempenhar um papel fundamental na reafirmação da identidade regional, fortalecendo as relações entre os habitantes e os lugares e, consequentemente reforçando o seu sentimento de pertença a um determinado território e paisagem.

### **2.3 - Portugal, exemplo de aplicação da Convenção Europeia da Paisagem para a escala municipal**

Tal como Espanha, Portugal assinou a Convenção Europeia da Paisagem em 20 de outubro de 2000, tendo esta entrado em vigor no ano de 2005, pelo Decreto-Lei n.º 4/2005, de 14 de fevereiro. Antecipando-se à entrada em vigor da Convenção, entre 2001 e 2004, a ex-Direção-

Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (atual Direção-Geral do Território) impulsionou o estudo “Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental” (Cancela d’Abreu, Correia, and Oliveira 2004), elaborado pela Universidade de Évora, onde foram identificadas e caracterizadas as unidades de paisagem do território continental. O mesmo estudo foi desenvolvido para o Arquipélago dos Açores, pelo Governo Regional dos Açores.

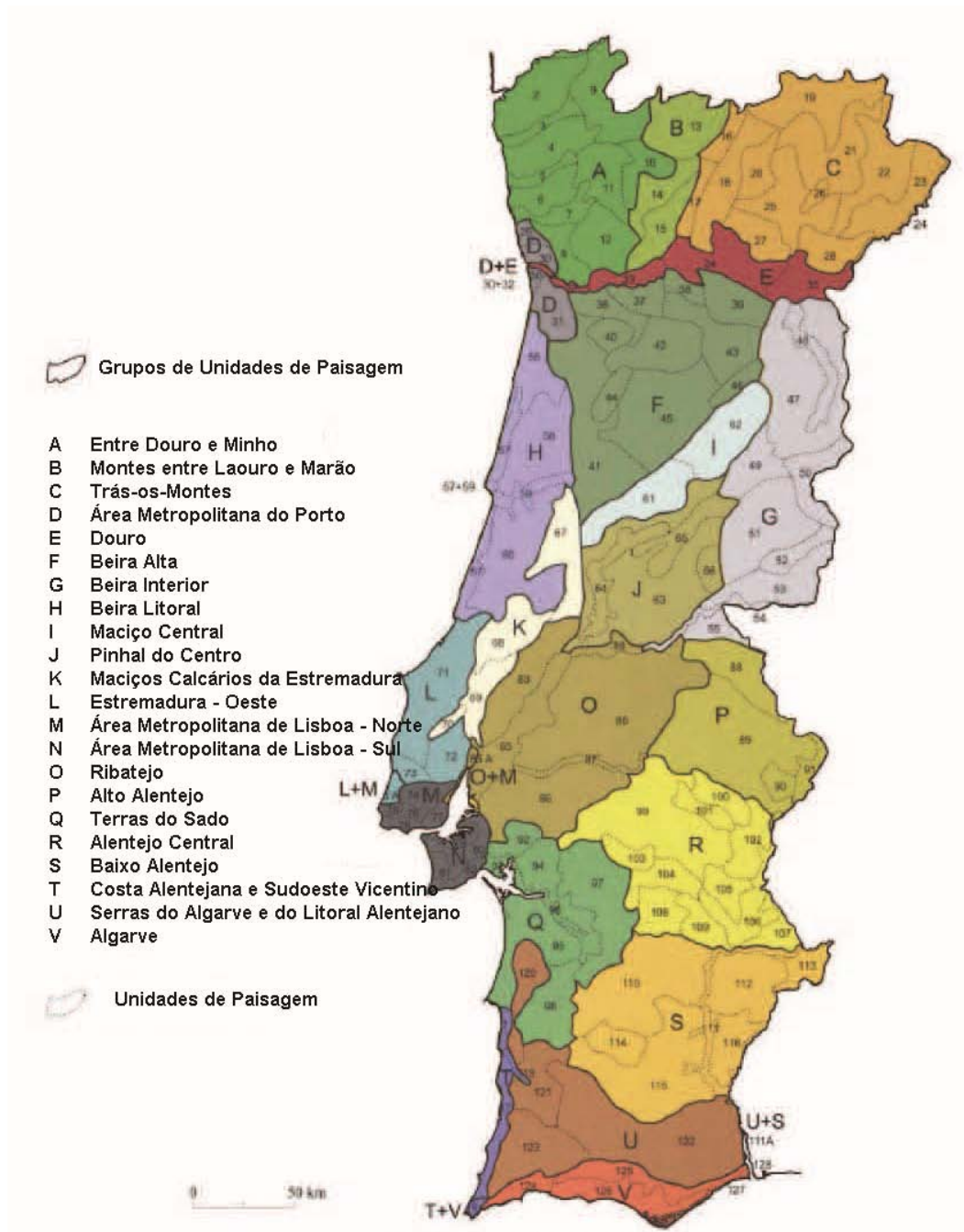


Fig. 1: Unidades de paisagem e grupos de unidades de paisagem em Portugal Continental  
(Cancela d’Abreu, Correia, and Oliveira 2004)

No quadro legal português, embora a Constituição Portuguesa preveja desde 1976 a necessidade de proteger a paisagem (*“Incumbe ao Estado, por meio de organismos próprios e por apelo a iniciativas populares (...) ordenar o espaço territorial de forma a construir paisagens biologicamente equilibradas”*), tal como em Espanha, não é comum a definição de políticas de paisagem, estando a sua proteção limitada a alguns documentos legais onde surge sempre associada à proteção dos recursos naturais e da biodiversidade.

Na implementação da Convenção Europeia da Paisagem é necessário considerar as normas gerais em vigor, no âmbito do Ordenamento do Território, destacando-se a nível nacional a Lei de bases gerais da política pública de solos, de ordenamento do território e de urbanismo (Lei n.º 31/2014, de 30 de maio) e as demais políticas, estratégias e programas setoriais pois, a paisagem é um assunto transversal.

A nível nacional destaca-se o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT), aprovado em 2007, que estabeleceu como medida prioritária para o país a implementação da Convenção Europeia da Paisagem, de um Programa Nacional de Recuperação e Valorização das Paisagens e o desenvolvimento de uma Política Nacional de Arquitetura e da Paisagem, esta última elaborada e aprovada em 2014.

Quadro VI: A integração direta da paisagem no PNPOT (Fonte: PNPOT, 2007; elaboração própria)

OBJETIVOS ESTRATÉGICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	MEDIDAS PRIORITÁRIAS
1: Conservar e valorizar a biodiversidade, os recursos e o património natural, paisagístico e cultural, utilizar de modo sustentável os recursos energéticos e geológicos, e monitorizar, prevenir e minimizar os riscos	10: Proteger e valorizar as paisagens e o património cultural	Elaborar e implementar um <b>Programa Nacional De Recuperação e Valorização das Paisagens, implementando a Convenção Europeia da Paisagem</b> e desenvolvendo uma <b>Política Nacional de Arquitetura e da Paisagem</b> , articulando-a com as políticas de ordenamento do território, no sentido de promover e incentivar a qualidade da arquitetura e da paisagem, tanto no meio urbano como rural (2007-2013).
		Incentivar os municípios na definição, classificação e gestão de áreas de paisagem protegida (2007-2013).
		Promover a inventariação, classificação e registo patrimonial dos bens culturais, nomeadamente dos valores patrimoniais arqueológicos e geológicos (2007-2013).
		Regulamentar a Lei de Bases do Património Cultural, promovendo a articulação com os Instrumentos de Gestão Territorial (2007-2008).

Aquando da elaboração/aprovação do PNPOT, Cancela d'Abreu (2007) destacava que este Programa identificava a “ausência de uma cultura cívica valorizadora do ordenamento do território e baseada no conhecimento rigoroso dos problemas, na participação dos cidadãos e na capacitação técnica das instituições e dos agentes mais diretamente envolvidos” (Abreu 2007). Associado a esta falta de cultura de ordenamento do território, Cancela d'Abreu (2007) destaca que relativamente à paisagem, a situação é ainda pior afirmando que “esta não tem sido considerada no processo de ordenamento, ou só é encarada como um mero cenário, sem implicações significativas em termos da sua própria gestão, nem no dia a dia dos indivíduos e das comunidades que nela estão envolvidos”.

A nível regional, os Programas Regionais de Ordenamento do Território (PROT), de acordo com o n.º 1, do artigo 52º do Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio “definem a estratégia regional de desenvolvimento territorial, integrando as opções estabelecidas a nível nacional e considerando as estratégias municipais de desenvolvimento local, constituindo o quadro de referência para a elaboração dos programas e dos planos intermunicipais e dos planos municipais”. Estes planos foram aprovados após a entrada em vigor da Convenção Europeia da paisagem, estando alguns ainda em fase de aprovação (por exemplo o PROT Norte), pelo que a questão da paisagem foi integrada na sua elaboração (de acordo com o art. 54º, do DL n.º 380/99, na sua redação atual, legislação em vigor, aquando da elaboração destes, os PROT preveem a definição de unidades de paisagem).

Apesar dos trabalhos desenvolvidos a nível nacional e regional, Portugal destaca-se no panorama europeu pela publicação, em setembro de 2011, do guia orientador “A paisagem na revisão dos PDM - Orientações para a implementação da Convenção Europeia da Paisagem no âmbito municipal”(Cancela d'Abreu et al. 2011). Esta publicação surge com o objetivo de sensibilizar os agentes responsáveis pelos atuais processos de revisão do Plano Diretor Municipal para a importância que a paisagem deve assumir nas opções estratégicas e no modelo de uso de solo e de organização territorial municipal.

É proposta a elaboração de um Estudo de Paisagem, cuja metodologia compreende três etapas: etapa 1 - análise e diagnóstico; etapa 2 - proposta; e etapa 3 - gestão da paisagem (Fig. 2 2).

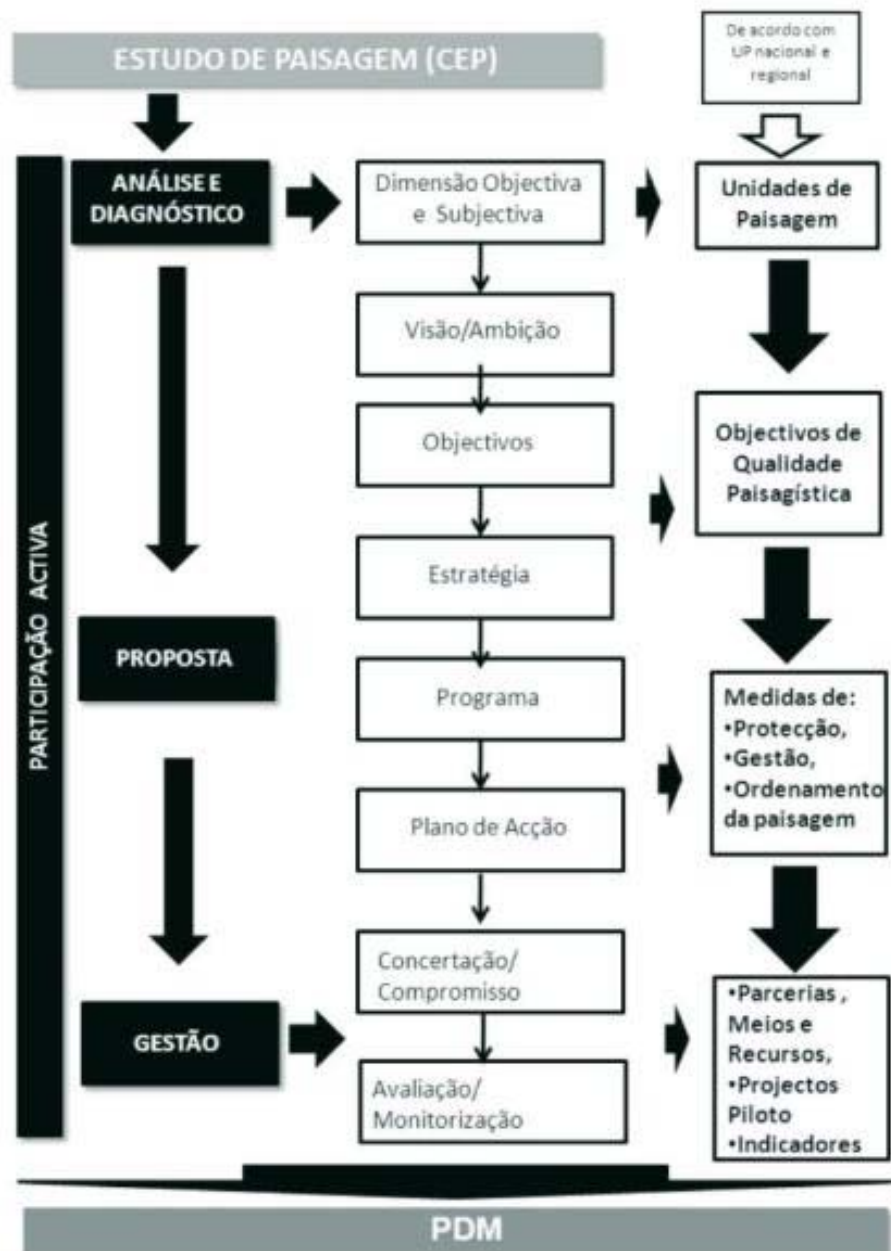


Fig. 2: Síntese do Estudo de Paisagem para a implementação da Convenção Europeia da Paisagem a nível municipal no âmbito da revisão do PDM (Fonte: Cancela d'Abreu, A., Oliveira, R., Botelho, M. e Afonso, M., 2011)

Na primeira etapa (Análise e Diagnóstico) ocorre a integração das unidades e paisagem nos estudos de caracterização do plano; na segunda fase (proposta), há a incorporação dos objetivos de qualidade paisagística e respetivas medidas de proteção, gestão e ordenamento no relatório e proposta do Plano Diretor Municipal, e, por último, na terceira fase (gestão) é incorporado um plano de ação, com a identificação das parcerias, dos meios, recursos e indicadores, no programa de execução.

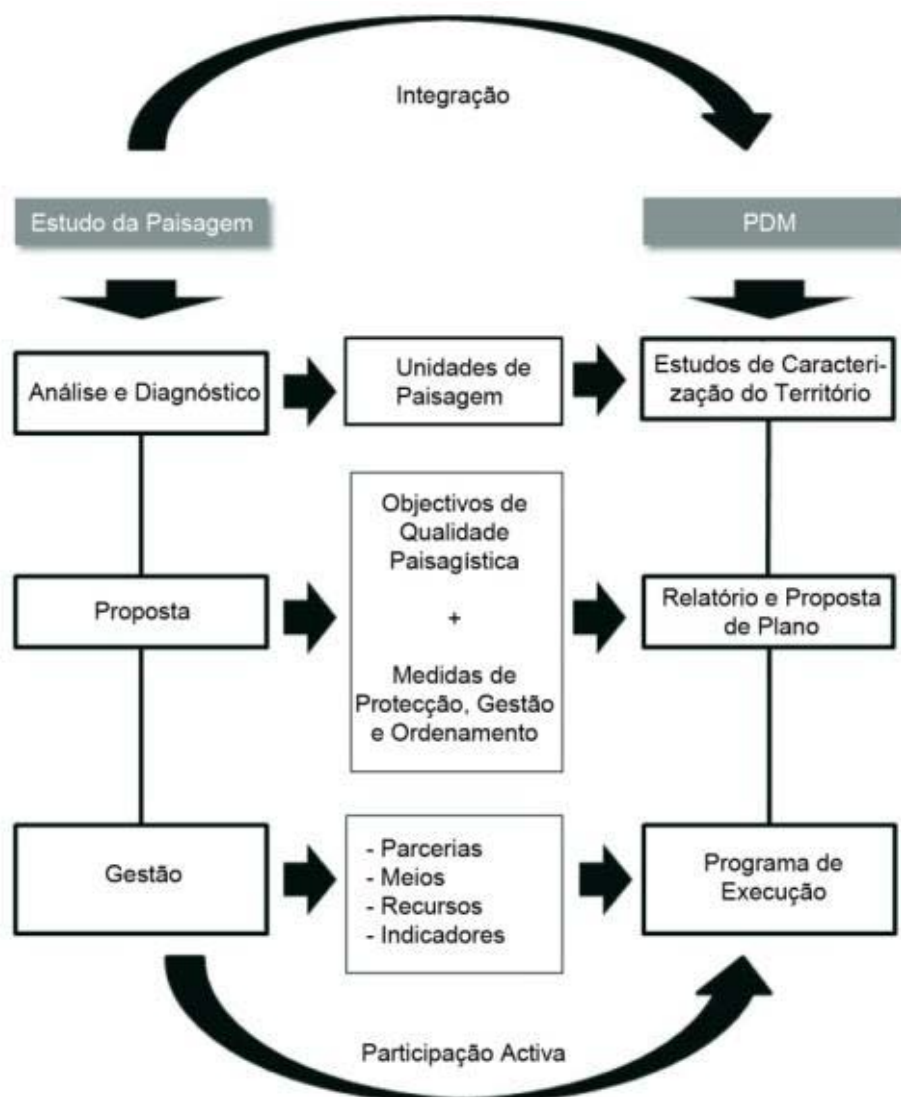


Fig. 3: Os diferentes momentos em que o Estudo de Paisagem pode dar contributos significativos para a revisão e implementação do plano (Cancela d'Abreu et al. 2011)

### 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Convenção Europeia da Paisagem assume a importância e a relevância que a paisagem desempenha para o território europeu, através das suas inúmeras funções, afirmando que todas as paisagens (independentemente do seu grau de excepcionalidade) expressam o carácter de cada lugar, autonomamente das suas caraterísticas, qualidade e reconhecimento social.

Como previamente referido, a Convenção Europeia da Paisagem é o primeiro documento dedicado exclusivamente à paisagem, que defende que todo o território deve ser alvo de medidas de protecção, gestão e ordenamento da paisagem, destacando que para além das suas funções ecológicas, paisagísticas, culturais e sociais, esta tem um papel determinante na



qualidade de vida da população, contribuindo para reforçar a ligação dos habitantes com o lugar e constituindo um recurso que contribui para potenciar a economia, através da criação de emprego.

Através da implementação das medidas gerais e específicas estipuladas na Convenção, crê-se que esta pode ser um instrumento eficaz para incorporar a paisagem no ordenamento do território.

Pela análise realizada aos três exemplos europeus, constatou-se que existem diferenças significativas na implementação da Convenção Europeia da Paisagem. Após a entrada em vigor da Convenção Europeia da Paisagem em Inglaterra, na Região Autónoma da Catalunha e em Portugal conclui-se que a Catalunha destaca-se positivamente pela mudança concetual, operativa e territorial. A Convenção entrou em vigor na Catalunha no mesmo ano que em Portugal, sendo notável o trabalho desenvolvido até então pela referida região. Ao contrário de Portugal que se limitou a transcrever a Convenção Europeia da Paisagem para o seu regime legal, a Catalunha criou um conjunto de instrumentos operativos obrigatórios que contribuem para uma efetiva e eficaz implementação desta. O trabalho técnico, de divulgação e de participação pública assumido pelo governo Catalão, através do Observatório de Paisagem da Catalunha, na implementação da Convenção Europeia da Paisagem é um exemplo de referência a nível mundial, tendo assinado acordos com países da América Latina para partilha de conhecimentos na proteção, gestão e ordenamento da paisagem. Além disso, três catálogos de paisagem já foram concretizados em diretrizes de paisagem, tendo estas sido incorporadas nos planos de ordenamento do território catalões. Apesar de ainda não haver divulgação das mudanças territoriais advindas da incorporação das diretrizes de paisagem, supõe-se que estas já estarão a contribuir localmente para assegurar uma eficaz proteção, gestão e/ou ordenamento da paisagem.

Em Portugal, Cancela d'Abreu (2007) dois anos após a entrada em vigor da Convenção Europeia da Paisagem, referia que "se verifica no país um generalizado desordenamento do território e uma progressiva degradação das paisagens, apesar das orientações e declarações políticas neste âmbito, do aumento das normas aplicáveis<sup>102</sup>, bem como do acréscimo substancial do número de profissionais e de entidades implicados no processo de ordenamento". Desde então o governo português publicou o estudo das unidades de paisagem (à escala nacional), tendo este sido incorporado, a nível regional, nos PROT. Além disso, houve a publicação do guia de orientação para a implementação da Convenção Europeia da Paisagem, a nível municipal, a par

---

<sup>102</sup> "Não só os variados diplomas legais com aplicação em todo o território nacional como os Planos que cobrem totalmente e com múltiplas sobreposições a superfície de Portugal Continental" (Abreu, 2007).

das revisões dos PDM e mais recente da Política Nacional de Arquitetura e Paisagem. Embora estes sejam passos importantes em direção a uma nova abordagem concetual, crê-se que, comparativamente com a Catalunha, Portugal falha na abordagem operativa. Sendo Portugal semelhante a Espanha, até então, na aplicação de políticas de paisagem, supõe-se que uma abordagem mais eficaz passaria pela definição de instrumentos (tal como na Catalunha) a serem incluídos obrigatoriamente nos planos de ordenamento do território portugueses, oportunidade perdida aquando da revisão do Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial.

Embora em Inglaterra, a entrada em vigor da Convenção Europeia da Paisagem, não tenha contribuído para se verificarem significativas alterações a nível concetual, salienta-se que este país já possuía uma grande tradição na proteção, gestão e ordenamento da sua paisagem, onde já era legalmente obrigatório realizar estudos do caráter da paisagem. Provavelmente este será o motivo que contribui para a aposta na elaboração de planos de ação e na realização de ações de sensibilização da população.

Concluindo, apesar da tentativa de tendência de convergência europeia na aplicação de medidas que assegurem uma gestão, ordenamento e proteção da paisagem, a sua forma de implementação é bastante distinta, exigindo um esforço superior aos países onde tal tradição estava pouco presente. No entanto, crê-se que este esforço (maior ou menor) contribuirá para haja mudanças territoriais positivas.

#### **4 - BIBLIOGRAFIA**

Abreu, Alexandre d'Orey Cancela de. 2007. "Paisagem E Ordenamento Do Território." *Inforgeo* 20-21: 73-77

Cancela d'Abreu, Alexandre, Maria Afonso, Maria João Botelho, and Rosário Oliveira. 2011. "A Paisagem Na Revisão Dos PDM. Orientações Para a Implementação Da Convenção Europeia Da Paisagem No Âmbito Municipal," 108. doi:978-972-85 69-53-2

Cancela d'Abreu, Alexandre, Teresa Correia, and Rosário Oliveira. 2004. *Contributos Para a Identificação E Caracterização Das Paisagens de Portugal Continental*. Lisboa: Direção-Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano

Council of Europe. 2000. "European Landscape Convention." *Report and Convention Florence* ETS No. 17 (176): 8. doi:<http://conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Html/176.htm>

2008. "Recommendation of the Committee of Ministers to Member States on the Guidelines for the Implementation of the European Landscape Convention.," no. February

Munoz, Francesc M. 2010. "Urbanisation: Common Landscapes, Global Places-!2009-04-07-!2009-05-15-!2010-03-02-!" *The Open Urban Studies Journal* 3 (2): 78-88. doi:10.2174/1874942901003020078

Natural, England. 2009a. "European Landscape Convention Guidance Part 1: What Does It Mean for Your Organisation?"

2009b. "Guidelines for Implementing the European Landscape Convention Part 2:" *Strategies*, 44.  
[https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/320686/integrating-intent-elc-into-plans-policies-strategies.pdf](https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/320686/integrating-intent-elc-into-plans-policies-strategies.pdf)

Nogué, Joan, Laura Puigbert, and Gemma Bretcha. 2009. *Ordenació i Gestió Del Paisatge a Europa*. Olot: Observatori del Paisatge de Catalunya

Roetemeijer, Wanne. 2005. "The European Landscape Convention and the Netherlands, a Perfect Match? - Revised Version," no. August 2004

## O PAPEL DA ÁGUA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

Carla Rolo Antunes e Miguel Azevedo Coutinho

**Resumo:** A água constitui um recurso natural fundamental, para a vida, a estruturação do território e, conseqüentemente, na construção da paisagem, assegurando as massas de água (lagos e rios) funções (hidrológicas, biofísicas, ecológicas, paisagísticas e económicas) e serviços de ordem variada. Considerando paisagem como “expressão formal das numerosas relações existentes num período entre a sociedade e um território, sendo a sua aparência o resultado da ação ao longo do tempo, dos fatores humanos e naturais e da sua combinação” (Convenção Europeia da Paisagem, 2000), pretende-se com este estudo contribuir para a reflexão sobre a importância da água no processo de construção de paisagens, apresentando-se dois casos de estudo distintos.

Um respeita ao rio Tejo, enquanto agente modelador do relevo e elemento fundamental da estruturação do território dominado pela respetiva bacia hidrográfica. O outro incide nas alterações na paisagem alentejana associadas quer à presença da albufeira de Alqueva, quer às mudanças na ocupação e usos do solo resultantes da disponibilidade de água, em que culturas de sequeiro deram lugar a extensas áreas de regadio. O turismo associado ao plano de água, também tem induzido alterações na paisagem, com construção de marinas, reabilitação de montes e construção de novas edificações.

**Palavras Chave:** Água; Território; Paisagem; Tejo; Alqueva.

# THE ROLE OF WATER IN THE CONSTRUCTION OF THE LANDSCAPE

Carla Rolo Antunes e Miguel Azevedo Coutinho

**Abstract:** Water is an essential natural resource for life, the structuring of the territory and, in building the landscape, ensuring water bodies (lakes and rivers) functions (hydrological, biophysical, ecological, scenarial and economic) and other diverse services.

Considering landscape "a formal expression of the numerous existing relations, in a period, between people and territory, and their appearance as the result, over time, of the action of human and natural factors and their combination" (European Landscape Convention, 2000), this study aims to contribute to the reflection on the water's importance in building landscapes, shown in two separate case studies.

One, the Tagus River, is the modeling agent and fundamental element of structuring the territory and dominates the respective catchment area; the other, focuses on changes in Alentejo landscape, associated with the presence of the lake of Alqueva, due to changes in land use and occupation, resulting from the availability of water, and the rain-fed crops have given place to extensive irrigated areas. Also, tourism associated with the lake surface, has induced changes in landscape, with the construction of marinas, rehabilitation of farm sites and new buildings.

**Keywords:** Water; Territory; Landscape; Tagus; Alqueva.

# O PAPEL DA ÁGUA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

Carla Rolo Antunes e Miguel Azevedo Coutinho

## 1 - INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO

A água constitui um recurso natural fundamental, para a vida, a estruturação do território e, consequentemente, na construção da paisagem, assegurando as massas de água (lagos e rios) diversas funções (hidrológicas, biofísicas, ecológicas, paisagísticas e económicas) e serviços de ordem variada.

A água sempre foi fundamental à vida das populações e pelas suas características físicas, estéticas e simbólicas, desempenha papel relevante na paisagem. As massas de água contribuem para a fixação humana que usufrui dos múltiplos recursos, naturais e culturais, que lhe estão associados.

Os rios, componentes dinâmicos dos sistemas, modelam a paisagem criando diferenciados relevos ao longo da bacia hidrográfica. O rio no seu percurso, desde a nascente até à foz, desenvolve um trabalho de modelação dos territórios por onde passa, resultado de processos de erosão, de transporte dos sedimentos e de acumulação, destes últimos, em zonas marginais e planícies aluviais, com os consequentes reflexos na paisagem, nos usos e costumes da população e na respetiva identidade.

Os planos de água gerados pela criação de albufeiras, enquanto meio hídrico léntico superficial, também desempenham diversas funções nas regiões onde se inserem, pois além da aptidão para atividades ligadas ao usufruto do espaço numa perspectiva de lazer e recreio geram potencialidades de alterações nos usos do solo, com inerentes reflexos na paisagem.

Considerando paisagem como “a expressão formal das numerosas relações existentes num período entre a sociedade e um território, sendo a sua aparência o resultado da ação ao longo do tempo, dos fatores humanos e naturais e da sua combinação” (Conselho da Europa, 2000),

pretende-se com este estudo contribuir para a reflexão sobre a importância da água no processo de construção de paisagens, apresentando-se dois casos de estudo distintos.

Um caso de estudo respeita ao rio Tejo em território nacional, e envolvente próxima, enquanto agente modelador do relevo e elemento fundamental da estruturação do território dominado pela respetiva bacia hidrográfica (Fig. 1). O rio Tejo nasce na serra de Albarracim (Espanha), a cerca de 1 593 m de altitude e apresenta um comprimento de 1 007 km, dos quais cerca de 250 km se desenvolvem em Portugal. Na Figura 2 apresenta-se o perfil longitudinal do rio Tejo, de Lisboa a Toledo. Em território nacional, o rio Tejo tem como principais afluentes o rio Zêzere, na margem direita, e o rio Sorraia, na margem esquerda. A bacia hidrográfica domina uma área de cerca de 80 600 km<sup>2</sup>, em que 24 850 km<sup>2</sup> são em Portugal, o que representa mais de 28 % da superfície do Continente Português, tratando-se de uma região demasiado heterogénea. Por esta bacia estão totalmente abrangidos os distritos de Santarém e de Castelo Branco e uma parte significativa dos distritos de Lisboa, Leiria, Portalegre, Guarda, Évora e Setúbal, englobando 94 concelhos (Administração da Região Hidrográfica do Tejo, 2013).



Fig. 1 : Localização da área em estudo 1: bacia hidrográfica do rio Tejo (Fonte: ARHTEjo, 2013)



Fig. 2: Perfil longitudinal do rio Tejo, de Lisboa a Toledo

O outro caso de estudo incide nas alterações na paisagem alentejana associadas quer à presença da albufeira de Alqueva, quer às mudanças na ocupação e usos do solo resultantes da disponibilidade de água (área equipada de regadio de aproximadamente de 120 000 hectares), em que as culturas de sequeiro deram lugar a extensas áreas de regadio. O turismo associado a este plano de água, também tem induzido alterações na paisagem, nomeadamente através das marinas construídas para apoio às atividades de recreio, a reabilitação de antigos montes (apoios de lavoura) e a construção de novas edificações.

A albufeira de Alqueva é um plano de água inserido na bacia hidrográfica do rio Guadiana, com uma área inundada de cerca de 250 km<sup>2</sup>, desenvolvendo-se ao longo de cerca de 83 km, e cuja área envolvente abrange os concelhos de Alandroal, Barrancos, Portel, Moura, Mourão e Reguengos de Monsaraz, que representam a área territorial do Plano Regional de Ordenamento do Território da Zona Envolvente da Albufeira do Alqueva - PROZEA (CCDRA, 2001), conforme se pode observar na Fig. 3.



Fig. 3: Localização da área em estudo 2: albufeira de Alqueva e área envolvente (Fonte: CCDRA, 2001)



## **2 - ABORDAGEM CONCEPTUAL: ÁGUA NO TERRITÓRIO E NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM**

A água é um recurso fundamental para a vida e para a estruturação do território e da paisagem, constituindo as linhas de água componentes dinâmicas dos sistemas, que desempenham várias funções, nomeadamente, hidrológicas, biofísicas, ecológicas, paisagísticas e económicas. A percepção da rede hidrográfica, como elemento fundamental na estruturação do território, associada à presença da vegetação marginal, constitui um elemento marcante na paisagem, contribuindo para a diversidade e sustentabilidade ecológica, bem como, para a viabilidade económica dos sistemas fluviais (Antunes e Coutinho, 2011).

A água constitui um vector na localização e implantação de povoamentos, tendo os rios e massas de água sempre feito parte da vida das populações. Sendo o território confinante com a água e respetivas paisagens várias e diversificadas, o Homem deve usufruir de forma sustentada e tirar o maior partido dos múltiplos recursos, naturais e culturais, que lhes estão associados.

De acordo com a Convenção Europeia da Paisagem, assinada por Portugal em Florença em 2000 e transposta para a Lei Portuguesa em 2005 (Decreto n.º 4/2005, de 14 de Fevereiro), “Paisagem” designa uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos” (Art.º 1º do referido decreto), ou seja, a paisagem enquanto sistema complexo e dinâmico, integra várias dimensões (ecológica, cultural, socioeconómica, sensorial) e é construída a partir dos elementos que ocorrem num determinado local, permitindo a imagem visual resultante a respetiva apreciação.

Segundo o estudo Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental (Cancela, d’Abreu et al., 2004) “a paisagem é um sistema dinâmico, onde os diferentes fatores naturais e culturais interagem e evoluem em conjunto, determinando e sendo determinados pela estrutura global, o que resulta numa configuração particular, nomeadamente de relevo, coberto vegetal, uso do solo, povoamento, que lhe confere uma certa unidade e à qual corresponde um determinado carácter”.

Na presente apresentação, relativamente ao papel da água no território e, consequentemente, na construção de paisagem, interessa salientar que ao nível da paisagem natural diretamente relacionada com a água são fundamentais os processos físicos e ecológicos que ocorrem na bacia hidrográfica, para a compreensão dos respetivos reflexos na linha de água e vale principal - corredor fluvial.

As paisagens têm vindo a ser reconhecidas como componentes essenciais do património natural, histórico e cultural, constituindo elementos fundamentais da identidade local e regional e

suporte de prestação de serviços - *green infrastructures*. As contínuas interações entre o Homem e o território, suporte físico da paisagem, refletem-se em paisagens em contínua transformação, que assumem um carácter identitário de um local, marcante, enquanto expressão cultural.

Ao rio Tejo e à albufeira de Alqueva estão associadas paisagens e dinâmicas bastantes diferentes. Enquanto o rio Tejo é uma linha de água natural, que se desenvolve de forma linear no território e à qual está associado movimento (fluxo hídrico, de um sistema hídrico lótico), pois a água flui naturalmente, por ação gravítica, de montante para jusante, desenvolvendo ao longo do seu percurso um trabalho de modelação dos territórios por onde passa, e cuja organização do território resultou da ocupação urbana em torno da linha de água e envolvente próxima (*hinterland*); a albufeira de Alqueva é um plano de água construído, de águas paradas (sistema hídrico lântico), em que as zonas de influência mais próximas resultam da justaposição da água com a paisagem, com uma ocupação urbana muito reduzida na envolvente próxima. Na Fig. 4 evidencia-se o claro resultado da intersecção do plano de água com o terreno, refletindo o efeito de uma subida do nível de base do rio Guadiana e criando paisagem semelhante ao de um afundamento do relevo (subsidência). Numa observação próxima de paisagens da envolvente de albufeiras encontram-se faixas de terreno sujeitas às variação sazonais dos níveis de água, associados aos diferentes níveis de enchimento, em que o terreno se encontra desprovido de solo e, conseqüentemente, de coberto vegetal.

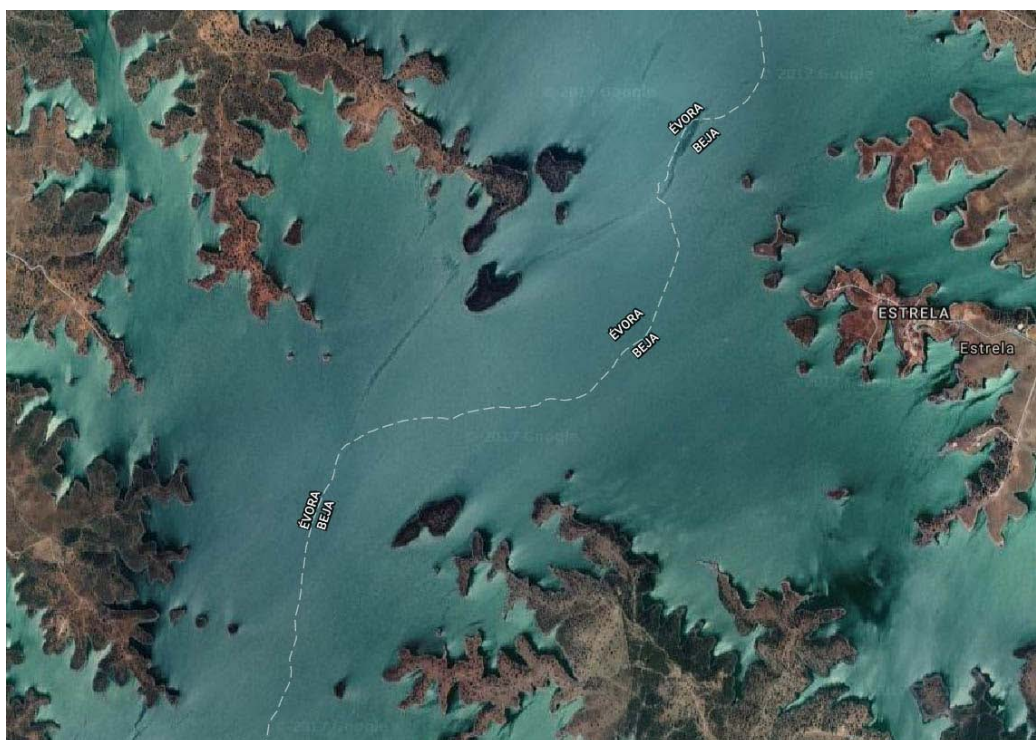


Fig. 4: Recorte das margens da albufeira de Alqueva, na zona da aldeia da Estrela

Neste último caso a água constitui um elemento novo, acrescentado pela ação do Homem, em que as paisagens geradas resultam de transformações no território relativamente recentes, constituindo a água uma nova marca para a região. Com a disponibilidade de água criada verificaram-se alterações significativas no modelo da agricultura alentejana, tradicionalmente assente no sequeiro, e na estrutura produtiva deste território, o que originou uma nova paisagem agrícola, assente na utilização intensiva da água como factor de produção. Por outro lado, a nova relação com os recursos, em particular com água, levou à emergência de novos sectores de atividade, gerando-se oportunidades, por exemplo, para o turismo e para as agroindústrias.

Na envolvente direta do plano de água o uso do solo agrícola e agro-florestal manteve-se, pois a alteração no modelo de agricultura teve repercussões ao nível dos perímetros de rega instalados, que estão localizados fora da envolvente da albufeira.

### **3 - CASOS DE ESTUDO**

#### **3.1 - Rio Tejo - Bacia hidrográfica**

##### **3.1.1 - Breve caracterização da área em estudo**

A bacia hidrográfica do rio Tejo em Portugal, de forma alongada, confina a norte com as bacias do Douro e do Mondego e a sul com as bacias do Guadiana e do Sado, dominando uma área de 24 850 km<sup>2</sup>, apresenta particularidades que interessam considerar pois são determinantes para as diferentes paisagens existentes ao longo dos 250 km de rio que se desenvolvem em território nacional e, envolvente próxima. O Tejo como um dos maiores rios da península ibérica foi determinante na consolidação do povoamento do território ao longo dos tempos, particularmente no decorrer da sua história moderna.

Do ponto de vista geológico e geotectónico, a bacia hidrográfica portuguesa do Tejo constitui uma área diferenciada em três unidades estruturais bem distintas: Maciço Antigo, constituído pelas rochas mais antigas, eruptivas e metamórficas; a Bordadura Ocidental, constituída por formações sedimentares mesozoicas e cenozoicas do bordo ocidental do Maciço Antigo e por rochas eruptivas mais recentes; e, a Bacia Terciária do Baixo Tejo, constituída pelos sedimentos terciários e quaternários que preenchem a zona de afundamento que se identifica com o Baixo Tejo (Instituto da Água, 2001).

Ao entrar em Portugal, o rio Tejo corre encaixado no relevo profundamente envelhecido do Maciço Antigo, enrugado pela orogenia hercínica, localizando-se as principais formações montanhosas nos limites norte da bacia, destacando-se as Serras da Estrela (1 993 m), do Açor (1 340 m), da Lousã (1 204 m) e de Aire e Candeeiros (678 m) e, a sul, as Serras de Ossa (550 m) e de S. Mamede (1 025 m). Ao mudar de direção, a bacia alarga-se, desenvolvendo-se sobre uma extensa planície aluvial, em que as maiores zonas planas, ou pouco acidentadas, se localizam a jusante da confluência do rio Zêzere e na bacia do rio Sorraia.

Na bacia do rio Tejo verifica-se uma acentuada assimetria, onde o vale do Tejo define a transição climática entre o sul, quente e seco, e o norte, temperado e húmido, de características físicas bastante distintas, induzindo, simultaneamente, diferenças significativas no uso e ocupação do solo.

Do ponto de vista litológico, é grande a variedade de rochas, com predomínio de granitoides e xistos na faixa oriental, designadamente, de calcários, margas e argilas, na bordadura ocidental, dominando formações detríticas na região central.

Do ponto de vista pedológico dominam na bacia quatro tipos de solos em que as unidades geo-estruturais correspondentes mostram fortes afinidades em relação aos tipos de solos identificados. Na área do Maciço Antigo estão presentes Cambissolos, Litossolos (xistograuvaques) e Luvisolos (xistos e quartzitos). Na Bordadura Ocidental dominam os Cambissolos e os Luvisolos. Na Bacia Terciária, verifica-se uma assimetria entre as duas margens, que se reflete na morfologia e, conseqüentemente, na paisagem. Enquanto na vertente esquerda, com vastas extensões de formações gresosas, arenosas, argilosas, conglomeráticas, dominam as formações aluviais recentes e terraços quaternários; na vertente norte predominam as formações carbonatadas. Na zona terciária a norte do Tejo predominam os Cambissolos; nas formações terciárias a sul do Tejo os Podzóis; nas aluviões quaternárias os Fluvisolos; nos terraços quaternários os Regossolos e nas aluviões quaternárias os Solonchacks (Instituto da Água, 2001).

Antes da construção das barragens de Fratel e Belver, desde a fronteira até Tancos, o rio caracterizava-se por ter um leito estreito e sinuoso, com margens altas e íngremes, desenvolvendo-se entre curvas e contracurvas, em rocha granitoide, apresentando uma série de degraus (soleiras rochosas) e rápidos. A jusante de Tancos (/Vila Nova da Barquinha) o leito do rio é aberto correndo o Tejo em vale amplo, com margens baixas e suaves (e de fundo arenoso/aluvionar).

Na bacia do Tejo, se não se considerar o rio Sorraia, verifica-se uma forte diferença entre as bacias tributárias das encostas norte e sul do rio principal. Os grandes afluentes, quer em extensão dos cursos, quer em áreas das respetivas bacias, desenvolvem-se na margem direita, correspondendo aos relevos mais acidentadas, em termos morfológicos, e mais impermeáveis, ao nível do substrato, enquanto a margem esquerda é cortada por pequenos afluentes, provenientes de formações mais permeáveis. Na zona da bacia terciária do Tejo, a superfície de fracos declives, pouco acidentada, com terrenos mais permeáveis é responsável por uma menor densidade da rede de drenagem.

O coberto vegetal espontâneo da bacia do Tejo também é bastante diverso. A vegetação do troço inicial assenta sobre substratos paleozóicos (xistos, granitos, quartzitos) e é dominada por azinhais (*Quercus rotundifolia*). No curso médio e parte do final, os substratos siliciosos duros são substituídos por cascalheiras e outros substratos mais recentes, onde abundam os sobreirais (*Quercus suber*). A parte final da bacia é dominada por vegetação que ocupa areias recentes e aluviões, e onde dominam os sobreirais intercalados com matos e alguma vegetação hidrófila.

A bacia hidrográfica do rio Tejo constitui uma vasta extensão de predomínio agroflorestal, onde predominam os montados (sobreiros e azinheiras), os pinhais, os eucaliptais e as florestas mistas. Na superfície agrícola dominam as culturas de cereais e de forragens, o olival, a vinha e os prados e pastagens. As áreas artificializadas são dominadas pela concentração urbana, industrial e viária, destacando-se no seu extremo ocidental, a maior concentração urbana do país e alguns outros centros urbanos de alguma importância, dispersos por toda a sua extensão, em que grande parte está sediado nas margens do rio ou nas dos seus principais afluentes (Administração da Região Hidrográfica do Tejo, 2013).

Tratando-se o rio Tejo, e a respetiva bacia hidrográfica, de uma região demasiado heterogénea e com forte diversidade em termos de ocupação, a análise do papel da água no território e na construção da paisagem, no âmbito deste caso de estudo, está restrito ao corredor fluvial do rio Tejo e, incluindo a envolvente próxima, adoptando-se a sistematização segundo as unidades de paisagem apresentadas no Estudo de Identificação e Caracterização das Paisagens de Portugal Continental (Cancela, d'Abreu et al., 2004), onde se encontram identificadas à escala nacional (1:250 000) 128 Unidades de Paisagem (UP's) e 22 Grupos de Unidades de Paisagem (GUP's). De acordo com este estudo, as referidas unidades são áreas caracterizadas por um certo grau de homogeneidade, que embora não sejam totalmente iguais na sua área, se pode considerar que apresentam um padrão que se repete e que as diferencia das unidades envolventes, desenvolvendo-se o rio Tejo em Portugal em 4 grupos de Unidades de Paisagem,

nomeadamente, Tejo Superior e Internacional (UP 54); Médio Tejo (UP 84); Vale do Tejo, Lezíria (UP 85) e Estuário e Foz do Tejo (Várias UP), conforme se pode observar na Fig. 5.

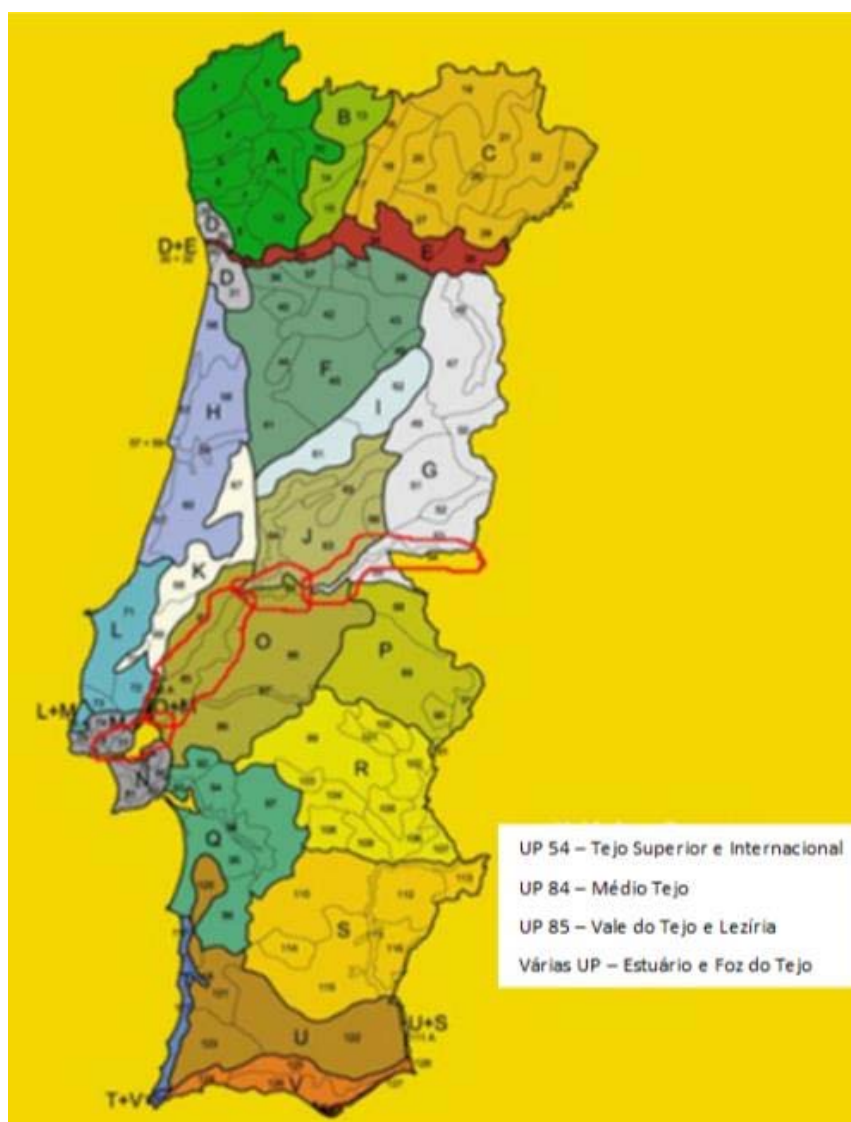


Fig. 5: Rio Tejo - unidades de paisagem (Fonte: adaptado de Cancela, d'Abreu et al., 2004)

### 3.1.2 - Paisagens associadas ao rio Tejo e território envolvente

Para cada uma das unidades de paisagem referidas são indicadas em seguida paisagens associadas ao Tejo e envolvente próxima que se destacam, enquanto elementos marcantes e distintos, no contexto da unidade em que se inserem, fazendo parte da identidade local e, por vezes, também regional ou nacional.

Em termos da paisagem cultural do Tejo é de relembrar que os aspetos identitários mais significativos, espelhando vivências associadas ao rio, têm sido referidos em muitas obras de

artistas inspirados no Tejo, nomeadamente na literatura, na pintura, na arte religiosa e na arte popular, com as expressões ligadas à borda-d'água.

### Tejo Superior e Internacional

A unidade Tejo Superior e Internacional (UP 54), na Beira Interior, com uma área de cerca de 300 km<sup>2</sup>, abrange o troço do rio Tejo que faz a fronteira entre Portugal e Espanha e se desenvolve até próximo de Alvega (Figura 6). Esta unidade desenvolve-se em parte dos concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Rodão, Nisa e Gavião, constituindo Vila Velha de Rodão e Belver os principais centros urbanos (Cancela, d'Abreu et al., 2004).

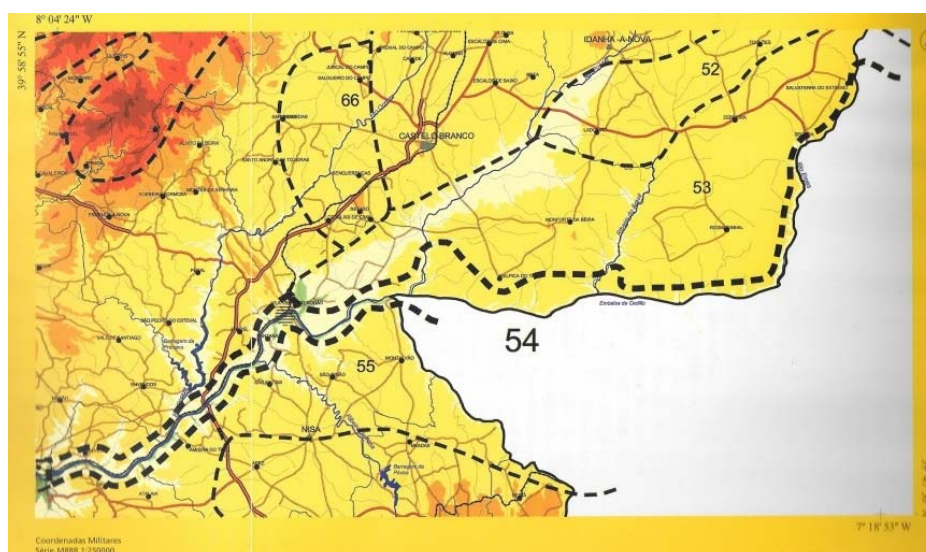


Fig. 6: Unidade de Paisagem - Tejo Superior e Internacional (Fonte: Cancela, d'Abreu et al., 2004)

Na parte inicial deste troço do Tejo localiza-se o Parque Natural do Tejo Internacional (PNTI), que abrange partes dos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão (RCM nº 176/2008, de 24 de Novembro). Trata-se de uma área integrada na Rede Nacional de Áreas Protegidas e de extrema importância para a nidificação de espécies de aves que nidificam nas margens escarpadas das linhas de água. Na área do PNTI e associado ao elemento água destaca-se a Ponte Romana de Segura e algumas estruturas diretamente relacionadas com o aproveitamento e uso da água, nomeadamente, moinhos de água (Fig. 7) e azenhas, associadas à produção de azeite e à moagem de cereais e que foram construídos junto a açudes, localizados em linhas de água relativamente próximo de povoações. Ao nível do património cultural edificado também se destacam os muros apiários (conhecidos por muros de abelhas), os



dólmens, e na envolvente dos aglomerados urbanos algumas construções tradicionais, que constituem o testemunho dos sistemas agrários tradicionais.



Fig. 7: Moinho de água, no troço do rio Tejo Internacional

Da Raia à Beira Interior, passando pelo Pinhal Interior até ao Alto Alentejo, o território dominado pelo Geoparque Naturtejo da Meseta Meridional, nos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Nisa, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão, integrado no Sistema Nacional de Áreas Classificadas de Portugal (Decreto-Lei 142/2008 de 24 de Julho) e território UNESCO, tem elevado potencial turístico e inúmeros factores de atração.

No concelho Vila Velha de Rodão evidenciam-se diversos locais pela morfologia, vegetação, e presença de património construído, destacando-se como elemento singular a ocorrência geológica das Portas de Ródão (área classificada como Monumento Natural e geossítio integrado no referido Geoparque), o conjunto Castelo de Ródão (Castelo do Rei Vamba) e a Capela de Nossa Senhora do Castelo (conjunto patrimonial classificado em 1990 como Imóvel de Interesse Público) e, ainda a zona ribeirinha de Vila Velha de Ródão, com o cais fluvial e a zona de parque de merendas, que potencia atividades de recreio e lazer.

A classificação do Monumento Natural das Portas de Rodão (Decreto Regulamentar nº 7/2009, de 20 de Maio) justifica-se pelo facto das Portas de Ródão constituírem uma ocorrência geológica e geomorfológica localizada nas duas margens do rio (concelhos de Vila Velha de Ródão e de Nisa), cujo conjunto natural sobressai pela imponente garganta escavada pelo rio



nas cristas quartzíticas da serra das Talhadas-Perdigão, com um estrangulamento de 45 m de largura. Nesta área classificada, com um relevante património natural e cultural, destacam-se os zimbrais, a avifauna rupícola e o património arqueológico, constituído por sítios arqueológicos que documentam a presença humana desde o Paleolítico Inferior. É ainda de salientar as manifestações culturais de natureza etnológica, resultantes de um modo de vida muito próprio de uma população ribeirinha, que encontrou no rio Tejo o factor de contacto entre gentes e regiões física e geograficamente afastadas (Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, 2011).

Na Fig. 8 pode observar-se uma vista panorâmica sobre o rio Tejo, em Vila Velha de Ródão, a partir do castelo do Rei Vamba.



Fig. 8: Vista panorâmica sobre o rio Tejo, em Vila Velha de Ródão, a partir do castelo do Rei Vamba

Nesta unidade também se localizam as barragens de Fratel e de Belver, às quais estão associadas as respetivas albufeiras, que potenciam usos no território e valores na paisagem. Acima do nível de pleno armazenamento das albufeiras de Belver e de Fratel, ainda estão presentes diversos muros de sirga, outrora essenciais à navegação fluvial até Ródão e, durante a dominação Filipina, até Toledo.

## Médio Tejo

A unidade Médio Tejo (UP 84), no Ribatejo, com uma área de cerca de 190 km<sup>2</sup>, abrange o troço do rio Tejo que se desenvolve entre Alvega e Vila Nova da Barquinha (Fig. 9). Esta unidade desenvolve-se em parte dos concelhos de Vila Nova Barquinha, Chamusca, Constância, Abrantes, Sardoal e Mação, onde o Sardoal, Constância e Abrantes são os principais centros urbanos (Cancela, d'Abreu et al., 2004); sendo marcante a transição entre o vale estreito e encaixado do rio, a montante, e a lezíria a jusante, bem como, a assimetria entre a margem direita, de solos calcários e território povoado, e a margem esquerda, de solos pouco férteis (areias terciárias) e povoamento muito mais disperso.

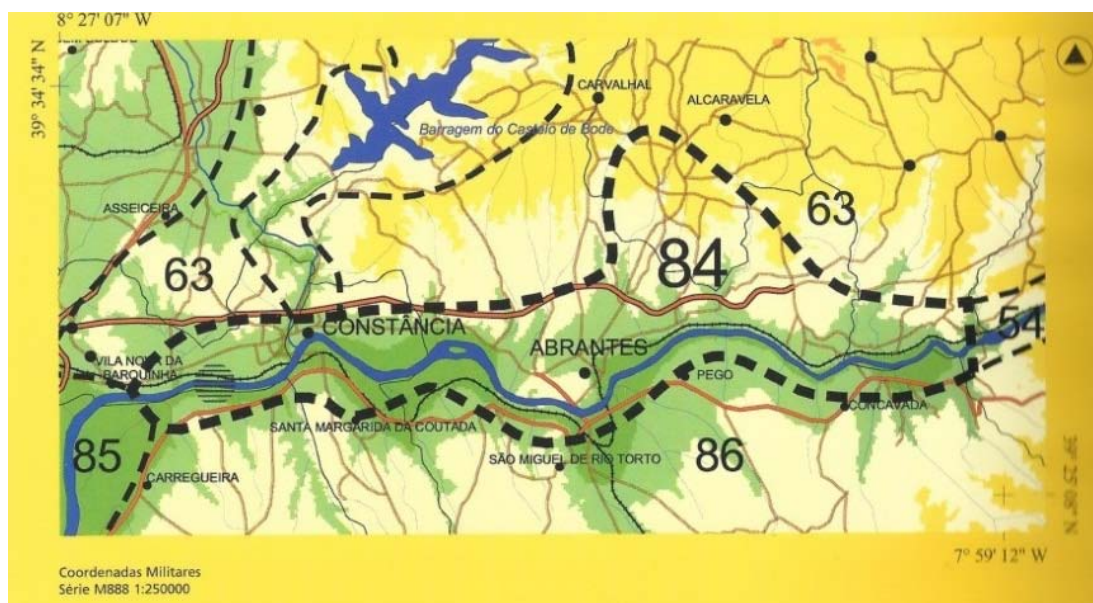


Fig. 9: Unidade de Paisagem- Médio Tejo (Fonte: Cancela, d'Abreu et al., 2004)

O Castelo de Almourol (Figura 10) erguido num afloramento de granito a 18 m acima do nível da água, numa pequena ilha, com cerca de 310 m de comprimento e aproximadamente 75 m de largura, constitui um elemento singular no médio curso do rio Tejo, cuja localização reflete a importância estratégica que teve em tempos. Embora se localize no concelho de Vila Nova da Barquinha é de Tancos que melhor se avista e de um miradouro localizado na freguesia da Carregueira, concelho da Chamusca, a Este da povoação de Arripiado, frente a Tancos.



Fig. 10: Castelo de Almourol

Nesta unidade a localização de alguns aglomerados urbanos próximo do rio, conferindo-lhes um carácter ribeirinho; como por exemplo Constância, levou ao estabelecimento de uma relação particular das populações com o rio. Constância foi um dos mais importantes portos do Médio Tejo, assentando a sua economia no transporte fluvial, na construção e reparação navais, no comércio e na pesca. A devoção a Nossa Senhora da Boa Viagem está associada ao intenso tráfego fluvial de mercadorias que se fez durante séculos, sendo a Festa e a Bênção dos Barcos, em segunda-feira de Páscoa, momentos que ilustram uma devoção de pelo menos bicentenária.

### **Vale do Tejo, Lezíria**

A unidade Vale do Tejo, Lezíria (UP 85), também se localiza no Ribatejo, com uma área de cerca de 1 040 km<sup>2</sup>, abrange o troço do rio Tejo que se desenvolve ente Vila Nova da Barquinha e o estuário, em Lisboa (Figura 11). Esta unidade desenvolve-se em parte dos concelhos de Loures, Vila Franca de Xira, Alenquer, Azambuja, Benavente, Salvaterra de Magos, Cartaxo, Almeirim, Santarém, Alpiarça, Chamusca, Golegã e Entroncamento, sendo Benavente, Salvaterra de Magos, Azambuja, Almeirim, Alpiarça, Chamusca, Entroncamento e Santarém os principais centros urbanos (Cancela, d'Abreu et al., 2004).



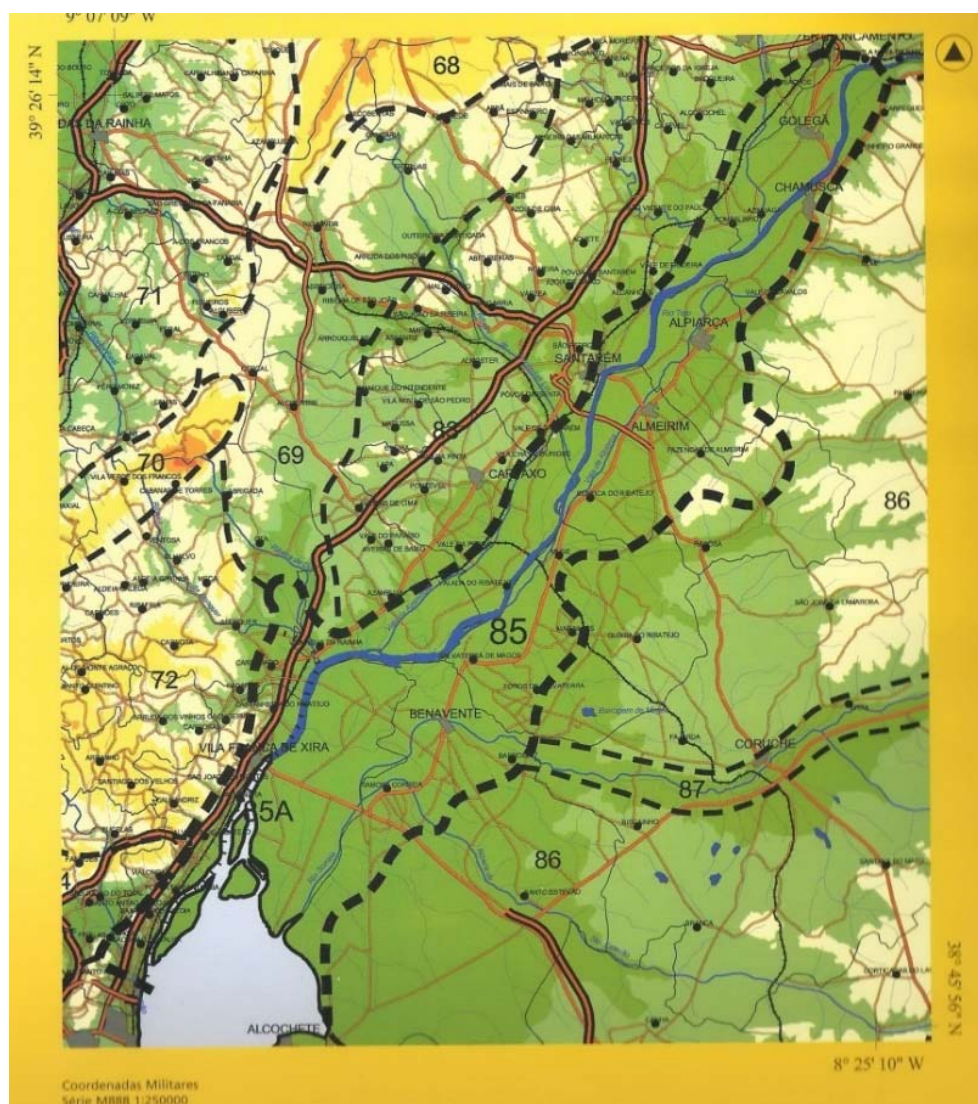


Fig. 11: Unidade de Paisagem - Vale do Tejo, Lezíria (Fonte: Cancela, d'Abreu et al., 2004)

Na Fig. 12 observa-se Vila Nova da Barquinha, vista da povoação do Arripiado. O Arripiado é uma aldeia ribeirinha, edificada na encosta que desce até ao Tejo, com vista panorâmica sobre o Castelo de Almourol e a imensidão da Lezíria Ribatejana que tem início aqui. Junto ao rio existem dois cais fluviais, que permitem através de uma de Barca de Passagem, ligar esta aldeia à vizinha aldeia de Tancos. Também aqui estão presentes as romarias associadas ao rio, da qual é exemplo a procissão em honra de S. Marcos, fazendo-se um percurso de barco nas águas do Tejo, entre as margens ribeirinhas das aldeias do Arripiado e de Tancos. A igreja nova de S. Marcos substituiu a anterior capela, tendo a fachada sido trasladada da anterior igreja de Santa Apolónia, de Lisboa, para este novo local, em encosta exposta ao rio.



Fig. 12: Vila Nova da Barquinha, vista a partir da outra margem no Arripiado

O concelho da Chamusca está intrinsecamente ligada ao rio Tejo, e as suas paisagens vão desde as ricas terras da Borda d'água, até à Charneca na transição para o Alentejo, predominantemente ocupada por floresta. Muito ligada ao trabalho da terra e à criação de gado, a Chamusca tem na "Semana da Ascensão" e na Festa Brava, duas significativas expressões da sua identidade rural. Na Fig. 13 observam-se os campos agrícolas nas margens do rio e a Ponte João Joaquim Isidro dos Reis, vulgarmente conhecida por Ponte da Chamusca, localizada sobre o rio Tejo na Estrada Nacional 243, que liga a Chamusca à Golegã. Esta infraestrutura, com um desenvolvimento de cerca de 756 m, em ferro, foi inaugurada em 1909, proporcionando o transporte de forma rápida entre as duas margens do Tejo, comparativamente ao serviço prestado pelas barcas de passagem; tendo sido construída com o objetivo inicial de vir a permitir a ligação ferroviária da Chamusca à linha do Norte, situação que nunca se veio a concretizar.



Fig. 13: Rio Tejo, na ponte da Chamusca

Santarém é outra cidade/região com uma forte ligação ao rio Tejo, existindo desde há muito uma imensa relação entre a população e o rio. Foi um dos mais importantes portos do Tejo, onde chegava o sal e o peixe do litoral e de onde partiam os minérios e os produtos agrícolas. A ligação ao rio manifestou-se ao nível social, com o aparecimento das profissões ligados ao rio, como sejam os pescadores, os barqueiros, os tanoeiros, entre outros. Na cidade de Santarém é relativamente fácil perceber a diferença entre uma zona alta, organizada na área planáltica e desenvolvida à volta das muralhas, e uma zona ribeirinha, a Ribeira de Santarém, bordejando o Tejo. Na Fig. 14 observa-se o rio Tejo em Santarém, a montante da ponte D. Luís e respetivo vale, com ricos solos aluviais e com intensa utilização agrícola.



Fig. 14: Rio Tejo, em Santarém, a montante da ponte D. Luís

As aldeias avieiras que surgiram nos anos 30 foram o resultado de famílias de pescadores de Vieira de Leiria que durante os meses de inverno se deslocavam para o rio Tejo para aí pescarem, regressando no verão ao local de origem, para pescarem no mar. Alguns destes pescadores foram ficando pelas margens do Tejo, formando pequenas povoações piscatórias ao longo do rio, onde desenvolveram uma cultura própria, que se distingue desde os trajes à oralidade, passando pelos barcos e pelas casas típicas. A Aldeia de Caneiras, no concelho de Santarém (Fig. 15) e a Aldeia de Escaroupim, próximo de Salvaterra de Magos (Fig. 16), constituem exemplo dessas aldeias.





Fig. 15: Aldeia de Caneiras, no concelho de Santarém

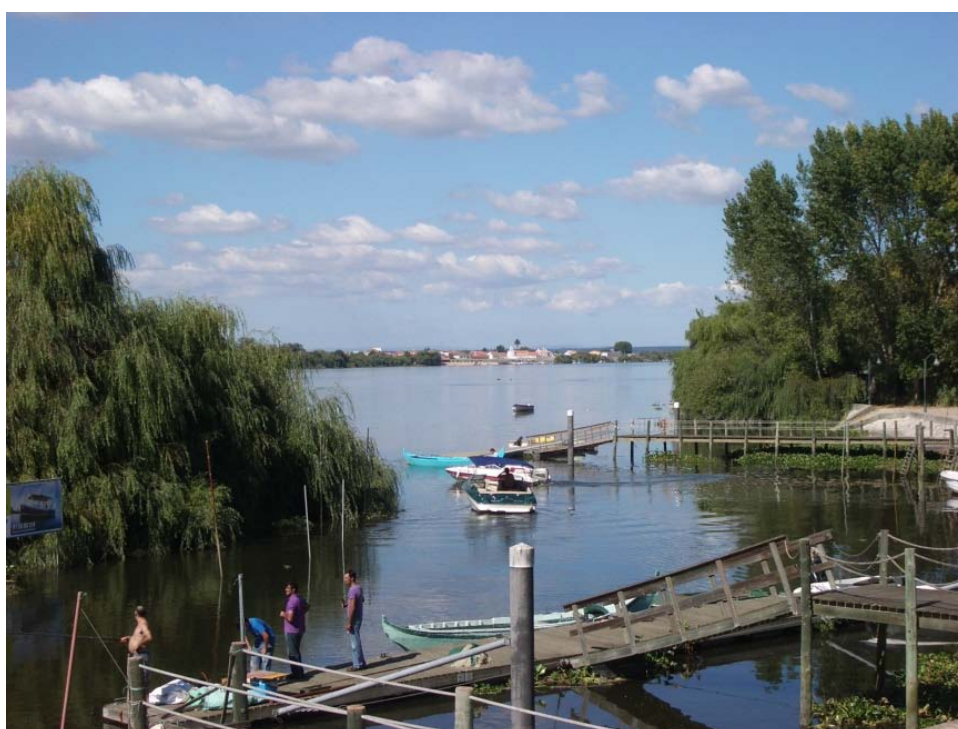


Fig. 16: Aldeia de Escaroupim, próximo de Salvaterra de Magos

Na Fig. 17 observa-se uma típica casa Avieira, espaço pequeno, em madeira pintada e construída sobre pilares para proteção contra as cheias frequentes do rio, referência que permite preservar a memória coletiva destes pescadores.



Fig. 17: Típica casa Avieira, na aldeia de Escaroupim

Apesar da relativa diversidade desta unidade da paisagem Vale do Tejo, Lezíria, o rio desempenha um papel fulcral na sua identidade, fortemente associada à fertilidade dos solos e ao intenso uso agrícola, nomeadamente nos depósitos aluviais da Lezíria que bordam o Tejo, a jusante de Barquinha, no Sorraia até Mora, e na envolvente do estuário do Tejo.

Na Fig. 18 observa-se o Tejo em Vila Franca de Xira, junto à ponte Marechal Carmona, também designada por Ponte de Vila Franca de Xira, que liga Vila Franca de Xira a Porto Alto, sendo distintos o uso e ocupação do solo, a montante e a jusante da ponte. Esta ponte foi durante algum tempo o principal ponto de passagem de e para além-Tejo, pois não havia em Lisboa outra passagem entre margens sem ser de barco, os denominados "Cacilheiros" ou as embarcações que ao serviço da CP - Caminhos de Ferro Portugueses faziam a ligação às linhas do "Sul e Sueste". Como se pode observar na referida figura, na margem esquerda domina o intenso uso agrícola, em plena Lezíria, mas a montante da ponte a situação altera-se, pois na margem direita o uso agrícola dá lugar ao uso urbano, fortemente infraestruturado.





Fig. 18: Rio Tejo em Vila Franca de Xira, junto à ponte Marechal Carmona

A jusante de Vila Franca de Xira, com o aproximar do rio à foz, é notável o aumento da dimensão da planície aluvionar, e o afastamento dos aglomerados urbanos relativamente ao rio, fenómeno associado à ocorrência de cheias.

### **Estuário e Foz do Tejo**

O grupo de unidades Estuário e Foz do Tejo (Várias UP) ocupa uma vasta área, desde Vila Franca de Xira até à foz, em que a margem direita é rectilínea enquanto a margem esquerda é mais recortada e mais baixa, em virtude das condições da génese morfológica da região. O estuário, maior zona húmida do país e, também, uma das mais importantes da Europa, é uma zona de proteção especial, integrada na Rede Natura 2000, envolvendo os concelhos de Alcochete, Benavente, Loures, Moita, Montijo e Vila Franca de Xira. Foi à volta deste estuário que se desenvolveu a Área Metropolitana de Lisboa, dividindo a Grande Lisboa da Península de Setúbal, potenciando uma grande metrópole com duas margens.

O estuário é atravessado por duas pontes, a Ponte 25 de Abril e a Ponte Vasco da Gama, localizando-se esta na parte mais larga do estuário do Tejo e mais afastada do oceano Atlântico, designado por mar da Palha. O estuário apresenta um delta interno formado por lezírias, mouchões e esteiros, como por exemplo o Mouchão de Alhandra, o Mouchão do Lombo do Tejo, o Mouchão da Póvoa (Fig. 19) e o Mouchão da Casa Branca situados no troço final do rio Tejo, albergando muitas aves aquáticas invernantes e nidificantes. Na planície aluvial predomina o

uso agrícola, em que os terrenos são periodicamente alagados, estando sujeitos a relativo risco de salinização.



Fig. 19: Rio Tejo a jusante de Vila Franca de Xira. Vista para o Mouchão da Póvoa

Passada a Ponte Vasco da Gama (com 17,2 km de extensão no seu trecho principal, dos quais 10 km se desenvolvem sobre o Tejo) e à medida que se aproxima de Lisboa, e a margem direita se orienta de Este para Oeste, a largura do estuário reduz-se; tendo a Ponte 25 de Abril (Fig. 20) sido construída num dos locais mais estreitos (aproximadamente 2 km de largura).



Fig. 20: Rio Tejo em Lisboa, junto à Ponte 25 de Abril

O rio Tejo margina a parte oriental e meridional de Lisboa, onde se localizam alguns dos seus monumentos mais emblemáticos, construídos junto à margem, como por exemplo a Torre de Belém. No final, já na fronteira com o oceano localiza-se uma pequena ilha, banco de areia formado por assoreamento, designado por Forte de São Lourenço da cabeça seca ou do Bugio.

### **3.2 - Albufeira de Alqueva**

#### **3.2.1 - Breve caracterização da área em estudo**

A barragem de Alqueva, com uma altura de 96 m acima da fundação e um desenvolvimento de coroamento de 458 m, localiza-se na bacia hidrográfica do rio Guadiana, cerca de 11 km a NW de Moura, nas proximidades da localidade de Alqueva, um pouco a jusante da confluência do rio Degebe e a montante da confluência do rio Ardila., numa região de relevo ondulado e pouco acidentado. O topónimo "Alqueva" deriva de "alqueive" que significa "terra de pousio", designação que também reflete as características biofísicas deste local antes da construção da barragem.

O rio Guadiana nasce em Espanha (Iagoas de Ruidera - província de Cidade Real), a 1700 m de altitude, desenvolvendo-se ao longo de 810 km até à foz, no Oceano Atlântico, em Vila Real de Santo António. O troço português do rio Guadiana tem um desenvolvimento de 260 km, dos quais cerca de 110 km delimitam a fronteira.

A bacia hidrográfica deste rio domina uma área de 66 800 km<sup>2</sup>, sendo 11 580 km<sup>2</sup> em território português. O relevo é suave a plano com predomínio da Peneplanície Alentejana, salientando-se a Serra de Portel (424 m), a norte de Moura, que estabelece a transição entre o Alentejo Central e o Baixo Alentejo. Na envolvente direta da albufeira verificam-se variações de altimetria entre os 100 e os 200 m. A nível geológico, a bacia é constituída por rochas do Pré-câmbrico e Paleozoicas de diversos tipos: granitos, gabros, calcários metamórficos, xistos, quartzitos. Predominam os Litossolos (36,9%), seguindo-se os Solos Mediterrâneos Pardos (27,8%) e os Solos Mediterrâneos Vermelhos ou Amarelos (18,5%). Ao longo da bacia o povoamento é concentrado em pequenos ou médios aglomerados (Administração da Região Hidrográfica do Alentejo, 2011).

Em 1998 deu-se o início da construção da barragem de Alqueva, com a betonagem do arco, e em março de 2002 foi efetuado o encerramento das comportas e o início do enchimento da albufeira, com entrada em funcionamento do primeiro bloco de rega do sistema de Alqueva.

A albufeira de Alqueva com uma área de influência aproximada de 10 000 km<sup>2</sup> é o elemento central no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA), constituindo o maior reservatório europeu de água doce, designado também por Grande Lago. O plano de água desenvolve-se no vale do rio Guadiana ao longo de 83 km (alongando-se o regolfo até próximo das povoações de Juromenha e de Olivença), com um perímetro de margens de aproximadamente 1 100 km e ocupando a albufeira uma área de 250 km<sup>2</sup>.

O plano de água, constituído pela superfície da albufeira, desenvolve-se nos concelhos de Moura, Portel, Mourão, Reguengos de Monsaraz e Alandroal, tendo influência direta nesses concelhos abrangidos pela albufeira mas, também, nos que beneficiam com a instalação de novos perímetros de rega. Com um volume útil de 3 150 milhões de m<sup>3</sup>, as principais utilizações desta massa de água são a rega (área equipada de regadio de cerca de 120 000 hectares, que se prevê vir a ser expandida), o abastecimento público, a produção de energia eléctrica, o turismo, o recreio e o lazer.

O nível de pleno armazenamento, a cota 152, da albufeira de Alqueva foi atingido pela primeira vez em janeiro de 2010. Em 2012 a área de regadio em exploração é de 52 000 ha, em 2013 é de 68 000 ha e em 2015 foram concluídas as obras dos últimos 50 000 ha de regadio. Na campanha de rega de 2016 entraram em exploração os 120 000 ha de regadio previstos. Com o incremento da área regada o olival constitui a cultura predominante nos perímetros de rega de Alqueva, com uma representatividade de cerca de 50%, sendo o milho a segunda cultura com maior expressão. Com alguma expressão existe ainda a produção de tomate, cebola, alho, melão, melancia, fruteiras e frutos secos, a par do tradicional cultivo de cereais e forrageiras ([www.edia.pt](http://www.edia.pt)).

A albufeira de Alqueva está classificada como albufeira de águas públicas de utilização protegida, e o Plano de Ordenamento das Albufeiras do Alqueva e Pedrógão (RCM nº 94/2006, de 4 de Agosto) estabelece o regime de salvaguarda de recursos e de valores naturais dos planos de água e respetivas faixas de proteção, fixando os usos e o regime de gestão compatíveis com a utilização sustentável do território.

Embora à data de elaboração do estudo Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal (Cancela, d'Abreu et al., 2004) o enchimento da albufeira do Alqueva ainda não estivesse concluído foi definida a unidade de paisagem 106 - Albufeira de Alqueva e envolventes (Figura 21), tendo sido referido no estudo que "a envolvente da albufeira é dominada por montados de azinho, azinhais e matos sobre um relevo com diferenças de altitude significativas (no geral entre os 100 e os 200 m)", em que as "terras aráveis de sequeiro, os

olivais e outras áreas agrícolas têm ainda alguma presença, sobretudo na parte Este da unidade, no concelho de Mourão”.

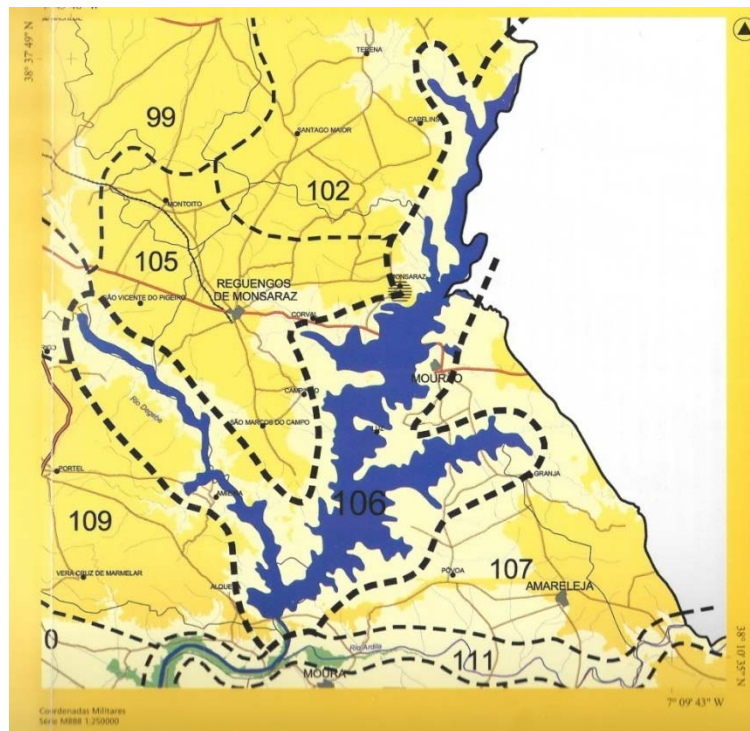


Fig. 21: Unidade de Paisagem - Albufeira de Alqueva e envolventes (Fonte: Cancela, d'Abreu et al., 2004)

### 3.2.2 - Paisagens associadas à albufeira de Alqueva

Com o enchimento da albufeira de Alqueva existe um novo elemento, dominante, no território - a água - que gerou, recentemente, novas paisagens. Deste processo de transformação do território, induzido pela presença de água, surgiram novas paisagens, que são distintas entre si. Entre as paisagens criadas destacam-se as que resultam do próprio plano de água (Fig. 22); as paisagens criadas na zona de influência da albufeira, associadas a usos que resultam diretamente do usufruto do plano de água, como é o caso das praias de acesso à água, das marinas (Fig. 23) e dos cais ancoradouros. Incluem-se, ainda as paisagens associadas aos perímetros de rega, que estão localizados fora da envolvente próxima do plano de água, e que cuja paisagem resulta das alterações significativas no modelo da agricultura alentejana, inerentes à disponibilidade de água, em que o tradicional sequeiro deu lugar ao regadio, como por exemplo, os olivais regados de plantação relativamente recente (Fig. 24) e a vinha regada.





Fig. 22: Vista do plano de água de Alqueva, junto à barragem



Fig: 23: Marina da Amieira



Fig. 24: Olival regado

Neste contexto, importa ainda salientar a nova identidade associada às aldeias ribeirinhas, como por exemplo, Capelins (concelho de Alandroal), Pova de São Miguel e Estrela (concelho de Moura), Luz (concelho de Mourão), Alqueva (concelho de Portel), Campinho (concelho de Reguengos de Monsaraz). Relativamente à atual aldeia da Luz é de salientar que esta é totalmente nova, correspondendo à reprodução e realocização da antiga aldeia da Luz que foi submersa pela albufeira.

#### **4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Relativamente ao papel da água no território e, conseqüentemente, na construção de paisagem, considera-se que a água, enquanto agente dinâmico, modelador, de transformação e estruturante, funciona como uma arquitecta da paisagem.

As paisagens têm vindo a ser reconhecidas como componentes essenciais do património natural, histórico e cultural, constituindo elementos fundamentais da identidade local e regional e suporte de prestação de vários serviços - *green infrastructures*.

Ao nível da paisagem natural diretamente relacionada com a água, como é caso dos rios, interessa salientar que estes se desenvolvem de forma linear no território e a eles está associado movimento (fluxo hídrico, de um sistema hídrico lótico), sendo fundamentais os processos físicos e ecológicos que ocorrem na bacia hidrográfica, para a compreensão das respetivas

repercussões na linha de água e vale principal, com os consequentes reflexos na paisagem, nos usos e costumes da população e na respetiva identidade, cuja organização do território resulta da ocupação urbana em torno da linha de água e envolvente próxima.

Os meios hídricos lânticos, como é o caso dos planos de água resultantes de infraestruturas construídas pelo Homem desempenham também diversas funções nas regiões onde se inserem gerando potencialidades de alterações nos usos do solo, com inerentes reflexos na paisagem, em que as zonas de influência mais próximas resultam da justaposição da água com a paisagem.

Da análise dos dois casos de estudo é possível concluir que as paisagens resultantes, e associadas à presença de água, são bastantes distintas em vários aspetos, podendo estar-se perante situações opostas, por exemplo no que respeita ao estado de consolidação, principalmente nos aspetos humanos e culturais, e à componente visual.

No caso do rio Tejo está-se em presença de uma paisagem muito consolidada tanto em aspetos físicos, como humanos e culturais, enquanto no caso do Alqueva a paisagem é como que uma paisagem “embrionária”, ainda em fase de construção.

No Tejo a paisagem apresenta traços de consolidação ao longo de milénios, em que as populações e o espaço físico se entrecruzaram contribuindo para uma identidade e culturas próprias, em que o rio moldou as margens e o espaço vizinho e a ocupação humana condicionou o rio, o território e, consequentemente, a paisagem.

O rio é um agente de ligação entre as margens, onde as pontes e meios de passagem concentram os fluxos e permitem a coesão entre os territórios vizinhos. Os territórios envolventes, espaços de encontros e de lazer, detêm atributos que se podem considerar de verdadeiras “paisagens culturais”.

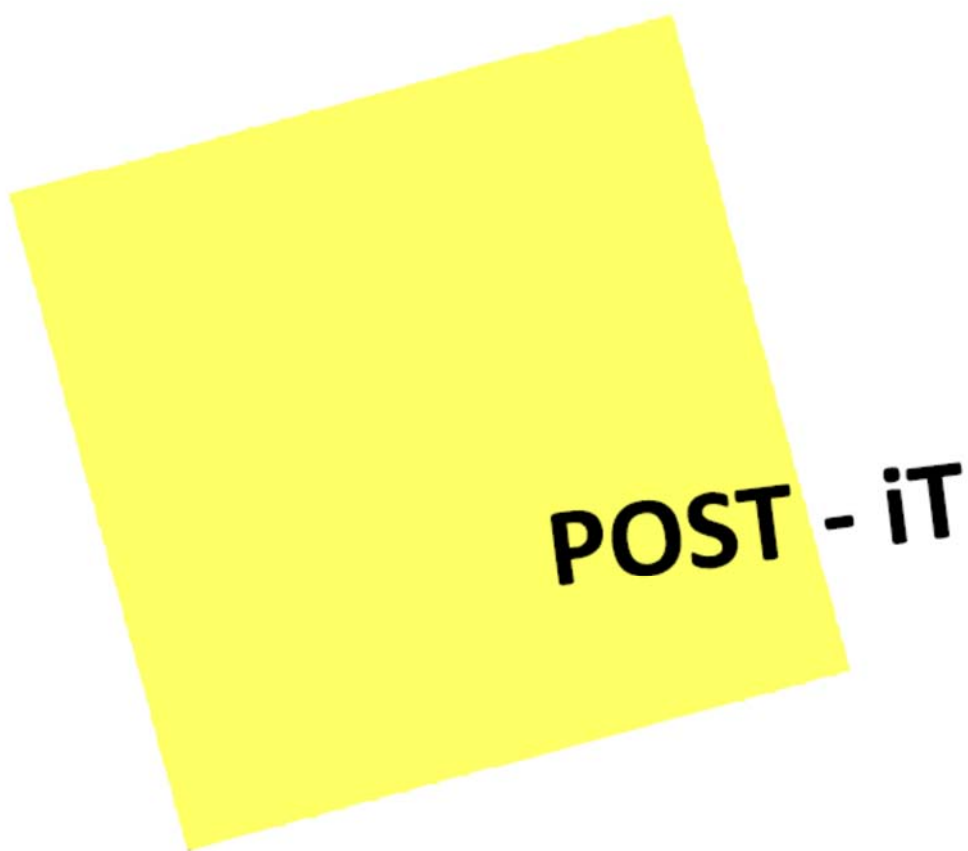
Nas “neo-paisagens” que se estão a desenvolver ao longo do lago de Alqueva, um aspecto digno de nota é o esforço de consolidar a paisagem envolvente da aldeia da Luz que, ao recrear esse espaço se está a traduzir numa manutenção e vinculação de traços de paisagem cultural. O museu construído na atual aldeia, incidindo em temas como a paisagem, a água e a nova identidade da região, é um lugar de cultura e de memória.

## **5 - BIBLIOGRAFIA**

Administração da Região Hidrográfica do Alentejo (ARHAlentejo). *Planos de Gestão das Bacias Hidrográficas integradas nas regiões Hidrográficas 6 e 7. Região Hidrográfica 7. Volume I - Relatório*. Nemus, Ecosistema, AGRO.GES, 2011



- Administração da Região Hidrográfica do Tejo (ARHTEjo). *Plano de Gestão da Região Hidrográfica do Tejo. Relatório Técnico*. DHV, HIDROPROJECTO, LNEC; IPIMAR; Biodesign, 2013
- Antunes, C. R. e Coutinho, M. A. "A água no ordenamento do território." Artigo apresentado no VII Congresso Ibérico sobre Gestión y Planificación del Agua "Ríos Ibéricos +10. Mirando al futuro tras 10 años de DMA, Talavera de la Reina, Febrero 16-19, 2011
- Câmara Municipal de Vila Velha de Rodão. *1ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Vila Velha de Rodão. Caracterização e Diagnóstico*, Volume I, 2011
- Cancela D'Abreu, A., Correia, T. e Oliveira, R. *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, ISBN: 972-8569-28-9, 2004
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo (CCDRAlentejo). *Plano Regional de Ordenamento do Território da Zona Envolvente à Albufeira do Alqueva*: Proposta de Plano. Évora, 2001
- Conselho da Europa. *Convention Européenne du Paysage et Rapport explicatif*. Estrasburgo: T-Land, 2000.
- Decreto nº 4/2005. Diário da República - I Série-A, N.º 31, 14 de fevereiro de 2005, 1017-1028
- Decreto-Lei nº 142/2008. Diário da República, 1.ª série - N.º 142, 24 de julho de 2008, 4596-4611
- Decreto Regulamentar n.º 7/2009. Diário da República, 1.ª série - N.º 97, 20 de Maio de 2009, 3224-3226
- Instituto da Água (INAG). *Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Tejo*. PROCESL; GIBB PORTUGAL, HIDRORUMO, HIDROTÉCNICA PORTUGUESA, 2001
- Resolução do Conselho de Ministros nº 94/2006. Diário da República, 1.ª série - N.º 150, 4 de Agosto de 2006, 5541-5574
- Resolução do Conselho de Ministros nº 176/2008. Diário da República, 1.ª série - N.º 228, 24 de Novembro de 2008, 8315-8332
- [www.edia.pt](http://www.edia.pt), acesso 15 janeiro, 2017



# FOTOGRAFIA E PAISAGEM

Carlos Vargas

A Praça D. Pedro IV em Lisboa, vulgarmente designada por Rossio, é um dos espaços da cidade mais representados, nomeadamente através da cartografia, do desenho, da gravura, da pintura e da fotografia.

Tal intensidade representativa parece transformar aquele território numa síntese de características simbólicas da capital, da sua história mas também da história do Estado-Nação. O Rossio é, portanto, um espaço urbano intensamente documentado e facilmente identificável.

Contudo, aquela praça central na história da cidade de Lisboa é, apesar da intensidade e constante actualização da sua representação, palco de uma certa invisibilidade contemporânea, graças a um olhar saturado por infinitas variantes do que aparenta ser, paradoxalmente, uma-única-e-sempre-a-mesma-imagem.

A fotografia enquanto disciplina analítica, na expressão de Stephen Shore, ordena e conduz o olhar através da simplificação dos elementos da paisagem, neste caso urbana, mas também através do enquadramento e da profundidade de campo, estabelecendo ao mesmo tempo limites intransponíveis, numa visão subjectiva e irrepetível do mundo.

Esta prova fotográfica de autor anónimo, do início do século XX, devolve ao olhar do espectador uma imagem transparente, com sucessivas sobreposições, planos ordenados e desordenados, dinâmicos e estáticos, circunstanciais e essenciais à identificação do tempo e do espaço.

Nesse instante determinado em que o sujeito em primeiro plano recusou a possibilidade da fotografia, ocorreu uma suspensão do mundo. A fotografia capturou tal recusa, e o olhar do espectador hesita agora entre a transgressão porventura involuntária daquela mulher em primeiro plano, entre a dinâmica de um quotidiano desordenado e há muito desaparecido em meio plano e o sereno plano de fundo de um reconhecível edifício neo-clássico.



Legenda da fotografia: Sem título (Praça D. Pedro IV). Prova fotográfica, circa 1900. Colecção particular, Lisboa.

## **ESTRUTURAS MEDITERRÂNICAS TRADICIONAIS.**

### **A UTOPIA DA PAISAGEM URBANO-TURÍSTICA DO ALGARVE**

Carlos Bragança, Marta Gonçalves e Gonçalo Prates

**Resumo:** Uma das características marcantes das paisagens mediterrânicas é a armação dos terrenos montanhosos em socalcos suportados por muros de pedra seca. Além do carácter identitário que imprimem na paisagem, as construções milenares em pedra seca estabelecem uma rede de compartimentação com várias funções ou utilidades, como suporte de terras, drenagem, armazenamento de águas, divisão de propriedade, limitação de caminhos e veredas. Para além destas funções, focar-nos-emos de forma especial nos valores sociais e éticos capazes de gerar alternativas de evolução da paisagem. No Algarve, se bem que os valores atribuídos pelas populações locais sejam determinantes nessa evolução, o papel dos turistas e população residente estrangeira pode, no entanto, ser fundamental para gerar novos contextos cénicos. O nosso argumento gira em torno do futuro da estrutura dos muros de pedra seca, a prospetar dentro da diversidade de possíveis soluções sobre o desenvolvimento da paisagem envolvente do sistema urbano, enquanto parte viva de uma unidade que inclui as áreas mais densamente urbanizadas. Designamos essa unidade região urbano-turística do Algarve, inspirada em duas referências utópicas: a de 'região urbana' e a de 'agropólia', em que a paisagem é assumida como bem comum e instrumento de conhecimento e reconhecimento - governança democrática - de espaços regionais.

**Palavras Chave:** Paisagem; Socalcos; Pedra-seca; Região Urbana; Algarve.

# **ESTRUTURAS MEDITERRÂNICAS TRADICIONAIS.**

## **A UTOPIA DA PAISAGEM URBANO-TURÍSTICA DO ALGARVE**

Carlos Bragança dos Santos, Marta Gonçalves e Gonçalo Prates

**Abstract:** One of the outstanding characteristics of the Mediterranean landscapes is the framework of terraced terrain supported by dry stone walls. In addition to the identity characterizing the landscape, the millenary buildings in dry stone establish a network of compartmentalization with various functions or utilities, such as land support, drainage, water storage, division of property, limitation of roads and sidewalks. In addition to these functions, we will focus in particular on social and ethical values capable of generating alternatives for landscape evolution. In the Algarve, although the values attributed by local populations are determinant in this evolution, the role of tourists and foreign resident population can, however, be fundamental to generate new scenic contexts. Our argument revolves around the future of the dry stone wall structure, to thrive within the diversity of possible solutions on the development of the surrounding landscape of the urban system as a living part of a unit that includes the most densely urbanized areas. We designate this unit as an urban-tourist region of the Algarve, inspired by two utopian references: 'urban region' and 'agropolis', where the landscape is assumed as a common good and an instrument of knowledge and recognition - democratic governance - of spaces Regional authorities.

**Keywords:** Landscape; Terraces; Dry Stone; Urban Region; Algarve.

# **ESTRUTURAS MEDITERRÂNICAS TRADICIONAIS.**

## **A UTOPIA DA PAISAGEM URBANO-TURÍSTICA DO ALGARVE**

Carlos Bragança, Marta Gonçalves e Gonçalo Prates

### **1 - INTRODUÇÃO**

No contexto do mediterrâneo, torna-se bastante claro que a paisagem resulta de um longo processo de construção. Como em muitas outras regiões intensamente humanizadas, as paisagens nunca estão completas, uma vez que são constantemente construídas e reconstruídas através do compromisso das pessoas em relação às suas próprias imagens e ao seu ambiente biofísico (Backhaus, Reichler e StremLOW 2008).

A paisagem é, pois, um sistema complexo que resulta da interação constante do subsistema social com a sua base biofísica. Ora, para interpretar os sistemas complexos recorre-se normalmente a uma abordagem sistémica, na qual, em vez da análise detalhada de todos os elementos, se procura relacionar os diferentes elementos ou subsistemas estruturantes para gerar um modelo explicativo do funcionamento dinâmico do sistema. No entanto, dado que a paisagem envolve necessariamente emoções, impõe-se ultrapassar as tendências mecanicistas de abordagem das características biofísicas - e estéticas - enquanto objetos meramente observáveis e medíveis, que nos são exteriores. Nesse sentido, tentaremos aproximar-nos do significado mesológico da paisagem (Berque 2000 (reed. 1990)), para percebê-la na sua função de mediação entre as pessoas e o seu ambiente.

Isto implica que, para além da estreita relação com os restantes elementos estruturantes, nas suas diferentes dimensões - cultural, ecológica, sociopolítica, espiritual -, qualquer das características estruturais da paisagem nunca possa ser exterior a nós próprios enquanto indivíduos, sujeitos humanos e, sobretudo, enquanto sociedade. Será nessa perspetiva que procuraremos situar a análise da estrutura dos muros de pedra seca da faixa barrocal-litoral do Algarve que, como em muitos outros lugares do âmbito mediterrânico, modela as colinas ou montanhas que formam o esqueleto das paisagens (Braudel 2001).

Começaremos com uma breve descrição das principais características do ambiente do mediterrâneo, enquanto macrorregião mais abrangente, tanto em termos biofísicos como socioculturais, na qual o Algarve se insere. Será nesse contexto geográfico que situaremos a estrutura dos muros de pedra seca e das paisagens talhadas por socacos enquanto produto do duro trabalho legado por muitas gerações. Assim, para além de apresentar as funções e características construtivas, importará refletir sobre o futuro desta estrutura distintiva da paisagem algarvia (Feio 1983) no contexto de um processo de contínua construção dessa mesma paisagem.

E tal processo nunca poderá ser desligado das ideias dominantes que as diferentes sociedades têm do mundo que as rodeia, dado que são as crenças religiosas e as formulações filosóficas que influenciam as ações de transformação dos lugares. Portanto, a evolução das paisagens será necessariamente desenvolvida no quadro estratégico em que tais ações se inserem. Por exemplo, a aceleração das mudanças que presenciamos nas paisagens atuais, que tantas vezes conduz a situações ecologicamente insustentáveis e sem aparente solução, não são mais do que uma consequência do dualismo derivado da lógica aristotélica. São precisamente essas ausências de solução que nos levam a tentar mostrar utopias positivas para prospeção da evolução da paisagem enquanto parte viva - de maior atividade biológica - dos lugares que a maioria das pessoas habita.

Essa é a razão pela qual iremos explorar a utopia da região urbano-turística do Algarve, baseada na paisagem como bem comum (Petrella 1996). E será com este enquadramento que iremos indicar um leque de situações suscetíveis de influenciar o futuro da estrutura da paisagem na qual os muros de pedra seca constituem peça fundamental. O estímulo da participação ativa do público será então a peça chave para legitimar opções efetivas. Apesar de não abordarmos concretamente o processo de participação, motivo pelo qual não podemos apresentar resultados palpáveis, utilizaremos a paisagem enquanto instrumento de conhecimento e reconhecimento (Forman 2008) - governança democrática - de espaços regionais.

## **2 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DO ALGARVE**

A região do Algarve localiza-se no golfo de Cádiz, vestíbulo da porta oeste de entrada do mar mediterrâneo, conhecida pelas colunas de Hércules. De uma maneira geral as influências mediterrânicas são aqui bastante evidentes, tanto a nível do clima, como da vegetação e mesmo nas tradições e hábitos populares. Entre as muitas características mediterrânicas que marcam a



paisagem algarvia, os socacos das colinas do barrocal constituem o fator distintivo da região (Feio, 1983). Em todo o ambiente mediterrânico, os socacos foram edificados pelo duro trabalho de gerações, sendo suportados por muros de pedra seca que, no seu conjunto, formam uma estrutura quase contínua e articulada, como se de uma única peça construtiva se tratasse. Esta estrutura desempenha um papel decisivo a nível de conservação de agrossistemas tradicionais e de valores culturais, ecológicos e estéticos.

Apesar de o relevo do barrocal algarvio não ser tão vigoroso como em outras regiões mediterrânicas, o conjunto das suas colinas não deixa de constituir o pano de fundo da paisagem costeira, enquadrando-se assim na apreciação de Fernand Braudel (2001, 19): "O espaço mediterrânico é devorado pelas montanhas. Elas encontram-se presentes até à orla marítima, abusivas, encostadas umas às outras, inevitáveis, esqueleto e pano de fundo da paisagem."

Este cenário de colinas calcárias do barrocal, de alinhamento sensivelmente paralelo à costa, define uma espécie de anfiteatro aberto ao mar, protegido dos ventos mais frios de inverno pela cadeia montanhosa de xistos a norte - a Serra algarvia -, o que contribui para acentuar ainda mais a dominância de clima tipo mediterrânico em toda a orla litoral-barrocal (Fig. 1).

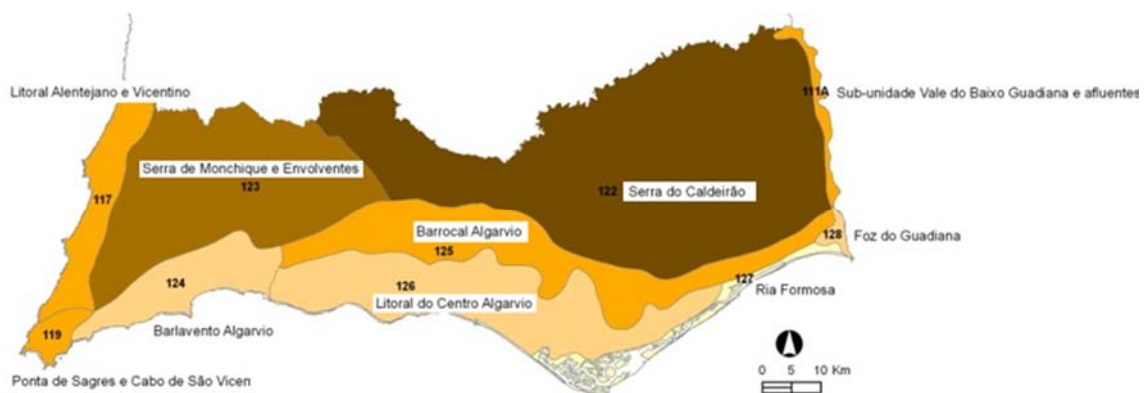


Fig. 1: Esquema das Unidades de paisagem do Algarve. Fonte: Abreu, Correia e Oliveira (2004)

### 3 - PRINCIPAIS CARATERÍSTICAS FÍSICAS E IMPACTES

No substrato calcário do barrocal, em grande parte do período Jurássico, desenvolve-se todo um complexo sistema de aquíferos de grande produtividade e com água de boa qualidade, pouco explorados até à década de 1990, com ligações hidráulicas aos sistemas aquíferos litorais

(Costa, et al. 1985) que garantiram o abastecimento urbano até aos alvares do século XXI. A ocupação tradicional de pomares de sequeiro<sup>103</sup> contribuía para a proteção das águas subterrâneas e, ao mesmo tempo, proporcionava a obtenção de produtos alimentares para a população, através de frutos e plantas leguminosas, permitindo ainda a alimentação de gado. Além disso, constituía uma fonte de rendimento devido à exportação, numa escala apreciável, de produtos como o figo, a amêndoa e a alfarroba; já o conhecido geógrafo e cientista árabe Edrisi, do século XII, falava dos figos de Silves exportados para todas as regiões do Ocidente (Feio 1983).

O equilíbrio estabelecido pela ocupação cultural durante gerações viria a ser perturbado nas últimas décadas, em que assistimos a dois fenómenos determinantes na transformação do território e da paisagem.

Por um lado, o choque turístico que conduziu à densificação da ocupação construída da orla litoral, bastante evidente em algumas zonas, que induziu uma especulação fundiária mais ou menos generalizada, tornando expetantes para fins urbanísticos muitos dos solos mais férteis do litoral e levando ainda à disseminação de edificação dispersa alastrada às primeiras colinas do barrocal, particularmente onde são evidentes as vistas sobre o mar.

Por outro lado, a evolução das técnicas de bombagem de águas subterrâneas veio proporcionar primeiro a exploração em maior escala de aquíferos litorais e, posteriormente, a dos aquíferos mais a norte no coração do barrocal. Na primeira fase, a intensificação agrícola no litoral levou quer à sobreexploração de alguns aquíferos aumentando o risco de intrusão salina, quer à contaminação por nitratos de uma extensão apreciável desses aquíferos, que assim deixaram de poder fornecer água de qualidade para abastecimento urbano; em consequência, o abastecimento urbano passou a ser garantido por águas superficiais num sistema de barragens de fins múltiplos, previsto no plano de rega do Algarve concebido na década de 1950. Na segunda fase assistiu-se à implementação de perímetros de rega e ao apoio a iniciativas particulares para extração de água em extensões apreciáveis do barrocal, que alteraram a ocupação tradicional de sequeiro e têm levado, devido à intensificação agrícola, à paulatina degradação da qualidade das águas subterrâneas, em particular no maior aquífero do Algarve, conhecido como Querença-Silves (Bragança 2006).

---

<sup>103</sup> O pomar de sequeiro é basicamente constituído por plantações de figueiras, alfarrobeiras e amendoeiras em povoamentos mistos, geralmente pouco cerrados, predominando localmente uma destas árvores (Feio 1983). No sub-coberto, entre outros aproveitamentos agrícolas, é usual haver regularmente sementeiras de leguminosas, favas ou ervilhas, que, além do valor alimentar, contribuem para incorporar azoto no solo.

#### 4 - A ESTRUTURA DE MUROS DE PEDRA SECA

A conservação da água e do solo, elementos fundamentais para a sobrevivência de uma sociedade com recursos tecnológicos aparentemente pouco desenvolvidos, foi assegurada em grande parte pela estrutura de muros de pedra seca que sustenta os socalcos do barrocal e que modela o pano de fundo da paisagem que enquadra a própria concentração urbano-turístico da orla litoral. Com efeito, nas paisagens mediterrânicas, sujeitas há milénios a sucessivos desmatamentos, o controlo da erosão das encostas e o encaminhamento das escorrências encontra nos socalcos e nos muros de pedra seca, arduamente edificados, o melhor exemplo de adaptação da sociedade à adversidade das condições naturais (Larcena 2012). Nos ambientes mediterrânicos, o fator determinante em relação ao qual sempre houve preocupação em dar respostas adequadas, foi a água. Como destaca Bethemont (1982), por um lado, concentra-se demasiada água em pouco tempo e, por outro, deixa de haver suficiente durante muito tempo, o que traz preocupações constantes em termos agrícolas e ambientais. O regime torrencial provoca, igualmente, um impacto erosivo bastante forte, sobretudo nos montes sujeitos a desmatamentos constantes, arrastando os solos geralmente pobres. Os socalcos dão, pois, resposta, tanto a necessidades de retenção de água, ao atenuar as velocidades de escorrência e facilitar pequenas retenções ou infiltrações, como de retenção de solos (Fig. 2).

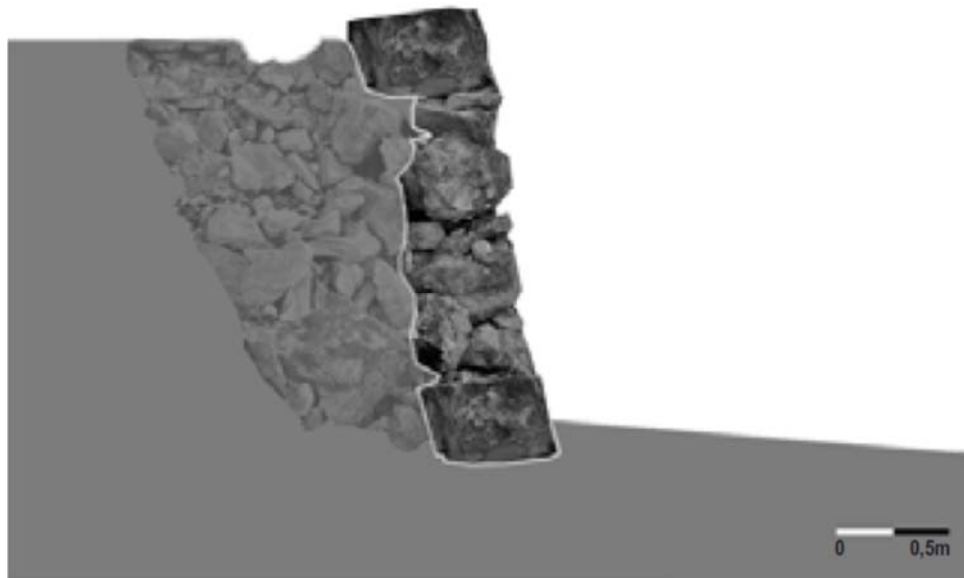


Fig. 2: Corte esquemático de um muro de pedra seca com funções de suporte de terras em socalcos no barrocal algarvio. Fonte: Antão (2010).

Desempenham assim duas funções inseparáveis e aparentemente contraditórias, a de drenar as águas para fora das folhas de cultura evitando que elas arrastem as terras e, paralelamente, captam água para rega (Larcena 2012) que, no caso de relevo calcário, como o do Algarve, se infiltra em profundidade, alimentando depósitos subterrâneos e acaba por cumprir funções complementares de manutenção dos aquíferos litorais e controlo da cunha salina (ver Fig. 3).

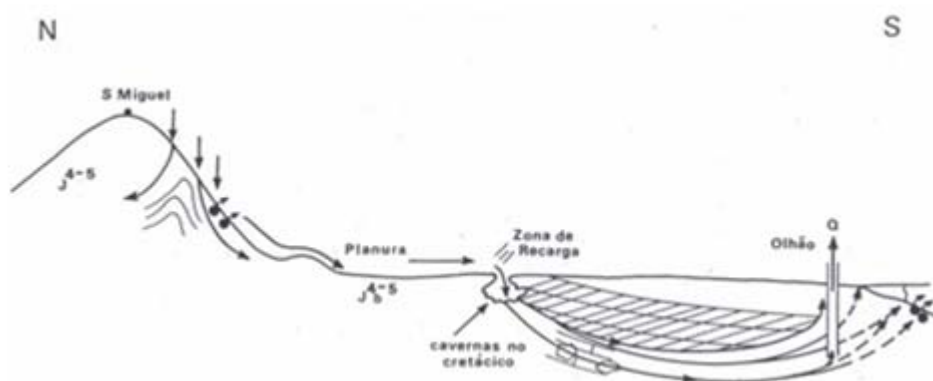


Fig. 3: Pormenor das ligações hidráulicas entre as colinas calcárias e a planície litoral, junto ao cerro de S. Miguel, a norte de Olhão. Fonte: Costa et al. (1985)

Como refere ainda Larcena (2012), os muros funcionam como uma verdadeira rede de saneamento, deixando passar a água através de uma espécie de dreno formado pelo conjunto de pedras miúdas colocadas atrás do enrocamento do paredão (percetível na Fig. 2). As águas são depois drenadas lateralmente como que por micro valas talhadas sob os muros e daí vão para a parcela abaixo. Há depois umas trincheiras descendentes que cruzam as encostas recebendo as águas das micro valas dos socacos e as vão encaminhar para valados e barrancos. Ao receberem as águas das encostas, os valados cumprem pelo menos três funções, uma vez que quebram a corrente torrencial atenuando a erosão, permitem encaminhar ou reter os limos ou sedimentos e ajudam a captar águas que podem vir a ser usadas para rega. Para ajudar a reter os sedimentos constroem-se ainda travessões ou pequenas barragens transversais nos pequenos vales, formando plataformas idênticas aos socacos de encosta, onde o solo é necessariamente mais rico e com maior teor de humidade (Fig.s 4, 5 e 6).

A distribuição espacial da estrutura dos muros está pois longe de ser aleatória, obedecendo a uma relação entre as características biofísicas e a atuação humana em função das suas necessidades (Reynès 2000). Da adaptação à topografia resulta toda uma rede articulada, de formas variadas, em que predominam os desenvolvimentos sensivelmente paralelos às curvas de nível, entrecortados por outros de desenvolvimento quase perpendicular e de características

ligeiramente diferentes, entrosando este entramado com outros muros de divisão de propriedade ou de marcação de caminhos. Em termos construtivos, surgem diversas técnicas de aparelhamento da pedra, de capeamento, de contrafortes, de pequenas construções de armazenamento e inclusive de abrigo, conferindo várias texturas, formas e matizes de tonalidade. A distribuição da vegetação ao longo dos próprios muros configura igualmente uma rede ecológica de extensão assinalável. No Algarve resta por sistematizar todos estes aspetos que não podem deixar de se revestir de particular importância na avaliação da qualidade da paisagem.

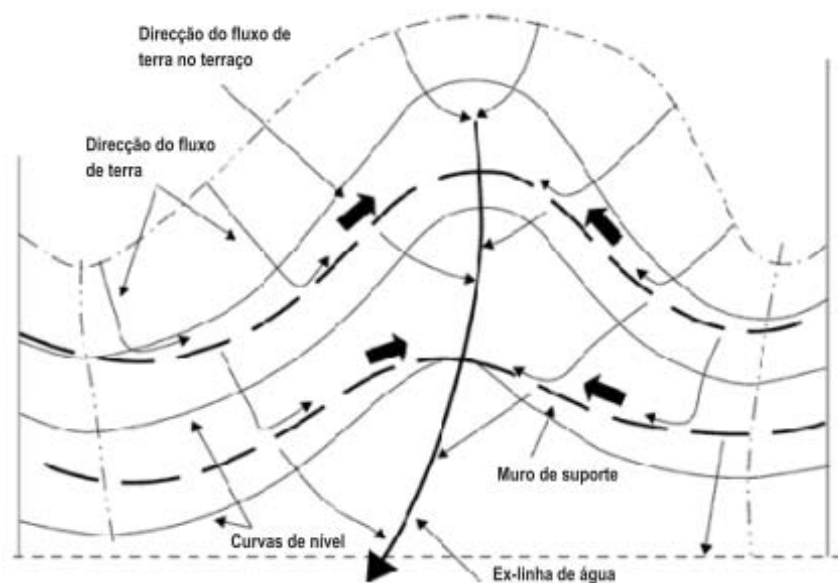


Fig. 4: Esquema dos fluxos de terra numa vertente com armação em socacos.

Fonte: Antão (2010) com base em Foster (2004)



Fig. 5: Imagem aérea de armação em socacos junto a um pequeno vale, cerca do cerro de S. Miguel, sendo visível a armação de encostas e vale, modelando os 'caminhos da água'. Fonte: Google Maps, 2017

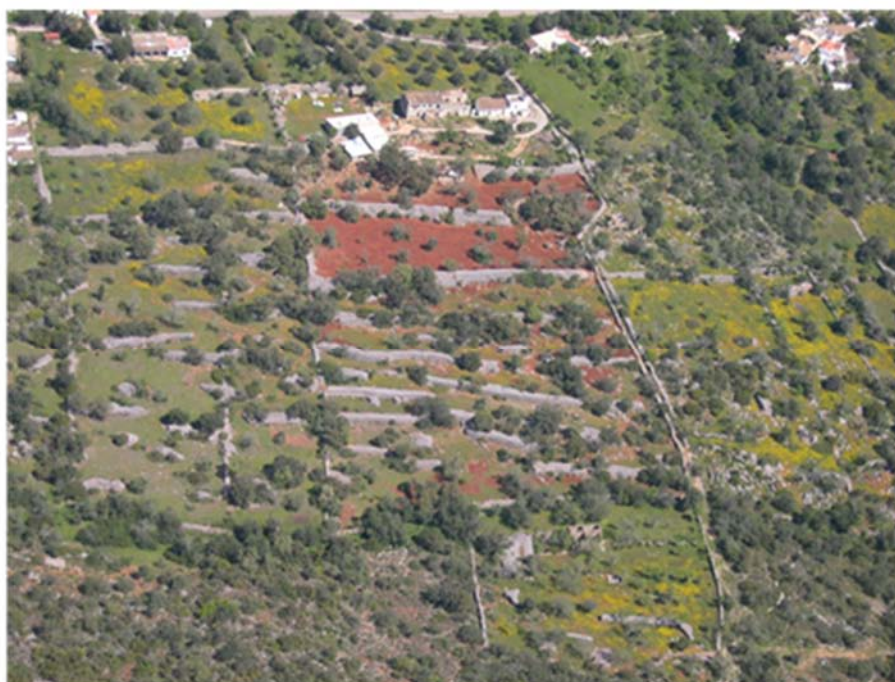


Fig. 6: Imagem típica da armação em socalcos, sendo visível as trincheiras de drenagem.

Foto de 2003, cerca de S. Brás de Alportel, a norte de Faro. Fonte: Bragança (2006)

## 5 - BASES SOCIOCULTURAIS DA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

Os socalcos suportados por muros de pedra seca constituem, pois, um exemplo eloquente do princípio, mais ou menos consensual, de que a paisagem é o resultado da interação de uma sociedade concreta com o seu ambiente. Portanto, para além dos aspetos objetivos quanto à interação dos fatores naturais, tantas vezes transformada pela ação da própria sociedade, a compreensão de uma paisagem implica a interpretação desses aspetos através da sua visualização, contemplação formal e apreensão por meio de todos os sentidos. Por esse motivo, a construção da paisagem é um processo que envolve tanto os aspetos objetivos como os subjetivos. É a este íntimo envolvimento do sujeito (humano) e do objeto (físico/biológico), como duas metades da mesma realidade, que Augustin Berque chama 'trajecção', significando que a paisagem será definida em função da percepção que algumas sociedades imprimem à dinâmica dos fatores ambientais. "A trajectividade significa que as coisas existem em conformidade com a maneira como as apreendemos [saisissons] pelos sentidos, pelo pensamento, pelas palavras e pela ação" (Berque, *Tétralemmes et milieu humain : la mésologie à la lumière de Yamauchi* 2013, 63).



No caso a que nos vimos a referir, da paisagem marcada pelos muros de pedra seca, resulta mais ou menos clara a transformação impressa por gerações no sentido de assegurar as melhores condições de satisfação das suas próprias necessidades. Falta, então, por parte das sociedades que atualmente vivem essa paisagem, a manifestação da sua sensibilidade para apreendê-la enquanto parte integrante do seu próprio equilíbrio. Porque, como o filósofo japonês Tetsuro Watsuji claramente expôs, a relação entre a sociedade e o seu ambiente é “o momento estrutural da existência humana” (Watsuji 2011 (1935)), sendo de notar que o *momento* tem aqui o significado atribuído pela física, mecânica, ou seja, a expressão do encontro - equilíbrio - de duas forças, neste caso, entre um sujeito individual ou uma sociedade, de um lado, e, do outro, o seu ambiente - ou a sua metade.

As degradações registadas, a ritmo galopante, nas últimas décadas em muitas zonas do litoral e do barrocal algarvio, acontecem em resultado de tomadas de decisão alheias a esse sentido de interdependência entre a sociedade e a paisagem que a envolve; a sociedade que modelou, que gerou a sua paisagem para dela se alimentar, não apenas no sentido biológico, mas também de equilíbrio físico, emocional e espiritual.

### 5.1 - Raiz filosófica

No chamado mundo ocidental, tal interdependência foi desde há muito teorizada, tendo sido ofuscada durante largo tempo, o que viria a ter consequências crescentemente negativas, para só há relativamente pouco tempo se vislumbrar uma mudança de sentido.

Com efeito, já Platão, no *Timeu*, explanava uma formulação filosófica do mundo ao propor o termo *chôra* para traduzir metaforicamente as relações espaço-comunidade humana. A *chôra* estaria situada entre o Ser relativo - *genesis*, que nasce, vive e desaparece - e o Ser absoluto - *idea*, independente do tempo e do espaço.

Esta formulação traduzia, no fundo, o conceito grego de cidade-região, que incluía não apenas o espaço edificado, como todo o espaço envolvente da urbe, espaço esse moldado pela comunidade regional e que, ao mesmo tempo, satisfazia todas as suas necessidades.

Portanto, não considerando a *idea*, a *chôra* alimentava a *genesis*, a qual não podia viver sem a *chôra*, formando ambas o mundo sensível, o *kosmos*. Por essa razão, na formulação de Platão a *chôra*, ou seja, o meio que envolve o existente (Brisson 1994, Berque 2013), resultava ao mesmo

tempo na marca e na matriz desse existente, sendo uma coisa e o seu contrário. Segundo Berque (2013), tratava-se de uma *aporia* que Platão não podia ultrapassar, dado que não admitia a existência desse terceiro género - *triton allo genos*, nem Ser relativo nem Ser absoluto - que ele identificava na *chôra*.

## 5.2 - A perspectiva moderna

A lógica aristotélica ampliou esta *aporia*, rejeitando definitivamente o terceiro género para consolidar as bases do dualismo moderno, com influência decisiva no chamado pensamento ocidental. Quanto à percepção 'ambiental', refere Berque (2000 (reed. 1990)) que o sentido dual da lógica de Platão levou a que se deixasse de relacionar o micro, com o meso e o macrocosmos, enquanto componentes intrínsecos da identidade humana, uma vez que o lugar passou a ser considerado um fator exterior ao indivíduo, em vez de fator fundamental da sua própria identidade. O meio viria a ser considerado, por exemplo, um objeto neutro, na ótica de Descartes, ou o espaço absoluto, homogêneo, isotrópico e infinito da física Newtoniana (Naredo 1982). Aqui se identificam, no fundo, as bases ontológicas do modernismo, com influência dominante nas formas de organização espacial atuais e, conseqüentemente, na forma de entender as nossas relações com o ambiente.

Na perspectiva da geografia mesológica, esta externalização é a raiz da perda de sentido 'Kósmico' das sociedades modernas. Isso explica porque nas atuais áreas metropolitanas, onde vive a maior parte da população, as políticas urbanas exploram um imaginário de paisagem com a intenção de ignorar o duro trabalho humano que esteve na origem das paisagens reais e procuram centrar as atenções em 'naturezas' ideais.

Segundo Donadieu (2012), a economia capitalista liberal tira partido da tendência popular para copiar a aposta das elites em tornar o trabalho invisível para a sociedade. Ao ser cortado o laço existencial que prendia as pessoas a uma interpretação autónoma da paisagem, perde-se o sentido humano do mundo em que se habita, para se ficar condicionado por objetos e espaços fétiche. Isso explica que não haja reação a cidades sem arquitetura de escala, ambientes sociais de crescente desigualdade, vida urbana segregada e vigiada, abastecimento alimentar duvidoso, planos fictícios de ordenamento do território, degradação crescente das condições ambientais.



É neste mundo que vive a maior parte das pessoas atualmente - um mundo globalizado e virtualizado - e a pergunta que naturalmente se coloca será a de saber como poderemos avançar em sentido diferente e descobrir caminhos alternativos.

## **6 - A UTOPIA E AS PAISAGENS 'KÓSMICAS'**

É precisamente perante um mundo como o atual, aparentemente sem alternativas viáveis que se recorre às utopias para imaginar saídas possíveis, tal como aconteceu noutras situações de bloqueio. Como refere Donadieu (2012), as utopias sugerem mundos virtuais e racionais, que não são nem predições nem previsões, mas apenas constroem uma sociedade virtual sem localização geográfica; a ilha da utopia de Thomas More será o exemplo mais famoso. Se bem que toda a utopia prossiga valores de bem-estar comum, há que distinguir entre as utopias quiméricas, baseadas em crenças dogmáticas próprias de perspetivas dualistas, e as utopias realistas, sem aporias nem dramas sociais, que procuram a riqueza comum baseada na solidariedade e respeito mútuo.

Segundo o economista altermundista Ricardo Petrella, o Estado do Bem-estar, que foi tomando forma após a grande depressão de 1929, aponta para a aspiração do bem comum baseado na solidariedade.

*O objeto do bem comum é a riqueza comum, ou seja, o conjunto dos princípios, das regras, das instituições e dos meios que permitem ver e garantir a existência de todos os homens numa comunidade humana. No plano imaterial, um dos elementos do bem comum é constituído pelo triplo reconhecimento nascimento-respeito-tolerância nas relações com o outro. No plano material, o bem comum é estruturado em torno do direito ao justo acesso de todos à alimentação, ao alojamento, à energia, à educação, à saúde, à informação, à democracia e à expressão artística. (Petrella 1996, 13).*

Tal como o Estado do Bem Estar, também a sustentabilidade é em si uma utopia positiva, que sempre se procura mesmo sabendo que nunca se atinge na sua plenitude (Forman 2008). Muita da polémica semântica e conceptual que envolve a discussão à sua volta tem a ver com a forma de a tornar operativa. Ora, atualmente, face ao domínio das estratégias baseadas

Na maximização dos lucros dos investidores - capitalismo 1.0<sup>104</sup> - há um grande distanciamento entre os cidadãos e os centros de decisão, pelo que, uma das questões-chave para tornar operativa uma utopia realista é, sem dúvida, a escala.

Para procurar uma escala espacial e temporal apropriada, na qual possamos introduzir mudanças específicas no sentido de avançar para um mundo melhor, devemos ter presente o que Forman (1995) chama o paradoxo do ordenamento: “Os pequenos espaços são fáceis de modificar, mas são inerentemente instáveis. Os grandes espaços são difíceis de modificar, no entanto apresentam uma estabilidade considerável.” (Forman 2008, 316). As intervenções mais adequadas serão, portanto, em espaços de média dimensão, regiões ou paisagens, onde podemos provocar efeitos visíveis a curto prazo com possibilidades de durar a médio e longo prazo. Tal como quando tentamos cuidar do nosso próprio jardim, deveremos mentalizar-nos que “As paisagens e regiões não passam de meros jardins grandes em que investimos e dos quais cuidamos”. (ibd.)

O conceito de região urbana proposto por Forman (2008), decorre precisamente da escala em que a população poderá agir conscientemente sobre os fatores naturais, tanto nos espaços urbanos convencionais como na respetiva envolvente, para produzir efeitos de forma mais eficaz e duradoura. Este conceito, que o autor pretende situar nos espaços que concentram mais de 50% da população mundial, pode ser esquematizado numa espécie de ‘donut’ em que a parte vazia, o buraco do ‘donut’, corresponde ao tecido urbano mais compacto, com menos atividade ecológica, enquanto o recheio, o anel do ‘donut’, corresponderá à parte com maior potencial bio-ecológico e valor paisagístico (Fig. 7).

Este conceito, apoiado em 38 exemplos de regiões urbanas em todo o mundo, vem ao encontro do pensamento e prática de planificadores urbanos dos fins do século XIX, primeira metade do século XX, como Patrick Geddes, Fredrick Olmsted ou Lewis Mumford. Os princípios fundamentais dessa corrente de pensamento giravam em torno da estreita interdependência entre a estrutura urbana e os espaços envolventes que suportavam e alimentavam essa mesma estrutura. No fundo, volta-se às origens do problema formulado por Platão no *Timeu* a propósito da *chôra*, para se voltar a considerar o *Kosmos*.

---

<sup>104</sup> Alguns autores vêm utilizando o termo ‘capitalismo 1.0’ para se referir à primeira versão do sistema capitalista, predominantemente caracterizada pela maximização do lucro dos investidores. Kaletsky (2011), por exemplo, identifica esta fase do capitalismo como típica do século XIX, em que as esferas política e económica eram distintas e as interações entre os governos e as empresas privadas se centravam em garantir receita militar e proteção de interesses poderosos.

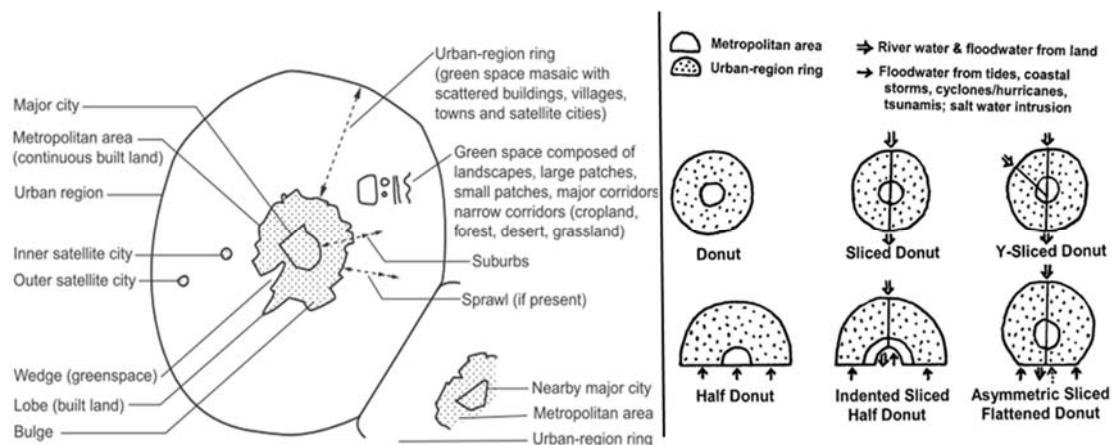


Fig. 7: Esquerda: conceitos e termos das regiões urbanas. Direita: modelo 'donut'. Fonte: Forman (2008, 6)

## 7 - A REGIÃO URBANO-TURÍSTICA DO ALGARVE

Com efeito, poucas dúvidas haverá de que as reais aporias de hoje são as grandes metrópoles, na maneira como funcionam. É nesse sentido que as caracteriza também (Donnadieu 2012), ao apontar o futuro insustentável das cidades sem agricultura de proximidade, o que inverte o sentido da aporia que Platão atribuía à *chôra*. Dada a impossibilidade de soluções sustentáveis nas atuais áreas metropolitanas, o futuro irá depender do terceiro género - *triton allo genos* - que unifica a matriz e a marca das comunidades humanas reais. Assim, este autor concebe uma utopia idêntica à da região urbana, imaginando um mundo urbano diferente, com agricultura e agricultores efetivamente presentes, que denomina 'agropolia'.

Na 'agropolia' deverá então ser explicitamente implementada uma visão existencial do mundo urbano, segundo dois aspetos fundamentais. Por um lado, as paisagens e os lugares, serão percecionados como se apresentam na realidade, livres de padrões culturais impostos, compreendidos e contemplados para uma satisfação mais profunda que um mero conforto amorfo e uma estética de espetáculos. Por outro lado, será desenvolvida a sensibilidade dirigida aos laços que prendem as pessoas ao ambiente no qual vivem, para ultrapassar as escolhas fétiche inculcadas pelos especialistas que estimulam o consumo.

Em termos físicos, essa paisagem imaginária é assim descrita: "A Agropolia não é uma ilha, mas antes um arquipélago de Espaços Urbanos construídos entre os campos, os parques, as florestas e os lagos. Acede-se livremente pelos caminhos de ferro e autoestradas, pelos portos e aeroportos. Para além da Agropolia, estende-se de um lado o oceano e do outro uma barreira de montanhas florestadas cortadas por vales rurais e pouco habitados. Nas cumeeiras, como

nos fundos marinhos de mais altura, rodam sem cessar milhares de pás eólicas.” (Donnadieu 2012, 285).

Esta descrição identifica-se, a bem dizer, com uma utópica região urbano-turística do Algarve (Fig. 8), tendo em conta a estrutura urbana polinuclear, na qual seria fácil reconhecer: 1) a massa construída dos centros urbanos convencionais e das urbanizações com fins turísticos-residenciais, correspondendo ao buraco de ‘donut’; 2) a miscelânea da edificação dispersa, pequenas vilas e aldeias, espaços verdes (campos de golfe, áreas de bosque e agricultadas, zonas húmidas, etc.), correspondendo ao recheio do ‘donut’; 3) o oceano atlântico como limite sul e ocidental e, como limite norte, as montanhas de xisto que formam a serra.

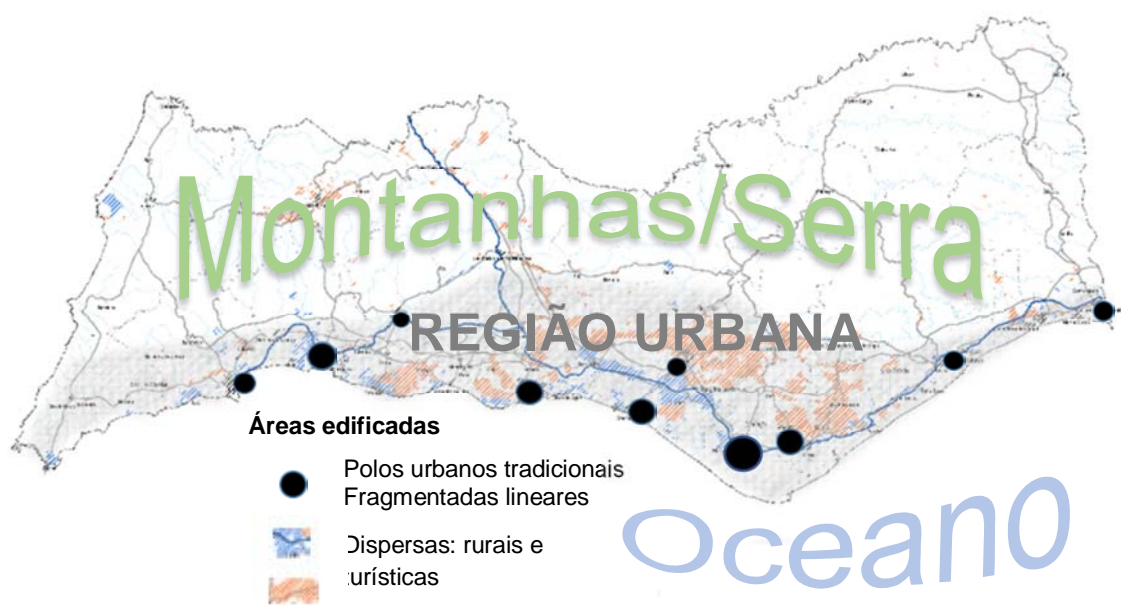


Fig. 8: Esquema da região urbano-turística do Algarve. Elaboração própria

## 8 - AS PERSPETIVAS DE EVOLUÇÃO DA PAISAGEM DO ALGARVE

Apontadas as ideias alternativas para perspetivar a evolução da paisagem na sua função mediadora entre uma sociedade e o meio que a envolve, a grande questão que se coloca é a de saber até que ponto os diferentes agentes que usufruem da paisagem e a modelam poderão ser envolvidos num processo de participação, de modo a emergir um discurso ético quanto às possibilidades de desenvolvimento dessa paisagem (Hansen 2000).

Na nossa perspetiva, a emergência desse discurso depende de uma utopia positiva, neste caso a região urbano-tuística do Algarve, tal como apresentado acima. Portanto, será dentro das respostas ao entendimento da paisagem como bem comum que se joga o futuro da estrutura

dos muros de pedra seca enquanto elemento vertebrador da construção da paisagem algarvia, até porque as tendências instaladas, em toda a frente norte mediterrânica, apontam para o abandono, a subsistência residual ou a destruição ou substituição progressiva dessas estruturas (Guerny e Hsu 2010).

### 8.1 - Modelo de interpretação da paisagem

O envolvimento das diferentes sensibilidades requer clareza na comunicação e, nesse aspeto, o modelo explicativo da paisagem desenvolvido a nível do Swiss National Research Program 48 “Landscapes and Habitats of the Alps” (Backhaus, Reichler e StremLOW 2008), integra uma abordagem multidimensional na qual é possível partilhar e conetar os posicionamentos próprios de diferentes sensibilidades e disciplinas científicas.

O modelo, concebido numa perspetiva mesológica, é estruturado em dois eixos. O primeiro vai da natureza à cultura, dado que o papel da paisagem na mediação entre o ambiente natural e a atividade humana depende das regras assimiladas, dos modelos e dos padrões culturais. O segundo vai do indivíduo à sociedade, porque cada indivíduo, tendo a sua própria perceção, faz parte de uma sociedade que organiza e gere o espaço apropriado por diferentes grupos sociais (Fig. 9).

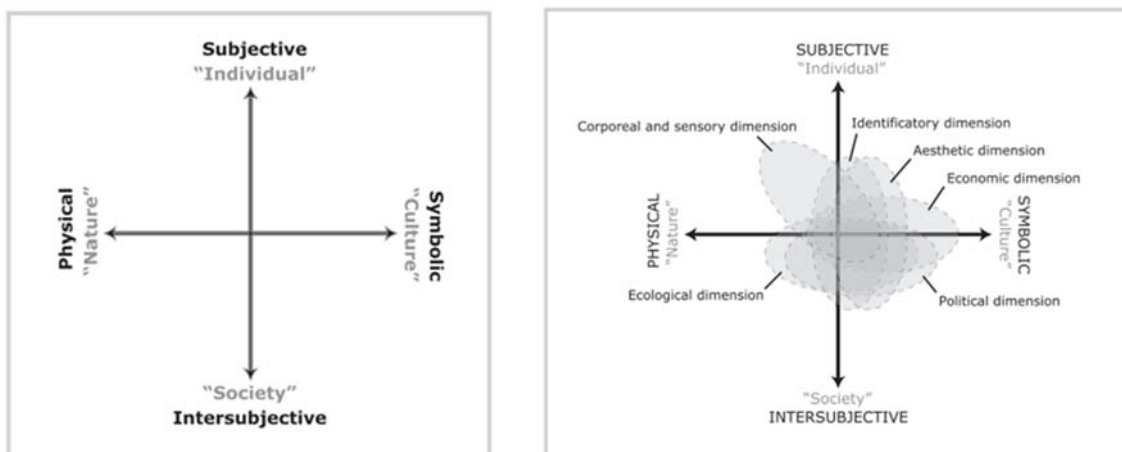


Fig. 9. Esquerda: os 4 polos da perceção da paisagem. Direita: A multidimensionalidade das paisagens.

Fonte: Backhaus, Reichler e StremLOW (2008)

Teremos assim quatro polos: físico, subjetivo, simbólico e intersubjetivo.

- A) O polo físico refere-se às primeiras impressões quando as pessoas contemplam uma paisagem: terra lavrada, rios, bosques, montes, estradas, animais, máquinas; no

entanto, a paisagem não pode ser concebida de *per se*, de maneira 'objetiva', mas em função dos diferentes pontos de vista de quem a percebe.

- B) Por isso, o polo simbólico se reporta aos padrões culturais, estéticos e simbólicos que medeiam a percepção imediata que as pessoas têm do mundo - e das paisagens -; a arte e os media têm um importante papel na transmissão de padrões que deixam de ser meros instrumentos de percepção para se converterem também em sistemas de interpretação.
- C) O polo subjetivo compreende, não só o sujeito enquanto centro de emoções, sensações e percepções - os sujeitos apreendem intencionalmente o que os rodeia utilizando não apenas a visão, mas igualmente todos os outros sentidos -, como também os sujeitos enquanto indivíduos parte de grupos sociais e que, nessa condição, retêm os aspetos da paisagem que melhor servem os seus interesses.
- D) O polo intersubjetivo resulta, assim, da paisagem como produto de práticas sociais - agricultura, comércio, lazer, etc.-, envolvendo fatores económicos - a paisagem como recurso com os correspondentes valor de uso e valor de mercado -, sentido de pertença - autenticidade, história, perspectivas de habitantes e forasteiros - e aspetos políticos - impactes das decisões políticas no desenvolvimento da paisagem.

Numa fase de desenvolvimento do método, Backhaus, Reichler e Stremmlow (2008) consideram seis dimensões da paisagem nas quais os participantes podem aprofundar o seu ângulo de percepção, para depois partilhar e articular os diferentes posicionamentos (ver parte direita da figura 9). No entanto, a aplicação simplificada do modelo permite a percepção de várias possibilidades quando se explora as relações entre os polos.

## 8.2 - As paisagens do turismo

Com base nessa aplicação simplificada, Donnadieu (2008), sistematiza as tendências de evolução das paisagens de socos do âmbito geográfico mediterrânico, apontando para além do abandono e/ou atividade agrícola de subsistência, mais três alternativas.

- 1) A primeira passaria por atribuir um valor patrimonial a essas paisagens, com estatuto de paisagens culturais; mas nessa situação haveria uma propensão para caírem no esquecimento - *amnesia* coletiva -, ou subsistirem como objeto de recordação - *anamnesis* -; poderiam, neste caso, chegar ao ponto de serem propostas como sítios classificados de herança mundial, ou serem incluídas num museu de maquetas do planeta.

- 2) A segunda poderia considerar a necessidade de valorizar as paisagens através da imagem, ou seja, através da sua esteticização, mesmo quando essas paisagens não exibem atributos especiais; seria uma possibilidade relacionada com interesses turísticos, recorrendo a uma 'artealização' (Roger 1997) através de representações por imagens e textos, para imprimir beleza, excitação, espetáculo.
- 3) Uma terceira, com menos possibilidades, poderia acontecer com recurso ao acréscimo de valor através da economia agrícola, de modo a moldar a paisagem para a tornar mais atrativa, não apenas pela 'excelência' dos produtos obtidos, mas também em termos estéticos.

No caso do Algarve, dado que o turismo surge sempre como principal força mobilizadora em termos de ordenamento do território, há uma propensão grande para que vingam as dinâmicas das paisagens do turismo. Efetivamente, nem as paisagens de socacos têm uma presença considerada espetacular, nem as perspectivas de desenvolvimento agrícola parecem vir a contemplar restauro de muros de pedra seca.

Desenvolvemos então um raciocínio baseado no método apresentado. Assim, considerando a região urbano-turística, na qual o barrocal corresponde a uma parcela importante da parte viva, o objetivo, em termos intersubjetivos, será necessariamente a construção de paisagens como bem comum, respondendo às procuras de prazer e excitação dos espetáculos que se colocam em termos individuais. Nessa medida, a reabilitação e/ou reconquista deverá respeitar os valores culturais e identitários que invocam a memória coletiva e conferem beleza (Fig. 10).

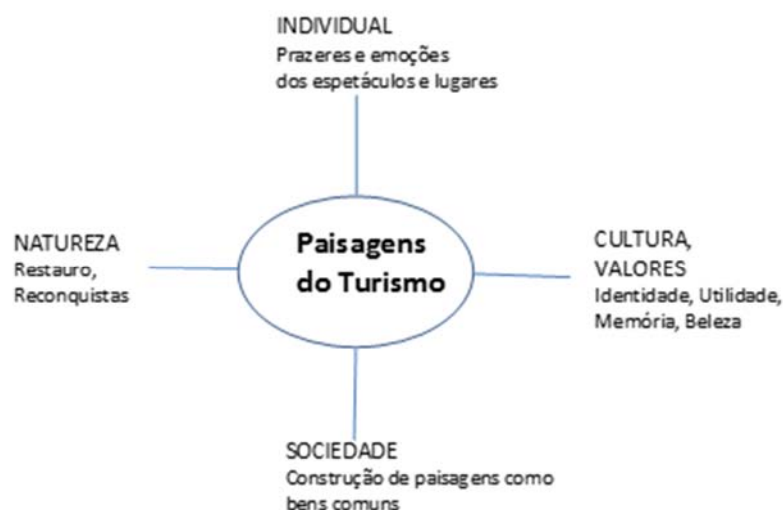


Fig. 10: As paisagens do turismo. Fontes: Bachhaus, Reichler e Stremlow (2008); Donnadieu (2008)

### 8.3 - Os projetos de paisagem

Com inspiração em Georges Neuray (1992), uma das questões chave que a seguir se coloca, quando se perspectiva a valorização, o restauro ou a reconquista, será a de ter claro quem são os destinatários dessas paisagens. Torna-se então indispensável atender à diversidade de olhares sobre a paisagem, em função das diferentes sensibilidades, aprendizagens e práticas. Nesse sentido, considera-se que as paisagens são lidas, basicamente, segundo as seguintes perspectivas: 1) de olhares treinados, familiarizados com a beleza e arte da paisagem, de estetas, pessoas de outras paragens, visitantes, incluindo aqui uma parte dos turistas; 2) de olhares iniciados, de pessoas que começam a interessar-se pelos modos de funcionamento da vida local, podendo ser habitantes locais ou naturais do Algarve, incluindo uma boa parte da população dos centros urbanos; 3) de olhares informados sobre a produção material e imaterial das paisagens, incluindo aqui os olhares ou visões científicas.

Isto não significa que cada maneira de olhar corresponda exatamente a uma única tipologia de paisagem; apenas indicia a atração que cada paisagem pode cativar. Uma paisagem pode agradar a muitas sensibilidades, embora outras possam atrair apenas uma ou duas maneiras de a apreciar<sup>105</sup>.

Os projetos para estas paisagens irão reportar-se a reabilitações, renovações, mas contemplando também as áreas que irão ser 'esquecidas' - património, amnesia coletiva. De qualquer modo, para satisfazer os diferentes olhares ou sensibilidades, o planeamento das paisagens nunca poderá deixar de atender aos valores culturais - identidade, utilidade, beleza e memória. Portanto, as grandes linhas terão que ser apontadas necessariamente numa escala regional, que só será eficaz através de uma governança partilhada envolvendo os olhares iniciados, treinados e grupos sociais informados que valorizem as paisagens construídas a nível local (Fig. 11).

---

<sup>105</sup> Os olhares treinados, em particular de turistas, tendem a valorizar cenários de maior esplendor formal e contraste, tipo Machu Pichu (Peru) ou campos de arroz em socalcos da Ásia. Uma paisagem de efeito cénico envolvente e expressivo em relação a um aglomerado urbano tradicional compacto, pode atrair tanto os olhares treinados, como os olhares iniciados dos próprios habitantes do lugar ou de agricultores, como ainda olhares mais informados de agrónomos, biólogos, arquitetos, arquitetos paisagistas, etc.



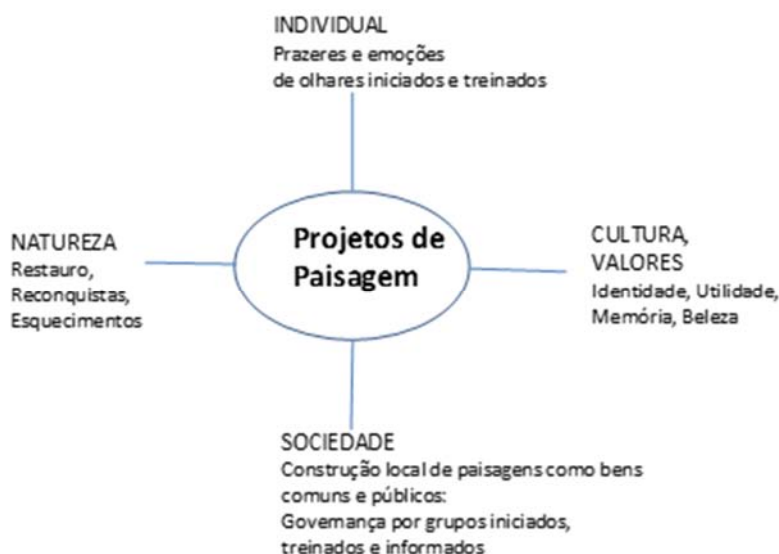


Fig. 11: Os projetos de paisagem. Fontes: Bachhaus, Reichler e Stremlow (2008); Donnadiou (2008)

#### 8.4 - A governança de paisagem

A questão da governança e da forma em que pode ser desenvolvida, passa então a ser decisiva. Na situação atual podemos considerar três facetas essenciais: 1) transmissão legislativa - comando descendente, *top down*, desde a Convenção Europeia da Paisagem e respetiva transposição para a legislação nacional -; 2) iniciativas locais autossustentáveis (Magnaghi 2000), *bottom up*; 3) governança local de projetos de paisagem, *bottom up + top down*.

Quanto ao quadro legislativo, convém lembrar, por exemplo, alguns artigos da Convenção Europeia da Paisagem: artº 1 a) [Paisagem] "... uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, ..."; artº 1º c) "'Objetivo de qualidade paisagística" designa a formulação pelas autoridades públicas competentes, para uma paisagem específica, das aspirações das populações relativamente às características paisagísticas do seu quadro de vida" art. 6º c) 1 "Com a participação ativa dos intervenientes". A participação pública tem sido, no entanto, a grande falha nos planos convencionais em matéria de ordenamento do território e paisagem, imperando as práticas típicas *top down*, caracterizadas por decisões que se limitam a cumprir um ritual de legitimação baseado na transmissão descendente da informação, consulta pós elaboração dos projetos e tentativas de conciliação de interesses *a posteriori*.

No caso dos socalcos, Donadieu (2008) aponta como caso típico de decisão *top down* o Parque Público George Brassens, em Paris, no qual foram replicados socalcos vinhateiros do século XIX com fins não comerciais ou produtivos. Seria como se na costa do Algarve fosse decidido construir um parque urbano com uma réplica dos pomares de sequeiro do barrocal com mera finalidade estética ou recreativa, para satisfazer a população dos centros urbanos.

Quase por contraposição, a governança *bottom up* pressupõe a delegação das decisões nas comunidades locais, por forma a terem autonomia e oportunidade de prosseguir uma democracia local participativa. Um dos exemplos mais apontado é o da agricultura de lazer, *hobby farming*, em particular quando apoiada numa organização de grupos de cidadãos dispostos a intervir em unidades agrárias próximas da sua cidade, como acontece nos arredores de Florença (Pandolfi 2014). No Algarve não seria difícil imaginar o incentivo a grupos de cidadãos do meio urbano costeiro dispostos a arrendar ou adquirir propriedades do barrocal para explorar os pomares de sequeiro, com satisfação pessoal e contribuição coletiva a nível da conservação da identidade cultural.

Já a governança em *top down + bottom up*, implica todo um processo de co-decisão e envolvimento na gestão. Poderá ser o caso de projetos promovidos por instituições da Administração local ou regional que vão claramente ao encontro de aspirações legítimas de comunidades ou agentes sociais representativos dispostos a colaborar ativamente na promoção e continuidade desses projetos.

Voltando ao método apresentado, temos, em resumo, uma realidade física, material, biofísica a ser construída à luz de valores de identidade, memória coletiva, beleza e justiça. Tais valores serão conformes aos padrões éticos tanto de residentes, *insiders*, como de forasteiros, *outsiders*. Ao mesmo tempo, a liberdade das escolhas, a nível individual, no plano económico e no plano da fruição da paisagem, irá enquadrar a legitimidade das decisões públicas sobre o futuro das paisagens de socalcos a serem reabilitadas, reconquistadas e/ou 'esquecidas'<sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> Como referido no ponto 8.2., a tendência atual para atribuir estatutos de conservação ou declarar de valor patrimonial certas paisagens, sobretudo se não houver um reconhecimento explícito por parte das populações, pode encerrar o risco de esquecimento coletivo.

Será então no âmbito de uma governança democrática que fará sentido utilizar a paisagem como instrumento de conhecimento e reconhecimento - valor patrimonial - dos lugares que nos envolvem, nos servem de suporte e nos alimentam, lugares esses que foram construídos por nós próprios, enquanto sociedade.



Fig. 12: A governança da paisagem. Fontes: Bachhaus, Reichler e StremLOW (2008); DonnadiEU (2008)

## 9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos atualmente num processo de evolução das políticas de paisagem que requerem mudanças a nível social, cultural e individual (Backhaus, Reichler e StremLOW 2008). É certo que não é fácil ultrapassar a nossa matriz dual, mas será precisamente por essa razão que vai ser crucial ir integrando, de maneira progressiva, os aspetos intangíveis nos projetos de desenvolvimento das paisagens.

Ao rejeitar as atuais aporias das cidades e metrópoles insustentáveis, acabaremos por ser necessariamente confrontados com utopias realistas, tanto nos níveis local/regional, como a nível global. Porque, como sugere Forman (2008), precisamos sempre de ter presentes 'grandes quadros' - cenários globais sustentáveis -: "Pensa Globalmente, Planeia Regionalmente e Então Atua Localmente. Tem em mente o planeta quando tomas decisões diárias. Mas o mais importante será conceber um plano para cada paisagem e cada região para trazer sustentabilidade à natureza e às pessoas. Então, com esse grande plano em mãos, realiza as mudanças importantes e ajustamentos que encaixem no tal grande quadro" (Forman 2008, 317).

No caso da região urbana do Algarve, na qual a paisagem de socacos suportados por muros de pedra seca constitui uma parte importante em termos socio-\*ecológicos, o primeiro passo terá

que ser o conhecimento efetivo da presença física, extensão, adaptação topográfica, formas, combinações estéticas, bem como dos significados, símbolos, valores tecnológicos, ecológicos, socioeconómicos. Trata-se de aspetos que não mereceram, até agora, a devida atenção por parte dos organismos públicos responsáveis pelo ordenamento do território, apesar da cascada de planos que emergiram nas últimas duas décadas. Um segundo passo passará pela abertura de caminhos a formas mais democráticas de governança - *bottom up* ou combinação de *top down* e *bottom up* -, incentivando ações coletivas ou projetos concertados capazes de ultrapassar os mecanismos impositivos do planeamento convencional.

O facto de a estrutura dos muros de pedra seca do Algarve não apresentar uma modelação contrastante e espetacular limita um reconhecimento de valor patrimonial em termos convencionais. No entanto, o conjunto das paisagens mediterrânicas tradicionais de socacos vai adquirindo um reconhecimento crescente, tanto por parte de olhares informados como de formados e iniciados. Na parte ocidental da orla costeira sul da Península ibérica não tem havido um levantamento sistematizado capaz de conduzir a um conhecimento informado; os fortes impactos do setor turístico, nas regiões costeiras não têm sido compensados pela preocupação em valorizar a paisagem que pode alimentar o futuro desse mesmo setor.

Para prosseguir uma utopia realista, o mais importante será, sem dúvida, a tomada de consciência do valor cultural da paisagem por parte das pessoas que com ela coexistem. No sentido da paisagem como bem comum, muitos olhares precisarão de ser iniciados, especialmente entre os habitantes dos centros urbanos. Mas, por outro lado, o turismo terá todo o interesse em contribuir para uma 'artealização' da paisagem, para enfatizar os valores simbólicos e facilitar assim o reconhecimento do valor cultural. Nesta medida, podem haver possibilidades de reabilitar ou renovar uma parte da estrutura de muros de pedra seca da região urbano-turística do Algarve, aprendendo ao mesmo tempo a esquecer ... ao atribuir novos valores.

## 10 - BIBLIOGRAFIA

- Abreu, A., T. Correia, e R. Oliveira. *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental*. Lisboa: Direção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2004
- Antão, T. *O Espaço de Habitar Vernacular No Barrocal Algarvio*. Tese de Mestrado, Arquitetura, Universidade de Évora, Évora: Universidade de Évora, 2010
- Backhaus, N., C. Reichler, e M. StremLOW. "Conceptualizing Landscape: An Evidence-based Model with Political Implications." *Mountain Research and Development*, 2008: 132-139
- Berque, A. *Médiance, de milieux en paysages*. Paris: GIP reclus, 2000 (reed. 1990)

- Berque, A. "Tétralemme et milieu humain : la mésologie à la lumière de Yamauchi." *Ebisu* 49 (2013): 57-71
- Bethemont, J. "Sur les origines de l'agriculture hydraulique." Em *L'Homme et l'eau en Méditerranée et au Proche Orient*, de F. Métral e J. Métral, 57-72. Lyon: Maison de L'Orient, 1982
- Bragança, C. *Metodología para la evaluación de sistemas territoriales. Aplicación al sistema hidrológico-hidráulico del Algarve*. Tesis doctoral, Geografía e História, Universidad de Sevilla, Sevilla: Universidad de Sevilla, 2006
- Braudel, F. *Memórias do Mediterrâneo. Pré-história e Antiguidade*. Lisboa: Terramar, 2001
- Brisson, L. *Le même et l'autre dans la structure ontologique du Timée de Platon*. Sankt Augustin: Academia Verlag, 1994
- Costa, F., J. Brites, M. Pedrosa, e A Silva. *Carta hidrogeologica da orla algarvia*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1985
- Donnadieu, P. "As paisagens agriurbanas: uma utopia realista?" Em *Filosofia e Arquitetura da paisagem. Um manual*, de A. Serrão (coord). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012
- "Terraced Landscapes in Europe: Why, for whom and how?" *ALPTER project*. Ljubljana, Slovenia, 2008
- Feio, M. *Le Bas Alentejo et l'Algarve*. Évora, Portugal: Centro de Ecologia Aplicada da Universidade de Évora, 1983
- Forman, R. *Land Mosaics: The Ecology of Landscapes and Regions*. New York: Cambridge University Press, 1995
- Urban Regions. Ecology and Planning Beyond the City*. New York: Cambridge University Press, 2008
- Foster, G.R. "Terraces and Terracing." *Encyclopedia of Soil in the Environment*, 2004: 135-143
- Guerny, J., e L. Hsu. "Terraced Landscapes: Meeting to challenges to sustainability. A Northern Mediterranean agriculture perspective." *First Terraced Landscape Conference*. Honghe, China, 2010
- Hansen, B. "Ethics and Landscape: Values and Choices." *Ethics, Place and Environment* 4 (2000): 246-252
- Kaletsky, A. *Capitalism 4.0: The Birth of a New Economy*. London: Bloomsbury, 2011
- Larcena, D. "Terrasses et Eau Des Versants En Méditerranée. Dynamiques Écologiques et Économiques." Em *De L'eau Agricole À L'eau Environnementale. Résistance et Adaptation Aux Nouveaux Enjeux de Partage de L'eau En Méditerranée*, de C. Aspe, 241-252. Versailles: Éditions Quae, 2012
- Magnaghi, A. *Il progetto locale*. Torino: Bollati Boringhieri, 2000
- Naredo, J. "La Ordenación del Territorio: sus presupuestos y perspectivas en la actual crisis de civilización." *Cursos de Ordenación del Territorio*. Madrid, 1982
- Neuray, G. *Des paysages. Pour qui ? Pourquoi ? Comment ?* Gembloux: Les presses agronomiques de Gembloux, 1992
- Pandolfi, G. "Ritorno alla terra: problematiche legate all'accesso alla terra." *Scienze del territorio*, 2014: 287-298
- Petrella, R. *Le Bien commun. Éloge de la solidarité*. Bruxelles: Labor, 1996
- Reynès, A. *Patrimoni de Marjades a la Mediterrania Occidental. Una proposta de catalogacio*. Mallorca, España: Fodesma, 2000
- Roger, A. *Court Traité de Paysage*. Paris: Gallimard, 1997
- Watsuji, T. *Fūdo, le milieu humain*. Paris: CNRS, 2011 (1935)

## PAISAGENS EM TRANSIÇÃO

Carlos Bragança dos Santos

**Resumo:** A evolução da ideia de paisagem, no chamado 'mundo ocidental', é praticamente paralela ao despertar do sistema capitalista. Se bem que tenha proporcionado a emergência de elites com disponibilidade para desenvolver uma sensibilidade 'paisagística', este sistema, que faz da ciência a sua nova fé, assenta numa ética calvinista e na promoção da propriedade privada induzida pelo iluminismo, que tem conduzido a um distanciamento progressivo do sujeito humano em relação ao meio biofísico que o envolve e o alimenta. O presente artigo pretende assim sistematizar uma reflexão sobre as bases filosóficas do dualismo e do modernismo, mostrando o sentido ecuménico das sociedades ancestrais, as 'lógicas' orientais que se poderão contrapor ou complementar às atualmente dominantes, apontando ainda caminhos de transição que possam servir de alternativa à deriva insustentável de grande parte das paisagens atuais. Nesse sentido, alude-se ainda aos princípios éticos de particular utilidade para os técnicos que podem ter maior influência direta na transformação das paisagens, sublinhando metaforicamente três pilares fundamentais da arquitetura: o Verdadeiro, o Bem e o Belo.

**Palavras Chave:** Paisagem; História; Transição; Filosofia; Modernismo.

# LANDSCAPES IN TRANSITION

Carlos Bragança dos Santos

**Abstract:** The evolution of the idea of landscape, in the so-called 'western world', is practically parallel to the awakening of the capitalist system. While it has provided the emergence of elites willing to develop a 'landscape' sensibility, this system, which makes science its new faith, is based on a Calvinist ethic and on the promotion of private property induced by the Enlightenment, which has led to a Progressive detachment of the human subject from the biophysical environment that surrounds and feeds it. The present article intends to systematize a reflection on the philosophical bases of dualism and modernism, showing the ecumenical sense of ancestral societies, the oriental 'logics' that can be counterposed or complementary to those currently dominant, pointing out still paths of transition that may serve as Alternative to the unsustainable drift of much of today's landscape. In this sense, it is also alluded to ethical principles of particular utility to technicians who may have a greater direct influence on the transformation of landscapes, metaphorically underlining three fundamental pillars of architecture: the True, the Good and the Beautiful.

**Keywords:** Landscape; History; Transition; Philosophy; Modernism.

# PAISAGENS EM TRANSIÇÃO

Carlos Bragança dos Santos

## 1 - INTRODUÇÃO

Uma das pedras de toque na formação de uma consciência de paisagem reside no reconhecimento dos valores atribuídos ao meio que nos envolve. Essa consciência varia em função do contexto cultural de cada sociedade e da trajetória histórica desse contexto. Para um cidadão 'ocidental', por exemplo, será difícil imaginar que uma montanha olhe para ele e manifeste a sua sensibilidade. Já nas culturas asiáticas essa ideia apresenta-se com muito maior naturalidade, dado que as perspectivas de fusão entre a sociedade e o seu meio estão mais assimiladas e interpreta-se a paisagem de uma maneira que, mesmo tendo substância, tende para o espírito (Berque 2013). Tal atitude surge em consequência de uma 'lógica' distinta ou de um tempo de maturidade diferente.

Com efeito, a valoração da paisagem surge nas sociedades asiáticas cerca de mil anos antes de começar a ter consistência nas ditas sociedades 'ocidentais'. Por outro lado, ainda que possa parecer estranho considerar a paisagem uma invenção protestante (Roger 1997), dificilmente poderemos separar a evolução da ideia de paisagem do despertar do sistema capitalista e sua posterior consolidação. É de par com essa consolidação que evoluem as relações sociedade-natureza nas sociedades ditas ocidentais. Não poderemos, assim, desprezar a base filosófica deste sistema, para qual concorrem particularmente a ética calvinista de um lado e, do outro, o iluminismo, com todas as implicações na promoção da propriedade privada (Niño 2009).

De modo ainda mais profundo, a base ontológica moderna, que tem a sua origem na filosofia grega (Berque 2008) (Naredo 1982) entorpeceu inclusivamente visões substancialmente diferentes do sistema capitalista. Por exemplo, a questão espacial está praticamente ausente na obra de Marx, onde as alusões à paisagem se centram na denúncia da paisagem-espetáculo, enquanto produto mercantil, sem chegar a explicar o papel da paisagem num modelo de relação



social ou de produção. A aceção moderna da paisagem deriva, efetivamente, de uma visão da relação entre a sociedade e a natureza baseada numa apropriação, domínio e manipulação dos elementos naturais. Na sua fase pós-moderna, essa relação reflete-se num discurso e prática intermitente de 'reabilitação' e proteção inseridos num ritual legitimatório de uma filosofia extrativa globalmente insustentável. São estas as principais razões que nos levam a explorar bases históricas e geográficas em busca de transições.

Começaremos por recordar alguns aspetos das sociedades ancestrais e pré-modernas, com sentido ecuménico - fusão com o mundo conhecido de que dependiam - que adoravam os elementos e processos naturais celebrando rituais complexos reveladores de uma ética de paisagem. Contrastando com estas sociedades sem Estado, as estruturas institucionais que emergiram de uma elaborada hierarquia social e religiosa - centralização política e monoteísmos - conduziram, particularmente na Europa, a um distanciamento progressivo das sociedades em relação ao 'seu' mundo, tornando cada vez mais difícil o entendimento do sentido das paisagens.

Referimos ainda as culturas asiáticas nas quais as crenças religiosas não chegaram a atingir um carácter tão marcadamente monoteísta, permitindo formar uma ética de paisagem com particular ênfase na espiritualidade e na arte. Semelhantemente às sociedades ancestrais, a afirmação de domínio e poder sobre o espaço não tinha, em tais circunstâncias - espiritualidade e arte - o significado atingido na Europa.

O facto é que nos encontramos hoje num mundo globalizado, dominado pelo paradigma científico, à luz do qual se concebem as relações sociedade-natureza que, através de um domínio difuso do poder (Debord 1999), legitimam a instituição de uma série de normas de gestão ambiental. E, dentro dessa visão imperante, a paisagem tende a figurar como um recurso mais a 'ordenar' para explorar exaustivamente.

Estes apontamentos induzem-nos a procurar a escala - também no sentido de escada, ponte, projeção - que possa permitir escapar a todo este processo de modernização ecológica. Sem alterar a nossa identidade nem voltar atrás na história, afiguram-se-nos interessante iniciar uma transição para um processo de ordenamento da paisagem que, segundo o filósofo japonês Tetsuro Watsuji, se baseie na união dinâmica, no ser humano, de uma dimensão individual e uma dimensão coletiva (Watsuji 2011 (1935)). Nesse sentido, será sempre útil recordar os princípios éticos contidos no primeiro tratado da arte dos jardins, elaborado há quase mil anos, eloquentemente adaptados na prosopopeia de Toshitsuna elaborada pelo sinólogo e geógrafo francês Augustin Berke.

## 2 - AS PAISAGENS PRÉ-MODERNAS

Os critérios de ordenamento espacial foram, desde épocas imemoráveis, concebidos em função da maneira como as sociedades viam o mundo, refletida de forma geral nas crenças mítico-religiosas e nas formas de organização social (Naredo 1982). Com efeito, muitas das crenças e práticas sacralizadoras traduziram-se em simbologias que foram sobrevivendo até à Idade Moderna na Europa. Como refere Mircea Eliade (Eliade 1975), os edifícios isolados ou em conjunto, todo o habitat, para poder durar e ser real tinha que obedecer a um ritual de construção que refletisse o centro do mundo. A ideia guia, presente em várias culturas, mesmo geograficamente distantes, era que o mundo tinha começado num centro, o cume da montanha cósmica em que o céu e a Terra se unem. Por essa razão se generalizaram as formas circulares do espaço doméstico, presentes em várias partes do mundo: igloo dos esquimós, palhotas ou casas circulares de pedra celtas, tepees dos índios americanos, yurtas dos pastores nómadas na Ásia central, etc.

As próprias cidades se organizavam a partir de um centro que adquiria um carácter sagrado, mantido através de rituais, e onde se guardavam as relíquias e objetos associados ao sagrado, convertendo-se assim no núcleo que devia ocupar a parte mais elevada, reforçada por edifícios de maior altura. Representava a cúspide da montanha sagrada, para facilitar o contacto com o céu e era o ponto de convergência dos poderes estatal e mítico-religioso. Simbolizava o eixo do mundo, resultante da interseção de um eixo vertical com outros dois eixos no sentido horizontal que indicavam os quatro pontos cardeais.

Projetava-se assim uma hierarquia no espaço urbano em função deste centro, rodeado por uma muralha, que não servia apenas de defesa do ponto de vista militar, mas que era também mágica. Na muralha abriam-se portas para os quatro pontos cardeais e o oriente tinha um simbolismo acrescido como reminiscência do culto ao sol que desse lado nascia todos os dias (Naredo 1982). Deste modo, a intervenção humana na paisagem era fundamentalmente adaptativa e ecuménica, no sentido que Berque (Berque 2000 (reed. 1990)) destaca, de relação existencial entre os homens e os lugares. Tratava-se, pois, de uma 'cosmicidade' baseada na combinação do microcosmos - corpo, sala -, do mesocosmos - aldeia, campo - e do macrocosmos - mundo, universo.

A mitologia grega adapta o sentido mítico-religioso manifestado de forma independente em várias partes do mundo, como expressão de um inconsciente coletivo (Jung 1939) (Naredo 1982). Por exemplo, Hestia, a deusa do lar, cujo símbolo é o círculo, acabaria por influenciar a forma do espaço de reunião de grupos familiares, o Tolos, que ocupava um lugar central no

espaço público dos cidadãos e em cujo centro ardia um lar simbólico; mantinha-se assim viva a chama de uma visão arcaica, que prevaleceu mesmo depois de as construções domésticas deixarem de ser de forma circular (Eliade 1975).

À medida que se vai institucionalizando um poder social que se sobrepõe aos grupos de diferentes clãs ou famílias, vão surgindo hierarquias no mundo sobrenatural que acabam por se traduzir no predomínio de apenas alguns deuses, até se chegar, com a consolidação do poder Estatal, à figura de um Deus supremo, o monoteísmo. Isto espelha uma diferença abismal em relação às sociedades sem Estado, nas quais os panteísmos infundiam vida e sacralidade aos mais diversos elementos do meio e onde só ocupavam um lugar destacado as representações simbólicas da fertilidade e da feminidade, em paralelo com o tempo lunar (Naredo 1982).

Esta deslocação hierárquica no sobrenatural foi ocorrendo à medida que a agricultura, baseada no horto neolítico, a cargo da mulher e marcado pela feminidade, foi cedendo o lugar ao arado, de realização masculina. Quando os rituais de culto à fecundidade baseados na maridagem entre o Céu e a Terra - o arado que penetra na Terra - perderam a sacralidade, por força da repetição, os sulcos do arado foram reproduzindo nos campos de cultura as formas retangulares dominantes nas urbes, tendo-se iniciado, deste modo, os sistemas agrários de grande escala das antigas civilizações mediterrâneas.

O poder imperial de Roma acabaria por aplicar as mesmas normas 'geometrizadoras' do espaço a todos os territórios dominados, ao mesmo tempo que unificava a ordem divina e a terrena, a ágora e o templo (id.). Esta circunstância acabaria por marcar a organização espacial na Europa até aos nossos dias, expandindo-se a quase todo o mundo a partir dos Descobrimentos, através das potências coloniais.

Sendo por demais conhecido que Roma assimila muito da cultura grega, as raízes filosóficas da 'acosmicidade' que prevaleceu até à atualidade, podem ser encontradas no Timeu de Platão, onde se reconhece uma impossibilidade na interdependência entre o sujeito humano e o meio que o envolve<sup>107</sup>. Platão identificou a *chôra*, correspondendo ao espaço que envolvia a urbe e que a alimentava, contendo ao mesmo tempo a marca da sociedade alimentada por ela; vista, assim, como uma coisa e o seu contrário, apenas podia constituir um terceiro género, uma aporia. Isso levou a que o meio biofísico, fosse sempre uma entidade exterior ao sujeito humano,

---

<sup>107</sup> Como refere Augustin Berque (Berque 2013): "... é esta integração geral [do micro, meso e macrocosmos] que o dualismo decompõe, ao introduzir a excisão entre sujeito e objeto, e ao lançar assim nas trevas do terceiro excluído este «terceiro e outro género» (*triton allo genos*) que Platão, no Timeu (48e3), reconhecia portanto à *chôra*, ou seja, ao meio necessário à existência do ser relativo (*genesis*) [8]. Com efeito, sendo ao mesmo tempo a matriz (*mêtêr*: mãe, 50d2 ; *tithênê*: alimentadora, 52d4) e a marca (*ekmageion*, 50c1) da *genesis*, portanto simultaneamente uma coisa e o seu contrário, a *chôra* contrapõe-se ao mesmo tempo ao princípio de identidade (A é A) e ao princípio de contradição (A não é não-A). O racionalismo de Platão classifica, portanto, esta ideia de meio como «difícilmente crível» (*mogis piston*, 52b2), ao derivar o meio de um «raciocínio bastardo» (*logismo tini nothô*, 52b2), o que faz com que «se sonhe ao vê-lo» (*oneiropoloumen blepontes*, 52b3)."

ideia básica do dualismo presente na lógica aristotélica e que formata o chamado pensamento ocidental.

Efetivamente, segundo Berque (Berque 2000 (reed. 1990)), o sentido dual da lógica de Platão faz com que se deixe de relacionar o micro com o meso e o macrocosmos, enquanto componentes intrínsecos da identidade humana; por outras palavras, o lugar passou a ser considerado um fator exterior ao próprio indivíduo, em vez de fator fundamental da sua identidade. Isso daria aso a que o meio [biofísico] viesse a ser considerado, na ótica de Descartes, um objeto neutro, ou, na física Newtoniana, um espaço absoluto, homogêneo, isotrópico e infinito (Naredo 1982).

No fundo, as bases ontológicas do modernismo, que encontram referência no Timeo, acabam por ter uma influência determinante na forma de entender as relações com o ambiente, refletindo-se nas formas de organização espacial até aos dias de hoje.

### **3 - A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE PAISAGEM**

Os tetralemes<sup>108</sup> (Nagarjuna 1995) (Barthes 2002 (1970)) (Rambelli 2011) dos 'lógicos' da Índia no século III iriam ter uma influência muito diferente, nas culturas asiáticas, ao incluir a existência do terceiro excluído - a *chôra* identificada por Platão - como um estado formado simultaneamente pela matriz e a marca, o que é considerado impossível à luz do dualismo que só considera ou uma coisa ou o seu contrário. Esta forma de ver el mundo, comum às diferentes filosofias da Índia, refletia a unidade do ser e do seu meio (união da geração e da marca - uma coisa e o seu contrário) num estado existencial (Watsuji 2011 (1935)).

No século IV, ao sul da China, a perda de influência do confucionismo, que tinha servido de suporte ideológico ao império Han (contemporâneo do império romano), acaba por permitir o florescimento da perspectiva taoísta, que exalta a natureza e adota, de certo modo, a base ontológica do tetraleme. Como refere Berque (Berque 2013), depois de uma época de grandes conflitos, a dinastia Jin encontra refúgio ao sul do Yangtzé; aqui, as elites culturais deparam-se com um relevo bastante mais acidentado que nas grandes planícies da China do norte. Diante deste este novo mundo, o talento literário destes mandarins iria gerar uma ideia de fusão entre o ambiente, enquanto sujeito, e a paisagem<sup>109</sup>, enquanto predicado (o terceiro excluído).

---

<sup>108</sup> O tetraleme de Nagarjuna desconstrói a 'lógica' em 4 lemes: A (asserção), não-A (negação), nem A nem não-A (binegação), A e não-A (biasserção). Apenas os dois primeiros lemes são admitidos na 'lógica', correspondendo aos princípios de identidade e de contradição. No entanto, os terceiro e quarto lemes encaixam na ótica budista do Grande Veículo da 'verdade suprema' (Berque 2013) (Rambelli 2011).

<sup>109</sup> Adaptação do étimo *shānshuǐ*, que antes designava a água das montanhas.

A esta integração do ser humano e da sociedade como parte integrante do meio em que vive, Watsuji (Watsuji 2011 (1935)) chamará *fudosei*, traduzido para inglês como *betweenness*, para espanhol como *ambientalidad* e que Berque (2000) traduz para francês como *mediance* - de metade, meio. Watsuji (Watsuji 2011 (1935)) considera, portanto, esta 'mediança' um "momento estrutural da existência humana", devendo ser entendido o *momento*, neste contexto, não no sentido mais comum de curto lapso temporal, mas com o sentido que é utilizado na mecânica: potência para mover, produzida pela combinação de duas forças, neste caso, do ser individual por um lado e, por outro, o meio em que ele se encontra. Com esse sentido se diz que a paisagem exerce uma mediação entre uma sociedade e o ambiente em que se encontra (Berque 2013).

Acaba, pois, por ser uma elite letrada a instituir a ideia de paisagem, através da arte, principalmente da pintura e da poesia. Como refere Roger (Roger 1997), aos olhos ocidentais, choca a meticulosa precisão dos seus códigos e preceitos. A nível da técnica de pintura, como destaca Vandier-Nicolas (Vandier-Nicolas 1982), há uma utilização sistemática da oposição do ying e do yang. Os textos poéticos, muitas vezes incluídos nas próprias pinturas, impressionam pela exigência espiritual que os anima (Roger 1997), descrevendo de maneira elegante as relações de ordenamento da paisagem, como podemos apreciar no seguinte poema:

*Pôr demasiada ênfase nas figuras humanas, é pecar pela vulgaridade;  
Dar demasiada importância aos pavilhões e aos templos, é pecar pela  
confusão;  
Ocupar-se demasiado [da representação] das pedras, é mostrar apenas a  
ossatura [da paisagem];  
Insistir demasiado sobre [a representação] a terra, é dar-lhe demasiada  
carne. [...]  
A montanha tem os cursos de água por artérias, as ervas e as árvores por  
cabeleira, as brumas e as nuvens por coloração.  
É por isso que a montanha deve à água a vida que a anima, às ervas e às  
árvores a sua beleza, aos fumos e às nuvens o seu charme.  
A água tem na montanha a sua cara, nos quiosques e pavilhões as suas  
sobrancelhas e olhos, na pesca a fonte de animação.  
Também a água deve à montanha a sua sedução, aos quiosques e pavilhões  
a sua clareza e alegria, à pesca a sua poesia.  
Assim estão ligadas as montanhas e as águas.  
(Kouo Sseu, citado por Vandier-Nicolas, 1982)*

Para além deste sentido de ordenamento da paisagem, há ainda a questão da atribuição de um preço, um valor acrescentado derivado do facto de esta elite poder apreciar a beleza da paisagem, por ter gosto, quando o cidadão comum, que trabalhava a terra, não o poder alcançar, não sendo, portanto, capaz de experimentar tal fruição (Berque 2013). Daí que, apesar destas formulações, a apreciação da paisagem tenha permanecido durante muitos séculos no domínio de elites.

No contexto europeu, marcado pelo dualismo e pela acosmicidade acima referida, a prevalência da religiosidade monoteísta teve como consequência uma imposição do olhar para dentro que condiciona as próprias elites. Deus era o criador de todas as coisas da Natureza e o Homem deveria apenas preocupar-se em cuidar da sua alma não lhe sendo permitido julgar a obra de Deus, o que inibia a representação da harmonia dos vários elementos naturais no seu conjunto. Conforme expõe Niño (Niño 2009), para a moral católica, a vida terrena não era mais que um trânsito para a vida eterna, pouco importando padecimentos e sofrimentos, dado que aquela vida eterna seria a verdadeiramente importante aos olhos de Deus. Deste modo, os fiéis nem sequer podiam falar com Deus diretamente; unicamente os ministros da Igreja, e no idioma divino, o latim, podiam fazer de transmissores entre os fiéis e Deus.

Assim, as representações de elementos naturais na pintura, por exemplo, apareciam apenas isoladamente como decoro de personagens ou cenas, mas nunca num conjunto que revelasse um ambiente natural (Roger 1997). No entanto, por razões técnicas ligadas ao desenvolvimento da perspetiva, acaba por se verificar como que uma laicização dos elementos naturais, que foram aparecendo em janelas e formando conjuntos que refletiam as suas interrelações ambientais, ou seja, foram sendo representadas paisagens. Quando as janelas em que apareciam essas representações passaram a ocupar toda a cena ou fundo da tela, na pintura flamenga do século XVI, pode-se então considerar que surge a ideia de paisagem ocidental (id.), *in visu* com atributo estético. No entanto, só a partir do movimento romântico, especialmente em finais do século XIX, é que a ideia atinge uma projeção importante a nível de diferentes artes (Alves 2001).

Na interpretação de Humboldt, a paisagem começou por ser uma criação do homem urbanizado do norte da Europa (Buescu 1990), mas com lógicas e circunstâncias muito diferentes da ideia de paisagem criada na China. Um traço comum será o facto de, tanto nas elites chinesas como nos românticos europeus, a fruição da paisagem ser restringida a uma minoria com condições de autonomia e liberdade nas faculdades sensitivas derivadas de uma emancipação em relação às preocupações mais prementes de sobrevivência (Riesco 2003). Este facto marca de algum modo uma distância, mais acentuada no caso europeu, onde "A própria distância ao mundo vital

de quem já não vive diretamente na natureza e da natureza parece ser uma condição prévia e necessária ao desenvolvimento de um órgão capacitado para a fruição estética da natureza enquanto paisagem” (Groh 1991, 93) em (Riesco 2003).

#### **4 - RELAÇÕES SOCIEDADE-NATUREZA E EXERCÍCIO DE PODER**

Nesta mesma época em que surge na Europa a ideia de paisagem verifica-se o ruir da cosmologia medieval em resultado da teoria heliocêntrica de Copérnico. O Homem e a sua morada deixavam de ser o centro do universo para passar a constituir um grão de pó cósmico entre inúmeros sistemas estelares. Mas, em vez de uma consciência de adaptação à reduzida dimensão da sua morada, o Homem haveria de converter-se de novo no centro, sendo o universo e a natureza as forças a dominar. A ciência haveria de surgir como novo poder espiritual em substituição da religião e criar uma fé no progresso infinito, baseada nas teorias alquímicas medievais do crescimento dos minerais<sup>110</sup> (Naredo 1982). A razão, a ciência e o trabalho seriam, pois, as alavancas para conseguir transcender o ambiente físico-temporal em que se desenvolvia a vida.

Por outro lado, há a considerar a afirmação do luteranismo e do calvinismo, que vieram trazer uma ética completamente diferente à religiosidade, cimentando as bases do sistema capitalista. Na perspetiva calvinista,

*... a vida de cada pessoa encontra-se predeterminada; não obstante, o uso que cada um faça do seu potencial e de tudo o que Deus pôs ao seu alcance fará com que seja melhor ou pior aos olhos d'Ele, já que cada qual se preocupará em utilizar da melhor maneira possível tudo o que Deus criou, e procurará contribuir para essas criações divinas com as características desenvolvidas pela sua atividade e trabalho. Nessa ordem de razão, a comunicação com Deus deve realizá-la cada pessoa, sem intermediários, e deve fazê-lo no seu próprio idioma.* (Niño 2009, 42).

Em consequência, a maximização do lucro individual passa a ser o objetivo central nos países em que vingou a ética calvinista, uma vez que, entre outros aspetos, a usura deixa de ser considerada pecado. Posteriormente verificar-se-á nessas regiões do norte da Europa um significativo avanço na atividade económica, em contraste com as zonas do sul dominadas pela

---

<sup>110</sup> Como assinala Naredo (Naredo 1982), as teorias alquímicas da Idade Média tinham desenvolvido a crença no crescimento e aperfeiçoamento dos minerais, que, apesar dos progressos na física, haveria de continuar em vigor durante o século que vai desde a publicação dos *Princípios* de Newton em 1687 até à publicação do *Tratado elementar de química* de Lavoisier em 1789 que consolidou a mineralogia e a geologia modernas, refutando definitivamente a ideia da geração de mineral.

Contrarreforma. Por outro lado, a Ilustração, derivada do calvinismo, viria a afirmar-se como a base filosófica do sistema, "... ao aprofundar o conceito de liberalismo e, a partir deste, o de propriedade privada." (ibd.).

Temos então os ingredientes fundamentais das relações entre as sociedades capitalistas modernas e a natureza, que marcam o 'espírito' do ordenamento do território. Como refere Mircea Eliade:

*Os alquimistas (...) anteciparam o essencial do mundo moderno. A química não recolheu mais que fragmentos insignificantes da herança alquimista. A maior parte desta herança encontra-se fora, nas ideologias literárias de Balzac, de Victor Hugo, dos naturalistas, nos sistemas da economia capitalista, liberal ou marxista, nas teologias secularizadas do materialismo, do positivismo, do progresso infinito, por todo o lado onde aparece a fé nas possibilidades ilimitadas do hommo faber, por todo o lado onde aparece a significação escatológica do trabalho, da técnica, da exploração científica da natureza. (Eliade 1975, 147).*

O ambiente é assim entendido como território que é preciso ordenar para exercer poder, administrar, explorar indefinidamente. Com efeito, a perspectiva dualista exacerba a condição do meio enquanto objeto exterior ao ser humano e não parte dele próprio. No campo individual, pode-se constatar facilmente uma grande preocupação em organizar o espaço doméstico, com interiores lustrosos, mobiliários lacados, paredes bem pintadas, complementado com um carro apresentável, o que corresponde aos espaços dominados. Este hipercontrolo sobre os elementos do espaço doméstico, privado, contrasta quase sempre com a indiferença revelada em relação à desorganização e/ou degradação reinante nos espaços públicos dos bairros em que o espaço doméstico está implantado (Riesco 2003). Estabelece-se, em suma, um distanciamento cada vez mais acentuado entre dois tipos de espaços: o privado - doméstico, hipercontrolado - o público - distante, desprezado. Assim se repete, mais uma vez, a tragédia dos bens comuns (Hardin 1968), com sentido de uma tragédia grega que, por natureza, nunca poderá acabar bem.

## **5 - A AGONIA DA PAISAGEM**

No século XX, ao mesmo tempo que foi emergindo a sensibilidade para a paisagem, através da injeção de espiritualidade e imaginação, deu-se a coincidência histórica de considerar o ambiente simultaneamente um gigantesco reservatório e uma enorme lixeira. Como refere Riesco (Riesco 2003), não é por acaso que o romantismo e a máquina a vapor são



contemporâneos, “o dom de perceber dimensões exaltantes na natureza é historicamente simultâneo do mais absoluto sentido indefeso do meio natural perante a prepotência humana.” (Riesco 2003, 59).

A massificação da percepção das paisagens, por força da velocidade de transformação dos meios visuais, desde a pintura ao cinema, à televisão e à internet, acabaria por gerar imaginários e novos simbolismos, que tantas vezes tiveram influência real na transformação do território. Neste processo de ‘videalização’ (Debray 1992), como resume (Alves 2001), foram sendo reabilitadas imagens antes hostis, como os desertos - retratados com grandes dunas de areia e oásis de palmeiras -, e sendo socialmente construídos quadros que muitas vezes pouco têm a ver com a realidade geográfica a que deveriam corresponder, mas que adquirem grande potencial simbólico. Antes do turismo em grande escala, os filmes de cowboys trouxeram ao grande público as paisagens dos parques nacionais dos EUA, difundindo a ideologia de fronteira e apropriação igualitária do espaço para legitimar a colonização, a destruição das populações indígenas e, assim, ajudar a construir a identidade territorial americana (DiMéo 1998).

A comercialização da paisagem acaba por se impor de uma forma muito potente.

*... a sociedade no seu conjunto não deteta na paisagem uma fonte de preocupações, mas antes um reconfortante fornecedor de imagens vagamente mercantis: a paisagem como denominação de origem, como parque temático, ou como quadro turístico e gastronómico. O resto do território torna-se invisível e é sancionado socialmente como uma não-paisagem onde se pode dar rédea solta às expansões do lucro.* (Riesco 2003, 59)

Paralelamente, à medida que se foi intensificando o processo de industrialização e urbanização, foi crescendo um sentimento de fim de um mundo, que contaminaria todas as esferas da sociedade, sentimento esse relacionado com o desaparecimento das paisagens herdadas, com séculos de codificação e educação do olhar, pondo termo a toda uma conceção estética e funcional baseada em imagens de paisagens naturais e rurais (Sgard 2012). Esse sentimento irá chegar ao ponto de uma declaração da morte da paisagem no início dos anos 80, em França (Dagognet 1989), que viria a ser ultrapassada por uma reflexão sobre a modernidade na qual merecem destaque a ‘artealização’ da paisagem de Alain Roger e as propostas de Agustín Berque em torno de um conjunto de critérios de caracterização em função do léxico e das formas de representação artística.

De todas as formas, entrados no século XXI, as avaliações 'objetivas' da paisagem não revelam mudanças significativas. Por exemplo, segundo (Nohl 2001), as tendências nas paisagens atuais, particularmente no aspeto estético, podem ser identificadas do seguinte modo:

1. *Evolução para uma textura de grão grosseiro.* O sentido do misterioso desaparece para o observador, porque os ritmos da paisagem tradicional se simplificam e a sutileza, as minúcias e irregularidades, são substituídas por grandes unidades homogêneas e monofuncionais.
2. *Empobrecimento formal.* Definem-se polígonos de exploração, com culturas agrícolas e alinhamentos arbóreos ordenados para substituir o conjunto de elementos tradicionais, tais como os socalcos, bosquetes, cabanas, cercados ou valados.
3. *Desestabilização do campo preceptivo.* Percepção desestabilizada, com perda de referências identificadoras, sem âncoras cognitivas, em resultado do desaparecimento de elementos enraizados, que constituíam referências do lugar.
4. *Alienação.* Sentimentos de desapego e desorientação no observador, produzidos por elementos repetitivos procedentes da escala global, sem conexão com los dados do lugar - antenas de comunicações, cartazes publicitários, aerogeradores, torres de alta tensão, autoestradas, etc.

## **6 - PERSPETIVAS DE TRANSIÇÃO**

No debate, que continua em aberto, quanto às perspetivas de evolução das paisagens, pese a agonia identificada, assumem particular importância as reflexões sobre a escala e o envolvimento da sociedade, tendo em conta que "As paisagens nunca estão completas. Antes, estão a ser constantemente construídas e reconstruídas através do compromisso das pessoas com as suas próprias imagens e com o seu ambiente físico." (Backhaus, Reichler e Stremlow 2008).

Tendo em linha de conta que a aceleração das mudanças que presenciamos nas paisagens atuais, conduziu a tantas situações ecologicamente insustentáveis e sem aparente solução, as medidas de carácter horizontal resultantes da aplicação do quadro legislativo quanto à proteção da paisagem não serão suficientes para inverter a agonia. Com efeito, a institucionalização de uma ciência da paisagem, de apoio ao processo convencional de ordenamento do território que alimenta as mensagens apolíneas da Administração (Riesco 2003), acaba por se refletir numa

incitação à expansão de usos e exploração de recursos, debaixo de uma capa de garantia de intervenção equilibrada sobre a paisagem.

Para ultrapassar essas ausências de solução será necessário procurar utopias positivas para prospeção da evolução da paisagem enquanto parte viva - de maior atividade biológica - dos lugares que a maioria das pessoas habita. As utopias positivas são guiadas por valores de bem-estar comum, sem aporias nem dramas sociais, procurando a riqueza comum baseada na solidariedade e respeito mútuo (Donnadieu 2012).

O conceito de região urbana proposto por (Forman 2008), decorre precisamente da escala em que a população poderá agir conscientemente sobre os fatores naturais, tanto nos espaços urbanos convencionais como na respetiva envolvente, para produzir efeitos de forma mais eficaz e duradoura. Este conceito considera que os espaços urbanos convencionais mais densos e toda a sua envolvente formam uma unidade indivisível, considerando incluídos nesta envolvente tudo o que sejam pequenas aldeias, edificação dispersa, espaços agrícolas, florestais, de uso recreativo, zonas húmidas, etc.

Trata-se, no fundo, de recolocar o problema formulado por Platão no *Timeu* a propósito da *chôra*, para se voltar a considerar o Kosmos. De facto, restam poucas dúvidas de que as reais aporias de hoje são as grandes metrópoles, na maneira como funcionam. É também nesse sentido de íntima relação dos espaços urbanos e a respetiva envolvente, que Donadieu (Donnadieu 2012) caracteriza as utopias positivas, denunciando o futuro insustentável das cidades sem agricultura de proximidade; inverte-se assim o sentido da aporia que Platão atribuía à *chôra*.

Apesar das tendências atualmente dominantes, vislumbram-se novas culturas mais conformes com a ultrapassagem do dualismo moderno. Como refere (Gavira 2015, 29) "... florescem novos movimentos e comunidades que apostam pela *ecomimesis* e uma cultura mais eco-responsável do comum, suscetível de transformar a vida, a sociedade e a própria cultura fazendo uma gestão que trata de responder aos novos desafios incorporando um compromisso pessoal e coletivo e apostando por uma nova forma de espiritualidade baseada na sacralização da Terra e dos seus dons."

Por outro lado, haverá que relembrar alguns dos princípios éticos que deveriam nortear os profissionais que mais diretamente se dedicam a projetos específicos de intervenção na paisagem, abrindo caminho para que, no dizer de Berque (Berque 2013), a arquitetura recupere o seu solo - partindo do solo de um ambiente em concreto - e deixe de opor a tecnicidade ao simbólico, para recuperar os três valores básicos: o Bom, o Verdadeiro e o Belo.

Fará assim todo o sentido transcrever princípios de ordenamento da paisagem na presopopeia que este mesmo autor elaborou, a partir do primeiro tratado da arte dos jardins japoneses de Toshitsuna datado de há quase mil anos.

*Para ordenar uma paisagem, devemos antes de mais imbuir-nos do seu sentido.*

*Em primeiro lugar, o sentido [fuzei 風情] dos lugares e o sentido do ordenador, que são preciosos de maneira igual, devem-se aliar harmoniosamente. O ordenador deve explicar a imaginação e a sensibilidade em grau não inferior ao de criar e descobrir o caráter ecológico e simbólico dos lugares a ordenar.*

*Item, o caráter dos lugares e o gosto do ordenador, se bem que especiais, inserem-se um e outro num meio físico e social. O ordenador prestará a maior atenção a este meio.*

*Item, o meio exprime-se em primeiro lugar através de uma procura social direta: são as vontades de quem dá as ordens, portanto, o ordenador deve forçosamente tê-las em conta. Para isso, precisará de mobilizar com o melhor custo os meios disponíveis empregando todos os recursos da sua razão de cálculo. Esta, no entanto, não passa de um instrumento, não é uma orientação.*

*Item, o meio traduz-se também num certo ecossistema, no qual o ordenador deverá cuidar de apenas modificar harmoniosamente os agentes. Ele tomará grande cuidado em circunscrever os efeitos das perturbações que os seus trabalhos provocam, compensando esses efeitos pela necessidade de introduzir fatores corretivos. Nisso ele mobilizará a inteligência da natureza das coisas; porque essa é a orientação da ciência: o Verdadeiro.*

*Item, o ordenador não deve ter em menor conta a procura social latente, a qual irá interpretar segundo os valores estéticos e éticos dos quais o ambiente já construído constitui uma das manifestações. De qualquer modo, não menos que à presença das coisas, deve ser sensível às representações que a sociedade em causa faz dessas mesmas coisas. Nisso, explorará o campo dos valores sociais; porque é a orientação da moral: o Bem.*

*Item, o ordenador deve guardar no espírito as formas mestras [ôsugata 大姿] das paisagens de memória coletiva que lhe evocam os lugares a ordenar, de maneira a poder aí exprimir estas formas através da metáfora. Por meio de tais compromissos, articulará a paisagem local com as motivações que a sociedade em causa manifesta*

em relação a essa mesma paisagem. Precisar, pois, de reconhecer os motivos, para o que irá investigar os gostos dessa sociedade. Ao procurar estes motivos com formas novas, o ordenador poderá simultaneamente valorizar o meio no seio do qual a sua obra se insere, e fazer brilhar o lugar especial que está a ordenar; porque essa é a orientação da arte: o Belo. (Berque 1986, 196).

## 7 - BIBLIOGRAFIA

- Alves, T. "Paisagem - em busca do tempo perdido." *Finisterra*, 2001: 67-74
- Backhaus, N., C. Reichler, e M. Stremlow. "Conceptualizing Landscape: An Evidence-based Model with Political Implications." *Mountain Research and Development*, 2008: 132-139
- Barthes, R. *L'Empire des signes, dans Roland Barthes. Œuvres complètes, tome III*. Paris: Seuil, 2002 (1970)
- Berque, A. "De la constitution du sujet dans le paysage." École nationale supérieure d'architecture de Paris-La Villette, Paris, 2013
- Berque, A. "La chôra chez Platon." Em *Espace et Lieu dans la pensée occidentale de Platon à Nietzsche*, de T. Paquot et C. Younès (dir.), 13-27. Paris: La Découverte, 2012
- La pensée paysagère*. Paris: Archifou, coll. Crossborders, 2008
- Le sauvage et l'artifice—Les Japonais devant la nature. 2ème partie: La raison du milieu*. Paris: Gallimard, 1986
- Médiance, de milieux en paysages*. Paris: GIP reclus, 2000 (reed. 1990)
- Berque, A. "Tétralemma et milieu humain : la mésologie à la lumière de Yamauchi." *Ebisu* 49 (2013): 57-71
- Buescu, H. *Incidências do olhar: percepção e representação*. Lisboa: Caminho, 1990
- Dagognet, F. *Mort du paysage? Philosophie et esthétique du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1989
- Debord, G. *Comentarios sobre la sociedad del espectáculo*. Barcelona: Anagrama, 1999
- Debray, R. *Vie et mort de l'image. Une histoire du regard en Occident*. Paris: Gallimard, 1992
- DiMéo, G. *Géographie sociale et territoires*. Paris: Ed. Nathan, 1998
- Donnadieu, P. "As paisagens agriurbanas: uma utopia realista?" Em *Filosofia e Arquitetura da paisagem. Um manual*, de A. Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012
- Eliade, M. *Traité d'histoire des religions*. Paris: Flammarion, 1975
- Forman, R. *Urban Regions. Ecology and Planning Beyond the City*. New York: Cambridge University Press, 2008
- Gavira, L. *Gestión de la cultura y gestión de la vida*. Madrid: Ed. Cinca, 2015
- Groh, R. und Groh, D. *Weltbild und Naturaneignung. Zur Kulturgeschichte der Natur*. Frankfurt, 1991
- Hardin, G. "The Tragedy of the Commons." *Science*, 1968: 1243-1248

- Jung, C. *Phénomènes occultes*. Paris: Ed. Montaigne, 1939
- Nagarjuna. *Traité du milieu*. Paris: Seuil Points/Sagesses, 1995
- Naredo, J. "La Ordenación del Territorio: sus presupuestos y perspectivas en la actual crisis de civilización." *Cursos de Ordenación del Territorio*. Madrid, 1982
- Niño, S. *El crash del 2010: Toda la verdad sobre la crisis*. Madrid: Los Libros del Lince, 2009
- Nohl, W. "Sustainable landscape use and aesthetic perception-preliminary reflections on future landscape aesthetics." *Landscape and Urban Planning*, 2001: 223-237
- Rambelli, F. "Sémiotique Bouddhiste. Perspectives et questions ouvertes." *Protée*, 2011: 9-18.
- Riesco, P. "Estéticas privadas y estéticas públicas en la producción y consumo del paisaje." En *Territorio y patrimonio. Los paisajes andaluces*, de J., Roldán Castro, F. y Zoido Naranjo, F., (eds.) Fernández Lacomba, 58-75. Granada: Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico, 2003
- Roger, A. *Court Traité de Paysage*. Paris: Gallimard, 1997
- Sgard, A. *Le partage du paysage*. Rapport pour l'habilitation a diriger des recherches , Grenoble: Université de Grenoble, 2012
- Vandier-Nicolas, N. *Esthétique et peinture de paysage en Chine (des origines aux Song)*. Paris: Klincksieck, 1982.
- Watsuji, T. *Fūdo, le milieu humain*. Paris: CNRS, 2011 (1935)

# DELINEANDO POSICIONAMENTOS EPISTÊMICOS EM TORNO DE UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DE PAISAGEM

Claudia Ribeiro

**Resumo:** Esta comunicação procura circunscrever a abrangência epistemológica escolhida para tese de doutorado em elaboração, cuja consecução almeja aprofundar o conhecimento etnográfico da trajeção (no sentido berquiano) de uma paisagem rural brasileira. A aproximação de estudo que se faz com relação ao desenrolar da vida dos habitantes de Vila Seca e Criúva - o terreno empírico dessa pesquisa - desvela a paulatina instalação de conflito socioambiental na relação com a cidade de Caxias do Sul. Tal situação contemporaneamente compreende uma série de restrições normativas às longevas práticas agrícolas empreendidas nos distritos estudados, pressão regulatória que é incoerente em face das práticas municipais urbanas permitidas no mesmo espaço geográfico. Após essa caracterização, são dispostas as escolhas teóricas e de método que são feitas para a compreensão desse quadro, para subsequentemente realizar-se alguma digressão em torno das implicações espaço temporais dessas opções. Finalmente comenta-se a respeito dos requisitos que se julgam necessários ao esclarecimento da intenção desse ato etnográfico. Ação justificada enquanto sendo essa pesquisa uma experiência compreensiva compartilhada, necessariamente impactante aos seres humanos por esse ato mobilizados.

**Palavras Chave:** Ruralidade, Conservação, Etnografia, Trajeção, Método.

# OUTLINING EPISTEMIC POSITIONS REGARDING AN ETHNOGRAPHIC LANDSCAPE STUDY

Claudia Ribeiro

**Abstract:** This communication seeks to delineate possible epistemological range chosen for an ongoing doctoral thesis and by doing so further the ethnographic knowledge of the trajectory (as in A. Berque) of a Brazilian rural landscape. The approach adopted in this study vis-a-vis the life of the inhabitants of the villages of Vila Seca and Criúva - the empirical terrain of this research - reveals the gradual onset of social and environmental conflict in the relationship with the city of Caxias do Sul. This situation contemporaneously contributes normative restrictions to the long-standing agricultural practices used in the studied districts. Restrictions which are, however, inconsistent in consideration of urban municipal practices allowed in the same geographic space. Following this characterization, the theoretical and methodological choices adopted to further understanding of this condition are presented. After which reference is made to the temporal space implications correlated with this option. Finally, there are some remarks on the requirements deemed necessary to clarify the purpose behind this ethnographic act. Which are justified given that this research is a shared comprehensive and necessarily impactful experience for the humans mobilized by this act.

**Keywords:** Rurality; Conservation; Ethnography; Trajectory; Method.



# DELINEANDO POSICIONAMENTOS EPISTÊMICOS EM TORNO DE UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DE PAISAGEM

Claudia Ribeiro

## 1 - INTRODUÇÃO<sup>111</sup>

A pesquisa que sustenta essa comunicação pode ser alojada *grosso modo* nos termos do reconhecimento da geograficidade, segundo as palavras de Eric Dardel: “[...] uma relação concreta que liga o homem a Terra [...] como modo de sua existência e de seu destino [...]”.<sup>112</sup>

De outra parte, com a inclusão do tempo nesse ato de referenciamento, igualmente podendo ser relacionada ao que Augustin Berque denomina de o “corético trabalho da histórica”. Isto é, como sendo “a maneira que a ecúmena, isto é, a relação da humanidade com a Terra, desenvolve-se ao longo do tempo: em várias “cosmofanias” - as diversas maneiras de ver o mundo, de acordo aos meios que as distintas sociedades humanas tecem em cada ambiente que as acolhe, na construção dos diversos mundos de coexistência nesse planeta.”<sup>113</sup>

Procura-se melhor entender essa relação em dois distritos rurais de Caxias do Sul. Centro da conurbação urbana do nordeste do estado do Rio Grande do Sul, o município encontra-se no limite superior de definição de municípios brasileiros de porte médio.<sup>114</sup> Sua população está próxima ao meio milhão de habitantes, maciçamente concentrada em áreas urbanas, que distam dos maiores cursos d’água da região, os rios Caí e Taquari-Antas.<sup>115</sup> Por essa razão é que Caxias do Sul (que deverá ser o centro da segunda região metropolitana estadual) vai buscar na

---

<sup>111</sup> As agências Financiadoras que suportam essa pesquisa são o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Nesse último caso, através do Projeto CAPES-PVE-LIFLOD: Interações entre a Pecuária e o Desenvolvimento Territorial Sustentável no Brasil, e suas relações com outras regiões da América do Sul e do Mundo, em ação conjunta do PGDR/UFRGS com a Unité de Formation e Recherche de Gestion des ressources renouvelables et de l’environnement do Centre de coopération internationale en recherche agronomique pour le développement (GREEN-CIRAD).

<sup>112</sup> Eric Dardel, *O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica*, tradução, Werther Holzer (São Paulo: Perspectiva, 2011[1990]), 1 e 2.

<sup>113</sup> Augustin Berque, “The Choretic Work of History,” *Semiotica* 175(2009):163

<sup>114</sup> Fabiano Maia Pereira e Mauro Borges Lemos, “Cidades Médias Brasileiras: Características e Dinâmicas Urbano-Industriais,” *Pesquisa e Planejamento Econômico* 23, 1 (2003), <http://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/88/63>.

<sup>115</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “Censo Demográfico. Tabela 1378.” IBGE, <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1378&z=cd&o=7&i=P>.

rede de pequenos arroios da região dos Campos de Cima da Serra a água para seu abastecimento urbano, industrial e doméstico.

De início explicando a etapa anterior desse estudo acadêmico, o artigo subsequentemente incursiona pelos principais aspectos teóricos e de método implicados nessa sua presente fase. Uma etnografia de paisagem, a qual intenciona conhecer em profundidade as tarefas rotineiras do trabalho das famílias de agricultores desse definido lugar. Contudo, em relação de proximidade aos diversos agenciamentos coletivos que o transpassam, em interface institucional e política que é constituída pelas várias urbanas ações territoriais incidentes a esses distritos. Ao final dessa contribuição situam-se os contornos éticos desse ato de conhecimento, de inevitáveis implicações à comunidade por ele abarcada.

## **2 - VILA SECA E CRIÚVA, UM LUGAR COM NOÇÃO DE PAISAGEM**

Os distritos de Vila Seca e Criúva constituem o terreno empírico de estudo dessa pesquisa. A sua incorporação ao município data de meados do século XX, por intermédio de anexações advindas do lindeiro município de São Francisco de Paula.<sup>116</sup> Dessa maneira é que se incorporou à cidade - que o senso comum identifica antes de tudo como o berço da colonização italiana no estado - uma população local que se identifica prontamente como sendo de gaúchos. Ação cuja significância vai além da expressão do gentílico do Rio Grande do Sul, querendo dizer também da presença no lugar de seu habitante culturalmente emblemático, com ideário relacionado à criação de gado bovino em pastagens autóctones<sup>117</sup> - a maioria das quais situadas na região do estado compreendida no Bioma Pampa.

Na situação presente, no entanto, esses particulares gaúchos autodenominam-se serranos, em relação com a ocorrência no município das formações campestres compreendidas no Bioma Mata Atlântica. São os Campos de Cima da Serra, ou os Campos do Planalto das Araucárias, que correspondem a uma fração de cerca de 8% das formações campestres do Brasil. A topografia dessa região é distinta daquela das coxilhas de ondulado mais suave, em relevo quase plano dos campos da região da Campanha. No caso em análise se tem um campo mais dobrado, que compõe um mosaico com vegetação arbórea de grande porte - a floresta com araucária (Floresta Ombrófila Mista), que se estabelece em regiões de altitude superior a 800 metros, abrangendo partes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.<sup>118</sup>

---

<sup>116</sup> IBGE, "Histórico de São Francisco de Paula." IBGE, <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/saofranciscodepaula.pdf>.

<sup>117</sup> Ruben George Oliven, "National and Regional Identities in Brazil: Rio Grande do Sul and its Peculiarities." *Nations and Nationalism* 12, 2 (2006).

<sup>118</sup> Ilse Iob (org.) Boldrini, *Biodiversidade dos Campos do Planalto das Araucárias*, Biodiversidade 30 (Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009). Fábio Eduardo Schlick, "Alternativas de Manejo para os Campos de Cima da Serra" (Tese, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004).

No censo demográfico de 2010, 3.916 pessoas tiveram seu domicílio registrado nos 614 km<sup>2</sup> desses dois distritos, extensão que corresponde a 38% da área total do município de Caxias do Sul.<sup>119</sup> Descobre-se a rica vida cultural dessa população, cuja atividade de sustento majoritária é a agricultura de pequeno porte conduzida em unidades familiares - sobretudo a criação extensiva e semiextensiva de gado de corte e leite e os cultivos de hortifrutigranjeiros. Outro aspecto fundamental que rege a vida do lugar é a existência de dois reservatórios no distrito de Vila Seca - represando os arroios Faxinal e Marrecas, e ditos pela autarquia municipal de saneamento como sendo contemporaneamente responsáveis pelo abastecimento de água potável do município. E é na esteira dessa lógica de paulatino acesso aos "recursos naturais" mais próximos que as correlatas intenções de planejamento urbano municipal projetam que a expansão futura dessa demanda será atendida por barramentos nos arroios Mulada e Sepultura, no distrito vizinho de Criúva (destaque meu).

Na primeira etapa dessa pesquisa, estudo exploratório realiza uma narrativa escrita da trajetção<sup>120</sup> da paisagem de Vila Seca e Criúva, por intermédio de abordagem etnográfica guiada pelo estudo dos sistemas agrários. Ao longo desse proceder detecta-se a presença dos critérios empíricos berquianos dispostos para identificação da noção de paisagem (como cultura própria, significando mais do que a sensibilidade ou o sentimento paisageiros), em simultâneo evidenciar de associação das atividades agrícolas familiares com o mosaico de campo e de floresta, característico da longa macro apresentação do Bioma Mata Atlântica na região. Essa última afirmação é reforçada por estudo cartográfico que quantifica as porções de mata e campo nativos em 1871, 1980 e 2011. Tal estudo mostra que uma vez cessando o processo de predação da Floresta Ombrófila Mista (fundado no urbano) a paisagem se recompõe, em paralelo ao ininterrupto desenrolar das atividades da agricultura. Todavia, se é possível dizer que esse lugar contém esse intrínseco proceder de conservação, igualmente deve-se dizer que corresponde a um território em disputa, onde outras visões de paisagens estão em jogo. Desse modo, Ribeiro, Dal Forno e Miguel evidenciam que a paisagem é um bem comum no lugar, no sentido de Hess e Ostrom e Leite: ela é um recurso (cultural e mutável), como tal compartilhado por pessoas e, portanto, sujeito a dilemas sociais.<sup>121</sup>

<sup>119</sup> IBGE, *ibid.* IBGE, "Censo Demográfico. Tabela 1301", IBGE, <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1301&z=t&o=4&i=P>.

<sup>120</sup> Trajeção é o neologismo proposto por Berque para designar o movimento de contínua interação entre os mundos objetivos e subjetivos, que compõe a realidade dos nossos meios, cujo conjunto constitui a ecúmena - a parte habitada da Terra. Augustin Berque, "A Ecúmena: medida terrestre do homem, medida humana da Terra. Para uma problemática do mundo ambiente," *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*, org. Adriana Veríssimo Serrão (Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011): 188; 193 e 194.

<sup>121</sup> Claudia Ribeiro, Marlise Amália Reinehr Dal Forno, e Lovois de Andrade Miguel, "A paisagem na ruralidade brasileira: considerações teórico-metodológicas para uma pesquisa multidisciplinar aplicada," *Confins [Em linha]* 23(2015), <http://confins.revues.org/10200>. Charlotte Hess e Elinor Ostrom, "Introduction: An Overview of the Knowledge Commons," *Understanding Knowledge as a Commons. From Theory to Practice*, ed. Charlotte Hess e Elinor Ostrom (Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 2007). Maria Angela Faggin Pereira Leite, "A contribuição da arquitetura paisagística para a discussão da paisagem cultural," (Texto recebido por intermédio de comunicado pessoal (mensagem eletrônica): 2o. Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, Belo Horizonte, 2012).

As práticas agrícolas familiares locais seguramente ainda podem ser aproximadas a gradações de campesinidade <sup>122</sup>. Atividades essas inscritas no quadro da ruralidade do país, cuja complexa apresentação está ligada principalmente à sua variedade, integrando diversidades outras além das agrícolas e guardando estreita relação ao meio urbano cada vez mais próximo. <sup>123</sup>

O povo kaingang, pertencente ao macro tronco linguístico jê, tem sua ocupação nesse específico local registrada do final do século VI até o século XIV. Estudos arqueológicos e históricos nos distritos e na região circunjacente auxiliam a definir os contornos do contato conflituoso que se dá a partir da chegada colonizador europeu no sul do Brasil - em período compreendido entre a chegada dos portugueses no século XVI até os últimos empreendimentos de colonização, já no princípio do século XX. <sup>124</sup>

Nesse ínterim e nesse específico lugar serrano, concessões reais portuguesas são registradas em meados do século XVIII. Em 1760 um documento de compra e venda de uma das três sesmarias identificadas nessa região precisa o início da ocupação dessas terras - pelo açoriano Ignácio de Souza Correa, igualmente mencionando a criação de rebanhos de equinos e bovinos com a presença de mão de obra escrava. Essa particularidade do funcionamento colonial português explica os resultados de censo de 1872, então identificando 20% da população da região como negra. Tal fase é a final do século XIX secundada por nova modalidade de colonização europeia. Sobretudo italianos, mas também poloneses e alemães chegam a essa região de campos, uma vez da saturação das colônias primeiramente instituídas no que viria a ser a cidade de Caxias do Sul (em local originalmente denominado Campo dos Bugres). <sup>125</sup>

Em grandes linhas essa é a demarcação da sobreposição espaço-temporal de habitantes de origens distintas nessa paisagem. Desse modo constituindo a sua complexidade sociocultural, em apresentação inserida no processo histórico de constituição da população brasileira como

---

<sup>122</sup> Klaas Woortmann, "«Com Parente Não Se Negueia». O Campesinato Como Ordem Moral," *Anuário Antropológico*/87, (1990).

<sup>123</sup> Maria Nazareth Baudel Wanderley, "A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural," *¿Una Nueva Ruralidad En América Latina?*, ed. Norma Giarraca (Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001). Arilson Silva Favareto e Maria de Nazareth Baudel Wanderley, "A singularidade do rural brasileiro: implicações para tipologias territoriais e elaboração de políticas públicas," *Concepções da Ruralidade Contemporânea: as Singularidades Brasileiras*, editado por Carlos Miranda e Heithel Silva (Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola, 2013).

<sup>124</sup> Rafael Corteletti, "Onde, como e quando? Construindo um padrão de assentamento dos sítios arqueológicos na região de Caxias do Sul, RS," *Cadernos do LEPAARQ* 6 (2009): 126. Pedro Ignácio Schmitz e Jairo Henrique Rogge, "107 'casas subterrâneas' no início do povoamento Jê Meridional em Santa Catarina: Rincão dos Albinos," *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 21, (2011). Soraia Sales Dornelles, "De coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e Italiana no Rio Grande do Sul no século XIX e no início do XX" (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011).

<sup>125</sup> Luana Teixeira, "Muito mais que senhores e escravos. Relações de trabalho, conflitos e mobilidade social em um distrito agropecuário do sul do Império do Brasil (São Francisco de Paula de Cima da Serra, RS, 1850-1871)." (Dissertação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008):125. Osmar João Possamai e Luiz Antônio Rizzon, *História de São Marcos*, Edição dos autores (São Marcos: 1987). Luiz Antônio Alves, "Três Sesmarias do século XVIII em Caxias do Sul," *Caxias Centenária*, ed. Loraine Slomp Giron e Roberto Revelino Fogaça Nascimento (Caxias do Sul: EDUCS, 2010).

um todo. Com fortes acentos étnicos, igualmente: em 1950 ainda aconteciam festas profanas e religiosas distintas para os então ditos “morenos, brancos e amarelos”. Situação que ainda persiste no município, em designações socialmente racializadas que constituem um procedimento corriqueiro e importante na região: julga-se necessário situar a origem das pessoas nesses termos. Mas não raro, em identificação sobreposta a designações pejorativas para os habitantes dos distritos serranos, diferenciando-os em relação aos moradores da zona urbana caxiense (destaques meus).<sup>126</sup>

De outra parte, a definição legislativa das Zonas de Produção de Água e os projetos de desenvolvimento agrônomo na região são concomitantes às polêmicas e moveções normatizações em torno do manejo com fogo e às questões sanitárias incidentes à pecuária dos campos autóctones. Exemplos pungentes de atos urbanos que cerceiam drasticamente a vida dos habitantes do lugar, sem, no entanto, guardar coerência com o atuar normativo que viabiliza nos distritos instalações funcionalmente úteis à existência urbana do município. Dessa forma, além dos reservatórios para abastecimento de água torna-se possível nessa região a construção de dois aterros para disposição de resíduos sólidos e um presídio, além de vários barramentos para geração de energia elétrica.<sup>127</sup>

Essa outra forma de ver o mundo pode ser aproximada à arena dos debates contemporâneos sobre a proteção da natureza, entendidos pelo fenômeno dito como problemática ambiental ou ambientalização - o modo pelo qual se adota um “discurso ambiental genérico por parte dos diferentes grupos sociais [...] para legitimar práticas institucionais, políticas, científicas [...]”. Um complexo e singular desdobramento dessa discussão se encontra nas periferias do mundo do desenvolvimento, onde ambientais expectativas de estabilidade ou durabilidade - ações de proteção, declinadas sob as modalidades de conservação ou preservação - não necessariamente incluem certos aglomerados humanos. Nesse caso justificando-se a necessidade de atenção aos meandros socioculturais da discussão - ao menos etnicamente enraizados - nos particulares termos do socioambientalismo.<sup>128</sup>

---

<sup>126</sup> Claudia Ribeiro, José Carlos Gomes dos Anjos e Guilherme Francisco Waterloo Radomsky, “A Paisagem em Criúva e Vila Seca, Caxias do Sul, Brasil: uma narrativa etnográfica,” *Illuminuras* 40, 26 (2015): 267-272.

<sup>127</sup> Paulo R. Facchin et al., *Projeto de preservação das áreas de produção de água. Distritos de Vila Seca e Criúva* (Caxias do Sul: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 2007). Hermann Behling et al., “Dinâmica dos campos no sul do Brasil durante o quaternário tardio,” *Campos Sulinos. Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade*, ed. Valério de Patta Pillar et al. (Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009). Fabiana Thomé Cruz e Renata Menasche, “Tradition and diversity jeopardised by food safety regulations? The Serrano Cheese case, Campos de Cima da Serra region, Brazil,” *Food Policy* 45, (2014). Claudia Ribeiro, “A paisagem e a ruralidade nos distritos de Vila Seca e Criúva: Caxias do Sul, RS, Brasil” (Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014).

<sup>128</sup> Cleyton Henrique Gerhardt e Jalcione Almeida, “A dialética dos campos sociais na interpretação da problemática ambiental: uma análise crítica a partir de diferentes leituras sobre os problemas ambientais,” *Ambiente & Sociedade* 8, (2005). Henri Acselrad, “Ambientalização das lutas sociais - o caso do movimento por justiça ambiental,” *Estudos Avançados* 24, 68 (2010): 103. Antônio Carlos Santana Diegues, *O Mito Moderno Da Natureza Intocada*, 3a. ed. (São Paulo: Hucitec. Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras. USP, 2000). Claude Raynaud e Magda Zanoni, “Le développement durable: temporalités, espaces, acteurs. Brève histoire des relations société-nature dans

### 3 - NECESSIDADES EPISTÊMICAS DE UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DE PAISAGEM

O quadro empiricamente identificado reforça uma inquietude particular, que é remobilizada por esse tipo de conflito. Essa é a situação que motiva a decisão de aprofundamento do conhecimento dessa paisagem, em continuidade do percurso etnográfico já iniciado. Uma escolha que conforma o “sujeito epistêmico”, nos termos de Roberto Cardoso de Oliveira, e que deve ser compreendida no entorno teórico da pesquisa - o atuar etnográfico não é definitivamente um método.<sup>129</sup> Amplia-se a percepção desse fazer segundo Ingold - em estreita intimidade com o artesanal modo de ser antropológico, porém dele mantendo distinção. Ao invés de pensar a prerrogativa etnográfica como uma instância descritiva, correspondendo a um moldar isolado de subsídios para posterior trabalho antropológico e interpretativo, esse autor prefere entender o entrelaçamento desses dois aspectos em um movimento pendular - como dois modos de conhecimento afetos a quem quer conhecer a vida como um “processo”. Ainda, esclarece ele que esse processo é de conhecimento - não da vida “de” outras pessoas, mas sim um modo de conhecer a vida “com” outras pessoas (destaques meus).<sup>130</sup>

Sob essa compreensão, não há portanto como antecipar as implicações desse percurso, muito menos conformar completamente as suas modalidades de consecução. Situação que não impede o paulatino reconhecer dessa dita consciência epistêmica, que ao longo da intenção de pesquisa vai se constituindo: se quer ampliar o conhecimento sobre as lutas emancipadoras dos habitantes da paisagem de Vila Seca e Criúva, em contexto de proximidade a essa grande aglomeração urbana que é a cidade de Caxias do Sul.

#### 3.1 - Sobre o entendimento da paisagem

Augustin Berque diferencia: o meio não é o ambiente. É no meio que a história acontece e onde atuam as subjetividades humanas e suas simbologias. Detalha o autor que “a ecologia não é o simbólico e o ambiente não é a paisagem, ainda que a paisagem suponha o ambiente e que os símbolos de que é portadora existam não menos nos ecossistemas do que no nosso imaginário”. Recuperando a noção geográfica de ecúmena em termos relacionais - do biunívoco referenciamento da humanidade ao planeta, ou do relacionamento da humanidade com a

---

une zone d'environnement protégé du Brésil,” *Des milieux et des hommes: fragments d'histoires croisés*, ed. Tatiana Muxart et al. (Paris: Elsevier SAS, 2003).

<sup>129</sup> Roberto Cardoso de Oliveira, *O trabalho do antropólogo* (Brasília: Paralelo 15 e São Paulo: UNESP: 2006):42. Jacques Gutwirth, “A etnologia, ciência ou literatura?”, *Horizontes Antropológicos*, 7, 16 (2001). Mariza Peirano, “Etnografia não é método,” *Horizontes Antropológicos* 20, 42 (2014).

<sup>130</sup> Tim Ingold, *Being Alive: essays on movement, knowledge and description* (London, New York: Routledge, 2011): 229-243.

extensão terrestre, o geógrafo estabelece o que chama de “*problemática do mundo ambiente*”, que surge como própria expressão da habitabilidade da Terra.<sup>131</sup> Abordam-se assim em grandes linhas os estudos de *mediância* fundados por esse autor. De início tal termo sendo explicado quase que como uma propriedade dos meios - “a dimensão ou caráter atributivo dos meios”, posteriormente é por ele dito como sendo “[...] o acoplamento dinâmico formado pelo indivíduo e seu meio, e é este par que é a realidade do humano em sua plenitude existencial.”<sup>132</sup>

Nesses estudos Berque propõe investigar esse sentido, descrito por ele como sendo simultaneamente objetivo e subjetivo, que traduz a relação de uma sociedade com a extensão terrestre, produzindo o ambiente em sua realidade local. Essa própria relação - que é um meio - dá-se pela articulação de três níveis: o do em-si das coisas (o mundo objetivo ou a extensão do mundo físico) e da natureza; o das relações ecológicas entre a espécie humana e seu ambiente e o da paisagem. Sendo que nesse último nível é que a cultura naturaliza a subjetividade coletiva, por intermédio das relações de ordem simbólica. Tal problemática é situada no contexto da cisão da modernidade, trazendo uma “desmesura” entre o mundo objetivo e o subjetivo, uma “crise de sentido característica de nossa civilização”, em constatação de triplo afastamento: “perante as coisas (pelo dualismo), perante outrem (pelo individualismo) e perante o seu próprio corpo, doravante tratado pela ciência e pela medicina nos mesmos termos do que o mundo objetivo”.<sup>133</sup>

No tocante a isso, os estudos teóricos de Berque localizam esta apreensão - particular e não universal - primeiramente aparecendo na China, século IV d.C., mais de mil anos antes de sua consolidação na Europa renascentista. Enquanto que suas pesquisas empíricas encontram um “fato antropológico total” (destaque meu). A saber, a maneira pela qual os “miseráveis pioneiros do pós-guerra” no extremo norte do Japão moldam o ambiente para realizarem arrozais em um clima extremamente frio.<sup>134</sup> A partir disso, o autor salienta a necessidade e urgência de se saber, para cada meio, a análise da trajetória que produziu a sua realidade ambiente, pela combinação do universal e do singular. E, nesse sentido - o do caminho para reencontrar essa medida do mundo ambiente, enfatiza “o valor epistêmico e prático sem precedentes” que encontra no conhecimento dessa realidade trajetória por intermédio do reconhecimento da paisagem. Gerir melhor a ecúmena, ainda de acordo ao autor, “passa necessariamente por uma melhor gestão

---

<sup>131</sup> Augustin Berque, “A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. Para uma problemática do mundo ambiente.”: 188;192;193, itálico do autor.

<sup>132</sup> *Ibid.*, *La mésologie, pourquoi et pour quoi faire?*, Essais & Conférences (Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2014) : 32, 33, itálico do autor.

<sup>133</sup> Augustin Berque, “A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. Para uma problemática do mundo ambiente.”:190; 193.

<sup>134</sup> *Ibid.*, *La mésologie, pourquoi et pour quoi faire?*: 25-28.

das paisagens". Nela reside, segundo ele, "a medida comum do Homem com a Terra, e do Homem consigo mesmo".<sup>135</sup>

E justamente a essa análise trajetiva, pode ser útil tentar uma interpenetração com a construção teórica de Tim Ingold e sua perspectiva do habitar - onde o autor visualiza um conjunto de afazeres (*tasks*) acontecendo na paisagem como prerrogativa para a vida humana, em diferenciação ao ambiente. Em outras palavras, nessa perspectiva o antropólogo necessariamente associa as vidas das pessoas ao longo do tempo à modificação do espaço. Paisagem para ele não é natureza, não é terra, e muito menos espaço, mas é uma história: passa a ser "registro - e testemunho - das vidas e trabalho de gerações passadas que ali habitaram, e em isso fazendo, deixando lá algo delas próprias." Contrapondo essa sua perspectiva ao que diz ser uma "[...] estéril oposição entre o entendimento naturalista da paisagem como um neutro, externo pano de fundo às atividades humanas e a visão culturalista, em que cada paisagem é um particular ordenamento simbólico ou cognitivo do espaço [...]", o autor recusa explicitamente o relacionamento binário ou dicotômico entre o ser humano e a natureza, ou entre uma "realidade física e uma construção simbólica ou cultural". Ou seja, nem "a paisagem é idêntica à natureza, nem está ao lado da humanidade contra a natureza". Ao invés disso, é o "domínio familiar de nosso habitar". É real: mas não está disposta contra ou a nosso favor. É através do exercício de viver - que Ingold ressalta que acontece não somente para os humanos, mas a todos os componentes nela contidos - que "[...] a paisagem se torna uma parte de nós, tanto como nós somos parte dela". Como ele melhor explica das diferenças de ordem da natureza e da paisagem: "[...] em um mundo construído como natureza, cada objeto é uma entidade autocontida, interagindo com outros por intermédio de algum tipo de contato externo. Mas em uma paisagem cada componente abrange em sua essência a totalidade de suas relações com todos os outros".<sup>136</sup> Em elaboração posterior Ingold dá pistas de como entender melhor a vida dos habitantes de uma dada paisagem e de sua duração, quando prega "a importância de seguir os fluxos de materiais", e chama atenção para a necessidade de existirem cuidados e vigilância para manter o estado das coisas.<sup>137</sup>

### 3.2 - Perspectivas a partir das quais entender a paisagem

Uma associação esclarecedora em termos de relações de noções espaciais vem de Lippard: "Espaço define a paisagem, onde o espaço combinado com a memória define o lugar."<sup>138</sup>

---

<sup>135</sup> *Ibid.*, "A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. Para uma problemática do mundo ambiente.":192;194;198.

<sup>136</sup> Tim Ingold, "The temporality of the landscape," *World Archaeology* 25, 2 (1993): 152;154, versão livre minha.

<sup>137</sup> *Ibid.*, "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais," *Horizontes Antropológicos*, 18, 37 (2012): 29;35;36

<sup>138</sup> Lucy R. Lippard, *The Lure of the Local. Senses of Place in a Multicentered Society* (New York: The New Press, 1997): 9, versão livre minha.



Assim fica posta a questão do reconhecimento da importância do lugar no estudo dessa cosmofofia particular. No entanto, nessa perspectiva de entendimento da paisagem levando-se em consideração as potenciais armadilhas de sua utilização,<sup>139</sup> sendo entendida não como uma visão isolacionista, fechada em si própria e produtora de paroquialismos, mas como potencialmente indutora de novos modos de coexistência de multiplicidades de mundos. Dessa discussão e dada a característica do tema que se explora, julgou-se, portanto necessário incluir os prováveis pontos de conexão que ligam esses distritos rurais à cidade vizinha, declinando-se em alguma extensão a consciência territorial associada às conformações urbanas e rurais em questão.

Pois, de outra parte, Maria Angela Faggin Pereira Leite aponta a importância do reconhecimento, aninhado na problemática espacial, de que a delimitação conceitual e operativa de território está obrigatoriamente vinculada à discussão da paisagem de um lugar.

<sup>140</sup> Posteriormente a autora amplia as condições de utilização da noção de território para a análise social, em consideração aos usos e atores na situação implicados. De Milton Santos, destaca a fundamentalidade de entendimento pleno da paisagem, vista como uma “acumulação desigual de tempos”. Para que isso seja obtido, faz-se necessário descobrir suas simultâneas expressões, frutos tanto de “desejos coletivos dos lugares de um território quanto um registro de eventuais protestos contra as transformações [...] impostas a esses lugares pela modernização”. Nessa mesma direção, a autora destaca a miltoniana noção de território usado, de essencialidade demonstrada pelas formas encontradas na paisagem, fruto de qualificações “culturalmente introjetadas nas diversas classes sociais”, de acordo com o modo de vida pelo qual se dá essa utilização territorial. Dessa maneira, entende Leite que o acúmulo sucessivo dos sistemas técnicos resulta no território usado, bem como dois outros elementos de conceituação de território: as incidências de elementos técnicos, científicos e informacionais ao território, e “o reconhecimento de sua capacidade de acolher a ação social solidária - o modelo cívico adotado pela sociedade”. Finalmente, a partir de sua conclusão, entende-se que o território usado configura a totalidade do espaço: “o espaço de todos, todo o espaço - e seus lugares de vida”. Nessa noção reconhecendo-se o espaço geográfico, com a complexidade sociocultural da paisagem.<sup>141</sup>

---

<sup>139</sup> Doreen Massey, “Um sentido global do lugar,” *O Espaço da Diferença*, ed. Antônio A. Arantes (Campinas: Papirus, 2000). Arturo Escobar, “O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?,” *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latino-americanas*, org. Edgardo Lander, Colección Sur Sur (Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005).

<sup>140</sup> Maria Angela Faggin Pereira Leite, “Uso do Território e Investimento Público,” *GeoTextos* 2, 2 (2006); *Ibid.*, *Destruição ou Desconstrução? Questões da Paisagem e Tendências de Regionalização*, 2a. ed. (São Paulo: Editora Hucitec, 2006); *Ibid.*, “O espaço dividido nas cidades do século XXI,” *Geosul* 26, 51 (2011): p. 82-85; Milton Santos, *Território e Sociedade* (São Paulo: Perseu Abramo, 2000): 22

<sup>141</sup> *Ibid.*, “O espaço dividido nas cidades do século XXI,” *Geosul* 26, 51 (2011): 82-85

#### 4 - MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Tem-se, nesse momento, a clareza de que se está a aprofundar o conhecimento da paisagem dos agricultores da zona de campo de dois distritos dos Campos de Cima da Serra, em seu relacionamento com a cidade do seu município sede. Escolheu-se essa delimitação de terreno empírico de pesquisa, uma vez que existe também a zona dita de colônia, tanto em Vila Seca como em Criúva. Outro aspecto a reparar é que os habitantes das localidades mantêm vários rotineiros contatos com outros aglomerados urbanos além do correspondente a Caxias do Sul. Por exemplo, a cidade de São Marcos é um destino corriqueiro dos trânsitos cotidianos dos habitantes de Criúva. Indiferentemente no caso de um ou outro distrito, Porto Alegre é procurada quando necessário. E mesmo sabe-se que as locais ações de relacionamento já abarcam inclusive as ancestralidades ibéricas dessas pessoas.

Nesse sentido o ato etnográfico foi redimensionado, na direção do disposto pela etnografia da duração de Rocha e Eckert, aqui aproximada à perspectiva do habitar, seguindo as malhas da paisagem conforme Ingold. Os estudos de memória coletiva preconizados pelas autoras são utilizados como guia à construção de um vídeo etnográfico, que então poderá dialogar com o texto que finalmente será construído.<sup>142</sup>

A inspiração dessa construção é encontrada junto ao trabalho do realizador argentino Jorge Prelorán, que se dedicou intensamente a filmar variadas narrativas de vidas rurais, principalmente em seu país, mas também no continente americano como um todo. Pode-se dizer que suas figuras humanas são videograficamente dispostas nos seus particulares processos de constituição do meio, em distintos ambientes rurais. De tal de forma que o seu intenso trabalho de conhecimento e a relação de fidelidade que desenvolve ao personagem de cada uma de suas etnobiografias resulta em que “o ser físico e espiritual de uma pessoa parece transbordar do filme que se propõe a contê-lo”.<sup>143</sup> Prelorán sublinha que, quando se documentam culturas, muito raramente os próprios protagonistas têm oportunidade de falar. Ressalta que, mesmo que se tenha uma questão autoral ou, diz-se aqui, acadêmica - partindo-se de questão que se quer investigar -, o esforço na direção de manter o estilo pessoal dos protagonistas direciona-se a resgatar a grande diversidade de maneiras pelas quais os seres humanos organizam-se no planeta, para tratar de entender os sentidos de suas vidas e de que forma nele sobrevivem. Seu método é baseado em estabelecer (e registrar) largos monólogos

---

<sup>142</sup> Ana Luíza Carvalho Rocha e Cornelia Eckert, *Etnografia da Duração* (Porto Alegre: Marcavisual, 2013): 28; Tim Ingold, "The temporality of the landscape" *World Archaeology* 25, 2 (1993); *Ibid.*, "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais." *Horizontes Antropológicos*, 18, 37 (2012).

<sup>143</sup> David MacDougall, "De quem é essa história?," *Cadernos de Antropologia e Imagem* 5, 2 (1997):99

com alguns protagonistas, onde a conversa com uma pessoa ou uma família acaba documentando e trazendo os problemas da região, bem como a maneira pela qual (sobre) vivem nesse meio.<sup>144</sup>

A realização da observação participante foi a via privilegiada para a obtenção dos registros imagéticos necessários à construção videográfica que se pretende, em consonância com as reflexões construídas no caderno de campo. Sem um roteiro prévio e com equipamento simples, no entanto vislumbrando acompanhar situações que potencialmente permitam a identificação das várias “linhas do fazer” que possam estar se entremeando nessa paisagem que se quer desvelar em sua “dimensão trajetiva” (destaques meus a partir de Ingold e Berque). Assim, foram duas as primeiras incidências de inserção na área empírica de estudo: i) junto às tarefas rotineiras de famílias de agricultores na paisagem da zona de campo; ii) junto aos diversos agenciamentos coletivos existentes em função da realização periódica das festas comunitárias do lugar: as festas do Divino Espírito Santo e a Festa do Pinhão.

## 5 - ASPECTOS ÉTICOS

Por fim colocam-se as necessidades que surgem com respeito às questões éticas implicadas a esse momento da pesquisa, em um quadro geral de inquietação com o papel das ciências sociais no projeto moderno. Nisso procurando responder às pertinentes questões formuladas por José Jorge de Carvalho: [...] Quem estuda o quê sobre quem? <sup>145</sup> Como uma maneira de mais bem atender a essa preocupação, ao longo de seu processo de edição e uma vez concluído, o vídeo vai sendo exibido paulatinamente junto às comunidades de Vila Seca e Criúva, em um especial terceiro período de inserção no terreno de estudos.

Pois no específico caso, apesar das diversas e generosas permissões ao início desse processo de pesquisa recebidas, há de se considerar com muita delicadeza a criticidade conformada pelo fato desses habitantes desenvolverem suas práticas de trabalho imersos em contemporâneas e polêmicas discussões sobre sua legalidade, como exemplificam os embates normativos em torno da prática de manejo do campo autóctone (com fogo, associada à pecuária familiar) e das ações regulatórias incidentes ao tradicional saber fazer do afamado queijo serrano (feito com leite cru).<sup>146</sup>

---

<sup>144</sup> Jorge Prelorán, "Conceptos éticos y estéticos en cine etnográfico," *El filme documental etnobiográfico de Jorge Prelorán*, editado por Juan José Rossi (Buenos Aires: Ediciones Busqueda, 1987).

<sup>145</sup> José Jorge Carvalho, "O olhar etnográfico e a voz subalterna," *Horizontes Antropológicos*, 7, 15 (2001): 10.

<sup>146</sup> Fabiana Thomé da Cruz e Renata Menasche, "Tradition and Diversity Jeopardised by Food Safety Regulations? The Serrano Cheese case, Campos de Cima da Serra Region, Brazil". *Food Policy*, 45 (2014). Aroldo Vieira, Rodrigo Cambará Printes, and Leonardo Beroldt, "Alternativas ao Uso Do Fogo no Manejo de Campos Nativos para a Atividade Agropastoril em São Francisco de Paulo, Rio Grande do Sul, Brasil," *Gestão Ambiental e Negociação de Conflitos em Unidades de Conservação do Nordeste do Rio Grande do Sul* ed. Rodrigo Cambará Printes (Porto Alegre: CORAG, 2012).

Além de propiciar às pessoas envolvidas por esse estudo mais essa etapa de permissão na utilização de suas contribuições, esses momentos vêm permitindo estabelecer alguma espécie de diálogo entre os diversos atores presentes - por exemplo, pelas rodas de conversas que acontecem ao final da projeção. Dessa maneira, o vídeo, tanto por si próprio como pela situação conformada pelo debate de suas ideias, é visto como catalisador da ampliação de conhecimento a respeito da duração dessa paisagem.

## **6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se a apresentação desse contorno epistemológico de projeto de tese de doutorado, dizendo-se que os subsídios teóricos e metodológicos aqui amealhados reforçam a intenção da pesquisa buscar o enriquecimento da compreensão da paisagem desse definido lugar situado na região dos Campos de Cima da Serra.

A questão da relação das cidades com suas áreas rurais, em um contexto de integração nacional e mundial é um desafio. Nessa por ora utópica melhor forma - muito além do que a seara ambiental pode hoje circunstancial e parcialmente dispor - talvez seja possível efetivar o território como real expressão do convívio de alteridades, em desvio de atitudes estigmatizantes e resguardando o segredo da duração da convivência pela paisagem. Em vias políticas de civilidade inscritas no campo da dialética entre cultura e natureza quiçá possam existir reconheceres de caminhos trajetivos, nos quais a paisagem de um lugar possa ser dinâmica e duravelmente fruto da convivialidade dos diversos modos de habitar nele existentes.

A motivação desse projeto reside em evidenciar a percepção trajetiva da paisagem pela qual os agricultores de Vila Seca e Criúva se conectam ao meio em que vivem, cuidando ao longo do tempo do ambiente que espacialmente os acolhe - pois é a dinâmica constituição desse meio que permite realizar as tarefas de suas vidas. Tal fato almeja-se narrar em cartografias (também visuais) de territorialidades campesinas, reconstituídas a partir desses específicos percursos culturais. Contudo, necessária sintonização desta situação é visualizada no cotejamento com um distinto outro mapa, de origem eminentemente urbana - o das territorialidades do progresso, de coerência duvidosa com suas ditas necessárias normas ambientais.

---

Vivian Jeske-Pieruschka *et al.*, "Araucaria Forest Dynamics in Relation to Fire Frequency in Southern Brazil based on Fossil and Modern Pollen Data," *Review of Palaeobotany and Palynology*, 160 (2010).

## 7 - BIBLIOGRAFIA

- Acseirad, Henri. "Ambientalização das lutas sociais - o caso do movimento por justiça ambiental." *Estudos Avançados* 24, 68 (2010): 103-119
- Alves, Luiz Antônio. "Três Sesmarias do Século XVIII em Caxias do Sul." *Caxias Centenária*, editado por Loraine Slomp Giron e Roberto Revelino Fogaça Nascimento, 228-273. Caxias do Sul: EDUCS, 2010
- Behling, Hermann, Vivian Jeske-Pieruschka, Lisa Schüler e Valério de Patta Pillar. "Dinâmica dos campos no sul do Brasil durante o quaternário tardio." *Campos Sulinos. Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade*, editado por Valério de Patta PILLAR, Sandra Cristina Müller, Zélia Maria de Souza Castilhos e Aino Victor Ávila Jacques. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009
- Berque, Augustin. "The Choretic Work of History." *Semiotica* 175 (2009)
- "A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. Para uma problemática do mundo ambiente." *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*, editado por Adriana Veríssimo Serrão, 187-199. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011
- La mésologie, pourquoi et pour quoi faire?* Essais & Conférences. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2014
- Boldrini, Ilse Iob (org.). *Biodiversidade dos Campos do Planalto das Araucárias*. Série Biodiversidade 30. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009
- Cardoso de Oliveira, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15 e São Paulo: UNESP, 2006
- Carvalho, José Jorge. "O olhar etnográfico e a voz subalterna." *Horizontes Antropológicos* 7, 15 (2001): 107-147
- Corteletti, Rafael. "Onde, como e quando? Construindo um padrão de assentamento dos sítios arqueológicos na região de Caxias do Sul, RS." *Cadernos do LEPAARQ* 6 (2009):109-146
- Cruz, Fabiana Thomé e Renata Menasche. "Tradition and Diversity Jeopardised by Food Safety Regulations? The Serrano Cheese case, Campos de Cima da Serra region, Brazil." *Food Policy* 45, (2014): 116-124
- Dardel, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Traduzido por Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011[1990]
- Diegues, Antônio Carlos Santana. *O mito moderno da natureza intocada*. 3a.ed. São Paulo: Hucitec. Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras. USP, 2000
- Dornelles, Soraia Sales. "De coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul no Século XIX e no Início do XX." Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011
- Escobar, Arturo. "O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?" *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciencias Sociales. Perspectivas Latino-Americanas*, editado por Edgardo LANDER, 133-138. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005
- Facchin, Paulo R., Neiva L. Rech, Marcos R. Lima e Rudinei M. Giacomelli. *Projeto de preservação das áreas de produção de água. Distritos de Vila Seca e Criúva*. Caxias do Sul: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 2007

- Favareto, Arilson Silva e Maria de Nazareth Baudel Wanderley. "A singularidade do rural brasileiro: implicações para tipologias territoriais e elaboração de políticas públicas." *Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras*, editado por C. e SILVA MIRANDA, H., 413-472. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola, 2013
- Gerhardt, Cleyton Henrique e Jalcione Almeida. "A dialética dos campos sociais na interpretação da problemática ambiental: uma análise crítica a partir de diferentes leituras sobre os problemas ambientais." *Ambiente & Sociedade* 8, (2005): 53-84
- Gutwirth, Jacques. "A etnologia, ciência ou literatura?" *Horizontes Antropológicos* 7, 16 (2001): 223-239
- Hess, Charlotte e Elinor Ostrom. "Introduction: An Overview of the Knowledge Commons." *Understanding Knowledge as a Commons. From Theory to Practice*, editado por Charlotte Hess e Elinor Ostrom, 3-26. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 2007
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, "Censo Demográfico. Tabela 1301." <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1301&z=t&o=4&i=P> (acesso em 21 Jun. 2012)
- "Censo Demográfico. Tabela 1378." <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1378&z=cd&o=7&i=P> (acesso em 21 Jun. 2012)
- "Histórico de São Francisco de Paula" <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/saofranciscodepaula.pdf> (acesso em 20 Out. 2013)
- Ingold, Tim. "The temporality of the landscape." *World Archaeology* 25, 2 (1993): 152-174
- Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London, New York: Routledge, 2011
- "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais." *Horizontes Antropológicos* 18, 37 (2012): 25-44
- Jeske-Pieruschka, Vivian, Alessandra Fidelis, Rodrigo S. BEergamin, Eduardo Vélez e Hermann Behling. "Araucaria Forest Dynamics in Relation to Fire Frequency in Southern Brazil Based on Fossil and Modern Pollen Data." *Review of Palaeobotany and Palynology*, 160 (2010): 53-65
- Leite, Maria Angela Faggin Pereira. *Destruição ou Desconstrução? Questões da Paisagem e Tendências de Regionalização*. 2a. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006
- "Uso do território e investimento público." *GeoTextos* 2, 2 (2006): 13-30
- "O espaço dividido nas cidades do século XXI." *Geosul* 26, 51 (2011): 75-88
- "A contribuição da arquitetura paisagística para a discussão da paisagem cultural." Texto recebido por intermédio de comunicado pessoal (mensagem eletrônica): 2o. Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, Belo Horizonte, 2012
- MacDougall, David. "De quem é essa história?" *Cadernos de Antropologia e Imagem* 5, 2 (1997): 93-106. Massey, Doreen. "Um Sentido Global Do Lugar." *O Espaço Da Diferença*, editado por Antônio A. Arantes, 177-185. Campinas: Papirus, 2000
- Oliven, Ruben George. "National and Regional Identities in Brazil: Rio Grande do Sul and Its Peculiarities." *Nations and Nationalism* 12, 2 (2006): 303-320

- Peirano, Mariza. "Etnografia não é método." *Horizontes Antropológicos* 20, 42 (2014): 377-391
- Pereira, Fabiano Maia e Mauro Borges Lemos. "Cidades médias brasileiras: características e dinâmicas urbano-industriais." *Pesquisa e Planejamento Econômico* 23, 1 (2003): 127-165
- Possamai, Osmar João e Luiz Antônio Rizzon. *História de São Marcos*. São Marcos: edição dos Autores, 1987
- Prelorán, Jorge. "Conceptos eticos y esteticos en cine etnografico." *El filme documental etnobiográfico de Jorge Prelorán*, editado por Juan José ROSSI. Buenos Aires: Ediciones Busqueda, 1987
- Raynaut, Claude e Magda Zanoni. "Le développement durable: temporalités, espaces, acteurs. brève histoire des relations société-nature dans une zone d'environnement protégé du Brésil." *Des milieux et des hommes: fragments d'histoires croisés*, editado por Tatiana Muxart, Franck-Dominique Vivien, Bruno Villalba e Joëlle Burnouf, 173-184. Paris: Elsevier SAS, 2003
- Ribeiro, Claudia. "A paisagem e a ruralidade nos distritos de Vila Seca e Criúva: Caxias do Sul, RS, Brasil." Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014
- Ribeiro, Claudia, José Carlos Gomes dos Anjos e Guilherme F. W. Radomsky. "A paisagem em Criúva e Vila Seca, Caxias do Sul, Brasil: uma narrativa etnográfica." *Iluminuras* 40, 26 (2015): 1-40
- Ribeiro, Claudia, Marlise Amália Reinehr Dal Forno e Lovois Andrade Miguel. "A paisagem na ruralidade brasileira: considerações teórico-metodológicas para uma pesquisa multidisciplinar aplicada." *Confins [Em linha]* 23 (2015), <http://confins.revues.org/10200>
- Rocha, Ana Luiza Carvalho e Cornelia Eckert. *Etnografia da Duração*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013
- Santos, Milton. *Território e Sociedade*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000
- Schlick, Fábio Eduardo. "Alternativas de manejo para os Campos de Cima da Serra." Tese, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004
- Schmitz, Pedro Ignácio e Jairo Henrique Rogge. "107 'casas subterrâneas' no início do povoamento Jê Meridional em Santa Catarina: Rincão dos Albinos." *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 21, (2011): 185-204
- Teixeira, Luana. "Muito mais que senhores e escravos. Relações de trabalho, conflitos e mobilidade social em um distrito agropecuário do sul do Império do Brasil (São Francisco de Paula de Cima da Serra, RS, 1850-1871)." Dissertação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008
- Vieira, Aroldo, Rodrigo Cambará Printes e Leonardo Beroldt. "Alternativas ao Uso do Fogo no Manejo de Campos Nativos para a Atividade Agropastoril em São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil." *Gestão ambiental e negociação de conflitos em unidades de conservação do nordeste do Rio Grande do Sul*, editado por Rodrigo Cambará Printes. Porto Alegre: CORAG, 2012
- Wanderley, Maria Nazareth Baudel. "A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural." *¿Una Nueva Ruralidad En América Latina?*, editado por Norma GIARRACCA. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001
- Woortmann, Klaas. "«Com parente não se neguceia». O campesinato como ordem moral." *Anuário Antropológico* 87, (1990): 11-73

# **EI PAISAJE EN EL ESTUDIO DE TERRITORIOS HÍBRIDOS. LOS ESPACIOS DE TRANSICIÓN EN LOS CONTEXTOS URBANOS DE LAS CIUDADES MEDIAS DEL SUR DE CÓRDOBA**

Damián Macías Rodríguez, Blanca del Espino Hidalgo y María Teresa Pérez Cano

**Resumen:** En las aportaciones científicas de los últimos tiempos, el paisaje ha adquirido una dimensión notable como materia objeto de estudio y convertido en instrumento para el conocimiento de otros saberes. Hoy son relevantes las virtudes que se le asignan al paisaje en las investigaciones para la comprensión de determinados hechos interrelacionados, entre las que cabe señalar su capacidad integradora de factores y procesos que intervienen en un determinado ámbito geográfico.

El conocimiento de la identidad cultural de las ciudades a través de su espacio geográfico, en un mundo globalizado de intensas vinculaciones económicas, sociales y culturales que se podrían sintetizar en claves de "acción-reacción", se hace necesario abordarlo desde instrumentos metodológicos capaces de identificar las claves que operan en escalas diferenciadas, interpretar los elementos sustantivos de la ciudad y del territorio y poner en relieve los aspectos culturales como hechos definitorios de la identidad urbana.

**Palabras Clave:** Ciudades Medias; Carácter Paisajístico; Espacios de Transición; Espacio Geográfico; Paisaje Cultural; Sur de Córdoba.



# THE LANDSCAPE IN THE STUDY OF HYBRID TERRITORIES. THE TRANSITION SPACES IN THE URBAN CONTEXTS OF THE MIDDLE CITIES OF SOUTH CÓRDOBA

Damián Macías Rodríguez, Blanca del Espino Hidalgo y María Teresa Pérez Cano

**Abstract:** In recent scientific contributions, the landscape has acquired a remarkable dimension as subject matter of study and become an instrument for the knowledge of other knowledge. Today, the virtues attributed to the landscape in research for the understanding of certain interrelated facts are relevant, including its integrative capacity of factors and processes that intervene in a given geographical area.

The knowledge of the cultural identity of cities through their geographic space, in a globalized world of intense economic, social and cultural links that could be synthesized in keys of "action-reaction", becomes necessary to approach it from methodological instruments capable of To identify the keys that operate on differentiated scales, to interpret the substantive elements of the city and the territory and to emphasize the cultural aspects as defining facts of the urban identity.

**Keywords:** Cultural Landscape; Geographical Space; Landscape Character; Medium Cities, Spaces of Transition; Southern Córdoba.

# **EI PAISAJE EN EL ESTUDIO DE TERRITORIOS HÍBRIDOS. LOS ESPACIOS DE TRANSICIÓN EN LOS CONTEXTOS URBANOS DE LAS CIUDADES MEDIAS DEL SUR DE CÓRDOBA**

Damián Macías Rodríguez, Blanca del Espino Hidalgo y María Teresa Pérez Cano

## **1 - INTRODUCCIÓN**

En un momento de vigencia global de los problemas socioeconómicos y ambientales, cuando parece que la planificación urbanística se ha desentendido del espacio contextual de las ciudades, las políticas urbanas y ambientales se encaminan hacia la recomposición de valores, abogando por rescatar, dentro de las posibilidades del desarrollo urbano, los vínculos entre el campo y la ciudad. Se favorece de este modo, el reconocimiento de la cultura de la ciudad en los lugares que se encuentran amenazados por la planificación urbanística entre otros sujetos. Bajo este punto de vista, esta investigación se orienta a poner en el primer plano las claves que intervienen en las vinculaciones entre el territorio y las ciudades a favor de la construcción patrimonial del hecho urbano desde su espacio geográfico.

El conocimiento de los escenarios urbanos se ha convertido en tema de interés a favor de la consolidación del valor patrimonial de las ciudades y de la propia sostenibilidad urbana y territorial. En Andalucía, en los últimos 20 años, se ha urbanizado una superficie equivalente al 60% del suelo urbano existente (Fariña 2010), ocupándose espacios geográficos que pueden albergar valores, bienes o piezas distintivas para la cultura urbana. Una reflexión sobre esta pérdida de identidad de la ciudad es objeto de una línea de investigación que se está formalizando dentro de los trabajos de elaboración de la Tesis Doctoral *Las Ciudades Medias en el sur de Córdoba. La transición entre lo urbano y lo rural*, en el Departamento de Urbanística y Ordenación del Territorio de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Sevilla, acogida a la línea del Doctorado en Arquitectura denominada *Sostenibilidad desde lo temporal*.

En el desarrollo de la investigación, se ha puesto de manifiesto la necesidad, por una parte, de establecer un guión metodológico de aproximación para el conocimiento de las bases que se

encuentran vigentes en los espacios geográficos de las ciudades; y por otro lado, de objetivar el modo de aproximación mediante la instrumentación y capacidades de las materias que expresen con mayor fidelidad las complejas relaciones entre la ciudad y el territorio. La lectura desde el paisaje cultural, en este sentido, adquiere por sus capacidades de integración un papel relevante que se ha utilizado en el desarrollo de la investigación en su fase metodológica.

El paisaje cultural nos ha proporcionado una base conceptual, metodológica y operativa sobre la que instrumentar la identificación y la caracterización de las relaciones entre territorio y ciudad, sustanciando los valores culturales desde una aproximación interdisciplinar.

A tenor de lo anterior, el objetivo fundamental del presente trabajo es construir desde las capacidades del paisaje cultural, una aproximación metodológica que defina la base conceptual y operativa, así como las variables sustantivas que conforman los territorios, relacionadas estas, con la identidad de la ciudad. En base a estos resultados, el objetivo específico es el de centrar este procedimiento en la caracterización cultural de los espacios geográficos urbanos de las ciudades medias del sur de la provincia de Córdoba (Andalucía) como objeto de estudio.

Nos encontramos por tanto en un territorio híbrido sobre el que se asientan unas ciudades medias reconocidas por el contenido patrimonial del tejido urbano y por el contexto territorial en el que se localizan. La complejidad añadida por el ámbito de estudio parte de la ausencia de una clara clasificación de *Ámbitos de paisaje* según el criterio de las demarcaciones paisajísticas establecidas en el *Mapa de Paisajes de Andalucía* (Moreira 2005). Tampoco sorprende la riqueza y confusión que acompaña a un concepto que ha recibido tantas definiciones como el paisaje (Zagari 2006).

## **2 - PRINCIPIOS CONCEPTUALES DE LA INVESTIGACIÓN PARA EL DESARROLLO METODOLÓGICO**

Las nociones y conceptos implicados en la aproximación a los saberes del territorio y los espacios en transición de las ciudades, traen a la luz una concepción sostenida del territorio, y complementariamente, una puesta en valor de la cultura expresada en el paisaje que puede contribuir a la construcción patrimonial de la ciudad desde el territorio.

En el desarrollo metodológico, los principios conceptuales y la fundamentación teórica señalan una dirección integradora del paradigma campo-ciudad entre el territorio y la ciudad. A tal fin, queda implícita en la instrumentación del paisaje una lectura de las manifestaciones culturales de la ciudad en los espacios de transición conforme a las variables estudiadas.

## 2.1- Dimensión de la sostenibilidad en la relación cultural ciudad-territorio

La sostenibilidad del territorio y concretamente de los espacios contextuales de las ciudades, han sido objeto de colonización en las últimas décadas. Entender la función de estos espacios pasa por un cambio de visión sobre el que Maurice F. Strong (1992), secretario general de la Conferencia de las Naciones Unidas sobre el Medio Ambiente y el Desarrollo de Río de Janeiro, afirmaba: “La batalla global por la sostenibilidad se ganará o perderá en las ciudades” en la que destaca que las “ciudades están perdiendo a marchas forzadas su concepción integrada con la naturaleza; cada día son más ineficientes y cada vez operan más como ecosistemas abiertos con costes inviables de energía, suelo, recursos y residuos; proyectan formas de vida y relación urbana de alto consumo e impacto ambiental; y generan huellas ecológicas y energéticas que desbordan sus territorios y exportan los impactos correspondientes a otros espacios y tiempos” (Prats Palazuelo 2009).

Otra perspectiva sobre la sostenibilidad más holística la señala Edgar Morín (2008), indicando que la sostenibilidad con carácter general, incluida la del territorio, debe medirse en términos de funcionamiento de un ecosistema, en el que toma relevancia los tres sentidos que lo componen: “el sentido del medio, del entorno y de la naturaleza; que tienen un carácter auto-organizado y organizativo”. Es por ello que las relaciones entre el sistema de asentamiento y el territorio se entienden en el estudio formando un complejo de relaciones y vinculaciones asumidos por la metodología.

En la investigación, la noción de sostenibilidad no se limita a la visión neurálgica de las ciudades sino, tal y como expresa J.M. Feria Toribio (2010), la sostenibilidad también debe involucrar al territorio que sustenta estos procesos y hechos, entre estos, el sistema urbano. El investigador sostiene además, que la sostenibilidad del territorio no está exenta de al menos una relación cultural entre el territorio y la ciudad, que bajo parámetros de espacio-tiempo-escala, ha demostrado un equilibrio ambiental en la medida que ha permitido el mantenimiento de procesos ecológicos y naturales en lugares históricamente antropizados.

Los lazos que pueden facilitar la comprensión de las ciudades en sus espacios geográficos, la proporciona la dimensión cultural de la sostenibilidad según formula Naredo (1997), como un reconocimiento de la cultura que se expresa desde lo urbano al territorio y viceversa. En síntesis, se incorpora a la instrumentación metodológica una lectura sistémica del territorio a favor de la sostenibilidad de los espacios en transición, apoyada en las manifestaciones culturales de la ciudad en su contexto.

## 2.2 - El patrimonio territorial

El territorio es reconocido en las diferentes disciplinas por su carácter cultural y al entenderse implícito con el propio término. Siguiendo las aportaciones de Rasfetín (1980) sobre las expresiones de la cultura en el espacio, al margen de la identidad, la cultura manifestada en el territorio ha derivado en el modo en el que la sociedad se ha adaptado al mismo, lo ha aprovechado y lo ha mantenido para su propia supervivencia en cada uno de los enclaves donde ha sido posible los asentamientos humanos. La manifestación de la cultura en el territorio es en este sentido, el espacio apropiado y valorizado simbólica y/o instrumentalmente por la sociedad bajo una combinación de dimensiones entre las que se encuentra la identidad.

La doctrina actual parece haber partido de una concepción similar del territorio dotándolo de un valor cultural e histórico que permite su consideración patrimonial (Álvarez Mora 1998). Esta lectura del territorio como valor cultural ya se apunta en la *IX Conferencia Internacional sobre Conservación de Centros Históricos y del Patrimonio Edificado* (1997) en la que se adoptó el lema «Territorio y Patrimonio» con el objetivo de mostrar «cómo se ha pasado de una preocupación más parcial y específica por la protección de lo que se reconocía como patrimonio arquitectónico, a una visión más global y generalista que reconoce también la propia construcción del territorio como componente intrínseca del haber patrimonial»

En este aspecto también se expresa Ortega (1998): «el territorio es considerado como patrimonio cultural en la medida en que en él se reconocen atributos edificados y no edificados que son identificables con una cultura o con una determinada forma de organización social o de quehacer humano», donde se entiende al territorio como nexo de los demás elementos. Por su parte, las *Bases para una Carta sobre Patrimonio y Desarrollo en Andalucía* (1996) se ocuparán de la cuestión de la sostenibilidad del territorio mediante la puesta en valor del patrimonio, caracterizando al territorio como un tipo de bien del patrimonio: “El territorio (...) es un resultado cultural lo mismo que lo es el monumento aislado, lo mismo que lo es el conjunto histórico, lo mismo que lo es una ciudad en su conjunto. Cada territorio puede y debe ser interpretado en esta perspectiva, ya que como resultado cultural, también es un elemento patrimonial que debe ser así asumido, reconocido, gestionado y debatido en su evolución por todos los que lo utilizan, especialmente por los que viven en él”.

El carácter patrimonial del territorio se manifestaría entonces en dos ámbitos diferentes; en su dimensión ambiental, representada por los recursos y espacios naturales de interés; y en su dimensión antropizada: histórica y social que está presente en la organización y conformación espacial, urbana y arquitectónica del mismo, de la cual existen huellas identificables en el

territorio que poseen el valor de reflejar el modo de ser y habitar de una sociedad determinada, o de varias sociedades a lo largo del tiempo. Esta percepción del territorio ha sido objeto de análisis para su incorporación en los principios metodológicos, a partir de un enfoque desde el paisaje cultural del territorio.

### 2.3 - El Espacio Geográfico

Los espacios de transición entre el complejo rural y el hecho urbano vienen a sintetizar las manifestaciones objetivas de la identidad de una ciudad en un espacio determinado que llamamos espacio geográfico. Así se expresa Gilberto Giménez (2000) sobre la inscripción de cualquier hecho sobre el territorio: "un ser o una comunidad expresada en el territorio definen un espacio objetivo" que según constituye por sí mismo un "espacio de inscripción" y, por lo tanto, entendemos que equivale a una de sus formas de objetivación. De este modo el autor no concibe la existencia de territorios vírgenes o plenamente naturales, sino literalmente "tatuados" por las huellas del tiempo y de la cultura admitiendo a los denominados "bienes ambientales" - como son las áreas ecológicas, los paisajes rurales, los sitios pintorescos, las peculiaridades del hábitat, los monumentos, la red de caminos y brechas, los canales de riego y en general, cualquier elemento de la naturaleza antropizada - que debemos considerar también como "bienes culturales" y por ende como formas objetivadas de la cultura.

A tenor de lo anterior, podemos entender que el espacio geográfico de las ciudades que se estudian en el sur cordobés se puede definir como aquél que se expresa en el territorio a través de sus rasgos fundacionales, históricos y culturales o también como aquel el espacio adscrito a la ciudad a través de los tiempos que le permite estar contextualizada en el lugar que ocupa. Esta definición no es *exnovo* ya que Florencio Zoido (1998) definirá el *espacio geográfico* como la porción del territorio:

"...adscrito a un ser, a una comunidad, a un ente de cualquier naturaleza, física o inmaterial: el espacio de vida de un animal, el área de aparición de una especie vegetal, el ámbito de difusión de una lengua o de cualquier otra práctica social, etc".

El investigador afirma que cuando esta condición se le atribuye a un grupo humano complejo (un pueblo, una nación, una sociedad), se convierte en uno de los integrantes fundamentales de su proyecto común, es decir, en soporte y recurso básico, ámbito de vida, paisaje propio e invariante en la memoria personal y colectiva. Siguiendo esta idea en el espacio geográfico de las ciudades, entendidas como ente cultural de naturaleza física, social y económica, dibujamos

en definitiva sobre un espacio común a la propia ciudad como integrante por ser el soporte y recurso para la misma.

El espacio geográfico se interpreta en la instrumentación metodológica, acotado a la condición urbana y en unas determinadas escalas pueden considerarse en contigüidad a la ciudad. Apoyando esta interpretación de linealidad, Bourdier (2008) viene a afirmar que la ciudad está articulada en un tejido complejo de lugares y tiempos específicos circunscritos dinámicamente, que relaciona una matriz multidimensional de condiciones y circunstancias, de dinámicas y procesos, de sistemas abiertos y duraderos de configuración, representación, reproducción y apropiación de las potencias, energías y elementos objetivos y subjetivos en compleja interacción, que funciona como una estructura “estructurante” de las percepciones, acciones y relaciones de los sujetos y sus actores en la corta y larga duración.

### **3 - LA INSTRUMENTACIÓN DEL PAISAJE PARA LOS ESPACIOS EN TRANSICIÓN**

La consideración del paisaje como objeto de la instrumentación metodológica asume los diversos enfoques disciplinares entendidos necesarios para ordenar coherentemente la enorme riqueza de aportaciones existentes ante la extensa pluralidad conceptual. A su vez, el análisis de los espacios de transición de las ciudades en los territorios híbridos, por la complejidad que albergan, puede plantearse en variantes metodológicas con un origen en la multiplicidad con que contribuye a la caracterización la valoración subjetiva por particulares o el tratamiento de los atributos objetivos.

No obstante, debemos tener presente cuál es el objeto de la investigación e instrumentar las aplicaciones del paisaje en el conocimiento, caracterización y cualificación de este fin. De este modo, para espacios híbridos y previo al establecimiento de variables, se parte y se asumen los principios metodológicos las *Orientaciones* del Convenio Europeo del Paisaje (2000, CEP de aquí en adelante) por definir las componentes del proceso de identificación, caracterización y cualificación de espacios o escenarios generales:

- Se lleva a cabo la comprensión y descripción de las características materiales específicas de los lugares en su estado actual, mostrando las trazas de los procesos naturales y antrópicos, reconociendo que las características de los paisajes son el resultado de la acción de factores naturales y/o humanos y de sus interrelaciones.
- Se realiza un análisis de los procesos evolutivos y la constatación, de una parte, de las dinámicas temporales pasadas, presentes y previsibles derivadas de factores humanos o naturales, y de otra, de las presiones o ausencia de presiones ejercidas sobre ellos.

- Se incorpora un reconocimiento de las características y de los sistemas de valores, a través del conocimiento de las percepciones sociales del paisaje y de su distribución espacial.

La construcción metodológica, por tanto, se basa inicialmente en el conocimiento de los elementos y factores compositivos, su evolución y posibles vinculaciones sistémicas, denotando la propuesta del CEP, una visión integradora extensiva a las relaciones territorio-ciudad que se plantean en las claves del estudio. Un aspecto significativo de esta interpretación es su contribución a la identidad y especificidad de la población en un lugar determinado. Su aplicación a los espacios geográficos de las ciudades nos proporciona la percepción sensorial y emocional que tiene una población de su entorno y el reconocimiento de su diversidad y especificidad histórica y cultural; supone en suma, el respeto y la salvaguarda de la identidad de la ciudad y para su enriquecimiento individual y social tal y como aporta Joan Nogué (2010) sobre la construcción social del paisaje.

Como se ha señalado, en el conocimiento de los espacios en transición de las ciudades medias, la expresión cultural que ensamblan al territorio y a la ciudad adquiere un papel relevante en las vinculaciones y en el diálogo que comprende la identidad urbana. La incorporación de este carácter cultural al planteamiento metodológico se atiende considerando y asumiendo dos paradigmas: el paisaje cultural y el carácter del paisaje.

### **3.1 - El paisaje cultural**

Las primeras nociones del paisaje cultural la encontramos en la figura que incorporó la UNESCO en 1992 en sus directrices operativas para la aplicación de la Convención del Patrimonio Mundial Cultural y Natural. Los paisajes culturales son reconocidos desde entonces como bienes culturales que “ilustran la evolución de la sociedad humana a lo largo del tiempo, bajo la influencia de restricciones físicas y/o de las posibilidades de su entorno natural y de las fuerzas sociales, económicas y culturales sucesivas, tanto externas como internas” (Directrices 2008). De esta manera se establece una asociación directa que relaciona el paisaje con la acción que lo ha construido, entendiendo que todo paisaje tiene una cultura con carácter general sin que deba ser un bien.

En España, diversas comunidades autónomas han integrado la figura de paisaje cultural en su legislación sectorial, mientras que en otros casos se han desarrollado figuras cercanas, aunque no coincidentes, con la de paisaje cultural como es el caso de Andalucía y las *Zonas Patrimoniales* definidas en su Ley 14/2007, de 26 de noviembre, de patrimonio histórico vinculadas



fundamentalmente con el hecho urbano más que con su relación con el territorio. Éste cumple en el ámbito normativo andaluz una función articuladora de un sistema patrimonial integrado, en el que coexisten bienes de distinta naturaleza y cronología, unidos indisolublemente a los valores paisajísticos y ambientales existentes (Fernández Cacho 2015).

En base a lo anterior, en la metodología se desliga de la visión unidireccional desde la ciudad hacia el territorio y se asume la definición de paisaje cultural propuesta por el Plan Nacional de Paisaje Cultural (en adelante PNPC 2011) cuando señala que el “paisaje cultural es el resultado de la interacción en el tiempo de las personas y el medio natural, cuya expresión es un territorio percibido y valorado por sus cualidades culturales, producto de un proceso y soporte de la identidad de una comunidad”.

La asunción instrumental se interpreta en el trabajo tanto en el marco del Convenio Europeo del Paisaje, mediante su visión holística en la manera de considerar todos los paisajes, como en la aportación realizada por el PNPC a través de las cualidades culturales e identidad urbana.

### **3.2 - El carácter del paisaje**

Los antecedentes del carácter del paisaje hay que buscarlos en la producción científica inglesa *Landscape Character Assessment* que proporciona una detallada metodología perceptiva para la caracterización materializada en una política de paisaje propia anterior al CEP. La fertilidad del concepto y su enfoque vienen a favorecer el ensamble de los fundamentos teóricos iniciales y el conocimiento ordenado de los contextos urbanos de las ciudades medias.

El carácter del paisaje se define como: «una conjunción particular, reconocible y consistente de elementos presentes en un determinado paisaje que lo hacen diferente de otros. No implica una valoración de los paisajes identificados. El carácter del paisaje surge a partir de combinaciones particulares de la geología, el relieve, los suelos, la vegetación natural, los usos del suelo, los tipos de explotación y los patrones de asentamiento humanos» (Wascher 2005). El concepto de carácter permite superponer componentes de aprecio y percepción, que están presentes a menudo sin conformar un todo coherente y son de gran utilidad para los territorios híbridos del sur de la provincia de Córdoba por su marcada complejidad física, natural y sociocultural.

La caracterización se utiliza con fines instrumentales, tomando del carácter del paisaje aquellos “consolidados culturales” resultantes de un conjunto de elementos conceptuales variados. Se supera en este sentido, la discusión estética o de la valoración sectorial englobar en una imagen única, los rasgos de un lugar y la experiencia cognitiva y afectiva de la población.

Su visión integradora implica además, no solo a los enfoques disciplinares, sino en la práctica, la obtención de piezas sustanciales que marcan la identidad de la ciudad. Se trata, en palabras de Rafael Mata Olmo (2008), «de superar los desencuentros disciplinares inherentes a la polisemia del paisaje - concretamente los derivados de la contraposición objetivo-subjetivo - de aprovechar todas las potencialidades de una noción abierta e integradora». Para tal fin, tomamos el concepto de carácter paisajístico como herramienta privilegiada: un modelo hojaldre en el que se van depositando valores de diverso origen, pero históricamente consolidados en la relación de la ciudad con el territorio, y se sintetizan fisionómicamente en piezas inherentes integradas al contexto de la ciudad.

En los territorios híbridos se interpreta como una reiterada interacción, en constante retroalimentación, entre factores naturales y humanos que cuajan de forma repetida, a través de los patrones culturales de uso, conocimiento y disfrute, en forma de carácter. En el carácter se conjugan por tanto, lo visible y lo material, dimensiones que se hacen aflorar a través del conocimiento y la experiencia individual y colectiva, muy adecuados en el conocimiento de los espacios de transición de los contextos urbanos.

#### **4 - ANÁLISIS Y RELACIÓN DE VARIABLES OBTENIDAS**

A los efectos de formalizar una metodología en base al paisaje que permita la caracterización de los territorios híbridos atendiendo los preceptos teóricos y de enfoque, surgen inevitables cuestiones de selección, precedencia, jerarquía e interrelación de las variables. A este objeto, en el análisis territorial del sur de Córdoba, han sido de utilidad las recomendaciones expresadas por Múcher (2003), que, de forma adaptada al objeto de estudio han quedado implícitas en la metodología. La estructura operativa se ha basado en las siguientes premisas:

- Distinguir los diversos componentes de la información: abiótico, biótico y cultural.
- Establecer una diferencia entre datos primarios, datos interpretados, y valores anejos.
- Organizar las componentes o características en un complejo correlativo, que debe exhibe interrelaciones de dichas características a lo largo de la historia, en su función actual y en su distribución espacial.
- Enfatizar las relaciones de dependencia entre fenómenos.
- Poner en valor de datos debe albergar peculiaridades que son específicas del lugar.

#### **4.1 - Caracterización y análisis de las variables sustantivas**

La caracterización y análisis de las variables se han extraído de los principios conceptuales del paisaje cultural y del carácter del paisaje en las diferentes publicaciones científicas que se han adaptado al territorio híbrido cordobés. El ámbito de estudio se manifiesta con una marcada polaridad por la presencia de los paisajes de campiña y de sierra, por lo que son razonables la existencia de una gama de situaciones híbridas.

Las variables sustantivas de caracterización y conocimiento de los espacios en transición en el sur de la provincia cordobesa comprenden las siguientes aproximaciones:

##### **Las condiciones climáticas.**

En la amplia extensión del sur provincial como espacio de estudio, la caracterización del clima persigue el descubrimiento de discontinuidades espaciales que permitan la delimitación de unidades climáticas. Después de un encuadre general sobre el clima, se consideran factores geográficos (latitud, situación, configuración, relieve y vegetación) y termodinámicos (circulación atmosférica o sucesión de masas de aire). Tienen también particular relevancia los elementos termo-pluviométricos (temperatura y precipitación).

Los datos climáticos vienen a diferenciar dos zonas dentro de un clima mediterráneo continentalizado, condicionado éste por el relieve principalmente. En las indagaciones iniciales se presentan dos áreas: una más seca y calurosa; u otra húmeda y de temperaturas agradables en las sierras Subbéticas.

##### **El agua superficial y subterránea.**

Las aguas superficiales y subterráneas dan lugar a una serie de fenómenos relevantes de carácter físico y cultural como recurso y como zona de peligro que han podido determinar la base de los asentamientos; por otra parte, condicionan hechos determinantes, como la agricultura, la erosión, la sedimentación, los flujos subterráneos, y los patrones vegetales. En tanto proporcionan de un marco esencial para la actividad humana.

Como ocurre en otras capas de información, las densas relaciones de dependencia entre ellas dificultan su tratamiento separado. En algunas áreas, los cursos fluviales actúan como poderosos agentes geomorfológicos y geoquímicos que configurando los paisajes kársticos de las Subbética. Estas morfologías determinan a menudo una fuerte impronta visual y alcanzan ocasionalmente el grado de singularidad paisajística.

Otra manifestación de la hidrogeología reside en su capacidad organizadora del territorio entre los que se han detectado como límite natural, la presencia y localización de asentamientos, los usos del suelo y las infraestructuras.

### **Los materiales de base.**

El marco geológico del ámbito de trabajo arroja una notable complejidad de los sucesos geológicos en los materiales de base que han favorecido la diversidad en otras variables. Los principios del carácter del paisaje obligan a estratificar estas variables desde sus estados iniciales al desarrollo de las mismas obteniendo una lectura y comprensión sistémica. En este sentido se hace referencia a la geología por la influencia decisiva en aspectos de formación de suelos, en la disposición hidrogeológica y los usos potenciales del territorio, entre otros aspectos. La labor de caracterización se expresa con categorías dependientes de la cronología y génesis que supone una interpretación a la hora de transcribir los datos.

La influencia sobre el saber y la cultura se ha basado en el aprovechamiento de los recursos disponibles desde sus condiciones más primarias (canteras) a la explotación turística de la geología.

### **El relieve y las formas**

El relieve nos ha proporcionado la base física sobre que se asientan o plasman el resto de componentes y determina de forma decisiva la visibilidad y escenografía de los lugares. Muchos rasgos geomorfológicos, tales como forma del relieve, geología superficial, edad y origen, están vinculados a la manifestación topográfica.

Las formas características del relieve señalan en el poblamiento un fuerte vínculo entre éste y las ciudades del medievo fundamentalmente, además de pasillos naturales de comunicación el comercio y actividades productivas.

### **Los suelos y la calidad agrológica**

El recurso suelo es una consecuencia inmediata de las condiciones litológicas y climáticas. La naturaleza del suelo se combina con la topografía y la hidrología para determinar los potenciales de usos agrarios fijando oportunidades y limitaciones. La clasificación de los tipos de suelos de Córdoba se ha traducido en términos de recursos agrológicos y estéticos (color, textura del suelo, cambios estacionales). Las prácticas de cultivo que se han desarrollado en esta zona derivan del tipo de suelo al mismo tiempo que de la capacidad de transformarlo, obteniéndose

cultivos singulares reconocidos por la población como el membrillo de Puente Genil o los vinos de Montilla-Moriles.

### **La vegetación natural y antrópica**

La vegetación tiene una gran influencia en el paisaje, ya no tanto por la singularidad de su vegetación natural como por la antrópica. En los contextos urbanos, la vegetación derivada de los cultivos añade importantes rasgos cognitivos, pictóricos y culturales sobre una forma de trabajar la tierra.

Desde el punto de vista paisajístico, la cubierta vegetal modifica radicalmente la percepción de un mismo relieve y define su estado cambiante a lo largo del año a merced de los ciclos fenológicos.

### **Los usos del suelo y aprovechamientos del suelo**

Es reveladora la importancia concedida por la teoría del paisaje a los usos del suelo, en la que generalmente se distinguen los usos del suelo y las coberturas del suelo. En los territorios híbridos la vegetación natural se combina con la actividad humana para determinar distintos estados, con una tipología que va desde lo natural a lo plenamente artificial, pasando por una extensa gama de situaciones semi-naturales.

La caracterización de los usos conforme a los principios culturales nos ha proporcionado una vinculación entre los tipos y calidad del suelo con las situaciones climáticas y también tiene cierta vinculación con la localización de los núcleos urbanos. En este sentido, su distribución en los espacios de transición abre una categorización entre los cultivos de huertas y los extensivos.

Lo anterior no ha limitado la detección de otros aspectos paisajísticos reveladores de la organicidad del espacio. Entre estos elementos los lineales destacan los setos verdes, alambradas, bancales, caminos, lagunas, etc. En este ramo se encuentran las infraestructuras rurales y vías de comunicación.

### **La evolución histórica y patrones del territorio**

En la evolución histórica del territorio se plantea en el proceso metodológico; por un lado, bajo los fundamentos o invariantes que se presentan reiteradamente en distintos momentos de ocupación y asentamiento humano; por otro lado, en una sucesión de etapas históricas específicas para las dos comarcas objeto de estudio; y finalmente, la caracterización social y económica de cada ciudad.

## Los planes y programas con incidencia en el territorio y en las ciudades

Los niveles en los que se desarrolla la planificación (locales, subregionales, autonómicos, estatales) dan lugar un compendio heterogéneo de criterios de ordenación e informaciones. El sur de la provincia de Córdoba se ha planificado desde niveles administrativos y sectoriales diferentes por lo que ha sido necesario acudir a fuentes de diverso alcance.

En este sentido, son de especial interés para el paisaje los instrumentos de planificación, objeto de importantes modificaciones de escenarios territoriales y urbanos. Las figuras de protección de la naturaleza (Parque Natural de las Sierras Subbéticas), han proporcionado notables condicionantes en la ocupación de los espacios de transición de las ciudades medias.

## 5 - RESULTADOS Y CONCLUSIONES

La fase de instrumentación metodológica, en base a las capacidades y virtudes del enfoque desde la disciplina del paisaje, arroja unos resultados coherentes con el objeto de estudio en el que se han obtenido las siguientes aproximaciones al conocimiento de los espacios de transición:

**Aproximación al hecho temporal.** La compilación de los hechos culturales o de otra índole en un largo periodo de tiempo se ha obtenido a partir de la estructuración información en el orden establecido por la estratigrafía paisajística en los territorios híbridos. El paisaje ha contribuido a la compilación cultural de los escenarios urbanos atendiendo al carácter de cada una de las ciudades de estudio. En particular el paisaje según Naveh y Lieberman (1994), aporta extraordinaria riqueza de ritmos y tiempos al margen de la tendencia a ver en el paisaje un plano de permanencia.

**Aproximación al nexo territorio y ciudad.** Se obtiene la superación de la relación reduccionista o compartimentada entre los dos términos del dipolo que han mostrado algunos estudios iniciales con enfoques neurálgicos. La integración de ambos hechos requiere metodologías equilibradas (Nassauer 1995)

**Aproximación al sistema complejo.** La aplicación de la teoría de sistemas (Folch 2003) permite comprender el conjunto de geo-, bio- y noosfera como un entramado, al que pertenece el ecosistema humano, en que cada componente adquiere significación a la luz de sus relaciones con el resto. Es un sistema vivo (Steiner 2000), con capacidad de respuesta y múltiples vías de conexión causal.

**Aproximación al hecho espacial.** Las manifestaciones del paisaje han arrojado la expresión en el espacio de al menos tres esferas que se entrelazan: la geosfera, compuesta por lo abiótico (agua, rocas, suelo); la biosfera, integrada por las formas de la vida; y la tecnosfera, que comprende todos los artefactos y redes tecnológicas (Naveh 1995).

El desarrollo metodológico de la línea de investigación que aquí se presenta parte del término paisaje establecido por el *Convenio Europeo del Paisaje*, y recurre a los enfoques del paisaje cultural y carácter paisajístico para establecer una estructura en la lectura del territorio y una relación de variables lógicas.

En suma, las conclusiones que se obtienen esclarecen un orden en la secuencia de información sistematizada, que en su conjunto, hacen referencia al concepto paisaje: "designa cualquier parte del territorio, tal como es percibida por las poblaciones, cuyo carácter resulta de la acción de factores naturales y/o humanos y de sus interrelaciones"; lo que nos permite una lectura integradora de los territorios, los procesos y las escalas de análisis superando la ambigüedad y la compartimentación que se venía manteniendo en la mayoría de aproximaciones disciplinares.

## 6 - BIBLIOGRAFÍA

- Álvarez Mora, A. (dir.). 1998. *Patrimonio y Territorio*. Valladolid: Instituto de Urbanística de la Universidad, 1998, p. 14
- Bourdieu, P. 2008. *El sentido práctico*. Madrid: Siglo XXI de España
- Carrión Gútiérrez, A. (coord.). 2011. *Plan Nacional de Paisajes Culturales*. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte
- Consejo Académico Iberoamericano CAI. 1997. "Territorio y patrimonio: IX Conferencia Internacional sobre Conservación de Centros Históricos y del Patrimonio Edificado". Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial
- Consejo de Europa. 2000. *Convenio europeo del paisaje*. Council of Europe, Florencia
- Fariña Tojo, J. (coord.). 2010. *Libro blanco de la sostenibilidad en el planeamiento urbanístico español*. Ministerio de Vivienda, Madrid
- Feria Toribio, J. M. 2010. "Patrimonio territorial y desarrollo sostenible: un estudio comparativo en Iberoamérica y España". *Estudios Geográficos*, nº71 (268), p. 129-159
- Fernández Cacho, S. (coord.). 2015. "Balance y perspectivas del Registro de paisajes de interés cultural de Andalucía. Criterios y metodología". *Revista PH*. Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, n.º 88. Junta de Andalucía. p. 166-189
- Folch i Guillén, R. (coord.). 2003. *El territorio como sistema. Conceptos y métodos de ordenación*. Diputació de Barcelona, Barcelona
- Giménez Montiel, G. 2000. *Territorio, cultura e identidades*. Porrúa, México. p. 19-33

- Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico (coord.). 1996. *Bases para una Carta sobre Patrimonio y Desarrollo en Andalucía*. Junta de Andalucía, Sevilla
- Mata Olmo, R. 2008: "El paisaje, patrimonio y recurso para el desarrollo territorial sostenible; conocimiento y acción pública", en *Arbor: Ciencia, Pensamiento y Cultura*, CLXXXIV, no 729: 155-172
- Moreira Madueño, J. M. (coord.). 2005. *Mapa de los paisajes de Andalucía*. Atlas de Andalucía, vol. 2. Junta de Andalucía
- Morin, E. 2008. *Año I de la era ecológica*. Barcelona: Paidós Ibérica. pp. 11-12
- Mücher, C.A. 2003. *Identification and characterisation of environments and landscapes in Europe*. Alterrapport 832, Wageningen
- Muñoz Ramírez, F. 2008. *Urbanización. Paisajes comunes, lugares globales*. Gustavo Gili, Barcelona
- Naredo Pérez, J.M. 1997. *Sobre el origen, el uso y el contenido del término sostenible*. Ciudades para un futuro más sostenible. Disponible en: <http://habitat.aq.upm.es/cs/p2/a004.html>
- Nassauer, J.L. 1995. *Culture and changing landscape structure*. Landscape Ecology
- Naveh, Z. 1995. *From biodiversity to ecodiversity: new tools for holistic landscape conservation*. International Journal of Ecology and Environmental Sciences
- Naveh, Z. y Lieberman, A.S. 1994. *Landscape ecology: theory and application*. Springer, Berlin
- Nogué, J. (ed.). 2007. *La construcción social del paisaje*. Ed. Biblioteca Nueva
- Ortega, J. 1999. "El patrimonio territorial: El territorio como recurso cultural y económico". Instituto de Urbanística de la Universidad de Valladolid-Ciudades, nº4, p. 33-48
- Prats Palazuelo, F. 2009. "Ciudades y cambio global en España ¿Hacia un nuevo paradigma urbano?2. Disponible en: <http://habitat.aq.upm.es/boletin/n41/afpra.html>
- Raffestin, C. 1980. *Pour une géographie du pouvoir*. Litec, Paris
- Steiner, F. 2000. *The Living Landscape: An Ecological Approach to Landscape Planning*. McGraw-Hill, Nueva York.
- UNESCO. 1992. Convención del Patrimonio Mundial Cultural y Natural. Rio de Janeiro
- Wascher, D.M. (dir.). 2005. *European landscape character areas. Typologies, cartography and indicators for the assessment of sustainable landscapes*. European Landscape Character Assessment Initiative El-Cai
- Zagari, F. 2006. *Questo è paesaggio. 48 definizioni*. Gruppo Mancosu Editore, Roma
- Zoido Naranjo, F. 1998. "Didáctica de las ciencias sociales. Geografía e Historia". Barcelona: nº 16, Nuevas fronteras de los contenidos geográficos, p. 19-31



# AS EXPEDIÇÕES DA SOCIEDADE SILVA PORTO (1900-1912) PELO TERRITÓRIO PORTUGUÊS: O REGISTO PAISAGÍSTICO COMO MODELO DE CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

Daniela Simões

**Resumo:** Em 1900 é fundada a Sociedade Silva Porto, um grupo de pintura que tinha como principais objectivos a realização de excursões de estudo pelo território nacional, com vista à prática da pintura ao ar livre por parte dos alunos da aula de paisagem da Academia de Belas-Artes de Lisboa. As actividades desta sociedade decorreram sensivelmente até 1912, sendo gradualmente substituída por um novo colectivo, o Grupo Ar Livre (1910-1927), que seria também ele substituído, em 1927, pelo Grupo Silva Porto (1927-1939).

As viagens promovidas pela Sociedade Silva Porto permitiriam aos seus membros passar para o plano pictórico as paisagens e vivências autóctones das várias regiões portuguesas através de um contacto directo com as mesmas. Destes encontros saíam um conjunto de pinturas que seriam posteriormente apresentadas a cada ano à burguesia lisboeta, na divulgação de um imaginário de matriz ruralista, encarado como fonte de verdade e pureza nacionais, em oposição ao cosmopolitismo do espaço urbano. A presente comunicação pretende avaliar de que forma a longevidade desta metodologia paisagística, mantida como fio condutor dos três grupos apresentados, contribuiu para a construção de um modelo de identidade nacional junto do público português que atravessaria com grande vitalidade os anos finais da Monarquia, a 1ª República e os anos iniciais do Estado Novo.

**Palavras Chave:** Pintura de Paisagem; Identidade Nacional; Geografia da Arte; Naturalismo; Cultura Vernacular.

# THE EXPEDITIONS OF SOCIEDADE SILVA PORTUGAL (1900-1912) ACROSS THE PORTUGUESE TERRITORY: THE LANDSCAPING REGISTER AS A PRODUCER OF NATIONAL IDENTITY

Daniela Simões

**Abstract:** In 1900 the Portuguese landscape painting group Sociedade Silva Porto was founded. The main goal of this group was the exploration of the national territory by organizing excursions across the country where the landscape painting students of the Lisbon Academy of Arts were able to practise outdoor painting, according to the principles of Naturalism. The activities promoted by Sociedade Silva Porto lasted until 1912, although two years before (1910) a new landscape painting group had already been founded by the same members who named it Grupo Ar Livre. This second collectivity, which kept the same goals and approach towards painting, would also be substituted by a third one, in 1927, called Grupo Silva Porto.

The excursions promoted by Sociedade Silva Porto allowed their members to depict not only landscapes, but also typical figures and traditions of each Portuguese region visited, giving the artists the opportunity of a direct contact with local populations and their vernacular culture. These meetings gave rise to a significant number of works, which were presented each year to the Lisbon bourgeoisie at collective exhibitions. Throughout the years, the paintings on display helped spreading a rural and picturesque imaginary amongst the urban population, which was perceived by the art critic of the time as a source of national *truth* and purity in opposition to the cosmopolitanism of the city environment.

This communication aims to assess in which way the longevity of this landscape painting methodology, kept as a common thread in the three groups above presented, contributed to the formation and shaping of a national identity model, based on vernacular images and traditions from the last years of the Monarchy, to the Republican regime and the initial period of Estado Novo dictatorial regime.

**Keywords:** Landscape Painting; National Identity; Geography of Art; Naturalism; Vernacular Culture.

# **AS EXPEDIÇÕES DA SOCIEDADE SILVA PORTO (1900-1912) PELO TERRITÓRIO PORTUGUÊS: O REGISTO PAISAGÍSTICO COMO MODELO DE CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL**

Daniela Simões

## **1 - INTRODUÇÃO:**

### **O LUGAR DA SOCIEDADE SILVA PORTO NA HISTORIOGRAFIA DA ARTE PORTUGUESA**

A Sociedade Silva Porto foi fundada em 1900, tendo por fim *desenvolver o ensino da pintura de paisagem no nosso país, facultando aos alunos da aula respectiva na Escola de Belas-Artes de Lisboa excursões de estudo ao campo, dirigidas pelo seu professor, correndo as despesas de transporte e hospedagem dos alunos por conta da mesma sociedade* (*Catálogo da Exposição de Pintura da Sociedade Silva Porto: 1901, s.p.*). O fundador e mentor desta iniciativa seria o pintor Carlos Reis (1863-1940), à altura professor e regente da cadeira de pintura de paisagem na Academia de Belas-Artes de Lisboa, cargo que ocuparia até cerca 1911.

A figura de Carlos Reis daria continuidade a uma linhagem pictórica e de docência iniciadas com Tomás da Anunciação (1819-1879) e exponenciadas pela figura de António da Silva Porto (1850-1893), falecido em 1893 e que, cerca de quatro anos mais tarde, Carlos Reis viria a substituir na dita Academia. A morte precoce de Silva Porto, pioneiro da pintura arlivrista em Portugal, levaria à construção de uma hagiografia em torno da sua figura, que o apresentava como o pintor que, até à data, e de uma forma mais genuína, havia captado os aspectos definidores da paisagem e vivências populares nacionais. Não seria, por isso, de estranhar que Ramalho Ortigão (1836-1915) elogiasse a sua a pintura, definindo-a como uma espécie de "*Viagens na minha terra*" a óleo (Ortigão:1945, vol. I, 140). A actividade de docente de Silva Porto na Academia de Lisboa seria fundamental para a consolidação da prática da pintura de paisagem ao ar livre, em que alunos e mestre deixavam as salas da Academia, deslocando-se preferencialmente para o

campo, de modo a que a pintura produzida resultasse de um contacto directo com a realidade popular, marcadamente rural, numa prática pictórica *sur le motif*.

A aceitação do Naturalismo quer nos circuitos académicos, quer expositivos lisboetas definiu-se a partir da acção do chamado Grupo do Leão, um conjunto de artistas seguidores do modelo de Silva Porto, que o elegeriam como referência geracional e, após a sua morte precoce, como o “divino mestre”. Este reconhecimento face à obra e figura de Silva Porto perpetuar-se-ia pelas décadas seguintes através do trabalho, não apenas dos artistas ligados ao Grupo do Leão, mas também daqueles que haviam sido alunos do “divino mestre”. Foi este o caso de Carlos Reis que, quer enquanto professor, quer enquanto mentor de diversos grupos de pintura arlivrista, manteria como referências fundamentais a figura e metodologia de Silva Porto, ao longo de quatro décadas (1900-1940) (Fig.1).



Fig. 1: Fotografia de grupo da inauguração da 7ª Exposição da Sociedade Silva Porto (1907), em que se observa à esquerda a escultura *Retrato de homenagem a Silva Porto*, de Costa Mota Sobrinho (1877- 1956). Da esquerda para a direita: Costa Mota Sobrinho, Carlos Reis, António Saúde, José Campas. In *Ilustração Portuguesa* n. 64, 13 de Maio de 1907, sp.

A Sociedade Silva Porto (1900-1912) foi o primeiro desses grupos, tendo servido de modelo aos seguintes - o Grupo Ar Livre (1910-1927) e o Grupo Silva Porto (1927-1940), cujo fim seria ditado pela morte de Carlos Reis em 1940. Para além da promoção de excursões com o objectivo da prática da pintura arlivrista, a Sociedade Silva Porto apresentava igualmente uma componente expositiva, uma vez que as obras resultantes destas mesmas viagens, empreendidas normalmente durante o período das férias de Verão, eram posteriormente dadas a conhecer ao

público da capital, por meio da realização de exposições anuais, onde as mesmas poderiam ser adquiridas por colecionadores. A análise do texto inaugural do catálogo da 1ª Exposição da Sociedade Silva Porto, ocorrida em 1901, permite desde logo constatar que o seu financiamento provinha de um regime de associativismo, onde aqueles que se tornassem sócios teriam direito "1º - a receber anualmente uma reprodução em fotogravura ou litografia de uma obra de arte nacional; 2º - a receber como prémio parte dos quadros da exposição que [seriam] distribuídos por meio de uma tómbola, em assembleia geral; 3º - a tomar parte nas excursões, sendo, porém, as despesas à sua custa. Cada sócio pagará anualmente 1\$200 réis (...) (Catálogo da Exposição de Pintura da Sociedade Silva Porto, 1901, s.p.).

Como já apontado, as actividades desta Sociedade eram essencialmente destinadas aos alunos da aula de pintura de paisagem, pelo que, aquando da sua fundação em 1900, os estudantes que a integraram foram Artur Alves Cardoso (1882-1930), João Maria Falcão Trigoso (1879-1956) e António Manuel Saúde (1875-1958), tendo, em 1905, José Campas ingressado no grupo (1888-1971). Posteriormente (1908 - 1909), outros nomes como Leandro Calderón, Armando de Lucena (1886-1975), Abel Santos (1888- 19??), João Baptista Júnior, Adriano Costa (1888 ou 1890-1949), Alberto da Cunha Andrade, Frederico Ayres (1887-1963), Horácio Silva e João Dias da Serra integrariam a iniciativa até 1912 (Fig.s 2 e 3).

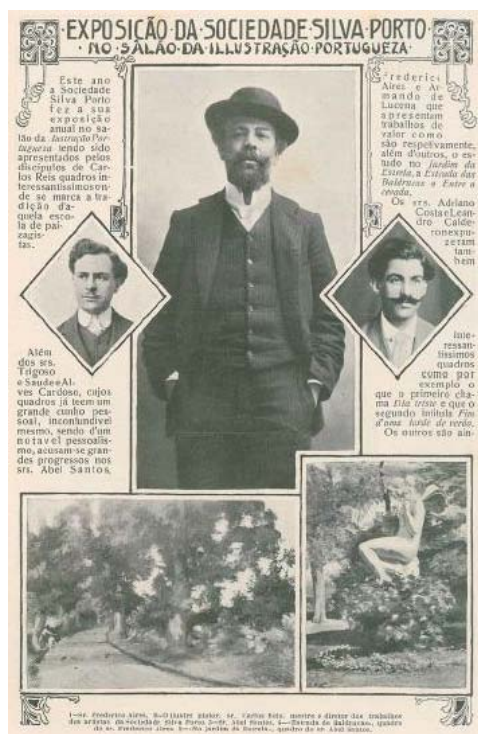


Fig. 2: Notícia alusiva à inauguração da 12ª Exposição da Sociedade Silva Porto em 1912. Em cima, da esquerda para a direita: Frederico Aires, Carlos Reis, e Abel Santos. Em baixo, esquerda para a direita: *Estrada de Baldrucas*, obra de Frederico Aires, e *No jardim da Estrela*, obra de Abel Santos. In *Ilustração Portuguesa* n. 326, 20 de Maio de 1912, p.661

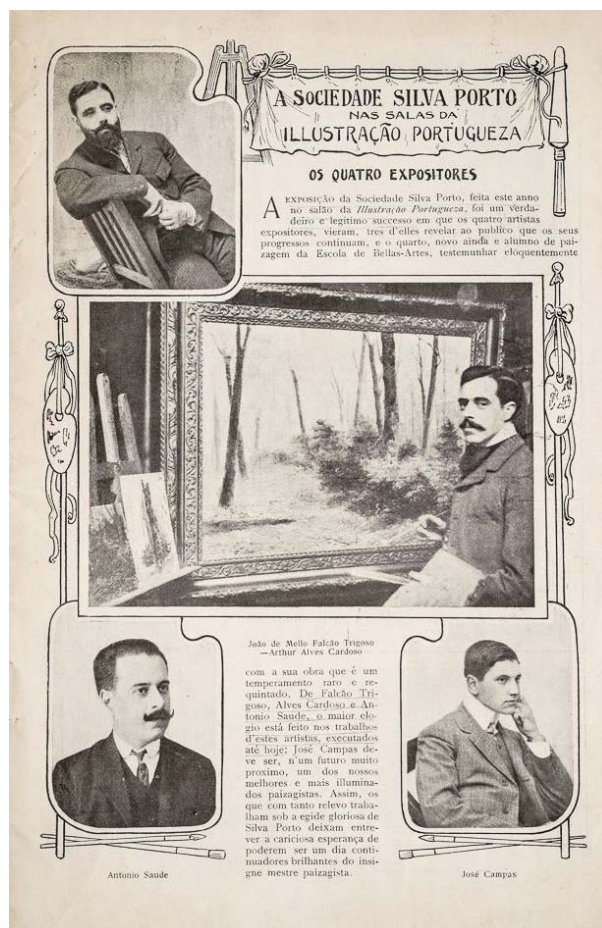


Fig. 3: Notícia alusiva à inauguração da 7ª Exposição da Sociedade Silva Porto em 1907, *Os quatro expositores*. De cima para baixo: Falcão Trigo, Alves Cardoso, António Saúde, José Campas. In *Ilustração Portuguesa* n. 64, 03 de Junho de 1907, sp

O facto de alguns dos alunos da Sociedade Silva Porto terem sido pensionistas do Estado no estrangeiro<sup>147</sup>, em França e Itália, levaria a que, para as exposições anuais da Sociedade, e durante o seu período de ausência do país, estes enviassem obras realizadas fora de Portugal, nomeadamente na Bretanha e em várias regiões italianas. As exposições em que tal se verificou acabaram por apresentar não só uma maior heterogeneidade de cenários, como também reflectiam a vontade dos seus membros em, mesmo fora do país, continuarem ligados à Sociedade, aos seus princípios de pintura arlivrista e mercado português. A Sociedade Silva Porto manter-se-ia activa até 1912, ano da última exposição, onde foram dadas a conhecer as pinturas realizadas na última excursão do grupo, cujo destino foi Azeitão. Para o fim da Sociedade terá certamente contribuído o facto de Carlos Reis ter cessado funções de docência na Academia de Lisboa, pouco tempo após a implantação da República, tendo passado a dirigir o recém-fundado

<sup>147</sup>Neste contexto destacam-se os nomes de Artur Alves Cardoso, pensionista do Estado em Paris e Itália entre 1904 e 1908, e José Campas, pensionista em França entre 1909 e aproximadamente 1913.



Museu Nacional de Arte Contemporânea, o que acabou por impossibilitar a entrada de novos alunos para a colectividade.

Não obstante, já em 1910, um novo grupo de pintura arlivrista havia sido formado pelo mestre e pelos seus primeiros alunos que, passado uma década, tinham já alcançado notoriedade no meio artístico nacional- Alves Cardoso, António Saúde, Falcão Trigo e Frederico Ayres- este último ingressando no grupo em 1917 (Fig.s 4 e 5). A este segundo conjunto seria dado o nome de Grupo Ar Livre, sendo que nele os artistas beneficiavam já de uma maior autonomia na concepção dos trabalhos e na escolha das paisagens retratadas, deixando de existir as excursões outrora presentes na Sociedade Silva Porto. Também neste caso, algumas das exposições anuais realizadas contaram com obras executadas no estrangeiro, desta vez por António Saúde que, em 1913, partira com expensas próprias para França, enviando para Portugal várias paisagens bretãs. Este segundo grupo daria ainda lugar a um terceiro, em 1927, o qual recuperaria novamente a memória do “divino mestre”, com a designação de Grupo Silva Porto. A proposta naturalista que orientou estes três grupos ao longo de cerca de 40 anos seria acompanhada pela actividade da maioria dos críticos de arte do primeiro terço do século que, nos vários jornais e revistas, perpetuavam uma interpretação nacionalista do imaginário veiculado pelas pinturas anualmente expostas, definindo a partir delas *códigos de identidade nacional* (SERRÃO: 2006, 360).



Fig. 4: Fotografia do Grupo Ar Livre, cerca de 1917. Da esquerda para a direita Alves Cardoso, Frederico Aires, Carlos Reis, Falcão Trigoso, António Saúde. Espólio da família do pintor Alves Cardoso



Fig. 5: Notícia alusiva à inauguração da 11ª Exposição da Sociedade Silva Porto em 1923. De cima para baixo: *Gerâneos e Malva Rosa*, por Carlos Reis; Carlos Reis; Falcão Trigoso; *Praia de Lagos*, por Falcão Trigoso; António Saúde; *Extremadura*, por António Saúde. . In *Ilustração Portuguesa* n.360, 13 de Janeiro de 1923, p.63

O prolongamento do Naturalismo pelo século XX seria acompanhado pelo surgimento e progressiva afirmação de propostas ligadas ao Modernismo que, no campo pictórico, se manifestariam não apenas na pintura, mas também na ilustração e grafismo. As exposições realizadas pelos três grupos acima mencionados foram, por isso, contemporâneas de outras mostras como a Exposição Livre (1911), o I, II, III Salões de Humoristas em Lisboa (1912, 1913, 1929), o I e II Salões de Humoristas do Porto (1915, 1919), a publicação da Revista *Orpheu* (1915), a estadia do casal Delaunay em Portugal (Vila do Conde, 1915), as exposições individuais de Amadeo de Souza-Cardoso no Porto e em Lisboa, a conferência futurista de Almada Negreiros e Santa Rita Pintor, e a consequente publicação do primeiro e único número da revista *Portugal Futurista* (1917), a Exposição dos Cinco Independentes no Porto (1923), o I e II Salões de Outono da SNBA (1925, 1926), o primeiro Salão de Independentes da SNBA (1930) e as Exposições de Arte Moderna promovidas pelo Secretariado de Propaganda Nacional (1933-1945).



Neste contexto, vale a pena recordar as palavras de José-Augusto França quando, em 1966, no prefácio da sua obra *A Arte em Portugal no século XIX* coloca a seguinte questão: *Do século XIX, desde quando e até quando? (...) Os séculos não começam sempre no ano 1 da centúria respectiva - começam e terminam em anos diferentes, conforme o país ou o sítio considerados. Por outro lado, nenhum período ou ciclo histórico termina para outro se iniciar, numa justaposição de valores: um termina enquanto o outro começa, sobrepondo-se naturalmente as correntes que os definem, com sinais diferentes, positivo ou criativo, uma, negativo ou epigonal, a outra.* (França:1990, 13). Contudo, e ainda que reconhecendo num momento inicial da obra em questão a existência de vários “tempos” artísticos dentro de uma mesma cronologia, José-Augusto França acabaria por assumir uma atitude de dialética marxista ao defender, na mesma publicação, que a pintura naturalista praticada ao longo da primeira metade do século XX já não encontra lugar na sua definição histórica, uma vez que *os sobreviventes e epígonos de uma tradição e de um hábito que de má vontade e só estrategicamente adoptaram valores impressionistas, diminuía de escala, num tempo para o qual não contribuía já; contra eles, outros aumentavam de importância, na medida em que esse próprio tempo se definia como obra sua* (França:1990, 313).

Este modelo de interpretação histórica acabaria assim por levar a que, para a definição do Naturalismo praticado em novecentos, houvesse a necessidade de lhe acrescentar o prefixo “tardo” como forma de acentuar o seu anacronismo face às práticas artísticas ligadas ao Modernismo, aquelas que a literatura das últimas décadas assumiu como narrativa central da História da Arte do período. Por conseguinte, a prevalência desta lógica justifica que José-Augusto França tenha optado por incluir os nomes e obras deste dito “tardo-naturalismo” na sua publicação dedicada à arte em Portugal no século XIX, em vez de abordar no volume de estudo dedicado à arte do século XX. Partindo desta cisão artificial de cronologias, o autor destina a esta produção um lugar outro que não o do século em que ocorre, encarando-a como uma espécie de apêndice epigonal da centúria anterior (Cf. França:1966, 313-318). Esta opção historiográfica e metodológica constituiu um modelo que viria a ser adoptado e prolongado pela grande maioria dos historiadores até à actualidade, conduzindo a um *branqueamento* e, em alguns dos casos, omissão, da presença e importância destes artistas no contexto social e cultural da época. O esquecimento e anonimato destes pintores apenas têm sido contrariados através da publicação de monografias que, de um modo mais ou menos consistente, têm procurado revitalizar a sua obra, sendo neste contexto de destacar as seguintes publicações: *Artur Alves Cardoso (1882-1930): Alma Mater* (2016), Daniela Simões; *João Reis - Pintura* (2014),

Pedro Carlos Reis; *Maria de Lourdes Mello e Castro (1993-1996): A Pintura no feminino* (2013), Nuno Saldanha; e *Falcão Trigo* (1997), Sylvia Purwin de Figueiredo Falcão Trigo.

A presente publicação pretende, deste modo, retomar a discussão em torno do conceito de “tardo-naturalismo”, reavaliando o lugar da Sociedade Silva Porto, mas também dos grupos subsequentes, no prolongamento do Naturalismo enquanto proposta estética e metodológica dominante quer ao nível do ensino, quer dos circuitos expositivos e de venda. Desta forma, e não obstante o advento das primeiras manifestações modernistas, a procura de uma arte de essência portuguesa continuava a ser almejada pela maioria da crítica, que a perspectivava a partir da representação verista de paisagens e tradições autóctones, prefiguradas enquanto códigos de identidade nacional.

## **2 - A DEMANDA DA CRÍTICA NATURALISTA POR UMA ESCOLA DE PINTURA NACIONAL**

O último quartel de oitocentos foi, do ponto de vista cultural, marcado por uma progressiva proximidade entre a produção artística e a actividade da crítica, difundida maioritariamente através de jornais e revistas da época, onde um crescente número de notícias e artigos de opinião foram sendo dedicados quer a artistas, quer às respectivas exposições, contribuindo para uma maior divulgação das mesmas junto do público português. Estas notícias eram frequentemente acompanhadas de reproduções, que cumpriam uma função ilustrativa, que colocava, pela primeira vez, lado a lado, texto e obra.

Para o estudo da crítica de arte em Portugal há, por isso, que destacar o papel pioneiro de publicações como *Jornal de Belas-Artes* (1857), *Arte e Letras* (1872-1874), *O Ocidente* (1877-1915) e *A Arte Portuguesa: Revista Mensal de Belas-Artes* (1882-1884). Na viragem para o século XX, novos periódicos seriam fundados, com um grafismo mais atractivo e actualizado, em que a fotografia e a fotogravura marcariam presença assídua, apresentando igualmente uma maior diversidade de temas e rubricas, onde se incluía uma ou mais páginas dedicadas a acontecimentos artísticos. Neste contexto salientam-se *Brasil-Portugal* (1899-1914), *Serões* (1901-1911), *Ilustração Portuguesa* (1903-1923), entre várias outras que, apesar de grandes tiragens, teriam um período curto de vigência.

O surgimento e afirmação da crítica de arte em Portugal apresenta uma estreita ligação com a actividade dos escritores e intelectuais ligados à Geração de 70 que, pela primeira vez, procurou sistematizar as especificidades étnicas da cultura artística e literária portuguesa, de origem erudita, mas também popular, sob a influência científica do positivismo francês, encabeçado

pelas figuras de Auguste Comte (1798-1857) e Hippolyte Taine (1828-1893). O pensamento deste último assume particular importância no contexto da Geração de 70, na medida em que o trabalho de autores como Ramalho Ortigão, Oliveira Martins (1845-1894), Teófilo Braga (1843-1924) e Adolfo Coelho (1847-1919) será fortemente marcado pela filosofia artística de Taine, a qual é amplamente desenvolvida na sua obra *Histoire de la Littérature Anglaise* (1864) e na compilação de escritos intitulada *Philosophie de l'Art* (1865-1882), dividida em dois volumes. Para a problematização da produção do século XIX interessará particularmente reter o trinómio de Taine *raça - meio - momento histórico*, os dois primeiros encarados como "*causas permanentes*" e o último como "*causa accidental*" (Pacheco:1969, 16). Segundo o autor francês, a produção artística de determinado povo é o produto das suas características temperamentais e étnicas, isto é, a sua *raça*, na sua relação com o meio, no qual se inserem o clima, a paisagem e as condições sociais. A juntar a estes dois factores, há ainda um terceiro, o momento histórico, relacionado com as circunstâncias temporais.

Apesar da popularidade e aceitação de que a teoria de Taine beneficiou, a mesma apresentava um conjunto de fragilidades, desde logo o seu dogmatismo determinista, a ambiguidade do seu conceito de *raça*, a *ilegitimidade da acção do método das ciências da Natureza às ciências morais* (PACHECO:1969, 23) e a exclusão de individualidade do artista no processo de execução da obra. As diversas possibilidades interpretativas da proposta de Taine acabariam por conduzir a frequentes associações de teor nacionalista, através das quais se pretendia legitimar a produção artística de um determinado Estado-Nação, delimitado por uma certa geografia e paisagem, a partir dos valores e cultura vernacular nele vigentes, bastiões ancestrais da respectiva identidade nacional. Neste contexto, a construção de uma *escola* de arte nacional afigurava-se, simultaneamente, como desejo e destino de cada nação, na procura e afirmação de elementos convergentes capazes de sintetizar características étnicas e temperamentais comuns.

No caso português, a aplicação da teoria positivista de Taine à produção artística nacional teria como principal defensor e cultor Ramalho Ortigão, em obras como *Notas de Viagem: Paris e a Exposição Universal* (1878, publicada em fascículos), *A Holanda* (1883) e o *Culto da Arte em Portugal* (1896, resultante da compilação de vários artigos anteriores). Na primeira destas publicações, datada de 1878, Ramalho afirmará, na sequência da sua visita à Exposição Universal desse ano, que *é de circunstâncias estranhas à vontade e à intenção do artista que a arte toma o cunho nacional. O carácter nacional, na obra colectiva de um povo, provém das influências gerais, a que esse povo se acha submetido, das suas tendências e das suas aptidões congénitas ou evolutivas, da sua maneira convergente e harmónica de pensar e de sentir, por efeito de um*

*mesmo clima, de um mesmo aspecto da paisagem, dos mesmos costumes, da mesma tradição histórica, da mesma política, da mesma religião, do mesmo destino* (Ortigão:1878, 120-121).

O problema da constituição de uma escola nacional de pintura encontrava-se associado o envio de alunos portugueses para o estrangeiro, em regime de pensionato estatal, maioritariamente com destino a Paris, com o objectivo de aperfeiçoamento dos seus estudos artísticos. Por um lado, com esta medida pretendia-se suprir as insuficiências do ensino artístico ministrado nas Academias de Lisboa e Porto, decorrentes da ausência de meios técnicos e humanos, e, por outro, possibilitar a necessária renovação do corpo docente de cada escola, *com o regresso dos pensionistas e posterior integração no contexto escolar da respectiva especialização (pintura, escultura, arquitectura, gravura)*. Ainda que o reconhecimento da necessidade deste complemento de formação estrangeira constituísse o sintoma do problema anteriormente referido, este revelava-se, algo paradoxalmente, como a sua solução, pois permitiria fundar uma escola nacional, fundindo a prática do *métier académique* com um imaginário de pretensão autóctone (*temas e heróis da História portuguesa, tipos populares e paisagens nacionais*) (Costa; Simões:2016, 305).

Contudo, esta iniciativa, ainda que perdurando até cerca de 1910, não se faria sem censuras e oposições, provenientes das principais figuras da crítica de arte em Portugal. Desde logo, e de acordo com as suas convicções positivistas, Ramalho Ortigão alertava para o “fantasma da desnacionalização” da arte portuguesa, afirmando que *um curso de anos consecutivos em uma escola estrangeira tem graves inconvenientes. O primeiro deles é que esse absentismo despaisa o artista, desnacionaliza-o, lentamente mas progressivamente, abastarda-o nos elementos nativos da sua força, come-lhe a originalidade peculiar à sua latitude, demarca-o do mais forte cunho que pode assinalar o talento - o cunho da raça* (Ortigão: 1891, 164). Já Fialho de Almeida (1857-1911), por outro lado, desvalorizava a necessidade do envio de estudantes portugueses para o estrangeiro, defendendo que *Malhoa, enclausurado, trinta anos, (...) num canto da província; saindo ao campo, todas as manhãs, caçar motivos; observando e praticando os rústicos, e sua circunscrição de plantas e de bestas; criando, pelo trabalho contínuo, uma ginástica de paleta perita no registo das dinamizações e aflorações de luz, segundo os céus e as horas; assimilando sem fim a vida pátria (...), em verdade consegue mais para a glória da arte portuguesa, de que todos os salta-montes do virtuosismo cosmopolita, do que todos esses pintores viajantes que nunca chegam a dar pela missão concêntrica e sagrada que todo o artista investe, qual a de esvurmar com o sábio e epopeizar com o poeta a utilidade ou beleza do rincão geográfico onde o destino o fez brotar* (Almeida: 1960, 230-231).

Ainda relacionado com este tema, há que considerar que Ribeiro Artur (1851-1910) não colocava o problema no sistema de pensionato, mas sim no regresso dos bolseiros à *apatia indolente* (ARTUR:1898, 237) do meio português. Em contraste, o jornalista Luís de Magalhães seria dos poucos defensores activos da passagem pelo estrangeiro dos artistas portugueses ao referir que *quando regressado ao seu país natal, o artista vem quase um mestre, senhor absoluto dos seus pincéis e da sua paleta. Em poucos anos amoldará o seu “instrumento” ao nosso meio. A sua retina educada descobrirá os segredos da nossa luz, achará o tipo da nossa fisionomia. Ele será o renovador; teremos em breve uma escola nacional* (Magalhães: 1891, 319).

Dentro desta lógica, o naturalismo constituiria o modelo estético, temático e metodológico defendido pela crítica como o que melhor serviria à desejada *escola* nacional de pintura<sup>148</sup>, em particular no género da paisagem e da pintura de costumes, na busca de uma pretensa “verdade nacional”, capaz de sintetizar a essência do carácter português. Este conceito algo dogmático ancorava-se, por um lado, no contacto directo com o objecto ou local representados por via de uma prática pictórica *sur le motif*, e, por outro, na eleição do espaço rural e da cultura vernacular como elementos de ligação mediúnica entre o presente e o passado, assegurando assim a perpetuação de valores ancestrais definidores e legitimadores de uma *alma mater, como se a vida aldeã fosse uma primitiva “aurea mediocritas”* (Silva:1995, 340). Este edifício teórico justifica, por isso, a preferência pelo género da paisagem na sua vertente ruralista, em detrimento da pintura de História ou de teor mais academizante, na medida em que a primeira se afigurava como local de origem e criação antropológica das populações autóctones, que, por sua vez, se apresentavam como agente transmissor e dinamizador de uma cultura ancestral que caberia ao pintor captar a partir do exercício da pintura.

Não obstante a vontade da crítica em ver concretizado o projecto da criação de uma *escola* nacional, será importante problematizar se as mesmas intenções eram partilhadas pelos artistas. A visão analítica formulada pelo Positivismo, encarado enquanto teoria científica, influenciou, desta forma, os artistas na procura de um olhar objectivo sobre o real, *trabalhando no exterior, sobre o motivo, como se dirá, os pintores mergulham num desafio inédito: como pintar as coisas, não na sua essencialidade simbólica, mas na fugacidade e variabilidade da luz, dos ciclos dos dias e das estações* (Silva:2005, 17). Esta nova apetência científica da pintura prefigurava-se como *memória e símbolo* (Silva:2005, 17), num registo de geografias, tradições e

---

<sup>148</sup>O desejo de criação de uma escola nacional havia sido igualmente enfatizado pela descoberta recente dos Painéis de São Vicente de Fora, em 1882, e a sua consequente e prolongada polémica ao longo das décadas seguintes. Este conjunto, assim como outras obras dos séculos XV e XVI, presentes em território nacional, associadas aos nomes de Nuno Gonçalves e Grão Vasco, estariam na origem da designação “Primitivos Portugueses”, sendo, por isso, encarados como fundadores da escola portuguesa de pintura.

vivências populares concretas que, ainda que involuntariamente, correspondiam ao desejo nacionalista da burguesia e da crítica finissecular ocidental, e em particular, portuguesa.

O interesse maioritário dos pintores nas questões inerentes à própria pintura, isto é, no seu tratamento matérico (justaposição de cores, luz e textura) acabaria por conduzir a problemas de ordem prática derivados das características e especificidades das diferentes regiões por si representadas. Neste contexto é importante salientar o caso dos pintores que, enquanto alunos, foram pensionistas do Estado em França, na medida em que, e sobretudo no caso dos estudantes de paisagem, houvesse necessidade de realizar incursões por regiões do território francês, com vista à prática da pintura ao ar livre. Esta contingência levaria, por isso, a que as composições enviadas pelos pensionistas às Academias portuguesas contivessem trechos de paisagens e tipos etnográficos franceses, nomeadamente bretões. Deste modo, de 1890 a 1914, quase todos os bolseiros portugueses cumpriram uma espécie de percurso iniciático pela cultura vernacular bretã. Nesta fuga voluntária à modernidade cosmopolita, urbana e industrial de Paris, a Bretanha prefigurava, para os artistas de quase toda a Europa, a possibilidade de aceder a um conjunto de paisagens e tradições ainda intactas na sua identidade rural e vernacular. No caso dos pintores portugueses, mais do que encontrar *a imagiologia de um país revisitado* (COSTA:1989, 158), como o defendeu Lucília Verdelho da Costa, estes pretendiam visitar uma intenção antropológica de análise e registo etnográfico das vivências aldeãs daquelas populações, repetindo modelos de representação iniciados outrora em Portugal<sup>149</sup>.

Consequentemente, as pinturas naturalistas realizadas na Bretanha coincidem tipologicamente com as produzidas na aldeia portuguesa, na sua narratividade literária, na sua heroicização das acções quotidianas populares, na sua preocupação de registo etnográfico e na idealização da paisagem natural como lugar quimérico. Na perspectiva científica do olhar naturalista modificou-se a técnica pictural de aplicação de cor e luz, porque as características geográficas, antropológicas e etnográficas do objecto retratado também se alteraram. Como anteriormente verificado, não considerando isto, parte da crítica naturalista portuguesa via os processos técnicos como manifestação do carácter da *raça*, tendo como finalidade a representação de um imaginário autóctone popular, de fácil identificação nacional, que o *meio* bretão diluía ou mesmo degenerava.

---

<sup>149</sup>Como exemplo desta situação poder-se-á referir o caso de Alves Cardoso, membro fundador da Sociedade Silva Porto que, entre 1903 e 1907, enquanto pensionista do Estado, realizará diversas incursões pelo território bretão. Aí executará não só os estudos preparatórios dos trabalhos que constituíam as obrigações dos pensionistas portugueses no estrangeiro, mas também um conjunto significativo de pinturas de média e pequena dimensão (*pochades*), dedicadas à captação da paisagem bretã, relevando estas uma especial atenção ao tratamento lumínico, o qual, devido às características locais, assume uma paleta mais suave e delicada, com um predomínio de tons frios, que contrastam com a paleta viva e terrosa empregue pelo artista em solo nacional. (Cf. capítulo *Os Anos de Formação (1894-1909)* In SIMÕES:2016, 24-61).

A análise deste conjunto de aspectos permite assim constatar as fragilidades da criação de uma *escola* de pintura nacional com base na teoria positivista de Hippolyte Taine, quer a nível teórico, quer prático. Por um lado, nega a possibilidade da existência de individualidade no artista e da sua consequente manifestação na respectiva produção pictórica, tanto do ponto de vista temático, como formal. Por outro lado, institui um impasse, uma vez que, embora se reconheça a necessidade do envio de alunos para o estrangeiro, pelas razões anteriormente explicitadas, esta mesma iniciativa é encarada como causadora de um inevitável desenraizamento e desnacionalização do artista, devido à sua inclusão num *meio* outro que não o autóctone, conduzindo a uma arte longe da ambicionada “verdade nacional”. Como se constatará no capítulo seguinte, a fundação da Sociedade Silva Porto viria dar resposta aos anseios e desejo de uma arte pretensamente portuguesa, ao estimular uma confluência entre o artista e o meio, garantia para a produção de uma arte autêntica, segundo óptica positivista.

### 3 - A SOCIEDADE SILVA PORTO E GRUPOS SUCESSORES:

#### TRAJECTOS, EXPOSIÇÕES E RECEPÇÃO CRÍTICA

A criação da Sociedade Silva Porto foi frequentemente interpretada pela crítica da época como uma resposta ou solução para o perigo da “desnacionalização” da cultura nacional, numa atitude auto-reflexiva de retorno à terra, aqui encarada não apenas como elemento de definição geográfica, mas também identitária. Esta busca duma essência nacional insere-se num movimento mais amplo encabeçado pelo Neogarretismo<sup>150</sup> que, como resposta ao Ultimatum inglês de 1890, assumia como objectivo *reaportuguesar Portugal* (Queirós: 1983, 315), expressão utilizada por Eça de Queirós (1845-1900) numa carta enviada a Oliveira Martins, em 1894. Esta expressão é, por isso, sintomática de um *mal estar* nacional, que a intelectualidade da época procuraria combater através de uma refundação da identidade portuguesa assente numa negação de modelos culturais estrangeiros, da inventariação e salvaguarda da literatura oral popular, uma revitalização de temas históricos na literatura e no teatro e no regresso à vernacularidade e ao rusticismo.

Neste âmbito, vale a pena recordar Alberto de Oliveira (1873-1940) quando, na sua obra *Palavras Loucas* (1894), afirma que *em Portugal seria necessário que nós os poetas emigrássemos para as aldeias, habituando-nos a uma vida doce e monástica (...), [onde]*

---

<sup>150</sup>O Neogarretismo, fenómeno maioritariamente associado ao campo da literatura e do teatro, assente numa revitalização da figura e obra de Almeida Garrett (1799-1854), acabaria por integrar um movimento cultural mais alargado, designado como neorromantismo, estruturando em Portugal as bases científicas e metodológicas de áreas como a Antropologia, a Etnografia, Geografia, Arqueologia e a própria História. Neste contexto destacam-se a acção e obra de figuras como Consiglieri Pedroso (1851-1910), Martins Sarmiento (1833-1899), Alberto Sampaio (1841-1908), Oliveira, Abade de Baçal (1865-1947), Adolfo Coelho, Sousa Viterbo (1845-1910), Leite de Vasconcelos (1858-1941), Joaquim de Vasconcelos (1849-1936) e Teófilo Braga.

*aprenderíamos história portuguesa no convívio do Beirão quase primitivo ou do Transmontano rude como um tojo...* (Oliveira: 1894, 32). A forma como a actividade da Sociedade Silva Porto foi encarada pela crítica da época não pode, pois, ser dissociada do quadro mental e cultural anteriormente apresentado, na medida em que, tal como sugerido por Alberto de Oliveira, estes artistas deslocar-se-iam da cidade rumo ao campo, em busca de um contacto com populações e cenários rurais, que transformariam em temas e protagonistas dos seus trabalhos e estudos. Esta atitude foi concretizada através das já referidas excursões anuais, realizadas pelo território nacional, em que em cada ano uma ou mais regiões do país eram percorridas por Carlos Reis e seus alunos, com vista à prática da pintura ao ar livre. Este método, ainda que inserido numa tradição que, em Portugal, teve origem em Tomás da Anunciação, é, na entrada para o século XX, renovada e exponenciada pela atitude pioneira de descoberta e exploração do território nacional por pintores que, contrariamente ao primeiro, saem de Lisboa e seus arredores, alargando assim o seu espectro geográfico, numa tentativa de mapeamento e inventariação do país<sup>151</sup>.

A exploração do território era importante para a prática da pintura ao ar livre, uma vez que seria neste contexto de descoberta que os artistas elegeriam os locais, vistas e elementos que seriam objecto de estudo. As horas do dia eram igualmente outro factor a ter em consideração, conhecendo-se a preferência dos paisagistas pelos períodos do amanhecer e entardecer, dadas as possibilidades de exploração lumínicas e cromáticas que estas permitiam. Ainda que não se conheçam descrições do exercício da pintura por parte dos membros da Sociedade Silva Porto durante as respectivas excursões, os testemunhos apresentados no livro de memórias do pintor francês Jean-Baptiste Georges Gassies (1889-1919), intitulado *Le vieux Barbizon, Souvenir de jeunesse d'un paysagiste, 1852-1875*, e publicado em 1907, são particularmente exemplificativos do dia-a-dia dos paisagistas, sendo que nele se recordam *as partidas de manhãzinha: "engolido o café, carregava-se o saco e a bolsa às costas e agarrava-se em duas telas, uma para a manhã e outra para o entardecer. (...) Quando, de saco às costas, chegávamos ao local era preciso, antes de desfazer a trouxa, escolher o sítio onde "se estivesse bem", onde as linhas fossem belas e o efeito interessante (...). Por fim encontrava-se o local que nos seduzia para um estudo, abria-se o guarda-sol, instalava-se o cavalete e pendurava-se num galho o famoso saco do almoço. E assim se passava o tempo sozinho a trabalhar na floresta. No regresso*

---

<sup>151</sup>Ainda que até ao momento não tenham sido encontrados dados concretos sobre a forma como as deslocações destes pintores pelo território nacional eram efectuadas, crê-se que o meio de transporte privilegiado fosse o comboio, dado o significativo desenvolvimento de que as linhas de caminho-de-ferro beneficiavam já em Portugal na entrada para o século XX, sendo de destacar o rápido alargamento das mesmas verificado ao longo da primeira década de noventa. A análise de mapas relativos a esta questão permite constatar que, entre 1900 e 1930, o território nacional era já coberto por uma extensa rede de caminhos-de-ferro, de tal forma que a grande parte dos locais escolhidos para excursões era servido já por este meio de transporte. Para uma leitura mais alargada sobre este tema ver SILVEIRA, Luís Espinha da; ALVES, Daniel; LIMA, Nuno Miguel; ALCÁNTARA, Ana; PUIG-FARRÉ, Josep, *Caminhos-de-ferro, população e desigualdades territoriais em Portugal, 1801-1930* In *Ler História*, nº61, 2011, pp.7-38.



*submetia-se os estudos feitos durante o dia à crítica, por vezes severa, dos colegas, confrontava-se o próprio trabalho com o dos outros e desta comparação saía um ensinamento útil para os principiantes e sempre interessante para todos. (...) Esta emulação levava-nos a fazer progressos* (Allemand-Cosneau:1993, 24).

Crê-se, deste modo, terem sido semelhantes as rotinas de Carlos Reis, Alves Cardoso, António Saúde e Falcão Trigoso quando, no Verão de 1900, partiram para a zona do Rio Almonda, no Ribatejo, destino da primeira excursão do grupo. Desta expedição saíam as obras para a primeira exposição da Sociedade Silva Porto, realizada na Academia de Belas-Artes de Lisboa e inaugurada a 31 de Março de 1901, cujo catálogo, para além da listagem das 27 obras expostas (*Diário de Notícias*, 31.03.1901, 1), apresenta um texto inaugural onde os fundamentos e objectivos da Sociedade são apresentados. O trabalho deste grupo apresentava assim dois aspectos inovadores, desde logo a prática colectiva da pintura, em que um mesmo cenário ou motivo eram representado por vários artistas, disto resultando diferentes interpretações e transposições pictóricas, fruto da individualidade do olhar de cada pintor. Esta aparente subjectividade não seria, no entanto, perspectivada pela crítica da época, a qual continuava centrada na busca de uma “verdade” para a pintura nacional, através de uma clara valorização da componente temática das obras, em detrimento dos aspectos formais (técnica, uso da cor e tratamento lumínico).

Por outro lado, a singularidade desta iniciativa era igualmente demonstrada no destaque que as suas exposições concederam ao género da paisagem, uma vez que, e ao contrário de outros certames anuais como as Exposições do Grémio Artístico e da Sociedade Nacional de Belas-Artes, que englobavam vários géneros de pintura, como também outras artes (escultura, projectos de arquitectura, desenho, artes decorativas,...), as exposições da Sociedade Silva Porto e grupos sucessores privilegiaram a mostra de pintura de paisagem, situação que lhes concedeu um destaque no panorama anual das exposições de arte em Portugal, diferenciando-as das restantes. Este modelo de mostras seria continuado até 1912 (data da última exposição da Sociedade), verificando-se ao longo destes anos apenas alterações nos locais de exposição<sup>152</sup> (Fig.6), e nos integrantes do grupo, que tenderam a aumentar com a entrada de novos alunos da aula de paisagem. A análise quer dos títulos das obras apresentadas, quer das notícias relativas à inauguração das exposições anuais, permitem verificar que diferentes regiões do país foram percorridas, desde o Minho à Península de Setúbal, passando pela Beira Interior, Douro,

---

<sup>152</sup>Estas exposições realizavam-se normalmente entre os meses de Março e Abril, tendo tido lugar nas Salas da Academia de Belas-Artes de Lisboa, com excepção dos anos de 1907 e 1912, onde se realizaram no Salão da Ilustração Portuguesa (*O Ocidente*: 10.05.1907, 100; *Ilustração Portuguesa*: 13.05.1907, 601; *Ilustração Portuguesa*, 03.06.1907, s.p.; *Ilustração Portuguesa*: 20.05.1912, 661-662; ALBERTO: 20.05.1912, 105-106).

Vouga e Almonda, ainda que nem sempre tenha sido possível apurar todos os locais de passagem (Fig.s 7 e 8).



Fig. 6: Aspecto da 1ª Exposição do Grupo Ar Livre (1910). In *Ilustração Portuguesa* n.211, 07 de Março de 1910, p. 294

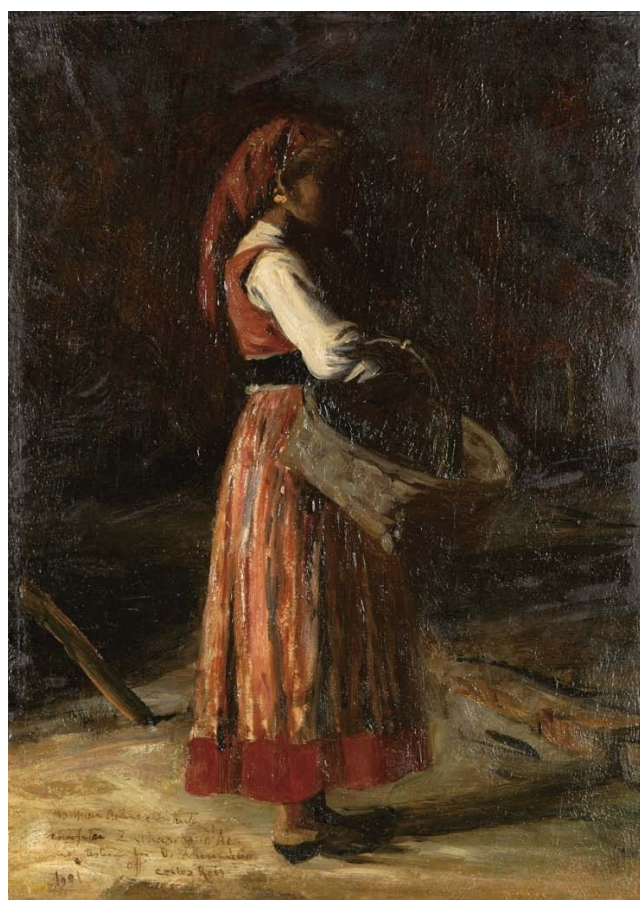


Fig. 7: Carlos Reis, *Minhota*, 1901, óleo sobre tela, 37x47cm, Coleção Particular



Fig. 8: Carlos Reis, *Rio Almonda*, c. 1900, óleo sobre tela, 80x60 cm, Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro

Neste sentido, as notícias publicadas nos diversos periódicos assumem particular importância, na medida em que, ao enumerarem, descreverem e reproduzirem algumas das obras expostas, permitem inferir os locais visitados pelos artistas nos vários anos, sendo que, se por se por um lado, durante as primeiras três excursões (1900-1902) apenas uma região por ano foi visitada - Almonda (1900), Rio Lima (1901), Beira Interior (1902) - nos anos seguintes, constata-se uma maior diversidade de destinos percorridos em cada Verão, o que permite inferir que, para além das obras produzidas aquando das excursões conjuntas, também aquelas executadas durante viagens e explorações individuais passaram a poder integrar as exposições anuais da Sociedade, contribuindo para uma maior diversificação dos cenários apresentados. A título de exemplo refira-se ano de 1903, cuja respectiva exposição realizada no ano seguinte apresentou quadros de três geografias distintas: Rio Paiva, Rio Douro e Santarém (*Ilustração Portuguesa*: 28.03.1904, 331). Já em 1908, há registo de obras realizadas em Lagos (Fig. 9), Tomar, Góis, Pedrogão Pequeno e Lima (*Ilustração Portuguesa*: 29.03.1912, 406-407). Ainda neste contexto, há que recordar a passagem de Alves Cardoso por França entre 1904 e 1907 na qualidade de pensionista do Estado, situação contribuiu ainda mais para a variação geográfica das paisagens apresentadas nas exposições destes anos.





Fig. 9: Falcão Trigo, *Praia de Lagos*, 1913, óleo sobre tela, 26x39cm, Colecção Particular

Porém, e como já anteriormente referido, em 1910, seria formado o Grupo Ar Livre, nova colectividade de artistas que, constituída por Carlos Reis e seus agora ex-alunos, se manteria em actividade até cerca de 1927, sendo que, entre 1910 e 1912, a actividade do novo grupo confluía com a da Sociedade Silva Porto, extinta nesse ano. Ainda que os valores pictóricos ligados à estética e preceitos naturalistas se mantivessem como bastião do Grupo Ar Livre, denota-se uma mudança relacionada com a extinção das excursões conjuntas, beneficiando, por isso, cada membro de uma clara autonomia na condução das suas pesquisas pictóricas (Fig.s 10, 11 e 12). Do ponto de vista da recepção crítica, é interessante constatar uma clara continuidade na forma como a produção artística da Sociedade Silva Porto e do Grupo ar Livre foram sendo entendidas, dentro da óptica vigente de criação de uma pintura nacional assente na divulgação e afirmação de valores identitários, de elogio a uma ruralidade autóctone.

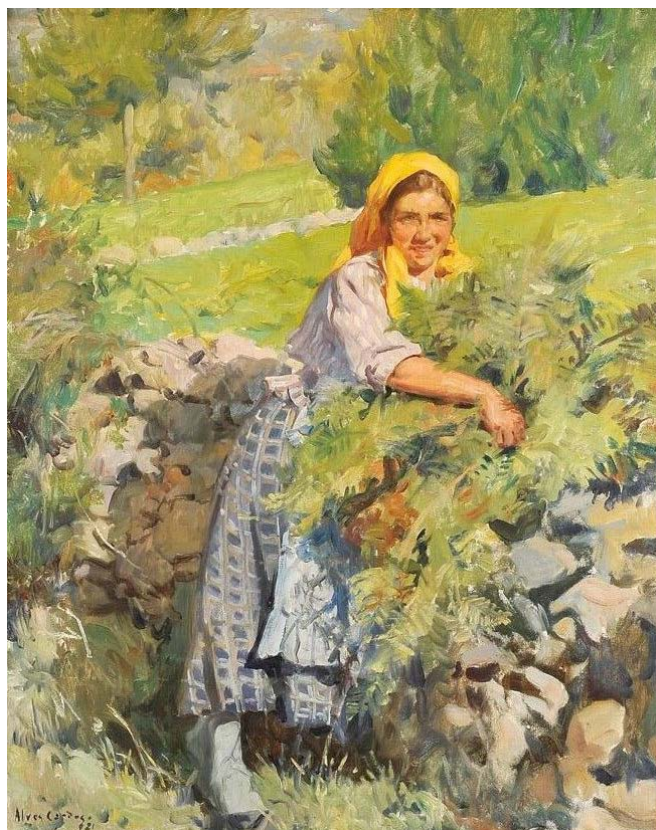


Fig. 10: Alves Cardoso, *Braçada de verdura*, 1921, óleo sobre tela, 66x53cm Coleção Particular



Fig. 11: António Saúde, *Mação*, 1915, óleo sobre tela, 29x38cm Coleção Particular





Fig. 12: Frederico Aires, *Paisagem*, 1910, óleo sobre tela, 36x46cm Coleção Particular

É, por isso, compreensível o predomínio de expressões como “verdade nacional”, “luz peninsular”, “alma da raça”, “lindas paisagens dos nossos campos” e “costumes portugueses” nas notícias e críticas que, ao longo de mais de vinte e cinco anos, foram projectando e divulgando a actividade do grupo junto do público português. Como exemplo citam-se duas passagens de notícias relativas à 1ªExposição do Grupo ar Livre, em 1910, mencionando a primeira que *Ar livre! Que complexidade envolve estas duas palavras para o peninsular. O mesmo é dizer muita luz, muito sol, muita cor, muita alegria, uma música que ressoa pelo espaço, ora suave, languida como um raio de sol através da ramaria, ora retumbante como um rugir da tempestade. É o nosso ar livre; Sim, o nosso ar livre, que nem em todos os pontos do globo é assim, tão luminoso, tão colorido, em toda a escala das cores, em todo o vigor* (Alberto: 10.03.1910, 50). Já a segunda, retirada da *Ilustração Portuguesa* refere que *em todos eles há a mesma adorável expressão da verdade, o mesmo sol alegre, as mesmas tonalidades da terra minhota, do jardim de Portugal, que estes pintores da exposição do Ar Livre tanto amam. É o que ressalta dos seus trabalhos, dessa tarefa patriótica de tornar conhecida a nossa terra, com o ar encantador de quem a apresenta vestida da verdade, que é no fim de tudo o culto de todos os artistas* (*Ilustração Portuguesa*, 07.03.1910, 294).

Nestes excertos, assim como em muitos outros identificados, encara-se o pintor como elemento de ligação entre a *terra mater* e o público, sendo-lhe atribuída a missão de captar e compilar as diversas realidades regionais, para as dar a conhecer junto da burguesia citadina. A busca de uma pintura capaz de sintetizar o melhor e o mais autêntico de uma ideia de *portugalidade* encontra-se presente nas palavras de Caetano Alberto que, aquando da sua crítica à exposição do Grupo Ar Livre em 1910, afirma, de forma algo humorística, que *assim passamos umas duas horas na exposição, divagando pelas lindas paisagens dos nossos campos, sem irmos a Santarém apanhar uma soalheira que a nossa saúde não resiste por mais que queira* (ALBERTO: 30.04.1910, 94). Apesar da maioria das notícias assinaladas revelarem uma recepção favorável às exposições e respectivas obras apresentadas pela Sociedade Silva Porto e Grupo Ar Livre, casos existiram em que críticas severas foram igualmente conduzidas aos artistas, derivadas do que alguns críticos consideraram ser a ausência de “verdade” nas suas obras, quer do ponto de vista dos temas retratados (recordem-se as paisagens francesas expostas por Alves Cardoso e António Saúde nestes certames), quer do ponto de vista formal, isto é, da ausência de um tratamento verista das formas, em geral associado pela crítica ao maior ou menor acabamento da obra.

Neste sentido vale, por isso, a pena recordar o texto intitulado *Arte sem Alma*, publicado na revista *Serões*, em 1911, quando, relativamente à exposição da Sociedade Silva Porto desse ano o autor menciona que *essas paisagens que vi na exposição, esses riscos ásperos, essas ruas estreitas, aquelas cores verdes, esses mares mais ou menos encapelados, são mudos, nada dizem, não impressionam. A linha e a cor obcessionou esses artistas, lançando-os no caminho onde a aberração e o delírio os esperam. Essas paisagens nada têm que indique a nacionalidades, o temperamento, a alma da raça desses pintores. Um polaco, um turco, um escandinavo, pintá-las-ia da mesma forma se tivesse ante os olhos esse amor do azul e do vermelho que denota a nossa juventude, essa cobiça da luz peneirada, da luz problema, da luz hieroglífica... Não há sinceridade na nossa arte contemporânea! Se houvesse, se os artistas se entregassem apenas a expressar a sensação pessoal, não se notaria a absoluta ausência da mentalidade portuguesa, do pensamento português, da vida portuguesa* (SILVA:1911, 387). Outra crítica, desta vez relacionada com a questão do acabamento das obras, é realizada novamente na *Ilustração Portuguesa*, em 1910, quando relativamente à exposição do Grupo Ar Livre desse ano se afirma que *nessa exposição há tentativas de vários géneros; surgem os impressionistas com as suas visões extravagantes, que dão nuvens de cores incríveis, mas aparecem também alguns quadros de perfeitíssima verdade que dão nota da clara visão dos seus autores e que se impõem pelo acabamento* (*Ilustração Portuguesa*, 16.04.1910, 540).

O ano de 1927 constituiria um marco importante para estes pintores, com a fundação de uma terceira colectividade, o Grupo Silva Porto (Fig.s 13 e 14), cuja actividade e exposições viriam a ocupar o lugar do anterior Grupo Ar Livre, numa manutenção dos mesmos membros, pressupostos estéticos e teóricos. O catálogo da primeira exposição do novo grupo, inaugurada em Fevereiro de 1927, contém um texto de apresentação no qual se afirma que *de há quinze anos consecutivos que o Grupo Ar Livre vinha expondo os seus trabalhos colhidos em plena natureza. (...) Com nova orientação, o grupo agora denominado de "Silva Porto", em homenagem ao grande artista e invulgar mestre, inicia um novo ciclo de arte que esperamos seja também devidamente avaliado. Acedendo ao nosso convite honram e valorizam este ano a exposição os consagrados mestres Malhoa, Columbano, Costa Mota, de Lisboa, e Teixeira Lopes, Júlio Ramos e Acácio Lino, do Porto. Julgamos em consciência vir prestando à arte nacional um apreciável e honrado serviço, e cheios de fé, daquela fé sadia adquirida num intenso e árduo trabalho, e no contacto com a generosa e linda natureza, vimos trazer aos olhos e sentimento do público, a nossa obra sincera e portuguesa, pedindo para ela a atenção que julgamos merecer* (1ª Exposição do Grupo Silva Porto: 1927,1).



Fig. 13: Inauguração da 1ª Exposição do Grupo Silva Porto em 1927. Da esquerda para a direita: António Saúde, João Reis, Falcão Trigo, o Presidente da Republica Óscar Carmona, Carlos Reis, Frederico Aires, Alves Cardoso. Espólio da família do pintor Alves Cardoso



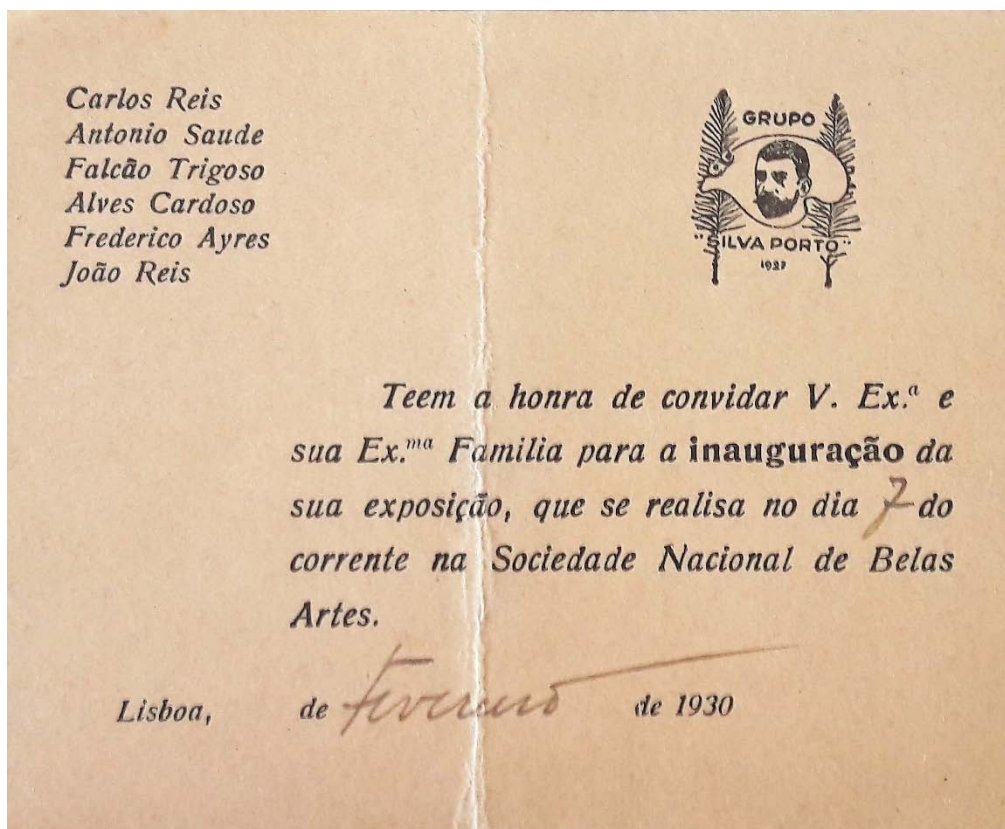


Fig. 14: Convite para a Inauguração da 4ª Exposição do Grupo Silva Porto em 1927

Embora exista a menção a uma “nova orientação”, a mesma parece não ser identificável, pois quer ao nível das premissas apresentadas no texto, quer das obras exibidas nas diversas exposições até 1940, observa-se a perpetuação de um conjunto de directrizes deliberadamente anti-modernas, patentes numa atitude de continuidade face à tradição pictórica oitocentista, identificável no reafirmar dos princípios ideológicos do naturalismo (*trabalhos colhidos em plena natureza; contacto com a generosa e linda natureza*) e na vontade de dar a conhecer ao público paisagens e tradições autóctones (*obra sincera e portuguesa*). Para além destes aspectos, o regresso à figura de Silva Porto, bem como o convite dirigido a vários pintores e escultores ora professores das Academias de Lisboa e Porto, ora pertencentes ao Grupo do Leão, enfatizam ainda mais esta vontade de ancoragem e filiação na tradição oitocentista (Simões:2016, 192), que assim se prolonga até meados do século.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação e problematização da actividade da Sociedade Silva Porto, bem como dos grupos que a sucederam, permite constatar uma manutenção e prolongamento do Naturalismo enquanto proposta metodológica, artística e estética, bem para lá do primeiro quartel de

novecentos, acabando, desta forma, por coincidir cronologicamente com várias alterações no campo político que marcaram significativamente a primeira metade do século XX português: anos finais da Monarquia, implantação da República (1910), golpe militar de 1926, Ditadura Nacional (1928-1933) e o surgimento do Estado Novo (1933). Deste modo, importa ressaltar a confluência das datas destes acontecimentos políticos com as datas de fundação dos vários grupos liderados por Carlos Reis. Desde logo com a criação do Grupo Ar Livre em 1910 e, posteriormente, com a sua substituição pelo Grupo Silva Porto no início de 1927, ainda que nenhuma prova tenha sido encontrada de que a criação de novos grupos tivesse por base motivações políticas. No entanto, e apesar das alterações verificadas, denota-se uma continuidade nos padrões de gosto, quer ao nível da grande maioria da crítica, quer ao nível do público e mercado de arte, permanecendo o Naturalismo como a corrente artística com maior popularidade em território nacional, não obstante a presença de novas propostas ligadas ao eclodir do Modernismo. Por conseguinte, e tal como salientado por Raquel Henriques da Silva, esta cristalização de vivências e tradições campesinas, *como se a vida aldeã fosse uma primitiva aurea mediocritas era depois oferecida aos cidadãos da Sociedade Nacional de Belas-Artes como substância de uma identidade. E se o público fim-de-século desde sempre o apreciou, a mitificação viria a ser-lhe construída pela ideologia pequeno-burguesa dos republicanos e, depois, pelo empenho anti-urbano do Estado Novo, exemplificando bem a permanência de uma situação cultural ao longo de diversos ciclos políticos, onde o cosmopolitismo sempre foi considerado uma mácula de estrangeirismo* (Silva:1995, 340).

Esta concordância de valores entre os artistas naturalistas e a grande maioria da crítica e do público da época possibilitou encarar o Naturalismo como gerador de uma possível *escola* nacional de pintura, a qual se pretendia ancorada a valores pictóricos e temáticos definidoras de uma identidade nacional, assente na representação verista de paisagens e tradições autóctones. *Crê-se, por isso, importante realçar a ideia de que uma revisão do discurso historiográfico relativo às primeiras décadas do século XX não poderá ser feita sem ter em consideração o sistema complexo de relações estabelecidas entre o tardo-naturalismo e a progressiva afirmação das propostas modernistas nos vários domínios artísticos* (SIMÕES:2016, 195). Há, por isso, que atentar numa revisão da cronologia, ou mesmo na criação de uma nova, capazes de englobar não apenas os movimentos de ruptura, mas também as persistências artísticas, numa valorização do papel da recepção crítica na construção de um discurso historiográfico mais sólido e coerente.

## 6 - BIBLIOGRAFIA

### OBRAS PUBLICADAS

- Almeida, Fialho de, *Barbear, Pentear*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1960.
- Castro, Catarina Maia e, *Os costumes portugueses: Da tradição nacional ao culto de uma arte popular In As Belas-Artes do Romantismo em Portugal* (coord. Elisa Soares). Porto: MNSR-IMP, 2000
- Costa, Jorge Gonçalves da; Simões, Daniela, *A formação parisiense dos pintores portugueses do fim do século: os casos de estudo de Souza Pinto (1856-1939) e Alves Cardoso (1882-1930) In Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX: As Academias de Belas-Artes Rio de Janeiro -Lisboa-Porto*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016 (pp.303.317) (artigo conjunto)
- Costa, Lucília Verdelho da, *Images d'un pays retrouvé: peintres portugais en Bretagne In Artistes Étrangers Pont-Aven, Concarneau et autres lieux de Bretagne* (coord. Denise Delouche). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1989, pp. 157-165
- França, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*, I e II Vol. Lisboa: Bertrand Editores, 1961
- História da Arte em Portugal : O Pombalismo e o Romantismo*. Vol.5. Lisboa: Editorial Presença, 2004
- Kaufman, Thomas Dacosta, *Towards a Geography of Art*. Chicago; London: University of Chicago Press, 2004
- Leal, João, *Etnografias portuguesas (1870-1970): Cultura popular e identidade nacional*. Lisboa: Dom Quixote, 2000
- Matias, Maria Margarida L. G. Marques, *O Naturalismo na Pintura In História da Arte em Portugal -Do Romantismo ao fim do século*, vol.11. Lisboa: Edições Alfa, 1986, pp.21-133
- Ortigão, Ramalho, *A Holanda*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947 [1883]
- Arte Portuguesa*, Vol III. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947 [1896]
- Oliveira, Alberto de, *Palavras Loucas*. Coimbra: F.-. França Amado Editor, 1894
- Pacheco, Manuel António de Moura, *Influências de Hippolyte Taine no pensamento estético português*. Dissertação em Filosofia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1969
- Queirós, Eça de, *Correspondência*, 2º vol. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983
- Reis, Pedro Carlos, *Carlos Reis*. Lisboa: ACD Edições, 2006
- Saldanha, Nuno, *José Malhoa : Tradição e Modernidade*. Lisboa: Scribe, 2010
- Serrão, Vítor, *Uma reflexão sobre a memória das imagens: Património histórico-artístico e códigos de identidade nacional In Nação e Identidades: Portugal, os Portugueses e os Outros*. Lisboa: Caleidoscópio, 2009, pp.359-385
- Silva, Raquel Henriques da, *Romantismo e Pré-Naturalismo In História da Arte Portuguesa* (coord. Paulo Pereira), vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995
- O Naturalismo e o Portuguesismo em Pintura In João Vaz 1859-1931: Um pintor do Naturalismo* (coord. Isabel Falcão). Lisboa: CMAG-IMP, 2005, pp.16-26

Silveira, Luís Espinha da; ALVES, Daniel; LIMA, Nuno Miguel; ALCÂNTARA, Ana; PUIG-FARRÉ, Josep, *Caminhos-de-ferro, população e desigualdades territoriais em Portugal, 1801-1930* In *Ler História*, nº61, 2011, pp.7-38

Simões, Daniela, *Artur Alves Cardoso (1882-1930): Alma Mater*. Lisboa: Fundação Millennium Bcp, 2016

Sturges, Hollister (coord.), *Jules Breton and the French Rural Tradition*. Omaha, Nebraska: Joslyn Art Museum, 1982

Taine, Hippolyte, *Philosophie de l'art*, I tomo. Paris: Librairie Hachett & Cie, 1909 [1865]

Weirberg, Gabriel P., *Illusions of Reality: Naturalistic Painting, Photography, Theatre and Cinema, 1875-1918*. Amsterdam: Van Gogh Museum; Helsinki: Ateneum Art Museum, 2010

## **PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**

Magalhães, Luís de, *As Belas-Artes em Portugal* In *Ilustração*, 1889, p.323.

Ortigão, Ramalho, *A Arte Nacional e a Exposição do Grémio Artístico* In *Revista Ilustrada*, 31-03-1891

*Exposição de paisagens* In *Diário de Notícias*, 31.03.1901, p.1

*Sociedade Silva Porto* In *Comércio da Noite*, 08.04.1902

*Serões - Revista Mensal Ilustrada*, nº19, vol. IV, De Maio a Junho de 1903, p.4 (secção "Variedades")

*A Exposição da Sociedade Silva Porto aberta a 20 de Março* In *Ilustração Portuguesa*, nº21, 28.03.1904, p.331

*Sociedade Silva Porto - Exposição de Pintura* In *O Século*, 26.03.1905

*A Exposição da Sociedade Silva Porto* In *Jornal do Comércio*, 07.04.1905

*Sociedade de Pintura Silva Porto - Nas vésperas da abertura da exposição* In *O Dia*, 31.03.1905

*Exposição de pintura da Sociedade Silva Porto* In *O Ocidente*, nº1012, 10.05.1907, p.98-100

*A Sociedade Silva Porto no Salão da Ilustração Portuguesa* In *Ilustração Portuguesa*, nº 64, 13.05.1907, pp.601-604

*A Sociedade Silva Porto nas Salas da Ilustração Portuguesa* In *Ilustração Portuguesa*, nº67, 03.06.1907, s.p.

*Sociedade Silva Porto. A sua exposição* In *Ilustração Portuguesa*, 29.03.1909, nº162, pp.406-407

Alberto, Caetano, *A exposição da Sociedade Silva Porto* In *O Ocidente*, nº1090, 10.04.1909, pp.75-77

Alberto, Caetano, *Exposição de quadros. Pintura ao ar livre* In *O Ocidente*, nº1123, 10.03.1910, pp.50-51

Rosiers, Júlio, *Exposição de pintura ao ar livre* In *A Voz de Estremoz*, 24.03.1910, p.1

*Exposição de pintura ao ar livre no Salão Bobone* In *Ilustração Portuguesa*, nº211, 07.03.1910, pp.294-296

*Exposição de pintura de ar livre* In *Brasil-Portugal*, nº267, 01.03.1910, p.37-40

Alberto, Caetano, *Exposição da Sociedade Silva Porto* In *O Ocidente*, nº1028, 30.04.1910, pp.91-94

*A Exposição da Sociedade Silva Porto* In *Ilustração Portuguesa*, nº218, 26.04.1910, pp.540-543

*Na Academia Relas das Belas-Artes: A décima exposição da Sociedade Silva Porto* In *Brasil-Portugal*, nº271, 01.05.1910, pp.104-105

Silva, Portugal da, *Arte sem Alma In Serões*, nº71, Maio 1911, pp.386-388

Alberto, Caetano, *Exposição da Sociedade Silva Porto In Ocidente*, nº1063, 20.04.1911, p.83-84

*A Exposição da Sociedade Silva Porto In Ilustração Portuguesa*, nº269, 17.04.1911, pp.507-510

Alberto, Caetano, *Exposição de pintura de ar livre In Ocidente*, nº1090, 20.01.1912, pp.12-13

*Exposição de pintura ao ar livre In Ilustração Portuguesa*, nº308, 15.01.1912, p.80

*A Exposição da Sociedade Silva Porto no Salão da Ilustração Portuguesa In Ilustração Portuguesa*, nº326, 20.05.1912, pp. 661-662

Alberto, Caetano, *A Exposição da Sociedade Silva Porto In O Ocidente*, nº1202, pp.105-106

*A Exposição de pintura ao ar livre In Ilustração Portuguesa*, nº360, 13.01.1913, p.61

*Exposição de pintura no Salão Bobone In A Lucta*, 25.12.1915, p.1

O.C., *Pintores de ar livre In O Século*, 03.01.1916, p.1

*A 8ª exposição de ar livre In Ilustração Portuguesa*, nº673, 13.01.1919, p.36

*Exposição de pintura In ABC*, nº30, 13.01.1921, s.p.

Pinto, Manuel de Sousa, *Pintura de Ar Livre In Ilustração Portuguesa*, nº830, 14.01.1922, pp.31-32

*12ª Exposição do "Ar Livre" In Ilustração Portuguesa*, nº933, 05.01.1924, p.15

Pinto, Manuel de Sousa, *Grupo Silva Porto In Ilustração*, nº30, 16.03.1927, p.18

Campos, Agostinho, *Grupo Silva Porto In O Século*, 17.03.1928, p5

*O Grupo Silva Porto prestou homenagem ao seu patrono In Diário de Notícias*, 30.03.1928

*Vida Artística In Ilustração*, nº55, 01.04.1928, p.14

Costa, Sousa, *A Exposição do Grupo Silva Porto In Ilustração Moderna*, nº29, Janeiro de 1929, p.253-256

*Factos da quinzena In Ilustração*, nº100, 16.02.1930, p.10

#### **EXPOSIÇÕES SOCIEDADE SILVA PORTO**

*Catálogo da Exposição de Pintura da Sociedade Silva Porto*, 1901

#### **EXPOSIÇÕES GRUPO AR LIVRE**

*Catálogo da 8ª Exposição de Pintura de "Ar Livre"*. Lisboa, Dezembro de 1918

#### **EXPOSIÇÕES GRUPO SILVA PORTO**

*1ª Exposição do Grupo Silva Porto*. Lisboa: Papelaria Assis, 1927

*2ª Exposição do Grupo Silva Porto*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, 1928

*4ª Exposição do Grupo Silva Porto*. Lisboa: Papelaria Fernandes, 1930

*5ª Exposição do Grupo Silva Porto. Lisboa, 1931*

*6ª Exposição do Grupo Silva Porto. Lisboa: Papelaria Fernandes, 1932*

*9ª Exposição do Grupo Silva Porto. Lisboa, Março de 1936*

*10ª Exposição do Grupo Silva Porto. Lisboa, 1937*

## NOTAS CURRICULARES

**Alexandro Jirola Ordera** es Administrador de Gestion y Soluciones Arquitectonicas SLP, una sociedad limitada profesional especializada en servicios integrales en el campo de la arquitectura e ingeniería al servicio del medioambiente, dinamizadores de áreas rurales.

**Altamiro Sérgio Mol Bessa** é Pós-doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, com a pesquisa intitulada *Aportes da filosofia da Paisagem à Arquitetura Paisagística* e Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição. É Professor Adjunto do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, onde leciona no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. É Mestre em Turismo e Meio Ambiente, Especialista em Revitalização Urbana e Arquitetônica, Arquiteto e Urbanista e Engenheiro Civil. Lidera o Grupo de Pesquisa certificado pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil, CNPq, denominada Uponto - Utopias Urbanísticas Experimentais. Coordena as pesquisas *A construção das paisagens turísticas nas metrópoles brasileiras*, apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - Fapemig e pelo CNPq. É pesquisador de outras pesquisas desenvolvidas na UFMG. Possui dois livros publicados e inúmeros capítulos e artigos em livros e periódicos, nacionais e internacionais.

**Ana Cardoso de Matos** é Professora na Universidade de Évora (ECS - Departamento de História) e investigadora CIDEHUS-UÉ, onde coordena a linha-Património e diversidade cultural. Desde 2006 dirige na UÉ o MEM TPTI- *Techniques, patrimoines, territoires de l'industrie*. Coordenou os projectos "Portuguese engineering and engineers- 18<sup>th</sup>-20<sup>th</sup> centuries" e "Networked Cities: Urban infrastructures in Portugal 1850-1950", e participou em diversos projectos nacionais e estrangeiros. É membro do *Comité d'Histoire de l'électricité et de l'énergie*, FEDF, da *International Railways History Association* (IRHA), da Asociación Ibérica de Historia Ferroviaria (AsIHF), do conselho editorial das revistas *TST-Transporte, Servicios Y comunicaciones* e *HoST- History of Science and Technology*, e do conselho científico de *Patrimonio Industriale APAI*, *e-Phasistos*, *Revue d'histoire des techniques* e *MIDAS*.

**Ana da Silva** é Arquitecta, licenciada pela Universidade de Évora (UE), especialista em *Arquitectura: Teoria, Projecto, História* pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) onde é doutoranda. É investigadora do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) e bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Foi vencedora do Prémio Secil Universidades 2006, enquanto estudante e como arquitecta em nome individual, o seu trabalho foi já por diversas vezes premiado. É colaboradora do Arquitecto Álvaro Siza Vieira desde 2008.

**Ana Paula Pires** é Doutorada em História, especialidade História Económica e Social Contemporânea, pela Universidade Nova de Lisboa. Realiza actualmente um pós-doutoramento na Universidade de Stanford e na Universidade Nova de Lisboa.

É membro da direcção do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL e coordenadora do grupo “Economia, Sociedade, Património e Inovação” da mesma instituição. Integra actualmente o Grupo de Trabalho Interministerial para o Turismo Militar, em representação da Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Autora de diversos livros e artigos científicos é co-fundadora da International Network for the Study of the Great War in Africa e é editora de 1914-1918 online, International Encyclopedia of the First World War, projecto coordenado pela Universidade Livre de Berlim. Venceu os prémios da Associação Portuguesa de História Económica e Social e Alberto Sampaio.

**Anderson Gomes da Epifania** é Professor e Pesquisador do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano. Graduado com licenciatura plena em Geografia - Universidade Católica do Salvador. Mestre em Geografia com habilitação em Desenvolvimento Urbano e Regional pela Universidade Federal da Bahia, Doutorando vinculado ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente integra os grupos de pesquisa “Linguagens da Cena: Imagens, Cultura e Representação” e o “CiTePlan: Cidade, Território e Planejamento”, tendo como foco de pesquisa as discussões sobre a produção do espaço, o urbano, a análise do cotidiano e ativismo social, o fenómeno turístico, Teoria da Geografia, Desenvolvimento Urbano e Regional. No tocante a perspectiva analítica da paisagem a mesma representa um importante conceito operacional para as análises promovidas ao longo da carreira do autor, tendo como principal reflexão a análise sobre o contexto em que as mesmas estão inseridas e são desveladas pelos diferentes agentes sociais através da análise processo de produção do espaço.

**Andreia Amorim Pereira** é Doutoranda em Geografia Física Departamento de Geografia e Turismo da Universidade de Coimbra. Obteve uma bolsa da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia e está a desenvolver uma dissertação dedicada à interpretação, classificação e gestão de paisagens culturais de montanha. É pós-graduada em Gestão de Riscos Naturais pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É investigadora do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT). Autora de várias publicações, incluindo artigos em periódicos científicos, atas e capítulos de livros. O trabalho desenvolvido nos últimos seis anos centrou-se na análise, gestão e valorização de paisagens culturais sob uma abordagem interdisciplinar, a multifuncionalidade da paisagem, o valor patrimonial das paisagens culturais, com especial incidência nas paisagens agro-pastoris tradicionais.

**Armando Quintas** é Membro do CIDEHUS - Universidade de Évora, Vice - Presidente da direcção do CECHAP - Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e património. Doutorando em História pela Universidade de Évora, Mestre em Gestão do Património Cultural e Industrial no Programa Erasmus Mundus TPTI - Techniques, Patrimoine, Territoires de l'Industrie pelas Universidades de Paris I, Évora e Pádua, Licenciado em História - Ramo Património Cultural, pela Universidade de Évora. Tem desenvolvido investigação sobre o património industrial e paisagens da produção no sul de Portugal, nomeadamente sobre a indústria de moagem, de transformação de cortiça e indústria do Mármore.

**Bárbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins** é Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2015; estudante de Turismo na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo desde 2016. Aprovada para o Mestrado em História no Instituto de Filosofia e



Ciências Humanas da Universidade de Campinas, a partir de 2017. Desenvolveu pesquisa de Iniciação Científica com bolsa da FAPESP sobre o Centro Urbano de Iguape em São Paulo e estudou um ano na Université Catholique de Louvain (Bélgica) com bolsa de estudos CNPq em 2012. Trabalhou junto ao Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC-USP) entre 2013 e 2015 e no levantamento cadastral de uma vila de aluguel em São Paulo em 2015. Especificamente sobre o Engenho da Toca é colaboradora do ponto turístico e desenvolve trabalhos junto ao local e elaborou um plano de conservação para a parte física do edifício e do maquinário empregado durante a produção de cachaça. A pesquisa apresentada nesta proposta de comunicação é fruto de seu trabalho final de graduação; para o mestrado, a expansão para outros engenhos é parte de uma grande pesquisa desenvolvida acerca dos engenhos de Ilhabela na construção da paisagem do arquipélago.

**Blanca del Espino Hidalgo** es Doctora Arquitecta por la Universidad de Sevilla en 2015, donde obtuvo el Máster en Arquitectura y Patrimonio Histórico en 2011 y el Máster en Ciudad y Arquitectura Sostenibles en 2013. Actualmente es Profesora en el Departamento de Historia, Teoría y Composición Arquitectónicas e Investigadora Postdoctoral en el Departamento de Urbanística y Ordenación del Territorio de la misma Universidad, donde ha dirigido una tesis doctoral y dirige dos en curso. Su principal línea de investigación trata la sostenibilidad de los centros históricos de ciudades pequeñas y medias de Andalucía, Algarve y Alentejo. Ha publicado en numerosas revistas y participado en congresos internacionales, así como realizado tres estancias de investigación en Portugal.

**Carla Gonçalves** é Licenciada em Arquitetura Paisagista, pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (2008), mestre em Planeamento Regional e Urbano, pela Universidade de Aveiro (2013) e doutoranda em Arquitetura Paisagista e Ecologia Urbana (Programa Link), na mesma instituição onde se licenciou.

Desde a conclusão da sua licenciatura desenvolveu atividade profissional no setor privado, tendo colaborado com diversas empresas, na área do planeamento e ordenamento da paisagem e do território.

Atualmente desempenha funções de Assistente Convidada na Licenciatura e Mestrado em Arquitetura Paisagista, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e exerce atividade de consultoria como arquiteta paisagista. Colabora ainda com as organizações não governamentais internacionais CIVILSCAPE e The Latin American Landscape Initiative e com a cooperativa portuense Evolving Landscape, Crl.

**Carla Rolo Antunes** é Licenciada em Engenharia Biofísica pela Universidade de Évora (1993), Mestre em Hidráulica e Recursos Hídricos pelo Instituto Superior Técnico (1996) e Doutorada em Geociências, ramo Hidrologia pela Universidade do Algarve (2010). De 1995 a 2001 exerceu atividades de engenheira projetista (Hidroprojecto), na área de Recursos Hídricos, Ordenamento do Território e Estudos Ambientais. De 2011 a 2015 foi diretora do curso da licenciatura em Arquitetura Paisagista.

Professora Auxiliar na UAlg, membro do Centro de Investigação para os Recursos Biológicos e Alimentos Mediterrânicos (MeditBio) e do Centro de Estudos em Património, Paisagem e Construção (CEPAC), diretora de curso de mestrado em Gestão Sustentável dos Espaços Rurais e membro do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Tem desenvolvido a sua atividade científica na área dos recursos hídricos e do ordenamento do território, sendo autora de vários artigos e capítulos de livros nestas temáticas.

**Carlos Vargas** é Assistente Convidado do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do programa de mestrado Práticas Culturais para os Municípios; Doutorando em Ciência Política, especialidade de Políticas Públicas, FCSH/ UNL, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Montalvão Sarmiento e do Prof. Doutor Rui Vieira Nery, desenvolvendo o seu trabalho de investigação no

âmbito das políticas públicas para a cultura em Portugal, no pós-25 de Abril; Investigador do Instituto de História Contemporânea IHC. FCSH/ UNL e membro fundador do Observatório Político; É Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Engenheiro de Máquinas pelo Instituto Militar dos Pupilos do Exército;

No triénio 2012-2014, desempenhou as funções de Presidente do Conselho de Administração do Teatro Nacional D. Maria II, E.P.E.; Desempenha as funções de Presidente do Conselho de Administração do OPART, E. P. E., desde Março de 2016.

Em 2014, juntamente com João Mascarenhas-Mateus, publicou *São Carlos: um teatro de ópera para Lisboa. Património e arquitetura*. Lisboa: INCM. Com João Mascarenhas-Mateus, prepara a edição na INCM, em 2017, de *A casa de Garrett. Património e arquitectura do Teatro Nacional D. Maria II*.

**Carlos Bragança dos Santos** é Professor Adjunto no Instituto Superior de Engenharia da Universidade do Algarve, licenciado em arquitetura paisagista pela Universidade de Évora (1989), Doutor em ordenamento do território e estratégias ambientais pela Universidade de Sevilha (2006), trabalhou mais de doze anos na Administração regional do Algarve, em particular na elaboração e acompanhamento de planos regionais e municipais de ordenamento do território e é docente da Universidade do Algarve desde 1998.

**Claudia Ribeiro** é Graduada em Engenharia Química em 1986 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolveu percurso profissional nas áreas de utilidades e gestão ambiental no Complexo Petroquímico de Triunfo e no Sistema de Recursos Hídricos no Rio Grande do Sul, Brasil. Mestre em Desenvolvimento Rural em 2014 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR). Suas atividades de pesquisa incidem presentemente às áreas de conhecimento das Ciências Agrárias, Ambientais e Sociais Aplicadas. As agências Financiadoras que suportam essa pesquisa são o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Nesse último caso, através do Projeto CAPES-PVE-LIFLOD: Interações entre a Pecuária e o Desenvolvimento Territorial Sustentável no Brasil, e suas relações com outras regiões da América do Sul e do Mundo, que possibilita a realização de período sanduiche de estudos na França, em contato com a Unité de Formation e Recherche de Gestion des ressources renouvelables et de l'environnement do Centre de coopération internationale em recherche agronomique pour le développement (GREEN-CIRAD).

**Damián Macías Rodríguez** es Licenciado en Geografía por la Universidad de Sevilla en 1998. La labor investigadora se desarrolla en la línea de Sostenibilidad desde lo temporal habiendo aportado el Proyecto de Tesis titulado “Las ciudades medias en el sur de Córdoba. Transición entre lo urbano y lo rural”. Recientemente colabora Dpto. Urbanística y Ordenación del Territorio de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Sevilla como miembro honorífico. Tiene especialidad en Máster en Urbanismo, Planeamiento y Diseño Urbano por la Universidad de Sevilla desde 2013; y en el Máster en Ciudad y Arquitectura Sostenibles, por Universidad de Sevilla desde 2016 con el que colabora en la docencia en su IX edición.

**Daniela Simões** é Licenciada e Mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), com dissertação dedicada ao estudo do azulejo arte nova em Portugal (2015). Investigadora associada ao Instituto de História da Arte da mesma faculdade, foi recentemente bolseira de um projecto entre este instituto e a Fundação Millennium bcp com vista ao estudo da obra do pintor naturalista Alves Cardoso (1882-1930), do qual resultou a exposição e monografia “*Artur Alves Cardoso (1882-1930): Alma Mater*”

(2016). Como principais áreas de interesse científico destacam-se a cultura e produção artísticas dos séculos XIX e XX, em particular no campo das artes decorativas e da sua relação com as belas-artes.

**Fernanda Cristina de Souza Paz** é Arquiteta e Urbanista, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Analista do Ministério Público de Minas Gerais atuando como perita na área de Meio Ambiente da Central de Apoio Técnico do Ministério Público do Estado de Minas Gerais.

**Gonçalo Prates** é Professor Adjunto no Instituto Superior de Engenharia da Universidade do Algarve, licenciado em Engenharia Geográfica pela Universidade de Lisboa (1997), Doutor em Geodesia e Geofísica pela Universidade de Cádiz (2012), tem desenvolvido trabalho de medição geodésica e fotogramétrica de alterações geomorfológicas por processos endógenos, tectónica e vulcanismo, e processos exógenos, erosão e deposição, e é docente da Universidade do Algarve desde 1997.

**Lúcio Cunha** é Geógrafo e Doutor em Geografia Física. Professor no Instituto de Estudos Geográficos e Investigador no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ao longo de mais de 30 anos de carreira universitária tem desenvolvido trabalhos na área da Geomorfologia (Geomorfologia Cársica, Geomorfologia Fluvial e Património Geomorfológico), dos Estudos Ambientais (Recursos Naturais, Ambiente e Turismo, Riscos Naturais) e de Sistemas de Informação Geográfica aplicados ao Ordenamento do Território.

**Maria José Curado** é Licenciada em Arquitectura Paisagista pelo Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, em 1994, Mestre em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano na Universidade do Porto (Faculdade de Arquitectura e Faculdade de Engenharia) em 1998 e Doutorada em Ciências Aplicadas ao Ambiente pela Universidade de Aveiro, em 2003.

Professora Auxiliar na Universidade do Porto desde 2003 nos cursos de Arquitectura Paisagista, tendo participado também em vários mestrados relacionados com ordenamento do território. Diretora do Mestrado em Arquitectura Paisagista desde 2012.

Em 2002 foi Assistente Convidada no Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro, tendo lecionado disciplinas no curso de Planeamento Regional e Urbano.

Entre 1994 e 2003 fez investigação no Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro e desenvolveu atividade privada com diversos gabinetes de arquitetura, engenharia, planeamento e urbanismo.

**María Teresa Pérez Cano** es Profesora Titular de la Universidad de Sevilla, con labor docente e investigadora vinculada al urbanismo y al patrimonio. Directora del grupo de investigación Hum700 Patrimonio y Desarrollo Urbano Territorial en Andalucía. Evaluadora ANECA, rama Ingeniería y Arquitectura para profesor titular, lo ha sido también de otras agencias como la ACUCM, AQU Catalunya, ACSUCyL. Tiene reconocidos tres sexenios de investigación. Premio extraordinario de doctorado y otros premios de investigación. Comprometida con la formación de los jóvenes, ha dirigido 15 tesis doctorales (algunas premio extraordinario y doctorado europeo) y numerosos TFM, DEA, así como tutora de becarios PIF, FPU, MEC.

**Marta Gonçalves** é Assistente de 2º triénio no Instituto Superior de Engenharia da Universidade do Algarve, licenciada em Engenharia Civil pelo Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa (1993), Doutora em Urbanística e Ordenamento do Território pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidade de Sevilha (2016),

desenvolve a sua atividade investigadora na área da resiliência de comunidades rurais, na área do património vernáculo. Docente da Universidade do Algarve desde 1994.

**Miguel Azevedo Coutinho** é Licenciado em Engenharia Civil, IST, UTL – 1971; MSc, Ph. D., Civil Engineering -Hydraulics, CSU, Fort Collins, Colorado, EUA – 1978, 1980; Doutor em Engenharia Civil, UTL-1981; Engenheiro Civil, Consultor, Especialista em Hidráulica e Recursos Hídricos. Membro CEHIDRO, IST, Professor, Universidade de Lisboa; Professor Catedrático Convidado da Universidade de Évora (1995-2012); Pró-Reitor da Universidade Técnica de Lisboa, 1990-1999 (colaboração -2004). Gestão de Projectos e Instalações e ligação ao Sector Empresarial:

Cehidro - investigação e consultoria em Hidráulica, Recursos Hídricos e Ambiente.

Engenheiro Projectista nas áreas de Hidráulica, Recursos Hídricos e Ambiente; colaborador Hidrotécnica Portuguesa (1971–1986). Consultor em outras empresas de projecto na coordenação de projectos em Recursos Hídricos, Ordenamento Território.

**Vanessa Alexandra Pereira** é Investigadora Integrada do Instituto de História Contemporânea (IHC), investigadora da Rede Indústria, História, Património e investigadora colaboradora do grupo de trabalho Património Industrial no Sul de Portugal (PINSP). Desenvolve investigação sobre a indústria mineira, com incidência na Faixa Piritosa Ibérica, participando em projectos e produzindo estudos sobre a sua economia e tecnologia, conflitos sociais e valorização do seu património industrial. Licenciada em História pela FCSH/Universidade Nova de Lisboa, mestranda em História Contemporânea pela mesma instituição. Foi bolseira de investigação do Centro de Estudos Ibéricos (CEI), no âmbito da cooperação transfronteiriça Espanha - Portugal, em parceria com a Universidade de Coimbra, Universidad de Salamanca e Instituto Politécnico da Guarda.

**Vidal Gómez Martínez** es Arquitecto y Máster en Arquitectura y Patrimonio Histórico por la Universidad de Sevilla. Desde 2004 ha participado en la redacción del Plan Especial de Protección del Conjunto Histórico de Lebrija, formó parte de la Comisión Provincial de Patrimonio Histórico de Sevilla y ha ejecutado rehabilitaciones en los Conjuntos Históricos de Sevilla, Carmona y Lebrija. Desarrolla la Tesis Doctoral sobre la casa popular tradicional en la provincia de Sevilla, fue ponente en el IX Congreso Internacional de Rehabilitación del Patrimonio arquitectónico y Edificación. Ha realizado estancias de investigación en el Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico y el Campo Arqueológico de Mértola.

